

Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

**[Distribua este livro livremente!](#)**

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

**[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)**

Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

<http://www.portaldetonando.com.br>

**A QUEDA DA ATLÂNTIDA**  
*The Fall of Atlantis*

**MARION ZIMMER BRADLEY**

Digitalização: Agostinho Costa

Marion Zimmer Bradley Nasceu em Albany, Estados Unidos da América, em 1930, tendo falecido em 1999. É uma das romancistas mais lidas do nosso tempo tendo a sua obra, As Brumas de Avalon, estado durante três meses na lista de livros mais vendidos do The New York Times. Inserindo-se num percurso literário que abarcou os mais diversos gêneros, desde o western à ficção científica, passando pelos romances de mistério e os góticos, terá sido esta a que mais lhe marcou um lugar nos corações dos leitores pelo mundo inteiro.

Desta vez, com A Queda da Atlântida, dá-nos a conhecer uma das suas facetas mais ricas, a dos romances de fantasia. Com a nostalgia lírica de uma tragédia grega, Marion Zimmer Bradley refresca as lendas dando-lhes luminosidades de feminilidade.

A história de duas irmãs, Deoris e Domaris, filhas de Talkannon, dos seus amores, dos seus ódios, dos seus prazeres e sofrimentos e da forma como, tendo escolhido caminhos diferentes, por vezes opostos, vivem os seus dias e desempenham um papel fulcral na batalha que, apesar de invisível, se trava dia e noite pelo futuro do Mundo.

Das suas ações, das suas escolhas e das consequências que estas implicam, vai-se construindo um karma que perdurará por muitas vidas, ligando os atores deste drama de forma inelutável e definitiva até ao fim dos tempos.

Mas mais importante que qualquer destino ou karma, o que está em jogo é o futuro do próprio Mundo, pois da batalha mortal que se trava entre as Trevas e a Luz e do seu desenlace poderá resultar a queda da própria Atlântida.

Título original:

The Fall of Atlantis

Tradução Rute Rosa da Silva

3ª Edição

A QUEDA DA ATLÂNTIDA

1987, Marion Zimmer Bradley

Publicado de acordo com a autora

Outubro de 2001

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha querida amiga e conselheira Dorothy G. Quinn que, há mais anos do que aqueles que gostaria de recordar, explorou o passado e escreveu, comigo, umas quantas folhas manuscritas explorando as personagens de Domaris e Micon. Desde essa altura o livro já foi revisto quatro vezes e a Dorothy, provavelmente, não reconheceria os filhos da sua imaginação; mas foi com ela que enveredei pela primeira vez por este caminho e a dívida é inestimável. Em segundo lugar, a David R. Bradley, o meu filho, que preparou a versão final deste manuscrito para publicação e que providenciou, a partir de diversas fontes, nomeadamente dos escritos não publicados do seu falecido pai, Robert A. Bradley, os excertos filosóficos que surgem no início de cada livro.

Marion Zimmer Bradley.

## LIVRO UM

### MICON

#### O HOMEM COM AS MÃOS CRUZADAS ESTAVA A OBSERVÁ-LA.

Subitamente, Deoris percebeu a razão pela qual, para algumas pessoas, as cerimônias do Templo Cinzento poderiam parecer tingidas pelo maligno. Os cânticos tornaram-se mais fortes, mais rápidos, pulsando em estranhas monódias e cadências vibrantes. Soltou-se um único lamento, gemendo em dissonância. O som abafado das flautas surgiu por trás dela como um soluço sufocado; um tambor soou estranhamente.

Nem naquela altura ou em qualquer outra Deoris soube se o Homem com as Mãos Cruzadas era ídolo, cadáver, homem vivo, demónio, deus ou imagem. Nem foi capaz — naquela ou em qualquer outra ocasião — de determinar, daquilo que via, quão grande era a ilusão...

O pássaro que pairava sobre o trono bateu as asas de pedra cinzenta e voou, com um grito estridente, para um local de areias cinzentas. E Deoris corria atrás do pássaro sob os céus dilacerados pelos gritos roucos das gaivotas.

"Todos os acontecimentos não são mais do que a consumação das causas que os precederam, claramente vistas mas apreendidas de forma indistinta. Quando soa um acorde, o ouvinte menos educado sabe que a este se seguirá a tónica, embora não saiba por que razão os acordes sucessivos conduzem a essa nota final. A Lei do Karma é a força que conduz todos os acordes em direção à tónica, é a força que espalha as pequenas ondas provocadas pela pedrinha lançada para dentro do lago até que as marés venham a submergir um continente, muito depois de a pedra se ter afundado e ter sido esquecida.

Esta é a história de uma pedra assim, lançada para o lago de um mundo que se afundou muito antes de os Faraós do Egipto terem empilhado pedra sobre pedra".

Ensinamentos de Rajasta o Mago

## Capítulo Um

### Emissários

Ao ouvir o som das sandálias a bater no chão de pedra, o Sacerdote Rajasta ergueu os olhos do pergaminho que tinha sobre os joelhos. Àquela hora, a biblioteca do Templo estava habitualmente deserta e ele tinha começado a encarar como seu privilégio ir para ali estudar todos os dias sem que o perturbassem. Franziu um pouco a testa, não com ira, pois era pouco dado à ira, mas com algum aborrecimento, pois estivera profundamente concentrado.

Contudo, os dois homens que tinham entrado na biblioteca suscitaram a sua curiosidade, fazendo com que erguesse a cabeça para os observar sem todavia pousar o pergaminho ou levantar-se.

O mais velho dos dois homens era seu conhecido: Talkannon, o Administrador Chefe do Templo da Luz, era um homem corpulento e de ar bem disposto, cuja aparência benevolente contrastava com o seu temperamento analítico que podia tornar-se frio e austero e até mesmo implacável. O outro homem era um desconhecido, um homem cujo corpo gracioso de bailarino se movia lentamente e com esforço. O seu sorriso melancólico era um tanto forçado, como se lábios cerrados pela dor pudessem sorrir com mais facilidade. Era um homem alto, o desconhecido, muito bronzado e bem parecido, e estava envolto em vestes brancas de um estilo desconhecido, que brilhavam com uma ligeira luminescência na sala iluminada apenas pela luz do Sol.

— Rajasta — disse o Administrador-Chefe — o nosso irmão deseja aprofundar os seus conhecimentos. É livre de estudar o que entender. Que seja teu convidado — Talkannon inclinou ligeiramente a cabeça para Rajasta que se mantinha sentado e, virando-se novamente para o desconhecido, declarou. — Micon de Ahtarrath, deixo-te com o nosso estudioso mais brilhante.

— O Templo e a Cidade do Templo são teus, meu irmão. Procura-me sempre que o desejares — Talkannon curvou-se mais uma vez e deixou os dois homens para que se conhecessem.

Quando a porta se fechou lentamente sobre a silhueta imponente do Administrador Chefe, Rajasta franziu novamente a testa. Estava habituado ao comportamento brusco de Talkannon, mas temia que o desconhecido pensasse que ali eram todos pouco civilizados. Pousando o pergaminho, levantou-se e aproximou-se do estranho com as mãos estendidas num gesto de cortesia e boas-vindas. De pé, Rajasta era um homem muito alto apesar de ter passado a meia-idade há muito tempo. Os seus passos e a sua postura eram disciplinados e dignos.

Micon ficou imóvel no sítio onde Talkannon o deixara, mantendo o sorriso grave e ligeiramente retorcido. Os seus olhos eram de um azul profundo, como céus tempestuosos; as pequenas rugas que os cercavam revelavam sentido de humor e uma enorme tolerância.

Este homem é, com certeza, um de nós, pensou o Sacerdote da Luz enquanto se curvava cerimoniosamente e esperava. Mesmo assim o desconhecido manteve-se imóvel e a sorrir impavidamente. Rajasta voltou a franzir ligeiramente a testa.

— Micon de Ahtarrath...

— É assim que me chamo — disse o desconhecido formalmente. — Vim aqui para pedir autorização para continuar os meus estudos entre vós — a sua voz era grave e vibrante, mas traía algum esforço, como se fosse mantida sob um estrito controlo.

— És bem vindo para partilhar os conhecimentos que tenho — disse Rajasta com uma cortesia formal — e és muito bem vindo... — Hesitou e depois disse, num impulso súbito — Filho do Sol — Com as mãos fez um certo Sinal.

— Adotado, apenas, receio bem — disse Micon com um pequeno sorriso irónico — e muitíssimo orgulhoso de o ser. — No entanto, em resposta à frase ritual de identificação, ergueu a mão e retribuiu o gesto arcaico.

Rajasta avançou para beijar o seu convidado. Estavam ligados, não apenas pelos laços da sabedoria partilhada e da investigação, mas também pelo poder por detrás da magia mais profunda do Sacerdócio da Luz: tal como Rajasta, Micon era um Iniciado de grau elevado. Rajasta reflectiu sobre esse fato. Micon parecia ser tão jovem! Depois, quando se afastaram, Rajasta viu aquilo em que antes não reparara. O seu rosto ensombrou-se de pena e comiseração, tomou as mãos emaciadas de Micon entre as suas e conduziu-o até a um banco, dizendo:

— Micon, meu irmão!

— Adotado, como já disse — assentiu Micon. — Como soubeste? Disseram-me que... Não se viam quaisquer cicatrizes, nem...

— Não — disse Rajasta. — Adivinhei. A tua imobilidade... Qualquer coisa nos teus gestos. Mas como é que isso aconteceu, meu irmão?

— Podemos falar nisso noutra altura? Isso... — Micon hesitou novamente e disse, na sua voz ressonante cheia de tensão — não tem remédio. Parece-me que basta eu ter-te retribuído o Sinal.

Rajasta disse, com a voz tremendo de emoção:

— És sem dúvida um Filho da Luz, embora caminhes na escuridão. Talvez... talvez o único Filho da Luz que possa olhar o Seu esplendor.

— Apenas porque nunca poderei vê-lo — murmurou Micon, e os olhos vazios pareciam olhar intensamente o rosto que nunca veriam. Fez-se silêncio enquanto o sorriso torcido e doloroso aparecia e desaparecia do rosto de Micon.

Por fim Rajasta atreveu-se a dizer:

— Mas... tu retribuíste o Sinal... e pensei que certamente estaria enganado... que com certeza vias...

— Acho que... consigo ler os pensamentos, um pouco — disse Micon. — Apenas um pouco; e apenas desde que passei a ter essa necessidade. Ainda não sei até que ponto posso confiar nisso. Mas contigo... — O sorriso fez brilhar novamente o rosto moreno e tenso. — Não hesitei.

Mais uma vez se instalou o silêncio quando as emoções se tornaram demasiado fortes para quaisquer palavras. Depois, da entrada, soou a voz jovem de uma mulher:

— Senhor Rajasta!

O rosto tenso de Rajasta descontraiu-se.

— Estou aqui, Domaris — respondeu e explicou a Micon. — É a minha discípula, uma moça, a filha de Talkannon. Ainda não despertou, mas quando aprender o suficiente e estiver... Completa, terá em si todas as sementes de grandeza.

— Que a Luz dos Céus lhe conceda conhecimentos e sabedoria — ripostou Micon com um desinteresse bem-educado.

Domaris entrou na sala. Era uma moça alta e que se mantinha orgulhosamente erecta, com cabelo da cor do cobre martelado que brilhava nas sombras da sala pouco iluminada.

Avançou com a leveza de um pássaro, mas deteve-se a alguma distância dos dois homens, demasiado tímida para falar na presença de um estranho.

— Minha filha — disse Rajasta bondosamente — este é Micon de Ahtarrath, meu

irmão na Luz e que deverá ser tratado em todos os aspectos como se de mim próprio se tratasse.

Domaris virou-se para o desconhecido, num gesto de simples cortesia e foi então que os seus olhos se abriram e uma expressão de espanto desceu sobre o seu rosto e, com um gesto que parecia forçado, como se ela o fizesse contra a sua vontade, pousou a mão direita sobre o peito e ergueu-a lentamente ao nível da testa, numa saudação usada apenas para com os mais altos Iniciados do Sacerdócio da Luz. Rajasta sorriu. Ela agira correcta e intuitivamente e ele ficou satisfeito. Mas permitiu que a sua voz quebrasse o encanto, pois Micon ficara muito pálido.

— Micon é meu convidado, Domaris, e ficará instalado em minha casa... Se estiveres de acordo, meu irmão? — Perante o assentimento de Micon, continuou. — Vai agora, minha filha, vai ter com a Mãe Escriba e pede-lhe que tenha um escriba sempre pronto para o meu irmão.

Ela sobressaltou-se e estremeceu ligeiramente. Lançou um olhar de admiração a Micon, inclinou a cabeça em sinal de respeito pelo mestre e foi tratar da tarefa que este lhe confiara.

— Micon! — Rajasta falou brusca e abertamente. — Chegaste aqui vindo do Santuário Negro!

Micon assentiu.

— Das suas catacumbas — explicou imediatamente.

— Eu... receei que...

— Não sou nenhum apóstata — assegurou-lhe Micon com firmeza. — Não servi naquele santuário. O meu serviço não está sujeito à coacção!

— Coacção?

Micon não se mexeu, mas a forma como ergueu as sobrancelhas e o trejeito dos seus lábios produziram o mesmo efeito que um encolher de ombros.

— Eles tentaram coagir-me. — Ergueu as mãos mutiladas. — Podes ver como foram... Eloquentes na sua persuasão.

Perante o horror de Rajasta, Micon recolheu as mãos e escondeu-as nas mangas da túnica.

— Mas a minha tarefa está incompleta. E até que a complete, é com estas mãos que mantenho a morte afastada de mim... Embora ela me acompanhe de muito perto.

Micon poderia estar a referir-se à chuva que caíra na noite anterior e Rajasta curvou a cabeça perante o seu rosto impassível.

— Existem aqueles a que chamamos Hábitos Negros — disse com amargura. — Escondem-se entre os membros da Seita dos Magos, que é quem guarda o santuário do Deus Não Revelado e a quem chamamos Hábitos Cinzentos. Já ouvi dizer que esses... Hábitos Negros torturam! Mas eles mantêm as suas ações em segredo. E que o façam! Que sejam amaldiçoados!

Micon estremeceu.

— Não amaldiçoas, meu irmão! — Disse severamente. — Tu, de entre todos os homens, deverias saber os perigos que isso acarreta.

Rajasta disse, inexpressivamente:

— Não temos forma de agir contra eles. Como disse, suspeitamos de alguns membros da Seita dos Hábitos Cinzentos. No entanto, todos são... Cinzentos!

— Eu sei. Vi com demasiada clareza, por isso... Agora não vejo nada. Basta — implorou Micon. — Trago a minha libertação dentro de mim, meu irmão, mas ainda não posso aceitá-la. Não falemos mais disto, Rajasta. — Levantou-se, com uma lentidão cuidadosa e dirigiu-se deliberadamente para a janela junto à qual ficou com o rosto virado



para a luz quente do Sol.

Com um suspiro, Rajasta aceitou a interdição. Era verdade, os Hábitos Negros escondiam-se sempre tão bem, que nenhuma vítima conseguira ainda identificar os seus algozes. Mas porquê isto? Micon era um estranho e dificilmente poderia ter provocado a sua inimizade; e nunca antes eles se tinham atrevido a meter-se com uma personagem de alta condição. O conhecimento do que acontecera a Micon iniciava mais uma batalha de uma guerra tão antiga como o Templo da Luz.

E essa perspectiva desalentava-o.

Na Escola dos Escribas, a Mãe Lydara estava a castigar uma das suas alunas mais novas. Os Escribas eram os filhos e as filhas da Casta dos Sacerdotes que evidenciavam, no seu décimo segundo ou décimo terceiro ano de vida, talento para ler ou para escrever. E trinta e tal rapazes e moça inteligentes não são fáceis de manter em ordem.

À Mãe Lydara parecia-lhe que nenhuma criança de que tinha memória fora para ela um problema tão grande como a menina teimosa que agora a enfrentava: uma moça magra e ossuda, com cerca de treze anos, olhos tempestuosos e um cabelo negro que caía em caracóis rebeldes e despenteados. Mantinha-se muito rígida e direita, com as mãozinhas nervosas teimosamente cerradas e o desafio estampado no rosto pálido.

— Deoris, minha filha — admoestou-a a Mãe Escriba mantendo-se paciente e firme como uma rocha — tens de aprender a controlar tanto a língua como o temperamento, se tens alguma esperança de vir a servir os Caminhos Elevados. A filha de Talkannon deveria ser um exemplo e uma referência para todos os outros.

Agora vais pedir-me desculpas a mim e à tua amiga Ista e depois vais contar o que se passou ao teu pai — a velha Sacerdotisa ficou a aguardar, com os braços cruzados sobre o peito anafado, as desculpas que nunca chegaram.

Em vez disso, a moça explodiu, chorosa:

— Não peço! Eu não fiz nada errado, Mãe, e não vou pedir desculpa por nada! — A sua voz era plangente, vibrando com a doçura emocionante que a destinara, de entre as crianças do Templo, a ser no futuro uma cantora de feitiços; parecia vibrar de paixão como uma harpa ao ser tocada.

A Mãe Escriba olhou-a com uma paciência repleta de espanto e cansaço.

— Essa não é a maneira de se falar com alguém mais velho, minha filha. Obedece-me, Deoris.

— Não!

A mulher idosa estendeu uma mão, não sabendo ela própria se havia de aplacar a moça ou se deveria esbofeteá-la, quando se ouviu uma pancada na porta.

— Quem é? — Perguntou a Sacerdotisa, impaciente.

A porta abriu-se e Domaris enfiou a cabeça no interior da sala.

— Estás disponível, Mãe?

O rosto perturbado da Mãe Lydara descontraiu-se, pois Domaris fora a sua favorita durante muitos anos.

— Entra, minha filha, para ti tenho sempre tempo.

Domaris deteve-se na soleira da porta e ficou a olhar para o rosto convulso da menina envolta na veste dos escribas.

— Domaris, eu não fiz nada! — Gemeu Deoris e, como se fosse um pequeno furacão, lançou-se sobre Domaris e pôs os braços em torno do pescoço da irmã. — Eu não fiz nada – soluçou histericamente.

— Deoris... Irmãzinha! — Repreendeu-a Domaris. Com firmeza, soltou-se dos

braços que a apertavam. — Perdoa-lhe, Mãe Lydara... Ela meteu-se novamente em sarilhos? Não, está quieta, Deoris; não foi a ti que perguntei.

— Ela é impertinente, insolente, não aceita ser corrigida e é completamente impossível — respondeu a Mãe Lydara. — É um mau exemplo na escola e porta-se mal no dormitório. Não gosto de a castigar, mas...

— Os castigos só fazem com que a Deoris piore — disse Domaris calmamente. — Nunca devemos ser severas com ela — puxou Deoris para si alisando-lhe os caracóis despenteados. Ela própria sabia tão bem como dominar Deoris através do amor, que ficou ressentida com a brusquidão da Mãe Lydara.

— Enquanto a Deoris estiver na Escola dos Escribas — disse a Mãe Escriba com uma determinação calma — será tratada como os outros são tratados e castigada como os outros são castigados. E a não ser que faça um esforço para se comportar como os outros se comportam, não ficará na escola durante muito mais tempo.

Domaris ergueu as sobrancelhas.

— Compreendo... Venho da parte do Senhor Rajasta. Ele precisa de um escriba para servir um convidado e a Deoris é competente; não está feliz na escola e tu também não a queres cá, senhora. Deixa que ela sirva este homem — olhou de relance para a cabeça baixa que estava aninhada no seu ombro; Deoris ergueu os olhos com uma adoração pensativa. Domaris fazia sempre com que tudo ficasse novamente bem.

A Mãe Lydara franziu a testa mas, secretamente, sentiu-se aliviada; Deoris era um problema que estava para além das suas capacidades limitadas e o fato de aquela criança mimada ser filha de Talkannon complicava a situação. Teoricamente, Deoris estava ali em pé de igualdade com os demais, mas a filha do Administrador-Chefe não podia ser punida ou submetida como afilha de qualquer vulgar sacerdote.

— Faz como entenderes, Filha da Luz — disse a Mãe Escriba com brusquidão — mas ela deve continuar com os estudos, é bom que cuides disso!

— Fica descansada que não descurarei os seus estudos — respondeu Domaris friamente. Quando saíam do edifício baixo, observou Deoris de cenho franzido. Pouco vira a irmã durante os últimos meses; quando Domaris fora escolhida para Acólita de Rajasta, a criança fora enviada para a Escola dos Escribas, mas anteriormente tinham sido inseparáveis, embora a diferença de oito anos nas suas idades tornasse a relação mais semelhante à de mãe e filha do que à de irmãs. Agora Domaris pressentia na irmã uma transformação que a consternava. Anteriormente, Deoris fora sempre alegre e dócil; que lhe teriam feito para a transformar naquela rebelde amuada?

Decidiu, com um assomo de ira, que pediria a permissão de Talkannon para voltar a ter Deoris sob os seus cuidados.

— Posso mesmo ficar contigo?

— Não posso prometer-te isso, mas veremos — Domaris sorriu. — Gostavas?

— Oh, sim! — Disse Deoris fervorosamente e lançou novamente os braços em torno da irmã, com uma intensidade tal, que a testa de Domaris se franziu numa preocupação profunda. Que teriam feito a Deoris?

Libertando-se dos braços que a apertavam, Domaris admoestou-a:

— Calma, calma, irmãzinha — e viraram na direção da Casa dos Doze.

Domaris era uma dos Doze Acólitos: seis rapazes e seis moça, escolhidos de três em três anos entre os filhos da Casta dos Sacerdotes, segundo critérios de perfeição física, beleza e um talento especial qualquer que os tornava em arquétipos da Casta dos



Sacerdotes da Terra Antiga. Quando atingiam a maturidade, viviam durante três anos na Casa dos Doze, estudando a sabedoria ancestral da Casta dos Sacerdotes e preparando-se para o serviço dos Deuses e do seu povo.

Dizia-se que se acontecesse uma qualquer calamidade que destruísse completamente a Casta dos Sacerdotes, poupando apenas os Doze, toda a sabedoria dos Templos poderia ser recuperada a partir dos Doze Acólitos. No final daquele período de três anos, cada um deles desposava o parceiro que lhe fora destinado e aqueles seis casais eram escolhidos de forma tão cuidadosa, que os filhos dos Acólitos raramente falhavam na escalada até aos lugares cimeiros do Sacerdócio da sua casta.

A Casa dos Doze era um edifício espaçoso no topo de uma colina florida afastada da dos outros edifícios aglomerados no interior do recinto, rodeado por amplos relvados, jardins interiores verdejantes e frescas fontes.

Enquanto as irmãs subiam o caminho ladeado por arbustos em flor em direção às paredes brancas do retiro, uma mulher jovem, há pouco saída da infância, atravessou apressadamente os relvados na sua direção.

— Domaris! Vem cá, quero que... Oh, Deoris! Soltaram-te da prisão dos Escribas?

— Espero que sim — disse Deoris timidamente e as moças abraçaram-se. A recém-chegada era mais velha que Deoris e mais nova que Domaris. Quase poderia ser irmã das duas, pois as três eram muito parecidas fisicamente e tinham feições semelhantes. Eram as três altas e magras, de ossos finos, com braços e mãos delicados e as feições distintas e vincadas da Casta dos Sacerdotes. Apenas diferiam na cor: Domaris, a mais alta, tinha cabelos longos e cor de fogo e os olhos de um sóbrio cinzento matizado. Deoris era mais magra e mais baixa, com cabelos negros e encaracolados e olhos da cor de violetas esmagadas e os caracóis de Elis eram de um vermelho escuro da cor de madeira polida, os olhos de um azul alegre. De todos os que viviam na Casa dos Doze, ou mesmo de entre todos os habitantes do Templo, a prima Elis era a favorita das filhas de Talkannon.

— Chegaram mensageiros da Atlântida — disse-lhe Elis ansiosamente.

— Do Reino do Mar? Verdade?

— Sim, do Templo de Ahtarrath. O jovem Príncipe de Ahtarrath foi enviado para aqui com o irmão mais novo, mas nunca chegaram. Foram raptados, ou naufragaram, ou foram assassinados e agora andam a revistar a costa toda à procura deles ou dos seus corpos.

Domaris ficou a olhar para ela, sobressaltada. Ahtarrath era um nome portentoso. O Templo Mãe ali, na Terra Antiga, tinha poucos contatos com os Reinos do Mar dos quais Ahtarrath era o mais poderoso. Agora tinha ouvido falar naquele reino duas vezes no mesmo dia.

Elis continuou, excitada:

— Parece que encontraram provas de que ele chegou aqui e já se fala nos Hábitos Negros! Rajasta falou-te nisso, Domaris?

Domaris franziu a testa. Ela e Elis pertenciam ao Círculo Interno da Casta dos Sacerdotes, mas não tinham o direito de discutir os anciãos e a presença de Deoris deveria, em qualquer circunstância, prevenir aquele tipo de conversa.

— Rajasta não me faz confidências. E um Acólito não deve dar ouvidos às conversas dos Portões!

Elis corou e Domaris cedeu um pouco.

— Não há fumo sem fogo — disse alegremente. — Rajasta tem um convidado de Ahtarrath. O nome dele é Micon.

— Micon! — Exclamou Elis. — Isso é como dizer que o nome de uma escrava é Lia! Há mais Micons nos Reinos do Mar do que folhas numa árvore... — Elis calou-se

quando uma menina muito pequena, mal conseguindo manter-se de pé sozinha, se agarrou à sua saia. Elis olhou para baixo, impaciente, e depois curvou-se para pegar na criança; mas o bebê riu-se, fazendo covinhas nas faces, correu na direção de Deoris, caiu e ficou a chorar. Deoris pegou-a ao colo e Elis olhou, aborrecida, para a mulher pequena de pele escura que apareceu a correr atrás da criança que tinha a seu cargo. — Simila – censurou-a — não consegues tirar a lissi de baixo dos nossos pés ou ensiná-la a cair.

A ama foi buscar a menina, mas Deoris agarrou-se a ela.

— Oh, Elis, deixa-me pegá-la ao colo, já não a vejo há tanto tempo. Ela nem gatinhava ainda e agora já anda! Já foi desmamada? Não? Como é que aguentas? Pronto, Lissi querida, lembras-te de mim, não lembras? — A bebê guinchou de prazer mergulhando ambas as mãos nos espessos caracóis de Deoris. — Oh, minha gordinha querida! — Ronronou Deoris cobrindo as faces rechonchudas de beijos.

— Pestinha rechonchuda — Elis olhou para a filha e soltou uma gargalhada amarga; Domaris deu uma pancadinha compreensiva a Elis. Devido ao fato de as mulheres dos Acólitos serem dadas em casamento sem qualquer consideração pelos seus próprios desejos, eram livres até ao dia do casamento e Elis, aproveitando essa liberdade, escolhera um amante e tivera uma filha. Isto era perfeitamente permitido à face das leis do Templo mas, o que não era permitido, era o amante não se ter apresentado para reconhecer a criança. Terríveis penalidades recaíam sobre as crianças que não eram reconhecidas. Para que a criança tivesse casta, Elis vira-se à mercê do marido que fora escolhido para si, um Acólito como ela própria, chamado Chedan. Chedan fora generoso e reconhecera Lissi, mas toda a gente sabia que ele não era o pai. Nem mesmo Domaris sabia quem era o pai de Lissi. O verdadeiro pai teria sofrido um severo castigo pela sua covardia se Elis o tivesse denunciado; mas isso ela recusara-se terminantemente a fazer.

Domaris disse, com simpatia, perante o olhar amargo de Elis:

— Porque é que não mandas a criança para longe, Elis, já que o Chedan gosta tão pouco dela? Ela não é assim tão importante para perturbar a paz dos Acólitos e tu vais ter mais filhos...

A boca de Elis fez um pequeno trejeito cínico.

— Espera até saberes do que falas antes de me aconselhares — disse ela estendendo os braços para tirar a criança do colo de Deoris. — Dá-me cá essa pestinha que tenho de ir-me embora.

— Nós também vamos — disse Domaris, mas Elis enfiou Lissi debaixo do braço, chamou a ama e afastou-se rapidamente.

Domaris ficou a olhar para ela, perturbada. Até àquele momento a sua vida tinha-se desenrolado de forma perfeitamente ordenada, decorrendo de forma tão previsível como o curso seguido pelo rio. Agora parecia-lhe que o mundo mudara: falava-se de Hábitos Negros, aparecera o desconhecido de Ahtarrath que tão fortemente a impressionara... A sua vida calma parecia ter ficado subitamente repleta de estranheza e de perigos.

Deoris estava a observá-la, com os olhos cor de violeta perturbados e cheios de dúvidas. Domaris regressou, aliviada, ao mundo dos deveres familiares enquanto tratava de arranjar forma de a irmã ficar na Casa dos Doze.

Mais tarde, nesse mesmo dia, chegou da parte de Micon um bilhete cortesmente redigido para que lhe levasse o escriba ao fim da tarde.

Na biblioteca, Micon estava sentado sozinho junto a uma estante, nas sombras, mas o seu manto branco era ligeiramente luminoso na obscuridade. À excepção da sua silhueta silenciosa, a biblioteca estava deserta e totalmente às escuras, a não ser pela ligeira luminosidade das suas roupas.

Domaris entoou uma nota baixa e uma luz dourada e tremeluzente surgiu em torno deles; mais uma nota, entoada de forma mais suave, fez com que a luz aumentasse de intensidade e estabilizasse, sem que a sua origem fosse aparente.

O homem da Atlântida virou-se ao ouvir o som da sua voz.

— Quem está aí? És tu, filha de Talkannon?

Domaris aproximou-se, com a pequena mão de Deoris timidamente aninhada na sua.

— Senhor Micon, trago-te a escriba estudante Deoris. Ela foi destinada ao teu serviço e estará sempre ao teu dispor. — Encorajada pelo sorriso caloroso de Micon acrescentou. — Deoris é minha irmã.

— Deoris — Micon repetiu o nome com um sotaque doce e forte. — Agradeço-te. E como te chamas, Acólita de Rajasta? Domaris — recordou-se, pronunciando as sílabas de forma demorada e ressonante. — E a pequena escriba é então tua irmã? Vem cá, Deoris.

Domaris recuou enquanto Deoris foi ajoelhar-se timidamente diante de Micon. O homem da Atlântida disse, perturbado:

— Não debes ajoelhar-te perante mim, filha!

— É o costume, Senhor.

— Sem dúvida que a filha de um Sacerdote é bem-educada. — Micon sorriu. — E se eu to proibir?

Deoris levantou-se obedientemente e ficou de pé na frente dele.

— Conheces bem o conteúdo da biblioteca, pequena Deoris? Pareces-me muito nova e vou ter de depender totalmente de ti, tanto para escrever como para ler.

— Porquê? — Disse Deoris sem pensar. — Falas a nossa língua como se esta fosse a tua língua materna! Não sabes ler?

Por instantes uma expressão atormentada passou pelo rosto moreno e tenso. Depois desapareceu.

— Pensei que a tua irmã te tivesse dito — disse ele calmamente. — Sou cego.

Deoris ficou momentaneamente imóvel, chocada e surpreendida. Olhando de relance para a irmã, que se afastara para um dos lados, viu que esta tinha ficado branca como um lençol; ela também não sabia.

Fez-se um silêncio desconfortável, depois Micon pegou num pergaminho que estava a seu lado.

— Rajasta deixou-me isto. Gostava de te ouvir lê-lo. — Estendeu-o a Deoris com um gesto cortês e a criança, desviando com dificuldade os olhos de Domaris, desenrolou-o, sentando-se no banco do escriba que estava junto aos pés de Micon. Começou a ler na voz modulada e calma que nunca traía um escriba treinado, quaisquer que fossem as suas emoções.

Deixada a sós consigo própria, Domaris recuperou a compostura.

Retirou-se para um nicho numa das paredes e murmurou a nota doce que o iluminou brilhantemente. Tentou concentrar-se num texto, mas por mais que se esforçasse por se concentrar na tarefa, os seus olhos, como que tomados de vontade própria, não paravam de se desviar para o homem que estava sentado imóvel a ouvir o murmúrio monótono da criança que lia. Ela nem sequer suspeitara! Os seus movimentos eram de tal forma naturais, os olhos eram de tal forma belos...

Porque é que aquilo a afetava tanto? Teria sido então ele o prisioneiro dos Hábitos Negros? Ela vira as suas mãos, as caricaturas retorcidas de carne e osso que em tempos, quem sabe, teriam sido fortes e capazes. Quem era e o que era aquele homem?

Na mistura confusa das suas emoções não havia resquícios de piedade. Porque

razão não sentiria pena dele como sentia em relação a todos os outros que eram torturados, ficavam cegos ou aleijados? Por momentos sentiu um ressentimento agudo... Como se atrevia ele a ser indiferente à sua pena?

Mas invejo a Deoris, pensou irracionalmente. E porque hei-de invejá-la?

## Capítulo Dois

### Tempestades Distantes

Não se ouviam trovões, mas o tremeluzir insistente dos relâmpagos estivais ia e vinha para lá das portadas cerradas. No interior estava um calor húmido. As duas moças estavam deitadas nas enxergas estreitas colocadas lado a lado sobre o pavimento de tijoleira fresca, ambas quase nuas por baixo dos lençóis de linho. Um mosquito muito fino caía, imóvel, sobre elas. O calor colava-se ao corpo como um manto espesso, Domaris, que fingira estar a dormir, rolou subitamente sobre si própria e soltou uma madeixa de cabelo que estava presa sob o braço de Deoris. Sentou-se.

— Não precisas de estar tão quieta, miúda. Eu também não estou a dormir.

Deoris sentou-se, abraçando os joelhos magros. Os caracóis espessos estavam agarrados às suas têmporas: afastou-os com impaciência.

— Também não somos as únicas acordadas — disse com convicção.

— Tenho estado a ouvir coisas. Vozes e passos e, algures, canções. Não... Não são canções, são cânticos. Cânticos assustadores, muito longe, muito, muito longe.

Domaris parecia muito nova, ali sentada com a fina roupa de dormir, com reflexos brancos e negros sob o efeito dos relâmpagos incessantes. E, naquela noite, não se sentia muito mais velha que a sua irmã.

— Acho que também os ouvi.

— São assim — Deoris entoou baixinho uma melodia. Domaris estremeceu.

— Não! Deoris... Onde é que ouviste esses cânticos?

— Não sei — Deoris franziu a testa, concentrada. — Muito longe. Como se viessem de baixo da terra... Ou do céu... Não, nem sequer tenho a certeza se ouvi ou se sonhei. — Agarrou numa das madeixas da irmã e começou a desembaraçá-la distraidamente. — Está a relampejar tanto mas não se ouvem trovões. E quando ouço os cânticos, parece que os relâmpagos ficam mais brilhantes...

— Deoris, não! Isso é impossível!

— Porquê? — Perguntou Deoris, destemida. — Quando cantamos determinada nota no interior de uma sala isso faz com que ela se ilumine; porque não poderá provocar um outro tipo de luz?

— Porque é blasfemo e perverso interferir dessa forma com a natureza! — O seu cérebro parecia ter ficado apertado por uma sensação de frio e quase de medo. — A voz tem poder. Quando cresceres e fores subindo no Sacerdócio vais aprender isso mesmo. Mas não deves falar dessas forças malignas!

Os pensamentos inconstantes de Deoris já se tinham virado para outras coisas.

— O Arvath tem ciúmes de eu poder estar ao pé de ti e ele não! Domaris! — Nos seus olhos transparecia um divertimento que transbordou para a voz. — É por isso que tu queres que eu durma nos teus aposentos?!

— Talvez. — Um ligeiro rubor manchou as feições delicadas da

irmã mais velha.

— Domaris, estás apaixonada pelo Arvath?

Domaris desviou os olhos do olhar perscrutador da irmã.

— Estou prometida a Arvath — disse ela gravemente. — O amor virá quando estivermos prontos. Não é bom estarmos demasiado ansiosos por receber as ofertas da vida. — Sentiu-se pomposa e hipócrita enquanto proferia aquelas palavras, mas o seu tom fez com que Deoris se acalmasse. A idéia de se separar da irmã, mesmo que fosse devido ao casamento desta, enchia-a de ciúmes que eram, em parte, ciúmes dos filhos que sabia Domaris viria a ter... Durante toda a sua vida ela fora o bebê e o centro das atenções de Domaris.

Como se quisesse impedir essa perda, Deoris disse, implorante:

— Nunca mais me mandes para longe de ti!

Domaris pôs um braço em torno dos ombros magros da irmã.

— Nunca, a não ser que tu o desejes, irmãzinha — prometeu. Mas sentiu-se perturbada pela adoração que transparecia na voz da criança. — Deoris — disse enfiando a mão por baixo do pequeno queixo e obrigando Deoris a olhar para cima — não deves idolatrar-me desta maneira, eu não gosto.

Deoris não respondeu e Domaris suspirou. Deoris era uma criança estranha: muito reservada e reticente; os poucos que amava, amava de uma forma tão intensa que assustava Domaris. Parecia não ter moderação para os seus amores e ódios. Domaris pensou: Terei sido eu quem provocou isto? Terei eu permitido que ela me idolatrasse tão irracionalmente quando era bebê?

A mãe de ambas morrera aquando do nascimento de Deoris. Domaris, na altura com oito anos, resolvera que a sua irmã recém-nascida nunca sentiria a falta dos cuidados maternos. A ama de Deoris tentara impor alguma moderação, mas quando Deoris foi desmamada, a sua influência terminou: as duas tornaram-se inseparáveis. Para Domaris, a irmã bebê substituiu as bonecas que, a partir desse dia, deitou fora. Mesmo quando Domaris cresceu e passou a ter lições e, mais tarde, outro tipo de deveres no mundo do Templo, Deoris continuou a segui-la para toda a parte. Nunca tinham estado separadas um único dia até Domaris ter entrado para a Casa dos Doze.

Domaris tinha apenas treze anos quando fora prometida a Arvath de Alkonath. Ele também era um dos Acólitos: aquele que, entre os Doze, tinha os Sinais dos Céus opostos e compatíveis com os seus próprios. Ela sempre aceitara o fato de que um dia se casaria com Arvath, assim como aceitava o nascer e o pôr do Sol — e ambos os fatos a afetavam de forma semelhante.

Domaris não tinha na realidade qualquer noção de que era uma mulher muito bonita. Os Sacerdotes entre os quais fora criada sempre a tinham tratado com o mesmo tipo de afeto descontraído e íntimo; só Arvath procurara criar laços mais fortes. A esse fato, Domaris reagia com uma mistura de emoções. A juventude do próprio Arvath e o seu amor pela vida atraíam-na; mas um amor verdadeiro ou desejo consciente, não existiam. Demasiado honesta para fingir uma aquiescência que não sentia, era demasiado bondosa para o repelir totalmente e demasiado inocente para procurar outro amante. Arvath era um problema que, em certas ocasiões, ocupava os seus pensamentos, mas que não os perturbava com gravidade.

Ficou sentada, em silêncio, ao lado de Deoris, vagamente perturbada. Os relâmpagos tremeluziam e brilhavam sincopadamente como as frases de um cântico interrompido e uma frieza murmurava no ar.

Foi então que um grande arrepio percorreu Domaris e ela agarrou-se à irmã, tremendo nas garras de um súbito medo gelado.



— Domaris, o que foi? O que foi? — Gemeu Deoris. Domaris respirava aos arrancos e os seus dedos enterraram-se dolorosamente nos ombros da criança. — Eu não... Quem me dera saber — disse, cheia de terror.

Subitamente, com um esforço deliberado, recompôs-se. Os ensinamentos de Rajasta estavam presentes no seu espírito e tentou aplicá-los.

— Deoris, nenhuma força maligna pode atingir-nos a não ser que o permitamos. Deita-te... — Deu o exemplo e depois, às escuras, agarrou a mão da irmã. — Agora vamos dizer a oração que costumávamos rezar quando éramos pequenas e vamos dormir. — Apesar da calma da sua voz e das palavras reconfortantes, Domaris agarrou os pequenos dedos frios entre os seus com um pouco de força a mais. Aquela era a Noite do Nadir, quando todas as forças da terra se soltavam, tanto as benignas como as malignas, em equilíbrio, para que cada homem as escolhesse de acordo com os seus desejos.

— Mãe de tudo quanto é mortal — começou ela na sua voz grave enrouquecida pelo esforço que fazia para se controlar. Deoris juntou-se-lhe com voz insegura e a santidade da velha oração envolveu-as a ambas. A noite, que estivera anormalmente silenciosa até então, parecia, de alguma forma, ter-se tornado menos sombria e o calor não se lhes colava à pele de forma tão opressiva. Domaris sentiu que os músculos, rígidos, se descontraíam e que se aliviava a tensão dos seus nervos.

O mesmo não acontecia com Deoris que, a choramingar, se aninhou mais na irmã, como uma gatinha assustada.

— Domaris, fala comigo. Estou tão assustada e aquelas vozes ainda...

Domaris interrompeu-a admoestando-a:

— Aqui nada pode fazer-te mal, nem que cantem músicas malignas do próprio Santuário Negro! — Apercebendo-se de que falara mais bruscamente do que seria sensato naquelas circunstâncias, apressou-se a continuar. — Está bem, fala-me então do Senhor Micon.

Deoris ficou imediatamente mais animada, falando quase com reverência.

— Oh, ele é tão simpático e bondoso... Mas não desumano, Domaris, como tantos dos Iniciados, como o Pai ou Cadamiri! — Continuou em voz baixa, — E sofre tanto! Parece estar sempre com dores, Domaris, embora nunca fale nisso. Mas os seus olhos, a sua boca e as suas mãos dizem isso mesmo. E às vezes... Às vezes finjo que me sinto cansada para que ele me mande embora e vá descansar.

No pequeno rosto de Deoris estavam estampadas pena e adoração, mas daquela vez Domaris não conseguia censurá-la. Sentia emoções semelhantes e com muito menos justificação. Embora Domaris tivesse visto Micon frequentemente, durante as últimas semanas, não tinham trocado mais de uma dúzia de palavras para além das saudações formais.

Tinha sempre uma estranha sensação, como se houvesse algo de pressentido, mais sentido do que compreendido. Contentava-se em deixar que o sentimento amadurecesse lentamente. Deoris continuou, em tom de veneração:

— Ele é bom para toda a gente, mas trata-me como se... Quase como se eu fosse uma irmã mais nova. Muitas vezes, quando estou a ler, ele interrompe-me simplesmente para me explicar qualquer coisa que eu tenha lido, como se eu fosse sua aluna, a sua cheia...

— Isso é simpático — concordou Domaris. Tal como a maioria das crianças, ela servira como leitora durante a infância e sabia quão pouco usual era tratar um pequeno escriba como algo mais do que uma conveniência pessoal, como uma candeia ou um banco.

Mas de Micon podia esperar-se o inesperado.



Como a Acólita escolhida por Rajasta, Domaris ouvira muito do que se dizia no Templo, O Príncipe desaparecido de Ahtarrath não fora encontrado e os mensageiros estavam a pensar regressar a casa, tendo falhado na sua missão. Por meios pouco lineares, Domaris soubera que Micon se mantivera afastado das suas vistas, não permitindo que eles suspeitassem sequer da sua presença no Templo da Luz. Ela não conseguia imaginar sequer quais teriam sido os seus motivos, mas não conseguia imaginar um motivo que não fosse dos mais elevados, tratando-se de Micon. Embora não dispusesse de quaisquer provas, Domaris tinha a certeza de que ele era um dos procurados; talvez o irmão mais novo do Príncipe...

Os pensamentos de Deoris tinham-se desviado na direção de mais uma tangente.

— Micon fala muitas vezes de ti, Domaris. Sabes como é que ele te chama?

— O quê? — Perguntou Domaris com a voz enrouquecida.

— Mulher-vestida-de-Sol.

A escuridão abençoada escondeu o brilho das lágrimas da mulher.

A luz do relâmpago iluminou e obscureceu a silhueta escura de um jovem parado na ombreira da porta.

— Domaris? — Perguntou uma voz grave. — Estás bem? Sentia-me preocupado... Numa noite como esta.

Domaris focou o olhar tentando ver na escuridão.

— Arvath! Entra se quiseres. Não estamos a dormir.

O rapaz avançou, levantou o mosquiteiro fino e deixou-se cair de pernas cruzadas na beira da cama mais próxima da porta ao lado de Domaris. Arvath de Alkonath, natural da Atlântida, filho de uma mulher da Casta dos Sacerdotes que partira para desposar um homem dos Reinos do Mar, era o mais velho dos Doze escolhidos, quase dois anos mais velho que Domaris. A luz intermitente dos relâmpagos revelou feições puras e tolerantes, abertas e graves mas que traíam um amor firme e convincente pela vida. As rugas em torno da boca deviam-se apenas em parte à auto-disciplina; as restantes eram marcas do riso.

Domaris disse, com escrupulosa honestidade:

— Há pouco ouvimos cânticos e sentimos... Que algo de errado se passava. Mas não vou permitir que esse gênero de coisa me assuste ou perturbe.

— E fazes muito bem — concordou Arvath com veemência. — Mas é capaz de haver mais perturbações no ar. Andam por aí forças estranhas; esta é a Noite do Nadir. Ninguém dorme na Casa. Chedan e eu estivemos a tomar banho na fonte. O Senhor Rajasta anda a passear pelos jardins, vestido com os paramentos de Guardião e ele... Bem, não gostaria nada de me atravessar no seu caminho! — Fez uma pequena pausa. — Há rumores...

— Rumores, rumores! Cada brisa está carregada de escândalo! A Elis não fala noutra coisa! Não me consigo virar sem ouvir mais um boato! — Domaris encolheu os ombros. — E até mesmo Arvath de Alkonath não tem nada de melhor para fazer do que dar ouvidos às tagarelices do mercado?

— Não é tudo tagarelice — assegurou-lhe Arvath e olhou de relance para Deoris que se enfiara na cama até só serem visíveis, por baixo das roupas, uns quantos caracóis do topo da cabeça. — Ela está a dormir?

Domaris voltou a encolher os ombros.

— Não há fumo sem fogo — continuou Arvath, mudando ligeiramente de posição e inclinando-se para Domaris. — Já ouviste falar dos Hábitos Negros?

— Quem não ouviu? Na verdade há dias que parece que não ouço falar noutra

coisa!

Arvath perscrutou-a em silêncio antes de dizer:

— Sabes então que se diz que eles se escondem entre os Hábitos Cinzentos?

— Eu não sei praticamente nada dos Hábitos Cinzentos, Arvath; a não ser que são eles quem guarda o Deus Não Revelado. Nós, da Casta dos Sacerdotes, não somos admitidos entre os Magos.

— No entanto, muitos de vós juntam-se aos Adeptos deles para aprender as Artes Curativas — observou Arvath. — Na Atlântida, aos Hábitos Cinzentos são prestadas as mais altas honras... Bem, diz-se por aí que, por baixo do Templo Cinzento, onde se encontra o Avatar, o Homem das Mãos Cruzadas... Correm histórias de que se celebra por lá um ritual que há séculos não era celebrado, de ritos há muito banidos — um Ritual Negro — e de que há um apóstata no Círculo dos Cheia... — A sua voz baixou até se resumir a um murmúrio ominoso.

Domaris, com os seus receios agitados pelas frases pouco familiares que sugeriam horrores desconhecidos, gritou:

— Onde é que ouviste essas coisas?

Arvath riu-se.

— Não passam de mexericos. Mas se chegam aos ouvidos de Rajasta...

— Então vai haver problemas — assegurou Domaris afetadamente — para os Hábitos Cinzentos se as histórias forem verdadeiras, para os boateiros se elas forem falsas.

— Tens razão, não temos nada a ver com isso — Arvath apertou-lhe a mão e sorriu, aceitando a reprimenda.

Estendeu-se na cama a seu lado mas sem a tocar — há muito que aprendera a não o fazer. Deoris dormia profundamente na cama ao lado, mas a sua presença permitiu a Domaris encaminhar a conversa para os assuntos impessoais que mais lhe convinham, evitando falar de questões pessoais ou dos assuntos do Templo. E quando Arvath se retirou para os seus aposentos, já muito tarde, Domaris ficou completamente desperta, com pensamentos tão insistentes que a sua cabeça latejava.

Pela primeira vez nos vinte e dois Verões da sua jovem vida, Domaris pôs em causa a sua própria sensatez ao escolher continuar como Sacerdotisa e pupila de Rajasta. Teria feito melhor, talvez, se tivesse escolhido abandonar o Sacerdócio; tornar-se simplesmente mais uma mulher, satisfeita com o fato de ser a esposa de um Sacerdote e vivendo no Templo que a vira nascer, mais uma entre as muitas mulheres do Templo; esposas e filhas e Sacerdotisas, que enxameavam a cidade sem qualquer suspeita da vida interior do grande berço de sabedoria onde viviam, satisfeitas com os seus lares, os seus bebês e as manifestações exteriores dos atos Sacerdotais... Que é que se passa comigo? Pensou Domaris sem conseguir sossegar.

Porque não poderei ser como elas? Casarei com Arvath, como é meu dever, e depois... Depois o quê? Filhos, certamente. Anos de crescimento e mudança. Não conseguia que os seus pensamentos percorressem tão grande distância. Continuava a tentar, em vão, imaginar como tudo seria, quando adormeceu.

## Capítulo Três

### A Aproximação do Destino

O Templo da Luz, construído nas praias da Terra Antiga, ficava perto do mar; estava situado bem acima da Cidade da Cobra Volteante, que se espalhava como um Crescente. O Templo, localizado entre as pontas abertas do crescente, no vértice de certas forcas naturais cujas paredes, ao serem construídas, interceptavam e conduziam, eram como uma mulher no amplexo brilhante dos braços de um amante.

Era de tarde. O verão e o Sol escorregavam como manteiga macia sobre a cidade e como um topázio no mar dourado, com promessas de brisas e o vago odor salgado e adocicado das águas das marés.

Três navios altos balançavam ao sabor das velas e das ondas nas águas do porto. A poucos metros do cais, os mercadores já tinham instalado as suas bancas e apregoavam as mercadorias. A chegada dos navios era um acontecimento importante, tanto para os cidadãos como para os agricultores, para os camponeses como para os aristocratas. Nas ruas apinhadas, Sacerdotes de vestes luminosas acotovelavam-se despreocupadamente com mercadores pachorrentos e mendigos esfarrapados. E um empurrão ou uma pancada acidental por parte de um rústico descuidado, que significaria o chicoteamento em qualquer outra altura, não acarretava naquele dia ao incauto mais do que um olhar severo.

Rapazes maltrapilhos corriam por entre as multidões sem meterem as mãos num único alforge dos gordos comerciantes. Um pequeno grupo, contudo, não era sujeito a empurrões nem a familiaridades: sorrisos maravilhados seguiam Micon enquanto este percorria as ruas com uma mão pousada ao de leve no braço de Deoris. As suas vestes brilhantes, confeccionadas num branco peculiarmente imaculado, cortadas e seguras num estilo pouco comum, distinguiram-no dos Sacerdotes vulgares que apareciam para abençoar as crianças ou dar energia aos campos e, como é evidente, as filhas do poderoso Talkannon eram conhecidas de todos. Muitas moças, entre a multidão, sorriam à passagem de Arvath; mas os olhos escuros do jovem Sacerdote estavam ciosamente concentrados em Domaris.

Sentia-se ressentido pelo efeito que Micon provocava na sua prometida. Naquele dia, Arvath quase impusera a sua presença.

Pararam no topo de uma elevação das dunas arenosas, olhando para o mar.

— Oh! — Gritou Deoris com puro deleite. — Os navios!

Por hábito, Micon virou-se para ela.

— Que navios são esses? Diz-me, irmãzinha — pediu com um interesse afetuoso. Viva e entusiasticamente, Deoris descreveu-lhe os altos navios: imponentes e balouçando sobre as ondas, com as bandeiras, em forma de serpentina, de um carmesim brilhante, presas à proa. A expressão de Micon era distante e sonhadora enquanto a ouvia.

— Navios da minha terra — murmurou melancolicamente.

— Não há navios em todos os Reinos do Mar, como os navios de Ahtarrath. O pavilhão do meu primo voa com as serpentinas de carmesim presas à proa...

Arvath disse bruscamente:

— Eu também sou das Ilhas Douradas, Senhor Micon.

— A tua linhagem? — Indagou Micon com interesse. — Tenho saudades de ouvir um nome conhecido. Já estiveste em Ahtarrath?

— Passei grande parte da minha juventude sob a Montanha do Mar — disse o homem mais novo. — Manitoret, o meu pai, era Sacerdote dos Portões Exteriores no

Novo Templo e eu sou filho adotivo de Rathor de Ahtarrath.

O rosto de Micon iluminou-se e estendeu, alegremente, as mãos descarnadas na direção do rapaz.

— Então és mesmo meu irmão, jovem Arvath! Pois Rathor foi o meu primeiro mestre no Sacerdócio e foi ele quem me guiou na primeira Iniciação!

Os olhos de Arvath abriram-se.

— Mas... Então és esse Micon? — Disse ele, com espanto.

— Durante toda a minha vida ouvi contar as tuas...

Micon franziu a testa.

— Deixa isso — disse ele. — Não fales nessas coisas.

Maravilhado, mas simultaneamente perturbado, o rapaz disse:

— Tu consegues mesmo ler os pensamentos!

— Não foi preciso ler pensamentos para perceber o que estavas a pensar, irmão mais novo — disse Micon ironicamente. — Conheces estes navios?

Arvath olhou-o com firmeza.

— Conheço. E se desejas esconder-te, não deverias ter vindo até aqui. Mudaste, é bem verdade, pois eu não te reconheci, mas outros poderão reconhecer-te.

Intrigadas e confusas, as duas moças tinham-se chegado uma para a outra e olhavam alternadamente para os homens e entre si.

— Tu não... — Micon fez uma pausa — Me reconheceste? Já nos tínhamos encontrado?

Arvath riu-se alegremente.

— Não esperava que me reconhecesses! Escutem, Domaris, Deoris, e eu dir-vos-ei quem é este Micon! Quando eu era rapazinho, ainda nem tinha sete anos, fui mandado para a casa de Rathor, o velho eremita da Montanha da Estrela. Ele é o tipo de homem a quem os antigos chamavam santo, é tão famoso que até mesmo aqui a sua sabedoria é venerada. Mas naquela altura eu só sabia que havia muitos jovens sérios e sóbrios que iam estudar para junto dele e muitos deles davam-me doces e brinquedos e mimavam-me. Enquanto Rathor os ensinava, eu brincava nas colinas com o meu gatinho de estimação. Um dia, escorreguei nas rochas, caí e torci o braço por baixo do corpo...

Micon sorriu e exclamou:

— És essa criança? Agora já me lembro!

Arvath continuou, num tom remissivo.

— Desmaiei de dor, Domaris, e não dei por mais nada até abrir os olhos e ver um jovem Sacerdote ao pé de mim, um dos estudantes de Rathor. Ele levantou-me, sentou-me sobre os joelhos e limpou o sangue que eu tinha na cara. As suas mãos pareciam ter o dom da cura...

Com um movimento espasmódico, Micon virou-se.

— Já chega — disse em voz dura.

— Não, vou contar a história, irmão mais velho! Quando ele limpou o sangue e a sujidade, não senti dores, embora os ossos tivessem rasgado a carne. Ele disse — não tenho capacidade para tratar disto e levou-me ao colo para a casa de Rathor, porque eu estava demasiado dorido para poder andar. E depois, porque eu estava com medo do Sacerdote Curandeiro que veio para me pôr o osso no lugar, ele manteve-me no colo até o osso estar no sítio e o braço ligado. E, durante toda essa noite, porque eu tinha febre e não conseguia dormir, ficou sentado ao pé de mim e deu-me pão com mel e leite e cantou-me canções e contou-me histórias até eu me esquecer da dor. Será uma história assim tão terrível? — Perguntou docemente. — Temes que estas donzelas te achem efeminado por

teres sido bondoso para com uma criança doente?

— Chega, já disse — implorou Micon novamente.

Arvath virou-se para ele com um olhar incrédulo; mas o que viu no rosto moreno e cego fez com que a sua expressão se suavizasse.

— Que assim seja — disse — mas eu não me esqueci, meu irmão, nem esquecerei. — Puxou para cima a manga do manto do hábito e mostrou uma cicatriz lívida e comprida na pele bronzeada. — Vejam, foi aqui que o osso rompeu a pele...

— E o jovem Sacerdote era o Micon? — Perguntou Deoris.

— Sim. E ele levou-me doces e brinquedos enquanto estive de cama; mas desde esse Verão que não voltara a vê-lo.

— É estranho que viessem a encontrar-se longe de casa!

— Não é assim tão estranho, irmãzinha — disse Micon na sua voz grave e doce. — Os nossos destinos teceram a sua teia e as nossas ações deram os frutos que semeámos. Aqueles que se conheceram e se amaram não podem ser separados; se não se reencontrarem nesta vida, reencontrar-se-ão numa outra.

Deoris aceitou aquelas palavras sem fazer comentários, mas Arvath perguntou agressivamente:

— Acreditas então que estamos ligados dessa forma?

A sugestão de um sorriso irónico assomou aos lábios de Micon.

— Quem sabe? Talvez que, quando te ergui das rochas naquele dia, me tenha limitado a retribuir um serviço que me tenhas prestado antes de estas colinas se terem erguido. — Apontou, com um gesto divertido, para o Templo por trás de si. — Não sou vidente. Interroga a tua própria sabedoria, meu irmão. Talvez o serviço ainda não tenha sido retribuído. Que os Deuses permitam que ambos sejamos capazes de enfrentar esse fato como homens.

— Que assim seja — disse Arvath sobriamente. Depois, porque ficara profundamente comovido, os seus sentimentos voláteis mudaram de direção. — A Domaris veio à cidade para fazer algumas compras; voltamos para o mercado?

Domaris despertou de uma concentração profunda.

— Os homens não têm grande apreço por tecidos e fitas brilhantes — disse ela alegremente. — Porque não ficam junto ao cais?

— Não me atrevo a perder-te de vista aqui na cidade, Domaris — informou-a Arvath e Domaris, melindrada, ergueu bem alto a cabeça orgulhosa.

— Não penses que podes mandar nos meus passos! Se vieres comigo... Segues-me? — Pegou na mão de Deoris e as duas partiram na frente, virando na direção do mercado.

O mercado sonolento, desperto para a vida pela chegada dos navios dos Reinos do Mar, vibrava com o ruído das inúmeras transações. Uma mulher estava a vender aves canoras presas em gaiolas de junco entretecido. Deoris parou, encantada, para ver e ouvir as aves e, com uma gargalhada indulgente, Domaris deu instruções para que fosse enviada uma gaiola para a Casa dos Doze.

Continuaram a andar lentamente, Deoris a tagarelar de deleite.

Um velhote sonolento vigiava sacas de cereais e potes de azeite brilhante; uma criança nua estava sentada de pernas cruzadas entre cascos de vinho, pronta para acordar o seu amo se houvesse algum cliente. Domaris deteve-se novamente em frente de uma banca maior, onde estavam expostos tecidos de cores e padrões brilhantes. Micon e Arvath, que a seguiam lentamente, escutaram durante alguns momentos as vozes absortas



das moça e depois sorriram espontaneamente um para o outro e foram juntos até perto das bancas dos floristas, para lá da banca de uma velha camponesa. Galinhas cacarejavam em gaiolas, ao despique com os gritos dos vendedores de peixe seco e fresco, dos vendedores de fruta, de bolos e doces e de cerveja barata e amarga, com as vozes dos donos das bancadas de tapetes vistosos e de ornamentos brilhantes e com os comerciantes mais modestos de olaria e chaleiras.

Um ilhéu pequeno e mirrado estava a vender perfumes sob uma tenda às riscas e, quando Micon e Arvath passaram, o seu rosto enrugado contraiu-se com grande interesse. Endireitou-se, mergulhou um pincel minúsculo num pote e abanou-o no ar já de si pegajoso e adocicado pelas misturas de fragrâncias.

— Perfumes de Kei-lin, Senhores — gritou ele num baixo vibrante e ofegante — especiarias do Ocidente! As flores mais raras, as mais doces das árvores de especiarias...

Micon deteve-se. Depois, no passo deliberado que lhe era característico, dirigiu-se cautelosamente para a tenda às riscas. O vendedor de essências, reconhecendo um nobre do Templo, ficou maravilhado e volúvel.

— Belos perfumes e essências, Senhores, especiarias doces e unguentos de Keilin, aromas e óleos para o banho, as melhores das fragrâncias vindas de todo o mundo para as vossas namoradas... — O homenzinho tagarela calou-se e apressou-se a emendar. — Para a vossa esposa ou irmã, Senhor Sacerdote...

O sorriso retorcido de Micon descansou-o.

— Não tenho nem esposa nem namorada, Mais Velho — comentou secamente — nem vou incomodar-te com unguentos ou loções. Mas talvez nos possas servir. Existe um perfume feito em Ahtarrath, e só em Ahtarrath, a partir dos lírios carmesim que nascem por baixo da Montanha da Estrela.

O vendedor de essências olhou com curiosidade para o Iniciado antes de ir para o fundo da tenda e andar à procura por muito tempo, mexendo-se como um ratinho num fardo de palha.

— Não há muita gente que o procure — murmurou, desculpendo-se pela demora. Mas, finalmente, encontrou o que procurava e não perdeu tempo a elogiar-lhe as virtudes, limitando-se a lançar no ar uma gotinha perfumada.

Domaris e Deoris, juntando-se aos homens, pararam para aspirar a fragrância deliciosa e os olhos de Domaris ficaram muito abertos.

— Que requintado!

Os vestígios do perfume ficaram a pairar no ar enquanto Micon punha algumas moedas em cima do balcão e agarrava no pequeno frasco, examinando-o cuidadosamente com as mãos, passando os dedos magros por cima da filigrana delicadamente esculpida.

— Os arabescos de Ahtarrath... Consigo reconhecê-los, mesmo agora — Sorriu para Arvath. — Este tipo de trabalho não se faz em mais sítio nenhum, em mais lugar nenhum se desenham estes padrões... — Ainda a sorrir, estendeu o frasco às moça, que se debruçaram sobre as figuras delicadamente esculpidas e soltaram exclamações.

— Que perfume é este? — Perguntou Domaris, erguendo o frasco junto ao rosto.

— É uma flor de Ahtarrath, uma erva vulgar — disse Arvath bruscamente.

O rosto de Micon parecia partilhar um segredo com Domaris, e ele perguntou:

— Acha-lo tão adorável como eu?

— Requintado! — Repetiu Domaris com ar sonhador. — Mas estranho. Muito estranho e encantador.

— Sim, é uma flor de Ahtarrath — murmurou Micon — um lírio cor de carmesim que nasce nas encostas da Montanha da Estrela, uma planta selvagem que os camponeses arrancam porque se espalha por todo o lado. O ar fica pesado com o seu cheiro. Mas eu



acho-a mais adorável do que qualquer flor que nasça num jardim bem cuidado, e mais bonita. Carmesim... De um carmesim tão radioso que, ao olhá-la, até faz doer os olhos quando o Sol está brilhante; é uma cor alegre e berrante... Uma flor do Sol. — A sua voz pareceu ficar subitamente cansada, estendeu a mão para pegar na de Domaris e deu-lhe o frasco com ar de quem o fazia definitivamente, cerrando-lhe os dedos em torno dele, com os seus próprios dedos. — Bem, é para ti, Domaris – disse sorrindo ligeiramente. — Também tu estás coroadada com a luz do Sol.

As palavras foram ditas em tom casual, mas Domaris engoliu as lágrimas que lhe assomaram aos olhos. Tentou falar para lhe agradecer, mas tinha as mãos a tremer e não foi capaz de pronunciar qualquer palavra. Micon não parecia estar à espera de agradecimentos, pois disse em voz baixa para que só ela pudesse ouvir:

— Coroadada de Luz, quem me dera poder ver o teu rosto... Flor luminosa...

Arvath mantinha-se firme, franzindo a testa com ferocidade e foi ele quem quebrou o silêncio com um truculento:

— Vamos embora? A noite ainda nos apanha aqui! — Mas Deoris dirigiu-se rapidamente ao rapaz e deu-lhe o braço possessivamente, permitindo a Domaris que caminhasse na frente com Micon, um privilégio que, habitualmente, Deoris reclamava, ciosa, para si própria.

— Um dia hei-de encher os braços dela daqueles lírios — resmungou Arvath, olhando fixamente para a moça alta que caminhava ao lado de Micon, com os cabelos ruivos a parecerem incendiados de Sol. Mas quando Deoris lhe perguntou o que dissera, ele não repetiu as palavras.

## **Capítulo Quatro**

### **As Mãos do Curandeiro**

Rajasta, erguendo os olhos do pergaminho que estivera a estudar, reparou que a grande biblioteca estava deserta. Segundo lhe parecia, momentos antes, estivera virtualmente envolto pelo roçar de papéis e pelos murmúrios suaves dos escribas. Agora os nichos estavam às escuras e a única pessoa que via era um bibliotecário que, envolto em vestes andróginas, andava a recolher pergaminhos abandonados em cima das mesas.

Abanando a cabeça, Rajasta enfiou no canudo protetor o pergaminho que estivera a ler e pô-lo de lado. Embora nesse dia não tivesse qualquer compromisso, sentia-se ligeiramente aborrecido com o fato de ter passado tanto tempo a ler e reler o mesmo pergaminho; pergaminho esse que, ainda por cima, teria conseguido recitar de cor, frase após frase. Um tanto exasperado, levantou-se e encaminhou-se para a porta, descobrindo então que a biblioteca não estava tão deserta como pensara.

Micon estava sentado a uma mesa sombria não muito longe dele, com o seu costumeiro sorriso irónico quase invisível nas sombras que lhe envolviam o rosto. Rajasta parou a seu lado, por alguns instantes, olhando para as mãos de Micon e para aquilo que elas revelavam: umas mãos estranhas, com um aspecto débil, como se os dedos tivessem sido esticados à força. Os dedos estavam pousados na mesa, inertes mas, simultaneamente, com um aspecto tenso e retorcido. Com meiguice e habilidade, Rajasta tomou entre os seus os dedos fracos, acolhendo-os suavemente nas mãos fortes. Micon

ergueu a cabeça num gesto interrogativo.

— Pareciam-me... Estar envoltos numa dor tremenda — ouviu-se o Sacerdote da Luz dizer.

— Estariam, se eu lhes permitisse. — O rosto de Micon estava treinado para revelar impassibilidade, mas os dedos débeis estremeceram um pouco. — Consigo, dentro de certos limites, abstrair-me da dor. Sinto-a... — Micon sorriu fatigadamente — mas o meu eu essencial consegue mantê-la afastada... Até eu ficar fatigado. É da mesma forma que mantenho a morte à distância.

Rajasta estremeceu perante a calma do homem da Atlântida. As mãos entre as suas mexeram-se, cuidadosa e deliberadamente, para se soltarem.

— Deixa-te estar — implorou Rajasta. — Posso dar-te algum alívio. Porque recusas a minha força?

— Consigo arranjar-me sozinho. — As rugas em torno da boca de Micon tornaram-se mais profundas e depois o seu rosto relaxou.

— Perdoa-me, meu irmão. Mas eu sou de Ahtarrath. Não cumpro o meu dever. Não tenho, ainda, o direito de morrer... Pois não tenho um filho. Tenho de deixar um filho — continuou, como se a frase não passasse de uma pequena parte de uma discussão que costumava manter consigo próprio. — Para evitar que outros, sem quaisquer direitos, se apropriem dos poderes que eu detenho.

— Que assim seja — disse Rajasta numa voz suave, pois também ele vivia de acordo com os ditames dessa lei. — E a mãe?

Micon ficou momentaneamente silencioso, com o rosto cautelosamente inexpressivo; mas a hesitação foi breve.

— Domaris — respondeu.

— Domaris?

— Sim — Micon suspirou. — Certamente que isso não te surpreende?

— Não totalmente — disse finalmente Rajasta. — É uma escolha sensata. No entanto ela foi prometida ao teu conterrâneo, ao jovem Arvath... — Rajasta franziu a testa, pensativo. — No entanto é a ela que cabe decidir. Tem o direito de ter o filho de outro homem, se desejar. Tu... Ama-la?

As feições tensas de Micon iluminaram-se, descontraindo-se, e Rajasta deu por si a pensar o que é que aqueles olhos cegos estariam a contemplar.

— Sim — disse Micon baixinho. — Como nunca sonhei poder amar... — O homem da Atlântida interrompeu-se com um gemido quando Rajasta lhe apertou as mãos com mais força.

Aflito, o Sacerdote da Luz soltou as mal tratadas mãos de Micon. Instalou-se entre eles um silêncio um tanto desconfortável enquanto Micon voltava a dominar a dor, pacientemente, e Rajasta o observava, tornado impotente pela recusa de Micon em permitir que o ajudasse.

— Conseguieste feitos notáveis — disse Rajasta subitamente.

— E eu ainda não fui, verdadeiramente, tocado pela Luz.

— Durante o tempo que te resta... Aceitas-me como teu discípulo?

Micon ergueu o rosto e o seu sorriso era algo de transcendente.

— Todo o poder da Luz que está ao meu alcance conceder, acabará por brilhar em ti sem o meu auxílio — garantiu. — Mas aceito-te — Depois, numa voz mais baixa e mais contida disse — acho que... Espero poder dar-te um ano. Deverá ser o suficiente. E, se não for, deverás ser capaz de completar sozinho o Último Selo. Essa é a minha promessa.

Lentamente, tal como fazia tudo, Micon levantou-se e ficou de pé de frente para

Rajasta. Alto e magro, quase translúcido sob a fraca luz do Sol que, entrando pelas janelas da biblioteca, incidia sobre ambos, o homem da Atlântida pousou ligeiramente as mãos aleijadas nos ombros do Sacerdote e puxou-o para si.

Com uma das mãos desenhou um símbolo na testa e no peito de Rajasta; depois, com um toque leve como uma pena, passou os dedos expressivos sobre o rosto do homem mais velho.

Os olhos de Rajasta estavam úmidos. O que se estava a passar era, para ele, uma coisa incrível: estabelecera com um estranho a mais significativa de todas as relações. Ele, Rajasta, Sacerdote da Luz, descendente de uma longa linhagem de Sacerdotes, pedira para se tornar discípulo de um estrangeiro originário de um Templo que era desdenhosamente apelidado, entre a Casta dos Sacerdotes, de – aqueles selvagens e atrevidos fazedores de rezas lá do meio do Oceano!

No entanto, Rajasta não sentia qualquer arrependimento...

Apenas, e pela primeira vez na sua vida, uma verdadeira humildade. Talvez a minha casta se tenha tornado demasiado orgulhosa, pensou o Sacerdote, e por isso os Deuses se revelem através deste estrangeiro torturado e cego, para nos recordar que a Luz toca não só aqueles que a isso estão destinados pela hereditariedade... A simplicidade deste homem, a sua coragem, serão como talismãs para mim.

Depois, os lábios de Rajasta cerraram-se, severos e duros.

— Quem te torturou? — Perguntou enquanto Micon o soltava.

— Guerreiro da Luz... Quem?

— Não sei — a voz de Micon soou completamente segura. — Estavam todos com as caras tapadas e vestidos de negro.

No entanto, e por instantes, vi com demasiada clareza. E por isso, não vejo mais. Que assim seja. Os atos virar-se-ão contra quem os pratica.

— Não, isso pode ser verdade, mas a vingança adiada só cria mais oportunidades para as más ações. Por que razão me imploraste que te deixasse ficar escondido enquanto os enviados de Ahtarrath estiveram entre nós? — Insistiu Rajasta.

— Eles teriam assassinado muita gente, teriam torturado mais ainda, para me vingar... E, com isso, teriam libertado um mal ainda pior.

Rajasta ia responder mas hesitou, mais uma vez espantado pela força daquele homem.

— Não vou questionar a tua sabedoria, mas... Estará certo deixar que os teus pais te chorem sem necessidade?

Micon, sentando-se novamente, deu uma pequena gargalhada.

— Não permitas que isso te perturbe, meu irmão. Os meus pais morreram quando eu ainda era uma criança. E escrevi uma mensagem a dizer que estou vivo, como vivo e durante quanto tempo viverei e selei-a com... Com algo que o meu avô não deixará de reconhecer. A mensagem seguiu, com a notícia da minha morte, no mesmo navio. Eles compreenderão.

Rajasta abanou a cabeça em aprovação e depois, lembrando-se de que, embora o homem da Atlântida parecesse ver-lhe a própria alma não podia vê-lo, disse em voz alta:

— Então está tudo em ordem. Mas o que é que te fizeram? E por que razão? Não — continuou mais alto, sobrepondo-se aos protestos de Micon — é meu direito... É mesmo mais, é meu dever, saber! Aqui eu sou Guardião.

Sem que Rajasta soubesse da sua presença e esquecida por Micon, Deoris estava sentada no banco de escriba, não muito distante deles. Silenciosa como uma pequena estátua branca, ouvira tudo o que eles tinham dito numa concentração muda. Não percebia quase nada do que fora dito, mas Domaris fora mencionada e Deoris sentia-se ansiosa por

ouvir mais. O fato de aquela conversa não ser destinada aos seus ouvidos não a incomodava minimamente. Tudo o que dizia respeito a Domaris, sentia-o, era também assunto seu. Fervorosamente, Deoris desejou que Micon continuasse a falar e não se recordasse da sua presença. Domaris tinha de saber de tudo aquilo! As mãos de Deoris cerraram-se, formando dois pequenos punhos, ao pensar em Domaris como mãe de um bebê... Um ciúme infantil e reprimido, do qual Deoris nunca tomaria verdadeiramente consciência, transformou em dor a sua consternação.

Porque razão teria Micon escolhido Domaris? Deoris sabia que a irmã estava prometida a Arvath, mas esse casamento só aconteceria algures no futuro. Isto era o presente! Como se atreviam Rajasta e Micon a falar da irmã daquela maneira? Como se atrevia Micon a amar Domaris? Se ao menos não dessem por ela!

E não deram. Os olhos de Micon tinham ficado mais escuros, a sua estranha luminosidade velada pelas emoções reprimidas.

— Usaram o ecúleo e cordas — disse ele — e o fogo para me cegarem, porque eu arranquei uma máscara antes de me conseguirem atar. — Tinha a voz fraca e rouca de exaustão, como se ele e Rajasta não fossem sacerdotes num local antigo e sagrado, mas lutadores que se debatessem no chão. — A razão? — Continuou Micon.

— Nós, os de Ahtarrath, temos uma capacidade inata para usar... Certas forças da natureza: a chuva, o trovão, os raios e até mesmo os poderes mais terríveis dos terremotos e dos vulcões. É a... Nossa herança e a nossa verdade, sem as quais a vida nos Reinos do Mar seria impossível, talvez. Há lendas... — Micon abanou subitamente a cabeça e, sorrindo, disse descontraidamente — tudo isso já tu deves saber ou ter adivinhado. Usamos esses poderes para benefício de todos, até mesmo daqueles que são nossos inimigos. Mas a capacidade de controlar este poder pode ser... Roubada e abastardada, transformada na mais abjecta feitiçaria! Mas de mim eles não levaram nada. Não sou nenhum apóstata... E tive a força necessária para frustrar os seus objetivos, embora não tenha conseguido salvar-me... Não tenho a certeza do que terá acontecido ao meu meio-irmão e por isso tenho de obrigar-me a viver neste corpo até estar certo de que é seguro morrer.

— Oh, meu irmão — disse Rajasta numa voz abafada e deu por si a abraçar novamente Micon.

O homem da Atlântida baixou a cabeça.

— Temo que Reio-ta tenha sido vencido pelos Hábitos Negros... O meu avô está velho e senil. O poder passará para o meu meio-irmão quando eu morrer, se morrer sem descendência. E eu não deixarei esse poder cair nas mãos de apóstatas e feiticeiros! Conheces a lei! Isso é importante e não este corpo frágil, nem quem o habita e sofre. Eu — o eu essencial — permaneço intocado, porque nada pode tocar-me a não ser que eu o permita!

— Deixa-me dar-te forças — implorou Rajasta novamente.

— Com o que eu sei...

— Em caso de extrema necessidade sou capaz de o fazer — respondeu Micon, novamente calmo — mas agora só preciso de descanso. Essa necessidade pode chegar sem aviso.

— Nesse caso, far-te-ei cumprir a tua promessa... — E depois o timbre vibrante regressou à voz de Micon e o seu rosto iluminou-se com um sorriso maravilhoso e raro. — E agradeço-te de verdade!

Deoris fixou estudiosamente os olhos sobre o pergaminho, fingindo concentração, mas sentiu o olhar severo de Rajasta recair sobre o topo da sua cabeça.

— Deoris — disse o Sacerdote severamente. — Que estás a fazer aqui?

Micon riu-se.

— Ela é a minha escriba, Rajasta, e eu esqueci-me de a mandar embora. — Levantando-se, foi até junto de Deoris e pôs uma mão sobre a cabeça encaracolada. — Já chega por hoje. Corre, minha filha, vai brincar.

Despedida por Micon com o seu habitual sorriso retorcido, Deoris correu em busca de Domaris, com o espírito infantil repleto de palavras enredadas umas nas outras: Hábitos Negros, vida, morte. Apostasia — o que quer que isso fosse — tortura, Domaris estar destinada a ter um filho... Imagens caleidoscópicas fluíam e brilhavam no seu espírito jovem e perturbado e ela entrou de rompante, a ofegar, nos aposentos que partilhava com a irmã.

Domaris supervisionava as escravas enquanto estas dobravam e arrumavam roupas lavadas. A sala estava banhada pela luz do Sol da tarde e pela fragrância dos linhos macios e frescos. As mulheres — pequenas e escuras, com o cabelo entrançado e as feições maliciosas peculiares dos pigmeus que eram escravos do Templo — tagarelavam com vozes agudas semelhantes ao chilreio de pássaros enquanto os seus pequenos corpos castanhos se moviam e afadigavam incessantemente em torno da moça alta que estava no centro da sala, dirigindo-as suavemente e escutando as suas vozinhas agudas.

O cabelo solto e macio de Domaris balançou sobre os seus ombros quando se virou para a porta com um ar interrogativo.

— Deoris! A esta hora! O Micon...? — Calou-se e virou-se para uma mulher mais velha; não era uma escrava mas sim uma mulher da cidade que era a sua criada pessoal. — Continua com o trabalho, Elara — pediu-lhe Domaris com gentileza, e depois fez sinal para que Deoris se aproximasse.

Suspendeu a respiração ao ver o rosto da criança.

— Estás a chorar, Deoris! O que é que se passa?

— Não! — Negou Deoris, erguendo o rosto congestionado mas sem vestígios de lágrimas. — Tenho... Tenho de contar-te uma coisa...

— Espera, aqui não. Anda... — Levou Deoris para o quarto mais recatado onde dormiam e olhou novamente com consternação para as faces afogueadas da moça. — Que estás aqui a fazer a estas horas? O Micon está doente? Ou... — Calou-se, incapaz de verbalizar o pensamento que a torturava, incapaz até mesmo de definir claramente a idéia no seu espírito.

Deoris abanou a cabeça. Agora, que estava frente a frente com a própria Domaris, mal sabia por onde começar. Com voz pouco segura disse:

— Micon e Rajasta estavam a falar de ti... Disseram...

— Deoris! Chiu! — Chocada, Domaris cobriu com a sua mão os lábios ansiosos da irmã. — Nunca debes contar-me as conversas que ouves entre os Sacerdotes!

Deoris debateu-se para se soltar, magoada pela reprimenda.

— Mas eles falaram mesmo na minha frente e ambos sabiam que eu estava ali! E estavam a falar de ti, Domaris. Micon disse que tu...

— Deoris!

Ao ver o brilho da fúria nos olhos da irmã, a criança percebeu que aquela era uma das raras ocasiões em que não se atreveria a desobedecer. Olhou, amuada, para o chão.

Domaris, perturbada, fixou a cabeça curvada da irmã mais nova.

— Deoris, tu sabes que um escriba nunca deve repetir as conversas que ouve entre os Sacerdotes. Essa é a primeira regra que deverias ter aprendido!

— Oh, deixa-me em paz! — Gritou Deoris encolerizada e saiu da sala a correr, a garganta apertada por soluços de raiva, impelida por um medo que não conseguia



controlar nem esconder.

— Que direito tinha Micon — que direito tinha Rajasta — não estava certo, nada daquilo estava certo e se Domaris nem sequer queria ouvi-la, que poderia ela fazer?

Mal Deoris saiu da biblioteca, Rajasta virou-se para Micon.

— Esta questão tem de ser levada à atenção de Riveda.

Micon suspirou, fatigado.

— Porquê? Quem é Riveda?

— É o Primeiro Adepto dos Hábitos Cinzentos. Isto diz-lhe respeito.

Micon abanou a cabeça negativamente.

— Preferia não o perturbar com...

— Tem de ser, Micon. Aqueles que prostituem a magia legítima, transformando-a em feitiçaria iníqua têm que se ver com os Guardiães daquilo que profanam, senão acabarão por semear o caos entre nós a um ponto que, quem sabe, deixamos de conseguir controlar. É fácil dizer, como tu fazes — deixá-los colher o que semeiam — e a colheita será bem amarga, não tenho dúvidas! Mas então e aqueles a quem fizeram mal? Queres deixá-los à solta para que torturem mais gente?

Micon virou a cara, silenciado, e os seus olhos cegos moviam-se sem destino. Rajasta não queria nem imaginar as imagens que deveriam preencher o espírito do homem da Atlântida.

Por fim, Micon forçou um sorriso e uma espécie de gargalhada.

— Pensei que eu deveria ser o mestre e tu o pupilo! Mas tens razão — murmurou. No entanto a sua voz conservava os ecos de um protesto muito humano quando acrescentou. — Mas tenho imenso receio. As perguntas. E tudo o resto...

— Poupar-te-ia a tudo isso se pudesse.

Micon suspirou.

— Eu sei. Seja como queres. Eu... Eu só espero que a Deoris não tenha ouvido tudo o que dissemos! Tinha-me esquecido de que a moça aqui estava.

— E eu nem a tinha visto. Os escribas estão ajuramentados para não repetirem aquilo que ouvem, como é evidente... Mas a Deoris é muito nova e é difícil para os bebês terem tento na língua. Deoris! Aquela criança!

A exasperação e a fadiga que transpareciam na voz de Rajasta levaram Micon a perguntar, um tanto espantado:

— Não gostas dela?

— Não, não — apressou-se Rajasta a descansá-lo. — Amo-a, tanto quanto amo Domaris. Na verdade penso muitas vezes que Deoris é a mais brilhante das duas; mas é apenas mais inteligente. Ela nunca será tão... Tão completa como a Domaris. Falta-lhe... Paciência. A estabilidade não é uma das virtudes da Deoris!

— Ora — discordou Micon — tenho passado muito tempo com ela e achei-a muito paciente e prestável. E também é bondosa e tem muito tato. E diria também que é mais brilhante que a Domaris. Mas ela é apenas uma criança, e a Domaris é... — A sua voz esmoreceu abruptamente e ele sorriu. Depois, recompondo-se, disse.

— Tenho de encontrar-me com esse tal Riveda?

— Penso que seria o melhor — respondeu Rajasta. O Sacerdote estava prestes a acrescentar mais qualquer coisa mas interrompeu-se e debruçou-se para examinar mais de perto o rosto de Micon. Ao ver que as rugas do seu rosto se tornavam mais vincadas, o Sacerdote virou-se e chamou um criado que estava à entrada. — Vou ter com Riveda agora — disse Rajasta quando o criado se aproximou.

— Leva o Senhor Micon aos seus aposentos.



Micon aquiesceu docilmente, mas os músculos do rosto de Rajasta, observando-o a afastar-se, ficaram tensos de preocupação e dúvida. Ouvira dizer que os naturais da Atlântida tinham uma grande reverência pelos Hábitos Cinzentos, que era quase adoração — e isso era, de certa forma, compreensível, quando se tinham em conta as doenças e as epidemias que atormentavam frequentemente os Reinos do Mar. Os Hábitos Cinzentos tinham operado maravilhas no controlo das pragas e da pestilência... Rajasta não esperara, contudo, que Micon reagisse daquela forma.

Rajasta apressou-se a dissipar as suas dúvidas incipientes.

Tudo correria pelo melhor. Riveda era o melhor dos Curandeiros e poderia ser capaz de ajudar Micon de uma forma que não estava ao alcance de Rajasta; essa era, talvez, a razão pela qual o homem da Atlântida ficara perturbado. Afinal de contas, pensou Rajasta, Micon é de uma linhagem nobre; apesar da sua humildade, tem o seu orgulho. E se um Hábito Cinzento lhe disser para descansar mais, vai ter de dar-lhe ouvidos!

Virando-se, Rajasta saiu da sala, com o manto branco agitando-se ruidosamente em torno dos pés. Mesmo antes de tudo aquilo ter acontecido, Rajasta ouvira rumores da prática de rituais proibidos entre os Hábitos Cinzentos, de feiticeiros vestidos de negro que trabalhavam em segredo com as forças ancestrais e malignas que existem no âmago da natureza, forças que não tinham qualquer consideração pela humanidade e que, gradualmente, tornavam menos humanos aqueles que as usavam.

O Sacerdote deteve-se no átrio e abanou a cabeça pensativamente. Poderia dar-se o caso de Micon acreditar naqueles rumores e temer que Riveda abrisse caminho aos Hábitos Negros para que o recapturassem? Bem, quando se conhecessem, certamente todas essas dúvidas desapareceriam.

Sim, certamente que Riveda, Primeiro Adepto dos Hábitos Cinzentos, era quem estava melhor preparado para resolver aquele problema. Rajasta também não tinha dúvidas de que se faria justiça. Conhecia Riveda.

Tendo chegado a uma decisão, Rajasta atravessou o átrio, atravessou um caminho coberto e entrou noutro edifício onde se deteve defronte de uma certa porta. Bateu na madeira com três pancadas secas e espaçadas.

O Mago Riveda era um homem grande, ainda mais alto do que o alto Rajasta. Com um corpo sólido e musculado, os seus ombros largos pareciam, e eram, suficientemente fortes para derrubar um toiro. Envolto no seu manto cinzento e grosseiro, Riveda parecia maior do que a própria vida quando desviou os olhos do céu que escurecia e que estivera a contemplar.

— Senhor Guardião — saudou cortesmente — qual é a urgência que te faz vir ter comigo?

Rajasta não disse nada, continuando a estudar silenciosamente o outro homem durante mais algum tempo. O capuz do hábito, caindo solto sobre os ombros de Riveda, revelou uma cabeça grande, bem assente sobre um pescoço grosso e encimada por uma grande massa de cabelos loiros cortados curtos – cabelos dourados e prateados, uma cor estranha que encimava um rosto estranho. Riveda não pertencia à verdadeira Casta Sacerdotal, pois era do norte, do Reino de Zaiadan; as suas feições rudes eram um atavismo de uma época mais dura, destacando-se num estranho contraste com as feições delicadas da Casta dos Sacerdotes.

Sob o escrutínio silencioso e intenso de Rajasta, Riveda atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— A necessidade deve ser verdadeiramente grande!

Rajasta dominou a irritação que sentia — Riveda sempre tivera a capacidade de o exasperar — e respondeu, numa voz neutra que acalmou o Adepto:

— Ahtarrath enviou um filho ao nosso Templo; o Príncipe Micon. Foi raptado pelos Hábitos Negros, torturado e cegado, com o objectivo de o fazer servir a Ilusão deles. Vim para te dizer: procura na tua Ordem.

O azul frígido dos olhos de Riveda ensombrou-se com nuvens de preocupação.

— Não sabia de nada disso — disse ele. — Tenho andado absorto nos meus estudos... Não duvido da tua palavra, Rajasta, mas o que esperariam alcançar com isso os Ocultos?

Rajasta hesitou.

— Que sabes tu dos poderes de Ahtarrath? Riveda ergueu as sobrancelhas.

— Quase nada — disse ele com franqueza — e o pouco que sei baseia-se apenas em boatos. Dizem que uma certa linhagem consegue fazer a chuva cair de nuvens relutantes e soltar os relâmpagos... Que conseguem cavalgar a tempestade, esse gênero de coisas — Sorriu um sorriso sardónico. — Nunca ninguém me disse como é que o faziam ou por que razão e por isso, até agora, tenho mantido uma certa reserva nas minhas opiniões.

— Os poderes de Ahtarrath são muito reais — disse Rajasta. — Os Hábitos Negros tentaram desviar esses poderes para uma... Para uma prostituição espiritual. O seu objectivo era a apostasia dele e... O serviço aos seus demônios.

Riveda semicerrou os olhos.

— E?

— Falharam — disse Rajasta numa voz tensa. — Micon vai morrer... Mas apenas quando decidir fazê-lo. — O rosto de Rajasta mantinha-se impassível, mas Riveda, treinado para detectar reações involuntárias, apercebeu-se dos sinais da emoção. — Cego e inválido como está... A Libertadora do Homem não o conquistará enquanto Micon não o permitir. Ele é... Uma Taça de Luz!

Riveda assentiu, com certa impaciência.

— Então o teu amigo recusou-se a servir no Santuário Negro e eles tentaram impor-lhe a apostasia? Hmm... É possível... Sou capaz de me tornar um admirador desse Príncipe de Ahtarrath — murmurou Riveda — se tudo o que dizes for verdade. Ele deve ser, realmente, um grande homem. — A expressão severa do Hábito Cinzento descontraiu-se momentaneamente com um sorriso. Depois os seus lábios franziram-se novamente. — Vou descobrir a verdade desta história toda, Rajasta; podes acreditar no que te digo.

— Com isso já eu contava — limitou-se a dizer Rajasta e os olhares dos dois homens encontraram-se e fixaram-se, com um respeito mútuo.

— Vou precisar de interrogar Micon.

— Vem então ter comigo daqui a quatro horas — disse Rajasta e virou-se para sair.

Riveda deteve-o com um gesto.

— Estás a esquecer-te de uma coisa. Os rituais da minha Ordem requerem que eu faça certas preparações bastante demoradas. Só quando...

— Não me esqueci — disse Rajasta friamente — mas esta questão é urgente; e tu tens margem de manobra nestas questões. — Com estas palavras, Rajasta apressou-se a sair.

Riveda ficou a olhar, perturbado, para a porta fechada. Não era a arrogância de Rajasta que o incomodava; esse tipo de coisas era esperado por parte dos Guardiães e, geralmente, essas atitudes eram justificadas pelas circunstâncias.

Havia sempre — e haveria sempre, suspeitava Riveda — uns quantos Magos que ninguém conseguia impedir de chafurdar nas ancestrais artes negras e interditas. E Riveda sabia muito bem que sobre a sua Ordem recaíam automaticamente as suspeitas quando ocorria qualquer perturbação na vida do Templo. Tinha sido um disparate ter-se dedicado de tal forma aos estudos que permitira que os Hábitos Cinzentos fossem governados por Adeptos subalternos; agora até os inocentes corriam o risco de sofrer devido à loucura e à crueldade de uns poucos.

Idiotas, pior que idiotas, pensou Riveda, não terem limitado as suas brincadeiras infernais a gente de pouca importância! Ou, ao terem arriscado tanto, loucos por não se terem certificado de que as suas vítimas não escapavam com vida para contar a história!

O rosto de Riveda estava sombrio e determinado enquanto guardava rapidamente os materiais delicados que utilizara nos estudos que o tinham absorvido durante tanto tempo.

Chegara, na verdade, o momento de cuidar da sua Ordem.

Num canto da sala, reservado para as tarefas administrativas de Rajasta, estava sentado, em silêncio, o Administrador-Chefe, Talkannon, parecendo naquele momento totalmente alheado da humanidade e das suas preocupações. A seu lado estava Domaris, de pé e imóvel, observando Micon de relance.

O homem da Atlântida recusara sentar-se e estava encostado a uma mesa. A imobilidade de Micon era muito peculiar — conseguida através de muito treino, fazia com que Rajasta se sentisse incomodado. Sabia o que aquela imobilidade ocultava. Com um franzir de sobrolho pensativo, Rajasta desviou o olhar e viu, pela janela, a figura de Riveda envolta nas vestes cinzentas, facilmente identificável mesmo à distância, percorrendo o caminho na sua direção. Sem se mexer, Micon disse:

— Quem vem aí?

Rajasta sobressaltou-se. A perceptividade do homem da Atlântida era, para ele, uma incessante fonte de espanto; apesar de cego, Micon dera por algo que passara despercebido a Talkannon e a Domaris.

— É Riveda, não é? — Perguntou Micon antes que Rajasta tivesse tido tempo de responder.

Talkannon ergueu a cabeça mas não falou. Riveda entrou, saudando os Sacerdotes descontraidamente mas com cortesia.

Domaris, como é evidente, foi totalmente ignorada. Ela nunca vira Riveda antes e agora sentia-se assaltada por uma sensação algo maravilhada. Os seus olhos encontraram momentaneamente os do Adepto; depois baixou rapidamente a cabeça, tentando controlar um medo irracional e uma sensação de desagrado. Naquele instante percebeu que seria capaz de odiar aquele homem que nunca lhe fizera mal — e soube também que não poderia revelar o mínimo sinal daquele ódio.

Micon, tocando ao de leve com os seus dedos nos de Riveda, pensou, Este homem poderia ir longe... No entanto o homem da Atlântida também se sentiu desconfortável, sem saber porquê.

— Bem vindo, Senhor de Ahtarrath — disse Riveda com uma deferência informal destituída de cerimónia. — Lamento muitíssimo não ter sabido antes... — Calou-se e os seus pensamentos mais íntimos vieram subitamente à superfície. Aquele homem estava marcado pela Morte; marcado e selado. Isso era evidente em tudo aquilo que fazia parte de Micon; na força concentrada e intermitente; nos movimentos lentos e cuidadosos; no fogo intenso da sua vontade; na forma deliberada como reunia energias... Tudo isso e a qualidade quase translúcida do corpo magro de Micon, proclamavam que aquele homem

não tinha quaisquer energias supérfluas. E, no entanto, de forma igualmente clara, o homem da Atlântida era um Adepto — o Adepto que atingira os mais elevados dos Mistérios.

Riveda, com a sua sede de conhecimento e do poder que esse conhecimento lhe conferia, sentiu uma estranha mistura de inveja e de pena. Que tremendo desperdício! Pensou. Este homem seria mais útil a si próprio — e aos seus ideais — se se virasse para os aspectos mais sombrios da Luz!

Luz e Trevas não passavam, afinal de contas, de manifestações equilibradas do Todo. Havia um tipo de força que podia ser extraído da luta contra a morte que a Luz nunca conseguiria mostrar nem garantir...

A saudação de Micon não passou de uma série de sons sem sentido, de palavras corteses e educadas, e Riveda quase não as ouviu. Depois, espantado e incrédulo, o Hábito Cinzento apercebeu-se do que Micon lhe estava a dizer.

— Fui pouco cuidadoso. — A voz ressonante do homem da Atlântida retumbou na sala fechada. — O que me aconteceu a mim não tem importância. Mas havia alguém e ainda há, que tem de regressar ao Caminho da Luz. Encontra o meu meio-irmão se puderes. Quanto ao resto... Agora já não posso identificar os culpados para tos indicar. Nem o faria. — Micon fez um ligeiro gesto indicando que a decisão era final. — Não haverá qualquer vingança! Os atos recairão sobre quem os praticou.

Riveda abanou a cabeça.

— A minha Ordem tem de ser purificada.

— Isso cabe-te a ti decidir. Não posso dar-te qualquer ajuda — Micon sorriu e Riveda sentiu, pela primeira vez, todo o encanto do homem. Micon virou ligeiramente a cabeça na direção de Domaris. — Que pensas tu, coroada de luz? — Enquanto Riveda e Talkannon ficavam escandalizados por aquele apelo à opinião de uma mera Acólita — e ainda por cima uma mulher!

— Tens razão — disse Domaris lentamente — mas Riveda também tem razão. Há muitos estudantes que vêm para cá em busca de saber. Se a feitiçaria e a tortura ficarem impunes, então o campo ficará livre para o florescimento dos praticantes do mal.

— E qual é a tua opinião, meu irmão? — Perguntou Micon a Rajasta. Riveda sentiu um impulso de ressentimento e inveja; também ele era um Adepto, um Iniciado, no entanto Micon não reconhecia nenhum parentesco espiritual entre ambos!

— Domaris é sensata, Micon. — A mão de Rajasta fechou-se suavemente sobre o braço magro do homem da Atlântida. — A feitiçaria e a tortura conspiram o nosso Templo. O dever exige que outros não tenham de enfrentar os mesmos perigos por que tu passaste.

Micon suspirou e com um gesto impotente disse:

— Vós sois os juizes, então. Mas não tenho, agora, nenhuma forma de reconhecer os que estiveram envolvidos... Eles apanharam-nos junto à muralha do porto, trataram-nos com cortesia e alojaram-nos entre os Hábitos Cinzentos. Ao cair da noite fomos conduzidos a uma cripta e foram-nos exigidas certas coisas sob a ameaça de tortura e de morte. Recusámos... — Um sorriso peculiar atravessou o rosto magro e moreno. Micon estendeu as mãos deformadas. — Como podem ver as suas ameaças não eram vãs. E o meu meio-irmão... — Calou-se novamente e fez-se um curto e doloroso silêncio antes de Micon dizer, extenuado — ele pouco mais é do que um rapaz. E a ele conseguiram usar, embora não totalmente. Logrei libertar-me deles por momentos, antes de me amarrarem, e arranquei a máscara de um deles. E assim... — fez uma breve pausa — Nunca mais vi nada. Depois disso... Mais tarde, muito mais tarde segundo penso, libertaram-me. E homens bondosos, que não me conheciam, levaram-me

à casa de Talkannon, onde me reuni aos meus servos. Não sei que história contaram para justificar o meu desaparecimento. — Fez nova pausa e depois acrescentou rapidamente — Talkannon disse-me que estive doente durante muito tempo. E na verdade há um período de que não me recordo absolutamente.

A mão de ferro de Talkannon forçou a filha a manter-se em silêncio.

Riveda mantinha-se de pé, as mãos entrelaçadas, a olhar para Micon num silêncio pensativo. Depois perguntou:

— Há quanto tempo isso se passou?

Micon encolheu os ombros, quase embaraçado.

— Não faço idéia. As minhas feridas estavam saradas — tão saradas quanto possível — quando despertei na casa de Talkannon.

Talkannon, que até ao momento não dissera praticamente nada, quebrou o silêncio e disse, pesadamente.

— Foi-me trazido por gente do povo, pescadores, que me disseram que o tinham encontrado deitado na praia, inconsciente e quase nu. Perceberam que se tratava de um Sacerdote pelo colar que ainda trazia ao pescoço. Interroguei-os. Não sabiam mais nada.

— Tu interrogaste-os! — O desprezo de Riveda era cáustico. — Como sabes se te disseram a verdade?

A voz austera de Talkannon vibrou, como um chicote.

— Eu não podia, afinal de contas, interrogá-los sob tortura!

— Basta — implorou Rajasta, pois Micon estava a tremer. Riveda engoliu os outros comentários que lhe apetecia fazer e virou-se para Micon.

— Pelo menos fala-me mais do teu irmão.

— Ele é só meu meio-irmão — respondeu Micon, um tanto hesitante. A imobilidade estranha desaparecera; os seus dedos retorcidos e fracos mexiam-se ligeiramente, caídos junto ao corpo e ele apoiava-se mais pesadamente contra a mesa.

— O seu nome é Reio-ta. É muitos anos mais novo do que eu, mas de aspecto não somos — não éramos — muito diferentes. — A voz de Micon enfraqueceu e ele cambaleou.

— Vou fazer o que puder — disse Riveda com uma delicadeza súbita e inesperada. — Se me tivessem dito antes.... Não posso dizer-te o quanto lamento... — O Hábito Cinzento curvou a cabeça, enfurecido pela futilidade das suas palavras. — Depois de ter passado tanto tempo não posso prometer nada...

— E eu não peço nada, Senhor Riveda, sei que farás aquilo que tens de fazer. Mas imploro-te... Não peças o meu auxílio para as tuas... Investigações. — A voz de Micon transmitia desculpas intraduzíveis em palavras. — Não tenho forças para tanto; nem seria de grande utilidade, pois agora não teria forma de...

Riveda endireitou-se, de cenho franzido, com a expressão dos homens pragmáticos.

— Disseste que tinhas visto um rosto. Descreve-o!

Todos os que estavam na sala se inclinaram silenciosamente na direção de Micon, expectantes. O homem da Atlântida endireitou-se e disse claramente:

— Esse é um segredo que morrerá comigo. Já disse, que não haverá lugar para vinganças.

Talkannon recostou-se no assento com um suspiro e o rosto de Domaris traiu o conflito das suas emoções. Rajasta não questionou Micon nem mesmo em espírito: de todos os presentes era ele quem melhor conhecia o homem da Atlântida e acabara por aceitar a atitude de Micon, embora não concordasse inteiramente com ela.

Riveda franziu a testa numa expressão feroz.



— Imploro-te que reconsideres, Senhor Micon! Sei que os teus votos te impedem de procurar vingança para as tuas dores pessoais, mas... — Cerrou os punhos. — Não juraste também proteger os outros do mal?

Micon, contudo, estava inflexível.

— Já disse que não falarei nem testemunharei.

— Que assim seja! — A voz de Riveda estava cheia de amargura.

— Não posso obrigar-te a falar contra a tua vontade. Pela honra da minha Ordem, devo investigar... Mas podes estar certo de que não te incomodarei mais!

A ira da voz de Riveda penetrou bem fundo; Micon desfaleceu, apoiando-se pesadamente em Rajasta que esqueceu imediatamente tudo o resto e ajudou o homem da Atlântida a sentar-se na cadeira que anteriormente recusara.

O rosto austero do Adepto dos Hábitos Cinzentos foi rapidamente inundado pela piedade. Riveda, quando isso lhe convinha, sabia ser gracioso e agora sentia uma enorme vontade de ser conciliatório.

— Se ofendi o Senhor Micon — disse ele com fervor — que isto me sirva de atenuante: esta tragédia que lhe aconteceu afecta a honra da minha Ordem, e isso é algo que devo guardar tão ciosamente como o Senhor Micon guarda os votos que fez. Gostaria de despedaçar este ninho de aves agoirentas: penas, asas e ovos! Não só pelo Senhor Micon mas por todos aqueles que lhe seguirão os passos até às portas do nosso Templo.

— Esses objetivos têm a minha simpatia — disse Micon, quase humildemente, com os olhos cegos virados para Riveda. — Os meios que empregarás não são da minha conta. — Suspirou e os seus nervos tensos pareceram relaxar um pouco. Talvez nenhum dos presentes, com excepção da sensível Domaris, tivesse tido noção do quanto o homem da Atlântida temera aquela entrevista.

Agora, pelo menos, ele sabia que o próprio Riveda não estivera no meio daqueles que o tinham torturado. Tenso devido a essa possibilidade e preparado para a ocultar se esse tivesse sido o caso, o alívio que sentia deixava-o esgotado.

— Os meus agradecimentos não têm qualquer significado, Senhor Riveda — disse ele — mas peço-te que juntamente com eles aceites a minha amizade.

Riveda apertou os dedos desfeitos entre os seus, muito ao de leve, examinando-os dissimuladamente com os seus olhos de Curandeiro para tentar perceber há quanto tempo tinham sarado.

As mãos de Riveda eram grandes e duras, fortalecidas pelos trabalhos braçais que fizera na infância e, no entanto, eram tão sensíveis como as de Micon. O homem da Atlântida sentiu que nas mãos de Riveda existia um enorme poder concentrado — uma força desafiadora, controlada e tornada poderosa. As forças dos dois Iniciados encontraram-se; mas até mesmo o mais breve dos contatos com uma tão grande vitalidade era demasiado para Micon e ele retirou rapidamente a sua mão, com o rosto pálido e acinzentado. Sem dizer palavra, tremendo com o esforço que fazia para parecer calmo, Micon virou-se e dirigiu-se à porta.

Rajasta fez menção de o seguir e depois parou, obedecendo a um qualquer comando inaudível que dizia, claramente, Não.

Quando a porta se fechou, Rajasta virou-se para Riveda.

— Então?

Riveda estava de pé, olhando para as mãos de cenho franzido. Incomodado, disse:

— O homem é um canal de poder aberto e em estado bruto.

— Que queres dizer? — Perguntou Talkannon com rudeza.

— Quando as nossas mãos se tocaram — respondeu Riveda, quase a tartamudear



— senti a força vital a deixar-me; ele parecia sugá-la de mim...

Rajasta e Talkannon olharam, consternados, para o Hábito Cinzento. Aquilo que Riveda descrevera era um segredo da casta dos Sacerdotes, muito raramente invocado e com precauções infinitas. Rajasta sentiu uma fúria irracional: Micon recusara receber dele aquele tipo de ajuda e fizera-o num tom tão definitivo que não deixara qualquer margem para argumentações... Abruptamente, Rajasta apercebeu-se de que Riveda não percebia minimamente aquilo que acontecera. Os murmúrios roucos do Hábito Cinzento pareciam quase assustados.

— Acho que ele também se apercebeu do que estava a acontecer... Afastou-se de mim e não quis tocar-me novamente.

Talkannon disse, em voz rouca:

— Não digas uma palavra acerca disto, Riveda!

— Não tenhas medo... — Incaracteristicamente, Riveda cobriu o rosto com as mãos e estremeceu, virando-lhes as costas. — Eu não podia... Não podia... Sou demasiado forte, podia tê-lo morto!

Domaris estava ainda encostada ao pai, com o rosto tão pálido como o manto de Talkannon; com a mão livre agarrou-se à mesa com uma tal força, que os nós dos dedos ficaram brancos.

Talkannon ergueu a cabeça repentinamente.

— Que tens tu, moça?

Rajasta, com o seu autocontrolo férreo novamente recuperado, virou-se, preocupado, para a moça.

— Domaris! Estás a sentir-te mal, filha?

— Eu... Não — gaguejou ela. — Mas Micon... — O seu rosto ficou banhado de lágrimas. Libertou-se do pai e saiu a correr da sala.

Os homens, perplexos, viram-na partir; o silêncio na sala era opressivo. Por fim Riveda atravessou a sala e fechou a porta que ela deixara aberta ao sair, comentando, com uma aspereza sarcástica:

— Noto uma certa falta de decoro entre os teus Acólitos, Rajasta. Excepcionalmente, Rajasta não se sentiu ofendido pela rudeza de Riveda.

— Ela não passa de uma moça — disse ele com brandura.

— E isto é muito violento.

— Sim — disse Riveda pesadamente. — Vamos a isso, então.

— Fixando o olhar azul e gélido em Talkannon, o Adepto começou a interrogar o Administrador Chefe com perguntas insistentes e concisas, querendo saber os nomes dos pescadores que tinham descoberto Micon, o dia em que isso acontecera, insistindo na mais ínfima circunstância que pudesse ser reveladora e nos pormenores meio esquecidos que pudessem ter algum significado. Esperara poder sintetizar pedaços de informação antes descurados de modo a formar uma base coerente para futuras investigações. Ficou no entanto a saber pouco mais do que aquilo que já soubera antes.

O contra-interrogatório que o Hábito Cinzento fez a Rajasta foi ainda menos produtivo e Riveda, cujo temperamento era, mesmo nas melhores circunstâncias, instável, encolerizou-se por fim e quase gritou:

— Poderei eu trabalhar às escuras?! Fazem de mim também um homem cego!

No entanto, ao mesmo tempo que a sua irritação e exasperação explodiam, Riveda apercebeu-se também das limitações do conhecimento que eles tinham daquele assunto. O Adepto atirou a cabeça para trás como se estivesse a lançar um desafio.

— Pronto! Se os Sacerdotes da Luz não conseguem iluminar este mistério, tenho de aprender a discernir as sombras que se movem na escuridão mais profunda! — Virou-

se para partir, dizendo por cima do ombro. — Agradeço-vos esta oportunidade de aperfeiçoar as minhas percepções!

No recolhimento dos seus aposentos, Micon estava deitado na cama estreita, com o rosto escondido pelos braços, respirando lenta e deliberadamente. A vitalidade de Riveda, que fluíra para Micon num momento em que este baixara a guarda, perturbara o controlo precário que tinha sobre o seu corpo e o fluxo desequilibrante deixara o homem da Atlântida atordoado e rígido de terror. Era paradoxal que, aquilo que numa situação menos crítica teria contribuído para acelerar a recuperação de Micon, o ameaçasse naquelas circunstâncias com uma recaída grave ou algo ainda pior. Estava demasiado fraco para controlar aquele influxo de energia!

Micon deu por si a pensar, com uma certeza sombria, que a tortura que sofrera inicialmente e o sofrimento a que estava sujeito naquele momento, não passavam dos preliminares de um processo punitivo lento e amargo — e porquê? Por resistir ao mal!

Apesar de ser um Sacerdote, Micon era suficientemente jovem para se sentir desnorteado e amargo. A integridade, pensou num súbito acesso de cólera, é um luxo demasiado caro! Mas apressou-se a controlar os pensamentos provocados pelo seu estado de espírito, pois apercebeu-se de que aquele tipo de sentimentos era enviado pelos Malignos, insinuando mais e mais sacrilégios através das fissuras criadas pelas torturas que lhe tinham infligido. Desesperadamente, lutou para controlar a rebelião mental que contribuiria para diminuir o ténue controlo que exercia a tanto custo e que teria de manter sobre os tormentos do seu corpo.

Um ano. Pensei que conseguiria suportar isto durante um ano! No entanto tinha de terminar a sua tarefa, acontecesse o que acontecesse. Fizera determinadas promessas que teria de cumprir. Aceitara Rajasta como discípulo. E havia Domaris. Domaris...

## **Capítulo Cinco**

### **A Noite do Zênite**

O céu nocturno era uma abóbada de azuis sobre azuis, púrpura sobreposto a anil, salpicada pelo borriço das estrelas acabadas de nascer. Uma luminescência tênue, demasiado fraca para provir da luz das estrelas, demasiado delicada para qualquer luz terrena, pairava, ligeira, em torno do caminho que não era banhado pelo luar. Naquela luz fraca Rajasta caminhava com passos firmes e Micon, a seu lado, caminhava com uma deliberação calma com passos totalmente seguros.

— Mas por que vamos hoje ao Campo das Estrelas, Rajasta?

— Esta noite — pensei que to tinha dito — é a noite em que Caratra, a Estrela da Mulher, toca o Zênite. Os Doze Acólitos estudarão os céus e cada um deles interpretará, de acordo com as suas capacidades, os presságios. Deve ser interessante para ti — Rajasta sorriu para o companheiro. — A Domaris vai lá estar e, segundo penso, a irmã dela também. Ela pediu-me para te trazer. — Agarrando no braço de Micon, conduziu o homem da Atlântida cuidadosamente, à medida que o caminho iniciava a sua ascensão para o topo da colina.

— Vou gostar — Micon sorriu sem o esgar de dor que frequentemente lhe ensombrava o rosto. Onde Domaris se encontrava, encontrava-se também o olvido; o

controle dele não era assim tão absoluto. Ela tinha, de alguma forma, a capacidade de lhe dar uma força que não era inteiramente física e que era resultado da sua vitalidade transbordante.

Perguntou-se se aquilo seria deliberado; do fato de ela ser capaz de uma generosidade tão completa, ele nunca duvidara. A sua delicadeza e graciosidade eram como que uma oferenda dos Deuses. Sabia que ela era bela, através de um sentido que estava para além do sentido da visão.

Os olhos de Rajasta estavam tristes. Amava Domaris; da intensidade desse amor nunca se apercebera até agora, que via ameaçada a sua paz de espírito. Aquele homem, que Rajasta também amava, caminhava cada vez mais perto da morte. A emoção que ele pressentia existir entre Micon e Domaris, era algo demasiado frágil e adorável para conter em si tamanhas sementes de pesar. Rajasta também sabia que Domaris se daria com uma generosidade tal que ela própria ficaria muito vulnerável. Não queria nem podia proibi-la de o fazer, mas sentia-se entristecido pelo fim que tudo aquilo teria e que ele previa com tanta clareza.

Micon disse, com um controle que enfatizava as suas palavras:

— Eu não sou completamente egoísta, meu irmão. Também eu consigo prever a luta que se aproxima. No entanto, tu também sabes que a minha linhagem tem de ser continuada, para impedir que o Propósito Divino tenha de se bater em circunstâncias muito desfavoráveis. E isso não é uma questão de orgulho. — Estremeceu, como se estivesse com frio, e Rajasta apressou-se a apoiá-lo discretamente.

— Eu sei — disse o Sacerdote da Luz — já discutimos muitas vezes este assunto. A causa já se pôs em movimento e temos de nos assegurar de que não se virara contra nós. Compreendo tudo isso. Tenta não pensar nisso esta noite. Anda, já estamos perto — assegurou-lhe. Rajasta já vira Micon render-se à dor e a recordação não era boa.

Para os olhos habituados ao brilho das estrelas, o Campo das Estrelas era um local de beleza etérea. O céu assemelhava-se a um par de asas recolhidas, salpicadas pelos brilhos de inúmeras estrelas; a fragrância doce da respiração da terra, o rumor das conversas murmuradas e o veludo profundo das sombras escuras, rodeavam-nos de uma fantasia sonhadora, como se uma palavra brusca pudesse dissolver todo o cenário e deixar apenas o vazio.

Rajasta disse em voz baixa:

— É... Indescritivelmente ... Belo.

— Eu sei. — O rosto moreno e irrequieto de Micon reflectiu, momentaneamente, o seu tormento. — Posso senti-lo.

Domaris, com o manto pálido brilhante e prateado como se estivesse coberto de gelo, pareceu flutuar na direção deles.

— Venham sentar-se junto de nós, Mestres de Sabedoria — convidou ela e puxou Deoris para junto de si.

— Com prazer — respondeu Rajasta e conduziu Micon no encalço da silhueta alta e bela.

Deoris libertou-se abruptamente do braço que lhe prendia a cintura e foi ter com Micon, a sua imaturidade frágil fundindo-se com as imagens fantásticas do local e do momento.

— Pequena Deoris — disse o homem da Atlântida, com um sorriso bondoso.

A criança, com uma audácia tímida, enfiou o seu braço no dele. O sorriso dela era de deleite e no entanto, de alguma forma, protetor também. A mulher que despontava em Deoris apercebia-se com honestidade de tudo aquilo que a mais sensata Domaris não admitia ver.

Detiveram-se junto a um arbusto baixo que soltava um odor adocicado e cujas flores brancas se destacavam na escuridão da noite e Domaris sentou-se e tirou o manto de tecido fino de cima dos ombros. Deoris ajudou Micon a sentar-se suavemente entre as duas e Rajasta sentou-se ao lado da sua Acólita.

— Viste as estrelas, Domaris; o que é que leste nelas?

— Senhor Rajasta — disse a moça formalmente — Caratra assumiu esta noite uma posição estranha em conjunção com a Harpista e a Foice. Se quisermos interpretar esse fato... — Hesitou e virou novamente os olhos para os céus. — Está oposta à Serpente — murmurou Domaris. — Diria que uma mulher abrirá as portas ao mal e será também uma mulher quem o deterá. A mesma mulher; mas será através da influência de uma outra mulher que a porta poderá ser fechada. — Domaris ficou novamente silenciosa durante alguns instantes, mas antes que os seus companheiros tivessem oportunidade de falar, continuou. — Nascerá uma criança; uma criança que fundará uma linhagem que deterá esse mal para sempre.

Com um movimento precipitado, o primeiro que qualquer um deles o vira fazer, Micon agarrou desajeitadamente o ombro da mulher.

— As estrelas dizem isso? — Perguntou numa voz rouca. Domaris olhou os seus olhos cegos num silêncio desconfortável, sentindo-se quase satisfeita, naquela ocasião, por ele ser cego.

— Sim — disse ela numa voz controlada mas rouca. — Caratra aproxima-se do Zênite e a sua Senhora, Aderes, assiste-a. Os Sete Guardiães cercam-na protegendo-a não apenas da Serpente mas também do Guerreiro Negro, Elcherkan, que a ameaça, das garras do Escorpião...

Micon descontraíu-se e, durante alguns minutos, ficou encostado a ela, sentindo-se fraco. Domaris amparou-o com suavidade, deixando-o descansar no seu peito e, num impulso consciente, deixou que a sua própria energia passasse para ele. Fê-lo de uma forma discreta, com meiguice, em resposta a uma necessidade imperativa e, naquele ato instintivo, entrou em sintonia com Micon. As visões que se lhe depararam na mente do Iniciado eram algo de estranho e distante das suas próprias experiências ou imaginação, apesar de ela própria ser Acólita dos Mistérios. A profundidade e segurança das suas percepções, a profundidade da sua consciência, encheram-na de uma reverência que nunca deixaria de sentir e a sua coragem e persistência fizeram com que sentisse algo semelhante a adoração. As próprias limitações daquele homem proclamavam a sua humanidade inata, uma imensa humildade que se fundia numa espécie de orgulho que obliterava o significado habitual da palavra... Ela apercebeu-se do controlo e do treino que permitiam inibir emoções que, a outro qualquer, teriam tornado selvagem e rebelde... E, subitamente, sobressaltou-se. Ela estava no centro dos seus pensamentos! Ficou com o rosto tão corado que era visível mesmo à luz das estrelas.

Interrompeu rapidamente a relação telepática mas com uma delicadeza tal, que não provocou desconforto pelo vazio criado de forma tão súbita. O pensamento que surpreendera era tão delicado e amoroso que se sentiu venerada mas, simultaneamente, aqueles eram pensamentos tão íntimos, que sentiu um delicioso sentimento de culpa por os ter vislumbrado.

Com um pesar compreensivo, Micon afastou-se dela. Sabia que ela se sentia confusa; Domaris não era dada a especular sobre o efeito que surtia nos homens.

Deoris, observando tudo aquilo com uma mistura de espanto e ressentimento, quebrou a tênue conexão que ainda se mantinha.

— Senhor Micon, cansaste-te em demasia — e estendeu o manto de lã sobre a relva para que ele se deitasse.

Rajasta acrescentou:

— Descansa, meu irmão.

— Foi só um momento de fraqueza — murmurou Micon, mas fez-lhes a vontade sentindo-se satisfeito por se deitar ao lado de Domaris e, passado um instante, sentiu a mão quente dela tocar na sua, fechando-se tão suavemente sobre os seus dedos magoados que não lhe provocaram qualquer dor.

A expressão de Rajasta era uma bênção em si própria e, ao vê-la, Deoris engoliu em seco. Que está a passar-se com Domaris? A sua irmã estava a transformar-se na frente dos seus olhos e Deoris, agarrando-se à única coisa que fora segura no mundo fluido do Tempo, sentiu-se subitamente aterrorizada.

Por instantes quase odiou Micon e a aceitação evidente da situação por parte de Rajasta enfurecia-a. Ergueu os olhos, cheios de lágrimas de raiva e olhou furiosa para as estrelas pouco definidas.

Uma nova voz proferiu palavras descontraídas de saudação e Deoris sobressaltou-se e virou-se, estremecendo com uma excitação estranha e pouco familiar, meio atracção, meio temor fascinado. Riveda! Tendo atingido uma grande excitação nervosa, Deoris encolheu-se quando a sombra escura do homem caiu sobre eles, ocultando a luz das estrelas. O homem era estranho e ela não conseguia desviar os olhos.

A saudação cortês, quase ritualística de Riveda, incluía-os a todos e ele deixou-se cair sobre a relva.

— Então, estás a observar as estrelas com os teus Acólitos, Rajasta? Domaris, que dizem de mim as estrelas? — A voz do Adepto, embora tivesse adotado o tom de uma pergunta cortês, parecia fazer pouco, simultaneamente, dos costumes e dos pequenos rituais.

Domaris, franzindo ligeiramente a testa, fez um esforço para voltar à realidade. Falou educada mas friamente.

— Não sei ler o futuro, Senhor Riveda. As estrelas deveriam falar de vós?

— De mim como de qualquer outro — ripostou Riveda, com uma gargalhada zombeteira. — Ou tão mal... Anda, Deoris, senta-te ao pé de mim.

A menina olhou ansiosamente para Domaris, mas ninguém disse nada nem lhe lançou qualquer olhar proibitivo e ela levantou-se, com as vestes curtas e azuis soltando um brilho azulado em torno de si, e foi para junto de Riveda. O Adepto sorriu quando ela se sentou na relva ao seu lado.

— Conta-nos uma história, pequena escriba — disse ele meio a sério. Deoris abanou a cabeça timidamente, mas Riveda persistiu. — Então canta uma canção. Ouvi dizer que tu... Que tens uma voz doce.

O embaraço da criança agravou-se; tirou a mão da de Riveda, abanando a cabeça para afastar os caracóis negros que lhe caíam sobre os olhos. Mesmo assim ninguém veio em seu socorro e Micon disse docemente na escuridão.

— Não queres cantar, minha pequena Deoris? Rajasta também já me falou da tua voz doce.

Um pedido de Micon era algo de muito raro e não poderia ser recusado. Deoris disse, timidamente:

— Vou cantar uma canção sobre os Sete Vigias... Se o Senhor Rajasta quiser cantar os versos da Queda.

Rajasta deu uma gargalhada sonora.

— Eu, cantar? A minha voz feria com que os Vigias caíssem novamente do céu, minha filha!



— Eu canto — disse Riveda com uma finalidade abrupta. — Canta, Deoris — repetiu e, daquela vez, havia algo na sua voz que a compeliu a obedecer.

A moça abraçou os joelhos magros, virou o rosto na direção do céu e começou a cantar num soprano límpido e calmo que subia, como fumo prateado, na direção das estrelas nubladas:

*Numa noite há muito esquecida,  
Eram sete os Vigias  
Que vigiavam nos Céus,  
Vigiando e tementes  
Num dia negro em que  
As estrelas deixaram os seus lugares.  
Vigiando a Estrela Negra do Destino.  
Eram sete os Vigias,  
Movendo-se furtivamente,  
Sete estrelas deslocando-se  
Suavemente dos seus lugares,  
A coberto Do céu protetor.  
A Estrela Negra paira  
Silenciosa nas sombras,  
Movendo-se nas sombras,  
Esperando a chegada da Noite;  
Sobre a montanha.  
Pairando, suspensa,  
Negra como um corvo,  
Numa nuvem carmesim.  
Suavemente, os Sete  
Tombam como sombras,  
Estrelas-sombra, apagadas  
Pela luz do Sol despida de estrelas!  
Numa cascata flamejante,  
Sete estrelas tombam  
Negras sobre a Negra Estrela do Destino!*

Outros, que se tinham reunido no Campo das Estrelas para ler os presságios, aproximaram-se atraídos pela canção, silenciosos e encantados. Foi então que o barítono forte e sonoro de Riveda começou a entoar um cântico austero e ritmado, formando um contraponto de estranhas harmonias à melodia aguda entoada por Deoris.

*A montanha estremece!  
Trovões abalam o pôr do Sol,  
Trovões nocume!  
E os Sete Vigias Tombam em cascata,  
Cascatas de estrelas caindo  
Sobre a Estrela Negra!  
O Oceano estremece atormentado,  
As montanhas oscilam e desmoronam-se.  
A Estrela Negra jaz submersa  
E o Dia do Juízo morreu!*

Numa voz abafada, semelhante a campainhas, Deoris entoou o lamento:

*Sete estrelas caídas,  
Tombadas dos céus.  
Caídas da coroa do céu,  
Submersas no local onde tombou a Estrela Negra!  
Manoah o Misericordioso, Senhor da Luz,  
Ressuscitou os náufragos,  
A Estrela Negra baniu  
Pelos tempos sem fim,  
Até que se erga brilhante.  
Os Sete Bons Vigias  
Ergueu luminosos.  
Coroando a montanha,  
Muito acima da montanha da Estrela.  
Brilham os Sete Vigias,  
Os Sete Guardiães  
Da Terra e do Céu.*

A canção morreu na noite; ouviu-se o murmúrio de uma tênue brisa que logo se silenciou. As pessoas que se tinham juntado, alguns Acólitos e um ou dois Sacerdotes, soltaram sons de aprovação e voltaram a afastar-se falando em voz baixa.

Micon estava deitado, imóvel, com a mão ainda entre os dedos de Domaris. Rajasta estava perdido nos seus pensamentos, observando os dois a quem tanto amava e, para ele, era como se o resto do mundo não existisse.

Riveda inclinou a cabeça na direção de Deoris, as feições rudes e grosseiras suavizadas pelas sombras e pela luz das estrelas.

— Tens uma voz linda; quem me dera ter uma cantora como tu no Templo Cinzento! Talvez um dia possas lá ir cantar.

Deoris respondeu com um murmúrio bem-educado mas franziu a testa. Os homens da seita dos Hábitos Cinzentos recebiam muitas honras no Templo, mas as suas mulheres estavam rodeadas de um certo mistério. Obrigadas por estranhos votos secretos, eram objecto de escárnio e votadas ao ostracismo e as pessoas chamavam-lhes, depreciativamente, saji — embora Deoris desconhecasse o significado da palavra, esta tinha um som sinistro e horrível. Muitas das mulheres dos Hábitos Cinzentos eram recrutadas entre o povo e algumas eram filhas de escravos; isso, em grande parte, explicava a razão pela qual eram mantidas à distância pelas esposas e pelas filhas da Casta dos Sacerdotes. A sugestão de que Deoris, filha do Administrador-Chefe Talkannon, pudesse escolher juntar-se às condenadas saji enfureceu de tal forma a criança, que ela nem se sentiu satisfeita pelos elogios de Riveda à sua voz.

Contudo, o Adepto limitou-se a sorrir. O seu encanto fluiu e envolveu-a novamente e ele disse, suavemente:

— Como a tua irmã está demasiado cansada para me aconselhar, Deoris, talvez tu possas interpretar as estrelas para mim?

Deoris ficou muito corada e olhou para cima com grande concentração, tentando reunir os fragmentos dos poucos conhecimentos que tinha.

— Um homem poderoso — ou algo sob uma forma masculina ameaça... Uma função feminina qualquer através da força dos Guardiães. Um mal muito antigo — ou foi ressuscitado ou vai sê-lo... — Deteve-se, consciente de que os outros estavam a observá-

la. Envergonhada pelo seu atrevimento, Deoris baixou os olhos novamente; entrelaçou as mãos nervosamente no colo. — Mas isso não deve ter nada a ver convosco, Senhor Riveda — murmurou numa voz quase inaudível.

Rajasta soltou uma risada.

— Foste bastante bem, filha. Usa os conhecimentos que tens. Aprenderás mais, à medida que fores crescendo.

Por uma razão qualquer, a indulgência tolerante da voz de Rajasta aborreceu Riveda, que sentira algum espanto pela sensibilidade com a qual aquela criança ainda pouco culta interpretara um padrão suficientemente ominoso para ser difícil de interpretar mesmo por um vidente bem treinado. O fato de ela, sem dúvida, ter escutado as discussões dos outros relativamente aos presságios que rodeavam Caratra não fazia grande diferença, e Riveda disse abruptamente:

— Rajasta, talvez tu possas...

Mas o Adepto não chegou a terminar a frase, pois a sombra da figura robusta e pesada do Acólito Arvath caíra sobre eles.

— Segundo reza a história — disse Arvath alegremente — o Profeta da Montanha da Estrela ensinou no Templo perante os Guardiães quando ainda não tinha completado doze anos; por isso podem muito bem escutar o mais jovem de entre vós. — O jovem Acólito parecia estar bem disposto ao fazer uma vênia formal a Rajasta e a Micon. — Filhos do Sol, estamos honrados com a vossa presença. E com a vossa, Senhor Riveda — virou-se para puxar um dos caracóis de Deoris. — Agora queres ser profetisa, Gatinha? — Virou-se para a outra moça dizendo — eras tu quem estava a cantar, Domaris?

— Era a Deoris — disse Domaris bruscamente, irritada. Será que nunca se veria livre da vigilância de Arvath?

Arvath franziu a testa ao ver que Micon estava praticamente nos braços de Domaris. Domaris era dele! Micon era um intruso e não tinha qualquer direito de se intrometer entre um homem e a sua prometida!

Os ciúmes de Arvath impediam-no de pensar com muita clareza e cerrou os punhos, furioso, com desejo reprimido e a sensação de injustiça. Vou ensinar este estrangeiro presunçoso a ter maneiras!

Arvath sentou-se ao lado deles e, com um movimento decidido, pôs o braço em torno da cintura de Domaris. Pelo menos podia mostrar àquele intruso que andava por caminhos proibidos! Num tom de voz perfeitamente audível mas que suave íntimo e suave, perguntou-lhe:

— Esperaste muito tempo por mim?

Meio sobressaltada, meio indignada, Domaris ficou a olhar para ele. Era demasiado bem-educada para fazer uma cena; o seu primeiro impulso, empurrá-lo para longe dela, morreu à nascença. Manteve-se imóvel e em silêncio: estava habituada às carícias de Arvath, mas aquelas tinham um carácter de imposição e ciúme que a consternavam. Aborrecido pela falta de reacção dela, Arvath agarrou-lhe nas mãos e afastou-as de Micon. Domaris susteve a respiração libertando-se rapidamente de ambos. Micon soltou um pequeno som interrogativo quando ela se pôs de pé.

Como se não tivesse reparado em nada daquilo, Rajasta interveio.

— Que te dizem a ti as estrelas, jovem Arvath?

O hábito de uma vida inteira de deferência imediata a um superior prevaleceu. Arvath inclinou a cabeça respeitosamente e disse:

— Ainda não cheguei a qualquer conclusão, Filho do Sol. A Senhora dos Céus não atingirá o Zênite absoluto antes da sexta hora e antes disso não é possível interpretar

corretamente.

Rajasta acenou em concordância.

— A prudência é uma grande virtude — disse ele benignamente mas com uma tal acentuação, que Arvath baixou os olhos.

Riveda, previsivelmente, soltou uma risada e a tensão abrandou, dissolvendo-se. Domaris voltou a sentar-se na relva, desta vez ao lado de Rajasta e o velho sacerdote pôs um braço paternal por cima dos seus ombros. Ele sabia que ela se sentira muito perturbada — e não a culpava por isso, embora pensasse que ela deveria ter revelado mais tato na forma como lidara com ambos os homens. Mas a Domaris ainda é jovem... Demasiado jovem, pensou Rajasta quase com desespero, para se tornar o centro de um conflito destes!

Arvath, por seu lado, começou a pensar com mais clareza e descontraíu-se. Afinal de contas não vira nada que justificasse os seus ciúmes e certamente que Rajasta não permitiria que a sua Acólita agisse de forma contrária aos costumes dos Doze. Arvath confortou-se a si próprio desta forma, esquecendo convenientemente todos os costumes exceto aqueles que ele próprio desejava ver acatados.

Mas a maior influência no alívio da ira de Arvath tinha sido, talvez, o fato de ele gostar bastante de Micon. Eram, ainda por cima, patrícios. Em breve os dois já estavam mergulhados numa conversa descontraída e amigável, embora Micon, muito sensível ao estado de espírito de Arvath, a princípio reagisse com alguma reserva.

Domaris, que deixara de lhes prestar atenção, fugiu do conflito interior dedicando-se inteiramente ao cumprimento dos seus deveres. Com os olhos fixos nas estrelas, o espírito profundamente concentrado na meditação, estudou os portentos da noite.

Gradualmente, o Campo das Estrelas foi ficando mais calmo. Um a um, os pequenos grupos que reuniam os observadores das estrelas ficaram em silêncio. Só se ouviam, ocasionalmente, palavras soltas, curiosamente etéreas, vindas de um grupo de jovens sacerdotes especialmente ativos, reunidos a um canto distante do prado. Uma brisa fraca agitava as ervas, os mantos e os cabelos longos e depois tudo ficou novamente calmo. Uma nuvem atravessou a estrela que pairava próxima de Caratra; algures uma criança chorou e foi acalmada. Muito abaixo deles, uma luz vermelha e taciturna tremeluzia no local onde tinham sido ateadas fogueiras, junto ao paredão marinho, para avisar os barcos da existência de rochedos.

Deoris adormecera sobre a relva com a cabeça nos joelhos de Riveda e com o longo manto do Adepto a aconchegar-lhe os ombros.

Arvath, tal como Domaris, estudava os presságios das estrelas mergulhado no transe meditativo. Micon, por trás dos olhos cegos, estava entregue aos seus próprios pensamentos silenciosos. Rajasta, por uma qualquer razão desconhecida até dele próprio, deu por si a não conseguir desviar os olhos de Riveda: perfeitamente imóvel, com a cabeça angulosa e as costas austeramente erectas, destacando-se numa escuridão mais profunda que a própria escuridão contra a luz das estrelas, Riveda ficou sentado, imóvel, sonhando acordado hora após hora. Aquela visão hipnotizava Rajasta. As estrelas pareciam aumentar e diminuir o brilho, alternadamente, por trás do Adepto. Por instantes, o passado, presente e futuro fundiram-se e tornaram-se num único para o Sacerdote da Luz. Viu o rosto de Riveda, mais magro e mais macilento, com os lábios cerrados numa atitude de severa determinação. As estrelas tinham desaparecido por completo, mas um brilho vermelho-amarelado dançava e girava em torno do Adepto, como se este estivesse cercado por tiras de gaze batidas pelo vento.

Súbita e brilhantemente, uma terrível aura de fogo cercou a cabeça de Riveda. O

dorje! Rajasta sobressaltou-se e, com um estremecimento que foi, simultaneamente, interior e exterior, aquilo que verdadeiramente o cercava recuperou a sua forma. Devo ter adormecido, disse para consigo próprio, abalado.

Aquilo não pode ter sido uma verdadeira visão! E no entanto, a cada pestanejar dos olhos do Sacerdote da Luz, uma imagem terrível persistia, até que Rajasta, com um pequeno gemido, virou a cara.

O vento soprava através do silencioso Campo das Estrelas, fazendo com que a transpiração que cobria a testa do Sacerdote da Luz se transformasse em gotas geladas enquanto Rajasta vagueava entre um horror indizível e persistente e o pensamento racional. Os momentos que passaram até que Rajastafosse capaz de se acalmar foram, talvez, os piores da sua vida, momentos que pareceram uma interminável prisão no tempo.

O Sacerdote da Luz sentou-se, curvado sobre si próprio, ainda incapaz de olhar na direção de Riveda, tal era o seu temor. Só pode ter sido um pesadelo, disse Rajasta a si próprio sem grande convicção. Mas... E se não foi? Rajasta voltou a estremecer com aquela idéia e depois recuperou o controlo de si próprio, obrigando a sua inteligência penetrante a examinar o impensável.

Tenho de conversar com Riveda acerca disto, decidiu Rajasta, contra vontade. Tenho de fazê-lo.' Se não foi um sonho, então foi um aviso... De um grande perigo para ele. Rajasta não sabia que progressos fizera Riveda nas suas investigações, mas talvez... Talvez o Adepto tivesse chegado tão perto da seita dos Hábitos Negros que eles tivessem tentado deixar nele a sua marca infernal, protegendo-se assim da sua descoberta. Só pode ser isso, reconfortou-se Rajasta, e tremeu desconsoladamente. Que os Deuses e os espíritos nos protejam a todos!

Com olhos cansados e insones, Domaris viu o Sol nascer, um brinquedo dourado num mar de nuvens rosadas. A madrugada avermelhou-se lentamente sobre o Campo das Estrelas; a luzpálida e impiedosa brilhava, insensível e reveladora, sobre os rostos de quantos ali dormiam.

Deoris estava deitada e muito quieta, a respiração regular, quase ressonando; o manto de Riveda mantinha-se aconchegado em torno da moça, embora o próprio Riveda tivesse partido horas antes. Arvath dormia de braços e pernas abertas sobre a relva, como se o sono o tivesse assaltado como um ladrão a coberto da noite. Domaris apercebeu-se do quanto ele se parecia com um rapazinho pequeno e robusto — o cabelo escuro caía-lhe para a testa húmida, as faces reluzindo com o sono pesado e saudável dos homens muito novos. Depois os olhos dela voltaram-se para Micon, que também dormia, com a cabeça sobre os seus joelhos, as mãos entre as dela.

Depois de Rajasta se ter retirado, apressando-se a seguir Riveda com o rosto pálido e uma expressão abalada, ela voltara para o lado de Micon, sem se importar com o que Arvath pudesse dizer ou pensar. Durante toda a noite Domaris sentira as mãos magras e aleijadas do homem da Atlântida estremecerem, como se mesmo durante o sono permanecesse um resíduo irreduzível de dor. Por uma ou duas vezes, o rosto de Micon parecera-lhe tão fraco e pálido à luz cinzenta e fantasmagórica da madrugada que Domaris se inclinara para escutar a sua respiração e se assegurar de que ainda vivia. Depois, suspendendo a sua própria respiração, ouvia um ligeiro suspiro e sentia-se simultaneamente aliviada e aterrorizada — o despertar só poderia trazer mais dor ao homem que começava a adorar.

Durante os momentos mais escuros da noite, Domaris dera por si quase a desejar que Micon pudesse afastar-se silenciosamente para a paz que tanto desejava... E aqueles pensamentos tinham-na assustado de tal forma que mal fora capaz de controlar o impulso



que sentira de o tomar nos seus braços e, apenas através da força do seu amor, fazê-lo recuperar toda a sua vitalidade. Como posso eu estar tão cheia de vida quando Micon está tão fraco? Porquê, perguntou-se ela, rebelde, está ele a morrer... E o diabo que lhe fez tudo isto continua à solta, seguro da sua própria vida sem valor?

Como se os pensamentos dela tivessem perturbado o seu sono, Micon mexeu-se, murmurando numa língua que Domaris não compreendia. Depois, com um longo suspiro, os olhos cegos abriram-se e o homem da Atlântida sentou-se lentamente, estendendo a mão com curiosidade e recolhendo-a, surpreendido, quando esta tocou no vestido dela.

— Sou eu, Micon.... Domaris — disse ela rapidamente, chamando-o, pela primeira vez, pelo nome.

— Domaris... Já me lembro. Adormeci?

— Durante horas. Já é de madrugada.

Ele riu-se, pouco à vontade, mas com a alegria interior que parecia nunca o abandonar.

— Que má sentinela eu daria hoje em dia! É assim que se mantém uma vigília?

A forma como ela se riu de imediato, baixo e suavemente, pô-lo à vontade.

— Toda a gente dorme depois do meio da noite. Tu e eu somos, provavelmente, os únicos acordados. Ainda é muito cedo.

Quando ele voltou a falar foi num tom mais baixo, como se temesse acordar aqueles que dormiam e a quem ela se referira de forma tão oblíqua.

— O céu está vermelho?

Ela olhou para ele, espantada.

— Sim. Vermelho-vivo.

— Era o que eu pensava — disse Micon, acenando com a cabeça. — Os filhos de Ahtarrath são todos homens do mar; o tempo e as tempestades estão no nosso sangue. Pelo menos isso não perdi.

— Tempestades? — Repetiu Domaris olhando, duvidosa, para as nuvens distantes e pacíficas.

Micon encolheu os ombros.

— Talvez tenhamos sorte e a tempestade não nos atinja — disse ele — mas anda no ar. Sinto-a.

Ficaram ambos novamente em silêncio, Domaris sentindo-se subitamente tímida e comprometida pelos seus pensamentos nocturnos e Micon pensando, Então dormi ao lado dela a noite inteira... Em Ahtarrath isso equivaleria praticamente a um compromisso. Sorriu. Talvez isso explique o mau feitio de Arvath, a noite passada... No entanto, no final, ficámos todos em paz. Ela emana paz, como uma flor liberta o seu perfume.

Domaris recordara-se entretanto de Deoris, que ainda dormia perto deles, aquecida pelo manto de Riveda.

— A minha irmãzinha dormiu a noite toda aqui na relva — disse. — Tenho de acordá-la e mandá-la para a cama.

Micon deu uma pequena gargalhada.

— Isso parece-me um exercício bastante inútil — comentou. — Tu não dormiste nada.

Não era uma pergunta e Domaris não tentou responder. Perante o seu rosto luminoso ela curvou a cabeça, esquecendo que a luz da manhã não a poderia trair a um homem cego. Soltando suavemente os seus dedos dos dele, limitou-se a dizer:

— Tenho de acordar a Deoris.

Nos seus sonhos, Deoris vagueava por uma série de cavernas sem fim, seguindo os

relâmpagos de luz tremeluzente que saíam de um bastão de forma estranha que um homem encapuzado e envolto num manto segurava na mão. Por uma qualquer razão, ela não sentia medo nem frio, embora soubesse, de uma forma estranhamente alheia aos seus sentidos, que as paredes e o chão daquelas cavernas eram úmidos e gelados....

De um qualquer ponto próximo de si, uma voz familiar mas que não reconheceu imediatamente, chamava o seu nome. Saiu lentamente do sonho, aninhada nas dobras do manto cinzento.

— Não — murmurou ensonada, pondo os dedos sobre o rosto. Com uma gargalhada terna, Domaris abanou os ombros da criança.

— Acorda, sua dorminhoca!

Os olhos meio abertos, ainda escurecidos pelo sonho, abriram-se como violetas confusas; pequenos dedos cobriram um bocejo.

— Oh, Domaris, eu queria ficar acordada — murmurou Deoris e pôs-se de pé, imediatamente desperta, deixando cair o manto que tinha nos ombros. Baixou-se para o apanhar, mantendo-o à distância com o braço esticado, olhando-o com curiosidade.

— Que é isto? Isto não é meu! Domaris tirou-lhe o manto das mãos.

— É do Senhor Riveda. Adormeceste no colo dele como um bebê!

Deoris franziu a testa e ficou com um ar amuado. Domaris provocou-a:

— Ele deixou-o, sem dúvida, para ter a certeza de que volta a ver-te! Deoris! Já encontraste o teu primeiro namorado e ainda és tão nova?

Deoris bateu com o pé no chão, fazendo beicinho.

— Porque és tão má?

— Olha, pensei que isso te agradaria — disse Domaris e lançou alegremente a capa por cima dos ombros nus da menina.

Deoris voltou a tirá-la, zangada.

— Tu és... Horrenda! — Gritou e correu pelo monte abaixo em busca do refúgio da sua própria cama onde chorou até voltar a adormecer.

Domaris fez menção de a seguir e depois parou. Naquela manhã sentia-se demasiado cansada para lidar com as birras da irmã.

O manto do Hábito Cinzento, áspero contra a pele do seu braço, fazia com que ela ainda se sentisse mais confusa e apreensiva.

Falara alegremente para brincar com a moça, mas agora dava por si a pensar naquilo que dissera. Era impensável que o interesse do Adepto em Deoris fosse de natureza pessoal... A criança ainda nem tinha catorze anos! Com um estremecimento de repulsa, Domaris afastou aqueles pensamentos considerando que não eram dignos de si e virou-se para Micon.

Os outros estavam a despertar, a levantar-se, reunindo-se em pequenos grupos para assistir ao que restava do nascer do Sol.

Arvath aproximou-se e passou um braço pela sua cintura; ela suportou o gesto distraidamente. Os seus olhos cinzentos e calmos demoraram-se friamente no rosto do jovem Sacerdote.

Arvath sentiu-se magoado e confuso. Domaris mudara tanto desde... Sim, desde que Micon entrara nas suas vidas! Suspirou desejando conseguir odiar Micon e retirou o braço da cintura de Domaris, sabendo que ela não se apercebera disso assim como não se tinha apercebido de quando ele lá o pusera.

Rajasta vinha a subir pelo caminho, uma figura branca ligeiramente avermelhada pelo Sol da manhã. Ao chegar junto deles deteve-se para apanhar da relva o manto branco de Micon.

Era um pequeno serviço, mas aqueles que o testemunharam ficaram a pensar naquilo bem como no tom acariciante e familiar da voz de Rajasta que, habitualmente, era severa.

— Conseguieste dormir? — Perguntou ele.

O sorriso de Micon era abençoado, quase beatífico.

— Como poucas vezes durmo, meu irmão.

Os olhos de Rajasta desviaram-se por instantes na direção de Domaris e de Arvath, mandando-os embora.

— Vão, meus filhos e descansem... Micon, vem comigo. Pegando no braço de Domaris, Arvath conduziu a moça pelo caminho. Quase demasiado cansada para se manter de pé, ela apoiou-se pesadamente no braço que ele lhe oferecia, depois virou-se e pousou momentaneamente a cabeça no seu peito.

— Estás muito cansada, minha irmã — disse Arvath, repreendendo-a e, depois protetor, conduziu-a pela colina abaixo, mantendo-a junto a si, a sua cabeça brilhante quase assente no ombro dele.

Rajasta ficou a observá-los com um suspiro. Depois, com a mão mal tocando no cotovelo de Micon, guiou o Iniciado discretamente pelo caminho do lado oposto que conduzia à praia. Micon seguia-o com passos firmes, como se não precisasse de qualquer ajuda de Rajasta; a expressão do homem da Atlântida era sonhadora e distante.

Caminharam em silêncio durante alguns minutos até que Rajasta falou sem interromper o ritmo lento dos seus passos.

— Ela é a mais rara das mulheres — disse —, nascida não para acasalar mas para ser uma camarada. Serás abençoado.

— Mas ela... Está amaldiçoada! — Disse Micon numa voz quase inaudível. Mais uma vez o sorriso estranho e retorcido lhe assomou aos lábios. — Eu amo-a, Rajasta. Amo-a demasiado para a magoar; e não posso dar-lhe nada! Nem votos, nem esperança de uma verdadeira felicidade, apenas mágoa e dor e, talvez, vergonha...

— Não sejas tolo — foi a resposta seca de Rajasta. — Esqueces os teus próprios ensinamentos. O amor, onde quer e quando quer que seja encontrado, ainda que dure apenas breves momentos, só pode trazer alegria — se não for frustrado! Isto é algo de maior que qualquer um de vós. Não interfiras no seu nem no teu próprio caminho!

Detiveram-se num pequeno montículo rochoso sobranceiro à praia. Lá em baixo, o mar sovava a areia, implacável, insistente. Micon pareceu olhar para o Sacerdote da Luz com os seus olhos cegos e Rajasta sentiu, naquele momento, que estava a olhar para um desconhecido, tão estranhamente transformada lhe pareceu a face do homem da Atlântida.

— Espero que tenhas razão — disse Micon por fim, continuando a olhar atentamente para o rosto que não podia ver.

## **LIVRO DOIS**

### **DOMARIS**

"Se um pergaminho trazer más notícias, a culpa será do pergaminho ou daquilo que é descrito no pergaminho? Se o pergaminho trazer boas notícias, de que forma difere do pergaminho que traz más notícias?"

Iniciamos a vida como uma página em branco — e, embora a escrita que gradualmente vai aparecendo na página não seja nossa, o nosso julgamento das coisas que

ali vão sendo escritas determina o que somos e aquilo em que nos tornaremos.

De forma semelhante, o nosso trabalho será avaliado pela utilização que outras pessoas dele farão... Assim, a questão que se põe é a seguinte: como poderemos controlar a sua utilização quando esta sai do nosso domínio e para as mãos de pessoas sobre as quais não temos controlo?

Os ensinamentos iniciais da Casta dos Sacerdotes mantêm que, ao realizarmos o nosso trabalho com a intenção e o desejo de que este sirva para melhorar o homem e o mundo, dotamo-lo com a nossa benção que reduzirá o desejo do utilizador de o usar para fins destrutivos. Sem dúvida que isso é verdade... Mas a redução não é prevenção".

— da introdução do Códice do Adepto Riveda

## **Capítulo Um**

### **Sacramentos**

Uma chuva pesada caía, com violência, sobre os telhados, os pátios e os jardins interiores do Templo; uma chuva que seenterrava, grossa, na terra sedenta, uma chuva que caía com ruídos musicais nos lagos e nas fontes, inundando os caminhos pavimentados com lajes e os relvados. Talvez devido à chuva, a biblioteca do Templo estava cheia de gente. Cada banco e cada mesa estavam ocupados, cada carteira tinha, debruçada sobre si, uma cabeça.

Domaris, parando à entrada da sala, procurou Micon com o olhar, pois este não se encontrava no recanto do costume.

Viam-se os mantos brancos dos Sacerdotes, os pesados capuzes cinzentos dos Magos, as faixas bordadas das Sacerdotisas e as cabeças descobertas dos aspirantes a sacerdote e dos escribas.

Por fim, com um pequeno estremecimento de prazer, viu Micon.

Estava sentado a uma mesa no canto mais distante, absorto numa conversa com Riveda, cujo manto cinzento e grosseiro e o rosto magro e duro contrastavam de forma curiosa com o rosto macilento e pálido do Iniciado. No entanto, Domaris sentiu que estava perante dois homens que eram, na realidade, muito parecidos.

Detendo-se novamente, quando se dirigia na direção deles, sentiu-se mais uma vez assolada pelo desagrado intenso e irracional que sentia relativamente a Riveda. Estremeceu ligeiramente. Aquele homem, parecido com Micon?

Riveda estava ligeiramente inclinado para a frente ouvindo atentamente; as feições morenas e o rosto cego do homem da Atlântida iluminaram-se com um sorriso. Qualquer observador casual teria jurado que não existia entre eles qualquer emoção para além da camaradagem — mas Domaris não conseguia livrar-se da sensação de estar em presença de duas forças semelhantes em poder, mas de pólos opostos, lutando uma contra a outra.

Foi o Hábito Cinzento quem primeiro se apercebeu de que ela se aproximava. Erguendo os olhos com um sorriso agradável, Riveda disse:

— A filha de Talkannon procura-te, Micon. — Para além disso, e como é evidente, não fez qualquer movimento nem prestou a mínima atenção à moça. Domaris era apenas uma Acólita e Riveda era um Adepto altamente colocado.

Micon pôs-se de pé com dificuldade e falou com deferência.

— Em que posso servir a Senhora Domaris?

Domaris, embaraçada por aquela violação pública das regras da etiqueta, manteve-se de olhos no chão. Na verdade, não era uma moça tímida, mas desagradava-lhe a atenção que a atitude de Micon atraía sobre si. Pensou se Riveda sentiria no seu íntimo desdém pela ignorância que Micon evidenciava pelas regras do Templo, A sua voz pouco mais era do que um murmúrio quando disse:

— Venho da parte da tua escriba, Senhor Micon. A Deoris está doente e hoje não pode vir.

— Lamento sabê-lo. — O sorriso irónico de Micon encheu-se de compaixão. — Filha-do-Sol, diz-lhe que não venha até se sentir completamente bem.

— Creio que a doença dela não é nada de sério – intrometeu-se Riveda, em tom casual mas lançando um olhar penetrante por baixo das pálpebras pesadas —, penso frequentemente que estas vigílias nocturnas, ao ar húmido, não fazem bem a ninguém. Domaris sentiu-se subitamente irritada. Aquele assunto não dizia respeito a Riveda! Até Micon se apercebeu da frieza da sua voz quando ela disse:

— Não é nada de grave. Nada de grave mesmo. Dentro de poucas horas estará recuperada. — Na realidade, embora Domaris não tivesse qualquer intenção de o referir, Deoris chorara até ficar com uma violenta dor de cabeça. Domaris sentia-se perturbada e culpada, pois fora ela que provocara a crise da sua irmã com os comentários provocadores que fizera naquela manhã sobre Riveda. Mais, ela pressentia que Deoris estava furiosamente ciumenta de Micon. Implorara uma e outra vez que Domaris não a deixasse para ir ter com Micon, pedindo-lhe que enviasse um escravo a comunicar-lhe a sua indisposição. Fora difícil para Domaris forçar-se a deixar a menina naquele estado lamentável e conseguira fazê-lo por fim recordando a si própria que Deoris não estava verdadeiramente doente, que fora ela própria que provocara a dor de cabeça com o choro e o desatino e que, se Deoris aprendesse de uma vez por todas que as birras e a histeria não eram uma forma de conseguir o que queria, deixaria de ter aqueles ataques — e aí deixaria também de ter aquelas terríveis dores de cabeça. Riveda levantou-se.

— Vou fazer-lhe uma visita — disse ele em tom definitivo.

— Muitas doenças graves começam com uma indisposição ligeira.

As suas palavras estavam longe de ser indelicadas, na realidade tinham a marca da cortesia impecável de um Sacerdote-Curandeiro, mas Riveda sentia-se secretamente divertido. Sabia que Domaris estava ressentida com ele. Não sentia qualquer malícia relativamente a ela, mas Deoris interessava-o e as tentativas que Domaris fazia para mantê-lo afastado da irmã pareciam-lhe manobras ridículas e sem sentido.

Não havia nada que Domaris pudesse dizer. Riveda era um Adepto altamente colocado, e se escolhia interessar-se por Deoris, não cabia a uma mera Acólita contradizê-lo. Severamente, recordou a si própria que Riveda tinha idade suficiente para ser seu avô e que era um Sacerdote-Curandeiro de grande competência e que, para além disso, era de uma austeridade pouco habitual até mesmo entre os Hábitos Cinzentos.

Os dois homens despediram-se cordialmente e, enquanto Riveda se afastava calmamente, ela sentiu o toque leve e hesitante de Micon no pulso.

— Senta-te ao meu lado, Coroada-de-Luz. A chuva tirou-me a vontade de estudar e sinto-me solitário.

— Tiveste uma companhia muitíssimo interessante – comentou Domaris com alguma acrimónia.

O sorriso irónico de Micon apareceu e desapareceu.

— É verdade. Mesmo assim, prefiro conversar contigo. Mas.. Talvez não seja conveniente neste momento? Ou será...Impróprio?

Domaris sorriu ligeiramente.



— Tu e Riveda estão tão acima na hierarquia do Templo que os Monitores não reprovaram a vossa ignorância das nossas restrições — murmurou ela lançando um olhar desconfortável aos escribas de rosto austero que guardavam os manuscritos —, mas eu, pelo menos, não posso falar em voz alta. — Não conseguiu impedir-se de acrescentar num murmúrio mais intenso — Riveda deveria ter-te avisado!

Micon, contrito, riu-se.

— Talvez ele esteja habituado a trabalhar em isolamento — arriscou baixando o tom de voz para o mesmo tom da moça. — Conheces este Templo... Onde podemos falar à vontade?

A elevada estatura de Micon fazia com que Domaris se sentisse muito pequena, e as suas feições marcadas e retorcidas formavam um contraste estranho com a beleza delicada da moça. Quando saíram do edifício, olhares curiosos viraram-se para os seguir; Micon, inconsciente desse fato, sentiu-se mesmo assim afectado pela timidez de Domaris e não disse palavra enquanto percorriam o corredor.

Discretamente, com graciosidade, Domaris abrandou o passo adaptando-se ao ritmo dele e a mão de Micon apertou-se no seu braço. A moça afastou uma cortina e entraram para a antecâmara de um dos pátios interiores. Uma das paredes era inteiramente ocupada por uma grande janela, sobre a qual se fechavam persianas de madeira; a fragrância suave da chuva sobre a relva e das flores em botão atravessava a madeira e ouvia-se a música gotejante caindo no lago.

Domaris, que nunca antes partilhara aquele recanto habitualmente deserto, que era o seu preferido, nem mesmo com Deoris, disse a Micon:

— Venho aqui muitas vezes para estudar. Do outro lado do pátio vive um Sacerdote inválido que raramente sai dos seus aposentos, e esta câmara nunca é usada. Suponho que posso prometer-te que aqui ficaremos sozinhos —, sentou-se num banco junto da janela de forma a que ele pudesse sentar-se a seu lado.

Fez-se um longo silêncio- Lá fora, a chuva caía e pingava; o seu rasto húmido e fresco batia-lhes, ligeiro, nos rostos.

Micon tinha as mãos pousadas nos joelhos e a sugestão de um sorriso, que nunca abandonava os lábios vincados, apareceu e desapareceu como um relâmpago numa noite estival. Sentia-se satisfeito só por estar junto de Domaris, mas a moça estava irrequieta.

— Encontro um local onde podemos falar e estamos para aqui calados que nem patos mudos!

Micon virou-se para ela.

— E há uma coisa que tem de ser dita, Domaris! — Pronunciou o seu nome com uma tal intensidade e desejo que a respiração da moça ficou presa na garganta. Repetiu novamente o nome dela; nos seus lábios era uma carícia. — Domaris!

— Senhor Micon... Senhor Príncipe...

Uma súbita e inesperada ira surgiu na voz dele.

— Não me chames disso! — Ordenou. — Deixei tudo isso para trás! Tu sabes o meu nome!

Ela murmurou, como num sonho:

— Micon.

— Domaris, eu... Eu sou o teu humilde pretendente. — A sua voz soou estranhamente abafada e suplicante. — Eu... Amei-te desde que entraste na minha vida. Sei que pouco tenho para te oferecer, e apenas por pouco tempo. Mas... Mais doce das mulheres... — fez uma pausa como se reunisse forças e continuou com palavras hesitantes — Quem me dera que nos tivéssemos encontrado em dias mais felizes e que o nosso... O

nosso amor tivesse florescido, talvez, lentamente, até atingir a perfeição... — Mais uma vez se deteve e as suas feições morenas e intensas traíam uma emoção tão forte que Domaris não conseguiu suportá-la desviando o olhar e sentindo-se feliz, por uma vez, por ele não poder ver a sua expressão.

— Resta-me pouco tempo — disse ele. — Sei que, pelas leis do Templo, ainda és livre. É teu... Direito escolher um homem e dar-lhe um filho, se assim o desejares. O teu comprometimento com Arvath não é um impedimento formal. Quererias... Aceitas-me como teu amante? — A voz ressonante de Micon tremia agora sob o efeito da emoção. — É o meu destino, suponho, que logo eu, que tinha tudo, que comandava exércitos e recebia o tributo de famílias poderosas, tenha agora tão pouco para te oferecer — nem votos, nem esperança de felicidade, nada para além da enorme necessidade que tenho de ti...

Sonhadoramente, ela repetiu com lentidão:

— Amas-me?

Ele estendeu as mãos tateantes na sua direção; encontrou os dedos esguios e prendeu-os nos seus.

— Não conheço sequer as palavras para te descrever a imensidão do meu amor, Domaris. Apenas que... A vida é insuportável quando não estou perto de ti. O meu... Coração anseia pelo... Pelo som da tua voz, dos teus passos, pelo teu... Toque...

— Micon! — Murmurou ela ainda aturdida e incapaz de perceber completamente o que ele lhe dissera. — Amas-me mesmo?

— Ergueu o rosto olhando-o intensamente.

— O que tenho para dizer seria mais fácil se pudesse ver a tua expressão — murmurou ele e com um movimento que desconcertou a moça, ajoelhou-se aos seus pés agarrando-lhe as mãos, pressionando-as contra o seu rosto. Beijou-lhe os dedos delicados e disse-lhe, meio sufocado — Amo-te demasiado para uma só vida, demasiado para... É imensa a tua doçura, Domaris. Não queria que mais nenhuma mulher concebesse o meu filho, mas Domaris, Domaris, poderás imaginar sequer quanto te peço?

Com um movimento rápido, Domaris inclinou-se para a frente e puxou-o para si abraçando a sua cabeça contra os seios jovens.

— Só sei que te amo — disse-lhe. — É este o teu lugar. — E os seus longos cabelos ruivos cobriram ambos quando as suas bocas se encontraram, pronunciando o nome verdadeiro do amor.

A chuva parara embora o céu continuasse cinzento e coberto de espessas nuvens. Deoris, deitada no divã no quarto que partilhava com a irmã, deixava que a criada lhe escovasse o cabelo. Por cima da sua cabeça, o passarinho vermelho que Domaris lhe dera de presente piava e chilreava num alegre abandono. Deoris escutava o pássaro e cantarolava baixinho enquanto a escova lhe percorria, calmante, a cabeleira e no exterior a brisa fazia estremecer os cortinados e as folhas das árvores do pátio. O interior do quarto estava iluminado com uma luz fraca que se reflectia no brilho das madeiras escuras e cintilava nas cortinas de seda e nos ornamentos de prata polida, turquesa e jade. Naquele luxo moderado, conferido a Domaris enquanto Acólita e filha de um Sacerdote, Deoris aninhava-se como uma gatinha, tentando esquecer a ligeira sensação de constrangimento e culpa. Os escribas e neófitos estavam restringidos a ambientes severos e austeros e a Domaris, na idade dela, não tinham sido permitidos tais confortos. Deoris gostava daquele luxo, e ninguém lho proibira mas, subconscientemente, sentia-se secretamente envergonhada.

Contorceu-se afastando-se das mãos da escrava.

— Pronto, já chega, ou ainda fazes com que a cabeça me doa novamente — disse ela asperamente. — Além disso estou a ouvir a minha irmã a chegar. — Pôs-se em pé de um salto e correu para a porta mas ao ver Domaris, a saudação entusiasta morreu-lhe nos lábios.

No entanto, a voz da irmã soou com perfeita naturalidade quando ela falou,

— Então, a tua dor de cabeça está melhor, Deoris? Pensei que ia encontrar-te ainda na cama.

Deoris olhou desconfiada para Domaris pensando, Devo estar a imaginar coisas. Em voz alta disse:

— Dormi a maior parte da tarde. Quando acordei já me sentia melhor. — Ficou em silêncio enquanto a irmã entrava no quarto e depois continuou. — O Senhor Riveda...

Domaris interrompeu-a com um gesto impaciente.

— Sim, sim, ele disse-me que viria visitar-te para ver como estavas. Podes contar-me noutra altura, não podes?

Deoris pestanejou.

— Porquê? Estás com pressa? É a tua vez de servires no Templo durante a noite?

Domaris abanou a cabeça e depois estendeu a mão para acariciar ligeiramente os caracóis da irmã.

— Fico muito satisfeita por estares melhor — disse ela em tom mais bondoso. — Chama a Elara para vir aqui, está bem, querida?

A pequena mulher entrou no quarto e, eficientemente, despojou Domaris das suas vestes. Domaris atirou-se então para cima de uma pilha de almofadas e Deoris ajoelhou-se ansiosa, a seu lado.

— Irmã, passa-se alguma coisa?

Domaris respondeu-lhe com um — "Não" — distraído e depois, com uma decisão súbita e sonhadora:

— Não, não se passa nada de errado... Nem se passará. — Rolou sobre si própria e olhou, sorrindo, para os olhos de Deoris e, impulsivamente, começou a dizer: — Deoris... — Mas deteve-se tão subitamente como falara.

— Que se passa, Domaris? — Insistiu Deoris, sentindo novamente o mesmo inexplicável pânico interior que sentira quando a irmã entrara poucos momentos antes.

— Deoris... Irmãzinha... Vou ter com A Gentil —, abruptamente, pegou na mão de Deoris e continuou. — Irmã... Vens comigo?

Deoris limitou-se a olhar para ela de boca aberta. A Gentil, a Deusa Caratra... O seu santuário só era procurado para rituais específicos ou em momentos de crise mental aguda.

— Não percebo — disse Deoris lentamente. — Porquê... Porquê? — Estendeu subitamente a outra mão por forma a prender a de Domaris entre as suas. — Domaris, que se passa contigo?!

Confusa e exaltada, Domaris não conseguiu obrigar-se a falar.

Nunca duvidara da resposta que daria a Micon — ele proibira-a de decidir imediatamente — no entanto havia algo no seu coração que a perturbava e pedia conforto e, por uma vez, ela não podia contar com Deoris pois, apesar de serem muito íntimas, Deoris não passava de uma criança.

Deoris, que nunca conhecera outra mãe senão Domaris, sentiu intensamente a nova distância que se criava entre as duas e exclamou, numa voz simultaneamente aguda e estrangulada:

— Domaris!

— Oh, Deoris — disse Domaris, libertando a mão com algum enfado —, por favor

não me faças perguntas! — Depois, não querendo aumentar a distância entre as duas, apressou-se a acrescentar com meiguice. — E... Vens comigo? Por favor?

— É claro que vou — murmurou Deoris através do nó estranho que lhe apertava a garganta.

Domaris sorriu e sentou-se. Abraçando Deoris, deu-lhe um beijinho rápido e estava prestes a afastar-se, mas Deoris abraçou-a com força como se, com a amarga intuição dos muito novos, tivesse pressentido que Micon não havia muito tempo estivera no colo da irmã e quisesse afastar a memória da sua presença. Domaris afagou os caracóis sedosos sentindo novamente vontade de fazer confidências à irmã. Mas as palavras não surgiram.

O Santuário de Caratra, a Mãe Gentil, ficava longe. Entre ele e a Casa dos Doze estendia-se praticamente todo o recinto do Templo, um percurso longo feito sob as árvores húmidas e em flor. No ar fresco do crepúsculo o odor das rosas e da verbena pairava, pesado, na atmosfera húmida e sombria. As duas irmãs caminhavam em silêncio: uma concentrada na sua missão, a outra, excepcionalmente, por não conseguir falar.

O Santuário brilhava, alvo, no extremo mais distante de um lago oval de águas límpidas, brilhantes e cristalinas, de um azul etéreo, sob a abóbada celeste dos céus que clareavam. À medida que se aproximavam, o Sol emergiu por breves instantes por detrás de um edifício antes de mergulhar no Ocidente, iluminando as paredes de alabastro do santuário. Um odor pungente a incenso chegou até elas por sobre as águas; luzes intermitentes chamavam-nas do Santuário.

Reparando que Deoris começara a arrastar os pés no último troço do percurso, Domaris sentou-se subitamente na relva que ficava de um dos lados do caminho. Deoris juntou-se-lhe imediatamente. De mão dada, descansaram um pouco, olhando para as águas imóveis do lago sagrado.

A beleza e o mistério da vida e da recriação estavam consubstanciados ali, na Deusa que era Primavera, Mãe e Mulher, o símbolo da força suave que é a Terra. Para se aproximarem do Santuário de Caratra, teriam de atravessar o lago com água pelo peito; aquele rito sagrado e purificante era executado pelo menos uma vez na vida de cada mulher do Templo, embora apenas as mulheres da Casta dos Sacerdotes e as Acólitas conhecessem o significado mais profundo do ritual: era daquela forma que todas as mulheres atingiam a maturidade, debatendo-se contra marés adversas, mais profundas que as águas, mais pesadas e mais difíceis de ultrapassar. Com orgulho ou maturidade, com alegria ou tristeza, com relutância infantil ou adulta, em êxtase ou rebelião, um dia todas as mulheres passavam por ali.

Domaris estremeceu enquanto olhava para as águas pálidas, assustada pelo seu simbolismo. Sendo uma das Acólitas, fora iniciada naquele mistério e compreendia-o. E, no entanto, retraía-se temerosa. Pensou em Micon e no amor que sentia por ele, tentando reunir coragem para entrar na água, mas uma espécie de temor profético abateu-se sobre ela. Agarrou-se momentaneamente a Deoris, numa muda súplica de conforto.

Deoris apercebeu-se disso, no entanto amou e desviou o olhar da irmã. Sentia-se como se o seu mundo estivesse virado de pernas para o ar. Não queria saber aquilo que Domaris enfrentava. E ali, perante o mais antigo e o mais sagrado dos santuários da Casta dos Sacerdotes no seio da qual ambas tinham nascido, também ela sentiu medo. Era como se aquelas águas fossem arrastá-la também a ela para a corrente da vida, como faziam com qualquer mulher...

Disse melancolicamente:

— É cruel, como toda a vida é cruel! Quem me dera não ter nascido mulher — disse a si própria que estava a ser egoísta e a agir erradamente obrigando Domaris a

concentrar-se nela, ao procurar conforto para si própria, quando era Domaris que estava perante aquele teste e, para ela, o momento ainda estava distante, no futuro. No entanto, disse:

— Porquê Domaris? Porquê?

Domaris não soube como responder e limitou-se a abraçar Deoris com força por alguns instantes. Depois recuperou toda a sua confiança. Era uma mulher, profundamente apaixonada e com o coração cheio de alegria.

— Não vais sentir-te sempre assim, Deoris — prometeu. Deixando cair os braços disse lentamente. — Agora irei até ao santuário. Quererás fazer o resto do caminho comigo, irmãzinha?

Momentaneamente, Deoris não sentiu grande relutância. Já uma vez entrara no Santuário por detrás do lago, quando se submetera aos ritos sagrados porque passavam todas as meninas do Templo quando, no início da puberdade, serviam pela primeira vez na Casa da Grande Mãe. Nessa altura não sentira nada exceto nervosismo e solenidade ritual.

Agora, contudo, quando Domaris se ergueu da relva, o pânico apertou as suas mãos geladas em torno da garganta de Deoris.

Se fosse com Domaris, de livre vontade, sentia que seria apanhada e encurralada, entregando-se cegamente à violência da natureza. Uma rebelião assustada transpareceu na sua recusa.

— Não... Não quero!

— Nem mesmo... Se eu to pedir? — Domaris parecia magoada e estava magoada. Queria que Deoris percebesse e partilhasse com ela aquele momento que marcava a sua vida.

Deoris abanou novamente a cabeça escondendo o rosto nas mãos.

Assolou-a um desejo perverso de provocar dor: Domaris deixara-a sozinha — agora era a vez dela.

Surpreendendo-se a si própria, Domaris deu por si a fazer mais um apelo.

— Deoris, irmãzinha, por favor, quero-te comigo. Não vens?

Deoris não descobriu o rosto e as suas palavras, quando surgiram, eram quase inaudíveis e continuavam a ser negativas.

Domaris tirou abruptamente a mão do ombro da irmã.

— Desculpa Deoris. Não tinha o direito de te pedir. — Deoris teria feito qualquer coisa para poder retirar o que dissera mas já era demasiado tarde. Domaris afastou-se alguns passos e Deoris manteve-se imóvel, comprimindo as faces febris contra a relva fria, chorando silenciosa e amargamente.

Domaris, sem olhar para trás, desapertou o manto deixando-o cair aos pés e soltou o cabelo até este lhe cobrir o corpo numa cascata sedosa. Passou os dedos pelas tranças espessas e um arrepio percorreu-lhe o corpo jovem da cabeça aos pés: Micon ama-me! Pela primeira e única vez na sua vida Domaris sentiu que era bela e deleitou-se com a consciência dessa beleza — embora sentisse uma certa tristeza por saber que Micon nunca a veria nem conheceria.

Aquele estranho êxtase durou apenas alguns instantes. Domaris prendeu o cabelo comprido em volta do pescoço e entrou no lago até ficar submersa até ao peito nas águas brilhantes, quentes e borbulhantes que, estranhamente, não pareciam águas mas sim algo de vivo e efervescente... Azuis e com reflexos violeta, as águas brilhavam e tremeluziam em padrões suaves em torno do seu corpo e ela sentiu-se novamente assolada por um êxtase sufocante, como se, por momentos, estas se tivessem fechado sobre a sua cabeça. Depois voltou a endireitar-se com a água a escorrer em gotas borbulhantes e perfumadas



dos seus ombros e cabeça reluzentes. Continuando a avançar na direção do Santuário e sentindo o seu chamamento, pareceu-lhe que as águas levavam, gota a gota, todo o seu passado com as suas pequenas irritações e egoísmo. Preenchida e inundada por uma sensação de força infinita, Domaris teve consciência – como nunca acontecera nas visitas que anteriormente fizera ao Santuário de Caratra — de que, sendo humana, era divina.

Saiu da água com uma sensação quase pesarosa e fez uma pausa antes de entrar no Templo. Solenemente e com uma concentração sóbria e total, a jovem Sacerdotisa envergou as vestes sacramentais guardadas na antecâmara, tendo o cuidado de não pensar na próxima vez em que ali se banharia...

Ao entrar no Santuário deteve-se reverentemente perante o altar e atou a faixa nupcial em torno do corpo. Depois, com os braços abertos, Domaris ajoelhou-se com a cabeça atirada para trás numa atitude de humildade fervorosa. Queria orar mas as palavras não surgiam.

— Mãe, deusa amada — murmurou finalmente — não permitas que eu falhe...

Uma sensação de calor pareceu envolvê-la. Os olhos cheios de compaixão da imagem sagrada pareceram sorrir-lhe, os olhos da mãe que Domaris quase não conseguia recordar. Ficou ajoelhada por muito tempo, completamente imóvel e concentrada, numa quietude expectante enquanto visões turvas, estranhas e suaves lhe surgiam no espírito; visões indefinidas e sem sentido, mas que a enchiam de uma calma e de uma paz que nunca conhecera e que nunca mais perderia totalmente.

O Sol pusera-se e as estrelas já tinham alterado consideravelmente as suas posições no céu antes de Deoris, movendo-se finalmente, se aperceber de que era muito tarde, Domaris já teria regressado há horas se tencionasse fazê-lo.

O ressentimento foi dando gradualmente lugar à preocupação: Domaris esquecera-a novamente! Infeliz e petulante, Deoris regressou sozinha à Casa dos Doze onde descobriu que Elara sabia tanto como ela ou que, pelo menos, a mulher se recusava a discutir com Deoris os assuntos da patroa. Esse fato não contribuiu para a acalmar e a aspereza das suas reações e as perguntas irritadas em breve reduziram a habitualmente paciente Elara a lágrimas silenciosas e exasperadas.

Os servos e vários dos vizinhos já se sentiam tão miseráveis como Deoris quando Elis apareceu finalmente em busca de Domaris e, na sua inocência, fez com que as coisas ficassem ainda pior quando perguntou pela prima.

— Como queres que eu saiba?! — Explodiu Deoris. — A Domaris já não me diz nada!

Elis tentou acalmar a moça furiosa, mas Deoris não lhe deu ouvidos e por fim Elis, que também tinha mau feitio, disse-lhe o que sentia.

— Bem, não percebo por que razão a Domaris deveria dizer-te o que quer que fosse. Os assuntos dela não te dizem respeito e, seja como for, és tão mimada que és absolutamente insuportável. Quem me dera que a Domaris caísse em si e te pusesse no teu lugar!

Deoris nem sequer chorou, mas deixou-se cair, totalmente chocada.

Elis, que já estava junto à porta, voltou para trás rapidamente e debruçou-se sobre ela.

— Deoris — disse contrita — desculpa, desculpa, eu não queria dizer o que disse... — Num gesto raro de afeição, pois Elis não era nada demonstrativa, pegou na mão de Deoris dizendo — sei que te sentes sozinha. Que não tens mais ninguém a não ser a Domaris. Mas a culpa é tua pois podias ter muitos amigos. — Gentilmente acrescentou — seja como for não devias ficar aqui sozinha a remoer. A Lissa tem saudades tuas. Vem

brincar com ela.

Deoris dirigiu-lhe um sorriso inseguro.

— Amanhã — disse ela. — Agora prefiro ficar sozinha.

As intuições de Elis eram por vezes quase clarividentes e, naquele momento, uma sensação imprecisa e inesperada, quase tão intensa como uma visão, fê-la largar a mão da prima.

— Não vou tentar convencer-te — disse. Depois acrescentou calmamente e numa voz neutra. — Mas lembra-te disto. Se Domaris não pertence a ninguém a não ser a ela própria, tu também és uma pessoa com direitos próprios. Boa noite, Gatinha.

Depois de Elis sair, Deoris ficou sentada a olhar para a porta. As palavras que ela dissera e que, de início, lhe tinham parecido tão simples, tinham-se tornado estranhamente crípticas e Deoris não conseguia compreender o seu significado. Por fim concluiu que aquele tinha sido mais um dos ataques de Elis e esqueceu o assunto.

## **Capítulo Dois**

### **O Idiota**

Os sacerdotes solteiros, acima de um certo grau, estavam alojados em dois dormitórios. Rajasta e Micon, e vários outros Sacerdotes de grau superior, residiam no mais pequeno e confortável dos dois. Riveda também poderia lá viver mas, por sua vontade, fosse por humildade ou por uma espécie de orgulho, o Adepto preferia continuar entre os Sacerdotes menos bem sucedidos.

Rajasta foi encontrá-lo a escrever num quarto que também servia de estúdio e que dava para um pequeno pátio interior. O aposento estava parcamente mobilado, sem vestígio de luz. O pátio era muito simples, pavimentado com tijoleira, sem flores, nem lagos, nem fontes. Dois quartos mais pequenos serviam de aposentos aos servos do Hábito Cinzento.

O dia estava quente e em todo o dormitório a maior parte das portas estavam escancaradas, permitindo alguma circulação do ar pesado. Foi isso que permitiu a Rajasta observar por largos instantes, sem ser observado, o Adepto concentrado.

O Sacerdote da Luz nunca tivera qualquer razão para desconfiar de Riveda — e, embora a visão do sinal do dorje ainda perturbasse Rajasta, a cortesia exigia que não voltasse a mencionar o aviso que fizera ao Adepto na noite do Zênite; fazê-lo teria constituído um insulto que trairia falta de confiança.

No entanto, Rajasta era Guardião do Templo da Luz e a sua responsabilidade não era pequena. Caso Riveda não conseguisse, por qualquer razão, controlar a sua Ordem, Rajasta seria igualmente responsável, pois segundo a interpretação estrita dos seus deveres, o Guardião deveria ter conseguido persuadir, ou até mesmo forçar, Micon a testemunhar sobre aquilo que passara às mãos dos Hábitos negros.

O assunto deveria ter sido levado à atenção do Conselho Superior.

Agora, ao pensar em tudo aquilo mais uma vez, Rajasta soltou um grande suspiro. É assim que até mesmo o melhor dos motivos nos enreda nas teias kármicas, pensou ele fatigado. Posso poupar Micon mas só a expensas próprias — aumentando assim o seu fardo e fortalecendo os laços que nos ligam ambos a este homem... Riveda, sentado muito direito à secretária — dizia frequentemente que não lhe

agradava ter um miúdo pateta como escriba, sempre atrás de si — escreveu mais uns quantos caracteres com os traços pesados e pontiagudos que tanto revelavam da sua personalidade e depois atirou bruscamente com o pincel.

— Então Rajasta? — O Adepto soltou uma risada ao ver o desconforto momentâneo do Sacerdote da Luz. — Uma visita amigável? Ou para satisfazer alguma das tuas necessidades?

— Digamos que ambas as coisas — respondeu Rajasta após uma hesitação.

O sorriso desapareceu do rosto de Riveda e este pôs-se de pé.

— Bem, vai directo ao assunto e talvez, depois, eu também tenha alguma coisa para te dizer. Os membros da minha Ordem estão inquietos. Dizem que os Guardiães são uns intrometidos. É claro que... — lançou um olhar penetrante a Rajasta. — A intromissão é a função dos Guardiães.

Rajasta cruzou as mãos atrás das costas. Apercebeu-se de que Riveda não o convidara a sentar-se nem, na verdade, a entrar. A omissão aborreceu-o e falou por isso com um pouco mais de agressividade do que fora a sua intenção inicial. Se Riveda tencionava ignorar qualquer simulacro de cortesia então a sua atitude para com o Adepto também seria ambivalente.

— Existe mais inquietação no recinto do Templo do que no interior da tua Ordem — avisou Rajasta. — A cada dia que passa os Sacerdotes ficam mais ressentidos. Crescem diariamente os rumores de que és um líder negligente que permitiu que a decadência e a degradação invadissem os rituais e que estes se transformaram numa coisa distorcida. As mulheres da tua ordem...

— Estava a apensar quando é que elas viriam à baila — interrompeu Riveda em voz baixa.

Rajasta franziu a testa e continuou:

— ... São usadas de formas que contrariam frequentemente as leis, até mesmo as leis da tua Ordem. É sabido que escondem Hábitos Negros entre vós...

Riveda ergueu a mão.

— Sou suspeito de bruxaria? O Guardião abanou a cabeça:

— Não fiz qualquer acusação. Só estou a repetir aquilo que se diz.

— Será que Rajasta, o Guardião, escuta o cacarejar do falatório dos portões? Essa não é a minha idéia de uma conversa agradável... Nem dos deveres de um Sacerdote! — Como Rajasta ficasse em silêncio, Riveda continuou com o estrondo do trovão a ressoar na voz grave. — Continua! Certamente que tens mais para dizer! Quem, senão os Hábitos Cinzentos, para trabalhar com a magia da natureza? Não fomos já acusados de dar cabo das colheitas? E então os meus Curandeiros, que são os únicos homens que se atrevem a entrar nas cidades quando estas apodrecem com a peste? Não foram já acusados de envenenar os poços?

Rajasta disse, fatigado:

— Não há fumaça sem fogo. Riveda soltou uma risada.

— Onde está então, Senhor Guardião, o fogo?

— Está no fato de não te preocupares com estas coisas — retorquiu Rajasta asperamente. — É tua a responsabilidade por todos esses homens. Aceita-a ou delega-a noutro que mantenha a Ordem sob olhar mais atento! Não os negligencies... — A voz de Rajasta ficou mais grave numa admoestação impressionante — ou a sua culpa moldará o teu destino! É tremenda a responsabilidade daquele que conduz outros homens. Providencia para que os chefes com sensatez.

Riveda, prestes a falar, deteve-se e engoliu em silêncio a reprimenda, olhando para a tijoleira do pavimento, mas os seus maxilares cerraram-se com insolência. Por fim

disse:

— Cuidarei disso, não temas.

No silêncio que se seguiu ouviu-se um assobio fraco e desafinado ao fundo do corredor. Riveda olhou de relance para a porta aberta mas a sua expressão quase não deixou transparecer o seu aborrecimento.

Rajasta tentou outra abordagem.

— E a tua investigação dos Hábitos Negros? Riveda encolheu os ombros.

— De momento todos os membros da minha Ordem conseguem dar boa conta de si... Com exceção de um.

Rajasta sobressaltou-se.

— Verdade? é esse...? Riveda abriu as mãos.

— Um enigma de muitas facetas. Veste o hábito do cheia mas ninguém o reivindica como discípulo nem ele nomeou o seu mestre. Eu nunca o vi e, no entanto, ali estava ele entre os outros. Quando o interroguei deu-me as respostas certas. Mas, sob todos os outros aspectos, parece-me um idiota.

— Será o irmão de Micon, talvez? — Sugeriu Rajasta. Riveda riu-se, zombeteiro.

— Um idiota? Impossível! É mais provável ser um escravo fugido.

Rajasta perguntou, usando o seu privilégio como Guardião do Templo:

— Que lhe fizeste?

— Por enquanto nada — respondeu Riveda lentamente. — Visto ele conseguir passar pelos nossos portões e conhecer os nossos rituais, tem direito a um lugar na nossa Ordem, ainda que o seu mestre seja desconhecido. Por agora tomei-o como meu discípulo. Embora o seu passado seja uma folha em branco e ele pareça não saber sequer o seu nome, tem momentos de sanidade. Penso que posso conseguir muita coisa com ele e para ele — Fez-se um curto silêncio. Rajasta nada disse, mas Riveda explodiu na defensiva. — Que mais poderia ter feito? Esquecer momentaneamente que os meus votos me obrigam a ajudar qualquer um que saiba retribuir os Sinais da minha Ordem e ter permitido que o rapaz se fosse embora para ser apedrejado e atormentado, apanhado e metido numa gaiola para ser exibido como louco para gáudio dos idiotas... Ou que o usassem para fins malignos?

Rajasta não desviou o olhar firme.

— Não te fiz qualquer acusação — recordou a Riveda. — É assunto teu. Mas se os Hábitos Negros mancharam a sua mente...

— Então cuidarei para que não o usem para fins malignos — prometeu Riveda sombriamente e o seu rosto relaxou um pouco.

— Ele não tem esperteza suficiente para o mal.

— A ignorância é pior que as más intenções — avisou Rajasta e Riveda suspirou.

— Vê com os teus próprios olhos, se quiseses — disse e dirigiu-se à porta aberta, falando em voz baixa com alguém que se encontrava no pátio. Passados momentos um rapaz entrou silenciosamente no quarto.

Era pequeno e magro e parecia muito novo mas um segundo olhar, mostrava que as feições, embora suaves como as de um rapaz, eram destituídas de pestanas bem como de barba. As sobrancelhas eram finíssimas, duas linhas muito tênues e, no entanto, tinha uma farta e negra cabeleira de largos caracóis que tinham sido aparados à altura dos ombros. Os olhos de um cinzento-claro fixaram-se em Rajasta, mas o olhar era desfocado como se o rapaz fosse cego. Estava muito bronzeado, embora uma palidez estranha lhe desse um aspecto doentio.

Rajasta estudou atentamente o rosto macilento, reparando no fato de o cheia manter uma postura erecta e rígida, com os braços afastados do corpo e as mãos caídas e cerradas como as de um recém-nascido. Movera-se com tal leveza e tão silenciosamente, que Rajasta pensou, meio a sério, se a criatura teria os pés almofadados como as patas de um gato.

Fez sinal ao cheia para que se aproximasse e perguntou-lhe bondosamente:

— Como te chamas, meu filho?

Os olhos inexpressivos animaram-se subitamente com um brilho doentio. Olhou em torno de si e recuou um passo, depois abriu uma ou duas vezes a boca. Finalmente, numa voz rouca — como se não estivesse habituado a falar — disse:

— O meu nome? Eu sou só... Um idiota.

— Quem és tu? — Insistiu Rajasta. — De onde és?

O cheia recuou mais um passo e os movimentos furtivos dos olhos doentios intensificaram-se. — Vejo que és um Sacerdote — disse manhosamente. — Não tens sabedoria que chegue para saber isso? Porque deverei atormentar o meu pobre cérebro para me recordar quando os Deuses Superiores o sabem e me ordenam que fique em silêncio, que cante em silêncio quando as estrelas brilham, que me deixe pairar num raio de luz... — As palavras foram-se transformando numa lengalenga.

Rajasta ficou a olhar para ele, assombrado.

Riveda fez um sinal ao cheia mandando-o embora.

— Já chega — disse. E, enquanto o rapaz se esgueirava da sala como um espectro murmurante, o Adepto acrescentou numa explicação para Rajasta. — As perguntas excitam-no sempre... É como se lhe tivessem feito perguntas até ele se ter... Recolhido.

Rajasta, reencontrando o uso da língua, exclamou:

— Ele é doido varrido! — Riveda deu uma risada seca.

— Lamento. Ele tem intervalos de razoável lucidez em que consegue falar racionalmente. Mas se o questionamos... Mergulha na loucura. Se conseguirmos evitar fazer-lhe perguntas...

— Gostava que me tivesses avisado disso — disse Rajasta genuinamente perturbado. — Disseste que ele reagia apropriadamente...

Riveda encolheu os ombros.

— Os nossos Sinais e contra-Sinais não são em forma de pergunta — comentou. — Pelo menos ele não poderá divulgar nenhum dos nossos segredos! Não tens nenhum segredo no Templo da Luz, Rajasta?

-Os nossos segredos são acessíveis a todos aqueles que os procurarem desvendar com sinceridade.

Os olhos frios de Riveda brilharam com aquela ofensa.

— Como os nossos segredos são mais perigosos, guardamo-los com mais cuidado. Os segredos inofensivos do Templo da Luz, as vossas belas cerimônias e rituais... Nenhum homem seria capaz de prejudicar quem quer que fosse mesmo que os desvendasse por más razões! Mas nós trabalhamos com poderes perigosos... E se um homem os conhecer e não for digno de confiança, então acontecem coisas como as que se abateram sobre o jovem Micon de Ahtarrath! — Virou-se, furioso, para Rajasta. — Tu, de entre todos os homens, deverias perceber as razões pelas quais mantemos os nossos segredos ao alcance apenas daqueles que são dignos de os usar!

Os lábios de Rajasta estremeceram.

— Como esse teu cheia maluco?

— Ele já os conhece. Podemos apenas assegurar-nos de que não faz mau uso deles na sua loucura. — A voz de Riveda soou inexpressiva e definitiva. — Não és nenhuma



criança para te pões A papaguear os teus ideais. Olha para Micon... Tu honra-lo e eu respeito-o muitíssimo, a tua pequena Acólita — como é que ela se chama? Domaris — adora-o. No entanto que é ele senão um homem desfeito?

— Atingiu o seu objectivo — disse Rajasta em voz muito baixa.

— E a que preço? Acho que o meu rapaz louco é mais feliz. Micon, infelizmente... — Riveda sorriu — ainda é capaz de pensar e de recordar.

Uma ira repentina assolou Rajasta.

— Basta! O homem é meu convidado, dobra essa língua viperina quando falares dele! Cuida da tua Ordem e abstém-te de fazeres pouco dos teus superiores! — Virou as costas ao Adepto e saiu da sala, os seus passos firmes ecoando e afastando-se sobre as lajes do pavimento, não chegando a ouvir as gargalhadas baixas que Riveda soltava enquanto o ouvia afastar-se.

## **Capítulo Três**

### **A União**

A câmara sagrada tinha, nas paredes, grandes janelas ornamentadas e assentes em cantarias delicadamente trabalhadas. A luz fraca do luar e o jogo das sombras emprestavam um ar ilusório e quase irreal às cadeiras simples e ao mobiliário modesto. Uma janela alta e oval permitia que os raios pálidos do luar incidissem sobre o altar onde pulsava uma chama.

Com Micon de um lado e Rajasta de outro, Domaris passou por baixo da arcada pouco iluminada. Em silêncio, ambos os homens deram a mão à moça e conduziram-na ao seu lugar, uma das três cadeiras colocadas de frente para o altar.

— Ajoelha — disse Rajasta em voz baixa e Domaris, com um roçar de vestes, ajoelhou. A mão de Micon soltou-se da dela e ele colocou-a sobre a sua cabeça.

— Concede sabedoria e coragem a esta mulher, Oh, Grande Desconhecido! — Rezou o homem da Atlântida numa voz grave que encheu a sala numa ressonância controlada. — Concede-lhe paz e compreensão, Oh, Impossível de Conhecer! — Recuando um passo, Micon permitiu a Rajasta que tomasse o seu lugar.

— Concede desejos puros e conhecimento a esta mulher — disse o Sacerdote da Luz. — Concede-lhe crescimento de acordo com as suas necessidades e a coragem necessária ao cabal cumprimento dos seus deveres. Oh, Tu que És, permite que ela seja em Ti e para Ti — Rajasta retirou a mão de cima da cabeça dela e recuou também.

O silêncio era total. Domaris sentiu-se estranhamente sozinha sobre o estrado em frente ao altar, embora não tivesse ouvido o roçar de tecidos nem o som de sandálias que teriam acompanhado a saída de Micon e Rajasta caso estes tivessem deixado a sala. As batidas do seu coração ecoavam-lhe nos ouvidos, um pulsar abafado que se foi tornando mais vagaroso, um pulsar lento que parecia ter adotado o ritmo da chama que brilhava, tremeluzente, sobre o altar. Depois, sem qualquer aviso, os dois homens ergueram-na e sentaram-na entre eles. Com as mãos aninhadas nas deles, o rosto imobilizado numa beleza etérea, Domaris sentiu que se erguia e expandia até tocar as estrelas distantes. Mesmo então uma batida ritmada, uma cadência regular que era simultaneamente som e luz fundiu-se, preenchendo-a e envolvendo-a. Os sentidos de Domaris alteraram-se, invertendo-se rapidamente, contorcendo-se e contraindo-se, de

forma indolor, fundindo-se de uma forma indescritível que tornava toda a experiência passada subitamente inútil. Estava em torno de si e dentro de si e fazia parte de si, um sustento que, de uma forma inexplicável, era ela quem alimentava e lentamente, muito lentamente, como que no espaço de séculos, a luz branca e estática das estrelas deu lugar à escuridão quente do coração ritmado da terra. Também daquilo ela fazia parte: era ela; ela era.

Ao aperceber-se disso, como se fosse empurrada para cima pelas marés quentes das águas da vida, Domaris regressou à superfície da existência. Em torno dela a câmara sagrada estava em silêncio; de ambos os lados pôde observar o rosto de um homem tão transfigurado como o seu estivera. Como se fossem um só, os três respiraram profundamente, ergueram-se e abandonaram aquele local, de novo consagrados a um objectivo que, por breves instantes, quase tinham conseguido compreender.

## **Capítulo Quatro**

### **Presságios De Tempestade**

Uma brisa fresca agitava as folhas e a pouca luz que conseguia penetrar nos ramos provocava um efeito bruxuleante de brilhos dourados e verdes. Rajasta, aproximando-se por um caminho ladeado de arbustos, pensou que a árvore enorme e o trio que se encontrava à sua sombra formavam um belo quadro: Deoris, com os seus cabelos macios e encaracolados, parecia muito morena, nas sombras, sentada no seu banco de escriba, lendo um pergaminho. À sua frente, provocando um grande contraste, a palidez de Micon parecia luminosa, quase translúcida. Perto do homem da Atlântida, mas não muito distante da irmã mais nova, Domaris parecia uma chama imóvel, a serenidade controlada do seu rosto assemelhava-se a um poço de tranquilidade.

Como as sandálias de Rajasta não tinham provocado qualquer ruído sobre a relva, ficou perto deles sem que dessem pela sua presença durante algum tempo, escutando com pouca atenção Deoris enquanto esta lia; era no entanto em Domaris e Micon que os seus pensamentos se concentravam.

Quando Deoris fez uma pausa na leitura, Micon ergueu subitamente a cabeça e virou-se para Rajasta, com o seu sorriso retorcido numa expressão de boas-vindas, Rajasta deu uma gargalhada alegre.

— Meu irmão, tu é que devias ser o Guardião e não eu! Mais ninguém deu por mim. — As gargalhadas ecoaram por baixo da árvore frondosa e o Sacerdote da Luz aproximou-se. Fazendo um gesto para que as moças não se levantassem, Rajasta deteve-se para acariciar com carinho os caracóis despenteados de Deoris.

— Esta brisa é refrescante.

— Sim, mas é o prenúncio da tempestade que se aproxima- disse Micon.

Fez-se um breve silêncio e Rajasta olhou pensativamente para o rosto erguido de Micon. A que espécie de tempestade, pergunto-me, estará ele a referir-se? Vamos ter problemas mais graves do que uma simples tempestade.

Também Domaris se sentiu perturbada. Sempre fora muito sensível, mas a relação com Micon dera-lhe uma nova capacidade para o compreender que chegava a ser estranha de tão completa. Conseguia, através de um instinto que não conseguia evitar, entrar nos

seus sentimentos. O resultado era uma devoção que empobrecia todas as outras relações. Amava Deoris como sempre amara e a reverência que sentia por Rajasta não sofrera qualquer alteração nem perdera intensidade — mas a necessidade desesperada que Micon tinha de si vinha em primeiro lugar e despertava todos os seus instintos protetores. E era isso que ameaçava absorvê-la completamente, pois Domaris tinha uma tendência quase catastrófica para a abnegação.

Rajasta, como é evidente, havia muito que se apercebera dessa característica da sua Acólita. Naquela ocasião sentiu, com intensidade renovada que, enquanto seu Iniciador, tinha a responsabilidade de aconselhar acerca daquele defeito do seu carácter. No entanto Rajasta compreendia muitíssimo bem o amor que originara tudo aquilo.

Mesmo assim, disse severamente a si próprio, não é saudável para a Domaris concentrar todas as suas energias numa única pessoa, por muito grandes que sejam as suas necessidades! Mas, mesmo antes de poder completar a idéia, o Sacerdote da Luz sorriu com arrependimento. Talvez eu próprio devesse aprender essa lição.

Sentando-se na relva ao lado de Micon, Rajasta pousou a mão sobre a sua mão mutilada e em repouso e apertou-a ligeiramente de forma reconfortante. Passaram-se poucos instantes até que a sua mão treinada detectasse um tremor revelador e Rajasta abanou a cabeça com tristeza. Embora o homem da Atlântida parecesse ter recuperado a saúde, a verdade era outra.

Mas naquele momento o tremor acalmou-se e depois desapareceu, como se uma porta tivesse sido fechada num súbito acesso de fúria. Micon permitiu que a energia do Guardião fluísse através dos seus nervos torturados, confortando-o e emprestando-lhe novas forças. Sorriu agradecido e depois o seu rosto tornou-se mais sombrio.

— Rajasta... Tenho de to pedir... Não faças mais esforços para punir quem quer que seja por minha causa. É um esforço que não dará frutos ou, se os der, serão muito amargos.

Rajasta suspirou.

— Já discutimos este assunto muitas vezes — disse, mas não com impaciência. — Já debes ter percebido que não posso deixar ficar as coisas como estão. A questão é demasiado grave para que ninguém seja castigado.

— E isso não acontecerá, podes ter a certeza — disse Micon, com os olhos cegos brilhantes e quase flamejantes depois de ter recebido o fluxo de forças vitais.

— Mas assegura-te de que a um castigo não se seguirá outro!

— Riveda tem de purificar a sua Ordem! — A voz de Domaris soou fria como gelo. — Rajasta tem razão...

— Minha graciosa senhora... — Admoestou-a Micon com gentileza — quando a justiça se torna um instrumento de vingança, o seu aço transforma-se numa folha de erva. É verdade que Rajasta tem de proteger os vindouros — mas aquele que procurar vingar-se sofrerá asconsequências! As Leis do Karma reparam primeiro no ato e só depois — se é que chegam a fazê-lo — na intenção do ato! — Fez uma pausa e depois acrescentou, enfaticamente. — Nem deveríamos envolver Riveda nisto em demasia. Ele já se encontra numa encruzilhada de perigos!

Rajasta, que se preparava para falar, suspendeu a respiração.

Teria Micon experimentado também uma visão semelhante àquela que ele próprio tivera na noite do Zênite?

A reacção do Sacerdote da Luz passou despercebida pois Deoris ergueu a mão, sentindo-se subitamente impelida a tomar a defesa de Riveda, Mal pronunciara a primeira palavra quando, apercebendo-se de que ninguém acusara o Adepto fosse do que fosse, se calou novamente.

A expressão de Domaris alterou-se e a severidade transformou-se em ternura.

— Estou a ser pouco generosa — reconheceu. — Não direi mais nada até ter a certeza que é o amor pela justiça e não pela vingança o que me impele.

— Coroadade-luz — disse Micon numa voz melodiosa e quente — tu não serias uma mulher se agisses de outra forma.

Os olhos de Deoris encheram-se de brilhos tempestuosos: Micon usara o — tu — mais familiar, uma forma de expressão que a própria Deoris raras vezes se atrevia a usar e Domaris não parecia ter ficado ofendida, parecia mesmo ter ficado satisfeita! Deoris sentiu-se como se fosse sufocar de ressentimento.

Rajasta, as suas preocupações quase esquecidas, sorria agora para Domaris e Micon com os olhos transbordantes de aprovação.

Como os amava a ambos! Também olhou afectuosamente para Deoris, pois gostava dela, aguardando apenas que amadurecesse o suficiente para a convidar a seguir o exemplo da irmã, tornando-se sua Acólita. Rajasta pressentia potencialidades desconhecidas na jovem mulher e, caso fosse possível, tinha uma grande vontade de a guiar; mas de momento Deoris era ainda demasiado jovem.

Domaris, sensível àqueles pensamentos, levantou-se e foi ter com a irmã, deixando-se cair graciosamente a seu lado.

— Põe de lado o teu trabalho, irmãzinha, e escuta — murmurou — e aprende. Foi o que eu fiz. E... Amo-te muito, Gatinha... Muito mesmo.

Deoris, reconfortada, aninhou-se nos braços da irmã. Era muito raro Domaris ser tão demonstrativa e a carícia inesperada encheu-a de alegria. Domaris pensou, sentindo alguma culpa, Pobre bebê, sente-se sozinha, não lhe tenho dado atenção suficiente, Mas o Micon precisa de mim agora! Terei tempo para ela mais tarde, quando tiver a certeza...

—... E ainda não sabes nada do meu meio-irmão? — Estava Micon a perguntar com um ar infeliz. — O destino dele pesa sobre mim, Rajasta. Sinto que ainda está vivo, mas sei, sei, que não está completamente bem onde quer que se encontre.

— Vou fazer mais umas investigações — prometeu Rajasta e largou, finalmente, as mãos imóveis de Micon para que o homem da Atlântida não pressentisse a meia mentira contida nas suas palavras. Rajasta investigaria... Mas tinha muito poucas esperanças de vir a saber alguma coisa do desaparecido Reiota.

— Se ele for realmente nem que seja teu meio-irmão, Micon — disse Domaris e a sua voz tornou-se ainda mais meiga do que o habitual — então não poderá deixar de encontrar o Caminho do Amor.

— Não achei esse caminho muito fácil — objectou Micon com gentileza. — Nunca deixar que os nossos pensamentos sejam influenciados por mais nada a não ser pela compaixão e pela compreensão é... Uma disciplina difícil de manter. Rajasta murmurou:

— Tu és um Filho do Sol e atingiste...

— Muito pouco! — Um eco de rebelião soou com clareza na voz vibrante do homem da Atlântida. — Eu deveria ter sido...

Curandeiro e servir os meus semelhantes. Agora nada sou e esse serviço não foi prestado.

Durante largos momentos ficaram todos silenciosos e a tragédia de Micon ocupava, de forma aguda, os pensamentos de todos.

Domaris decidiu que todo e qualquer conforto físico e emocional que pudesse proporcionar-lhe, todo o serviço e todo o amor que continha em si, seriam dele quaisquer que fossem os custos.

Deoris falou por fim, em voz baixa mas agressiva.

— Senhor Micon — disse- mostraste-nos a todos como um homem pode suportar o infortúnio e ser ainda mais homem. Será isso um desperdício?

A temeridade dela fez com que Rajasta franzisse a testa mas, simultaneamente, aplaudiu intimamente os sentimentos da moça, pois eram muito semelhantes aos seus.

Micon apertou ligeiramente os pequenos dedos da moça.

— Minha pequena Deoris — disse ele gravemente — a fortuna e o infortúnio, o valor e o desperdício, não cabe aos homens julgar todos esses valores. Pus muita coisa em movimento e todos os homens colhem aquilo que semearam. Se um homem está destinado a ter uma sorte boa ou má, isso é algo que está nas mãos dos Deuses que traçaram o seu destino, mas todos os homens... — O seu rosto contorceu-se brevemente num sorriso. — E todas as mulheres também, são livres de transformar em fortuna ou infortúnio a sorte que lhes foi destinada. — O sorriso brilhante e luminoso do homem da Atlântida iluminou-lhe novamente o rosto e virou-se para Rajasta e Domaris com o gesto estranho que dava quase a ilusão de que podia vê-los. — Podem decidir se não houve nada de bom como resultado de tudo quanto aconteceu!

Rajasta curvou a cabeça.

— Um grande bem para mim, Filho da Luz.

— E para mim também — disse Micon baixinho.

Deoris, com a surpresa estampada nos olhos, observava-os com um vago descontentamento e um ciúme ainda mais indefinido.

Retirou a mão da de Micon, dizendo:

— Não precisas mais de mim hoje, pois não, Senhor Micon?

Domaris disse imediatamente:

— Vai Deoris, eu posso ler se Micon o desejar. — Nem sequer pensou em ciúme, mas sentia ressentimento relativamente a tudo o que a afastasse de Micon.

— Mas tenho de conversar contigo, Domaris — interrompeu-a Rajasta com firmeza. — Deixa Micon e a pequena escriba fazerem o seu trabalho e vem comigo.

A mulher levantou-se, abatida pela reprimenda implícita na voz de Rajasta, e caminhou silenciosamente a seu lado pelo caminho acima. Virou-se uma vez procurando o amante com os olhos; este não se movera, mas agora a sua cabeça estava curvada na direção de Deoris e o sorriso era para ela, que estava enroscada a seus pés: Domaris ouviu as gargalhadas cristalinas da irmã.

Rajasta olhou para a cabeça brilhante de Domaris e suspirou.

Antes de o Sacerdote decidir o que dizer, Domaris sentiu os seus olhos, graves e bondosos, mas mais sérios do que o habitual, fixos sobre si e ergueu o olhar.

— Rajasta, eu amo-o — limitou-se a dizer.

As palavras e a emoção contida que lhes estava subjacente, quase desarmaram o Sacerdote, emudecendo a reprimenda que tencionara dar-lhe. Pôs-lhe as mãos nos ombros e olhou-a nos olhos, não com a severidade que planeava, mas com afeição paternal.

— Eu sei, filha — disse ele baixinho. — Fico satisfeito. Mas corres o risco de esquecer o teu dever.

— O meu dever? — Repetiu ela, perplexa. Até àquela altura não tivera quaisquer deveres na Casta dos Sacerdotes a não ser prosseguir com os seus estudos.

Rajasta percebeu a sua confusão, mas também sabia que ela estava a fugir ao autoconhecimento.

— A Deoris também tem de ser tomada em consideração — fez-lhe notar. — Ela também precisa de ti.

— Mas... A Deoris sabe que eu a amo — protestou Donaris.

— Saberá, minha Acólita? — Utilizou o termo deliberadamente, numa tentativa de



lhe recordar qual a sua posição. — Ou sentirá que tu a afastaste, permitindo que Micon absorvesse toda a tua atenção?

— Ela não pode... Ela não pensaria... Oh, nunca foi essa a minha intenção! — Revendo, no seu espírito, todos os acontecimentos das semanas mais recentes, Domaris concluiu que a reprimenda era justa. Tipicamente, reagiu de acordo com o treino que recebera e prestou toda a atenção às palavras do seu mentor, fixando-as na mente e no coração. Passados alguns momentos ergueu novamente o olhar e, nesse instante, tinha os olhos ensombrados pelos remorsos.

— Absolve-me pelo menos de egoísmo intencional — implorou. — Ela é-me tão querida e tão íntima que é uma parte de mim própria e por vezes esqueço que as suas necessidades não são as minhas..... Fui negligente. Vou tentar corrigir...

— Se já não for demasiado tarde. — Uma sombra de grande preocupação cobriu os olhos do Sacerdote.— A Deoris poderá continuar a amar-te da mesma forma, mas voltará a confiar inteiramente em ti?

Os belos olhos de Domaris nublaram-se.

— Se a Deoris já não confiar em mim, terei de aceitar que a culpa é minha — disse. — Que os Deuses permitam que não seja demasiado tarde. Negligenciei a minha principal responsabilidade.

E, no entanto, ela sabia que fora impotente para agir de qualquer outra forma, nem conseguia arrepender-se com sinceridade da sua exclusiva concentração em Micon.

Rajasta suspirou novamente ao aperceber-se dos seus pensamentos. Era difícil repreendê-la por um erro que também fora seu.

## **Capítulo Cinco**

### **A Coroa Secreta**

As chuvas estavam quase a chegar. Num dos dias de Sol que podiam legitimamente esperar que fosse um dos últimos, Domaris e Elis, com Deoris e a sua amiga Ista, também uma escriba, foram colher flores. A Casa dos Doze devia ser decorada pelos Acólitos para um festival pouco importante que teria lugar naquela noite.

Encontraram um campo cheio de flores no topo de uma colina sobranceira à praia. Da praia distante chegava-lhes um vago odor a sal, a algas e aos juncos deixados pela maré vazante. O odor das ervas doces e queimadas pelo Sol pairava em torno delas, misturando-se com o cheiro adocicado e estonteante das flores.

Elis trouxera Lissa. A bebê já tinha mais de um ano e corria por todo o lado, apanhando flores e pisando-as, entornando os cestos e puxando saias, até Elis ficar exasperada.

Deoris, que adorava a bebê, tomou-a nos braços.

— Eu tomo conta dela, Elis, já tenho flores que cheguem.

— Eu também já tenho suficientes — disse Domaris e pousou o fardo bem cheiroso. Passou uma mão pela testa húmida. O Sol quase cegava mesmo não olhando directamente para a sua luz e sentia-se entontecida pela mistura do cheiro a sal com a fragrância adocicada das flores. Juntando os cestos com as flores, sentou-se na relva ao lado de Deoris, que tinha Lissa sobre os joelhos e lhe fazia cócegas enquanto lhe murmurava carinhos sem sentido.

— Pareces uma menina a brincar com uma boneca, Deoris.

As feições miúdas de Deoris contorceram-se num sorriso que não era bem um sorriso.

— Mas eu nunca gostei de bonecas — disse.

— Não. — O sorriso da irmã estava cheio de reminiscências e os seus olhos, cheios de ternura, focaram-se mais em Lissa do que em Deoris. — Tu gostavas mais de bebês vivos, como este. A esbelta Ista, com os seus cabelos asa de corvo, deixou-se cair de pernas cruzadas na relva, puxando pelas saias curtas e começando a entrelaçar delicadamente as flores que tinha no esto. Elis observou-a alguns instantes e depois lançou para o cesto de Ista uma série de flores vermelhas e brancas.

— As minhas grinaldas passam a vida a desfazer-se — explicou Elis. — Entrelaça também as minhas e podes pedir-me o que quiseres.

Os dedos hábeis de Ista não hesitaram enquanto ela continuava a entrelaçar caules.

— Faça-o com todo o prazer e a Deoris ajuda-me, não é Deoris? Mas os escribas só trabalham por amor e não em troca de favores.

Deoris deu mais um abraço a Lissa e pô-la no colo de Domaris. Depois, puxando um cesto para perto de si, começou a entrelaçar as flores em grinaldas vistosas. Elis curvou-se e observou-as.

— É vergonhoso — murmurou a rir — que eu tenha de aprender as Leis do Templo pela boca de duas escribas!

Atirou-se para cima da relva ao lado de Domaris. De um arbusto próximo, colheu uma mão cheia de bagas suculentas e douradas. Pôs uma na boca e depois deu as outras, uma a uma, à irrequieta e balbuciante Lissa que estava sentada nos joelhos de Domaris e que as encheu às duas de beijos pegajosos e babados, enchendo a roupa clara de Domaris de nódoas das bagas sumarentas. Domaris apertou a criança contra si com uma estranha ansiedade. Mas o meu bebê vai ser um rapaz, pensou com orgulho, um rapazinho perfeito, com olhos azuis-escuros...

Elis olhou atentamente para a prima.

— Domaris, estás a sentir-te mal ou estás a sonhar acordada?

A mulher mais velha soltou a tranca de cabelo ruivo dos dedos rechonchudos e insistentes de Lissa.

— Estou um pouco tonta por causa do Sol — disse e passou Lissa para os braços da mãe. Mais uma vez fez um esforço deliberado para não pensar, para desistir dos pensamentos persistentes que a forma das palavras, ainda que apenas na sua mente, podiam tornar falsos. Talvez desta vez, no entanto, seja verdade... Durante semanas suspeitara, em segredo, que trazia no ventre o filho de Micon. No entanto, noutra ocasião, os seus desejos e esperanças tinham-na levado a partilhar uma suspeita que se revelara falsa e que acabara num desapontamento. Daquela vez estava determinada a guardar silêncio, até mesmo com Micon, até estar segura para lá de quaisquer possíveis dúvidas.

Deoris, erguendo os olhos das flores, deixou cair a grinalda e inclinou-se na direção de Domaris, com os olhos muito abertos e cheios de ansiedade. A transformação de Domaris deixara um vazio sob os pés de Deoris. Sabia que perdera a irmã e estava pronta a deitar as culpas para cima de toda a gente: tinha ciúmes de Arvath, de Elis, de Micon e, acima de tudo, em certas ocasiões, de Rajasta. Domaris, envolta no potente anestésico do seu amor, não se apercebia minimamente da infelicidade da criança. A única coisa que sentia é que Deoris andava, naquela altura, dependente e exasperante. A forma infantil como se agarrava a ela levava Domaris quase ao desespero. Porque não poderia Deoris comportar-se sensatamente e deixá-la em paz? Por vezes, sem intenção — pois Domaris, embora fosse irascível e andasse agora sob uma grande tensão nervosa,

nunca era deliberadamente cruel — magoava Deoris profundamente com uma palavra irreflectida, apercebendo-se do que fizera quando já era demasiado tarde, isto quando chegava a aperceber-se.

Daquela vez a tensão abrandou: Elis pegara em Lissa e o bebê puxava insistentemente pelo vestido da mãe. Elis riu-se, franzindo o nariz e fingindo aborrecimento.

— Porquinha gluttona, sei muito bem o que ela quer. Fico satisfeita por já faltarem poucos meses para este disparate acabar! — Estava a desapertar a blusa enquanto falava e deu a Lissa uma palmada brincalhona quando a bebê se agarrou ao seu peito. — Então, minha menina, tens de aprender a comer como uma senhora!

Deoris desviou o olhar com uma expressão de nojo.

— Como é que aguentas? — Perguntou.

Elis deu uma gargalhada alegre sem se dar ao trabalho de responder. As suas queixas não tinham passado de uma brincadeira e pensou que a pergunta de Deoris era igualmente jocosa. Os bebês mamavam sempre dois anos inteiros e só uma escrava sobrecarregada de trabalho, ou uma prostituta, teria sequer sonhado em diminuir o período de amamentação.

Elis inclinou-se para trás, com Lissa aninhada no braço e colheu outra mão cheia de bagas.

— Pareces o Chedan, Deoris! Às vezes penso que ele odeia a minha pobre bebê! Mesmo assim... — Fez uma expressão cómica e atirou mais uma baga para dentro da boca. — Por vezes chego a pensar, quando ela me morde...

— E assim que a desmamares — comentou Ista com uma gravidade prazenteira — ela vai começar a perder os dentes de leite.

Domaris franziu a testa: apenas ela percebera que Deoris não estava a brincar. Lissa tinha agora os olhos fechados, numa sonolência satisfeita e o seu rosto, uma pétala rosada emoldurada pelos caracóis loiros, estava aninhada no peito da mãe como um botão de rosa. Domaris sentiu um desejo tão forte que foi quase doloroso. Elis, erguendo os olhos, viu o olhar de Domaris. A sabedoria instintiva da sua casta era especialmente forte em Elis e a moça pressentiu a história da prima que era muito semelhante e paralela à sua. Estendendo a mão livre na direção da outra mulher, Elis apertou ligeiramente os dedos magros. Domaris retribuiu a pressão, furtivamente, agradecida pela compreensão implícita.

— Impecilhozinho — murmurou Elis, embalando o bebê sonolento.

— Diabrete gordinho...

O Sol desapareceu escondendo-se por trás das nuvens. Deoris e Ista cabeceavam em cima das flores, continuando a entrelaçá-las, sonolentas. Domaris estremeceu subitamente e depois o seu corpo imobilizou-se totalmente, muito tenso e ela escutou, incrédula. E mais uma vez sentiu, algures no interior do seu corpo, um estremecimento indefinido e indescritível como nunca antes sentira, mas que não conseguia descrever, como um bater de asas — apareceu e desapareceu tão subitamente que ela nem teve a certeza de o ter sentido. E no entanto soube.

— Que foi? — Perguntou Elis em voz baixa e Domaris apercebeu-se de que continuava a segurar-lhe na mão mas que apertara os dedos da prima com muita força, esmagando-os dolorosamente. Largou Elis e retirou rapidamente a mão, em jeito de desculpa, mas não falou e a sua outra mão continuou escondida, pousada ao de leve sobre o seu corpo onde, mais uma vez, aquele pequeno estremecimento apareceu e desapareceu e depois se acalmou. Domaris lembrou-se de respirar. Mas continuou muito quieta, incapaz de pensar noutra coisa para além da certeza definitiva e

inescapável de que o seu segredo era agora uma verdade confirmada, que no interior do seu ventre, o filho de Micon — não se atrevia a pensar que não fosse um filho — acordava para a vida.

Os olhos de Deoris, enormes e algo receosos, encontraram os da irmã e a expressão daquele olhar foi mais do que aquilo que Domaris podia suportar no estado de tensão em que se encontrava. Começou a rir, primeiro baixinho e depois descontroladamente... Porque não se atrevia a chorar, não choraria... O riso tornou-se histérico e Domaris levantou-se, correu pela colina a baixo na direção da praia, deixando as outras três moças a olhar umas para as outras.

Deoris fez menção de se levantar, mas Elis, num impulso intuitivo, puxou-a para baixo.

— Ela prefere ficar sozinha algum tempo, acho eu. Olha, toma a Lissa, está bem? Enquanto eu aperto o vestido! — Pôs a bebê no colo de Deoris e atou cuidadosamente os atilhos do vestido, levando bastante tempo, para evitar mais uma pequena crise.

Junto aos pântanos salgados, Domaris atirou-se para o meio das ervas espessas e ficou ali deitada, escondida, com o rosto comprimido contra a terra fragrante, com os braços apertados em torno do corpo, maravilhada e, simultaneamente, assustada. Ficou imóvel, sentindo as ervas adejar ao vento, com os pensamentos movendo-se ao seu ritmo, mas sem que viessem à superfície do seu espírito. Tinha medo de pensar claramente.

O Sol atingiu o Zênite e começou a descer e Domaris, erguendo-se como que por instinto, viu Micon caminhando lentamente ao longo da praia. Pôs-se de pé, com o cabelo solto a dar-lhe pela cintura, o vestido agitado pelo vento e começou a correr na direção dele, em passos rápidos e impacientes. Ao ouvir os passos irregulares e rápidos, ele parou.

— Micon!

— Domaris... Onde estás? — O seu rosto cego virou-se para seguir o som da sua voz e ela lançou-se na sua direção, detendo-se — já não sentindo sequer pena por não poder lançar-se nos seus braços — cuidadosamente a um passo de distância, tocou-lhe ao de leve no braço erguendo a face para receber o seu beijo.

Os lábios dele demoraram-se um pouco mais do que o habitual; depois afastou o rosto e murmurou:

— Coração de chamas, estás excitada. Trazes novidades.

— Tenho novidades. — A voz dela soou baixa e triunfante, mas traiu-a. Tomou as mãos destroçadas ao de leve entre as suas e pressionou-as contra o seu corpo, implorando-lhe que compreendesse sem que tivesse de lho dizer... Talvez ele tivesse lido os seus pensamentos; talvez se tivesse limitado a adivinhar o significado do gesto. O que quer que tivesse acontecido, o seu rosto iluminou-se com um brilho interior e os seus braços ergueram-se para a apertar contra si.

— Trazes luz — murmurou e beijou-a novamente. Ela escondeu o rosto no seu peito.

— Agora já tenho a certeza, amado. Desta vez é certo! Há semanas que eu sabia, mas não me atrevi a dizer-to com medo... Mas agora já não tenho dúvidas! Ele — o nosso filho — hoje mexeu-se!

— Domaris... Amada... — A voz do homem embargou-se e ela sentiu o ardor das lágrimas que caíam dos olhos cegos sobre o seu rosto. As mãos dele, habitualmente severamente controladas, estremeciam tão violentamente que ele não conseguia erguê-las para pegar nas dela e, quando ela se apertou contra ele, amando-o e quase se sufocando na intensidade daquele amor tão semelhante a adoração, sentiu que Micon tremia como até uma grande árvore treme um pouco com a aproximação de um furacão.

— Minha amada, minha abençoada... — Com uma reverência que magoou e assustou a moça, Micon caiu de joelhos, sobre a areia, e conseguiu agarrar-lhe ambas as mãos, apertando-as contra as faces e contra os lábios. — Portadora-de-Luz, é a minha vida que transportas, a minha liberdade — murmurou ele.

— Micon! Eu amo-te, amo-te — gaguejou a moça incoerentemente, pois não havia mais nada que pudesse realmente dizer.

O Iniciado levantou-se, recuperando algum do seu controlo, embora ainda tremesse ligeiramente e, gentilmente, enxugou-lhe as lágrimas.

— Domaris — disse com gravidade e ternura — Eu... Não tenho forma de to dizer... Quero dizer, vou tentar, mas... — A sua boca assumiu uma expressão ainda mais séria e o esgar de dor, de lamento e de incerteza que Domaris viu foi como uma faca que se lhe enterrasse no coração.

— Domaris — disse ele e a sua voz ressoou com as tonalidades graves e treinadas que ela conhecia como sendo a voz que o homem da Atlântida usava para fazer juramentos. — Vou... Tentar — prometeu ele solenemente — ficar contigo até o nosso filho nascer.

E Domaris percebeu que pronunciara o início do fim.

## **Capítulo Seis**

### **Na Irmandade**

O Templo de Caratra, que ficava sobranceiro ao Santuário do lago sagrado, era um dos edifícios mais belos de todo o recinto do Templo. Fora construído em pedra leitosa, com veios brilhantes, reflectindo os fogos opalescentes no coração da pedra. Longos jardins, ligados por caminhos ladeados de arbustos e cobertos de trepadeiras pendentes, rodeavam o lago e o Templo. Fontes frescas brotavam nos pátios onde uma profusão de flores floriam o ano inteiro.

No interior daqueles muros alvos e resplandecentes, nasciam todas as crianças do Templo, quer fossem filhas de uma escrava ou da Alta Sacerdotisa. Era também para ali que todas as jovens do Templo eram enviadas a prestar serviço quando chegava a sua vez (pois todas as mulheres tinham de prestar serviço à Mãe de Todos os Homens). Assistindo as Sacerdotisas, cuidando das mães e dos recém-nascidos, aprendendo até (se fossem bem nascidas na Casta dos Sacerdotes) os segredos da arte de trazer as crianças ao mundo. E a partir dessa altura e todos os anos, durante um certo período — que ia de um só dia para as escravas e plebeias até um mês inteiro para as Acólitas e Sacerdotisas — viviam e serviam no Templo da Mãe. E daquele serviço anual ninguém se livrava, quer fosse a mais humilde das escravas ou a mais alta das Iniciadas.

Mais de um ano antes, Deoris fora julgada suficientemente crescida para iniciar este serviço. No entanto, um breve mas severo ataque de febre tinha-a impedido de o fazer e não tinham chegado a chamá-la. Agora fora novamente chamada mas, embora a maior parte das meninas da Casta dos Sacerdotes desejasse aquele serviço, pois assinalava a entrada na condição de mulher, foi com relutância, quase com rebeldia, que Deoris fez os preparativos necessários.

Certa ocasião — quase dois anos antes, na sua primeira visita ao Santuário — recebera a primeira lição sobre o parto dos bebês. A experiência confundira-a. Temia a



reaparição das questões que tinham surgido no seu espírito. Assistira ao esforço esgotante e à agonia e ficara revoltada com a crueldade de tudo aquilo — embora também tivesse testemunhado, quando tudo acabara, as boas-vindas plenas de êxtase com que a mãe recebera a pequena amostra de humanidade. Para além do

espanto que sentira perante aquele comportamento contraditório, Deoris sentira-se consternada pelos seus próprios sentimentos: a enorme dor por saber que também ela um dia se tornaria mulher e jazeria ali, lutando para trazer vida ao mundo. O eterno — Porquê? — pulsava incessantemente no seu cérebro. Agora, que quase conseguira esquecer, seria forçada a encarar tudo de novo.

— Não posso, não o farei — explodiu em protestos ao falar com Micon. — É cruel... Horrível...

— Chiu, Deoris. — O homem da Atlântida pegou-lhe nas mãos nervosas que se contorciam, agarrando-as e prendendo-as entre as suas, apesar da cegueira. — Não sabes que viver é sofrer e que dar a vida também é sofrer? — Ele suspirou com um som fraco e controlado. — Penso que a dor é a lei da vida... E se podes ajudar, atrever-te-ás a recusar?

— Não me atrevo... Mas quem me dera conseguir! Senhor Micon, não sabes como aquilo é!

Reprimindo o impulso de se rir da sua ingenuidade, Micon assegurou-lhe com gentileza — Mas eu sei. Quem me dera conseguir ajudar-te a compreender, Deoris; mas há coisas que toda a gente tem de aprender sozinha...

Deoris, corada e horrorizada, engoliu a pergunta.

— Mas como podes saber... Isso? — No mundo do Templo o nascimento das crianças era um assunto estritamente feminino e a Deoris, cujo mundo era inteiramente constituído pelo Templo, parecia impossível que um homem pudesse saber o que quer que fosse das complexidades do nascimento das crianças. Não seria comum por todo o lado o costume rígido e inalterável de que nenhum homem podia aproximar-se de uma cama de parto? Ninguém certamente poderia sequer conceber uma tal indecência! Como podia Micon, suficientemente afortunado para ter nascido homem, imaginar sequer como era?

Micon não conseguiu controlar-se mais tempo; as suas gargalhadas só serviram para magoar ainda mais Deoris.

— Ora, Deoris — disse ele — os homens não são tão ignorantes como tu pensas!

— Como o silêncio magoado dela se prolongasse, ele tentou emendar o que dissera. — Os nossos costumes na Atlântida não são como os vossos, filha... Deves lembrar-te... — Permitiu que um tom indulgente e provocador lhe penetrasse a voz. — Deves lembrar-te de como somos bárbaros nos Reinos do Mar! E acredita-me, até mesmo aqui nem todos os homens são totalmente ignorantes. E... Minha filha, acreditas que eu não sei nada sobre a dor? — Hesitou alguns momentos. Seria aquele o momento certo para dizer a Deoris que a irmã estava grávida de um filho dele? O instinto disse-lhe que Deoris, na encruzilhada entre a aceitação e a rejeição, poderia ser empurrada na direção certa por aquela informação. No entanto pareceu-lhe também que era uma prerrogativa de Domaris e não sua, contar-lhe ou não. As suas palavras tornaram-se indistintas sob o efeito de um súbito cansaço.

— Querida, quem me dera poder ajudar-te. Tenta lembrar-te disto: para viver, precisamos de todas as experiências. Algumas apresentam-se envoltas em glória e beleza e outras em dor e naquilo que parece ser uma imensa fealdade. Mas... São. A vida consiste em opostos equilibrados.

Deoris suspirou, impaciente com aquela récita piedosa — já a ouvira anteriormente. Também Domaris lhe faltara. Tentara, tentara verdadeiramente, fazer com que Domaris compreendesse.

Mas Domaris limitara-se a olhar para ela, sem a compreender, e dissera:

— Mas todas as mulheres têm de prestar esse serviço.

— Mas é tão horrível! — Gemera Deoris, Domaris, com um olhar severo, aconselhara-a a não comportar-se como uma menina pateta; aquela era a natureza das coisas e ninguém podia mudá-la. Deoris continuara a gaguejar, querendo implorar, chorar, pedir, convencida de que Domaris podia mudar as coisas se quisesse.

Domaris ficara muito zangada:

— Estás a ser muito infantil! Estraguei-te com mimos Deoris e tentei proteger-te. Agora sei onde errei. Já não és uma criança. Tens de aprender a assumir as responsabilidades de uma mulher.

Deoris tinha quinze anos. As Sacerdotisas partiram do princípio de que ela, tal como a maioria das moças da sua idade, já dominava as tarefas mais simples e preliminares que eram confiadas àquelas que prestavam serviço pela primeira ou segunda vez. Demasiado tímida e miserável para corrigir o erro delas, Deoris deu por si encarregada de tarefas mais complicadas: tal como era adequado a uma moça da sua idade e filha de um Sacerdote, foi enviada para ajudar uma das Sacerdotisas-parteiras, uma mulher que era também Curandeira na Ordem de Riveda. O nome dela era Karahama.

Karahama não pertencia à Casta dos Sacerdotes. Era filha de uma serva do Templo que, antes da sua filha ter nascido, declarara estar grávida do próprio Talkannon. Talkannon, que casara recentemente com uma Sacerdotisa de alta posição, que mais tarde viria a ser a mãe de Domaris e de Deoris, tinha recusado, de forma muito pouco usual, reconhecer a criança como sua. Admitiu conhecimento íntimo da mulher, mas afirmou que não podia estar de forma nenhuma certo de ser o pai da criança que iria nascer e apresentou outros homens que tinham, na opinião dele e desses homens, mais hipóteses de serem o pai da criança.

Perante provas tão flagrantes de má conduta, os Anciãos tinham admitido que ninguém podia ser forçado a reconhecer a criança. À mulher, despojada dos seus privilégios de serva do Templo, tinha sido apenas concedido o mais elementar dos abrigos até ao nascimento da filha e depois tinha sido mandada embora do Templo. Os homens e as mulheres eram livres de viver como bem entendessem antes do casamento, mas a promiscuidade não podia ser tolerada.

A criança Karahama, sem casta e sem nome, fora aceite pela seita dos Hábitos Cinzentos como uma das suas saji e crescera para se tornar na imagem perfeita de Talkannon. Com o tempo, como é evidente, o Sumo Sacerdote apercebeu-se das piadas que corriam entre os escravos do Templo e dos comentários que os seus subordinados faziam nas suas costas. Era, na verdade, um escândalo muito sumarento o fato do Sumo Sacerdote ter uma pequena réplica de si próprio entre os piores párias do Templo. Numa atitude de autodefesa, ele acabou por se render à opinião popular. Depois de cumprir uma longa penitência pelo seu erro, adoptou Karahama legalmente.

Como os Hábitos Cinzentos não tinham qualquer lei de castas, Karahama fora aceite por Riveda como Sacerdotisa-Curandeira. Ao ser reintegrada por Talkannon na sua casta e ao conquistar o direito ao seu nome, escolhera entrar para o Templo de Caratra e era agora uma Iniciada, com direito a envergar o manto azul — uma das mais altas prerrogativas no Templo. Já ninguém podia escarnecer nem cuspir na — sem nome — mas o difícil começo da vida de Karahama tinha feito com que o seu temperamento fosse estranho e imprevisível.

Quando se apercebeu de que a moça que lhe fora destinada como discípula era a

sua meia-irmã, Karahama sentiu uma estranha mistura de emoções que, rapidamente, se resolveram a favor de Deoris. Os filhos de Karahama, nascidos antes desta ter sido reconhecida, eram proscritos, sem qualquer nome, como acontecera com ela, e, por eles, não havia nada a fazer.

Talvez fosse por essa razão que Karahama tentasse ser especialmente bondosa e amigável com aquela jovem parente quase desconhecida. Mas percebeu que, mais cedo ou mais tarde, teria problemas com aquela criança cuja rebelião taciturna ardia, latente e muda, por detrás dos olhos assustados cor de violeta e cujo trabalho era executado de forma cuidadosa e deliberada, como se Deoris fizesse cada movimento contra vontade. Karahama pensou que era uma pena, pois era óbvio que Deoris tinha as qualidades de uma Curandeira nata: mãos firmes e espírito observador, habilidade carinhosa e um certo instinto para a dor. Só lhe faltava a vontade e Karahama decidiu rapidamente tornar seu dever encontrar o fator oculto que poderia ganhar Deoris para o serviço da Mãe. Pensou tê-lo encontrado quando Arkati veio para a Casa dos Nascimentos.

Arkati era a esposa muito nova de um dos Sacerdotes, uma menina bonita mal saída da infância; na realidade era mais nova do que Deoris. Uma moça de pele e cabelos claros, com uns olhos meigos e implorantes, Arkati fora trazida para o Templo de Caratra umas semanas antes da altura devida por não estar bem de saúde. O seu coração fora afectado por uma doença infantil e queriam que ela ficasse mais forte antes da criança nascer. Todas elas, incluindo a severa Karahama, tratavam a moça com meiguice, mas Arkati estava fraca e tinha saudades de casa e chorava por tudo e por nada. Ela e Deoris, veio a descobrir-se, conheciam-se desde a infância. Arkati agarrou-se a Deoris como uma gatinha perdida.

Karahama usou a sua influência e foi dada toda a liberdade a Deoris para passar o tempo que desejasse com Arkati. Reparou, satisfeita, que Deoris tinha bons instintos no que tocava a cuidar da moça doente. Seguiu as instruções de Karahama com bom senso e inteligência e parecia que a rebelião enérgica de Deoris emprestava novas energias à criança-mãe. Mas naquela amizade havia limitações que provinham dos medos de Deoris. Mais do que medo, era um verdadeiro horror. Não sentiria Arkati nenhum medo? Nunca se cansava de sonhar e de fazer planos e de falar do seu bebê; aceitava todos os desconfortos, a doença e o cansaço, sem pensar duas vezes, chegando mesmo a rir-se. Como o conseguia ela? Deoris não sabia e tinha medo de perguntar.

Certa ocasião, Arkati tomou a mão de Deoris nas suas e colocou-a, com força, contra o corpo inchado e Deoris sentiu, sob a mão, um estranho movimento, uma sensação que lhe provocou uma emoção que não conseguia analisar. Sem perceber se aquilo que sentia era prazer ou um grande desconforto, afastou a mão bruscamente.

— Que foi? — Riu-se Arkati. — Não gostas do meu bebê?

Por uma qualquer razão aquele hábito de falar de uma criança ainda não nascida como se já fosse uma pessoa, fazia Deoris sentir-se desconfortável.

— Não sejas pateta — disse desabridamente mas, pela primeira vez em toda a sua vida, pensou conscientemente na sua própria mãe, a mãe que diziam ter sido gentil e graciosa e adorável e muito parecida com Domaris e que morrera quando Deoris nascera. Cheia de sentimentos de culpa, Deoris recordou-se de que matara a sua mãe. Seria por essa razão que Domaris parecia agora ressentida com ela?

Não exprimiu nenhum daqueles sentimentos, limitando-se a executar aquilo que aprendera com uma determinação nascida da ira e, em poucos dias, Karahama viu, com surpresa, que Deoris começava a revelar algo de semelhante a perícia, uma destreza e saber intuitivo que equivalia a anos de experiência. Quando o período normal de serviço chegou ao fim, Karahama pediu-lhe — em tom de desafio, na verdade — para ficar mais

um mês no Templo a trabalhar directamente com ela.

Causando-lhe alguma surpresa, Deoris concordou, limitando-se a dizer a si própria que prometera a Arkati ficar com ela o mais tempo possível. Nem mesmo a si própria admitiria que começara a sentir prazer na sensação de poder e competência que aquele trabalho lhe proporcionava.

O bebê de Arkati nasceu numa noite chuvosa quando os espíritos das vagas esvoaçavam pela praia e o vento gemia uma litania ominosa. Karahama não teve razões de queixa de Deoris, mas algures no decorrer das horas de escuridão o coração enfraquecido deixou de bater e a batalha — comovente na sua brevidade — terminou em tragédia. Ao nascer do Sol, uma criança recém-nascida chorou sem saber porquê numa das salas mais altas do Templo e Deoris, sentindo-se muito doente, chorou amargamente no seu quarto, com o rosto enterrado nas almofadas, tentando apagar da memória os sons e as imagens que a assombrariam nos seus pesadelos para o resto da vida.

— Não podes ficar aí deitada a chorar! — Karahama debruçou-se por cima dela e depois sentou-se a seu lado, envolvendo as mãos de Deoris nas suas. Uma moça entrou no pequeno dormitório, mas Karahama fez-lhe um sinal peremptório para que as deixasse sozinhas e continuou: — Deoris, escuta-me, filha. Não havia nada que pudesses fazer...

Os soluços de Deoris misturaram-se com palavras incoerentes.

Karahama franziu a testa.

— Isso é uma patetice. A criança não a matou! O coração dela parou de bater; sabes que nunca foi forte. Além disso... — Karahama inclinou-se mais para ela e disse, numa voz bondosa mas resoluta, muito semelhante à de Domaris e, no entanto, muito diferente. — És uma filha do Templo. Nós conhecemos o verdadeiro rosto da Morte, uma porta para outra vida e não algo para ser temido...

— Oh, deixa-me em paz! — Gemeu Deoris miseravelmente.

— Nem pensar — disse Karahama com firmeza. A autocomiseração não fazia parte do seu catálogo de emoções permitidas e não sentia qualquer simpatia pelos raciocínios confusos que faziam com que Deoris se enrolasse sobre si própria num novelo desesperado desejando ficar sozinha. — A Arkati não deve ser lamentada! Por isso pára de chorar por ti própria. Levanta-te. Toma banho e veste-te devidamente e depois vai cuidar da filhinha de Arkati. Ela fica à tua responsabilidade até que o pai possa vir buscá-la e, além disso, deves fazer-lhe feitiços protetores para a proteger dos diabinhos que roubam as crianças sem mãe...

Revoltada, Deoris fez o que lhe mandavam, aceitando as inúmeras responsabilidades que havia para assumir: encontrar uma ama de leite, assinalando a criança com runas protetoras e — devido ao fato do verdadeiro nome da criança ser sagrado, registado nos pergaminhos do Templo mas nunca pronunciado em voz alta exceto em ocasiões rituais — Deoris deu à criança o diminutivo pelo qual seria conhecida até crescer: Miritas. O bebê debateu-se debilmente nos seus braços e Deoris pensou, com um desprezo cheio de infelicidade, Feitiços protetores. Onde estava o feitiço que poderia ter salvo Arkati?

Karahama observava estoicamente, mais aflita do que estaria disposta a admitir. Todos sabiam que Arkati não sobreviveria, ela fora avisada, quando casara, de que não deveria tentar ter um filho e as Sacerdotisas tinham-lhe dado runas e feitiços e técnicas arcanas para prevenir a gravidez. Arkati desobedecera de livre vontade àqueles conselhos e pagara essa desobediência com a vida. Agora havia mais uma criança órfã de mãe que teria de ser adoptada.

Mas Karahama também percebera algo mais, pois compreendia Deoris melhor do

que ela própria. Apesar de serem muito diferentes, tanto Deoris como Karahama tinham herdado de Talkannon uma determinação austera e obstinada. O ressentimento, mais do que o triunfo, incitaria Deoris a continuar. Detestando a dor e a morte, ela Juraria conquistá-las. Onde ser forçada a assistir a uma tal tragédia poderia ter deitado a perder outra neófita, fazendo-a fugir cheia de repugnância, Karahama sentia que Deoris seria cativada de forma decisiva.

Karahama não disse mais nada; era suficientemente sensata para deixar que os conhecimentos amadurecessem lentamente. Quando já fora feito tudo o que podia ser feito pela criança recém-nascida, Karahama disse a Deoris que estava dispensada de todos os outros deveres para o resto do dia.

— Não dormiste — acrescentou secamente, quando Deoris fez menção de lhe agradecer. — As tuas mãos e os teus olhos não teriam qualquer préstimo. Certifica-te de que descansas!

Deoris prometeu que assim faria, numa voz tensa, mas não subiu as escadas que levavam ao dormitório reservado às mulheres que prestavam serviço sazonal no Templo. Em vez disso, escapuliu-se por uma porta traseira e correu na direção da Casa dos Doze com uma única idéia em mente — o hábito de uma vida inteira de correr a contar todos os seus desgostos a Domaris. A irmã certamente que agora a compreenderia, tinha de compreender!

Soprava um vento estival húmido, com a promessa de mais chuva. Deoris aconchegou cuidadosamente o lenço em torno do pescoço e dos ombros e correu loucamente através dos relvados. Ao virar uma esquina quase atropelou o majestoso Rajasta que saía da Casa. Mal parando para recuperar o equilíbrio, Deoris gaguejou, ofegante, palavras de desculpa e teria continuado a correr, mas Rajasta deteve-a gentilmente.

— Vê onde pões os pés, minha filha, ou ainda te magoas — avisou-a sorrindo. — A Domaris disse-me que tens estado a servir no Templo de Caratra. Já acabaste o teu serviço por lá?

— Não, só tive o dia livre — Deoris falou educadamente mas mexia-se com impaciência. Rajasta pareceu não reparar.

— Esse serviço trar-te-á sabedoria e compreensão, filhinha — aconselhou-a. — Transformará a criança em mulher. — Pousou a mão sobre os caracóis despenteados e finos numa benção breve.

— Que a paz e o conhecimento sigam os teus passos, Deoris.

Na Casa dos Doze os homens e as mulheres misturavam-se de forma quase promíscua, numa inocência semelhante à que existe entre irmãos e irmãs e que era fomentada pelo fato de os Doze terem sido criados em conjunto. Deoris, cujos anos mais impressionáveis tinham sido passados no interior dos severos limites da Escola dos Escribas, ainda não se tinha acostumado àquela liberdade e quando, no pátio ulterior, descobriu alguns dos Acólitos a banharem-se na fonte, sentiu-se confusa e — à luz dos conhecimentos recém-adquiridos — incomodada. Não queria ter de procurar a irmã no meio deles. Mas Domaris avisara-a frequentemente, com tanta severidade quanta era capaz de demonstrar, que enquanto Deoris vivesse entre os Acólitos teria de se adaptar aos seus costumes e esquecer as limitações absurdas impostas aos escribas.

Chedan foi quem viu Deoris primeiro e gritou-lhe que se despisse e fosse tomar banho com eles. Era um rapaz alegre e o mais jovem dos Acólitos e desde o princípio que tratara Deoris com especial amizade e indulgência. Deoris abanou a cabeça e o rapaz atirou-lhe água até o vestido ficar encharcado e ela fugiu do seu alcance.



Domaris, de pé por baixo da fonte, observou a cena e gritou a Deoris que esperasse por ela. Depois, torcendo o cabelo para espremer a água, Domaris dirigiu-se para a beira do lago. Ao passar por Chedan, os seus ombros nus e o fato de estar de costas tentaram-na a pregar-lhe uma partida. Apanhou água com as mãos em concha e deitou-lha para os olhos. Antes que um dilúvio retaliador a apanhasse, ela guinchou, esquivou-se e começou a correr — depois, lembrando-se de que não seria nada sensato arriscar uma queda naquele momento, abrandou e caminhou a passo.

A água caía formando ondas largas e Deoris, à espera, observou a irmã e os seus olhos abriram-se de espanto. Não acreditava no que via. Abruptamente, Deoris virou-se e fugiu e não ouviu o grito de Domaris enquanto Chedan e Elis, soltando risadas, a apanhavam junto à beira da piscina e a arrastavam de volta para dentro de água. obrigando-a a mergulhar, ameaçando atirá-la para debaixo da fonte. Pensavam que ela estava a brincar enquanto se debatia para se libertar das suas mãos fortes. Duas ou três das moça juntaram-se à festa e os seus guinchos de prazer abafaram os pedidos de misericórdia, mesmo quando, genuinamente assustada, Domaris começou a chorar violentamente.

Tinham mesmo erguido a moça de dentro de água quando Elis lhes agarrou subitamente nas mãos e lhes deu um grito:

— Parem com isso, parem com isso, Chedan, Riva! Deixem-na em paz imediatamente, já!

O tom da voz dela chocou-os e fez com que lhe obedecessem: puseram Domaris de pé e libertaram-na, mas continuavam demasiado excitados para se aperceberem de que Domaris estava a soluçar.

— Foi ela quem começou — protestou Chedan e ficaram a olhar com um ar espantado enquanto Elis abraçava a moça que estava muito abalada e a ajudava a dirigir-se à beira do lago. Domaris sempre fora, até àquele momento, uma das iniciadoras daquele gênero de brincadeiras violentas.

Ainda a chorar um pouco, Domaris agarrava-se impotente a Elis enquanto a prima a ajudava a sair do lago. Elis agarrou num roupão e atirou-o a Domaris.

— Veste isso antes que te constipes — disse sensatamente. — Eles magoaram-te? Devias ter-nos dito... Pára de tremer, Domaris, agora já estás bem.

Domaris, obediente, embrulhou-se no robe de lã branca olhando, arrependida, para os contornos do seu corpo fortemente sublinhados pelo pano grosseiro.

— Queria manter isto em segredo durante mais algum tempo. ... Agora suponho que toda a gente vai ficar a saber.

Elis enfiou os pés molhados nas sandálias atando o cinto do roupão que vestira.

— Não disseste nada nem mesmo à Deoris?

Domaris abanou a cabeça em silêncio enquanto se levantavam e começavam a andar na direção da passagem que dava acesso aos aposentos das mulheres. Em retrospectiva, o rosto de Deoris, chocado e incrédulo, parecia gravado na sua memória.

— Tencionava contar-lhe — murmurou Domaris. — Mas...

— O melhor é falares com ela imediatamente — atreveu-se Elis a aconselhar — antes que ela ouça os comentários de outra pessoa. Mas tem cuidado, Domaris. A Arkati morreu na noite passada.

Detiveram-se em frente da porta de Domaris e esta murmurou distraidamente.

— Oh, mas que pena! — Ela mal conhecera Arkati, mas sabia que Deoris gostava dela e agora... Agora, no meio de um tal desgosto, Deoris não pudera vir ter com ela sem ter sofrido mais um grande choque.

Elis virou-se mas, por cima do ombro, disse:

— Sim e vê se tens mais cuidado contigo! Podíamos ter-te magoado a sério e... Imagina se o Arvath lá tivesse estado? — A porta dela fechou-se com estrondo.

Enquanto Elara a secava, vestia e entrançava os cabelos molhados, Domaris ficou absorta nos seus pensamentos a olhar para o vazio. Podia vir a ter problemas com Arvath — ninguém sabia disso melhor do que ela — mas agora não tinha tempo para se preocupar com isso. Não tinha, ainda, qualquer dever para com ele; tinha agido no âmbito dos seus direitos à luz da lei.

Deoris era uma questão mais séria e Domaris repreendeu-se a si própria pela sua negligência. Tinha de arranjar forma de Deoris compreender. Sentindo-se quente e confortável depois dos cuidados de Elara, enrolou-se no divã e esperou que a irmã regressasse.

Na realidade não se passou muito tempo até Deoris voltar, com as faces afogueadas a deixarem transparecer uma grande agitação. Domaris sorriu-lhe alegremente.

— Vem cá, minha querida — disse e estendeu-lhe os braços. — Tenho uma coisa maravilhosa para te contar.

Deoris, em silêncio, ajoelhou-se e abraçou a irmã com força, num abraço tão violento que Domaris se sentiu consternada ao sentir a tensão e o tremor nos ombros magros da irmã.

— Ora, Deoris, Deoris — protestou muitíssimo perturbada. E depois acrescentou, embora detestasse ter de fazê-lo. — Não me apertes tanto, irmãzinha... Vais magoar-me, podes magoar-nos a ambos. — Sorriu enquanto dizia aquelas palavras, mas Deoris afastou-se bruscamente como se Domaris lhe tivesse batido.

— Então é verdade!

— Pois. sim... Sim, querida, tu viste quando saí do lago. Já és uma moça crescida, tive a certeza de que perceberias sem que tivesse de dizer-to.

Deoris agarrou com força no pulso da irmã provocando-lhe dor, mas Domaris aguentou sem se mexer.

— Não, Domaris! Não pode ser! Diz-me que estás a brincar! — Deoris não acreditaria nem mesmo naquilo que os seus olhos viam se Domaris o negasse.

— Eu não brincaria com uma tarefa tão sagrada, Deoris — disse a mulher e uma profunda sinceridade emprestou um som de campainhas à repreensão e quase desapontamento que transpareciam na sua voz.

Deoris ficou ajoelhada, em choque, olhando para Domaris e tremendo como se tivesse muito frio.

— Sagrada? — Murmurou engasgando-se. — Tu, uma estudante, uma Acólita, sujeita à Disciplina... Desististe de tudo por isto?

Domaris, com a mão que tinha livre, soltou os dedos frenéticos de Deoris do seu pulso. A pele branca estava manchada no local onde os dedos da moça lhe tinham apertado a carne num círculo quase completo.

Deoris, olhando para baixo sem compreender, agarrou subitamente o pulso magoado e, erguendo-o na palma da mão, beijou-o.

— Eu não queria magoar-te, eu... Eu não sabia o que estava a fazer — disse, a respiração ofegante de arrependimento. — Só que eu... Não consigo suportar isto, Domaris!

A moça mais velha tocou-lhe gentilmente na face. — Não te compreendo, Deoris. De que é que eu desisti? Continuo a ser uma estudante, uma discípula. Rajasta sabe de

tudo e deu-me a sua bênção.

— Mas... Mas isto vai impedir a tua Iniciação...

Domaris olhou para ela com o mais absoluto dos espantos. Tomando a mão renitente de Deoris entre as suas e usando a força, puxou-a para cima do divã, dizendo:

— Quem é que te meteu esses macaquinhos no sótão, Deoris? Continuo a ser Sacerdotisa e Acólita ainda que... Não, porque sou mulher! Já serviste um mês ou mais no Templo de Caratra, devias saber que essas coisas não são assim! Certamente que te ensinaram que os ciclos das mulheres e do Universo estão em sintonia, que... — Domaris interrompeu-se, abanando a cabeça e soltando uma pequena gargalhada, — Estás a ver? Às vezes até pareço o Rajasta a falar! Deoris, querida, como mulher – e ainda mais como Iniciada — tenho de conhecer a realização plena. Será possível oferecer uma taça vazia aos Deuses?

Deoris ripostou histericamente.

— Ou uma já corrompida pelo uso?

— Mas isso é absurdo — Domaris sorriu, mas os seus olhos estavam sérios. — Tenho de encontrar o meu lugar, continuar a vida e... — Pousou as mãos elegantes e cobertas de anéis sobre o corpo num gesto protetor e Deoris viu novamente, com um estremecimento, o inchaço ligeiro e quase imperceptível —... Aceitar o meu destino.

Deoris contorceu-se e afastou-se dela. — Também as vacas aceitam o destino! O destino!

Domaris tentou rir, mas o que soltou foi um soluço.

Deoris aproximou-se novamente e pôs os braços em torno da irmã.

— Oh, Domaris, sou horrível, eu sei! O que faço é só magoar-te e eu não quero magoar-te, eu amo-te, mas isto, isto avilta-te! É horrível!

— Horrível? Porquê? — Domaris sorriu com algum pesar. — Bem, não é assim que eu vejo as coisas. Não deves temer por mim, querida, nunca me senti tão forte nem tão feliz. Quanto ao ser aviltada... — O sorriso já não era triste e ela voltou a tomar a mão de Deoris entre as suas e levou-a novamente para junto do seu corpo. — Criança pateta! Como se ele pudesse aviltar-me... O filho de Micon!

— Micon? — Deoris deixou cair a mão enquanto olhava fixamente Domaris com o mais completo dos espantos repetindo estupidamente — O filho de Micon?

— Ora, Deoris, sim... Não sabias? O que é que pensavas?

Deoris não respondeu, limitando-se a olhar Domaris com uma fixidez atordoadas, Domaris sentiu que os soluços lhe faziam tremer novamente os lábios quando tentou sorrir, dizendo:

— Que se passa, Deoris? Não gostas do meu bebê?

— Oh, — Atingida por um assomo de recordações horrorizadas, Deoris voltou a gemer — Oh, não! — E fugiu, a soluçar, ouvindo os gritos aflitos da irmã a persegui-la.

## Capítulo Sete

### As Revelações Das Estrelas

Deitada num sofá no seu quarto, Domaris observava as nuvens carregadas de chuva que passavam sobre o vale. Grandes nuvens compridas passavam baixas, como vagas; nuvens de um cinzento-escuro encimadas por vapor branco semelhante à espuma que coroa as ondas do mar, moviam-se ao sabor dos ventos fortes, cruzando os céus, lançando setas de luz do Sol sobre o rosto de Micon que estava meio reclinado, ali perto, sobre uma pilha de almofadas, com as mãos inúteis cruzadas no colo e uma expressão de paz no rosto moreno. O silêncio entre os dois era tranquilo. O ribombar distante dos trovões e o fragor longínquo das ondas batidas pela tempestade parecia acentuar o conforto e a frescura da sala sombria.

Ambos suspiraram quando ouviram bater à porta, mas quando a silhueta esguia de Rajasta se projectou na ombreira da porta, o aborrecimento de Domaris desvaneceu-se. Levantou-se, ainda elegante, com movimentos tão delicados como os da folha de uma palmeira agitada pela brisa, mas o Sacerdote detectou uma nova dignidade no seu porte quando ela atravessou a sala.

— Senhor Rajasta, já leste as estrelas para o meu bebê!

Ele sorriu bondosamente enquanto a conduzia a um assento junto da janela.

— Queres então que eu fale na frente de Micon, minha filha?

— Com certeza que sim!

Ao ouvir o seu tom enfático, Micon ergueu a cabeça num gesto interrogativo.

— Que é que isto quer dizer, Coração-de-luz? Não compreendo... Que vais dizer-nos acerca do nosso filho, meu irmão?

— Vejo que alguns dos nossos costumes não são conhecidos na Atlântida. — Rajasta sorriu, prazenteiro, e acrescentou delicadamente — Perdoa-me a minha satisfação por eu, para variar, poder fazer de ti meu discípulo.

— Tu ensinas-me muita coisa, Rajasta — murmurou Micon, muito sério. — Honras-me, filho do Sol. — Rajasta fez uma pequena pausa. — Resumindo, então... Entre a Casta dos Sacerdotes, antes que o teu filho possa ser reconhecido — e isso deve ser feito tão depressa quanto possível — a hora da sua concepção tem de ser determinada a partir das tuas estrelas e das da mãe. Dessa forma, saberemos o dia e a hora em que nascerá e poderemos dar à criança que vai nascer um nome adequado.

— Antes mesmo da criança ter nascido? — Perguntou Micon, espantado.

— Permitirias que a criança nascesse sem nome? — Era a vez de Rajasta demonstrar espanto e parecia mesmo escandalizado, — Como Iniciador de Domaris, essa tarefa cabe-me — da mesma forma que, antes de Domaris nascer, li as estrelas para a mãe dela. Também ela era minha Acólita e eu sabia que a sua filha, embora tendo Talkannon como pai, seria uma verdadeira filha da minha alma. Fui eu quem lhe deu o nome de Isarma.

— Isarma? — Micon franziu a testa, confundido. — Não...

Domaris riu-se alegremente.

— Domaris não passa do meu nome de bebê — explicou. — Quando me casar... — A sua expressão alterou-se abruptamente mas continuou, numa voz neutra — passarei a usar o meu verdadeiro nome do Templo, Isarma. Na nossa língua significa passagem para o esplendor.

— É o que tens sido para mim, minha amada — murmurou Micon. — E Deoris?

— Deoris significa apenas Gatinha. Ela não parecia ser maior do que uma gatinha e eu dei-lhe esse nome — Domaris olhou de relance para Rajasta; discutir o seu nome verdadeiro era permitido, mas não era prática comum discutir o de outrem. O Sacerdote da Luz limitou-se a sorrir, contudo, e Domaris continuou — O nome verdadeiro dela, assente nos pergaminhos do Templo, é Adsartha — filha da Estrela Guerreira.

Micon arrepiou-se, percorrido por um tremor compulsivo que pareceu ameaçar o seu corpo de se desintegrar.

— Em nome de todos os Deuses, porque razão deram um nome de tão maus presságios à tua doce irmãzinha?

A expressão de Rajasta era grave.

— Não sei, pois não fui eu quem leu as estrelas; nessa altura estava em reclusão. Sempre quis falar disso com Mahaliel, mas... — Rajasta calou-se. — Só sei o seguinte — disse passados instantes.

— Ela foi concebida na noite do Nadir e a mãe dela, que morreu poucas horas depois de Deoris ter nascido, disse-me, praticamente no seu último suspiro, que Deoris estava predestinada a um grande sofrimento. — Rajasta fez nova pausa, arrependendo-se mais uma vez de, no meio da confusão que se instalara na sequência do nascimento de Deoris, não ter arranjado tempo para falar com Mahaliel que fora um homem de grande sabedoria. Mas o velho Sacerdote morrera há muitos anos e já não podia dar qualquer ajuda. Respirando fundo, Rajasta continuou — e é por isso que temos tanta ternura e cuidados com a nossa Deoris, para que as suas penas possam ser aliviadas pelo nosso amor e a sua fraqueza contrariada pelas nossas forças — embora por vezes eu pense que os cuidados a mais não diminuem a fraqueza... — Domaris soltou uma exclamação de impaciência. — Já chega de presságios e portentos! Rajasta, diz-me, vou dar um filho ao meu Senhor?

Rajasta sorriu e esqueceu-se de a repreender pela impaciência, pois aquele era um assunto que ficava satisfeito em esquecer. Retirou das pregas do manto um pergaminho coberto com inscrições que Domaris não sabia ler, embora ele lhe tivesse ensinado a contar e a escrever os números sagrados. Para as contas do dia-a-dia toda a gente, com excepção dos Iniciados de grau mais alto, recorria aos dedos; os números eram o mistério mais sagrado e mais bem guardado e nunca eram usados levianamente ou para qualquer objectivo frívolo, pois era através deles que os Sacerdotes decifravam os movimentos das estrelas e registavam a passagem dos dias e dos anos nos seus grandes calendários de pedra — tal como os Adeptos, através dos números sagrados, manipulavam as forças naturais que eram a fonte do seu poder. Para além das figuras crípticas e das suas transposições, Rajasta desenhara os símbolos mais simples das Casas do Céu — e com estes Domaris, enquanto Acólita dos Doze, estava familiarizada. Foi portanto a esses símbolos que ele se referiu quando falou.

— Foi nesta altura, sob o Signo da Balança, que tu nasceste, Domaris. Aqui, na Casa do Sagitário, está o dia do nascimento de Micon. Não vou ler isto tudo agora — disse Rajasta num aparte para o homem da Atlântida, que mudou de posição, interessado — mas se o desejares, leio-te tudo mais tarde. De momento, estou certo, o vosso principal interesse é saber qual a data do nascimento do vosso filho.

Continuou, pomposamente, por forma a ignorar as vozes deles enquanto faziam comentários felizes um com o outro.

— Foi nesta hora, de acordo com as tuas estrelas, sob o signo da Lua que é quem regula estas coisas nas mulheres, que o teu ventre recebeu a semente da vida... E neste dia — bateu com um dedo no gráfico — sob o Signo do Escorpião, terás o teu parto e nascer-te-á um filho... Se os meus cálculos forem perfeitamente exatos.



— Um filho! — Gritou Domaris, triunfante. Mas Micon parecia perturbado.

— Não será... Na noite do Nadir?

— Confio que não — assegurou-lhe Rajasta — mas certamente que nascerá pouco depois. Em qualquer caso, lembrem-se de que a noite de Nadir não traz só coisas más. Como já vos disse, Deoris foi concebida na noite do Nadir e é a criança mais querida e esperta que alguém pode desejar. Com os efeitos compensadores da data de concepção do vosso filho ter recaído entre o teu aniversário e o de Domaris e tão próximo dos dois...

Rajasta continuou com aquela lengalenga apaziguadora durante algum tempo e Micon deixou transparecer claros sinais de alívio que, na realidade, Rajasta não partilhava totalmente. O Sacerdote da Luz tinha estado debruçado sobre aquela carta durante muitas horas, perturbado pelo fato de o filho de Micon poder, na verdade, vir a nascer naquela noite de maus presságios. Por mais que tentasse, contudo, Rajasta não fora capaz de excluir totalmente essa possibilidade, pois fora impossível estabelecer, com exactidão, a hora da concepção. Se eu tivesse instruído mais completamente a Domaris. pensou, não pela primeira vez, ela própria poderia determinar a hora exacta.

— Na verdade — terminou Rajasta, com o tom adequado de tolerância divertida que costumava adoptar relativamente às preocupações dos pais —, devo dizer que o pior que podem temer relativamente ao vosso filho é que ele seja capaz de vir a gostar um pouco demais de desafios e de conflitos e de ter uma língua muito afiada, como acontece muitas vezes com os nativos do Escorpião — pôs, com deliberação, a carta de lado. — Nada que uma educação conveniente durante a juventude não possa corrigir. Tenho também outras notícias, minha filha — disse sorrindo para Domaris. Ela estava, pensou, mais bonita do que nunca; os vestígios da santidade e do brilho da maternidade eram já visíveis no seu rosto, uma alegria radiante intocada pelas sombras do sofrimento. No entanto essas sombras estavam lá, algures, uma ameaça ainda informe mas discernível para alguém que era relativamente pouco imaginativo como era o caso de Rajasta e o Sacerdote sentiu um impulso protetor.

— Chegou o momento de eu poder atribuir-te serviços no Templo — disse Rajasta. — És uma mulher, já não estás incompleta. — Apercebendo-se da expressão passageira de inquietação que perpassou as feições de Micon, apressou-se a tranquilizá-lo.

— Não tenhas medo, meu irmão. Não permitirei que ela se fatigue. Comigo ela está segura.

— Disso não tenho quaisquer dúvidas — disse Micon calmamente.

Rajasta virou a sua atenção novamente para Domaris, cuja expressão pensativa estava tingida de grande curiosidade.

— Domaris... Que sabes tu dos Guardiães?

Ela hesitou antes de responder, reflectindo. Rajasta, ele próprio Guardião das Portas Exteriores, era o único Guardião cujo nome era pronunciado em público. Havia outros, evidentemente, mas ninguém no Templo conhecia os seus nomes nem sequer havia a certeza de não existirem mais do que os sete que se sentavam, velados, no Conselho, nas ocasiões solenes. Uma súbita suspeita fez com que os seus olhos se abrissem de espanto.

Rajasta continuou, sem esperar pela sua resposta:

— Minha filha amada, tu própria foste escolhida para Guardiã do Segundo Círculo, enquanto sucessora de Ragamon o Ancião, que continuará no seu posto para te ensinar e guiar até que adquiras maturidade e sabedoria. Serás ajuramentada nessa função assim que o teu filho for reconhecido... Embora — acrescentou com outro sorriso na direção de Micon — a nova função não acarrete nenhuns deveres muito árduos até que tenhas cumprido as tuas responsabilidades para com a criança que está para nascer. E, se

conheço as mulheres... — A sua expressão estava repleta de ternura e indulgência enquanto olhava para a sua jovem Acólita — O reconhecimento do teu ilho terá precedência sobre a outra cerimónia mais solene!

Domaris baixou os olhos com as faces enrubescidas. Sabia que se tivesse recebido aquela honra em qualquer outra altura, se teria sentido totalmente abalada pela idéia; agora isso parecia-lhe algo de remoto, uma consideração vaga e secundária quando comparada com a cerimónia que acolheria o seu filho na vida do Templo.

— Sim, é verdade — admitiu.

O sorriso de Rajasta era uma benção.

— Nenhuma mulher reagiria de forma diferente.

## **Capítulo Oito**

### **A Nomeação Do Nome**

Era responsabilidade dos Cinco Investidos manter os registos da Casta dos Sacerdotes e, enquanto Anciãos do Templo, investigar e apurar todas as circunstâncias relevantes ao lugar destinado a cada criança nascida no interior do recinto. As suas vestes volumosas estavam bordadas e pintadas com símbolos crípticos de uma tal antiguidade que apenas os Iniciados de grau mais elevado tinham uma vaga idéia do seu significado.

Lado a lado, Domaris e Micon estavam de pé perante eles num silêncio meditativo enquanto o incenso cerimonial era queimado numa taça antiga de filigrana, enchendo o ar com o seu perfume. Quando as últimas espirais de fumo se ergueram e desapareceram no ar, um Acólito avançou para fechar cuidadosamente a tampa metálica da taça.

Pela primeira vez, Domaris estava envolta no manto azul que era a cor sagrada da Mãe; os seus belos cabelos estavam entrançados e presos numa rede azul. O seu coração batia transbordante de felicidade e encheu-se de orgulho quando Micon, alertado pelo som tênue da tampa do incensário, avançou para se dirigir aos Cinco Investidos. Envergando singelas vestes brancas e com uma fita dourada, muito simples, em torno da testa, o homem da Atlântida tomou o seu lugar perante eles com uma segurança nos passos que parecia desmentir a sua cegueira.

A sua voz treinada encheu orgulhosamente a sala sem no entanto ser estridente.

— Pais, vim aqui com esta mulher, a minha amada, para vos anunciar e reconhecer que a senhora minha escolhida espera uma criança e que esse filho do seu corpo é produto de mim e só de mim, o meu primogénito e o herdeiro do meu nome, do meu estatuto e dos meus bens. Declaro solenemente a pureza desta mulher e juro perante vós, pelo Fogo Central, pelo Sol Central e pelas Três Asas no Interior do Círculo, que a lei foi observada.

O homem da Atlântida recuou então um passo, virou-se e, com uma deliberação e economia de movimentos que muito revelou aos Cinco Investidos, ajoelhou-se aos pés de Domaris.

— Esta mãe e esta criança — disse Micon — são reconhecidos pela lei com gratidão e reverência; isto para que o meu amor não seja em vão, para que a minha vida seja abençoada e para que o meu dever seja cumprido. Para que eu possa prestar todas as honras a quem são devidas.

Domaris colocou a mão ao de leve sobre a cabeça de Micon.

— Vim até vós — disse ela, com a voz ecoando claramente na câmara velha de

séculos — para anunciar e reconhecer o meu filho que nascerá como filho deste homem. Eu, Domar... Isarma, filha de Talkannon, o afirmo — fez uma pausa, corando, envergonhada por ter gaguejado durante o ritual; mas os Anciãos nem sequer pestanejaram e ela continuou. — Declaro ainda que este é o filho da minha virgindade e que é filho do amor; em reverência o declaro. — Ajoelhou-se então ao lado de Micon. — Ajo de acordo com os meus direitos à luz da lei.

O Ancião que estava sentado ao centro dos Cinco perguntou gravemente:

— O nome da criança?

Rajasta estendeu-lhe o pergaminho num gesto formal.

— Isto deve ser colocado nos arquivos do Templo. Eu, Rajasta, li as estrelas para a filha de Talkannon, e é este o nome que dou ao seu filho: O-si-nar-men.

— O que é que quer dizer? — Perguntou Micon a Domaris num murmúrio quase inaudível e esta respondeu-lhe, também baixinho:

— Filho da Compaixão.

Os Anciãos estenderam as mãos num gesto mais antigo que a humanidade e entoaram:

— A vida em ascensão é reconhecida e bem vinda sob a lei. Filho de Micon e Isarma, O-si-nar-men. Que sejas abençoado!

Erguendo-se lentamente, Micon estendeu a mão a Domaris que a agarrou e se levantou também. Mantiveram-se juntos, com as cabeças baixas, enquanto a cadência das bênçãos pronunciadas em voz baixa prosseguia:

— Dador de Vida... Portadora de Vida... Que sejais abençoados. Agora e para sempre, abençoados sereis e a vossa semente. Ide em paz.

Domaris ergueu a mão no velho Sinal de Honra e, após um instante, Micon seguiu-lhe o exemplo ao ouvir roçar o tecido da manga da sua veste e recordando-se das instruções que recebera de Rajasta. Juntos, com uma humildade silenciosa, saíram da sala do Conselho, mas Rajasta ficou para trás, pois os Cinco Investidos desejavam interrogá-lo relativamente aos pormenores do horóscopo da criança que iria nascer.

No átrio exterior, Domaris encostou-se ao ombro de Micon por um instante.

— Está feito — murmurou. — E, enquanto eu falava, o nosso filho mexeu-se outra vez no meu ventre. Eu... Eu queria muito estar contigo agora!

— Amada, estarás — prometeu Micon com ternura. Mas uma nota de melancolia toldou-lhe a voz quando se curvou para a beijar. — Que me seja permitido ver-te na glória que virá!

## **Capítulo Nove**

### **Uma Questão De Sentimento**

Karahama, Sacerdotisa de Caratra, avaliara Deoris corretamente. Nos dias que se seguiram à morte de Arkati, Deoris tinha, tal como esperara, concentrado todas as suas energias no trabalho que anteriormente desprezara. O seu conhecimento intuitivo desenvolveu-se e transformou-se em destreza, em segurança e em perícia e, no termo do seu período de serviço extraordinário, foi quase com relutância que se preparou para deixar o Templo.

Depois de completar o ritual de purificação, foi ter com Karahama para se

despedir. Nas semanas anteriores tinham-se tornado tão íntimas quanto a reserva da mulher mais velha o permitia e, apesar dos maneirismos severos de Karahama, Deoris apercebeu-se subitamente de que teria saudades dela.

Depois de terem trocado as habituais palavras formais, a Sacerdotisa reteve Deoris um pouco mais.

— Vou sentir a tua falta — disse. — Tornaste-te competente, minha filha. — E, tendo Deoris ficado muda de surpresa — os elogios de Karahama eram raros e difíceis de conquistar — a Sacerdotisa pegou num pequeno disco de prata preso a uma bela corrente. O ornamento, inscrito com o símbolo de Caratra, assinalava os bons serviços prestados e era concedido a quase todas as mulheres que serviam a Deusa — mas era raramente concedido a alguém tão jovem como Deoris. — Usa-o com sabedoria — disse Karahama e ela própria prendeu a corrente ao pulso da moça. Depois de o fazer, ficou a olhar para Deoris como se fosse dizer mais qualquer coisa.

Karahama era uma mulher grande, alta, de seios fartos e um ar imponente, com olhos amarelos como os de um gato e de cabelos alourados. Tal como Talkannon, dava a sensação de conter em si uma ferocidade animal mantida sob um controlo severo.

As vestes azuis de sacerdotisa acrescentavam uma certa arrogância à sua dignidade natural.

— Frequentas a escola dos escribas? — Perguntou finalmente.

— Saí de lá já há muitos meses. Fui nomeada escriba do Senhor Micon de Ahtarrath.

O desdém de Karahama fez esmorecer o orgulho de Deoris.

— Qualquer moça pode fazer esse trabalho de ler e escrever! Decidiste então fazer disso o trabalho da tua vida? Ou é tua intenção seguir a Senhora Domaris e entrar no Templo da Luz?

Até àquele momento, Deoris nunca duvidara realmente de que, um dia, buscaria a iniciação no Templo da Luz, seguindo os passos da sua irmã. Agora, subitamente, percebia que isso era impossível, que sempre fora impossível para ela e portanto disse, tomando a primeira decisão real de toda a sua vida.

— Não. Não quero nenhuma dessas coisas.

— Então — disse Karahama calmamente — creio que o teu lugar é aqui, no Templo de Caratra... A não ser que prefiras juntar-te à Seita de Riveda.

— Aos Hábitos Cinzentos? — Deoris estava chocada. — Eu, uma saji?

— Que Caratra te proteja! — As mãos de Karahama desenharam rapidamente uma runa no ar. — Que todos os Deuses não permitam que eu alguma vez envie uma criança para essa sorte! Não minha filha... Eu queria dizer como Curandeira.

Deoris fez nova pausa, reflectindo. Ela nunca se apercebera de que as mulheres eram admitidas na Seita dos Curandeiros.

Disse, hesitante:

— Eu podia... Pedir a Riveda...

Karahama soltou uma risadinha.

— Riveda não é um homem muito acessível, minha filha. O teu parente Cadamiri é Sacerdote Curandeiro e seria muito mais fácil abordar esse assunto com ele. Riveda nunca presta qualquer atenção aos noviços.

O sorriso dela, por uma qualquer razão, irritou Deoris que disse:

— O próprio Riveda já me perguntou se eu queria entrar para o Templo Cinzento!

Aquelas palavras tiveram o efeito desejado, pois a expressão de Karahama alterou-se consideravelmente e ela olhou Deoris com uma curiosidade silenciosa antes de dizer:

— Muito bem então. Se quiseses, podes dizer a Riveda que eu te declarei capaz

disso. Não que a minha palavra tenha grande valor para ele, mas ele sabe que a minha opinião nestes casos é absolutamente segura.

A conversa desviou-se para outros assuntos, perdeu fluidez e rapidamente morreu. Mas, ao ver Deoris afastar-se, Karahama começou a sentir-se perturbada. Será mesmo correcto, perguntou-se a si própria, enviar esta criança para o caminho de Riveda? A Sacerdotisa de Caratra conhecia Riveda talvez melhor do que os seus próprios noviços e sabia quais os motivos que o moviam. Mas Karahama afastou aqueles pensamentos perturbantes. Deoris já era quase adulta e não apreciaria uma intromissão de Karahama, mesmo que esta fosse motivada pelas melhores intenções. Riveda despertava sentimentos poderosos.

Na Casa dos Doze, Deoris guardou a pulseira e passeou, sem fazer nada, pelos seus aposentos, sentindo-se só e abandonada. Queria fazer as pazes com Domaris, voltar à sua antiga vida, esquecer — pelo menos, durante algum tempo — tudo o que acontecera nos últimos meses.

As salas e pátios vazios perturbavam-na de uma forma obscura. Subitamente deteve-se olhando para a gaiola que continha o seu pássaro vermelho. O pássaro jazia num monte de penas estranho e imóvel no fundo da gaiola, com a plumagem carmin emaranhada e murcha. Com um sobressalto, Deoris correu a abrir a porta da gaiola e tirou o cadáver minúsculo, ajeitando-o na palma da mão com um pequeno grito de dor.

Virou, impotente, o pássaro na mão quase a chorar. Ela amara-o e fora a última coisa que Domaris lhe oferecera antes de ter começado a mudar tanto... Mas o que acontecera? Não havia nenhum gato que pudesse tê-lo atacado... E, fosse como fosse, o passarinho não estava ferido. Olhando para a gaiola agora vazia, viu que a pequena taça de barro no seu interior estava sem água e que havia apenas uma ou duas sementes misturadas com os dejectos no fundo da gaiola.

A entrada repentina de Elara sobressaltou-a e Deoris, virando-se, avançou furiosa na direcção da pequena mulher.

— Esqueceste-te do meu pássaro e agora ele está morto, morto! — Acusou-a, com paixão.

Elara recuou, receosa, um ou dois passos.

— A que pássaro te referes? Eu... Eu não sabia...

— Não me mintas, sua cabra miserável! — Gritou Deoris e, com uma raiva descontrolada, deu uma bofetada no rosto de Elara.

— Deoris! — O choque e a ira transpareciam na voz e Deoris, suspendendo a respiração, girou sobre si própria e viu Domaris de pé, pálida e espantada, na ombreira da porta. — Deoris... O que significa este... Comportamento?

Ela nunca se dirigira a Deoris com tal brusquidão e a moça levou uma mão à boca, sentindo-se subitamente temerosa e culpada, e ficou muito corada e incapaz de falar enquanto Domaris repetia:

— Que se passa aqui? Ou será que tenho que perguntar a Elara?

Deoris explodiu com uma torrente de lágrimas iradas.

— Ela esqueceu-se do meu pássaro e ele morreu! — Gaguejou meia engasgada.

— Isso não é nem razão nem desculpa — disse Domaris ainda zangada e com a voz tensa. — Lamento muito Elara. A minha irmã vai pedir-te desculpa.

— Desculpa? — Perguntou Deoris, incrédula. — Não peço!

Domaris fez um esforço para falar com calma.

— Se fosses minha filha em vez de seres minha irmã, levavas uma tarefa! Nunca fiquei tão envergonhada em toda a minha vida! — Deoris virou-se para fugir, mas antes



que pudesse dar mais do que uns passos, Domaris agarrou-lhe um pulso com força. — Fica onde estás! — Ordenou. — Pensas que vou permitir que me desobedeças?

Deoris debateu-se e soltou-se, pálida e furiosa, mas gaguejou o pedido de desculpas que lhe fora exigido.

Elara ergueu o rosto sereno com a marca dos dedos a ficar vermelha na face morena. A sua voz tinha uma dignidade própria, a serenidade inabalável dos humildes.

— Lamento verdadeiramente o que aconteceu ao teu pássaro, patroazinha, mas não o tinhas confiado aos meus cuidados; eu não sabia de nada. Já alguma vez me esqueci de alguma coisa que me tenhas pedido?

Quando Elara as deixou sozinhas, Domaris olhou para a irmã quase com desespero.

— Que é que te deu, Deoris? — Disse por fim. — Já não te conheço.

Os olhos de Deoris mantiveram-se teimosamente fixos no chão, não se mexera desde que murmurara as suas — desculpas — a Elara.

— Criança, criança — disse Domaris — também eu tenho pena daquilo que aconteceu ao teu pássaro, mas podes ter uma dúzia de outros iguais. A Elara sempre foi bondosa contigo! Se ela fosse tua igual já seria mau, mas bater numa criada! — Abanou a cabeça. — Que vou fazer contigo?

Ainda assim Deoris não respondeu e Domaris olhou para a gaiola aberta com um abanar de cabeça.

— Não sei quem é o responsável — disse calmamente olhando novamente para Deoris — mas se houve aqui negligência, não tens de deitar as culpas senão a ti própria.

Deoris murmurou, amuada:

— Eu não estava aqui.

— Isso não diminui a tua responsabilidade. — Não havia misericórdia nas palavras da mulher mais velha. — Porque não delegaste os cuidados com o pássaro numa das mulheres? Não podes culpá-las por não terem cumprido um dever que ninguém lhes atribuiu. O teu próprio esquecimento custou a vida ao teu bicho de estimação! Não terás o sentido da responsabilidade?

— E eu não tinha mais coisas em que pensar? — Lágrimas comoventes começaram a correr pelas faces da moça. — Se gostasses mesmo de mim, ter-te-ias lembrado!

— Terei de ser eu a assumir todas as responsabilidades durante toda a vida? — Retorquiu Domaris num tom tão furioso que Deoris parou de chorar. Ao ver a expressão chocada no rosto da irmã, Domaris acalmou-se um pouco, tirando o pássaro morto das mãos da moça e pondo-o de lado.

— Eu estava a falar a sério. Podes ter todos os pássaros que desejares — prometeu.

— Oh, eu não quero saber do pássaro para nada! És tu! — Gritou Deoris, lançando os braços em torno de Domaris e chorando convulsivamente. Domaris abraçou-a com força, sentindo que Deoris estava finalmente a exteriorizar o ressentimento que mantivera dentro de si e que não fora capaz de exprimir anteriormente. Talvez agora lhes fosse possível transpor a barreira que se erguera entre ambas desde aquela noite no Campo das Estrelas... Mas, finalmente, teve de lhe recordar:

— Devagar, Deoris. Não me apertes tanto, ainda nos magoas...

Abruptamente, os braços de Deoris caíram ao longo do corpo e ela virou-se sem proferir palavra.

Domaris estendeu a mão, implorando.

— Deoris, não te afastes assim, eu não queria... Deoris, não posso dizer nada que não te magoe?

— Tu não me queres! — Acusou Deoris lastimosamente. — Não tens de fingir.

— Oh, Deoris! — Os olhos cinzentos estavam agora marejados de água. — Como podes ter ciúmes? Como podes? Deoris, não sabes que o Micon está a morrer? A morrer! E eu tenho de interpor-me entre ele e a morte! — As suas mãos fecharam-se novamente, num gesto estranho, sobre o seu corpo. — Até o nosso filho nascer...

Cegamente, Deoris estreitou a irmã nos braços, junto ao peito, tentando fazer tudo ao seu alcance para eliminar aquele sofrimento brutal e terrível. A sua autocomiseração desapareceu e, pela primeira vez na sua vida, experimentou um sofrimento que não era pessoal, sabendo que podia apenas tentar dar conforto onde não havia conforto possível, tentando dizer em vão aquilo que sabia não ser a verdade... E pela primeira vez, a sua própria rebelião desapareceu, perdendo importância perante a tragédia da sua irmã.

## **Capítulo Dez**

### **Homens Decididos**

De um modo tão definitivo que não permitia qualquer tipo de argumentação, Riveda informou finalmente Rajasta de que a sua casa fora posta em ordem. Rajasta cumprimentou-o pelo trabalho bem sucedido e o Adepto curvou-se e saiu, com um pequeno sorriso desdenhoso a bailar-lhe nos olhos, por detrás das pálpebras pesadas.

A investigação das bruxarias proibidas, praticadas por membros da sua Ordem levava meio ano. Resultara numa boa dúzia de flagelações inteiramente merecidas, castigando pequenas blasfémias e outras infrações: utilização abusiva de objectos cerimoniais, o uso ou exibição de símbolos proibidos e outras ofensas semelhantes. Tinham também sido detectados dois casos graves — sem uma ligação clara entre si — envolvendo Adeptos menores que tinham sido espancados e expulsos das fileiras da Seita dos Hábitos Cinzentos. Um deles usara certas poções alquímicas para induzir vários neófitos inocentes e algumas saji à prática de atos sexuais de uma crueldade extrema que, posteriormente, as vítimas não conseguiam sequer recordar. No outro caso grave, o culpado arrombara um armário da biblioteca privativa da Ordem e roubara alguns pergaminhos. Esse ato só por si já seria bastante grave, mas descobrira-se que o homem estivera a desenvolver no seu quarto uma cultura de doenças contagiosas. As operações de descontaminação ainda estavam a decorrer e, até àquele momento, havia boas razões para acreditar no seu sucesso.

Mesmo assim, tudo aquilo alertara os prevaricadores ainda não detectados do fato de Riveda estar consciente da sua existência e não era provável que fosse fácil fazer mais progressos.

Para o próprio Riveda, a maior recompensa, de certa forma, foi a descoberta de toda uma nova área de experiências com um imenso potencial que o Adepto tencionava testar. A chave dessa descoberta era o desconhecido que aceitara como seu cheia. Sob hipnose, este revelara uma estranha sabedoria e um estranho poder — embora fosse necessário recorrer à hipnose para conseguir penetrar a estranha apatia do desconhecido que existia (não se podia dizer que vivesse) como que encerrado numa redoma de vidro escuro sobre a qual os acontecimentos passavam como se fossem reflexos sombrios,

prendendo-lhe a atenção apenas momentaneamente. O seu espírito estava distante e inacessível, como se algo de horrível e vergonhoso lhe tivesse acontecido recentemente, paralisando-o. Mas nos seus raros delírios ele pronunciava por vezes palavras estranhamente coerentes que, ocasionalmente, forneciam a Riveda pistas para descobertas de grande importância — naquela mente aparentemente danificada, estavam escondidas vastas porções de conhecimentos dos quais o próprio Riveda vislumbrava apenas pequenos lampejos. Se o homem era o irmão de Micon, Riveda não sabia nem lhe importava saber. Sentia, com bastante sinceridade, que qualquer tentativa de confrontar os dois apenas causaria danos em ambos. Escrupulosamente, abstinha-se de qualquer investigação séria relativamente à origem do cheia, ou quanto à forma misteriosa como este chegara ao Templo Cinzento.

Contudo, Riveda observava Micon — de uma forma sempre casual, como convinha a um Mago entre Sacerdotes da Luz; sempre de uma forma distante, pairando em redor do círculo das relações do homem da Atlântida, mas estudando-o atentamente. Riveda apercebeu-se rapidamente de que, para Domaris, tudo, a não ser Micon, deixara de existir. Também se deu conta da grande preocupação de Rajasta com o Iniciado cego, numa relação que transcendia aquela que existia entre Sacerdotes e se assemelhava, por vezes, à que existe entre um pai e um filho.

Foi com menos descontracção que observou Deoris.

Riveda não concordava frequentemente com Rajasta, mas neste caso, ambos pressentiam estranhas potencialidades na menina. Com a chegada da maturidade, Deoris poderia tornar-se muito poderosa se fosse devidamente ensinada. No entanto, e embora tivesse passado muito tempo a meditar sobre aquele assunto, Riveda não conseguia definir com exactidão quais as potencialidades que pressentia existirem na moça, possivelmente por serem muitas e variadas.

Ela parecia ser, reparou Riveda, aluna de Micon, para além de sua escriba. Por uma qualquer razão esse fato enfureceu o Adepto, como se Micon estivesse a usurpar um privilégio que deveria pertencer ao próprio Riveda. A forma impessoal e desafiadora como o homem da Atlântida guiava os pensamentos da moça parecia a Riveda trapalhona, demasiado cautelosa e incompetente. Na sua opinião, estavam a prender Deoris enquanto deviam permitir-lhe — compeli-la até, se necessário — a abrir-se e a desabrochar.

Observava, com um humor distante, o crescimento do interesse dela em si próprio e, com maior divertimento ainda, o progresso tumultuoso e infantil da sua relação com Chedan, um Acólito e prometido de Elis. Os rumores que corriam no Templo (relativamente aos quais Riveda não era tão surdo como queria parecer) referiam-se frequentemente à tensão das relações entre Chedan e Elis...

O encantamento de Chedan por Deoris podia ter começado como uma tentativa, pura e simples, de provocar Elis. Fosse como fosse, o caso tornara-se agora mais sério. Quer Deoris sentisse realmente alguma coisa por Chedan ou não — e nem Domaris presumia sabê-lo — aceitava as suas atenções com um prazer cheio de traquinice. Micon e Domaris observavam e acolhiam com satisfação este novo estado de coisas, acreditando que poderia dar a Deoris alguma compreensão à sua difícil situação e aliviar a sua hostilidade relativamente ao amor de ambos.

Riveda encontrou-os casualmente, uma manhã, num dos jardins exteriores: Deoris, sentada na relva aos pés de Micon, estava a arrumar e a cuidar dos seus instrumentos de escrita. Chedan, um adolescente esbelto de olhos castanhos, envergando as vestes de Acólito, debruçava-se sobre ela, sorrindo. Riveda estava demasiado distante para perceber as palavras que trocavam, mas as duas crianças — pouco mais eram que crianças, especialmente aos olhos de Riveda — estavam em desacordo relativamente a qualquer

coisa. Deoris levantou-se de um salto, indignada; Chedan fugiu com um terror fingido e Deoris correu atrás dele, rindo.

Micon ergueu o rosto ao ouvir os passos de Riveda que se aproximava e estendeu as mãos em sinal de boas-vindas – mas não se levantou e Riveda sentiu-se mais uma vez chocado pela devastação provocada pela dor no rosto do Iniciado cego. Como sempre, e porque se sentia acabrunhado por uma piedade imensa, refugiou-se na deferência irônica com que dissimulava as suas emoções mais profundas.

— Viva, Senhor de Ahtarrath! Os teus discípulos rugiram dos teus ensinamentos demasiado sensatos? Ou terás uma vara de bétula a postos para os teus neófitos?

Micon, apercebendo-se do sarcasmo, sentiu desalento e perplexidade. Tentara, de forma genuína, ultrapassar a desconfiança inicial que sentira relativamente a Riveda e o seu falhanço consternava-o. Superficialmente Riveda era, evidentemente, um homem de quem era fácil gostar; no entanto, Micon sentia que poderia facilmente odiar aquele homem se o permitisse a si próprio.

Reagindo, controlando-se severamente, Micon ignorou as palavras sardônicas de Riveda e falou-lhe das febres que, regularmente, dizimavam as populações das colinas costeiras e da fome que poderia grassar se demasiados homens ficassem incapacitados pela doença e não pudessem fazer as colheitas.

— São os teus Curandeiros quem mais poderá fazer para remediar esta situação — cumprimentou-o sincera e deliberadamente.

— Ouvi falar do belo trabalho que fizeste com eles, Senhor Riveda. Esses mesmos Curandeiros eram, se bem me recordo, pouco mais do que charlatães corruptos ainda não há dez anos...

— Isso é um tanto exagerado — Riveda sorriu com o prazer sombrio dos reformistas. — No entanto é verdade, havia muita decadência no Templo Cinzento quando para aqui vim. Não pertenço à Casta dos Sacerdotes — como imagino que Rajasta deve ter-te dito — sou um nortenho de Zaiadan. Provenho de gente simples, pescadores, homens do mar à sua maneira. Na minha terra, sabemos que as drogas certas são mais eficazes do que a maioria das rezas mais sinceras, a não ser que a doença se encontre inteiramente no cérebro. Quando era rapaz aprendi a cuidar das feridas porque era coxo de uma perna e a minha família achava que eu não servia para mais nada.

Micon pareceu sobressaltar-se com aquela afirmação e Riveda riu-se.

— Oh, curei-me — não interessa como — mas já aprendera por essa altura que o corpo era mais complexo do que a maioria dos Sacerdotes estava disposta a admitir, exceto quando estão com os copos. — Riu-se novamente; depois, ficando sério, continuou. — E também já aprendera o muito que a mente se pode fortalecer quando o corpo é dominado e subjugado à disciplina da vontade. Como, por essa altura, pouco amor nutria pela aldeia onde nasci, peguei no meu cajado e vagueei pelo estrangeiro, como eles dizem. Foi assim que fiquei a saber da existência dos Magos; aqui chamam-lhes Hábitos Cinzentos.

— Expressivamente, encolheu os ombros, esquecendo-se momentaneamente de que Micon não podia vê-lo. — Finalmente vim para cá, como Adepto e encontrei, na Ordem local dos Magos, um culto de místicos de espírito preguiçoso mascarados de Curandeiros. Não eram, tal como já disse, totalmente charlatães, pois tinham guardados nas prateleiras a maior parte dos métodos que empregamos actualmente, mas tinham-se tornado decadentes e descuidados, preferindo cânticos e encantamentos ao trabalho honesto. Por isso expulsei-os.

— Levado pela ira? — Murmurou Micon num tom de ligeira desaprovação.

— Num belo acesso de fúria — ripostou Riveda com uma gargalhada e um grande

sorriso. — Já para não falar de uns pontapés bem aplicados. A alguns, na verdade, expulsei-os fisicamente, só me detendo para discutir o assunto posteriormente... — Fez uma pequena pausa, reflectindo. — Depois juntei os poucos que sentiam como eu — tanto Sacerdotes da Luz como Hábitos Cinzentos — homens que acreditavam, como eu, que a mente tem poderes curativos de um certo tipo, mas que o corpo também necessita de tratamento. A maior ajuda que tive foi das Sacerdotisas de Caratra, pois elas trabalham com mulheres vivas, não com almas e ideais e não lhes é fácil esquecer essa grande verdade, que os corpos têm de ser tratados, pura e simplesmente, como corpos que sofrem. Há séculos que usam os métodos correctos e agora consegui recuperá-las para o mundo dos homens onde são igualmente necessárias senão ainda mais necessárias.

Micon sorriu com certa tristeza. Como médico, pelo menos, sabia que tinha de admirar Riveda e o atrevimento mental da própria natureza de Micon saudava as qualidades equivalentes no Adepto. Mas que pena, pensou Micon, que Riveda não tenha aplicado a sua grande inteligência e o seu extraordinário bom senso à própria vida... É uma pena que um homem assim se desperdice nas conquistas vãs da Magia!

— Senhor Riveda — disse ele subitamente — os teus Curandeiros estão acima de qualquer crítica, mas alguns dos teus Hábitos Cinzentos ainda praticam o suplicio. Como pode um homem da tua inteligência tolerar tal coisa?

Riveda retorquiu:

— És de Ahtarrath. Certamente que conheces o valor de certas... Austeridades?

A resposta de Micon foi o desenhar de um certo Sinal com a mão direita. Riveda ponderou no valor de retribuir o Sinal a alguém que não podia vê-lo, mas continuou com menos reservas:

— Então reconhecerás o valor que existe no aguçar dos sentidos, levando certos fatores físicos e mentais a um estado de elevada consciência, sem que se complete o padrão ou se liberte a tensão. Estão disponíveis, como é evidente, métodos menos extremos mas, no final, tens de concordar que um homem é dono de si próprio e aquilo que não prejudica outrem... Bem, em última análise, não há muita coisa que se possa fazer relativamente a essa questão.

A expressão do Iniciado traía a sua discordância; os lábios finos pareciam extraordinariamente severos.

— Sei disso... Podem obter-se resultados com esse tipo de procedimentos — disse — mas reputo esses resultados sem valor. E... Existe a questão das tuas mulheres e dos... Usos... Que fazem delas — hesitou, tentando formular as frases por forma a causar o mínimo de ofensa possível. — Talvez o que tu fazes traga desenvolvimento de um certo tipo... Mas será sempre desequilibrado, pois é uma violência contra a natureza. Em resultado disso, terás sempre de te precaver contra a loucura que possa surgir no interior dos teus muros.

— A loucura tem muitas causas — comentou Riveda. — No entanto nós, os Hábitos Cinzentos, poupamos às nossas mulheres a brutalidade de conceber filhos para satisfazer o nosso orgulho!

O homem da Atlântida ignorou o insulto limitando-se a perguntar calmamente:

— Não tens filhos, Riveda?

Fez-se uma pausa apreciável. Riveda baixou a cabeça, incapaz de se livrar da sensação absurda de que os olhos cegos daquele homem viam mais do que os seus olhos perfeitamente saudáveis.

— Acreditamos — continuou Micon calmamente — que um homem não cumpre o seu dever se não deixar um filho para continuar o seu nome, Quanto aos teus Magos, pode ser que o bem que fazem aos outros se sobreponha ao mal que fazem a si próprios. No



entanto pode chegar o dia em que ponham em movimento sequências que não possam corrigir ou controlar — o sorriso torcido reapareceu nos lábios de Micon. — No entanto, isso não passa de uma possibilidade. Não quero discutir contigo, Senhor Riveda.

— Nem eu quero discutir contigo — respondeu o Adepto e no seu tom enfático transpareceu algo mais do que simples cortesia. Sabia que Micon não confiava nele totalmente e não tinha qualquer desejo de arranjar um inimigo com uma posição tão importante como a que era actualmente ocupada pelo homem da Atlântida. Uma palavra de Micon seria suficiente para fazer com que os Guardiães caíssem sobre o Templo Cinzento e, ninguém melhor do que Riveda, sabia que algumas das práticas da sua Ordem não passariam no exame de uma investigação objectiva. Podiam não ser propriamente bruxarias interditas, mas não mereceriam a aprovação dos severos Guardiães. Não, não queria brigar com Micon...

Deoris e Chedan, caminhando agora calmamente lado a lado, vieram até junto deles. Deoris saudou Riveda com uma deferência que fez com que Chedan ficasse a olhar fixamente para eles com o maxilar subitamente descaído e inútil.

— Senhor Micon — disse o Adepto — vou tirar-te Deoris.

As feições cegas e morenas de Micon ficaram rígidas de desagrado e, quando virou o rosto para Riveda, um instinto qualquer ominoso atingiu o homem da Atlântida. Com a voz carregada de tensão disse:

— Porque dizes isso, Riveda?

Riveda deu uma gargalhada sonora. Sabia muito bem o que Micon queria dizer, mas apeteceu-lhe fingir-se desentendido, — Ora, o que pensaste que eu queria dizer? — Perguntou. — Preciso de falar com a pequena donzela durante alguns minutos, pois Karahama do Templo de Caratra deu-me o nome dela para admissão nos Curandeiros — Riveda riu-se novamente. — Se tens tão má opinião de mim, não me importo nada de falar com ela na tua presença, Príncipe Micon!

Uma fadiga mortal tomou conta de Micon, sobrepondo-se gradualmente à sua ira. Os seus ombros descaíram.

— Não... Sei o que quis dizer. Eu... — Calou-se, ainda nervoso mas incapaz de justificar esse nervosismo, nem mesmo a si próprio. — Sim, já ouvi dizer que a Deoris procurava uma Iniciação. Fico muito contente... Vai, minha Deoris.

Pensativo, Riveda levou a moça pelo caminho acima.

Deoris era muito sensível, delicada, toda ela nervos. Instintivamente percebeu que o lugar dela não era entre os Curandeiros mas entre os próprios Hábitos Cinzentos. Muitas das mulheres no Templo Cinzento não passavam de saji, desprezadas ou ignoradas... Mas ocasionalmente uma mulher podia ser aceite no Caminho dos Magos. Poucas, muito poucas, podiam almejar o sucesso em pé de igualdade com os homens e seria difícil arranjar entre elas um lugar para Deoris.

— Diz-me, Deoris — disse Riveda subitamente —, serviste durante muito tempo na Casa da Mãe?

Ela encolheu os ombros.

— Só fiz os serviços preliminares que todas as mulheres têm de fazer — Olhou de relance para os olhos do Adepto mas desviou novamente o olhar e murmurou. — Trabalhei durante um mês com Karahama.

— Ela falou-me da tua competência — Riveda fez uma pausa.

— Talvez não estejas a aprender tudo isto pela primeira vez mas a recuperar um conhecimento que já tiveste, numa vida anterior.

Deoris ergueu os olhos, encontrando os dele mais uma vez, com o espanto

estampado na cara.

— Que queres dizer?

— Não me é permitido discutir estas coisas com uma filha da Luz — disse Riveda a sorrir — mas aprenderás todas essas coisas à medida que fores progredindo no Templo. Falemos alguns minutos sobre questões práticas. — Apercebendo-se de que as pernas curtas da moça não estavam habituadas às suas passadas largas, Riveda virou para uma pequena praça sobranceira a um dos pequenos regatos que corriam pelo recinto do Templo.

— Karahama — continuou o Adepto — disse-me que procuras admissão entre os Curandeiros, mas existem muitas razões pelas quais não desejo aceitar-te neste momento. — Observou-a pelo canto do olho e sentiu-se vagamente gratificado pelo desconforto dela.

— Enquanto Curandeira — continuou — continuarias a ser unicamente uma filha do Templo e não uma Sacerdotisa... Diz-me, já foste ajuramentada no Caminho da Luz?

As emoções de Deoris tinham vacilado tão rapidamente nos últimos minutos que, a princípio, não conseguiu mais do que abanar a cabeça, emudecida. Depois, recuperando a compostura, esclareceu:

— Rajasta disse que ainda sou demasiado nova. A Domaris não fez quaisquer votos até ter mais de dezassete anos.

— Eu não te faria esperar tanto tempo — objectou Riveda — mas é verdade que não é preciso ter pressa... — Ficou novamente em silêncio, olhando para o outro lado da praça e para o que se estendia para além dela. Por fim, virando-se para Deoris, disse. — Este é o conselho que te dou: primeiro debes procurar a iniciação entre os graus mais baixos das Sacerdotisas de Caratra. À medida que fores ficando mais velha, poderás vir a decidir que o teu verdadeiro lugar é entre os Magos... — Riveda impediu-a de fazer uma pergunta com um gesto imperativo. — Eu sei, não queres ser saji, nem eu to estou a sugerir. Contudo, como Iniciada e Sacerdotisa de Caratra, poderás subir no Seu serviço até aos postos mais elevados... Ou entrar no Templo Cinzento. A maior parte das mulheres não tem as qualidades necessárias para alcançar o grau de Adepta, mas eu acredito que tu tens poderes inatos. — Sorriu-lhe e acrescentou. — Só espero que os utilizes corretamente.

Ela enfrentou o olhar dele com grande seriedade.

— Não sei como...

— Mas aprenderás. — Pôs uma das mãos sobre o seu ombro. — Confia em mim.

— Sim — disse ela confiante, apercebendo-se subitamente de que era verdade.

Com total seriedade, Riveda avisou-a:

— O teu Micon não tem fé em mim, Deoris. Talvez eu não seja um homem merecedor de confiança.

Deoris olhou, infeliz, para as lajes do pavimento.

— Micon... O Senhor Micon... Foi tratado tão cruelmente... Talvez já não consiga confiar em ninguém — deitou-se ela a adivinhar, incapaz de contemplar a idéia de que Micon pudesse ter razão. Não queria acreditar em nada que fosse desagradável para Riveda.

O Adepto tirou a mão do ombro da moça.

— Vou então pedir a Karahama que te tome sob a sua direção pessoal — disse em jeito de fim de conversa. Deoris, aceitando a despedida, agradeceu-lhe timidamente e foi-se embora. Riveda ficou a vê-la afastar-se, com os braços cruzados sobre o peito e, embora houvesse vestígios de um sorriso irónico nos seus lábios, os seus olhos estavam pensativos. Poderia Deoris ser a mulher que ele imaginara? Ninguém melhor do que ele sabia que as recordações aleatórias de vidas anteriores

apareciam por vezes na nossa mente como pressentimentos relativamente ao futuro... Se ele compreendia bem o carácter daquela moça, ela era arrebatada, demasiado arrebatada, talvez, impetuosa mesmo. Seria ela totalmente confiante?

Não desejando permitir que os seus pensamentos vagueassem para muito longe das realidades actuais, Riveda virou-se e recomeçou a caminhar, afastando-se da praça com as suas passadas largas e características. Deoris era ainda uma menina e ele teria de esperar, durante anos, talvez, para ter a certeza de que não se equivocara... Mas já fora um começo.

O Adepto Riveda não estava habituado a esperar por aquilo que queria mas, desta vez, a espera era bem capaz de merecer a pena!

## **Capítulo Onze**

### **Das Bênçãos E Das Pragas**

Com as mãos modestamente cruzadas à frente do corpo e o cabelo simplesmente entrançado, Deoris apresentou-se perante a assembleia das Sacerdotisas de Caratra. Trazia vestida, pela última vez, a túnica dos escribas e já se sentia pouco à vontade com ela.

Mesmo enquanto ouvia com seriedade e atenção as graves admoestações de Karahama, Deoris sentia-se assustada, mesmo em pânico, com os pensamentos desfilando num contraponto melancólico às palavras da Sacerdotisa. A partir daquele dia, daquela hora, ela não mais seria a "pequena Deoris", mas uma mulher que escolhera o trabalho da sua vida — embora nos anos seguintes não passasse de uma aprendiz de Sacerdotisa, mesmo isso conferia-lhe as responsabilidades de uma adulta... E agora Karahama acenava-lhe para que se aproximasse. Deoris estendeu as mãos tal como lhe fora indicado.

— Adsartha, filha de Talkannon, conhecida por Deoris, recebe das minhas mãos estes ornamentos que tens agora o direito de usar. Usa-os com sabedoria e nunca os profanes — adjurou Karahama.

— Filha és da Grande Mãe; filha e irmã e mãe de todas as mulheres.

— Nas mãos estendidas, Karahama depositou os ornamentos sagrados que Deoris deveria usar para o resto da sua vida. — Que estas mãos sejam abençoadas para o trabalho da Mãe; que sejam consagradas — disse Karahama e fechou os pequenos dedos de Deoris sobre as gemas rituais, mantendo-os cerrados por um instante, fazendo depois um Sinal protetor sobre eles.

Deoris não se considerava, de forma alguma, uma pessoa supersticiosa e, no entanto, quase esperou sentir o toque quente de um qualquer grandioso poder místico entrando dentro de si — ou então que as próprias paredes a denunciassem como indigna. Mas não sentiu nada, apenas uma tensão nervosa e um ligeiro tremor na barriga das pernas devido ao fato de estar de pé, imóvel, durante a longa cerimónia que, era evidente, ainda não terminara.

Karahama ergueu os braços em mais um gesto ritual dizendo:

— Que a Sacerdotisa Deoris seja investida de forma adequada ao seu grau.

A Mãe Ysouda, a velha Sacerdotisa que trouxera Domaris e Deoris ao mundo e que cuidara delas após a morte da mãe, levou-a consigo; Domaris, tomando o lugar da mãe, acompanhou-as até à antecâmara.

Primeiro, a túnica cor de linho dos escribas foi despida e lançada ao fogo; Deoris

ficou nua, tremendo de frio, sobre as lajes. Mantendo o silêncio ritual, a expressão da Mãe Ysouda era demasiado severa para servir de conforto a qualquer uma delas. Domaris soltou da trança o cabelo pesado da irmã e a velha Sacerdotisa cortou-o e lançou os caracóis escuros para as chamas. Deoris reprimiu lágrimas de humilhação enquanto via o cabelo arder, mas não soltou qualquer som; teria sido impensável chorar durante uma tal cerimónia. Enquanto a Mãe Ysouda executava os elaborados rituais da purificação e vestia Deoris, com o cabelo cortado curto e subjugada, com as vestes de uma Sacerdotisa do grau mais baixo, Domaris observava-a com os olhos a brilhar. Não lamentava que Deoris tivesse escolhido um serviço diferente do seu. Estes eram aspectos diferentes da hierarquia em que ambas tinham nascido e parecia-lhe correcto que Deoris tivesse escolhido o serviço da humanidade em vez do serviço que ela própria escolhera, a sabedoria esotérica da Luz. Vendo Deoris envolta nas vestes simples de noviça, os olhos de Domaris encheram-se e transbordaram com lágrimas de alegria. Sentia o orgulho maternal que se sente por um filho já crescido sem sentir no entanto a pena que uma mãe sente quando um filho cresce e sai do seu controlo.

Quando Deoris já estava vestida com a túnica azul e direita, sem mangas, entretecida com branco, puseram-lhe uma faixa azul simples em torno da cintura e prenderam-na com uma única pérola — a pedra das grandes Profundezas, trazida do ventre da terra através do perigo e da morte, simbolizando por isso o nascimento das crianças. Em torno do pescoço de Deoris, penduraram um amuleto em cristal esculpido que ela mais tarde aprenderia a usar como pêndulo hipnótico e canal psíquico quando tal fosse necessário para o seu trabalho.

Assim vestida e adornada, foi reconduzida para junto da assembleia de Sacerdotisas que tinham quebrado o círculo solene e se apinharam em torno da moça para lhe darem as boas-vindas à Ordem, beijando-a e abraçando-a, dando-lhe os parabéns, metendo-se com ela por causa do cabelo curto. Até mesmo a Mãe Ysouda, ossuda e austera, se descontraiu o suficiente para partilhar recordações com Domaris que estava encantada e que se mantinha afastada da multidão de mulheres vestidas de azul que se apinhavam em torno da recém-chegada.

— Nem posso acreditar que já se passaram quinze anos desde a primeira vez que ta pus nos braços!

— Como é que eu era? — Perguntou Deoris com curiosidade. A Mãe Ysouda endireitou-se pondo um ar muito digno.

— Muito parecida com um macaquinho encarnado — respondeu, mas sorriu amorosamente a Deoris e a Domaris. — Perdeste a tua pequena, Domaris... Mas em breve vou pôr outra criança nos teus braços, não é verdade?

— Dentro de alguns meses — disse Domaris timidamente e a velha senhora apertou-lhe afectuosamente a mão.

Dado que os deveres formais de Deoris só teriam início no dia seguinte, as irmãs regressaram juntas à Casa dos Doze.

Domaris pôs uma mão sobre a cabeça da irmã, com o cabelo cortado muito curto, com uma compaixão hesitante.

— O teu lindo cabelo — lamentou.

Deoris abanou a cabeça, fazendo balançar os caracóis curtos.

— Gosto dele assim — disse impulsivamente. — Agora já não vou precisar de passar o tempo a entrançá-lo e a penteá-lo... Domaris, estou muito feia?

Domaris viu o tremor da boca da irmã e riu-se, assegurando-lhe rapidamente:

— Não, não, pequena Deoris, estás a ficar muito bonita. Acho até que esse estilo te

fica bem... Mas faz com que pareças muito pequenina — provocou-a. — O Chedan é capaz de te pedir que proves ser uma mulher!

— Ele é muito bem-vindo a procurar o tipo de provas que já obteve — disse Deoris com desprendimento — mas não vou pôr em perigo a minha amizade com Elis por causa daquele bebê grande!

Domaris riu-se.

— Eras capaz de ganhar a gratidão eterna de Elis se a livrasses de Chedan para sempre! — A sua alegria evaporou-se quando um pensamento irritante e recorrente lhe veio mais uma vez à mente: ainda não sabia quais os verdadeiros sentimentos de Arvath relativamente ao fato de ela ter invocado a sua liberdade aos olhos da lei. Já tinha havido entre eles algumas cenas pouco agradáveis e Domaris estava à espera que acontecessem mais. Ela vira como Chedan se comportara quando Elis fizera o mesmo. Esperava que Arvath fosse mais generoso, mais compreensivo... Mas suspeitava cada vez mais de que essa esperança não passava de um desejo seu.

Franzindo ligeiramente a testa, Domaris encolheu os ombros com impaciência. Fizera a sua escolha e se esta acarretasse coisas menos agradáveis, bem, teria de enfrentá-las quando chegasse a altura. Deliberadamente, virou os seus pensamentos para questões mais prementes. — O Micon queria ver-te depois das cerimônias, Deoris. Eu vou livrar-me destas tapeçarias — brincou abanando as vestes desconfortáveis que tivera de usar durante os rituais — e depois vou ter convosco.

Deoris sobressaltou-se. Inexplicavelmente, a idéia de se confrontar com Micon sem ter Domaris por perto perturbava-a.

— Eu espero por ti — ofereceu-se.

— Não — disse Domaris descontraidamente — acho que ele queria ver-te a sós.

Os servos de Micon, que tinham vindo da Atlântida, conduziram-na a um quarto que dava para uma série de jardins verdes em socalco, com árvores cobertas de flores e repletos dos sons de águas a cair em cascata e dos trinados de inúmeros pássaros. As salas eram espaçosas e frescas, como era indicado para apartamentos reservados a visitantes importantes e de grande dignidade. Rajasta não se poupou a esforços para assegurar o conforto do seu convidado.

Recortadas na janela, as vestes luminosas de Micon davam à sua silhueta erecta e macilenta um aspecto quase translúcido sob a luz do Sol vespertino. Quando virou a cabeça, sorrindo abertamente, Deoris vislumbrou um clarão de cor radiante, como se fosse uma aura brilhante, explodindo, luminosa, em torno da sua cabeça. Depois desapareceu tão rapidamente que Deoris duvidou daquilo que os seus olhos tinham visto. Aquele momento de visão clarividente deixou-a tonta e ela deteve-se na ombreira da porta. Depois arrependeu-se de ter parado, pois Micon ouvira-a e dirigia-se com esforço na sua direção. — És tu, minha pequena Deoris?

Ao ouvir a sua voz, o nervosismo que ainda sentia desapareceu; correu a ajoelhar-se diante dele. Ele sorriu-lhe, travesso.

— E agora já não devo chamar-te pequena Deoris, segundo me disseram — brincou e pousou a mão, magra e cruzada de veias azuis sobre a cabeça dela. Depois retirou-a, surpreso. — Cortaram os teus lindos cabelos! Porquê?

— Não sei — disse ela timidamente, levantando-se. — É o costume.

Micon sorriu, espantado. — Que estranho — murmurou. — Sempre me perguntei... És parecida com Domaris? O teu cabelo é claro como o dela?

— Não, o meu cabelo é negro como a noite. A Domaris é linda, eu nem sequer sou bonita — disse Deoris sem rodeios.



Micon soltou uma pequena risada.

— Mas a Domaris disse o mesmo de ti, filha... Disse que tu és adorável e que ela é bastante vulgar! — Encolheu os ombros. — Suponho que as irmãs são sempre assim quando se amam. Mas eu tenho dificuldade em imaginar a tua imagem e sinto que perdi a minha pequena escriba... E perdi mesmo, pois vais estar demasiado ocupada para me vir ver!

— Oh, Micon lamento imenso que assim seja!

— Não te preocupes, gatinha. Fico satisfeito... Não por te perder, mas por teres encontrado o trabalho que te conduzirá à Luz.

Ela corrigiu-o, hesitante.

— Eu não vou ser Sacerdotisa da Luz, mas sim da Mãe.

— Mas tu própria és filha da Luz, minha Deoris. Tens a Luz em ti, mais do que pensas, pois ela brilha visivelmente. Eu já a vi, embora os meus olhos sejam cegos. — Sorriu novamente. — Mas já basta desta conversa; tenho a certeza de que já ouviste exortações vagas que te cheguem por hoje! Sei que não estás autorizada a usar ornamentos enquanto fores aprendiz de Sacerdotisa, mas tenho um presente para ti... — Virou-se e, de uma mesa próxima, retirou uma pequena estatueta: um gatinho, esculpido em jade verde, sentado sobre as patas esguias, com os olhos de topázio piscando comicamente para Deoris. Em torno do seu pescoço havia um colar de pedras verdes, belamente esculpidas e polidas. — O gato trar-te-á sorte — disse ele — e quando fores a Sacerdotisa Adsartha e já não estiveres impedida de usar gemas e ornamentos... — Com destreza, Micon abriu o colar. — Vê, o Senhor Gato vai emprestar-te o seu colar para fazeres uma pulseira se o teu pulso continuar a ser fino como agora. — Pegando na sua mão esguia pôs-lhe a pulseira de pedras no pulso por um instante. Depois tirou-a, rindo. — Mas não devo tentar-te a quebrar os teus votos — acrescentou e voltou a pôr o ornamento em torno do pescoço do gato.

— Micon, é lindo! — Gritou Deoris, encantada.

— E assim sendo, só poderia pertencer-te, pequenina... minha amada irmãzinha — repetiu ele, com a voz detendo-se por instantes naquelas palavras. Depois disse — Vamos passear nos jardins até Domaris chegar.

Os relvados estavam frescos e repletos de sombras, embora aqui e ali as verduras estivais estivessem manchadas de amarelo. A grande árvore sob a qual se tinham sentado tantas vezes durante o Verão estava seca, com cachos de bagas brilhantes aninhados entre os ramos — mas o pó fino e arenoso não penetrava na folhagem e as árvores filtravam, de alguma forma, o brilho abrasador do Sol. Encontraram o local onde se sentavam habitualmente e Deoris deixou-se cair sobre a relva ressequida, pousando a cabeça levemente sobre os joelhos de Micon e olhando para ele. Parecia-lhe que o rosto bronzeado estava mais magro, mais marcado pela dor.

— Deoris — disse ele, com o velho sorriso aparecendo e desaparecendo como um relâmpago estival — a tua irmã tem sentido a tua falta. — O tom dele não era reprovador, mas Deoris sentiu as faces corarem de vergonha e sentimento de culpa.

— A Domaris agora não precisa de mim — murmurou.

O toque de Micon nos seus caracóis curtos foi muito terno.

— Estás enganada, Deoris, ela precisa de ti mais do que nunca... Precisa da tua compreensão e... Do teu amor. Eu não me intrometeria nas vossas questões pessoais... — Ele sentiu-a mexer-se, ciumenta, debaixo da sua mão. — Não, espera Deoris.

Deixa-me dizer-te uma coisa. — Mexeu-se inquieto como se preferisse falar de pé, mas uma expressão estranha tingiu-lhe as feições sensíveis e ficou onde estava. — Deoris, escuta-me. Eu não vou viver muito mais tempo.

— Não digas isso!

— Tenho de dizê-lo, irmãinha. — Uma sombra de desgosto fez com que a voz ressonante do homem da Atlântida ficasse mais grave. — Viverei... Talvez... Até o meu filho nascer. Mas quero saber que... Depois... A Domaris não vai ficar completamente sozinha. — As suas mãos mutiladas, marcadas por cicatrizes, mas magras e meigas, tocaram nos seus olhos úmidos. — Querida, não chores... Eu amo-te muito, pequena Deoris, e sinto que te posso confiar Domaris...

Deoris não conseguiu obrigar-se a falar ou mover, limitando-se a olhar para os olhos cegos de Micon como se estivesse em transe. Com um ênfase horripilante, o homem da Atlântida continuou:

— Não estou tão apaixonado pela vida que não possa suportar deixá-la! — Depois, tendo consciência de que a assustara, a terrível ironia à custa de si próprio desvaneceu-se lentamente do seu rosto.

— Promete-me, Deoris — disse ele e tocou-lhe nos lábios e no peito num curioso gesto simbólico que, durante muitos anos, ela não compreenderia.

— Prometo — murmurou ela a chorar.

O homem fechou os olhos e encostou-se ao tronco largo da grande árvore. Falar de Domaris enfraquecera o controlo férreo ao qual devia a sua vida e era suficientemente humano para se sentir aterrorizado. Deoris apercebeu-se da sombra que lhe cruzava o rosto, pôs-se de pé de um salto.

— Micon! — Gritou, debruçando-se temerosamente sobre ele. Ele ergueu a cabeça, com a testa coberta de transpiração e disse algumas palavras numa língua que Deoris não compreendia. — Micon — disse ela baixinho — não compreendo...

— Vem aí de novo! — Arfou ele. — Senti o mesmo na Noite do Nadir, procurando-me... Um mal mortífero... — Reclinou-se no ombro dela, pesado, inerte, respirando com um grande esforço. — Não o farei! — Gritou ele como se respondesse a uma presença invisível — e as palavras saíram ásperas, entrecortadas, mas mesmo naquelas condições extremas, com um tom muito semelhante ao que usava habitualmente.

Quando Deoris o abraçou, sem saber o que mais fazer, deu por si a suportar subitamente todo o seu peso. Ele escorregou, quase insensível, mas agarrando-se à consciência com o que pareciam ser os últimos vestígios da sua força.

— Micon! Que hei-de fazer?

Ele tentou falar novamente, mas o domínio da língua dela abandonara-o novamente e só foi capaz de murmurar umas frases entrecortadas na língua da sua Atlântida natal.

Deoris sentiu-se muito jovem e aterrorizada: tinha, como é evidente, alguma formação, mas nada a preparara para aquilo — e a sabedoria do amor não estava nos seus braços; a própria força do seu abraço aterrorizado era penosa para o corpo de Micon devastado pela dor. Gemendo, ele lutou para se afastar dela ou pelo menos tentou. Vacilando, teria caído desamparado se a moça não o tivesse agarrado. Tentou suportá-lo com mais gentileza, mas sentia os dedos gelados do pânico em torno da garganta. Micon parecia estar a morrer e ela não se atrevia a deixá-lo para ir em busca de ajuda. A sensação de impotência só fez com que o seu terror aumentasse.

Soltou um pequeno grito quando uma sombra caiu sobre eles e outros braços aliviaram abruptamente o fardo do peso de Micon dos seus jovens ombros.

— Senhor Micon — disse Riveda com firmeza — como posso ajudar-te?

Micon limitou-se a suspirar e ficou inerte nos braços do Hábito Cinzento. Riveda olhou para Deoris de relance com o seu rosto duro e austero avaliando-a calmamente, como se quisesse assegurar-se de que ela não estava prestes a desmaiar.

— Bons Deuses — murmurou o Adepto — ele já está assim há muito tempo? — Não esperou pela resposta mas pôs-se de pé com facilidade, carregando a forma inerte do homem cego sem esforço aparente. — É melhor levá-lo imediatamente para o quarto. Deuses Misericordiosos, o homem não pesa mais do que tu! Deoris, vem comigo; ele pode precisar de ti.

— Sim — disse Deoris, sentindo desvanecer-se o embaraço que sentira por ter estado tão aterrorizada. — Eu indico o caminho — disse, apressando-se pelo atalho na frente de Riveda.

Atrás deles, o cheia de Riveda procurava o mestre com olhos baços e vazios. Um lampejo de vida iluminou-os brevemente quando recaíram sobre Micon. Movimentando-se sem ruído junto aos calcanhares de Riveda, o rosto do cheia revelava um vazio perturbado, como se fosse um quadro que tivesse sido mal limpo com uma esponja húmida.

Quando entraram nos aposentos de Micon, um dos servos da Atlântida gritou, correndo a ajudar Riveda a deitar o homem inconsciente sobre a sua cama. O Adepto dos Hábitos Cinzentos emitiu uma sucessão de ordens em voz baixa e depois começou a aplicar um reanimante.

Calada e assustada, Deoris ficou aos pés da cama. Riveda esquecera a sua existência; toda a atenção do Adepto estava concentrada no homem de quem estava a cuidar.

O cheia entrou no quarto como um fantasma, com passos mais silenciosos do que os de um gato e deteve-se, hesitante, na soleira da porta.

O homem cego mexeu-se no leito, delirando e gemendo, e disse qualquer coisa na língua da Atlântida. Depois, subitamente, numa voz baixa e surpreendentemente nítida disse:

— Não tenhas medo. Eles só podem matar-nos e, se nos submetermos a eles, então será melhor estarmos mortos... — Soltou mais um som de agonia e Deoris, nauseada, agarrou-se ao espaldar alto da cama.

O olhar fixo do cheia encontrou Micon e os olhos baços abriram-se perceptivelmente. Soltou um som estranho, semelhante a um soluço ou a um gemido.

— Cala-te! — Rosnou Riveda. — Ou então sai!

Sob as mãos firmes mas gentis do Hábito Cinzento, Micon mexeu-se: primeiro estremeceu, como se estivesse a recuperar a consciência... Depois debateu-se, depois, tacteando, atirando a cabeça para trás num movimento convulso, com o corpo arqueando-se todo assolado pelo terror, enquanto as mãos retorcidas agarravam o ar. Subitamente, Micon gritou, um grito agudo de desespero agonizante.

— Reio-ta! Reio-ta! Onde estás? O que és? Eles cegaram-me!

O cheia contorcia-se como se tivesse sido atingido por um raio e não conseguisse fugir.

— Micon! — Gritou ele. As suas mãos ergueram-se, fecharam-se e ele deu um passo... Depois o impulso desvaneceu-se, a chama extinguiu-se e as mãos do cheia caíram, relaxadas, ao lado do corpo.

Riveda, que erguera a cabeça numa interrogação muda, viu que o rosto do cheia estava fechado na sua loucura e, com um abanar de cabeça, o Adepto debruçou-se novamente sobre o paciente.

Micon mexeu-se novamente mas, desta vez, com menos violência.

Após um instante murmurou: — Rajasta...

— Ele virá — disse Riveda com uma gentileza pouco usual e ergueu o olhar para o servo da Atlântida que estava a olhar para o cheia com um olhar espantado e incrédulo. —

Encontra o Guardião, seu idiota! Não me interessa onde nem como, mas encontra-o! — As palavras não davam qualquer hipótese de argumentação ou de hesitação. O servo saiu do quarto a correr, detendo-se apenas para lançar mais um olhar furtivo ao cheia. Deoris, que tinha estado todo o tempo rígida e imóvel, cambaleou subitamente agarrando-se ao espaldar da cama com mãos pouco firmes e teria caído... Mas o cheia avançou rapidamente e agarrou-a, pondo-lhe um braço em torno da cintura. Era o primeiro ato racional a que alguém já assistira por parte dele.

Riveda, surpreendido, disfarçou o seu sobressalto com aspereza.

— Estás bem, Deoris? Se te sentes fraca senta-te. Não tenho tempo para te atender a ti também.

— É claro que estou bem — disse ela e afastou-se, enojada, do cheia vestido de cinzento. Como se atrevia aquele idiota a tocá-la?

Micon murmurou:

— Minha pequena Deoris...

— Estou aqui — assegurou-lhe ela baixinho. — Queres que vá chamar a Domaris?

Ele acenou quase imperceptivelmente e Deoris saiu rapidamente antes que Riveda tivesse tempo de fazer qualquer menção de a impedir. Domaris tinha de ser avisada, não podia chegar e ver Micon naquele estado sem estar preparada!

Micon soltou um suspiro impaciente.

— É... Riveda? Quem mais está aqui?

— Ninguém, Senhor de Ahtarrath — mentiu Riveda piedosamente. — Tenta descansar.

— Mais ninguém? — A voz do homem da Atlântida estava fraca, mas surpreendida. — Eu. Eu não acredito. Senti...

— Deoris esteve aqui e o teu servo também. Agora já saíram -disse Riveda num tom calmo mas definitivo. — Estavas a delirar, segundo creio, Príncipe Micon.

Micon resmungou qualquer coisa incompreensível antes de a voz cansada se calar novamente e as marcas da dor reapareceram em torno da sua boca, como se ali tivessem sido esculpidas pelas palavras que não conseguia pronunciar. Riveda, tendo feito tudo o que estava ao seu alcance, instalou-se para ficar de vela... Olhando, de vez em quando, para o rosto inexpressivo do cheia.

Não se passou muito tempo até o roçar do tecido de grossas vestes quebrar o silêncio quase total. Rajasta quase que empurrou Riveda para o lado para se debruçar sobre Micon. O seu rosto tinha uma expressão que nunca ninguém lhe vira. O espanto e a interrogação misturaram-se na sua voz quando disse o nome do Adepto.

— Quem me dera poder fazer mais por ele — respondeu Riveda com grande gravidade — mas nenhum homem poderá fazê-lo. — Pondo-se de pé, o Hábito Cinzento acrescentou baixinho.

— No estado em que se encontra ele parece não confiar em mim. — Olhou com pesar para Micon e continuou. — Mas a qualquer hora, do dia ou da noite, estou ao teu serviço... E ao serviço dele.

Rajasta ergueu os olhos com curiosidade mas já estava sozinho com Micon. Pondo todos os outros pensamentos de lado, o Sacerdote da Luz ajoelhou junto à cama pegando cuidadosamente nos pulsos finos de Micon, fazendo fluir cuidadosamente as suas próprias energias fortalecedoras para o espírito vacilante e enfraquecido do homem da Atlântida que estava meio adormecido... Ouvindo o som de passos, Rajasta despertou da sua meditação e fez sinal a Domaris para que se aproximasse e tomasse o seu lugar.

Quando Rajasta libertou uma das mãos, contudo, Micon voltou a mexer-se, murmurando com esforço.

— Esteve... Mais alguém... Aqui?

— Só Riveda — disse Rajasta surpreso — e um idiota a quem ele apelida de cheia. Descansa, meu irmão... A Domaris está aqui.

Ao ouvir a resposta de Rajasta, o rosto de Micon enrugou-se, mas ao ouvir falar em Domaris todos os outros pensamentos se desvaneceram.

— Domaris! — Suspirou e a sua mão procurou a dela, as feições tensas relaxando-se.

No entanto Rajasta apercebera-se do franzir de sobrolho e adivinhou imediatamente o seu significado. As narinas do Sacerdote da Luz abriram-se com desdém. Havia qualquer coisa muito errada com o cheia de Riveda e Rajasta decidiu descobrir, o mais cedo possível, do que se tratava.

Micon adormecera finalmente e Domaris deixou-se ficar no chão ao lado da cama numa imobilidade cuidadosa e atenta, mas Rajasta dobrou-se e ergueu-a com cuidado, puxando-a para mais longe da cama, onde as suas palavras murmuradas não perturbariam o homem adormecido.

— Domaris, tens de ir, filha. Ele nunca me perdoaria se eu permitisse que exaurisses as tuas forças.

— E... E chamas-me se ele acordar?

— Nem sequer vou prometer-te isso. — Olhou-a nos olhos e viu que ela estava exausta. — Por amor ao filho dele, Domaris. Vai!

Perante aquela admoestação a moça saiu obedientemente; estava a fazer-se tarde e a lua aparecera no céu, colorindo de prata as folhas secas e envolvendo as fontes num brilho luminoso. Domaris caminhava lenta e cuidadosamente, pois o seu corpo tornara-se pesado e ela sentia algumas dores.

Abruptamente, uma sombra pálida escureceu o caminho e a moça suspendeu a respiração, assustada, quando a figura alta e larga de Riveda lhe barrou o caminho. Depois soltou um suspiro de alívio pelo susto idiota que apanhara, quando o Adepto se afastou para a deixar passar. Saudou-o cortesmente curvando a cabeça, mas o homem não retribuiu; os seus olhos, gelados pelo fogo das luzes do Norte, estudavam-na intensa e silenciosamente. Depois, como que coagido, descobriu a cabeça e curvou-se perante ela num gesto antiquíssimo de reverência.

Domaris sentiu-se empalidecer e o coração batia-lhe ruidosamente contra as costelas. O Hábito Cinzento curvou novamente a cabeça — desta vez num gesto de cortesia casual — e agarrou na longa cauda do manto para que ela pudesse passar mais facilmente. Como ela continuasse de pé, pálida e abalada, no meio do caminho, um fantasma de sorriso cruzou o rosto de Riveda, passou por ela e desapareceu.

Fora perfeitamente claro para Domaris que a reverência do Adepto fora dirigida, não à sua personalidade, nem sequer ao grau revelado pelas suas vestes de Iniciada, mas sim à sua maternidade incipiente. No entanto isso levantava mais questões do que dava respostas: o que levava Riveda a conceder-lhe aquela saudação tão reverente e sagrada? Ocorreu a Domaris que teria ficado menos assustada se o Adepto dos Hábitos Cinzentos lhe tivesse batido.

Lentamente, pensativamente, continuou o seu caminho. Sabia muito pouco acerca do Templo Cinzento, mas ouvira dizer que os Magos adoravam as manifestações mais óbvias da força da vida.

Talvez que, imóvel ao luar, ela se parecesse com uma das suas estátuas obscenas e fecundas! Brr, que idéia! Fê-la começar a rir descontroladamente, à beira da histeria e Deoris, que atravessava o corredor externo da Casa dos Doze, ouviu o riso tenso e pouco



natural e correu na sua direção subitamente assustada.

— Domaris! Que se passa, porque estás a rir dessa maneira?

Domaris pestanejou, parando de rir repentinamente.

— Não sei — disse ela inexpressivamente. Deoris olhou para ela, perturbada.

— O Micon..

— Está melhor. Dorme. Rajasta não me deixou ficar — replicou Domaris. Sentia-se cansada e deprimida e ansiava por companhia e simpatia, mas Deoris já se afastava. Hesitantemente, Domaris disse.

— Gatinha...

A moça virou-se e olhou para a irmã.

— Que foi? — Perguntou com um toque de impaciência.

— Queres alguma coisa?

Domaris abanou a cabeça.

— Não, nada, Gatinha. Boa noite. — Inclinou-se, beijou a face da moça e ficou a ver a irmã, sentindo-se liberta, afastar-se rapidamente. Deoris estava a crescer muito rapidamente nas últimas semanas... Era natural, pensou Domaris, que se fosse afastando da irmã. Mesmo assim franziu um pouco a testa, pensativa, enquanto Deoris desaparecia ao fundo do corredor.

Na altura em que Deoris comunicara a sua decisão de procurar iniciação no Templo de Caratra, tinham-lhe sido destinados — como era adequado a uma moça da sua idade — aposentos próprios. Visto que, tecnicamente, ela ainda estava à guarda de Domaris, os aposentos eram ali, na Casa dos Doze e perto dos de Domaris, mas não adjacentes. Domaris aceitava como natural que todos os Acólitos se misturassem uns com os outros sem terem em consideração as restrições que, no exterior, eram habitualmente observadas: havia uma excelente razão para essa liberdade que, na realidade, tinha pouco significado. Nada podia ser mantido secreto para os Acólitos e toda a gente sabia que Chedan dormia ocasionalmente nos aposentos de Deoris. Domaris sabia que isso pouco significava; desde que fizera treze anos que Domaris passara muitas noites inocentes com Arvath ou outro rapaz a seu lado. Era um comportamento aceitável e Domaris detestou-se a si própria pela malícia das suas suspeitas. Afinal de contas Deoris tinha quinze anos... Se os dois fossem realmente amantes, bem, isso também era permitido. Elis era ainda mais nova quando a filha nascera.

Como se as suas mentes percorressem caminhos semelhantes, a própria Elis apareceu no corredor, ao lado de Domaris, no átrio.

— A Deoris está zangada comigo? — Perguntou Elis. — Passou por mim mesmo agora sem dizer palavra.

Domaris, não dando importância às preocupações da moça riu-se.

— Não... Mas ela leva muito a sério o fato de estar a crescer! Estou certa de que hoje se sente mais velha que a própria Mãe Lyda-ra!

Elis riu-se com compreensão.

— Tinha-me esquecido de que a cerimónia dela foi hoje. Então! Agora ela é uma mulher e uma postulante do Templo de Caratra; e talvez Chedan... — Ao ver a expressão no rosto da prima, Elis ficou séria e disse. — Não fiques assim, Domaris. O Chedan não lhe fará mal mesmo se... Bem, tu e eu não temos qualquer direito de a criticar.

O rosto de Domaris, envolto num halo de cabelo cor de cobre, estava pálido e tenso.

— Mas a Deoris é tão nova, Elis! Elis soltou um pequeno grunhido.

— Tu sempre a trataste como um bebê, exageraste mesmo, Domaris. Ela é crescida! E... Nós escolhemos ambas por nós próprias. Para quê negar-lhe esse privilégio?

Domaris ergueu o rosto com um sorriso enternecedor.

— Tu compreendes, não compreendes? — Disse ela, e não era verdadeiramente uma pergunta.

Bruscamente, para disfarçar os seus sentimentos, Elis (que não exibia frequentemente as suas emoções) agarrou Domaris por um pulso, puxou a prima para dentro do quarto, empurrou-a para um divã e sentou-se ao lado dela.

— Não tens de contar-me nada — disse. — Lembra-te que eu sei muito bem aquilo por que estás a passar — O seu rosto gentil reflectiu humilhação e ternura e dor. — Já passei por tudo isso, Domaris. É preciso ter coragem, ser uma pessoa completa...

Domaris assentiu. Elis percebia mesmo.

As mulheres tinham aquele direito, à luz da Lei e, no passado, fora raro uma mulher casar-se sem que tivesse provado a sua feminilidade, concebendo um filho de um homem da sua preferência. O costume caíra gradualmente em desuso. Poucas mulheres invocavam, nos tempos que corriam, esse antigo privilégio, não lhes agradando o acompanhamento inevitável de rumores curiosos e de especulações.

Elis perguntou:

— Arvath já sabe?

Domaris estremeceu inesperadamente.

— Não sei... Ele não se referiu a isso... Suponho que deve saber — disse com um sorriso nervoso. — Ele não é estúpido. Arvath mantivera-se num silêncio empedernido e total durante as últimas semanas, sempre que aparecia na presença da sua esposa prometida. Apareciam juntos nas ocasiões em que o costume o exigia ou quando os deveres do Templo os punham em contato; em todas as outras ocasiões ele, severamente, deixava-a sozinha.

— Mas eu não lho disse claramente... Oh, Elis!

A moça morena, num raro gesto de afeição, pôs a mão macia sobre a de Domaris.

— Eu... Lamento — disse timidamente. — Ele por vezes é cruel. Domaris... Perdoa-me por perguntar. A criança é do Arvath?

Silenciosamente, mas com indignação, Domaris abanou a cabeça. Isso era proibido. Uma mulher podia escolher um amante, mas se ela e o seu prometido se possuísem antes do casamento, era considerado uma tremenda desgraça. Uma tal pressa e precipitação seria o suficiente para que ambos fossem expulsos dos Acólitos.

No rosto bonito de Elis transpareciam simultaneamente o alívio e ainda alguma preocupação.

— Eu não acreditava que tu pudesses ter feito uma coisa dessas — disse, e depois acrescentou suavemente. — Eu sabia que não era verdade, mas ouvi uns rumores nas praças... Perdoa-me Domaris, eu sei que tu detestas esse gênero de bisbilhotices, mas... Mas acreditam que a criança é filha de Rajasta!

Domaris mexeu os lábios sem produzir qualquer som e depois cobriu o rosto com as mãos e começou a balouçar-se para trás e para a frente, sentindo-se profundamente infeliz.

— Oh, Elis — chorou. — Como podem? — Era isso, era então essa a razão dos olhares frios e dos murmúrios nas suas costas. Evidentemente! Se fosse verdade, então seria uma vergonha indizível e inimaginável; de todas as relações que, no Templo, eram proibidas, o incesto espiritual com o próprio Iniciador, era o mais impensável. Os laços entre Sacerdote e discípulo eram estabelecidos de forma tão inflexível como o caminho das estrelas.

— Como podem pensar tal coisa? — Soluçou Domaris, desolada. — O nome do meu filho e o nome do seu pai já foram reconhecidos perante os Cinco Investidos e todo o

Templo!

Elis ficou muito corada, furiosa e envergonhada com o rumo que a conversa tomara.

— Eu sei — murmurou ela — mas... Aquele que reconhece um filho nem sempre é o verdadeiro pai... O Chedan reconheceu a minha Lissa quando nunca tínhamos sequer partilhado uma cama. Já ouvi dizer... Que... É só por Rajasta ser Guardião que não foste expulsa do Templo, porque ele seduziu-te...

Os soluços de Domaris tornaram-se histéricos. Elis olhou assustada para a prima.

— Não debes chorar assim, Domaris! Vais ficar doente e prejudicar a tua criança!

Domaris fez um esforço para se controlar e disse, impotente, — Como podem ser tão cruéis?

— Eu... Eu... — As mãos de Elis contorciam-se nervosamente, debatendo-se como dois pássaros selvagens numa gaiola. — Eu não devia ter-te contado, não passa de bisbilhotice da pior espécie, e...

— Não! Se há mais, então conta-me! É melhor ouvir da tua boca. — Domaris limpou os olhos e disse. — Eu sei que me amas, Elis. Prefiro que sejas tu a contar-me.

Levou algum tempo, mas Elis acabou por ceder.

— Foi Arvath quem o disse... Que Micon era amigo de Rajasta e que tomou sobre os seus ombros o fardo... Que era uma fraude tão evidente que metia nojo. Ele disse que Micon já não passava de um farrapo e que... Não poderia ter sido ele a engravidar-te do teu filho... — Calou-se novamente, horrorizada, pois o rosto de Domaris estava tão pálido que até os lábios tinham ficado brancos. A única cor no seu rosto eram duas manchas de um carmim febril que pareciam ter sido pintadas nas maçãs do rosto.

— Ele que me diga isso na cara — disse Domaris numa voz baixa e terrível. — Ele que seja honesto e me diga isso a mim, em vez de andar com cochichos nas minhas costas, comportando-se como o cobarde nojento que realmente é se consegue imaginar essas porcarias! De todas as porcarias, as coisas nojentas, horríveis... — Calou-se, mas estava a tremer.

— Domaris, Domaris, ele não estava a falar a sério, tenho a certeza — protestou Elis, assustada.

Domaris curvou a cabeça, sentindo a ira desvanecer-se e algo diferente tomar o seu lugar. Conhecia bem os súbitos ataques de ciúmes irresponsáveis de que Arvath era capaz... E ele fora bastante provocado. Domaris escondeu o rosto nas mãos, sentindo-se conspurcada pela má língua, como se a tivessem despido e alvejado com estrume. Quase não conseguia respirar, tal era a vergonha que sentia. O que ela descobrira com Micon era sagrado! Aquilo, aquilo era uma profanação, uma desgraça.

Elis olhou-a com uma compaixão profunda e impotente.

— Fiz mal em contar-te, sabia que não devia fazê-lo.

— Não, fizeste bem — disse Domaris com firmeza. Lentamente, começou a recuperar de novo o autocontrolo. — Vês? Não vou permitir que isso me perturbe. — Falaria com Rajasta, evidentemente; ele poderia ajudá-la a suportar aquilo, ajudá-la a aprender a viver com aquela idéia vergonhosa...

Mas nenhuma palavra, nem a mínima sugestão acerca disto deveria chegar aos ouvidos de Micon. De olhos secos, fixou Elis nos olhos e disse suavemente. — Mas avisa o Arvath para ter cuidado com a língua. O castigo para a difamação não é leve!

— Já o lembrei disso — murmurou Elis e depois desviou os olhos de Domaris, mordendo o lábio. — Mas... Se ele for demasiado cruel... Ou se fizer uma cena que te cause embaraços... Faz-lhe a seguinte pergunta — calou-se e respirou fundo como se tivesse medo do que estava prestes a dizer. — Pergunta a Arvath por que razão

permitiu que eu tivesse de entregar-me à mercê de Chedan e enfrentar sozinha os Cinco Investidos para impedir que a minha Lissa nascesse como filha dos sem povo.

Num silêncio chocado, Domaris agarrou lentamente a mão de Elis apertando-a. Então Arvath era o pai de Lissa! Isso explicava muitas coisas; os seus ciúmes insanos tinham origem num profundo sentimento de culpa. Apenas o fato de toda a gente saber que não fora Chedan quem engravidara Elis lhe permitira reconhecer, honradamente, a criança. E, mesmo assim, essa não poderia ter sido uma decisão fácil para ele. E Arvath permitira que isso acontecesse!

— Elis, nunca pensei!

Elis sorriu ligeiramente.

— Eu certifiquei-me de que isso acontecesse — disse ela friamente.

— Devias ter-me dito — murmurou Domaris distraidamente. — Talvez eu pudesse...

Elis levantou-se e começou a andar nervosamente pela sala.

— Não, não podias ter feito nada. Não havia necessidade de te envolver. Na verdade, quase que lamento ter-te contado agora! Afinal de contas, vais ter de casar-te com esse... Esse idiota inútil, um dia! — Nos olhos de Elis transparecia a cólera e a sombra do desgosto e Domaris não disse mais nada. Elis confiara nela e dera a Domaris uma arma poderosa que poderia, um dia, servir para proteger o seu filho dos ciúmes de Arvath — mas isso não dava a Domaris qualquer direito de se intrometer.

No entanto, não conseguia deixar de desejar ter sabido de tudo aquilo antes. Houvera uma altura em que ela tivera influência sobre Arvath, o que poderia ter-lhe permitido persuadi-lo a assumir as suas responsabilidades. Elis humilhara-se para dar o estatuto da sua casta à filha... E Chedan não encarara o assunto da forma mais agradável, pois tinham arriscado muitíssimo.

Domaris conhecia-se suficientemente bem para saber que apenas condições extremas poderiam levá-la a usar aquela poderosa arma contra a malícia de Arvath. Mas ao adquirir consciência da sua faceta cobarde, podia ver as coisas de outra forma.

Falaram de outros assuntos até Elis bater as palmas suavemente e Simila lhe trazer Lissa. A criança já tinha mais de dois anos e começava a falar; na realidade, pairava e tagarelava incessantemente e, por fim, Elis deu-lhe um pequeno abanão exasperado.

— Chiu, menina linguaruda — admoestou-a e disse a Domaris acidamente. — Mas que maçadora que ela é!

Domaris não se deixou iludir, contudo, reparando na ternura com que Elis tratava a menina. Ocorreu-lhe uma idéia inesperada que a perturbou: Elis continuaria a amar Arvath? Depois de tudo o que acontecera, parecia muito pouco provável... Mas havia, sem que fosse possível negá-lo, um laço inquebrantável entre os dois... E haveria sempre.

Sorrindo, Domaris estendeu os braços a Lissa.

— Ela está cada vez mais parecida contigo, Elis — murmurou, agarrando na menina e apertando o pequeno corpo que se debatia, soltando risadinhas, contra o peito.

— Espero que venha a ser uma mulher melhor do que eu — retorquiu Elis, como que falando para si própria.

— Nunca poderia ser mais compreensiva do que tu — disse Domaris e soltou a criança pesada sorrindo, fatigada. Recostando-se, com um gesto que se tornara familiar, Domaris comprimiu uma mão contra o corpo.

— Ah, Domaris! — Com uma ternura excessiva, Elis apertou Lissa contra si. — Agora, já sabes!

E Domaris curvou a cabeça perante aquela nova consciência.

Durante toda a noite Rajasta ficou com Micon, quase não saindo do seu lado. O homem da Atlântida dormia sobressaltado, mexendo-se na cama e murmurando na sua língua mãe como se as dores que o sono atenuava fossem substituídas por outras dores, mais profundas e menos susceptíveis de serem tratadas, uma angústia residual que ia penetrando cada vez mais fundo no espírito atormentado de Micon a cada momento que passava.

A palidez do início da madrugada espalhava-se pelo céu quando Micon se mexeu ligeiramente e disse numa voz rouca e baixa:

— Rajasta...

O Sacerdote da Luz curvou-se sobre ele.

— Estou aqui, meu irmão.

Micon debateu-se para se levantar mas não conseguiu reunir forças suficientes.

— Que horas são?

— É quase madrugada. Deita-te quieto, meu irmão, e descansa!

— Tenho de falar... — A voz de Micon, apesar de rouca e fraca, soou com a resolução que Rajasta conhecia e que não permitia qualquer argumento. — Se me amas, Rajasta, não me detenhas. Traz-me Deoris.

— Deoris? — Por um momento Rajasta pensou que o espírito do amigo cedera. — A estas horas? Porquê?

— Porque eu to peço! — A voz de Micon não revelava o que quer que fosse. Rajasta, olhando para a boca teimosa, não sentiu vontade de argumentar. Saiu, depois de encorajar Micon a deitar-se e a conservar as forças.

Deoris veio com ele passado pouco tempo, espantada e incrédula, vestida à pressa. Mas as primeiras palavras de Micon acabaram com a sua confusão ensonada, pois fez-lhe sinal para que se aproximasse e disse, sem quaisquer preliminares.

— Preciso da tua ajuda, irmãzinha. Fazes-me uma coisa?

Quase sem hesitar, Deoris respondeu imediatamente.

— Aquilo que desejares.

Micon conseguira soerguer-se um pouco sobre o cotovelo e virou o rosto de frente para o dela, com aquela expressão que dava a ilusão de uma visão perfeita. A sua expressão parecia remota e austera quando perguntou.

— És virgem?

Rajasta sobressaltou-se.

— Micon — começou a dizer.

— Está em jogo mais do que aquilo que tu pensas! — Disse Micon com uma intensidade pouco habitual. — Perdoa-me se te choco, mas tenho de saber. Tenho as minhas razões, podes estar certo!

Perante a inesperada veemência do homem da Atlântida, Rajasta recuou. Por seu lado, Deoris não teria ficado mais surpreendida se toda a gente que estava no quarto se tivesse transformado em estátua de mármore ou tivesse agarrado na cabeça e começasse a jogar à bola com ela.

— Sou sim, Senhor — disse ela com uma mistura de timidez e curiosidade.

— Os Deuses sejam louvados — disse Micon, endireitando-se mais na cama. — Rajasta, vai à minha arca de viagem. Lá dentro vais encontrar um saco de seda carmim e uma taça de prata. Enche a taça com água limpa de uma fonte. Não deixes cair nenhuma gota sobre a terra e certifica-te de que regressas sem que o Sol te toque.

Rajasta ficou a olhar rigidamente para ele por instantes, surpreendido e muitíssimo



desagradado, pois adivinhava quais as intenções de Micon. Mas dirigiu-se à arca, encontrou a taça e saiu, a boca cerrada pela desaprovação. Por mais ninguém, disse a si próprio, faria eu uma coisa como esta!

Esperaram pelo regresso do Sacerdote da Luz num silêncio quase total, pois embora Deoris tivesse insistido com ele para que lhe dissesse qual a sua intenção, Micon limitou-se a dizer que em breve saberia e que se não confiava nele ninguém a obrigava a fazer o que lhe pedia.

Por fim Rajasta regressou e Micon ordenou, numa voz baixa.

— Põe a taça aqui, nesta mesinha... Ótimo. Agora tira da arca a fivela de cabedal entretecido e entrega-a a Deoris — Deoris, tira-a da mão dele mas não lhe toques nos dedos! — Quando as suas instruções foram acatadas e Micon já tinha nas mãos o saco de seda carmim, o homem da Atlântida continuou. — Agora Deoris, ajoelha-te ao meu lado; Rajasta, vai para longe de nós — não deixes que a tua sombra toque sequer em Deoris!

Os dedos mutilados de Micon estavam pouco seguros enquanto se debatiam com o nó para abrir o saco de seda carmim. Fez-se uma pequena pausa e depois, pondo as mãos de forma a que Rajasta não pudesse ver o que estas seguravam, disse calmamente.

— Deoris... Olha para o que tenho nas mãos.

Rajasta, observando numa atitude de rígida desaprovação, vislumbrou apenas algo de muito brilhante e colorido. Deoris estava sentada, imóvel, tendo deixado de se mexer, com as mãos repousando em torno da fivela de cabedal entretecido — um objecto grosseiro e, sem dúvida, produto do trabalho de um amador. Gentilmente, Micon disse:

— Olha para a água, Deoris...

O quarto estava muito silencioso. O vestido azul-claro de Deoris ondulava um pouco sob o efeito da brisa matinal.

Rajasta continuou a tentar controlar a ira que nele era pouco habitual; não gostava e desconfiava daquela magia...

Aquele tipo de jogo era apenas tolerado quando praticado pelos Hábitos Cinzentos, mas para um Sacerdote da Luz chafurdar naquele tipo de manipulações... Sabia que não tinha o direito de o impedir, mas por muito que amasse Micon, naquele momento, se o homem da Atlântida fosse um homem saudável, Rajasta era capaz de lhe ter batido e saído do quarto levando Deoris com ele. No entanto, o severo código dos Guardiães não permitia esse tipo de interferência; limitou-se a endireitar os ombros e a pôr um ar feroz... O que, como é evidente, não tinha qualquer efeito sobre o Príncipe da Atlântida.

— Deoris — disse Micon baixinho. — O que vês?

A voz da moça soou infantil e inexpressiva. — Vejo um rapaz, moreno e ágil... Pele morena, cabelo escuro, de túnica vermelha... Descalço... Mas os seus olhos são cinzentos. Não, são amarelos. Está a tecer qualquer coisa... é esta fivela que tenho nas mãos.

— Ótimo — disse Micon calmamente — tens a Visão. Reconheço o que vês. Agora pousa a fivela e olha novamente para a água... Onde está ele agora, Deoris!— Fez-se um longo silêncio durante o qual Rajasta rangeu os dentes e contou silenciosamente para si próprio a passagem dos segundos, mantendo-se calado com um enorme esforço de vontade.

Deoris estava sentada imóvel, olhando para a taça de água prateada, surpreendida e um pouco assustada. Esperara uma espécie de vazio mágico; em vez disso Micon continuava a falar na sua voz normal e ela... Ela via imagens. Eram como fantasias; era isso o que ele queria? Insegura, hesitou e Micon disse, um pouco impaciente:

— Diz-me o que vês!

Sincopadamente, ela disse:

— Vejo uma pequena sala, com paredes de pedra... Uma cela... Não, apenas um pequeno quarto cinzento com chão de pedra e paredes com pedra só até meio. Ele... Ele está deitado num cobertor a dormir...

— Onde está ele? Está acorrentado?

Deoris sobressaltou-se. As imagens dissolveram-se, fugindo diante dos seus olhos. Apenas a água agitada enchia a taça.

Micon respirou fundo e obrigou-se a controlar a impaciência.

— Por favor, olha e diz-me onde está ele agora – perguntou docemente.

— Não está acorrentado. Dorme. Está no... Está a virar-se. O rosto dele... Ah, — a voz de Deoris estrangulou-se num pequeno grito. — O cheia de Riveda! O louco, o apóstata... Oh, afasta-o, afasta-o de mim... — As palavras pararam de repente e ela ficou imóvel, gelada, com uma máscara de horror estampada no rosto. Micon caiu, enfraquecido, debatendo-se para se erguer novamente.

Rajasta não conseguiu controlar-se por mais tempo. As suas emoções reprimidas explodiram súbita e violentamente. Avançou em largas passadas, arrancou a taça das mãos de Deoris e lançou o seu conteúdo pela janela, atirando com a própria taça para um canto do quarto onde caiu com um som agudo e musical.

Deoris escorregou para o chão, soluçando inaudivelmente, mas com grandes espasmos convulsivos que lhe faziam estremecer o corpo todo e Rajasta, debruçando-se sobre ela, disse bruscamente.

— Pára com isso!

— Com calma, Rajasta — murmurou Micon. — Ela vai precisar de...

— Eu sei do que ela precisa! — Rajasta endireitou-se, olhou para Micon e decidiu que as necessidades de Deoris eram mais imperativas. Ajudou a moça a pôr-se de pé mas ela caiu sobre os seus braços. Rajasta, sombriamente zangado, fez sinal ao seu escravo e ordenou-lhe: — vai buscar o Sacerdote Cadamirí, imediatamente!

Tinham-se passado apenas um ou dois minutos até que a silhueta vestida de branco do Sacerdote da Luz, esguia e erecta, viesse com passos disciplinados de um quarto ali perto; Cadamirí estivera a preparar-se para a Cerimónia da Madrugada. Muito alto e descarnado, o sacerdote Cadamirí ainda era jovem, mas o seu rosto severo era vincado e ascético. Os seus olhos duros avaliaram imediatamente a cena: a criança meio desmaiada, a taça de prata por terra, o rosto sombrio de Rajasta.

Rajasta, numa voz tão baixa que mesmo o ouvido apurado de Micon não conseguia ouvir, disse:

— Leva Deoris para o seu quarto e cuida dela.

Cadamirí ergueu a sobrancelha numa interrogação enquanto tirava a moça enfraquecida dos braços de Rajasta.

— Ser-me-á permitido perguntar...?

Rajasta olhou na direção de Micon e depois disse lentamente:

— Devido a uma necessidade extrema ela foi enviada aos Locais Encerrados. Saberás como fazê-la vir a si.

Cadamirí ergueu o peso quase morto de Deoris que estava praticamente inconsciente e preparou-se para a levar do quarto, mas Rajasta deteve-o.

— Não fales de nada disto! Eu permiti-o. Acima de tudo... Não digas palavra à Sacerdotisa Domaris! Não lhe digas mentiras, mas cuida de que ela não saiba a verdade. Se ela insistir contigo, manda-a falar comigo.

Cadamirí assentiu e saiu, com Deoris aninhada nos seus braços como se fosse uma criança pequena, mas Rajasta ouviu-o resmungar severamente.

— Que razão tão imperativa poderia ter justificado isto? E, para si próprio,

Rajasta murmurou:

— Quem me dera saber!

Virando-se para o corpo mutilado do homem da Atlântida, deteve-se uns instantes, pensativo. O desejo de Micon de saber o que acontecera com o seu irmão, Reio-ta era compreensível, mas fazer Deoris correr um risco tão grande...

— Sei o que estás a pensar — disse Micon, fatigado. — Perguntas-te por que razão, se eu tinha este método ao meu dispor, não o terei usado antes... Ou em circunstâncias mais auspiciosas.

— Por uma vez — disse Rajasta, num tom ainda brusco e reprimindo a ira — não adivinhaste os meus pensamentos. Na realidade, estava a pensar como podes sequer chafurdar nestas coisas!

Micon recostou-se nas almofadas, suspirando.

— Não vou desculpar-me, Rajasta. Tinha de saber. E... E os teus métodos falharam. Não temas por Deoris. Eu sei — disse ele acenando com a mão num gesto fraco quando Rajasta fez menção de o interromper — eu sei que acarreta alguns perigos. Mas não perigos maiores do que aqueles que ela já corria anteriormente, nem maiores perigos do que aqueles que tu e Domaris correm neste momento. .. Não maiores perigos do que aqueles que corre o meu filho que ainda não nasceu, ou qualquer pessoa que esteja perto de mim. Confia em mim, Rajasta. Sei perfeitamente aquilo que fiz... Melhor do que tu, ou não te sentirias assim.

— Confiar em ti? — Repetiu Rajasta. — Sim, confio em ti, senão não teria permitido nada disto. No entanto, não foi com este objectivo que me tornei teu discípulo! Honrarei os votos que te fiz... Mas também tens de fazer um pato comigo, pois enquanto Guardião, não poderei permitir mais nenhuma destas... Destas bruxarias! Sim, tens razão, todos nós corremos perigo apenas pelo fato de te termos connosco... Mas agora deste a esse perigo um alvo mais preciso! Ficaste a saber aquilo que querias e por isso vou perdoar-te; mas se tivesse sabido exactamente o que tencionavas fazer...

Micon riu-se súbita e inesperadamente.

— Rajasta, Rajasta — disse ele, acalmando-se — dizes que confias em mim e simultaneamente dizes que não confias! Mas de Riveda não dizes nada!

## **Capítulo Doze**

### **Refém Da Luz**

Só alguns dos poucos altos Iniciados do Sacerdócio da Luz eram admitidos naquela cerimónia e os seus mantos brancos brilhavam fantasmagoricamente na sala sombria. Os sete Guardiões do Templo estavam reunidos, mas as insígnias sagradas sobre os seus peitos estavam encobertas, envoltas por véus prateados e todos, com excepção de Rajasta, estavam embuçados, com os mantos tão puxados para cima das cabeças que era impossível saber se eram homens ou mulheres que ali estavam. Como Guardião da Porta Exterior, apenas Rajasta ostentava as suas insígnias brilhantes à vista de todos, sobre o peito e os símbolos refulgentes sobre a testa.

Pousando a mão no braço de Micon, Rajasta disse baixinho:

— Ela vem aí.

O rosto fatigado de Micon ficou radiante e Rajasta sentiu — não pela primeira vez

— um assomo, quase doloroso, de esperança, enquanto Micon perguntava, ansiosamente:

— Como é que ela está?

— Muito bela — respondeu Rajasta e os seus olhos demoraram-se na sua Acólita.

— Vestida de branco imaculado e coroada com aquele cabelo flamejante... Como se a própria Luz a coroasse.

Na verdade, Domaris nunca estivera tão bonita. As vestes brilhantes emprestavam-lhe uma graça e uma dignidade que eram novas nela sem deixarem de ser, no entanto, totalmente suas e a maternidade próxima, perfeitamente discernível, ainda não a desfigurava. A sua beleza era de uma radiância tão visível, que Rajasta murmurou baixinho:

— Sim, Micon: Coroada-de-Luz, na verdade.

O homem da Atlântida suspirou.

— Se eu pudesse... Ainda que uma só vez... Contemplá-la — disse e Rajasta tocou-lhe no braço com simpatia. Mas não havia tempo para mais conversas, pois Domaris avançara e ajoelhara-se perante o trono elevado dos Guardiães.

Aos pés do altar, o mais velho dos Guardiães, Ragamon, agora idoso e grisalho mas ainda erecto e de uma dignidade serena, mantinha-se de pé com os braços estendidos para abençoar a mulher ajoelhada.

— Isarma, Sacerdotisa da Luz, Acólita do Templo Sagrado; Isarma, filha de Talkannon; dedicada à Luz e à Vida que é Luz, juras pelo Pai da Luz e pela Mãe da Luz, guardar sempre os valores da Vida e da Luz? — A voz do velho Guardião, agora já fraca, quase tremente, ainda tinha um poder vibrante que ressoou em torno das paredes de pedra talhada e os seus olhos semicerrados eram límpidos e penetrantes enquanto estudavam o rosto erguido da mulher vestida de branco. — Juras, Isarma, que sem nada temer, guardarás a Luz e o Templo da Luz e a Vida do Templo?

— Juro — disse ela e estendeu as mãos na direção do altar — e nesse momento um único raio de Sol penetrou nas sombras, ateando a chama dourada que pulsava sobre o altar. Até mesmo Rajasta se sentia sempre impressionado com aquela parte do ritual — embora soubesse que uma simples alavanca, manobrada por Cadamiri, fizera correr alguma água por um cano, alterando o equilíbrio do peso do cano e pondo em movimento um sistema de roldanas que abria uma pequena fenda exactamente no topo do Templo. Era um ardil, mas um ardil muito sensato: aqueles que aceitavam os votos com honestidade, sentiam-se reconfortados pelo raio de luz, enquanto que aqueles que se ajoelhavam para fazer juramentos falsos se sentiam punidos, aterrorizados até; em mais do que uma ocasião aquele pequeno ardil salvara os Guardiães de infiltrações indesejáveis.

Domaris, com o rosto iluminado e reverente, pousou as mãos sobre o coração.

— Pela Luz, pela Vida, juro — disse novamente.

— Sê atenta, vigilante e justa — ordenou-lhe o ancião. — Jura agora não apenas pela luz que tens dentro de ti e que está acima de ti, mas também pela Vida que tens no teu seio; oferece agora, como teu penhor e garantia, a criança que trazes no ventre. Isso para que não encares com leveza a tua missão.

Domaris pôs-se de pé. O seu rosto estava pálido e solene mas a sua voz não vacilou.

— Ofereço como penhor o filho do meu corpo — disse e ambas as mãos se curvaram sobre o seu corpo e depois estenderam-se novamente na direção do altar, num gesto de súplica, como que oferecendo algo à luz que ali bruxuleava.

Micon mexeu-se um pouco, inquieto.

— Não gosto disto -murmurou.

— É o costume, este penhor — assegurou-lhe Rajasta em voz baixa.

— Eu sei, mas... — Micon encolheu-se, como se tivesse sentido uma dor e ficou silencioso.

O velho Guardião falou novamente.

— Então, minha filha, isto é teu. — Obedecendo ao seu sinal, um manto branco foi depositado sobre os ombros da mulher; uma vara dourada e um punhal com cabo de ouro foram depositados nas suas mãos abertas. — Usa-os com justiça. O meu manto, a minha vara, o meu punhal, passam para ti. Pune, poupa, golpeia ou recompensa mas, acima de tudo, guarda, pois as Trevas fustigam permanentemente a Luz. — Ragamon avançou para lhe tocar ambas as mãos. — O meu fardo recai sobre ti. — Tocou nos seus ombros curvados e estes endireitaram-se. — Sobre ti, o selo do Silêncio — Puxou o capuz do manto sobre a cabeça dela.

— És Guardiã — disse, e num gesto final de benção, saiu do assento elevado, deixando Domaris sozinha perante o altar. — Que a sorte te acompanhe.

## **Capítulo Treze**

### **O Cheia**

O jardim estava seco; as folhas estalavam debaixo dos pés e esvoaçavam sem destino ao sabor do vento nocturno. Micon caminhava, lenta e silenciosamente, pelo caminho pavimentado com lajes. Quando se deteve junto da fonte, a sombra de alguém que o aguardava escondido surgiu silenciosamente na sua frente.

— Micon! — Ouviu-se num murmúrio rouco; depois a sombra saltou para a frente e Micon ouviu o som de uma respiração pesada.

— Reio-ta... És tu?

A sombra curvou a cabeça e depois caiu humildemente aos seus pés.

— Micon... Meu Príncipe!

— Meu irmão — disse Micon e aguardou.

O rosto macio do cheia parecia envelhecido ao luar; ninguém teria adivinhado que ele era mais novo do que Micon.

— Eles traíram-me! — Disse o cheia em voz áspera. — Eles juraram-me que te libertariam... E incólume! Micon... — A sua voz quebrou-se, angustiada. — Não me condenes! Eu não me submeti a eles por covardia!

Micon falou com um cansaço secular.

— Não me cabe a mim condenar-te. Outros o farão e severamente.

— Eu... Eu não podia suportar... Não foi por mim! Foi só para acabar com a tua tortura, para te salvar...

Pela primeira vez, a voz controlada de Micon deixou transparecer vestígios de cólera.

— Terei eu pedido para que me salvasses a vida? Teria eu comprado a minha liberdade em troca de um tal preço?

Aqueles que sabem o que tu sabes não poderão usar esse conhecimento numa prostituição espiritual? E atreves-te a dizer que foi para meu bem? — A sua voz tremia. — Poderia ter-te perdoado se... Tivesses cedido sob tortura!

O cheia sobressaltou-se um pouco.



— Meu Príncipe... Meu irmão... Perdoa-me! — Implorou.

A boca de Micon formava uma linha austera à luz pálida da Lua.

— O meu perdão não poderá aliviar o teu destino. Nem poderiam as minhas pragas piorá-lo. Não te quero mal, Reio-ta. Não poderia desejar-te um destino pior do que aquele que tu próprio provocaste. Que possas não colher pior do que aquilo que semeaste...

— Eu... — O cheia aproximou-se uma vez mais, ainda meio ajoelhado na frente de Micon. — Eu bater-me-ia para o guardar valorosamente, o nosso poder...

Micon ficou imóvel, muito direito e rígido.

— Essa tarefa não te cabe a ti. Agora já não. — Fez uma pausa, mantendo-se imóvel e, no silêncio, a fonte borbulhou e a água chapinhou ecoando por trás deles. — Irmão, não temas: não trairás a nossa casa por duas vezes!

A figura ajoelhada aos pés de Micon gemeu e virou o rosto escondendo-o nas mãos.

Inflexível, Micon continuou:

— Isso, pelo menos, eu posso prevenir! Não... Não digas mais nada! Não podes, sabes que não podes usar os nossos poderes enquanto eu viver... E eu mantenho a morte afastada de mim até saber que não poderás aviltar tão gravemente a nossa linhagem! A não ser que me mates aqui e agora, o meu filho herdará os poderes que são meus!

A figura servil de Reio-ta curvou-se ainda mais profundamente até a face prematuramente envelhecida ficar pousada sobre as sandálias de Micon.

— Meu Príncipe... Eu não sabia disso... Micon sorriu ligeiramente.

— Isso? — Repetiu. — Isso eu perdoo-te assim como o fato de não ver. Mas a tua apostasia não posso perdoar, pois foi uma causa que tu próprio puseste em movimento e o seu efeito atingir-te-á; ficarás para sempre incompleto. Só podes chegar até aqui e não poderás ir mais longe. Meu irmão... — A sua voz adoçou-se. — Ainda te amo, mas os nossos caminhos separam-se aqui. Agora vai... Antes que me roubes as poucas forças que me restam. Vai... Ou acaba agora com a minha vida, toma o poder e tenta conservá-lo. Mas não serás capaz de o fazer! Não estás pronto para dominar o rastro da tempestade e as forças profundas da terra e do céu... E agora, nunca estarás! Vai!

Reio-ta gemeu com angústia e desgosto, agarrando-se aos joelhos de Micon.

— Não consigo suportar...

— Vai! — Disse novamente Micon severamente, com firmeza. — Vai... Enquanto eu consigo deter o teu destino da mesma forma que detenho o meu. Faz toda a penitência que puderes.

— Não consigo suportar a minha culpa... — A voz do cheia soava agora entrecortada e mais triste do que as lágrimas. — Diz-me uma palavra bondosa... Para que eu saiba que te lembras uma vez que fomos irmãos...

— Tu és meu irmão — reconheceu Micon bondosamente. — Já disse que ainda te amo. Não te abandonei completamente. Mas devemos separar-nos aqui. — Curvou-se e pousou a mão mutilada sobre a cabeça do cheia.

Soltando um grito agudo, Reio-ta recuou.

— Micon! A tua dor... Queima!

Lentamente e com esforço, Micon endireitou-se e afastou-se.

— Vai depressa — ordenou e acrescentou, como que contra a sua vontade, numa voz torturada. — Não suporto mais!

O cheia pôs-se de pé de um salto e ficou imóvel por um instante, fixando no outro homem o seu olhar doentio, como se estivesse a gravar para sempre na memória as feições de Micon; depois virou-se e correu, aos tropeções, fugindo da presença do irmão.

O Iniciado cego ficou imóvel durante vários minutos.

Levantara-se vento e as folhas secas esvoaçavam pelo caminho e à sua volta; ele não deu por isso. Lentamente, como se caminhasse sobre areias movediças, virou-se finalmente e dirigiu-se à fonte, caindo sobre a bacia de pedra húmida, lutando contra o clamor do turbilhão da dor a que recusava submeter-se mentalmente. Finalmente, quase sem forças, ficou caído sobre as lajes de pedra, enrolado sobre si próprio, rodeado pelas folhas batidas pelo vento, vitoriosamente senhor de si próprio, mas de tal forma exaurido que não conseguia mexer-se.

Em resposta a uma sensação de inquietude interior, Rajasta veio ter com ele... E a expressão no rosto do Guardião era terrível de se ver quando tomou Micon nos seus braços fortes e o levou ao colo.

No dia seguinte, todas as forças do Templo foram reunidas para se efectuar uma batida. Riveda, suspeito de conivência, foi mantido sob custódia durante muitas horas enquanto o recinto do Templo era revistado, bem como a cidade que ficava mais abaixo, em busca do cheia desconhecido que fora conhecido em tempos como Reio-ta de Ahtarrath.

Mas este desaparecera... E a Noite do Nadir estava um dia mais próxima de todos eles.

## **Capítulo Catorze**

### **O Deus Não Revelado**

Cerca de três meses após Deoris ter sido recebida no Templo de Caratra, Riveda encontrou-a uma tarde nos jardins. Os últimos raios do Sol poente transformavam a jovem sacerdotisa numa forma feérica envolta em mistério e Riveda observou, com renovado interesse, a sua silhueta esbelta envolta nas vestes azuis e o rosto jovem e grave enquanto formulava cuidadosamente o seu pedido.

— Quem te proibiria de aceitar o convite se eu te pedisse para visitares comigo, esta noite, o Templo Cinzento?

Deoris sentiu a pulsação acelerada. Visitar o Templo Cinzento... Na companhia do seu Adepto mais graduado! Riveda honrava-a e de que maneira! Mesmo assim perguntou, desconfiada:

— Porquê?

O homem riu-se.

— Porque não? Hoje há uma cerimónia. É muito bela... Vai haver cânticos. Muitos dos nossos cerimoniais são secretos, mas para este posso convidar-te.

— Irei — disse Deoris. Falou com circunspecção mas, interiormente, dançava de excitação: as confidências cautelosas de Karahama tinham despertado a sua curiosidade, não apenas acerca dos Hábitos Cinzentos, mas também do próprio Riveda.

Caminharam em silêncio sob as estrelas nascentes. Riveda tinha a mão levemente pousada no ombro dela, mas Deoris sentia uma consciência aguda do seu toque e isso fazia com que se sentisse tão tímida que não disse palavra até se aproximarem do grande edifício do Templo destituído de janelas. Quando Riveda manteve as enormes portas de bronze abertas para que ela pudesse entrar, Deoris encolheu-se, espantada e aterrorizada, ao ver o espectro encurvado que passava por eles: o cheia!

A mão de Riveda apertou-se sobre o seu braço até Deoris quase gritar de dor.

— Não digas nada a Micon, filha — avisou-a severamente. — Rajasta já foi avisado de que ele está vivo, mas seria a morte de Micon se tivesse de confrontar-se novamente com ele!

Deoris curvou a cabeça e prometeu. Desde aquela noite em que Cadamiri a levara nos braços, inconsciente, dos aposentos de Micon, tinha dele uma consciência tão completa como a que tinha de Domaris. As inclinações emocionais e intelectuais do homem da Atlântida eram claras para ela, exceto no que se referia a si própria. Aquela exacerbação das suas percepções passara quase despercebida, exceto no que se referia à rapidez com que dominava competências relativas ao trabalho no Templo que, supostamente, estavam muito além das suas capacidades; nem mesmo Domaris pressentira aquele despertar na consciência de Deoris. Domaris estava agora inteiramente absorvida por Micon e pelo filho que ambos esperavam. E a espera, Deoris sabia-o — e ainda teriam de esperar durante mais de um mês — era um tormento quase insuportável para os dois, uma alegria e, simultaneamente, uma dor intolerável.

As portas de bronze fecharam-se com clangor. Estavam num corredor estreito, obscuro, que se estendia entre fileiras de portas de pedra fechadas. A figura macilenta, semelhante a uma assombração, do cheia, não se via em lado nenhum.

Os seus passos eram silenciosos, abafados pelo ar bafiento e Deoris, caminhando em silêncio, sentia uma espécie de tensão eléctrica no homem a seu lado, uma força contida que era quase palpável nos seus nervos. Ao fundo do corredor havia uma porta em arco reforçada com ferro. Riveda bateu, com uma curiosa série de pancadas e, vinda do nada, uma voz incorpórea, aguda e forte, interpelou-os numa série de estranhas sílabas. Riveda proferiu, em resposta, palavras igualmente crípticas. No ar, soou uma campainha invisível e a porta abriu-se para dentro. Entraram no... Cinzento.

Não havia falta de luz, mas não havia em parte nenhuma o calor da cor; a iluminação era serena e fria, um mero brilho, uma palidez, uma ausência de escuridão em vez de uma luz positiva.

A sala era imensa e perdia-se, sobre as suas cabeças, numa obscuridade cinzenta semelhante a um nevoeiro espesso ou a fumo solidificado. Sob os seus pés, o pavimento era em pedra cinzenta, fria e salpicada de brilhos de cristal e mica; as paredes também tinham um brilho translúcido, semelhante ao luar de Inverno. As formas tênues que se moviam, como espectros, no meio da radiância pálida também eram cinzentas; viam-se sombras tenebrosas, envoltas nas capas e capuzes cinzentos dos magos... E havia mulheres entre elas, mulheres que se moviam como chamas acorrentadas, envoltas em véus diáfanos cor de açafrão, baços e sem luz. Deoris olhou cautelosamente para as mulheres imediatamente antes de as mãos de Riveda a virarem gentilmente por forma a que encarasse... O Homem.

Poderia ser um homem ou um ídolo esculpido, cadáver ou autómato. Era. E era tudo. Existia, com uma espécie de curiosa finalidade. Estava sentado numa plataforma elevada num dos extremos do enorme Salão, numa grande cadeira de pedra semelhante a um trono, um pássaro cinzento talhado em pedra pairando sobre a sua cabeça. As mãos estavam cruzadas sobre o peito. Deoris deu por si a pensar se Ele estaria realmente ali ou se teria sido ela que O sonhara ali.

Involuntariamente, murmurou:

— Onde se senta o Homem com as Mãos Cruzadas...

Riveda curvou-se e murmurou:

— Fica aqui. Não fales com ninguém. — Endireitando-se, afastou-se. Deoris, observando-o melancolicamente, pensou que a sua figura erecta, apesar de vestida e embuçada de cinzento, tinha uma espécie de agudeza, como se ele fosse nítido enquanto

os outros eram sombrios, como sonhos dentro de um sonho. Depois viu um rosto que conhecia.

Numa posição muito tensa, meio escondida por um dos pilares de cristal, uma menina observava Deoris com timidez; uma criança, alta mas magra, o corpo esguio ainda sem formas por baixo dos véus cor de açafrão, com o pequeno rosto pontiagudo ligeiramente erguido e ensombrado pela luz translúcida.

Cabelos pálidos como o gelo caíam, brancos, sobre os seus ombros e o brilho oculto das luzes do Norte reluziam nos olhos atentos e incolores. O tecido diáfano que lhe envolvia o corpo agitou-se ligeiramente ao sabor de uma brisa invisível; ela parecia muito leve, um espectro de gelo, flocos de gelo que cintilassem no ar gelado.

Mas Deoris já a vira fora daquele local misterioso e sabia que ela era real. Aquela moça com cabelos cor de prata entrava e saía por vezes como um fantasma dos aposentos de Karahama.

Karahama nunca se referia à criança, mas Deoris sabia que aquela era a moça sem nome, a filha dos sem povo, nascida da então ainda sem casta Karahama. A sua mãe, dizia-se, chamava-lhe Demira, mas ela não tinha um nome verdadeiro. À luz da lei, nem sequer existia.

Nenhum homem, mesmo que o desejasse, teria podido reconhecer Demira como sua filha; nenhum homem a poderia ter reclamado ou adotado. Mesmo Karahama tivera uma existência legal muito discutível — mas Karahama, enquanto filha de uma mulher livre do Templo, tivera o reconhecimento de um certo estatuto ainda que ilegítimo. Demira, sob as estritas leis da Casta dos Sacerdotes, não era sequer ilegítima. Não era nada. Não estava coberta por nenhuma lei, não era protegida por nenhum estatuto, não estava registada nos escritos do Templo; não era sequer uma escrava. Ela, pura e simplesmente, não existia. Apenas ali, entre as saji fora da lei, poderia ter encontrado sustento e abrigo.

O austero código do Templo proibia Deoris, filha de Sacerdote e Sacerdotisa, de reconhecer a moça sem nome de qualquer forma — mas embora nunca tivessem sequer trocado uma palavra. Deoris sabia que Demira era sua parente próxima e a beleza estranha e fantástica da criança suscitava o interesse e a piedade de Deoris. Ergueu os olhos e sorriu timidamente à moça sem casta e Demira retribuiu o sorriso... Um sorriso furtivo e fugaz.

Riveda regressou, com um olhar vago e abstrato, e Demira escondeu-se atrás de um pilar, fora das vistas.

O Templo estava apinhado com homens envoltos em hábitos cinzentos e as saji vestidas de cor de açafrão, algumas das quais empunhavam curiosos instrumentos de cordas, chocalhos e gongos. Viam-se também muitos cheias com panos cinzentos a envolver-lhes a cintura e com os troncos nus enfeitados pormuitos amuletos curiosos; nenhum deles era muito velho e a maioria era, aproximadamente, da idade de Deoris. Alguns eram apenas rapazinhos de cinco ou seis anos. Olhando em torno da sala, Deoris contou apenas cinco pessoas envergando o manto e capuz dos Adeptos — e apercebeu-se, sobressaltada, de que uma dessas cinco pessoas era uma mulher; a única mulher presente, à excepção de Deoris, que não usava os véus das saji.

Gradualmente, os Magos e os Adeptos formaram um círculo imperfeito, sendo muito meticolosos acerca da posição assumida por cada um. As saji, com os seus instrumentos musicais e os cheias mais pequenos, tinham recuado para junto das paredes translúcidas. Das suas fileiras desalinhadas soltou-se um pipilar muito suave, um gemido de flautas, o eco de um gongo tocado por um dedo revestido de metal.

Perante cada Mago estava colocado um cheia ou uma saji; nalguns casos, três ou quatro apinhavam-se em torno de um Adepto ou de um dos Magos mais idosos — mas os cheias estavam em maioria e apenas quatro ou cinco dos presentes no círculo interior eram mulheres. Uma delas era Demira, com os véus atirados para trás e o cabelo prateado a brilhar como o luar nas águas do mar.

Riveda fez sinal a Reio-ta para que tomasse o seu lugar no Círculo que se formava e depois parou e perguntou:

— Deoris, terás a coragem de, por mim, fazer parte do Círculo dos Cheias esta noite?

— Mas eu... — Gaguejou Deoris, espantada. — Eu não sei nada dessas coisas, como poderia eu.,?

A boca severa de Riveda revelava a sombra de um sorriso.

— Não é preciso nenhum tipo de conhecimentos. Na realidade, quanto menos souberes, melhor. Tenta não pensar em nada... E deixa que as coisas te cheguem naturalmente. — Fez sinal a Reio-ta para que a guiasse e, com um olhar final de apelo, Deoris foi.

As flautas e os gongos soltaram repentinamente um acorde áspero e dissonante, como se estivessem a ser afinados, preparados. Adeptos e Magos viraram as cabeças, escutando, testando algo de invisível e intangível. Deoris, com o acorde a ressoar-lhe no crânio, sentiu-se puxada para o Círculo, entre Reio-ta e Demira. Um espasmo de pânico cerrou-se em torno da sua garganta; os pequenos dedos metálicos de Demira cerraram-se sobre os seus como se fossem instrumentos de tortura. Sentia-se prestes a gritar de horror.

O impato seco da mão de Riveda atingiu os seus dedos dobrados e o aperto frenético abrandou e desfez-se. Ele abanou a cabeça na sua direção, brevemente e, sem dizer palavra, fez-lhe sinal para que saísse do Círculo. Não o fez como se o falhanço tivesse para ele qualquer importância; parecia totalmente distraído quando fez sinal a uma saji com cara de gaivota para que tomasse o lugar dela.

Dois ou três outros cheias tinham sido excluídos do Círculo; outros estavam a ser colocados e trocados de lugar. Os acordes dissonantes soaram por mais duas vezes e, de cada vez, as posições e os padrões foram alterados. À terceira vez Riveda ergueu a mão, com um ar zangado e aborrecido e saiu do seu lugar, olhando furioso em torno do Círculo dos Cheias.

Os seus olhos caíram sobre Demira e, bruscamente, com um monossílabo abafado, agarrou o ombro da moça e afastou-a violentamente. Ela desequilibrou-se e quase caiu... Nesse momento a mulher Adepta saiu da linha e apanhou a criança cambaleante. Segurou Demira alguns instantes; depois, cuidadosamente, com as mãos enrugadas a prenderem o pulso frágil da criança, voltou a reconduzi-la ao Círculo, colocando-a no seu lugar com um olhar de desafio na direção de Riveda.

Riveda franziu a testa, furioso. A mulher Adepta encolheu os ombros e, mais uma vez, mudou gentilmente Demira de posição até que, de súbito, Riveda acenou com a cabeça, desviando imediatamente os olhos de Demira e esquecendo-se, aparentemente, de que ela existia.

Mais uma vez se ouviu o gemido dissonante das flautas e das cordas e os gongos ressoaram. Daquela vez não houve interrupções. Deoris observava, ligeiramente desorientada. Os cheias responderam à música com um breve cântico, com uma bela harmonia mas tão estranha à experiência de Deoris que lhe pareceu sem sentido. Acostumada ao misticismo exaltado do Templo da Luz e à simplicidade ascética dos seus rituais, aquela prolongada litania de entoação e gestos, música e cânticos e respostas, parecia-lhe incompreensível.



Isto é uma tolice, decidiu Deoris, não significa absolutamente nada. Ou significaria? O rosto da mulher Adepta era magro, marcado e gasto, embora simultaneamente parecesse jovem; o aspecto de Riveda, àquela luz impiedosa, dava uma impressão de quase crueldade, enquanto a beleza fantástica e gelada de Demira parecia irreal, ilusória, com algo de cruel a manchar as feições infantis. Subitamente, Deoris percebeu a razão pela qual, para algumas pessoas, as cerimônias do Templo Cinzento poderiam parecer tingidas pelo maligno.

Os cânticos tornaram-se mais fortes, mais rápidos, pulsando em estranhas monódias e cadências vibrantes. Soltou-se um único lamento, gemendo em dissonância. O som abafado das flautas surgiu por trás dela como um soluço sufocado; um tambor soou estranhamente.

O Homem com as Mãos Cruzadas estava a observá-la.

Nem naquela altura ou em qualquer outra Deoris soube se o Homem com as Mãos Cruzadas era ídolo, cadáver, homem vivo, demónio, deus ou imagem. Nem foi capaz — naquela ou em qualquer outra ocasião — de determinar, daquilo que via, quão grande era a ilusão...

Os olhos do Homem eram cinzentos. Cinzentos como o mar; cinzentos como a luz fria. Ela mergulhou profundamente naquele olhar hipnótico e cheio de compaixão, foi engolida e afogou-se nele.

O pássaro que pairava sobre o trono bateu as asas de pedra cinzenta e voou, com um grito estridente, para um local de areias cinzentas. E Deoris corria atrás do pássaro sob os céus dilacerados pelos gritos roucos das gaivotas.

À distância, o estrondo da rebentação cavalgava os ventos; Deoris estava junto ao mar, num local entre a aurora e o nascer do Sol, cinzento e frio, destituído de cor nas areias, no mar e nas nuvens. Pequenas conchas desfaziam-se sob as suas sandálias e ela cheirava o odor forte da água salgada, das algas, dos juncos e das canas dos pântanos. À sua esquerda um grupo de pequenas casas cónicas com telhados pontiagudos, de um branco acinzentado, fizeram com que um estremecimento de horror se lhe espalhasse no peito.

A Aldeia dos idiotas! Sobressaltou-se ao reconhecer o local e sentiu um choque tão forte que pôs de lado a certeza que por instantes bruxuleou no seu espírito de que nunca vira aquele local.

Fez-se um silêncio de morte que envolveu os gritos das gaivotas. Duas ou três crianças, com cabeças muito grandes, de cabelos brancos, olhos vermelhos e bocas que se babavam, com barrigas inchadas, estavam acoradas, apáticas, entre as casas, lamuriando-se e murmurando umas com as outras. Os lábios secos de Deoris não conseguiam soltar os gritos que se acumulavam na sua garganta. Virou-se para fugir, mas os pés escorregaram sob o seu peso e ela caiu. Tentando levantar-se, avistou dois homens e uma mulher que saíam das casas de pedra em mau estado; tal como as crianças, tinham olhos vermelhos, lábios grossos e estavam nus. Um dos homens vacilava sob o peso da idade; o outro caminhava às apalpadelas, com os olhos vermelhos cobertos de porcaria e de sangue; a mulher movia-se com dificuldade, de pernas abertas, muitíssimo inchada por uma gravidez que fazia com que tivesse uma fealdade animal e primitiva.

Deoris acorou-se sobre a areia acometida por um terror imenso e irracional. Os idiotas sub-humanos lamentavam-se agora em voz mais alta, fazendo gestos na sua direção; os seus punhos faziam sons estranhos, arranhando as areias incolores. Aterrorizada, Deoris conseguiu levantar-se e olhou enlouquecida em torno de si, em busca de uma saída. De um dos lados, uma muralha alta de pedra escarpada e eriçada impedia-lhe a fuga; do outro, um pântano de areias movediças, canas e juncos estendia-se

até ao horizonte.

Na sua frente os idiotas juntavam-se, olhando-a fixamente e balbuciando. Estava encurralada.

Mas como é que cheguei aqui? Terei vindo de barco? Girou sobre si própria e viu apenas o mar vazio coberto de vagas, lá longe, muito distantes, as montanhas saíam das águas e longas nuvens avermelhadas, semelhantes a dedos ensanguentados, fendiam os céus. E quando o Sol se levantar... Quando o Sol se levantar... Aquele pensamento vagabundo desapareceu. Um número crescente dos aldeãos de cabeças grandes estava a sair das casas. Deoris começou a correr acometida por um pânico aterrorizado.

Na sua frente, penetrando o ambiente cinzento e as longas e ensanguentadas fitas de luz incipiente, um brilho súbito explodiu numa luz intensa e dourada. A Luz do Sol! Correu ainda mais depressa, os seus passos ecoando, abafados, o ritmo das batidas do seu coração; nas suas costas, o bater dos passos incertos era como uma maré que subisse impiedosamente.

Uma pedra assobiou-lhe aos ouvidos. Os seus pés chapinharam na rebentação quando se virou, girando sobre si própria, como um animal encurralado. Na sua frente ergueu-se um vulto, com os olhos vermelhos brilhando, vazios, os lábios arreganhados mostrando os dentes negros e partidos, num esgar animalesco.

Freneticamente, bateu nas mãos que se estendiam para a agarrar, pontapeou e debateu-se e conseguiu libertar-se — ouviu a criatura uivar e soltar gritos insanos enquanto cambaleava, corria, tropeçava... E caía.

A luz sobre o mar explodiu, incendiando-se com os raios de Sol e ela estendeu as mãos na sua direção, soluçando, gritando sem mais coerência do que os idiotas atrás de si. Uma pedra atingiu-a no ombro; outra rasou-lhe o crânio. Debateu-se para se levantar, agarrando-se às areias molhadas, enterrando as unhas para se libertar das mãos que a agarravam atabalhoadamente. Alguém gritava, ululando num uivo agudo e angustiado. Qualquer coisa a atingiu com força no rosto. O seu cérebro explodiu numa bola de fogo e ela caiu... O Sol atingiu-a em cheio no rosto e ela morreu.

Alguém chorava.

A luz bateu-lhe nos olhos encandeando-a. Um odor ácido e adocicado queimou-lhe as narinas.

O rosto de Elis apareceu na escuridão e Deoris tossiu, enfraquecida, e empurrou a mão que lhe chegava os sais aromáticos ao nariz.

— Não, não consigo respirar... Elis! — Ofegou.

As mãos que lhe agarravam os ombros abrandaram ligeiramente a pressão e deitaram-na com meiguice numa pilha de almofadas.

Estava deitada num divã no quarto de Elis na Casa dos Doze e Elis estava debruçada sobre ela. Por trás de Elis, Elara estava de pé a enxugar os olhos, com o rosto pálido e preocupado.

— Agora tenho de ir ver a Senhora Domaris — disse Elara com uma voz pouco segura.

— Sim, vai — disse Elis sem levantar os olhos.

Deoris tentou levantar-se, mas a dor explodiu no interior da sua cabeça, cegando-a e ela caiu para trás.

— Que aconteceu? — Murmurou ela em voz fraca. — Como é que vim aqui parar? Elis, o que é que aconteceu!

Para horror de Deoris, Elis em vez de lhe responder começou a chorar enxugando os olhos com o véu.

— Elis... — A voz de Deoris tremeu e assumiu um tom infantil.

— Por favor, diz-me. Eu estava... Na Aldeia dos Idiotas e eles atiraram-me pedras... — Deoris tocou na face e na cabeça. Embora pensasse sentir dor, não detectou quaisquer feridas ou inchaços. — Oh, a minha cabeça!

— Estás a delirar novamente! — Elis agarrou nos ombros de Deoris e abanou-a com força. Isso fez com que Deoris recordasse qualquer coisa de horrível, mas depois a memória vaga desapareceu novamente quando Elis disse. — Nem sequer te lembras do que fizeste?

— Oh, Elis, pára com isso! Por favor, dói-me tanto a cabeça — gemeu Deoris. — Não podes dizer-me o que aconteceu? Como vim aqui parar?

— Não te lembras! — O choque e a incredulidade transpareciam na voz de Elis. Quando Deoris tentou sentar-se novamente, Elis ajudou a prima pondo um braço em torno dos seus ombros. Ainda agarrada à cabeça, Deoris olhou para a janela. Era já o fim da tarde e o Sol começava a alongar as sombras. No entanto ela estivera com Riveda antes da lua aparecer no céu...

— Não me lembro de nada — disse Deoris, abalada. — Onde está Domaris?

A boca de Elis, cuja expressão se adoçara, cerrou-se novamente numa expressão de ira.

— Está na Casa dos Nascimento.

— Agora?

— Eles tiveram medo que... — Uma fúria tensa embargou a voz de Elis; engoliu em seco e disse. — Deoris, juro que se a Domaris perder o filho por causa disto, eu...

— Elis, deixa-me entrar — disse uma voz do lado de fora da porta, mas antes que ela pudesse responder, Micon entrou apoiando-se pesadamente no braço de Riveda. Com passos incertos, o homem da Atlântida dirigiu-se para junto da cama.

— Deoris — disse ele — podes dizer-me...

Gargalhadas histéricas misturaram-se com soluços na garganta de Deoris.

— Que posso eu dizer-te? — Gritou ela. — Será que ninguém sabe o que aconteceu comigo? — Gritou.

Micon soltou um grande suspiro, ficando notoriamente mais abatido.

— Era o que eu temia — disse ele com uma grande amargura. — Ela não sabe de nada, não se recorda de nada. Filha... Minha querida filha! Nunca mais deves permitir que... Te usem... Desta forma! Mais nenhuma vez!

Riveda parecia tenso e fatigado e o seu hábito cinzento estava amarrotado e sujo.

— Micon de Ahtarrath, juro...

Abruptamente, Micon libertou-se do apoio do braço de Riveda.

— Ainda não estou preparado para te ouvir jurar!

Perante aquilo, Deoris conseguiu levantar-se e ficou de pé, a cambalear, soluçando de dor e medo e frustração. Micon, com aquele sexto sentido que o servia tão bem em substituição da visão, estendeu as mãos pouco seguras na direção dela... Mas Riveda recolheu a moça nos seus próprios braços com um sentido selvagem de protecção. Gradualmente o seu tremor acalmou e ela encostou-se a ele sem se mexer, com a face apoiada no tecido grosseiro do seu manto.

— Não a ireis culpar a ela! — Disse Riveda bruscamente.

— Domaris está bem...

— Não — disse Micon em tom conciliador — não foi minha intenção culpá-la, mas apenas...

— Eu sei muito bem que me odeias, Senhor de Ahtarrath — interrompeu-o Riveda — embora eu...

— Eu não odeio ninguém! — Interpôs Micon duramente. — Quererás insinuar...

— De uma vez por todas, Senhor Micon — ripostou Riveda — eu nunca insinuo. — Com uma grande delicadeza que contrastava estranhamente com a dureza das suas palavras, Riveda ajudou Deoris a voltar para a cama. — Odeia-me se quiseres, filho da Atlântida — disse o Hábito Cinzento — tu e a tua concubina Sacerdotisa. E esse que ainda não nasceu...

— Tem cuidado. — Disse Micon ominosamente.

Riveda riu-se, com desdém... Mas as palavras seguintes morreram na sua garganta, pois do céu limpo e sem nuvens, que se avistava no exterior da janela, chegou um trovão impossível quando os punhos de Micon se cerraram. Elis, esquecida de todos, encolheu-se a um canto do quarto enquanto Deoris começava a tremer incontrolavelmente. Micon e Riveda enfrentavam-se, Adeptos de disciplinas muitíssimo diferentes, e a tensão entre os dois era uma força invisível mas tangível que tremeluzia no interior do quarto.

No entanto durou apenas um instante. Riveda engoliu em seco e disse:

— As minhas palavras foram demasiado fortes. Falei tomado pela ira. Mas que terei eu feito para merecer os teus insultos, Micon de Ahtarrath? As minhas crenças não são as tuas — toda a gente pode ver isso — mas conheces o meu credo como eu conheço o teu! Pelo Deus Não Revelado, seria eu capaz de fazer mal a uma mulher grávida?

— Deverei então acreditar — perguntou Micon furiosamente — que uma Sacerdotisa de Caratra magoaria — de sua livre vontade — a irmã que adora?

As mãos de Deoris taparam a boca emudecendo um grito e ela correu para Elis soluçando, mergulhada num pesadelo de incredulidade.

— Convidei a criança — afirmou friamente Riveda — para assistir a uma cerimónia no Templo Cinzento. Acreditem, se quiserem, que o fiz com malícia e premeditadamente e que... Invoquei os Poderes das Trevas. Mas dou-vos a minha palavra, a palavra de honra de um Adepto, de que não tive qualquer outra intenção para além da cortesia! Uma cortesia que é meu privilégio estender a qualquer Sacerdote ou Sacerdotisa.

Para além dos soluços abafados de Deoris, ainda aninhada nos braços de Elis, o quarto estava em silêncio. A luz do fim da tarde desaparecera, como se a noite tivesse chegado, enquanto os céus continuavam a encher-se de nuvens pesadas. As duas mulheres não se atreviam sequer a olhar para os Adeptos que se confrontavam.

Mas por fim a tensão que enchia a sala acalmou-se um pouco. As próprias pedras das paredes pareceram suspirar de alívio quando Micon se desviou de Riveda que, se alguém estivesse a observar, teria visto pestanejar várias vezes e limpar o suor frio que lhe cobria a testa.

— Durante a cerimónia — recomeçou o Hábito Cinzento numa voz calma — Deoris sentiu vertigens e caiu no chão; uma das moça levou-a para o ar livre. Depois disso a coisa não parecia ter gravidade. Falou comigo com bastante normalidade. Levei-a até aos portões da Casa dos Doze. E é tudo o que sei deste assunto. Tudo. — Riveda abriu as mãos e depois olhou para Deoris e perguntou-lhe calmamente. — Não te lembras mesmo de nada?

Deoris estremeceu sentindo de novo cerrar-se sobre si o terror que a acometera, as suas garras geladas apertando-lhe o coração.

— Eu estava a olhar... Para o Homem das Mãos Cruzadas — murmurou. — O... Pássaro que estava por cima do trono voou! E depois eu estava na Aldeia dos Idiotas...

— Deoris! — O grito de Micon foi tenso e rouco. O homem da Atlântida respirou fundo e quase pareceu soluçar. — Que queres dizer com... Aldeia dos Idiotas?

— Bem, eu... — Os olhos de Deoris abriram-se muito e, com horror crescente, sussurrou. — Não sei, eu nunca... Eu nunca ouvi falar de...

— Deuses! Deuses! — O rosto cansado de Micon pareceu subitamente o rosto de um velho e ele cambaleou. A força interior através da qual invocara os poderes de Ahtarrath desaparecera e ele cambaleou e tateou, procurando a cadeira sobre a qual se deixou cair. — Era o que eu temia! E chegou! — Curvou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos esguias e deformadas.

Deoris, vendo a súbita fraqueza de Micon, largou Elis e correu para junto do homem da Atlântida. Ajoelhando-se na frente dele, implorou:

— Micon, diz-me! Que fiz eu?

— Reza para que nunca o recordes! — Disse Micon com a voz abafada pelas mãos. — Mas, graças a Deus, Domaris saiu incólume!

— Mas... — Deoris deu por si estranhamente incapaz de articular o nome que tanto perturbara Micon e, em vez dele, limitou-se a dizer. — Mas aquele local... O que é que... Como é que eu pude... — A voz dela emudeceu completamente.

Micon, recuperando o controlo de si próprio, estendeu uma mão tremente na direção da cabeça da moça e puxou-a para si.

— Um pecado antigo — murmurou, numa voz insegura como a de um velho — a vergonha quase esquecida da Casa de Ahtarrath... Basta! Este ataque não era dirigido a ti, Deoris, mas sim... A um filho de Ahtarrath que ainda não nasceu. Não te tortures mais, filha.

Silencioso, Riveda mantinha-se imóvel como uma pedra, com os braços firmemente cruzados sobre o peito, os lábios cerrados e os olhos azuis e brilhantes semicerrados. Elis estava sentada a tremer em cima do sofá, olhando para o chão, imersa nos seus pensamentos.

— Vai ter com Domaris, minha querida — disse Micon docemente.

E, após alguns instantes, Deoris limpou as lágrimas, beijou com reverência a mão do homem da Atlântida e saiu. Elis levantou-se e seguiu-a saindo do quarto nos bicos dos pés. Atrás delas o quarto ficou silencioso.

Riveda quebrou a quietude dizendo abruptamente.

— Não descansarei até descobrir quem fez isto!

Micon levantou-se pesadamente.

— O que eu disse é verdade; este ataque foi dirigido contra mim através do meu filho. Eu, pessoalmente, não valho qualquer ataque.

Riveda soltou uma risada — um trovão grave de divertimento cínico.

— Quem me dera ter sabido disso há uns minutos atrás, quando os próprios trovões dos céus vieram em teu socorro! — O Hábito Cinzento fez uma pausa e depois perguntou, baixinho. — Ou será que não confias em mim?

Micon respondeu asperamente.

— Tu também tens alguma culpa; apesar de teres posto a Deoris em perigo sem teres essa intenção, mesmo assim...

A fúria de Riveda explodiu e transbordou.

— Eu tenho culpa? E então tu? Se tivesses conseguido esquecer o teu orgulho desprezível durante o tempo suficiente para testemunhares contra aqueles diabos, eles teriam sido espancados até à morte já há muito tempo e nada disto teria acontecido! Senhor de Ahtarrath, tenciono limpar a minha Ordem! Agora já não por ti, nem sequer para preservar a minha reputação... Essa nunca foi tão boa! Mas a saúde da minha Ordem exige... — Apercebeu-se subitamente de que estava aos gritos e baixou a voz. — Aquele que permite a feitiçaria é pior do que aquele que a pratica. Os homens podem pecar por ignorância ou tolice... Mas que dizer de um homem sensato, que jurou servir a Luz, cuja caridade é tão grande que recusa até proteger os inocentes por temer prejudicar os



culpados? Se esse é o Caminho da Luz, então devo dizer que é melhor que venham as Trevas! — Riveda, olhando para Micon, que estava prostrado, sentiu a ira a desvanecer-se. Pôs a mão sobre o ombro magro do homem da Atlântida e disse com gravidade. — Príncipe de Ahtarrath, juro que encontrarei quem fez isto, ainda que isso me custe a minha própria vida!

Micon disse, numa voz aguda que revelava estar à beira da exaustão total.

— Não procures demasiado longe, Riveda! Já estás demasiado envolvido em tudo isto. Olha para dentro de ti próprio, não vá o custo ser superior ao da tua vida!

Riveda soltou uma pequena risada lúgubre e destituída de alegria.

— Guarda para ti os presságios e as profecias, Príncipe Micon! Não tenho menos amor à vida do que qualquer outro... Mas é meu dever encontrar os culpados e tomar as medidas necessárias para evitar outro... Incidente do gênero. Deoris também tem de ser protegida... E é meu direito protegê-la tal como é teu proteger Domaris.

Micon disse, numa voz rápida e baixa.

— Que queres dizer?

Riveda encolheu os ombros.

— Nada, talvez. Pode ser que as tuas profecias sejam contagiosas e eu veja o meu próprio karma reflectido no teu. — Ficou a olhar para Micon, com os olhos muito abertos, azuis e sombrios. — Não sei bem porque é que disse o que disse. Mas não irás pedir-me que poupe ao castigo os responsáveis pelo que aconteceu!

Micon suspirou e as suas mãos deformadas estremeceram ligeiramente.

— Não, não te pedirei — murmurou. — Também isso é karma.

## **Capítulo Quinze**

### **O Pecado Estimulante**

Aos homens só era permitido penetrar os limites do Templo de Caratra em circunstâncias de grande emergência ou morte.

Contudo, as circunstâncias eram muito pouco usuais e, após alguma demora, a Mãe Ysouda conduziu Micon até ao pátio construído no telhado do edifício para onde Domaris fora levada por ali estar mais fresco, quando tinham concluído que a criança não nasceria prematuramente.

— Não deves demorar-te — avisou a velha Sacerdotisa e deixou-os sozinhos.

Micon aguardou até os seus passos deixarem de se ouvir nas escadas e depois disse com uma severidade bem disposta que disfarçava a sua grande ansiedade.

— Então, aterrorizaste-nos a todos e por nada, Senhora minha!

Domaris sorriu, fatigada.

— Culpa o teu filho, Micon, e não a sua mãe! Ele já pensa que é senhor de tudo o que está em seu redor!

— Bem, e não é? — Micon sentou-se ao lado dela e perguntou, — A Deoris já veio ver-te?

Ela desviou o olhar.

— Sim...

A mão de Micon cerrou-se docemente sobre a dela e ele disse amorosamente.

— Coração de Chamas, não estejas ressentida. O nosso filho está bem... E a Deoris

está tão inocente como tu, minha amada!

— Eu sei... Mas o teu filho é muito precioso para mim! — Murmurou Domaris. Depois, com uma veemência implacável, disse. — Aquele... Maldito... Riveda!

— Domaris! — Surpreendido e desagradado, Micon cobriu-lhe os lábios com a mão. Ela beijou-lhe a palma da mão e ele sorriu. Depois continuou gentilmente. — O Riveda não sabia de nada disto. A sua única responsabilidade foi não ter suspeitado da presença de algo de maligno — Tocou-lhe nos olhos, levemente, com os dedos esguios. — Não deves chorar, minha querida... — depois, meio hesitante, a sua mão demorou-se...

— É claro. — Adivinhando o seu desejo, Domaris tomou a mão dele na sua e guiou-a gentilmente pousando-a na barriga inchada. Subitamente, todos os sentidos de Micon se fundiram.

O passado e o presente juntaram-se num único momento coerente de uma sensação tão intensa que lhe pareceu ter recuperado a visão, como se todos os sentidos se combinassem para o fazer entender o significado da vida. Nunca se sentira tão vivo como naquele momento em que sentiu o odor agridoce das drogas, o perfume subtil do cabelo de Domaris e a fragrância limpa dos linhos; o ar estava húmido com o cheiro agreste e salgado do mar e ouviu o ruído distante da rebentação e o gorgolejar de uma fonte e as vozes abafadas das mulheres em quartos longínquos. Sob a sua mão sentiu as texturas finas da seda e do linho, o pulsar quente do corpo da mulher e depois, através da sensibilidade refinada dos seus dedos, sentiu um pequeno movimento, um ligeiro estremecimento, tão tênue como o bater de asas de uma borboleta sob os seus dedos.

Com um movimento rápido, Domaris sentou-se e estendeu os braços a Micon, abraçando-o tão levemente que mal tocava o homem. Aprendera a ter cuidado, pois um toque ou uma carícia mais descuidada podiam trazer um enorme sofrimento ao homem que amava... E Domaris, jovem e tremendamente apaixonada, não aprendera com facilidade essa lição! Mas, por uma vez, Micon esqueceu todas as precauções. Os seus braços estreitaram-na convulsivamente. Por uma vez, por uma única vez, ele deveria ter o direito de ver aquela mulher que amava com cada átomo do seu corpo, com cada nervo do seu ser...

O momento passou e ele admoestou-a gentilmente:

— Deita-te, minha querida. Elas fizeram-me prometer que não te perturbaria. — Soltou-a e ela recostou-se, olhando-o com um sorriso tão resignado que ela própria não entendeu ser um sorriso carregado de tristeza. — E no entanto — disse Micon, numa voz perturbada — temos sido demasiado cobardes para falar de certas coisas... Por exemplo, o teu dever para com Arvath. A lei obriga-te a quê... Exactamente?

— Antes do casamento — murmurou Domaris — somos livres. Assim o dita a lei. Depois do casamento... é-nos exigido que sejamos fiéis. E se eu não conseguir, ou recusar, dar um filho a Arvath...

— Coisa que não deves fazer — disse Micon com uma grande meiguice.

— Não vou recusar — assegurou-lhe Domaris. — Mas se falhasse, cairia em desgraça, desonrada...

— Este é o meu karma — lamentou-se Micon —, nunca ver o meu filho, não poder viver o suficiente para o guiar. Pequei contra a mesma lei, Domaris.

— Pecaste? — A voz de Domaris traía o seu choque. — Tu? Ele curvou a cabeça, numa confissão envergonhada.

— Desejei as coisas do espírito e por isso tornei-me... Num Iniciado. Mas fui demasiado orgulhoso para me recordar de que também era um homem e que, portanto, estava sujeito à lei. — O rosto cego ficou pensativo e distante. — No meu orgulho, escolhi viver como um asceta e negar o meu corpo, sob o falso pretexto de uma

austeridade valorosa...

Domaris murmurou:

— Isso é necessário para se conseguir o que tu conseguiste...

— Ainda não ouviste tudo, minha amada... — Micon respirou fundo, fatigado. — Antes de ter entrado para o Sacerdócio, Mikantor exigiu-me que tomasse uma esposa e que criasse um filho para a minha casa e com o meu nome. — A boca austera estremeceu um pouco e o rígido autocontrolo falhou. — Como era o meu pai quem mo ordenava, deixei-me casar de acordo com a lei. Ela era uma menina, pura e adorável, uma princesa; mas eu era... Eu era tão cego para ela como sou... — A voz de Micon falhou totalmente e ele cobriu o rosto com as mãos. Por fim falou novamente numa voz sufocada. — E por isso é o meu destino nunca poder olhar para o teu rosto... A ti que eu amo mais do que a vida e mais do que a morte! Eu era cego para ela e disse-lhe friamente — e cruelmente, Domaris —, que tomara os votos do Sacerdócio e... E ela saiu da cama do casamento tão virgem como quando ali chegara. E ao agir daquela forma, humilhei-a e pequei, contra o meu pai e contra mim próprio e contra toda a nossa Casa! Domaris... Sabendo de tudo isto... Ainda consegues amar-me?

Domaris ficara extremamente pálida; o que Micon lhe confessara era considerado um crime. Mas ela limitou-se a murmurar:

— Já pagaste por isso a triplicar, Micon. E... E foste trazido até mim. E eu amo-te!

— Eu não lamento isso. — Os lábios de Micon beijaram-lhe docemente a mão. — Mas... Consegues entender isto? Se eu tivesse tido um filho poderia ter morrido e ao meu irmão ter-lhe-ia sido poupada a apostasia! — O rosto moreno estava macilento e abalado. — É por isso que carrego as culpas do pecado dele; e maiores males se seguirão... Pois o mal semeia o mal e colhe e ceifa um mal cem vezes maior e torna a plantá-lo mais uma vez... — Fez uma pausa e disse. — A Deoris também é capaz de necessitar de protecção. O Riveda está contaminado pelos Hábitos Negros.

Ao ouvir a sua exclamação de horror, apressou-se a acrescentar.

— Não. o que estás a pensar não é verdade. Ele não é um Hábito Negro, aliás despreza-os. Mas é inteligente e procura o conhecimento e não se preocupa muito com a origem desse conhecimento... Nunca subestimes o poder da curiosidade intelectual, Domaris! Provoca mais problemas do que qualquer outra motivação humana! Se Riveda fosse malicioso, ou deliberadamente cruel, seria menos perigoso! Mas ele tem uma única motivação: a força motriz de uma mente poderosa que nunca foi realmente desafiada. Ele é totalmente destituído de ambições pessoais. Procura e serve o conhecimento como um fim em si próprio. Não para servir, não para atingir a perfeição. Se ele fosse um homem mais egoísta, eu sentir-me-ia mais descansado. E... E a Deoris ama-o, Domaris.

— A Deoris? Ama aquele velho detestável...? — Micon suspirou.

— O Riveda não é assim tão velho. E a Deoris não o ama da forma como... Como tu e eu entendemos o amor. Se fosse só isso eu não me preocuparia. O amor não pode ser coagido. Ele não é o homem que eu teria escolhido para ela, mas eu não sou o seu tutor.

— Apercebeu-se da confusão da mulher e acrescentou calmamente.

— Não, isto é algo de diferente. E isso perturba-me. A Deoris mal tem idade para sentir esse tipo de amor ou para saber que existe. Nem... — Fez uma pausa. — Nem sei bem como dizer isto..... Ela não é o tipo de moça que sinta facilmente a paixão. Tem de amadurecer lentamente. Se fosse despertada demasiado cedo eu ficaria muito receoso por ela! E ela ama Riveda! Adora-o... Embora eu não pense que ela própria o saiba. Para ser justo com Riveda, não penso que ele a tenha incentivado. Mas compreende-me: ele poderia violá-la mais profundamente que a mais vil das prostituições e, no entanto, deixá-la virgem... Ou poderia mantê-la inocente apesar de ela lhe dar uma dúzia de filhos!

Domaris, perturbada e um pouco atordoada por aquela veemência pouco habitual em Micon, mordeu o lábio e disse:

— Não compreendo! Relutantemente, Micon disse:

— Sabes da existência das saji...

— Ah, não! — Foi um grito de horror. — Riveda não se atreveria!

— Confio que não. Mas a Deoris pode não ser sensata no amor — Forçou um sorriso cansado. — Tu não foste sensata, isso é certo! Mas... — Suspirou novamente. — Bem, a Deoris tem de seguir o seu karma tal como nós seguimos o nosso — ouvindo Domaris suspirar, num eco do seu próprio suspiro, Micon acusou-se a si próprio. — Fatiguei-te!

— Não... Mas agora ele está muito pesado, e... O teu filho magoa-me.

— Lamento..... Quem me dera poder carregá-lo por ti!

Domaris deu uma pequena gargalhada e as suas mãos, macias como penas, enfiaram-se nas dele.

— Tu és Príncipe de Ahtarrath — disse ela alegremente — e eu sou a tua serva mais obediente, a tua escrava. Mas este privilégio não poderás ter! Conheço os meus direitos, meu Príncipe!

A austeridade grave do seu rosto diminuiu novamente e um sorriso deliciado tomou o seu lugar quando se curvou para a beijar.

— Isso seria realmente magia da espécie mais extraordinária — admitiu. — Nós, os de Ahtarrath, temos certos poderes sobre a Natureza, é verdade. Mas, na realidade, nem todos os meus poderes se podem comparar a este pequeno milagre!

Domaris descontraiu-se; o momento de perigo já passara. Micon não quebraria novamente.

Mas a Noite do Nadir estava prestes a chegar.

## **Capítulo Dezesseis**

### **A Noite Do Nadir**

Estes meses não foram benevolentes para Micon, pensou Rajasta, triste e intrigado pela incapacidade do homem da Atlântida de sarar significativamente.

O Iniciado estava de pé, junto à janela, com o corpo esguio e descarnado quase não diminuindo a luz que entrava pela janela.

Com um nervosismo de movimentos que se tornava cada vez mais frequente nele, Micon mexia na pequena estátua de Nar-inabi, o Moldador das Estrelas.

— Onde arranjaste isto, Rajasta?

— Reconhece-lo?

O homem cego curvou a cabeça, quase virando as costas a Rajasta.

— Não posso dizer isso... Agora. Mas reconheço o trabalho de artesão. Foi feito em Ahtarrath, e penso que poderia ter pertencido ao meu irmão ou a mim. — Hesitou. — Peças como esta são... Extremamente caras. Este tipo de pedra é muito raro. — Sorriu um pouco. — Ainda assim imagino que não sou o único Príncipe de Ahtarrath que alguma vez viajou ou a quem roubaram qualquer coisa. Onde o encontraste?

Rajasta não respondeu. Encontrara a peça naquele mesmo edifício, nos alojamentos dos criados. Dissera a si próprio que esse fato não implicava necessariamente

nenhum dos residentes, mas as implicações daquele fato desalentavam-no e nauseavam-no pois, pelas mesmas razões, era agora impossível eliminar qualquer deles como suspeito. Riveda poderia ser na verdade tão inocente como afirmava e os verdadeiros culpados serem outros, talvez mesmo entre os próprios Guardiães...

Cadamiri, ou Ragamon o Ancião, ou até o próprio Talkannon!

Aquelas suspeitas abalavam as próprias fundações do mundo de Rajasta.

A tristeza ensombrou a expressão de Micon, perpassando o seu rosto quando, com uma carícia demorada, pousou a estatueta, requintadamente esculpida em pedra opalescente, na pequena mesa junto à janela.

— O meu pobre irmão — sussurrou quase inaudivelmente... E Rajasta, ouvindo-o, não conseguiu ter a certeza de que ele se referia a Reio-ta.

Apercebendo-se de que deveria dizer qualquer coisa, o Sacerdote da Luz refugiou-se em amenidades.

— Já estamos na Noite do Nadir, Micon, e não precisas de ter receios. O teu filho não nascerá esta noite. Vim agora de junto de Domaris; ela e aquelas que cuidam dela asseguraram-me isso mesmo. Ela vai certamente dormir profundamente no seu quarto — continuou Rajasta — sem despertar e sem temer quaisquer presságios ou portentos. Pedi ao Cadamiri que lhe desse uma droga para dormir...

No entanto, quando pronunciou as palavras, o Sacerdote da Luz tropeçou ligeiramente no nome de Cadamiri, como se a sua recente apreensão entrasse em conflito com o seu desejo de reconfortar Micon. O homem da Atlântida, apercebendo-se disso sem compreender a razão exacta do nervosismo de Rajasta, ficou rígido de tensão.

— A Noite do Nadir? — Murmurou Micon. — Já? Perdi a conta dos dias!

Uma golfada de vento entrou na sala, trazendo consigo um eco distante: um cântico, num estranho e lamentoso tom menor, estranhamente cadenciado e prolongado. As sobranceiras de Rajasta ergueram-se quando este inclinou a cabeça à escuta, mas Micon virou-se e, não rapidamente mas com uma determinação concentrada, foi novamente para junto da janela. No seu rosto estava estampada uma grande preocupação e o Sacerdote foi postar-se junto dele.

— Micon? — Disse numa interrogação carregada de infelicidade.

— Conheço aquele cântico! — Ofegou o homem da Atlântida. — E o que ele pressagia... — Ergueu as mãos esguias e pô-las, incertas, nos ombros de Rajasta. — Fica comigo, Rajasta! Eu... — A voz falhou-lhe. — Tenho medo!

O homem mais velho olhou para ele com um horror mal disfarçado, satisfeito por Micon não poder vê-lo. Rajasta estivera ao lado de Micon em momentos que tinham parecido atingir o limite do humanamente suportável... No entanto nunca vira o Iniciado revelar medo daquela maneira!

— Eu não vou deixar-te, meu irmão — prometeu... E o cântico soou novamente, frases sincopadas e misteriosas trazidas pelo vento enquanto o Sol mergulhava no crepúsculo. O Sacerdote sentiu Micon ficar mais tenso, as mãos deformadas agarrando-se aos ombros de Rajasta, o rosto nobre pálido e tremendo, um tremor que assolou gradualmente o corpo todo do homem até cada nervo parecer estremecer sob o peso de um grande esforço..... E depois, apesar do terror visível na postura e nas feições de Micon, o homem da Atlântida largou Rajasta e virou-se novamente para a janela, para olhar cegamente para a escuridão que caía, com o rosto numa atitude de ávida escuta.

— O meu irmão está vivo — disse Micon finalmente e as suas palavras soaram como tambores do destino, lentamente ritmadas na noite que caía. — Quem me dera que não estivesse! Nenhum membro da linhagem de Ahtarrath entoa este cântico a não ser... A não ser... — A voz silenciou-se novamente dando lugar à imobilidade e



à escuta.

Subitamente Micon virou-se, deixando que a testa se apoiasse no ombro do homem mais velho, agarrando-se a ele assolado por emoções tão intensas que estas se projectaram na mente de Rajasta e ambos os homens começaram a tremer sob o efeito de um terror irracional; horrores indizíveis perpassavam os seus pensamentos.

O vento amainara: as cadências entrecortadas chegavam agora com maior nitidez, subindo e baixando de tom numa insistência exigente, monótona e dolorosa, num pesadelo que mantinha, de alguma forma, o ritmo exato das batidas do coração que ecoavam nos seus ouvidos.

— Eles estão a invocar o meu poder] — Ofegou Micon, quase incoerente. — Esta é uma traição malévola! Rajasta! — Ergueu o rosto e as feições cegas espelhavam um desespero que apenas aumentou o terror do momento. — Como vou eu sobreviver a esta noite? E tenho, tenho de sobreviver! Se eles forem bem sucedidos... Se aquilo que invocam... Os ouvir... Então é apenas a minha vida que se interpõe entre eles e toda a humanidade! — Fez uma pausa, ofegante, tremendo descontroladamente. — Se esse elo for conseguido... Então não posso ter a certeza de que mesmo eu consiga afastar o mal! — Manteve-se de pé, cambaleante, simultaneamente curvado e completamente erecto, agarrado a Rajasta; as suas palavras caíram como pedras. — Apenas três vezes em toda a nossa história, Ahtarrath fez esta invocação! E dessas três vezes o poder foi controlado mas com grande dificuldade.

Rajasta ergueu lentamente as mãos, pondo-as na mesma posição das de Micon, por forma a que ficassem com as mãos nos ombros um do outro.

— Micon! — Disse Rajasta bruscamente, — Que devemos fazer?

As mãos do homem da Atlântida relaxaram um pouco, apertaram-se novamente e depois caíram de ambos os lados do seu corpo.

— Queres ajudar-me? — Perguntou numa voz insegura e quase infantil. — Quer dizer...

— Não me digas o que é que quer dizer — disse Rajasta com a voz a tremer também um pouco. — Mas eu ajudar-te-ei.

Micon respirou fundo, a tremer ligeiramente. As suas faces ganharam um pouco de cor.

— Sim — murmurou e depois, com uma voz mais forte — sim, já não temos muito tempo.

Tacteando no interior da arca onde guardava os seus tesouros mais íntimos, Micon retirou uma capa maleável de uma espécie de tecido metálico e pousou-a sobre os ombros. Depois retirou uma espada envolta num tecido fino e transparente, que pousou a seu lado. Murmurando para consigo próprio na sua língua materna, Micon procurou na arca durante mais algum tempo até que por fim retirou um pequeno gongo de bronze que estendeu a Rajasta, avisando-o de que este não deveria tocar nas paredes nem no chão.

Durante todo o tempo o cântico horrendo erguia-se e desvanecia-se, erguia-se e desvanecia-se, em tons lamurientos e sinistros e em cadências soluçantes e selvagens; um diapasão de tons menores que agredia o cérebro numa repetição que abalava os próprios ossos. Rajasta mantinha-se de pé, segurando o gongo, concentrando-se totalmente em Micon, quando este se debruçou novamente para a arca, fechando os ouvidos e a mente ao som dos cânticos.

As palavras murmuradas e iradas do homem da Atlântida transformaram-se num suspiro de alívio quando tirou o último objecto — um pequeno braseiro de bronze, curiosamente esculpido com figuras engastadas que sobressaíam e se entrelaçavam de

uma forma tal, que confundiam o olhar dando a ilusão de movimento. Após um instante, Rajasta reconheceu as figuras; eram uma representação dos elementos do fogo.

Com a grande economia de movimentos que era tão caracteristicamente sua, Micon pôs-se de pé com a espada envolta em panos numa das mãos.

— Rajasta — disse — dá-me o gongo —, quando Rajasta lhe obedeceu, o homem da Atlântida continuou. — Leva o braseiro para o centro da sala e faz uma fogueira... Com pinho, cipreste e sândalo — as suas palavras eram sincopadas e breves, como se recitasse uma lição sabida de cor.

Rajasta, ignorando as dúvidas que começavam a assolá-lo, dedicou-se à tarefa com determinação. Micon dirigiu-se novamente à janela e colocou a espada sobre a mesa ao lado da pequena estatueta de Nar-inabi. Retirando os panos, revelou a lâmina decorada e o punho cravado de jóias da arma cerimonial e voltou a empunhá-la com firmeza, virando-se para a janela, à escuta, numa atitude cheia de tensão; Rajasta quase conseguia ver o Iniciado a reunir energias dentro de si. Num súbito acesso de simpatia, pousou a mão sobre o braço de Micon.

Micon estremeceu, impaciente.

— A fogueira já está pronta?

Repreendido, o Sacerdote debruçou-se sobre o braseiro incendiando os pedaços de madeira perfumada e espalhando grãos de incenso sobre as chamas incipientes. Nuvens de um fumo branco e espesso ergueram-se no ar. As madeiras em brasa pareciam pequenos olhos teimosos, fixando-os.

À distância, o cântico subia e descia, subia e descia, ganhando força e volume. A fina coluna de chamas ergueu-se, estreita, através do fumo e depois extinguiu-se.

— Está pronto — disse Rajasta e o cântico engrossou, numa maré crescente de som. E em torno do som o silêncio era crescente, como se até o pulsar dos vivos fosse abafado, tornando-se pesado e lento.

Com um aspecto quase majestoso, muito diferente do Micon que Rajasta conhecia tão bem, o Iniciado da Atlântida deslocou-se lentamente para o centro da sala, pousou a ponta da espada cerimonial sobre a borda metálica do braseiro e descreveu um meio círculo por forma a ficar novamente de frente para a janela. Com a ponta da espada ainda a tocar o braseiro, Micon ergueu o gongo e manteve-o na sua frente com o braço estendido durante alguns instantes: o fumo do incenso começou a contorcer-se em torno do gongo como se fosse metálico e atraído por um íman.

— Rajasta! — Micon disse em tom de comando. — Põe-te a meu lado com o braço por cima dos meus ombros. — Estremeceu quando o Sacerdote da Luz obedeceu. — Com cuidado, meu irmão! Ótimo. Agora... — Respirou fundo. — Esperamos.

O lamento agudo aumentou num crescendo frenético de vibrações sonoras que se estendiam para além dos tons audíveis. Depois... O silêncio.

Esperaram. A súbita quietude alongou-se, escorreu e ensombrou-se, alastrou e brotou, sugerindo as vastidões despidas de estrelas do Universo, afogando todos os sons numa quietude pesada e imensa que os esmagava, semelhante às dobras de um sudário.

Rajasta sentia o corpo de Micon, erecto e rígido e muito real sob a capa metálica e, de alguma forma, parecia-lhe a única coisa real em toda aquela quietude vazia. Com um murmúrio enrouquecido, um vento súbito soprou através da janela e as luzes esmoreceram; o ar em torno deles estremeceu e Rajasta sentiu um formigueiro percorrer-lhe a pele. Sentiu, mais do que viu, um nevoeiro tremeluzir na obscuridade e pressentiu ligeiras distorções nos contornos da sala que lhe era tão familiar.

A ressonância treinada da voz do Iniciado soou através do peso do silêncio:

— Eu não te convoquei! Pelo Gongo... — Movendo-se subitamente, deu uma forte

pancada no gongo com o punho da espada; o clangor metálico soou, estrídulo, através do ar pesado e morto. — Pela Espada... — mais uma vez Micon ergueu a espada e manteve-a empunhada com a ponta dirigida para a janela. — E pela Palavra sobre a Espada... Pelo ferro e pelo bronze e pelo fogo... — Mergulhou a espada no meio das chamas e ouviu-se o estrealjar das chamas e as faúlhas esvoaçaram.

Depois a Palavra soltou-se lentamente da garganta de Micon, quase visível, em longas modulações lentas e vibrantes que ecoavam repetidamente, oitava após oitava, reverberando, o som prolongando-se... E prolongando-se... E prolongando-se... Até um qualquer infinito inimaginável no espaço e no tempo, acelerando e girando sobre si próprio, sem local nem momento, mas incluindo o início e o fim e tudo o que está entre esses dois pontos.

A distorção brilhante rodopiou e fiascou cada vez mais depressa como se as paredes de alvenaria girassem sobre si próprias e se fechassem sobre eles. Uma vez mais Micon ergueu a espada e tocou o gongo com o punho; mais uma vez enfiou a ponta da lâmina no braseiro. Ouviu-se um rugido distante e monótono enquanto o fogo se erguia em labaredas que subiam pela lâmina embutida. As distorções continuaram a girar em torno deles, mais próximas mas menos estonteantes e menos rápidas; a sala já não parecia estar à beira do colapso.

Vermelha e de um laranja baço, a luz quente brilhava projectando-se no rosto moreno do Iniciado. Lentamente, as cintilações enrolaram-se em torno da lâmina da espada e ali ficaram por uns instantes, como uma aura de um branco-azulado que pulsou, antes de escorregar pela espada para o interior do fogo tremeluzente que, como um suspiro e um assobio, se extinguiu. O chão por baixo dos pés dos dois homens moveu-se e ondulou. Depois tudo ficou calmo.

Micon encostou-se a Rajasta, a tremer, a aura de poder e majestade abandonando-o quase por completo. A espada mantinha-se, erecta, enterrada nas brasas consumidas do braseiro. Rajasta estava prestes a falar quando se ouviu um estrondo final e ensurdecedor à distância.

— Não temas — murmurou Micon em voz rouca. — O poder regressa através daqueles que procuraram usá-lo sem permissão. O nosso trabalho... Acabou, por agora. E eu... — Curvou-se subitamente e ficou inerte, um peso morto nos braços do Sacerdote.

Rajasta ergueu o homem da Atlântida em peso e levou-o para a cama. Deitou Micon e, cuidadosamente, desapertou e retirou a pulseira de cabedal que estava presa ao pulso do Iniciado e da qual estivera suspenso o gongo. Pondo o instrumento de lado, Rajasta humedeceu um pano que encontrou ali perto e limpou o suor que banhava o rosto do homem inconsciente. Micon mexeu-se e gemeu.

Rajasta franziu a testa com severidade, os lábios cerrados de preocupação. O homem da Atlântida estava branco, com uma palidez de morte, uma cor de cera que não prenunciava nada de bom. Isto, pensou Rajasta, é exactamente aquilo de que eu não gosto na magia. Enfraquece os fortes e enerva os fracos! Seria realmente incrível, pensou irado, se Micon tivesse afastado um perigo só para sucumbir desta forma. O homem da Atlântida voltou a gemer e Rajasta levantou-se dirigindo-se à porta com uma determinação repentina. Chamando um escravo, o Sacerdote limitou-se a dizer:

— Chamem o Curandeiro Riveda.

Para Domaris, drogada mas tensa e semi-desperta, vendo sombras informes e horríveis, a Noite do Nadir era um pesadelo confuso. Foi quase com alívio que se esforçou para despertar e se deparou com uma dor física e imperativa em substituição

daqueles sonhos horrendos. O nascimento do seu filho, apercebeu-se, estava iminente.

Com um impulso fatalista, não mandou avisar Micon nem Rajasta.

Deoris não estava em parte nenhuma e apenas Elara soube que ela fora, sozinha e a pé, tal como a tradição requeria, para a Casa dos Nascimentos.

E depois houve mais uma longa espera, a princípio mais cansativa que dolorosa. Submeteu-se de bom grado aos inconvenientes menores daquela primeira fase, pois Domaris era demasiado disciplinada para desperdiçar as suas energias em ressentimentos: responder às perguntas, dando todo o tipo de informações íntimas, ser tocada e examinada como um animal (.como uma gata a parir, disse a si própria, tentando sentir-se divertida em vez de irritada) permitiam-lhe não pensar no desconforto que sentia.

Não estava exactamente com medo: tal como todas as outras mulheres do Templo, servira no Templo de Caratra muitas vezes e os mecanismos do nascimento não tinham para ela quaisquer mistérios. Mas toda a sua vida gozara de uma saúde radiosa e aquela era praticamente a sua primeira experiência da dor e o fato de esta ser totalmente pessoal. Para mais, e para piorar as coisas, sentia pena da menina que tinham deixado a acompanhá-la durante aquele período de espera. Era muito evidente que aquela era a primeira experiência da criança num parto e ela parecia muito assustada. Esse fato não contribuía para aumentar a confiança de Domaris, pois detestava todo o tipo de comportamento desastrado e, se tinha algum medo dentro de si, era o de ficar entregue a mãos pouco competentes quando não podia ajudar-se a si própria. E no entanto, irracionalmente, a sua irritação cresceu em vez de diminuir quando a pequena Cetris lhe disse, tentando dar-lhe confiança, que a Sacerdotisa Karahama decidira assisti-la no parto.

Karahama! Pensou Domaris. Aquela filha dos ventos. Pareceu-lhe ter passado muito tempo, apesar de pouco passar do meio-dia, quando Cetris mandou chamar a Sacerdotisa. Para total espanto de Domaris, Deoris entrou com ela no quarto.

Era a primeira vez, desde a cerimónia, que Domaris via a irmã com as vestes de Sacerdotisa de Caratra e, por um instante, quase não reconheceu o pequeno rosto pálido sob o véu azul. Sentiu que o rosto de Deoris era a coisa mais bem-vinda que vira na sua vida.

Virou-se para a irmã mais nova — tinham-na mantido de pé — e estendeu os braços. Mas Deoris ficou imóvel, incapaz de se mover, na soleira da porta sem fazer qualquer menção de se chegar a ela.

Os nós dos dedos de Domaris ficaram brancos quando entrelaçou os dedos. — Deoris! — Implorou. Com passos relutantes e rígidos, Deoris foi para o lado da irmã e ficou de pé junto a ela, enquanto Karahama levava Cetris para um canto do quarto e a interrogava em voz baixa.

Deoris sentia-se mal, vendo o sofrimento habitual tomar conta de Domaris. Domaris! A sua irmã que, para Deoris, sempre fora um pouco mais do que humana. Ao aperceber-se de que a irmã sofria, algo que estava guardado no coração de Deoris sofreu um abalo; de alguma forma, ela sempre pensara que tudo aquilo seria diferente para Domaris. As coisas vulgares não podiam atingi-la, a ela, Tudo aquilo — a dor e o perigo e o sangue — não podia acontecer a Domaris!

E no entanto, podia e aconteceria. Estava a acontecer agora, perante os seus próprios olhos.

Karahama mandou Cetris embora — as meninas de doze e treze anos estavam encarregues apenas daquelas tarefas simples, como fazer companhia e fazer recados — e foi ter com Domaris, olhando para ela com um sorriso reconfortante. — Agora podes descansar — comentou bem-humorada, e Domaris deixou-se cair agradecida sobre o divã. Deoris, amparando-a com mãos firmes e fortes, sentiu que Domaris estava a tremer e

presentiu — com uma tremenda sensibilidade — o esforço que Domaris estava a fazer para não se debater nem gritar.

Domaris obrigou-se a sorrir a Deoris e murmurou:

— Não fiques assim, criancinha tola! — Domaris sentia-se bastante espantada: o que é que se passava com Deoris?

Já assistira ao trabalho de Deoris e fizera questão de se informar, por razões pessoais, sobre os progressos da sua irmã. Sabia que já era permitido a Deoris trabalhar sem supervisão e até mesmo ir sozinha à cidade para fazer partos às plebeias ou mulheres de mercadores que pediam a assistência de uma sacerdotisa; essa era uma prova de competência que a própria Elis ainda não obtivera.

Karahama, reparando no sorriso e no controlo rígido, acenou com satisfação. Ótimo! Esta Domaris é corajosa! Sentia-se benevolente em relação à sua meia-irmã mais afortunada e depois, debruçando-se sobre ela, disse com simpatia:

— Vais ver que agora a espera vai ser mais fácil, segundo penso. Deoris, as regras ainda não foram quebradas... Apenas ligeiramente — Karahama sorriu com a sua própria piada enquanto acrescentava, dispensando-a. — Agora podes ir.

Domaris ouviu a frase com desalento.

— Oh, por favor, deixa-a ficar comigo! — Implorou.

Deoris juntou os seus pedidos aos da irmã:

— Eu porto-me bem!

Karahama limitou-se a sorrir com tolerância e a recordar-lhes a lei: certamente que ambas as mulheres sabiam que na Casa de Caratra era proibido uma irmã assistir ao parto de outra.

— Para além disso — acrescentou Karahama com um gesto de cabeça deferente — enquanto Iniciada da Luz, Domaris tem de ser assistida apenas pelas suas iguais.

— Mas que interessante — murmurou Domaris secamente — que a minha própria irmã não seja minha igual.

Karahama disse, apertando ligeiramente os lábios:

— A regra não se refere à igualdade de nascimento. É verdade que são ambas filhas do Sumo Sacerdote... Mas tu és Acólita do Guardião da Porta e uma Sacerdotisa e Iniciada. Tens de ser assistida por uma Sacerdotisa de grau equivalente.

— O Curandeiro e Sacerdote Riveda, assim como tu própria, não declararam que Deoris é competente? — Argumentou Domaris, insistindo apesar de saber intimamente que de nada lhe valia.

Karahama, com deferência, limitou-se a repetir que a lei era a lei e que, se abrisse agora uma exceção, outras se seguiriam, empilhando-se umas sobre as outras até a lei se desmoronar completamente. Deoris, com medo de desobedecer, inclinou-se com tristeza para dar um beijo de despedida à irmã. Os lábios de Domaris cerraram-se, irados; aquela meia-irmã bastarda tinha o atrevimento de lhes dar lições sobre a lei e de se referir a igualdades, quer de nascimento quer de realização pessoal! Mas uma dor súbita gelou os protestos que lhe assomavam aos lábios; suportou a dor por alguns instantes e depois gritou, agarrando as mãos de Deoris, torcendo-as num súbito tormento. Deoris poderia ter-se libertado se assim o desejasse e Karahama, observando-as com simpatia, apesar de toda a sua reserva e frieza, não fez menção de interferir.

Por fim o espasmo passou e Domaris ergueu o rosto; o suor brilhava na sua testa e por cima do lábio. A sua voz soou cortante:

— Como Iniciada da Luz — disse ela devolvendo a Karahama as suas próprias palavras — tenho o direito de suspender essa lei! porque é esse o meu desejo. — Acrescentou a fórmula altiva. — São essas as minhas palavras.



Era a primeira vez que Domaris usava a sua nova posição para se impor. Uma excitação estranha percorreu-a mas logo desapareceu abafada pela dor recorrente. Uma reflexão irónica surgiu no seu espírito: tinha um poder que se sobrepunha à dor dos outros, mas era impotente para se poupar a si própria a tudo aquilo. Podia suspender as leis dos Homens se o desejasse, mas não tinha o mínimo poder sobre a Natureza nem mesmo para se ajudar a si própria, por maior que fosse o seu poder, pois devia ter aquela experiência em toda a sua plenitude, para que pudesse atingir a maturidade. Suportou a dor.

As mãos pequenas de Deoris tinham marcas vermelhas quando Domaris as libertou e a moça mais velha, cheia de remorsos, levou-as aos lábios para as beijar.

— Estou a pedir-te demasiado, gatinha?

Deoris abanou a cabeça, entorpecida. Não conseguia negar nada a Domaris, mas no seu coração desejava que Domaris não lhe tivesse pedido aquilo, desejava que Domaris não tivesse o poder de suspender as leis. Sentia-se perdida, demasiado jovem, totalmente incapaz de assumir aquelas responsabilidades.

Karahama, indignada com aquela irrefutável manifestação de desprezo por si própria e pela sua autoridade, foi-se embora.

O prazer que Domaris sentiu com esse fato foi de pouca duração, pois Karahama regressou pouco depois com mais duas noviças.

Domaris soergueu-se, o rosto lívido de fúria.

— Isto é intolerável! — Protestou, a cólera sobrepondo-se momentaneamente à dor. Era suposto as mulheres do Templo estarem isentas de serem usadas para lições; Domaris, enquanto Sacerdotisa da Luz, tinha o direito de escolher as assistentes do seu parto e certamente que não iria submeter-se àquela... Àquela humilhação!

Karahama não lhe prestou a mínima atenção, continuando a instruir calmamente as suas alunas, sugerindo implicitamente que as parturientes por vezes tinham ideias muito estranhas..... Domaris, ardendo de ressentimento, submeteu-se.

Continuava a sentir-se zangada, mas os momentos em que era incapaz de se expressar eram agora cada vez mais frequentes — e não é muito eficiente dar largas à ira em frases entrecortadas. O mais humilhante de tudo era o fato de, a cada paroxismo doloroso, ela perder o fio às suas invectivas.

A retaliação de Karahama não foi, contudo, totalmente impiedosa. Não se passou muito tempo até ela dar por finda a sua lição e mandar as estudantes embora.

Domaris conseguiu reunir a concentração suficiente para ordenar.

— Tu também podes ir! Tu própria disseste que só devo ser assistida pelas minhas iguais... Por... Isso... Sai!

Foi uma despedida brutal: retribuía totalmente a indignidade que a própria Domaris sofrera. Aquelas palavras, se tivessem sido dirigidas a uma igual e sem testemunhas, teriam sido cruéis e insultuosas; dirigidas a Karahama. na frente das suas alunas, foram muito mais ofensivas do que um estalo na cara.

Karahama endireitou-se, prestes a protestar. Depois, forçando um sorriso, limitou-se a encolher os ombros. Deoris era competente e Domaris não corria o mínimo perigo. Karahama só se humilharia mais se discutisse.

— Que assim seja — disse secamente e saiu.

Domaris, consciente de que violara o espírito se não a letra da lei, quase a chamou de volta... Mas mesmo assim, ficar sem Deoris ao pé dela! Domaris não era perfeita, era muito humana e estava muito zangada. Para além disso, estava a ser novamente acometida por uma horrível cólica que parecia ameaçar rasgar o seu corpo, que protestava, numa dúzia de direcções diferentes. Esqueceu-se da existência de Karahama.

— Micon! — Gemeu, contorcendo-se. — Micon!

Deoris debruçou-se rapidamente sobre ela dirigindo-lhe palavras de conforto, abraçando-a, acalmando a rebelião inquieta com o seu toque competente.

— O Micon virá se o desejares, Domaris — disse ela quando a irmã se acalmou um pouco. — Queres que o chame?

Domaris enterrou as unhas convulsivamente nos lençóis. Agora entendia finalmente o costume — que não era lei mas apenas tradição — segundo o qual as mulheres deviam parir os filhos longe do respectivo pai e sem que este tivesse conhecimento do fato.

— Não — murmurou. — Não, eu vou acalmar-me — Micon não devia, não podia, saber o preço do seu filho! Se ele estivesse de melhor saúde... Mas Mãe Caratra! Seria assim para toda a gente?

Embora tentasse concentrar-se nas instruções minuciosas que Deoris lhe dava, os seus pensamentos fugiam repetidamente na direção de memórias torturadas. Micon, pensou, Micon.

Ele suportou mais do que isto! Não gritou! Agora começo a entendê-lo! Deu uma gargalhada, um tanto histérica, quando pensou que pedira em tempos aos Deuses para partilhar alguns dos tormentos por que ele passara. Que ninguém diga que os Deuses não respondem às nossas preces. E sim, sim! Por ele eu suportaria de bom grado muito pior do que isto! Os seus pensamentos ficaram mais uma vez incoerentes. A tortura deve ser assim, um corpo desfeito numa gírándola de dor... E é por isso que eu partilho o tormento dele para que possa livrar-se da dor para sempre. Estou a dar uma vida ou uma morte? Ambas, ambas.

Gargalhadas sombrias e terríveis abalaram-na em ataques de histeria até o mero estremecimento se tornar numa agonia insuportável. Ouviu Deoris protestar muito zangada, sentiu as mãos que a seguravam, mas nem as palavras de conforto nem as ameaças de Deoris conseguiam dominar a sua histeria. Continuou a rir delirantemente até o riso se transformar em algo de diferente e ela começar a soluçar inconsolavelmente, inconsciente do que quer que fosse para além da dor e do fato de esta ter cessado. Ficou deitada, a chorar, totalmente exausta, sem saber nem querer saber do que estava a passar-se.

— Domaris — a voz tensa e preocupada da irmã acabou por penetrar nos soluços que se iam acalmando. — Domaris, querida, por favor tenta parar de chorar, por favor. Acabou. Não queres ver o teu bebê?

Inerte e desgastada, na ressaca da histeria, Domaris mal conseguia acreditar no que ouvia. Languidamente, abriu os olhos. Deoris olhou para ela, com um sorriso cansado e virou-se para agarrar na criança — um rapaz, pequeno e perfeito, com uma penugem avermelhada a cobrir-lhe a cabeça redonda, o rosto muito contraído e contorcido, debatendo-se avidamente com a necessidade de respirar e viver separado da mãe.

Os olhos de Domaris voltaram a cerrar-se. Deoris suspirou e começou a embrulhar o bebê em panos de linho. Porque havia de ser permitido a um pedaço de carne tão indefinido causar uma dor tão terrível? Perguntou-se a si própria, não pela primeira vez. Algo desaparecera de forma irrevogável dos seus sentimentos pela irmã. Domaris nunca saberia o quão próxima de a odiar Deoris estivera por ela a ter feito passar por tudo aquilo...

Quando os olhos de Domaris se abriram novamente, a sanidade voltara ao seu olhar, embora este estivesse sombrio e acochado. Estendeu uma mão hesitante.

— O meu bebê — murmurou receosa.

Deoris, temendo que a irmã voltasse a ser acometida por aquele choro horrendo,

pôs o bebê embrulhado em panos onde ela pudesse vê-lo.

— Não ouves? — Perguntou gentilmente. — Ele sozinho faz tanto barulho como gêmeos!

Domaris tentou soerguer-se, mas caiu novamente, esgotada. Implorou, ansiosa:

— Oh, Deoris, dá-me cá!

Deoris sorriu perante aquele milagre infalível e curvou-se para depor a criança nos braços da mãe. O rosto de Domaris estava estático e brilhante quando apertou contra si o bebê que se debatia — depois, com súbita apreensão, começou a desapertar os panos em que o bebê estava envolto. Deoris curvou-se e impediu-a de o fazer, sorrindo mais uma vez — aquela era mais uma prova de que Domaris não era diferente de todas as outras mulheres.

— Ele é perfeito — assegurou-lhe. — Tenho de contar cada dedo das mãos e dos pés para que acredites?

Com a mão livre, Domaris tocou no rosto da irmã.

— Minha pequena Deoris — disse docemente e calou-se. Nunca teria querido passar por tudo aquilo sem ter Deoris a seu lado, mas não tinha qualquer forma de o dizer à irmã.

Limitou-se a murmurar baixinho por forma a que Deoris, se assim o desejasse, pudesse fingir que não ouvia:

— Obrigada, Deoris! — Depois, pousando a cabeça pesadamente ao lado do bebê. — Pobrezinho! Será que ele está tão cansado como eu? — Os olhos abriram-se novamente. — Deoris! Não contes nada disto ao Micon! Tenho de pôr-lhe o nosso filho nos braços. É esse o meu dever... — Os seus lábios contraíram-se mas continuou, com firmeza — é o meu grande privilégio.

— Não lhe direi nada — prometeu Deoris e tirou o bebê dos braços relutantes da mãe.

Domaris estava quase a adormecer e sonhou, embora tivesse consciência da água fresca que banhou o seu rosto escaldante e o seu corpo magoado. Docilmente, comeu e bebeu o que lhe deram à boca e apercebeu-se, apesar de sonolenta, de que Deoris — ou alguém — lhe penteava o cabelo emaranhado e lhe vestia roupas limpas que cheiravam a especiarias e a aconchegava nos lençóis frescos e cheirosos. O crepúsculo e o silêncio enchiam o quarto de frescura; ouviu passos abafados e vozes baixas.

Adormeceu, acordou e adormeceu. A dada altura apercebeu-se de que lhe tinham posto novamente o bebê nos braços e abraçou-o junto ao peito, sentindo-se totalmente feliz.

— O meu filhinho — murmurou ternamente e cheia de felicidade; depois, sorrindo para si própria, Domaris deu-lhe o nome que usaria até ser homem. — O meu pequeno Micaíl!

A porta abriu-se silenciosamente. A silhueta alta e severa da Mãe Ysouda apareceu na soleira da porta. Acenou a Deoris, que lhe fez sinal para não falar em voz alta; as duas foram em bicos dos pés até ao corredor.

— Está a dormir outra vez? — Murmurou a Mãe Ysouda. — O Sacerdote Rajasta está à tua espera no Pátio dos Homens, Deoris. Vai já mudar de roupa que eu tomo conta da Domaris. — Virou-se para entrar no quarto, depois parou e olhou para a filha adoptiva e perguntou num murmúrio. — Que se passou, moça? Como é que a Domaris pôde zangar a Karahama de uma forma tão tremenda? Trocaram palavras agrestes?

Timidamente e com muito encorajamento, Deoris contou o que se passara.

A Mãe Ysouda abanou a cabeça grisalha.

— Nem parecem coisas da Domaris! — O seu rosto enrugado franziu-se com apreensão.

— Que irá Karahama fazer? — Perguntou Deoris, preocupada. A Mãe Ysouda ficou tensa, tomando consciência de que falava com demasiada liberdade a uma Sacerdotisa de baixo grau.

— Não serás castigada por obedecer a uma ordem de uma Sacerdotisa Iniciada — disse com uma dignidade austera — mas não te cabe a ti questionar Karahama. Karahama é uma Sacerdotisa da Mãe e ficar-lhe-ia realmente muito mal se guardasse ressentimento. Se a Domaris falou sem pensar num momento de dor, sem dúvida que Karahama perceberá que as suas palavras resultaram da ira provocada pela dor e não ficará ofendida. Agora vai, Deoris. O Guardião está à tua espera.

As palavras foram simultaneamente uma repreensão e uma despedida, mas Deoris ficou a pensar nelas, profundamente perturbada, enquanto trocava de roupa — as vestes que usava no interior do santuário da Mãe não deviam ser profanadas pelos olhos de qualquer homem. Deoris conseguia adivinhar aquilo que a Mãe Ysouda não quisera dizer: Karahama não pertencia à Castados Sacerdotes e as suas reações não podiam ser previstas com segurança.

No Pátio dos Homens, alguns minutos mais tarde, Rajasta parou de andar de um lado para o outro e foi apressadamente ao encontro de Deoris.

— Está tudo bem com a Domaris? — Perguntou. — Disseram-me que teve um filho.

— Um belo filho saudável — respondeu Deoris, surpreendida por ver o calmo Rajasta tomado por uma tão grande ansiedade. — E a Domaris está bem.

Rajasta sorriu de alívio e aprovação. Deoris já não lhe parecia uma criança mimada e petulante mas sim uma mulher, competente e segura na sua área de actividade. Sempre se considerara o mentor de Deoris e de Domaris e, embora estivesse um pouco desapontado por ela ter abandonado o caminho do Sacerdócio da Luz, colocando-se assim fora do seu alcance como futura Acólita ou Iniciada, aprovara a sua escolha. Perguntara muitas vezes por ela desde que Deoris fora admitida no serviço de Caratra e ficara muitíssimo satisfeito ao ouvir a Sacerdotisa elogiar as suas capacidades.

Com genuína afeição paternal disse:

— Estás a crescer rapidamente e a ficar sensata, filhinha.

Disseram-me que foste tu que fizeste o parto. Pensava que isso era contrário a uma lei qualquer...

Deoris cobriu os olhos com uma das mãos.

— O grau de Domaris coloca-a acima dessa lei. Os olhos de Rajasta ficaram sombrios.

— Isso é verdade, mas... Ela pediu ou ordenou?

— Ela... Ordenou.

Rajasta ficou perturbado. Embora uma Sacerdotisa da Luz tivesse o privilégio de escolher as parteiras, essa lei fora criada para permitir uma certa maleabilidade em circunstâncias excepcionais. Ao invocá-la voluntariamente para seu próprio conforto, Domaris agira mal.

Deoris, apercebendo-se do seu estado de espírito, defendeu a irmã.

— Elas violaram a lei! A filha de um Sacerdote está dispensada de ter aprendizas à sua volta e Ka... — Interrompeu-se, corando. No calor do momento, esquecera-se de que estava a falar com um homem. Para além disso era impensável discutir com Rajasta. No entanto, não conseguiu deixar de insistir, teimosamente. — Se alguém fez alguma coisa errada foi a Karahama!

Rajasta deteve-a com um gesto.

— Sou Guardiã da Porta — recordou-lhe ele — não dos Pátios Interiores! — Mais gentilmente disse, — És muito nova para te terem confiado uma responsabilidade tão grande, minha filha. Com ordem ou sem ordem... Ninguém se teria atrevido a deixar a filha do Sumo Sacerdote em mãos incompetentes.

Timidamente, Deoris murmurou:

— Riveda disse-me... — Calou-se, lembrando-se de que Rajasta não gostava muito do Adepto.

O Sacerdote limitou-se a dizer:

— O Senhor Riveda é sensato. Que te disse ele?

— Que... Noutra vida antes desta... — corou e continuou apressadamente — conheci todas as artes da cura, disse ele, e que as usei malignamente. Ele disse que... Nesta vida, devia penitenciar-me por isso...

Rajasta reflectiu, sentindo o coração pesado, recordando o destino que estava escrito nas estrelas para aquela criança. — Talvez assim seja, Deoris — disse sem se comprometer. — Mas tem cuidado com o orgulho; os perigos das vidas antigas tendem a ser recorrentes. Agora diz-me: foi muito difícil para a Domaris?

— Um pouco — disse Deoris, hesitante. — Mas ela é forte e deveria ter sido tudo fácil. No entanto ela sentiu dores muito fortes que eu não consegui aliviar. Temo... — Baixou momentaneamente os olhos e depois olhou corajosamente Rajasta nos olhos enquanto continuava. — Nesta vida eu não sou nenhuma Alta Sacerdotisa, mas temo muito que outra criança possa pôr a sua vida em sério risco.

A boca de Rajasta transformou-se numa linha fina. Domaris comportara-se na verdade de uma forma errada e os efeitos do seu voluntarismo já estavam a fazer-se sentir. Uma tal recomendação, vinda de alguém tão competente como Deoris, era um aviso muito sério... Mas o seu lugar na hierarquia do Templo não correspondia ao seu valor e ela não tinha, ainda, a autoridade necessária para fazer aquele tipo de recomendações. Se Domaris tivesse sido assistida, como lhe competia, por uma Sacerdotisa de grau hierárquico equivalente ao seu, ainda que menos competente que Deoris, a sua palavra, depois de devidamente ajuramentada e atestada, significaria que não seria permitido a Domaris no futuro, pôr em risco a sua vida; uma mãe viva para uma criança viva era tido, no Templo da Luz, como muito mais valioso do que a esperança de uma segunda criança. Agora Domaris teria de suportar o efeito das causas que ela própria pusera em marcha.

— Não te cabe a ti recomendar esse género de coisas — disse ele tão gentilmente quanto lhe foi possível. — Mas por agora, não temos de falar disso a Micon...

— Oh, quase me esquecia! — Exclamou Deoris. — Não devemos dizer-lhe, a Domaris quer... — Calou-se, reparando na imensa tristeza que perpassou as feições de Rajasta.

— Tens de pensar em qualquer coisa para lhe dizer, filhinha.

Ele está gravemente doente e não podemos permitir que se preocupe com ela.

Deoris deu por si subitamente incapaz de falar e os seus olhos abriram-se de preocupação.

Com dificuldade, Rajasta disse:

— Sim, é o fim. Agora... Penso que é o fim.



## Capítulo Dezessete

### Destino E Sina

Micaíl já tinha três dias quando Domaris se levantou e se vestiu com um cuidado metódico que era pouco habitual nela. Pôs o perfume de que Micon tanto gostava, o perfume da sua terra natal — o primeiro presente que lhe dera. O seu rosto estava impávido mas não estava calmo e, embora Domaris se impedisse de chorar enquanto Elara a punha linda para aquela provação, foi a própria serva quem rebentou em lágrimas enquanto punha o bebê embrulhado em panos limpos e que se agitava nos braços da mãe.

— Não! — Implorou Domaris e a mulher saiu a correr. Domaris apertou o filho contra o peito pensando com ternura: — Filho, trouxe-te ao mundo para dar a morte ao teu pai.

Cheia de remorsos, encostou a face ao pequeno rosto macio do bebê. O desgosto fazia parte do amor que sentia por aquela criança, uma coisa amarga e aguda que se intrometia na sua felicidade. Esperara três dias e mesmo assim ainda não se sentia segura de que o seu corpo e a sua mente fossem capazes de a levar a cumprir o seu dever final para com o homem que amava. Detendo-se, tentando ainda adiar aquele momento, estudou as feições minúsculas e indistintas de Micaíl, procurando uma qualquer semelhança com o pai e um soluço subiu-lhe à garganta quando beijou a penugem avermelhada que cobria a testa macia como seda.

Por fim, erguendo o rosto orgulhosamente, dirigiu-se à porta e saiu com Micaíl nos braços. Os seus passos eram firmes; os seus pés relutantes não traíam o pavor que sentia.

Os sentimentos de culpa assolavam-na. Aqueles três dias tinham sido, sentia-o, um egoísmo que tinham mantido preso à vida um homem torturado. Mesmo naquele momento ela movia-se coagida apenas pelo dever do juramento que fizera e os seus pensamentos eram como facas cortantes, de desprezo por si própria. Micaíl choramingou protestando e ela apercebeu-se de que estava a apertado com demasiada força contra o peito.

Continuou a andar, lentamente, quase não reparando nas cores tumultuosas que enchiam os jardins; embora ajustasse automaticamente os panos que cobriam a cabeça do bebê, Domaris só via diante de si o rosto emaciado e moreno de Micon e sentia apenas a amargura da sua própria dor.

O caminho não era comprido mas, a Domaris, pareceu interminável. A cada passo, deixava a sua juventude um pouco mais para trás. No entanto, passado algum tempo, um período indefinido, a confusão de pensamentos e sentimentos desvaneceu-se e deu por si a entrar nos aposentos de Micon.

Vacilou um pouco quando se apercebeu totalmente do significado do momento: Agora já não há regresso. Sombriamente apercebeu-se de que, para ela, nunca houvera.

Os seus olhos varreram a sala num apelo inconsciente e o desespero estampado no seu rosto jovem fez com que a garganta de Deoris se embargasse de desgosto. Os olhos de Rajasta encheram-se de uma compaixão ainda maior e até mesmo a boca austera de Riveda perdeu alguma da sua severidade. Domaris apercebeu-se da transformação na expressão de Riveda e isso deu-lhe novas forças nascidas da ira.

Orgulhosamente endireitou-se, agarrando a criança com firmeza.

Os seus olhos pousaram no rosto devastado de Micon; ignorou todos os outros. Aquele era o momento da sua dádiva; agora podia dar mais do que ela própria, podia abdicar — através das suas próprias ações — da esperança de qualquer futuro pessoal.

Silenciosamente foi para junto dele e a transformação que ele sofrera em apenas alguns dias atingiu-a como uma pancada.

Até àquele momento Domaris tinha-se deixado agarrar a uma tênue esperança de que Micon ainda pudesse ser poupado e ficar com ela mesmo que apenas por pouco tempo... Agora via a verdade.

Olhou longamente para ele e cada uma das feições morenas e nobres de Micon gravaram-se para sempre na sua vida com a acidez amarga da agonia.

Finalmente os olhos cegos de Micon abriram-se e parecia que, por fim, ele via, com algo mais penetrante do que a visão, pois — embora Domaris não tivesse falado e a sua chegada tivesse sido recebida em silêncio — ele falou directamente para ela.

— Minha Senhora de Luz — murmurou ele e, na sua voz, transparecia algo que desafiava qualquer definição. — Deixa-me pegar no... Nosso filho!

Domaris ajoelhou e Rajasta adiantou-se para, discretamente, ajudar o homem da Atlântida a soerguer-se. Domaris colocou a criança nos braços estendidos e murmurou palavras que, em si próprias, não tinham qualquer importância mas que, para o homem moribundo, tinham um significado devastador:

— O nosso filho amado... O nosso filhinho perfeito.

Os dedos esguios de Micon percorreram leve e gentilmente o pequeno rosto. O seu próprio rosto, semelhante a uma delicada máscara funerária de cera, curvou-se sobre a criança. Os olhos cegos ficaram cheios de água e as lágrimas correram-lhe pela face e ele suspirou com uma imensa melancolia.

— Se eu pudesse — ainda que uma única vez — ver o meu filho!

Um som rouco, semelhante a um soluço quebrou o silêncio e Domaris ergueu os olhos numa interrogação. Rajasta estava tão silencioso como uma estátua e a garganta de Deoris nunca poderia ter produzido aquele som...

— Minha amada... — A voz de Micon ganhou alguma firmeza.

— Falta ainda uma tarefa. Rajasta... — O rosto desfeito do homem da Atlântida virou-se para o Sacerdote. — Caber-te-á a ti proteger e guiar o meu filho. — Ao dizer estas palavras, permitiu que Rajasta tomasse a criança nos braços e Domaris aninhou rapidamente a cabeça de Micon no seu peito. Sorrindo debilmente ele afastou-se dela.

— Não — disse com grande ternura. — Estou cansado, meu amor. Deixa-me acabar com isto agora. Não recuses a tua maior dívida.

Pôs-se lentamente de pé e Riveda, rápido como uma sombra, apressou-se a pôr o seu braço forte sob o braço de Micon. Com um pequeno sorriso de reconhecimento, Micon aceitou a ajuda do Hábito Cinzento. Deoris foi para junto da irmã e prendeu na sua pequena mão quente a mão gelada de Domaris, mas esta nem teve consciência de que a irmã lhe tocava.

Micon encostou o rosto à criança que descansava, docilmente, nos braços de Rajasta e, com as mãos mutiladas, tocou-lhe ao de leve nos olhos cerrados.

— Vê... O que te dou para veres, Filho de Ahtarrath!

Os dedos retorcidos tocaram nas pequenas orelhas encaracoladas e a voz treinada do Iniciado retumbou na sala:

— Escuta... O que eu te dou para escutar!

Passou as mãos ao de leve pelas têmporas cobertas de penugem.

— Conhece o poder que eu conheço e que te confiro, filho da linhagem de Ahtarrath!

Tocou na pequena boca rosada que, abrindo-se e fechando-se, mamou no seu dedo e depois cuspiu-o.

— Fala com os poderes da tempestade e dos ventos... Do Sol e da chuva, da água e

do ar, da terra e do fogo! Fala apenas com justiça e com amor.

A mão do homem da Atlântida pousou sobre o coração do bebê.

— Bate apenas ao ritmo do dever e dos poderes do amor! Assim eu, pelo Poder que detenho... — a voz de Micon enfraqueceu subitamente. — Pelo... Pelo Poder que detenho, selo-te e dedico-te a... A esse Poder...

O rosto de Micon ficou lívido e tremendamente pálido. Palavra após palavra e gesto após gesto, ele libertara as forças extraordinárias que tinham permitido evitar a sua dissolução.

Com aquilo que pareceu um tremendo esforço, traçou um símbolo sobre a testa do bebê e depois deixou-se cair pesadamente contra Riveda.

Domaris, com uma ternura ansiosa, correu para o seu lado mas Micon, por um instante, não lhe prestou qualquer atenção e disse ofegante:

— Eu sabia que isto... Eu sabia..., Senhor Riveda, tens de terminar... Terminar a dedicação! Estou... — Micon respirou fundo, com dificuldade. — Não tentes enganar-me! — E as suas palavras foram sublinhadas por um trovejar distante.

Sombrio e silencioso, Riveda deixou que Domaris suportasse o peso de Micon ficando livre para a tarefa. O Hábito Cinzento sabia muito bem porque razão ele e não Rajasta ou qualquer outro tinha sido escolhido para desempenhar esta tarefa. O sinal aparente da confiança do homem da Atlântida era, na realidade, exactamente o oposto: ao ligar o karma de Riveda ao da criança, ainda que através daquele pequeno ato, Micon tentava assegurar-se de que Riveda não se atreveria a atacar a criança e o Poder que a criança representava...

Os olhos azuis e gelados de Riveda brilhavam sob as suas sobrelanceiras enquanto, com voz e gestos bruscos, reiniciava o ritual interrompido:

— Para ti, filho de Ahtarrath, Caçador Real, Herdeiro-do-Mun-do-do-Trovão, o Poder passa. Selado pela Luz... — O Adepto desatou com as mãos fortes e competentes os panos que envolviam a criança e expô-lo, com um gesto estranhamente cerimonioso, à brilhante luz do Sol.

Os raios pareceram beijar a pele penugenta e Mi cail esticou-se com um pequeno som de contentamento.

A solenidade estampada no rosto do Mago não se desvaneceu mas os seus olhos sorriam quando devolveu o bebê aos braços de Rajasta e ergueu os seus próprios braços numa invocação.

— De pai para filho, de era para era — disse Riveda — passa o Poder conhecido dos gerados na verdade. Assim foi e assim é e assim será para sempre. Salve Ahtarrath... E para Ahtarrath, adeus!

Micail olhava com uma gravidade sonolenta para os rostos que o cercavam... Mas não durante muito tempo. A cerimónia tinha terminado e Rajasta apressou-se a colocar o bebê nos braços de Deoris e soltou Micon do abraço de Domaris deitando-o com cuidado. Ainda assim as mãos do homem da Atlântida tacteavam debilmente em busca de Domaris e ela foi para junto dele e abraçou-o novamente. A dor estampada nos olhos dela era uma verdadeira crucificação.

Deoris, com o bebê apertado ao peito, soluçava silenciosamente, o rosto meio escondido no manto de Rajasta. O Sacerdote da Luz mantinha-se com os braços em torno dela mas os seus olhos estavam fixos em Micon. Riveda, com os braços cruzados sobre o peito, observava sombriamente a cena e a sua estatura imponente bloqueava a entrada do Sol no quarto.

O Príncipe estava imóvel, tão imóvel que os presentes suspenderam também eles a respiração.... Por fim, mexeu-se ligeiramente.

— Senhora... Vestida de Luz — murmurou. — Perdoa-me. — Esperou e gotas de suor perlarão-lhe a testa. — Domaris — a palavra era uma oração.

Parecia que Domaris nunca iria falar, que a fala tinha secado na sua fonte e que todo o mundo ficaria silencioso por toda a eternidade. Por fim, os seus lábios pálidos apartaram-se e a sua voz soou clara e triunfante no meio do silêncio.

— Está tudo bem, meu amado. Vai em paz.

O rosto lívido estava imóvel, mas os lábios moveram-se formando aquilo que parecia ser o fantasma do antigo sorriso radiante de Micon.

— Amor meu — murmurou e depois, mais baixinho ainda. — Coração... De chamas... — e uma respiração e um suspiro moveram-se no silêncio e depois desvaneceram-se.

Domaris inclinou-se para a frente... E os seus braços, com um pequeno gesto estranho e patético, caíram ao longo do seu corpo, vazios.

Riveda foi silenciosamente para junto da cama e olhou para o rosto sereno, fechando os olhos sem vida.

— Acabou — disse o Adepto quase com ternura e com pena. — Que coragem, que força... E que desperdício!

Domaris pôs-se de pé, de olhos secos e virou-se para Riveda.

— Isso, meu Senhor, é uma questão de opinião — disse ela lentamente. — É o nosso triunfo! Deoris... Dá-me o meu filho.

— Tomou Micail nos braços e o seu rosto brilhava, com um brilho sobrenatural, na sublimidade da sua dor. — Vejam o nosso filho... é o nosso futuro. Poderás mostrar-me algo de semelhante, Senhor Riveda?

— O teu triunfo, Senhora, na verdade — reconheceu Riveda e curvou-se com profunda reverência.

Deoris aproximou-se e teria pegado novamente na criança, mas Domaris agarrou-se a ela com as mãos a tremer enquanto acariciava o bebê. Depois, por fim, com um último olhar apaixonado ao rosto moreno e imóvel que fora o de Micon, virou-se e os homens ouviram a sua prece murmurada e impotente:

— Ajuda-me... Oh, Tu que És!

Deoris levou a irmã sem que esta oferecesse resistência.

A noite estava fria. A Lua cheia, que nascera cedo, inundava o céu com um brilho que apagava as estrelas. Junto ao horizonte, chamas baças brilhavam perto do paredão marítimo e luzes fantasmagóricas, azuis e inquietas, pairavam dirigindo-se para norte.

Riveda, pela primeira e última vez na sua vida, envolto nas vestes imaculadas da Casta dos Sacerdotes, andava para a frente e para trás com passos majestosos na frente dos aposentos de Micon. Não fazia a menor ideia porque razão fora ele e não Rajasta ou um dos outros Guardiões a ser escolhido para aquela vigília — e também já não se sentia seguro quanto às razões que tinham levado Micon a suportar a sua ajuda no fim! Teria sido a confiança ou a desconfiança o fator principal na aceitação final de Micon relativamente a si próprio?

Era claro que o homem da Atlântida tinha, pelo menos em parte, tido medo dele. Mas porquê? Ele não era nenhum Hábito Negro! Os contornos e os escaninhos de tudo aquilo constituíam um enigma que estava muito para lá da sua capacidade de decifrar... E Riveda não gostava da sensação de ignorância.

No entanto, sem protestar e sem qualquer orgulho, despojara-se naquela noite das vestes cinzentas que usava há tantos anos e envergara as vestes rituais da Luz. Sentia-se curiosamente transformado, como se juntamente com as vestes também tivesse envergado

uma parte do carácter pundonoroso daqueles Sacerdotes.

Mesmo assim sentia uma profunda dor pessoal e uma sensação de derrota. Nas últimas horas de Micon, a sua fraqueza comovera Riveda de uma forma que a sua força nunca conseguiria. Um respeito contrafeito e ressentido dera lugar a um afeto profundo e sincero.

Era na verdade muito raro que Riveda permitisse que os acontecimentos o perturbassem. Não acreditava no destino – mas sabia que uma teia percorria o tempo e as vidas dos homens e que uma pessoa podia acabar por se enredar nela. Karma. Era, pensou Riveda sombriamente, como as avalanches das montanhas do seu Norte natal que podiam ser provocadas por um passo incauto e nem todos os poderes da natureza e do mundo conseguiam deter um centímetro sequer do seu ímpeto. Riveda estremeceu. Sentia uma curiosa certeza de que a morte de Micon precipitaria o destino e a sina de todos eles. Não gostava daquela idéia, pois Riveda preferia acreditar que podia dominar o destino, escolher um caminho por entre os precipícios do karma apenas através da sua vontade e da sua força.

Continuou a andar de um lado para o outro com a cabeça baixa.

A Ordem dos Magos, conhecida naquelas paragens como Hábitos Cinzentos, era antiga e, noutras paragens, o seu nome era mais honrado. Na Atlântida, havia muitos Adeptos e Iniciados da Ordem entre os quais Riveda tinha uma posição privilegiada. E agora Riveda sabia algo que mais ninguém adivinhara e sentia que, com toda a legitimidade, esse conhecimento lhe pertencia.

Certa ocasião, no meio de um acesso de loucura, uma palavra e um gesto tinham escapado inconscientemente a Reio-ta, o seu cheia. Riveda reparara em ambos, apesar de na altura lhe terem parecido destituídos de significado. Mais tarde, vira o mesmo gesto ser trocado entre Rajasta e Cadamiri num momento em que pensavam não estarem a ser observados. E Micon, no delírio da agonia que precedera as suas últimas horas plenas de serenidade, murmurara frases na língua da Atlântida — e uma delas era o duplicado daquela pronunciada por Reio-ta. O cérebro de Riveda armazenara todas aquelas coisas para referência futura. O saber, para ele, era algo que devia ser adquirido; o que estava escondido só devia ser procurado com mais persistência.

No dia seguinte, o corpo de Micon deveria ser queimado e as cinzas devolvidas à sua terra natal. Essa tarefa deveria caber a Riveda. Quem teria mais direito que ele, o Sacerdote que consagrara o filho de Micon ao poder de Ahtarrath?

Ao nascer do dia, Riveda abriu cerimoniosamente as cortinas, permitindo que a luz do Sol entrasse na sala onde Micon jazia e a inundasse. A aurora era um mar vivo de fogo lívido em tons de rubi e rosa. A luz batia como chamas dançantes no rosto moreno e sem vida do Iniciado e Riveda, franzindo a testa, sentiu que a morte de Micon não terminara nada.

Isto começou no Jogo, pensou Riveda, e acabará no jogo... Mas será apenas o fogo do funeral de Micon? Ou erguer-se-ão chamas mais altas no futuro...? Franziu o cenho abanando a cabeça. Que disparates estarei eu a sonhar? Hoje o fogo consumirá aquilo que os Hábitos Negros deixaram de Micon, Príncipe de Ahtarrath... E mesmo assim, à sua maneira, ele derrotou todos os elementos.

Ao nascer do Sol, Sacerdotes vestidos de branco vieram e ergueram Micon carinhosamente, levando-o pelos caminhos sinuosos e para a luz da manhã. Rajasta, com o rosto pálido de desgosto, caminhava na frente do féretro; Riveda, com passos silenciosos e de cabeça curvada, seguia atrás dele. Atrás de ambos, desfilaria uma longa procissão de Sacerdotes e Sacerdotisas envoltos em vestes brancas debruadas a prata e



com capuzes azuis prestando tributo ao estrangeiro, ao Iniciado que morrera no seu seio... E na retaguarda seguia, dissimulada, uma sombra cinzenta, curvada como um homem velho abalado por grandes soluços, com a capa cinzenta puxada por cima do rosto, as mãos escondidas no manto remendado e gasto.

Mas nenhum homem viu como Reio-ta Lantor de Ahtarrath seguiu o seu Príncipe e irmão a caminho das chamas.

Também invisível, lá no alto, no topo de uma pirâmide, estava uma mulher, alta e sublime, com o rosto iluminado pela luz carmim da manhã e afogando o céu com o vermelho dos seus cabelos. Nos seus braços estava aninhada uma criança e, enquanto a procissão se transformava numa sombra negra contra a luz radiante do Leste, Domaris ergueu a criança bem alto na direção do Sol nascente. Numa voz firme, começou a entoar o hino da manhã:

*Oh, que belo sobre o Horizonte de Leste,  
Ergue a Luz sobre o dia, Oh, Estrela do Leste;  
Estrela do dia, acorda e ergue-te.  
Alegria e dador da luz, desperta.  
Senhor e dador da vida,  
Ergue a tua luz, Oh, Estrela do Dia.  
Estrela do Dia. acorda e ergue-te!*

Muito abaixo as chamas dançavam formando espirais subindo da pira e o mundo foi engolido pelas chamas e pela luz do Sol.

## **LIVRO TRÊS**

### **DEORIS**

#### **Capítulo Um**

##### **A Promessa**

— Senhor Rajasta — Deoris saudou o velho Sacerdote com ansiedade. — Fico satisfeita por teres vindo! A Domaris está tão estranha!

Na face enrugada de Rajasta estampou-se uma expressão inquisitiva.

Deoris continuou impetuosamente:

— Não consigo compreender... Ela faz tudo o que tem de fazer e já não chora o tempo todo, mas... — As palavras saíram numa espécie de gemido: — Ela não está cá!

Assentindo lentamente, Rajasta tocou no ombro da criança numa carícia reconfortante.

— Eu temia isto... Vou vê-la. Ela agora está sozinha?

— Sim, a Domaris recusou-se a olhá-las quando vieram vê-la e não respondeu quando falaram com ela; limitou-se a olhar fixamente para a parede... — Deoris começou a chorar.

Rajasta tentou reconfortá-la e passados alguns instantes conseguiu perceber que —

elas — referia-se a Elis e à Mãe Ysouda. Os seus olhos sensatos e idosos olharam para o pequeno rosto de Deoris, pálido e desgostoso, e o que ali viu fez com que lhe afagasse o cabelo demoradamente antes de dizer, com meiga insistência:

— Agora és mais forte do que ela, embora te possa parecer que assim não é. Tens de ser bondosa com ela. Ela precisa de todo o teu amor e de toda a tua força, também. — Conduzindo a ainda chorosa Deoris para um sofá próximo e instalando-a nele, disse. — Agora vou ter com ela.

No quarto de dormir, Domaris estava sentada, imóvel, com o olhar fixo em distâncias inimagináveis, as mãos caídas ao lado do corpo. O seu rosto parecia o de uma estátua, imóvel e com uma expressão remota.

— Domaris — disse Rajasta baixinho. — Minha filha. Muito lentamente, de um qualquer local secreto do espírito, a mulher regressou; os seus olhos registaram aquilo que a rodeava.

— Senhor Rajasta — saudou-o, a sua voz pouco mais do que um murmúrio no silêncio.

— Domaris — repetiu Rajasta num tom estranhamente lamentoso. — Minha Acólita, estás a negligenciar os teus deveres. Isso não é digno de ti.

— Fiz tudo o que tinha a fazer — disse Domaris inexpressivamente como se nem sequer quisesse negar a acusação.

— O que queres dizer é que fazes os gestos — corrigiu-a Rajasta. — Pensas que não sei que estás a tentar morrer? Podes fazê-lo, se fores suficientemente covarde. Mas o teu filho é de Micon... — Os olhos dela estremeceram e, ao ver aquela reacção ainda que momentânea, Rajasta insistiu. — O filho de Micon precisa de ti.

Nesse instante o rosto de Domaris animou-se de dor.

— Não — disse — até nisso eu falhei! O meu bebê foi entregue a uma ama de leite!

— O que não havia necessidade nenhuma de ter acontecido se não te tivesses deixado dominar pelo desgosto — acusou Rajasta. — moça cega e pateta! Micon amou-te e honrou-te e confiou em ti mais do que em qualquer outra pessoa e... E tu deixa-lo ficar mal desta maneira! Envergonhas a sua memória, se a sua confiança foi errada... E trais-te a ti própria... E desonras-me a mim, que te ensinei tão mal!

Domaris pôs-se de pé de um salto erguendo as mãos num gesto de protesto, mas um gesto imperativo de Rajasta silenciou as palavras que se formavam na sua garganta e ela escutou-o com a cabeça curvada.

— Pensas que estás sozinha no teu desgosto, Domaris? — Não sabes que para mim o Micon era muito mais do que um amigo, muito mais do que um irmão? Estou sozinho, agora que já não posso caminhar a seu lado. Mas não posso deixar de viver porque alguém que eu amava partiu para onde eu não posso segui-lo! — Acrescentou, mais gentilmente. — Também a Deoris chora por Micon... E ela não tem sequer a recordação do seu amor para a confortar.

A cabeça da mulher caiu sobre o peito e ela começou a chorar, tempestuosamente, freneticamente. E Rajasta, o seu rosto severo novamente bondoso, recolheu-a nos braços e apertou-a contra o peito até a crise de soluços desolados terminar, deixando Domaris exausta mas viva.

— Obrigada, Rajasta — murmurou com um sorriso que quase fez com que o homem chorasse também. — Eu... Eu vou portar-me bem.

Impaciente, Domaris andava para trás e para diante no seu quarto. Os dias cansativos e as noites que se tinham arrastado, só tinham feito com que o inevitável

estivesse mais próximo e, agora, o momento da decisão estava perante si. Decisão? Não, a decisão já fora tomada. Era apenas o tempo de agir que tinha chegado, a altura de garantir o cumprimento da sua palavra empenhada. Que interessava o fato de a sua promessa a Arvath ter sido feita numa época em que era completamente ignorante relativamente às consequências dessa promessa?

Com um sorriso tenso, recordou as palavras proferidas muitos anos antes: Sim, meus Senhores do Conselho, aceito o meu dever de me casar. Tanto faz Arvath como qualquer outro... Até gosto dele. Isso passara-se há muito tempo, antes de ela sonhar sequer que o amor entre um homem e uma mulher era mais do que um romance de belas palavras, antes de o nascimento e a morte e a perda se terem tornado coisas pessoais para ela. Tinha, reflectiu secamente, treze anos na altura.

O seu rosto, mais magro do que fora um mês antes, ficou impassível, pois reconheceu os passos que se aproximavam da porta. Virou-se e saudou Arvath e, por instantes, este não conseguiu mais do que ficar imóvel e gaguejar o seu nome. Ele não a vira desde a morte de Micon e a transformação que ela sofrera deixava-o estarrecido. Domaris estava bela — mais bela do que nunca — mas o seu rosto estava pálido e o seu olhar era remoto, como se tivesse contemplado coisas secretas. De uma moça alegre e sorridente, transformara-se numa mulher... Numa mulher de mármore? Ou de gelo? Ou seria meramente uma chama contida aquela que brilhava por detrás dos seus olhos calmos?

— Espero que estejas bem — disse ele finalmente de uma forma banal.

— Oh, sim, têm tomado bem conta de mim — disse Domaris e olhou-o com uma exasperação tensa. Sabia o que ele queria (pensou, com um sarcasmo ligeiro que era novo nela); porque não ia ele direito ao assunto em vez de o evitar refugiando-se em cortesias?

Arvath sentiu que o estado de espírito dela não era totalmente angélico e isso fez com que se sentisse ainda mais constrangido.

— Vim perguntar-te... Vim reivindicar... A nossa promessa...

— Como é teu direito — reconheceu Domaris formalmente, sentindo-se sufocada ao tentar controlar a respiração.

As mãos impetuosas de Arvath estenderam-se e apertou-a contra si.

— Oh, amada! Poderei eu reclamar-te esta noite perante os Cinco Investidos?

— Se assim o desejares — disse ela quase com indiferença.

Aquela altura não seria pior do que qualquer outra. Depois a velha Domaris regressou momentaneamente num impulso de sinceridade, — Oh, Arvath, perdoa-me por não poder dar-te... Não poder dar-te mais do que aquilo que tenho para te dar — implorou e abraçou-o brevemente.

— Que te dê a ti própria já é o suficiente — disse ele com ternura.

Ela fixou-o com uma consciência angustiada a transparecer-lhe no olhar mas não disse nada.

Os braços dele estreitaram-na, exigentes.

— Vou fazer-te feliz — prometeu. -Juro!

Ela manteve-se passiva entre os seus braços, mas Arvath percebeu, com uma sensação de inquietante futilidade, que ela permanecia imperturbada pelo tormento que o assolava. Repetiu, a frase soando como um desafio:

— Juro... Que vou fazer-te esquecer!

Após um instante, Domaris levantou as mãos e afastou-se dele; não com qualquer tipo de repulsa, mas com uma indiferença que encheu o homem de apreensão. Rapidamente, pôs aqueles pensamentos de lado. Despertá-la-ia para o amor, pensou confiante... E nunca lhe ocorreu que ela estava muito mais consciente da natureza do

amor do que ele próprio.

Ainda assim, reparara no fato de a piedade lhe ter adoçado momentaneamente o olhar e era demasiado sensato para tentar tirar grandes vantagens desse fato. Murmurou, contra o cabelo dela:

— Põe-te linda para mim, minha mulher. — Depois, pousando um beijo leve na sua têmpora, deixou-a.

Domaris ficou imóvel por um longo minuto, olhando para a porta fechada e a grande piedade espelhada nos seus olhos empalideceu gradualmente, transformando-se num medo gelado.

— Ele! Ele está esfomeado — murmurou e um tremor interno começou a percorrer-lhe o corpo todo sem que conseguisse controlá-lo —, Como posso... Não consigo! Oh. Micon!

## **Capítulo Dois**

### **A Febre**

Nesse Verão, a febre devastou uma cidade chamada Cobra Coleante. No interior dos muros do Templo, onde os Curandeiros impunham rígidas regras sanitárias, a febre não se fez sentir. Mas na cidade propriamente dita, semeou o caos, pois havia uma parte da população que era demasiado preguiçosa ou estúpida para seguir as ordens dos sacerdotes.

Riveda e os seus Curandeiros passaram pela cidade como um exército invasor, sem qualquer respeito pela praga ou pelas pessoas. Queimaram as montureiras fedorentas e as casas miseráveis e infectadas; queimaram as cabanas imundas dos escravos que eram propriedade de gente tão cruel ou estúpida que permitia que homens vivessem numa imundície maior do que aquela que rodeava as bestas. Invadindo todos os lares, fumigaram, limparam, trataram, isolaram, condenaram, enterraram ou cremaram, atrevendo-se mesmo a entrar em casas onde as vítimas já tinham apodrecido no fedor da morte.

Cremaram os cadáveres — por vezes recorrendo à força nos casos onde as leis das castas exigiam o enterro. Os poços suspeitos de contaminação foram analisados e frequentemente selados, sem que fosse dada qualquer importância a subornos, ameaças e, ocasionalmente, a desafios frontais. Em resumo, tornaram-se num grande incómodo para os ricos e poderosos cuja negligência ou maldade permitira que a praga tivesse surgido.

O próprio Riveda trabalhou até à exaustão, tratando de doentes de quem ninguém se deixava persuadir a aproximar, enfrentando os anafados poderosos da cidade que questionavam o valor da sua misericórdia destrutiva, dormindo alguns minutos em casas já tocadas pela morte. Parecia caminhar sob a protecção de uma série de milagres.

Deoris, que fizera o seu noviciado junto dos Curandeiros, sob o patrocínio do seu parente Cadamiri, encontrou-se certa noite com Riveda quando saía por alguns minutos de uma casa onde estivera, com outra Sacerdotisa, a cuidar dos doentes de duas famílias. A mulher da casa estava fora de perigo, mas quatro crianças tinham morrido, três outras estavam gravemente enfermas e uma outra estava a adoecer.

Vendo-a, Riveda atravessou a rua para a cumprimentar. A cara dele estava enrugada e muito cansada, mas parecia quase feliz e ela perguntou-lhe a razão.

— Porque creio que o pior já passou. Hoje não apareceram casos novos no Bairro Norte e, até mesmo aqui — se não chover durante mais três dias — teremos vencido. — O Adepto olhou para Deoris; o esforço tinha acrescentado anos ao seu rosto e a sua beleza estava toldada pelo cansaço. O coração de Riveda enterneceu-se e ele disse com um sorriso gentil, — Parece-me que tens de ser enviada de volta para o Templo, minha filha; estás a matar-te.

Ela abanou a cabeça, lutando contra a tentação. Seria um conforto paradisíaco ver-se fora dali! Mas limitou-se a dizer, teimosamente:

— Ficarei enquanto for necessária.

Riveda pegou-lhe nas mãos e manteve-as entre as suas.

— Eu próprio te levaria, minha filha, mas não me deixariam passar os portões, pois tenho ido aos locais onde o contágio é pior. Não posso regressar até a epidemia ter passado, mas tu.... — Subitamente, apertou-a contra ele num abraço forte e violento. — Deoris, tens de ir! Não quero que adoeças, não vou correr o risco de te perder!

Sobressaltada e confundida, Deoris ficou rígida nos seus braços; depois descontraiu-se, retribuiu o abraço e sentiu a barba por fazer contra o seu rosto.

Sem a largar, ele afastou-se um pouco e olhou-a com uma expressão de meiguice nos lábios austeros.

— Até mesmo este abraço é perigoso. Vais ter de tomar banho e mudar de roupa agora... Mas Deoris, estás a tremer, não podes ter frio com o calor terrível que está?

Ela mexeu-se um pouco entre os seus braços.

— Estás a aleijar-me — protestou.

— Deoris! — Disse Riveda, com súbito alarme quando ela caiu contra o seu peito.

A moça tremia com um frio violento que subitamente se fechou sobre o seu corpo.

— Eu... Eu estou bem — protestou fracamente, mas depois murmurou. — Eu... Eu quero ir para casa — e caiu. como um pequeno embrulho, tremendo nos braços de Riveda.

Não era a temida praga. Riveda diagnosticou febre dos pântanos agravada pela exaustão. Após alguns dias, quando ficaram seguros de que não haveria perigo de contágio, permitiram que fosse transportada numa liteira para o Templo.

Uma vez lá, Deoris passou semanas, que lhe pareceram anos, não perigosamente doente, mas sonolentemente delirante. Mesmo quando a febre finalmente começou a ceder, a sua convalescença foi gradual e passou-se muito tempo até recuperar mesmo o mais lânguido dos interesses pela vida.

Os dias passavam em períodos intermitentes de sonos breves e sonhos meio despertos. Ficava deitada a observar o jogo das sombras e da luz do Sol nas paredes, a escutar o murmurejar das fontes e o pipilar musical dos quatro pequenos pássaros azuis que esvoaçavam e gorjeavam na gaiola pendurada ao sol — fora Domaris quem lhos mandara. Domaris, na verdade, mandava-lhe mensagens e presentes quase todos os dias, mas não se aproximava dela, embora Deoris a tivesse chamado e implorado a sua presença durante os dias de delírio. Elara, que tratava de Deoris dia e noite, dizia apenas que Arvath o tinha proibido. Mas quando o delírio acabou, Deoris soube através de Elis que Domaris já estava novamente grávida e não estava nada bem; não se tinham atrevido a arriscar um contágio nem mesmo daquela febre benigna. Ao ouvir aquilo, Deoris virou-se para a parede, ficou sem falar durante um dia inteiro e não voltou a mencionar a irmã.

O próprio Arvath vinha vê-la frequentemente, trazendo os presentes e as mensagens que Domaris lhe enviava. Chedan fazia-lhe breves visitas tímidas e encabuladas, quase todos os dias. Rajasta veio vê-la uma vez trazendo frutos delicados para lhe tentar o apetite fastidioso e elogios sobre o seu trabalho durante a epidemia.



Quando começou a recuperar a memória e a recordação do comportamento curioso de Riveda se destacou dos sonhos bizarros do seu delírio, perguntou pelo Adepto dos Hábitos Cinzentos. Disseram-lhe que Riveda partira numa longa viagem, mas Deoris acreditava secretamente que lhe mentiam e que ele morrera durante a epidemia. O desgosto secou na fonte; as nascentes das suas emoções tinham sido enfraquecidas por uma doença prolongada e uma longa convalescença e Deoris ia fazendo os gestos da vida sem sentir grande interesse pelo passado, pelo presente ou pelo futuro.

Passaram muitas semanas até lhe ser permitido sair da cama e muitos meses até que a deixassem passear pelos jardins.

Quando, finalmente, já estava suficientemente forte, regressou aos seus deveres no Templo de Caratra — mais ou menos, pois encontrou toda a gente envolvida numa conspiração para lhe encontrar tarefas fáceis e inúteis que não fossem prejudiciais à sua recuperação. Devotava muito do seu tempo ao estudo e, à medida que ia ficando mais forte, assistindo a aulas dadas aos aprendizes de curandeiros ainda que não pudesse acompanhá-los no seu trabalho. Frequentemente escondia-se num canto da biblioteca para escutar, de longe, as discussões entre os Sacerdotes da Luz. Para além disso, enquanto Sacerdotisa, Deoris, tinha agora direito a um escriba só para si; era considerado mais inteligente escutar do que ler, pois o ouvido conseguia concentrar-se mais completamente do que a visão.

Na noite do seu décimo sexto aniversário, uma das Sacerdotisas enviara Deoris a uma colina sobranceira ao Campo das Estrelas para colher certas flores que tinham valor medicinal. A longa caminhada fatigara-a e sentou-se alguns momentos a descansar antes de dar início à tarefa quando, subitamente, ao erguer a cabeça, viu o Adepto Riveda a caminhar na sua direção pelo trilho banhado pelo Sol. Por instantes limitou-se a olhar.

Estivera tão convencida da sua morte que pensou, por instantes, que o véu se tornara mais fino e que aquilo que via não era ele mas o seu espírito... Depois, convencida de que afinal não estava a ter alucinações, deu um grito e correu na sua direção.

Virando-se, ele viu-a e estendeu-lhe os braços.

— Deoris — disse e pousou as mãos nos ombros dela. — Tenho estado ansioso por tua causa, disseram-me que tinhas estado perigosamente doente. Já estás recuperada? — O que viu ao observar-lhe o rosto, foi evidentemente satisfatório.

— Eu... Pensei que tinhas morrido.

O seu sorriso rude foi mais amistoso do que o habitual.

— Não, como podes ver, estou bem vivo. Estive fora, numa viagem a Atlântida. Talvez um dia te conte... Fui ver-te antes de partir mas estavas demasiado doente para me reconheceres.

Que estás a fazer aqui?

— Estou a apanhar flores shaing.

Riveda grunhiu.

— Oh, mas é sem dúvida um excelente aproveitamento dos teus talentos! Bem, agora que regressei, talvez possa arranjar-te trabalho mais adequado. Mas de momento tenho coisas minhas para tratar, por isso devo deixar-te com as tuas flores — sorriu novamente. — Uma tarefa de tal importância não deve ser interrompida por um mero Adepto!

Deoris soltou uma gargalhada, muito animada e, impulsivamente, Riveda curvou-se e beijou-a ao de leve antes de seguir o seu caminho. Ele próprio não saberia explicar aquele beijo — não era dado a atos impulsivos. Enquanto se apressava em direção ao Templo, Riveda sentiu-se estranhamente perturbado ao recordar a lassidão estampada nos olhos da moça. Deoris ficara mais alta durante os meses em que estivera doente, embora

nunca viesse a ser muito alta. Magra e frágil e no entanto senhora de uma beleza delicada e espectral, já não era uma criança mas dificilmente poderia ser considerada uma mulher. Riveda pensou, aborrecido consigo próprio pela direção que os seus pensamentos tomavam, como estaria a sair-se o jovem Chedan com o seu namoro. Não, decidiu, essa não é a resposta. Deoris não tinha o aspecto de uma moça desperta pela paixão, nem parecia ter a consciência sexual que estaria presente se esse fosse o caso. Ela permitira o seu beijo tão inocentemente como se fosse uma criança pequena.

Riveda não sabia que Deoris o seguira com o olhar até ele ter desaparecido de vista nem que as suas faces estavam enrubescidas e vivas de novo.

## Capítulo Três

### Escolha E Karma

A noite caía, desdobrando-se sobre os telhados pontiagudos do Templo e da cidade antiga que se estendia a seus pés, como se fosse um par de asas cor de índigo. Uma rede de luzes indistintas estendia-se sobre as trevas e, ao longe, uma fosforescência pálida pairava sobre a escuridão mais profunda do porto de mar. A luz das estrelas, fraca e inconstante, tremeluzia em torno da cerca que delimitava a plataforma superior da grande pirâmide e produzia um brilho fantasmagórico em redor da figuras embuçadas que ali se mantinham de pé.

Deoris estremecia um pouco sob o efeito da brisa gelada agarrando com ambas as mãos as pregas da capa de capuz. O vento agitava a capa e ela acabou por deixar cair o capuz e permitir que os caracóis curtos se agitassem ao vento. Sentia-se um pouco assustada e muito nova.

O rosto de Riveda, rígido e austero à luz pálida, estava pensativo, deixando transparecer uma calma desumana. Não proferira uma única palavra desde que tinham chegado ao telhado e as tímidas tentativas que ela fizera para entabular conversa tinham sido sufocadas e fora remetida ao silêncio pela sua calma impassível.

Ele encostou-se à vedação, suportando o peso do corpo recostado e disse, em tom de comando:

— Diz-me o que te preocupa, Deoris.

— Não sei — murmurou Deoris. — Há tantas coisas a acontecerem ao mesmo tempo — A voz dela ficou mais dura e mais tensa — A minha irmã Domaris vai ter outro bebê!

Riveda ficou a olhá-la com os olhos semicerrados

— Já sabia disso. Que é que tu esperavas?

— Oh, não sei... — Os ombros da moça descaíram. — Com o Micon foi diferente, de alguma forma. Ele era...

— Ele era um Filho do Sol — ajudou-a Riveda gentilmente e na sua voz não havia qualquer ironia.

Deoris ergueu o olhar quase com desespero.

— Sim. Mas o Arvath... E tão depressa, como se fossem animais... Riveda, porquê!

— Quem poderá saber? — Respondeu Riveda e a sua voz tornou-se mais baixa num tom de confiança e lamento. — É uma grande pena. A Domaris poderia ter ido tão longe...

Deoris, ansiosa, ergueu os olhos formulando inúmeras perguntas em silêncio.

O Adepto sorriu, muito ligeiramente, por cima da cabeça dela.

— A mente das mulheres é uma coisa estranha, Deoris. Tu tens sido mantida na inocência e ainda não podes perceber o quanto as mulheres estão subjugadas pelos seus corpos. Não digo que isso seja errado, apenas que é uma pena. — Fez uma pausa e a sua voz tornou-se sombria. — Pronto. A Domaris escolheu o seu caminho. Eu já o esperava e no entanto... — Olhou para Deoris.

— Perguntaste-me porquê. Pelas mesmas razões que tantas das donzelas que entram no Templo Cinzento se tornam saji e usam a magia sem conhecer o seu significado. Mas nós, os Magos, preferimos que as nossas mulheres sejam livres, que se tornem Sakti Sidhana — sabes o que isso é?

Ela abanou a cabeça silenciosamente.

— Uma mulher que sabe usar os seus poderes para dirigir e complementar a força de um homem. Domaris tinha esse tipo de força, tinha o potencial... — Fez uma pausa cheia de significado. — Em tempos.

— Agora já não?

Riveda não respondeu directamente mas disse pensativamente:

— As mulheres raramente sentem a necessidade, a ânsia e raramente têm coragem. Para a maioria das mulheres, aprender é um jogo, a sabedoria é um brinquedo... O sucesso é apenas uma sensação.

Timidamente, Deoris perguntou:

— Mas existe um outro caminho para as mulheres?

— Para uma mulher da tua casta? — O Adepto encolheu os ombros.

— Não tenho o direito de te aconselhar... E no entanto, Deoris...

Riveda calou-se momentaneamente... Mas o encanto do momento foi quebrado pelo grito de terror de uma mulher.

O Adepto girou sobre si próprio, lesto como um gato. Por trás dele, Deoris recuou e levou as mãos à garganta. No patamar da longa escada, conseguiu ver duas figuras vestidas de branco e uma forma acorada e terrível, vestida de cinzento, que se erguera de um salto.

Riveda pronunciou bruscamente várias palavras numa língua estrangeira e depois falou cerimoniosamente aos Hábitos Brancos:

— Não fiquem alarmados, o pobre rapaz é inofensivo. Mas não tem o juízo todo.

Agarrando-se ao braço de Rajasta, Domaris murmurou, ofegante:

— Ele apareceu das sombras... Como se fosse um fantasma.

As gargalhadas fortes e quentes de Riveda encheram a escuridão.

— Dou-vos a minha palavra de que ele está vivo e de que é inofensivo. — E pelo menos a segunda afirmação ficou provada, pois o cheio vestido de cinzento fugira no meio da escuridão e desaparecera novamente da vista de todos eles. Riveda continuou, com uma deferência tão exagerada que era quase sarcástica. — Senhor Guardião, saúdo-te. Este era um prazer que eu já deixara de esperar ter!

Rajasta disse com aspereza.

— És demasiado cortês, Riveda. Espero que não tenhamos interrompido a tua meditação?

— Não, pois eu não estava sozinho — ripostou Riveda suavemente e fez sinal a Deoris para que se aproximasse, — Foste negligente, Senhora — disse ele a Domaris — pois a tua irmã nunca tinha visto esta paisagem que é algo que merece a pena ser visto numa noite limpa.

Deoris, aconchegando o capuz à cabeça para se proteger do vento, olhou amuada

para os intrusos e Domaris largou o braço de Rajasta e foi ter com ela.

— Ora, se me tivesse lembrado ter-te-ia trazido aqui há muito tempo — murmurou Domaris examinando cuidadosamente a irmã com o olhar. No momento antes de o cheia ter aparecido na sua frente aterrorizando-a, vira Riveda e Deoris muito juntos naquilo que lhe parecera um abraço. Aquela visão gelara-lhe o sangue. Agora, pegando na mão da irmã, levou Deoris até junto da vedação. — A vista daqui é verdadeiramente adorável, consegue ver-se o luar espelhado no mar... — Baixando a voz, quase num murmúrio, disse. — Deoris, não quero intrometer-me na tua vida, mas do que é que estavam a falar?

A silhueta enorme de Riveda projectou-se sobre elas.

— Estava a discutir os Mistérios com Deoris, senhora minha. Queria saber se ela escolhera iniciar o caminho que a irmã percorre com tanta honra. — As palavras do Adepto eram corteses, deferentes até, mas qualquer coisa no seu tom fez com que Rajasta franzisse a testa.

Cerrando os punhos numa ira quase incontável, o Sacerdote da Luz disse bruscamente:

— Deoris é uma aprendiz de Sacerdotisa de Caratra.

— Ora, sei disso — respondeu Riveda com um sorriso. -Já te esqueceste de que fui eu quem a aconselhou a procurar ali a Iniciação?

Obrigando-se a adoptar um tom calmo, Rajasta respondeu:

— Então demonstraste grande sabedoria, Riveda. Que os teus conselhos possam ser sempre tão sensatos — Olhou de relance para o cheia que reaparecera a certa distância. — Já encontraste a chave para o que se esconde na alma dele?

Riveda abanou a cabeça.

— Nem consegui encontrar na Atlântida nada que servisse para despertar o seu espírito. No entanto — fez uma pausa e depois disse — creio que ele tem um grande conhecimento da magia. Tive-o no Círculo dos Cheias na noite passada.

Rajasta sobressaltou-se.

— Com um espírito vazio? — Acusou. — Sem consciência? — A sua expressão denotava uma profunda preocupação. — Permite que desta vez te aconselhe, Riveda, não como Guardião, mas como parente e amigo. Tem cuidado... Para teu próprio bem. Ele está... Vazio e é um canal perfeito para os perigos da pior espécie.

Riveda curvou a cabeça mas Deoris, que o observava, viu que os músculos dos seus maxilares ficavam rígidos de tensão. O Hábito Cinzento mastigou as palavras e cuspiu-as na direção de Rajasta.

— As minhas capacidades como Adepto, primo, são... Adequadas e suficientes... Para proteger esse canal. Faz-me a cortesia... De permitir que eu dirija os meus próprios assuntos... Amigo!

Rajasta suspirou e disse, com uma paciência calma:

— Podes destruir a sua mente. Riveda encolheu os ombros.

— Já não resta muito para destruir — comentou. — E há a hipótese de eu conseguir despertá-lo. — Calou-se e depois disse com um ênfase lento e mortífero. — Talvez fosse melhor eu entregá-lo à Aldeia dos Idiotas?

Fez-se um silêncio longo e tremendo. Domaris sentiu que Deoris ficou tensa, com os músculos rígidos, os ombros estremecendo de horror. Desejosa de a confortar, Domaris apertou na sua a mão da irmã, mas Deoris soltou-se.

Riveda continuou, completamente calmo.

— As tuas suspeitas são infundadas, Rajasta. O meu único objectivo é devolver a alma ao pobre desgraçado. Não sou nenhum feiticeiro negro; as tuas insinuações

ofendem-me, Senhor Guardião.

— Sabes que não tive a intenção de te insultar — disse Rajasta e a sua voz soou cansada e velha — mas existem na tua Ordem elementos que não conseguimos controlar.

O Hábito Cinzento manteve-se imóvel, com o queixo erguido denotando dúvidas pouco usuais nele. Depois Riveda capitulou e juntou-se a Rajasta junto ao varandim.

— Não fiques zangado — disse, quase com arrependimento. — Não quis ofender-te.

O Sacerdote da Luz nem sequer olhou para ele.

— Dado que não conseguimos conversar sem nos ofendermos mutuamente, fiquemos em silêncio — disse friamente. Riveda, magoado pela repreensão, endireitou-se e olhou em silêncio na direção do porto mantendo-se assim alguns minutos.

A Lua cheia erguia-se lentamente, como uma bolha prateada coroando as ondas, cavalcando a rebentação num jogo feérico de luz. Deoris, pensativa, respirou fundo deliciada, olhando com fascínio e prazer para as vagas inundadas de luz, para os telhados... Sentiu a mão de Riveda no seu braço e chegou-se um pouco para ele. O grande globo amarelo alaranjado subiu lentamente, cada vez mais alto, suspenso sobre o mar revolto, iluminando gradualmente os seus rostos: Deoris, recortando-se na escuridão como uma aparição, Domaris pálida sob o capuz das suas vestes cor de gelo; Rajasta, uma imagem indistinta e luminescente contra o varandim, Riveda assemelhando-se a um pilar escuro recortado no luar. Por trás deles, um fardo escuro acocorava-se contra o corrimão da escada, invisível e negligenciado.

Deoris começou a reparar nos pormenores da paisagem iluminada pelo luar: as sombras dos navios, com as velas enroladas, os mastros esguios erguendo-se, solitários, contra o mar fosforescente; mais próxima, a massa escura da cidade chamada Cobra Enrolada, onde as luzes tremeluziam e adejavam nas ruas.

Curiosa, ergueu uma mão e delineou os contornos da cidade e do porto. Depois soltou uma pequena exclamação de surpresa.

— Senhor Riveda, olha... Se seguirmos daqui os contornos da cidade, fazemos o Sinal Sagrado!

— Creio que isso foi intencional — respondeu Riveda calmamente. — O acaso é, frequentemente, um bom artista, mas nunca tanto assim.

Uma voz baixa chamou:

— Domaris?

A jovem Sacerdotisa estremeceu, a mão soltando-se do braço da irmã.

— Estou aqui, Arvath — respondeu.

A figura do seu marido, indistinta e envolta no manto branco, saiu das sombras e dirigiu-se na direção deles. Olhou para os presentes, sorrindo.

— Saudações, Senhor Rajasta... Senhor Riveda — disse. — E para ti também, pequena Deoris... Não, agora já não devo chamar-te assim, não é, Gatinha? Saudações à Sacerdotisa Adsartha do Templo de Caratra! — Fez uma vênica profunda e burlesca.

Deoris soltou uma risada incontrolável, depois atirou a cabeça para trás e virou-lhe as costas.

Arvath sorriu e pôs o braço em torno da mulher.

— Pensei que te encontraria aqui — repreendeu-a com a voz toldada pela preocupação enquanto olhava para ela. — Pareces cansada. Quando terminares os teus deveres deves descansar e não andar a fatigar-te subindo esta escada altíssima.

— Eu nunca me sinto cansada — disse ela lentamente — não verdadeiramente cansada.

— Eu sei, mas... — O braço em torno dela apertou ligeiramente o abraço.



A voz de Riveda, com o seu tom estranhamente brusco, soou filtrada pelas sombras.

— Nenhuma mulher aceitará jamais conselhos sensatos.

Domaris ergueu orgulhosamente a cabeça.

— Eu sou uma pessoa antes de ser mulher.

Riveda deixou que os seus olhos pousassem nela com a reverência solene e estranha que já anteriormente tanto assustara Domaris. Lentamente, respondeu:

— Não o creio, Senhora Isarma. És em primeiro lugar mulher e sempre assim será. Isso não é perfeitamente evidente?

Arvath franziu a testa e, zangado, avançou um passo, mas Domaris apanhou-o pelo braço.

— Por favor — murmurou — não o faças zangar. Acho que ele não quis ofender-me. Ele não é da nossa casta e podemos ignorar o que diz.

Arvath acalmou-se e murmurou:

— É a mulher que tu és que eu amo, querida. O resto pertence-te. Com isso não interfiro.

— Eu sei, eu sei — apaziguou-o ela em voz baixa.

Rajasta, com uma bondade que os abrangia a todos acrescentou:

— Eu não temo por ela, Arvath. Sei que ela também é uma mulher para além de ser sacerdotisa.

Riveda olhou de relance para Deoris, com um sarcasmo elaborado.

— Acho que estamos aqui a mais- murmurou e puxou a moça ao longo do varandim em direção ao parapeito virado a Sul, onde ficaram num silêncio absorto, olhando para os fogos que dançavam, intermitentes, junto ao paredão marítimo.

Arvath virou-se para Rajasta, como que desculpando-se.

— Eu sou demasiado homem em tudo o que lhe diz respeito — disse e sorriu estranhamente divertido.

Rajasta retribuiu o sorriso com companheirismo.

— Isso é algo de evidente, meu filho — disse e olhou atentamente para Domaris. O luar brilhante esbatia o maravilhoso manto de cabelo vermelho dotando-o de um brilho irregular e suavizava, benignamente, o cansaço do seu rosto jovem; mas Rajasta não precisava de luz para ver tudo isso. E por que razão, perguntou-se a si próprio, negou ela tão rapidamente que é mulher em primeiro lugar? Rajasta virou-se, olhando para o mar, recordando com relutância. Quando estava grávida do filho de Micon, Domaris era toda ela mulher, de uma forma quase arrogante, orgulhando-se disso e retirando do fato uma grande alegria. Porque será que agora fala com tanta rebeldia, como se Riveda a tivesse insultado... Em vez de receber as suas palavras como o maior elogio de todos?

Com um sorriso repentino, Domaris lançou um braço em redor do marido e outro em torno de Rajasta puxando-os para si.

Apoiou-se ligeiramente em Arvath, o suficiente para dar uma aparência de submissão e afeto. Domaris não era nenhuma idiota e sabia muito bem que Arvath reprimia resolutamente muita amargura. Nenhum homem seria mais importante para Domaris do que ele... Com exceção da memória que ela guardava com uma resolução equivalente, mas separada da sua vida.

Nenhuma mulher consegue ser totalmente indiferente ao pai do filho que traz no ventre.

Com um sorrisinho secreto e sensato, que tranquilizou muitíssimo o Guardião, Domaris inclinou-se para tocar a face do marido com os lábios.

— Muito em breve, Rajasta, vou pedir que me libertem dos deveres do Templo

pois vou ter mais em que pensar – disse-lhes ainda a sorrir. — Arvath, leva-me para casa. Estou fatigada e apetece-me descansar.

Rajasta seguiu o jovem casal enquanto Arvath, com possessividade carinhosa, escoltava a mulher pelas escadas abaixo. Sentia-se reconfortado: Domaris estava, na verdade, a salvo com Arvath.

Enquanto os outros desapareciam nas sombras, Riveda virou-se e suspirou um tanto desalentado.

— Bem, Domaris fez a sua escolha. E tu, Deoris?

— Não! — Foi um pequeno grito agudo de repulsa.

— É estranha a mente das mulheres — continuou Riveda em tom reflexivo. — São mais sensíveis; os seus próprios corpos reagem à influência da Lua e das marés. E têm, inata, toda a força e receptividade que um homem, para as adquirir, tem de dispendir anos de esforço e de sofrimento. Mas enquanto que os homens são uns trepadores, as mulheres tendem a acorrentar-se. O casamento, a escravidão da luxúria, a brutalidade da maternidade, a servidão de ser esposa e mãe... E tudo isto sem qualquer protesto! Não, é isso mesmo o que ela procura e chora se isso lhe for negado!

Um eco distante apareceu para atormentar Deoris... Domaris, muitos anos antes, murmurando, Quem te pôs essas ideias na cabeça? Mas Deoris, ansiosa por ouvir os pensamentos dele, estava mais do que disposta a ouvir as justificações de Riveda para a sua própria rebelião e protestou apenas ligeiramente:

— Mas têm de nascer crianças, não têm?

Riveda encolheu os ombros.

— Houve sempre um número mais do que suficiente de mulheres que não servem para mais nada — disse. — A certa altura sonhei com uma mulher que tivesse a força e a dureza de um homem mas que tivesse também uma sensibilidade feminina; uma mulher que pusesse de lado essas grilhetas auto-impostas. A dada altura pensei que Domaris pudesse ser essa mulher. E, crê-me, essas mulheres são raras e preciosas! Mas ela fez uma escolha diferente — Riveda virou-se e os seus olhos, incolores à luz da Lua, penetraram o rosto soerguido da moça.

A voz clara com que falava adquiriu os tons ricos e ressonantes do seu barítono de cantor. — Mas parece-me que encontrei outra. Deoris, tu és...?

— O quê? — Murmurou ela.

— Tu és essa mulher?

Deoris respirou fundo enquanto o medo e o fascínio turbilhonavam no seu espírito.

As mãos duras de Riveda agarram-na pelos ombros e ele repetiu, numa persuasão suave:

— És, Deoris?

Um movimento na escuridão -e o cheia de Riveda materializou-se subitamente nas sombras. A pele de Deoris arrepiou-se de repulsa e horror — medo de Riveda, medo de si própria e uma espécie de ódio doentio pelo cheia. Debateu-se, soltando-se e fugiu às cegas, querendo apenas sair dali e ficar sozinha. Mas mesmo enquanto fugia, ouvia o murmúrio das palavras do Adepto a ecoar no seu cérebro.

És essa mulher?

E, para si própria, agora mais do que aterrorizada e ainda assim fascinada, Deoris murmurou:

— Serei?

## Capítulo Quatro

### O Cume E As Profundezas

As persianas abertas deixavam entrar o brilho incessante dos relâmpagos estivais. Deoris, sem conseguir dormir, estava deitada no colchão, os pensamentos tão inconstantes como o brilho dos relâmpagos. Tinha medo de Riveda e, no entanto, havia já muito tempo que admitira perante si própria que ele lhe despertava uma emoção estranha e tensa que era quase física. Ele instalara-se na sua consciência e fazia parte da sua imaginação. Apesar de ser ingénua, Deoris apercebeu-se de uma forma indistinta de que atingira, com Riveda, um ponto de não retorno: a relação deles mudara de uma forma súbita e irreversível.

Suspeitava que não suportaria ficar mais próxima dele mas, simultaneamente, quando pensava em excluí-lo da sua vida – e essa era a única alternativa — essa idéia era insuportável. A rapidez e o discurso claro de Riveda faziam com que o próprio Rajasta parecesse pomposo e trapalhão... Teria ela alguma vez encarado seriamente a hipótese de seguir os passos de Domaris?

Um som suave interrompeu-lhe os pensamentos e os passos familiares de Chedan atravessaram as lajes de pedra até chegarem junto dela. — Estás a dormir? — Murmurou ele.

— Oh, Chedan... És tu?

— Estava no pátio e não conseguia... — Deixou-se cair na beira da cama. — Não te vi todo o dia. E hoje é o teu aniversário... Quantos fizeste?

— Dezesseis. Sabes muito bem — Deoris sentou-se, abraçando os joelhos com os braços magros.

— E eu teria um presente para ti se pensasse que tu o aceitavas — murmurou Chedan. O que ele queria dizer era evidente e Deoris sentiu as faces a esquentar na escuridão enquanto Chedan continuava, provocador. — Ou será que guardas a tua virgindade por teres ambições mais elevadas? Eu bem vi quando Cadamiri te carregou nos braços, inconsciente, depois daquela sessão de magia nos aposentos do Príncipe Micon no ano passado! Ah, como Cadamiri estava zangado! Durante o dia inteiro todos aqueles que lhe dirigiram a palavra levaram respostas tortas. Ele poderia dar-te conselhos, Deoris...

— Não estou interessada nos conselhos dele! — Ripostou Deoris, muitíssimo irritada com as provocações do rapaz. Mais uma vez, debatiam-se dentro de si impulsos contraditórios: rir-se dele ou dar-lhe uma bofetada. Ela nunca aceitara os costumes licenciosos e as conversas libertinas da Casa dos Doze. Os rapazes e as moças da Escola dos Escribas eram controlados de forma mais estrita e Deoris passara ali a maior parte dos anos mais impressionáveis. No entanto os seus próprios pensamentos não eram grande companhia, confusos como estavam, e não queria ficar sozinha.

Chedan curvou-se e passou os braços em torno da moça.

Deoris, num tipo de aquiescência passiva, submeteu-se, mas desviou a boca da dele.

— Não faças isso — disse ela amuada. — Não consigo respirar.

— Não tens de respirar — disse ele mais docemente do que era habitual e Deoris não protestou. Gostava de sentir o calor dos seus braços, da forma como ele a abraçava, cuidadosamente, como se ela fosse algo de muito frágil.... Mas naquela noite havia uma urgência nos seus beijos que nunca existira antes.

Isso assustou-a um pouco. Fatigada, desviou-se dele murmurando palavras de protesto... Nem soube muito bem que palavras dizia.

Novamente o silêncio e a luz intermitente no quarto e os seus próprios pensamentos que se aproximavam da fronteira dos sonhos...

Subitamente, antes que ela pudesse evitá-lo, Chedan estava deitado a seu lado e os seus braços passaram à força por baixo da sua cabeça. Depois, toda a energia do seu corpo jovem e musculado estava sobre ela e ele dizia coisas incoerentes que não faziam qualquer sentido, sublinhadas por beijos assustadores. Por instantes a surpresa e uma espécie de lassidão sonhadora deixaram-na imóvel... Depois uma onda de repulsa fez gritar cada nervo do seu corpo.

Debateu-se e afastou-se dele, pondo-se rapidamente de pé. Os olhos ardiam-lhe de choque e de vergonha.

— Como te atreves — gaguejou — como te atreves!

A boca de Chedan abriu-se de estupefacção. Levantou-se lentamente e na sua voz transparecia o remorso.

— Deoris, querida, assustei-te? — Murmurou e estendeu-lhe os braços.

Afastou-se dele com um pequeno salto despropositado.

— Não me toques!

Ele continuava ajoelhado na beira da cama; levantou-se lentamente um pouco espantado. — Deoris, não compreendo. Que foi que eu fiz? Desculpa. Por favor, não me olhes assim — implorou desapontado e envergonhado e furioso consigo próprio por ser um idiota imprudente e precipitado. Tocou-lhe no ombro ao de leve.

— Deoris, não estás a chorar? Por favor, não chores... Desculpa, querida. Volta para a cama. Prometo que não te toco mais. Vá, juro — Acrescentou, espantado. — Mas não pensei que não quisesse.

Ela estava a chorar alto e em grandes soluços.

— Vai-te embora — chorou — vai-te embora!

— Deoris! — A voz de Chedan, ainda a mudar, soou em falsete. — Pára de chorar dessa maneira. Ainda te ouvem, sua pateta! Nunca mais te tocarei, nunca mais, a não ser que tu o desejes! Ora, o que é que tu pensaste que eu ia fazer? Eu nunca violei ninguém na minha vida e certamente que não iria começar contigo! Agora pára com isso, Deoris, pára! — Pôs-lhe uma mão no ombro e abanou-a ligeiramente. — Se alguém te ouvir, vão...

A voz dela era aguda e histérica.

— Desaparece! Vai-te embora, vai-te embora!

As mãos de Chedan caíram ao longo do corpo e as suas faces ficaram coradas de orgulho ferido.

— Muito bem, eu vou — disse bruscamente e a porta bateu atrás dele.

Deoris, estremecendo com arrepios nervosos, enfiou-se na cama e tapou a cabeça com o lençol. Estava envergonhada e infeliz e a sua solidão era como que uma presença física dentro do quarto. Até a presença de Chedan teria sido um conforto.

Impaciente, saiu da cama e vagueou pelo quarto. Que acontecera? Num momento estivera satisfeita, nos braços dele e sentindo o vazio que tinha no coração confortado e preenchido pela sua proximidade... E no instante seguinte uma fúria revoltada varrera todo o seu corpo. No entanto ela e Chedan tinham, durante anos, percorrido lenta e inexoravelmente o caminho que levaria àquele momento. Provavelmente toda a gente no Templo pensaria que eles já eram amantes! Por que razão, ao ter sido confrontada com essa perspectiva, ela explodira naquela tempestade de recusa apaixonada?

Obedecendo a um impulso sem causa aparente, pôs uma capa leve por cima da

camisa de dormir e saiu para o relvado. Sentia o orvalho frio nos pés nus, mas o ar da noite estava húmido e batia-lhe agradavelmente no rosto afogueado.

Caminhou ao luar e o homem que caminhava lentamente de um lado para o outro no caminho suspendeu a respiração sentindo-se muito satisfeito.

— Deoris — disse Riveda.

Ela girou sobre si própria, aterrorizada e, por um momento, o Adepto pensou que ela fugiria. Depois reconheceu a voz dele e deixou sair um grande suspiro por entre os lábios.

— Riveda! Assustei-me... És tu?

— E mais ninguém — riu-se ele e dirigiu-se-lhe com o corpo grande e seco escurecendo as estrelas, as vestes brilhando como se fossem de gelo. Parecia reunir a escuridão em torno de si e lançá-la novamente para a frente. Ela estendeu a pequena mão, confiante, em direção à mão dele. Ele agarrou-a.

— Ora Deoris, tens os pés descalços! Que é que te trouxe assim para mim? Não que me sinta desagradado — acrescentou.

Ela baixou os olhos, sentindo novamente consciência daquela vergonha que lhe tocava o corpo todo.

— Para... Ti? — Perguntou com rebeldia.

— Tu vens sempre para mim — disse Riveda. Não foi uma afirmação proferida com orgulho mas sim a mera constatação de um fato, como se dissesse O Sol nasce a Leste. — Por esta altura já deves ter percebido que eu sou o destino de todos os teus caminhos. Já deves ter percebido isso agora tal como eu já o sei há muito tempo. Deoris, queres vir comigo?

E Deoris ouviu-se dizer:

— Claro que sim — e apercebeu-se de que essa decisão fora tomada há já muito tempo. Murmurou. — Mas para onde? Para onde vamos?

Riveda olhou-a em silêncio durante algum tempo.

— Para a Cripta onde o Deus dorme — disse por fim.

Ela levou as mãos à garganta. Aquilo era um sacrilégio para uma Filha da Luz; agora sabia-o. E quando acompanhara Riveda ao Templo Cinzento da última vez, as consequências tinham sido aterrorizadoras. No entanto Riveda — ele dissera-o e ela acreditara nele — não fora responsável pelo que acontecera nessa altura. O que acontecera então. Tentou recordar-se, mas surgia tudo enevoadado no seu espírito. Murmurou:

— Tenho de...? — E a sua voz cedeu.

As mãos de Riveda caíram de ambos os lados do corpo soltando-a.

— Todos os Deuses do passado, presente e futuro proíbem que eu alguma vez te force, Deoris.

Se ele lho tivesse ordenado, se tivesse implorado, se tivesse proferido palavras persuasivas, Deoris teria fugido. Mas perante o seu rosto silencioso ela só pôde dizer, gravemente:

— Irei.

— Vamos, então — Riveda agarrou-lhe o ombro ao de leve, virando-a na direção da pirâmide. — Esta noite levei-te ao cume; agora vou mostrar-te as profundezas. Também isso é um Mistério.

— Pôs-lhe a mão no braço mas o seu toque era totalmente impessoal.

— Vê onde pões os pés, a colina é perigosa no escuro — avisou-a.

Ela caminhou a seu lado docilmente. Ele parou por um momento, virou-se para ela e o seu braço moveu-se. Mas ela afastou-se, em pânico, recusando o contato.



— Ai é? — Reflectiu Riveda de forma quase inaudível. — Respondeste à minha pergunta sem que tivessees de fazê-la.

— Que queres dizer?

— Não sabes mesmo? — Riveda deu uma pequena gargalhada sem qualquer divertimento. — Bem, vais aprender isso também, talvez. Mas ao teu ritmo, sempre por tua vontade. Lembra-te disso. O cume... E as profundezas. Verás.

Conduziu-a para uma sombra alta e quadrada que se erguia na escuridão.

Passos — passos incontáveis e intermináveis — levavam para baixo, sempre para baixo, sem terem fim, na direção de um vago brilho. A luz filtrada não provocava sombras. Degraus de pedra, frios, tão cinzentos como a luz e o som abafado dos seus pés descalços, seguiam-na em ecos que se repetiam até ao infinito. A sua respiração sibilava asperamente e parecia arrastar-se atrás dela seguindo os ecos, perseguindo-a, colada aos calcanhares. Obrigou-se a seguir em frente com uma das mãos apoiada na parede... Caminhava como se fugisse, embora os seus pés se recusassem a mudar de ritmo e os ecos tivessem a insistência regular do bater de um coração.

Mais uma viragem; mais degraus. A cor cinzenta enrolava-se em torno deles e Deoris estremeceu com um arrepio que não foi totalmente provocado pelo frio húmido. Caminhava imersa no nevoeiro cinzento ao lado de Riveda, também ele envolto no cinzento das suas vestes e a claustrofobia começou a provocar-lhe um aperto em torno da garganta; a consciência do seu sacrilégio atormentava-lhe o espírito. Para baixo e mais para baixo, através de uma eternidade de esforço doloroso.

Os seus nervos gritavam-lhe que fugisse, que fugisse, mas o frio entorpecedor quase a fez parar. Abruptamente, os degraus chegaram ao fim. Mais uma viragem conduziu-a a uma câmara grande e abobadada, palidamente iluminada por uma luz cinzenta e intermitente. Deoris avançou com passos tímidos para o interior da catacumba e deteve-se, gelada.

Não podia adivinhar que o simulacro do Deus Adormecido se revelava a cada visitante de uma forma diferente. Sabia apenas uma coisa: há muito, muito tempo, fora do alcance da memória limitada da humanidade, a Luz triunfara e reinava agora, suprema, através do Sol. Mas nos ciclos eternos do tempo — como até mesmo os próprios Sacerdotes da Luz admitiam — o reino do Sol terminaria e a Luz emergiria novamente em Dyaus, o Deus Não revelado, o Adormecido... E ele rebentaria as suas cadeias e reinaria numa Noite vasta e caótica.

Os seus olhos cansados contemplaram, sentado sob o pássaro esculpido na pedra, a imagem do Homem de Mãos Cruzadas...

Quis gritar bem alto, mas os gritos morreram na sua garganta. Avançou lentamente, com as palavras de Riveda bem vivas na memória e, perante a Imagem tremeluzente, ajoelhou-se em homenagem.

Ergueu-se por fim, fria e dorida, e viu que Riveda estava ali perto, com o capuz atirado para trás revelando a cabeça enorme, com o cabelo prateado a brilhar como se fosse uma auréola à luz tênue. O seu rosto estava iluminado por um sorriso pouco habitual.

— Tens coragem — disse calmamente. — Passarás por outros testes mas, por agora, já chega. — Sem se curvar, postou-se ao lado dela perante a grande Imagem, olhando para aquilo que os seus olhos viam como uma Imagem erecta, sem rosto, austera

mas não terrível, um poder restringido mas não aprisionado.

Perguntando-se como veria Deoris o Avatar, pôs uma mão ao de leve sobre o pulso dela e, num momento de Visão, teve um vislumbre em que o Deus parecia fluir e mudar e assumir, por instantes, a figura de um homem sentado com as mãos cruzadas sobre o peito. Riveda abanou levemente a cabeça, fazendo com que a imagem se desvanecesse e apertou a mão em torno do pulso da moça conduzindo-a através de um arco que dava acesso a uma série de salas curiosamente mobiladas que levavam à grande Cripta.

Aquele labirinto subterrâneo era um Mistério vedado à maioria das pessoas do Templo. Até mesmo os membros da seita dos Hábitos Cinzentos que, através da sua Ordem e dos seus rituais serviam e guardavam o Deus Não Revelado, só ali vinham raramente.

O próprio Riveda não conhecia aquelas cavernas em toda a sua extensão. Nunca tentara explorar mais do que uma pequena parcela do incrível labirinto do que devia ter sido, em tempos, um vasto templo usado quotidianamente. O labirinto cobria inteiramente a terra por baixo do Templo da Luz; Riveda não conseguia sequer adivinhar quando ou por quem tinham sido construídos aqueles labirintos e salas subterrâneos ou qual fora o objectivo da sua construção.

Corriam rumores segundo os quais a seita secreta dos Hábitos Negros usava aquelas salas proibidas para as suas práticas de feitiçaria clandestina. Mas embora Riveda tivesse desejado frequentemente detectá-los, capturá-los e julgá-los pelos seus crimes, não tinha nem o tempo nem os recursos necessários para explorar aquele labirinto, a não ser muito superficialmente.

Na verdade, em certa ocasião, numa Noite do Nadir, quando alguém não autorizado — Hábitos Negros ou quaisquer outros — tinha tentado atrair os espantosos poderes da voz do trovão que pertenciam aos Senhores de Ahtarrath e aos Reinos do Mar, Riveda descera àquelas cavernas. E ali, nessa noite fatídica, encontrara sete homens mortos, jazendo desfeitos e mirrados, envoltos nos seus mantos negros, com as mãos encaracoladas e queimadas como se tivessem sido tocadas pelo fogo, os rostos irreconhecíveis, os crânios transformados em carvão. Mas os mortos não podiam ser interrogados nem punidos e quando tentara avançar mais no labirinto do Templo subterrâneo, perdera-se rapidamente.

Tinham sido necessárias horas de grande fadiga a vaguear pelas cavernas até conseguir regressar àquele ponto e não se atrevera a tentar de novo. Não poderia explorar sozinho os labirintos e não tinha, de momento, ninguém que o ajudasse e em quem pudesse confiar. Talvez agora... Mas afastou aquele pensamento socorrendo-se de anos e anos de disciplina. Esse tempo ainda não chegara. Talvez nunca chegasse.

Conduziu Deoris para uma das salas mais próximas. Estava parcamente mobilada num estilo incrivelmente antigo e ligeiramente iluminada por um dos candeeiros que nunca se extinguíam e cujo segredo continuava a intrigar os Sacerdotes da Luz. Sob o efeito da iluminação incerta e vacilante, a mobília e as paredes revelavam-se decoradas com símbolos crípticos e antigos que Riveda ficou satisfeito por a moça não saber ler. Ele próprio só recentemente aprendera o seu significado, após muitos esforços e muito estudo e até mesmo a sua compostura glacial tinha sido abalada pela obscenidade do seu significado.

— Senta-te aqui a meu lado — disse-lhe e ela obedeceu como uma criança. Por trás deles o cheia pairava como um espectro na soleira da porta e ali se mantinha olhando-os com o seu olhar vazio. Riveda inclinou-se para a frente, com a cabeça nas mãos e ela olhou-o com alguma curiosidade mas com total confiança.

— Deoris — disse ele por fim — existem muitas coisas que um homem nunca

pode saber. As mulheres como tu têm uma certa... Consciência que nenhum homem consegue atingir ou que só consegue atingir sob a direção de uma mulher assim. — Fez uma pausa com um ar pensativo nos olhos frios quando encontrou o olhar dela.

— Uma mulher assim tem de ter coragem, força, sabedoria e visão. Tu és muito jovem, Deoris, ainda tens muito a aprender mas, mais do que nunca, acredito que possas ser uma dessas mulheres. — Fez nova pausa, uma pausa que deu um ênfase imenso às suas palavras. A sua voz tornou-se mais grave quando disse.

— Eu já não sou novo, Deoris e talvez não tenha o direito de te pedir isto, mas tu és a primeira em quem sinto que posso confiar... Ou seguir. — Os seus olhos tinham-se desviado dos dela quando pronunciou as últimas palavras; agora olhava de novo directamente o seu rosto.

— Consentirias nisso? Permitir-me-ás que te conduza e ensine e te guie para que descubras a força que existe dentro de ti por forma a que, um dia, me possas guiar ao longo desse caminho onde nenhum homem pode caminhar sozinho e onde só uma mulher pode assumir a liderança?

Deoris apertou as mãos sobre o peito certa de que o Adepto conseguia ouvir as batidas do seu coração. Sentia-se atordoada, enjoada e sem peso devido ao pânico... Mas, mais ainda, sentia o vazio daquilo que seria qualquer outra vida.

Sentiu um impulso descontrolado que quase a fez gritar ou entregar-se a gargalhadas histéricas e devastadoras, mas forçou os lábios rebeldes a pronunciarem as palavras e a obedecerem-lhe.

— Fá-lo-ei, se pensas que sou suficientemente forte – murmurou e depois a emoção sufocou-a com o clamor da adoração que sentia por aquele homem. Era tudo o que ela desejava, tudo o que jamais desejara, poder estar mais perto dele, mais próxima do que qualquer Acólita ou cheia, mais próxima do que qualquer mulher jamais estaria... Mas tremia perante a consciência daquilo com que se comprometia. Tinha algumas noções relativamente aos laços que prendiam as mulheres dos Hábitos Cinzentos. Ela ficaria... Próxima... De Riveda. Como seria ele por baixo daquela máscara cínica e cáustica que ostentava? A máscara caíra um pouco naquela noite...

A boca de Riveda mexeu-se ligeiramente como se se debatesse com uma forte emoção. Daquela vez a sua voz soou abafada e quase meiga.

— Deoris — disse e depois sorriu ligeiramente — não posso chamar-te minha Acólita... Os laços dessa relação são fixos e o que eu desejo está para além desses laços. Compreendes isso?

— Eu... Acho que sim.

— Durante algum tempo, exijo-te que sejas obediente e que te submetas. Temos de conhecer-nos completamente um ao outro e... — largou-lhe a mão e olhou para a moça fazendo novamente a pausa breve e tensa que emprestava ênfase às suas palavras — ... A nossa intimidade deve ser total.

— Eu... Sei — disse Deoris, tentando falar com voz firme. — Também aceito isso.

Riveda assentiu, em sinal de compreensão, como se não desse nenhum significado especial às palavras dela, mas Deoris sentiu que ele se sentia pouco seguro. E, na realidade, Riveda sentia-se inseguro quase ao ponto de sentir medo. Temia quebrar, através de qualquer palavra ou gesto incauto, o feitiço do fascínio que tecera, quase sem intenção, em torno da moça. Compreenderia ela verdadeiramente aquilo que ele lhe pedia? Não podia adivinhá-lo.

Depois, com um gesto que sobressaltou o Adepto, Deoris ajoelhou-se na sua frente curvando a cabeça numa submissão tão absoluta que Riveda sentiu a garganta contrair-se

com uma emoção que há muito não sentia.

Puxou-a para a frente, gentilmente, erguendo-a até ela ficar de pé entre os seus braços. A sua voz estava rouca:

— Disse-te uma vez que não sou um bom homem para se confiar. Mas Deoris, que os Deuses me tratem a mim da mesma forma que eu te tratar!

E as palavras constituíam um voto mais solene do que aquele que ela fizera.

Os últimos resquícios do seu medo despertaram num protesto quase instintivo quando as mãos dele se apertaram sobre si e, depois, desvaneceram-se. Sentiu-se ser levantada do chão e soltou um grito de espanto ao sentir quão fortes eram as mãos dele. Mal teve consciência de qualquer movimento, mas apercebeu-se de que ele a deitara e se curvava sobre ela, a cabeça recortando-se numa silhueta escura em contraluz.

Recordou, mais do que viu, a rigidez cruel do seu maxilar e a linha tensa e determinada dos seus lábios. Os olhos dele eram tão frios como a luz do Norte e igualmente remotos.

Ninguém — e certamente que Chedan também não — a tinha tocado alguma vez assim, nunca ninguém a tocara sem ser com meiguice e ela soluçou num derradeiro instante de terror espasmódico.

Domaris... Chedan... O Homem das Mãos Cruzadas... A máscara fúnebre de Micon... Todas aquelas imagens revoltearam no seu cérebro um instante antes de sentir a aspereza do rosto dele contra o seu e as suas mãos fortes e sensíveis a soltar os atilhos da camisa de noite. Depois restou apenas a dança da luz fraca e a sombra de uma imagem... E Riveda.

O cheia, murmurando incoerentemente, ficou acorado sobre o chão de pedra até de manhã.

## **Capítulo Cinco**

### **Palavras**

Sob o emaranhado das vinhas, junto à Casa dos Doze, havia um lago de águas claras que era conhecido como O Espelho dos Reflexos. Segundo a tradição, em tempos houvera ali um oráculo e, mesmo agora, havia quem acreditasse que, em momentos de angústia para a alma, as respostas que o espírito e o coração procuravam podiam ser espelhadas nas águas límpidas desde que o observador tivesse olhos para as ver.

Deoris, deitada, absorta, por baixo das folhas, olhou para a água com um sentimento de amarga rebelião. A reacção tomara conta dela e com ela viera o medo. Cometera um sacrilégio; traíra a casta e os Deuses. Sentia-se melancólica e abandonada e a dor ligeira que sentia no corpo era como que o eco ou a sombra de uma dor já meio esquecida. Mais forte do que a memória da dor era o vago sentimento de vergonha e confusão.

Entregara-se a Riveda numa exaltação sonhadora, não como donzela e amante, mas numa submissão tão completa como a submissão da vítima no altar de um Deus. E ele tomara-a — a idéia veio sem que a tivesse procurado — como um hierofante que conduzisse uma Acólita num segredo sagrado. Não com paixão, mas num ritual místico de iniciação que tivera sobre ela um efeito total e devastador.

Revedo as suas próprias emoções, Deoris interrogou-se sobre elas. O ato físico

não era importante, mas o fato de ser muito próxima de Domaris tornara Deoris extremamente consciente dos seus próprios motivos e fora-lhe ensinado que era vergonhoso alguém entregar-se por uma outra razão que não o amor. Amaria ela Riveda? Amá-la-ia ele? Deoris não o sabia e nunca saberia mais do que naquele momento.

Mesmo agora não sabia se a paixão mística daquela iniciação cruel fora nele ardente ou meramente brutal.

De momento, Riveda apagara todos os outros pensamentos do seu espírito e esse fato constituía uma grande parte da vergonha de Deoris. Ela contara com a sua capacidade de manter as emoções a salvo do domínio que ele pudesse exercer sobre o seu corpo. Ainda assim, disse a si própria severamente, tenho de disciplinar-me por forma a aceitar o domínio completo; a posse do meu corpo não passa de um meio para atingir um fim... A submissão da minha vontade à dele.

De todo o seu coração, queria seguir o caminho de sucessos psíquicos com que Riveda lhe acenara. Sabia agora que sempre o desejara; chegara mesmo a sentir ressentimento de Micon porque ele tentara impedi-la de o fazer. Quanto a Rajasta... Bem, Rajasta ensinara Domaris e ela podia muito bem ver qual o resultado!

Não ouviu os passos que se aproximavam — Riveda conseguia mover-se tão silenciosamente como um gato quando o desejava — e só deu por ele quando se curvou e com um único movimento dos braços musculados pegou nela e a pôs de pé.

— Então Deoris, estás a consultar o Oráculo para saber qual o teu ou o meu destino?

Mas ela não reagiu nos seus braços e, após um momento, ele soltou-a espantado.

— Que foi, Deoris? Porque estás zangada comigo?

O último vestígio do ressentimento dela incendiou-se.

— Não gosto que me mexam assim!

O Adepto curvou a cabeça cerimoniosamente.

— Desculpa. Recordar-me-ei.

— Oh, Riveda! — Ela lançou os braços em torno dele, mergulhando o rosto nos panos grosseiros do seu manto, agarrando-se a ele com pânico e desespero. — Riveda, tenho medo!

Os braços dele apertaram-na por uns momentos, fortes e quase apaixonados. Depois, com alguma severidade, libertou-se das mãos dela.

— Não sejas tonta, Deoris — admoestou-a. — Não és uma criança nem eu quero tratar-te como se o fosses. Lembra-te... Não admiro a fraqueza nas mulheres. Deixo isso para as esposas bonitinhas que vivem nos pátios traseiros do Templo da Luz!

Magoada, Deoris ergueu o queixo.

— Então ambos aprendemos uma lição hoje!

Riveda ficou a olhar para ela e depois deu uma gargalhada.

— É verdade! — Exclamou. — Assim é que é. Bom. Vim buscar-te para te levar para o Templo Cinzento. — Como ela se retraísse um pouco, ele sorriu e tocou-lhe na face. — Não deves temer...

O feiticeiro nojento que te fez cair em ilusão da última vez já foi exorcizado. Pergunta, se te atreveres, o que lhe aconteceu! Podes estar certa de que ninguém se atreverá a intrometer-se na mente da minha noviça de eleição!

Sentindo-se mais segura, seguiu-o e ele continuou, controlando as passadas largas para acompanhar os seus passos mais curtos.

— Assististe a uma das nossas cerimônias como espectadora. Agora verás o resto. O nosso Templo é, principalmente, um local de experiências onde cada homem trabalha



em separado, da forma como deseja, para desenvolver os seus próprios poderes.

Deoris conseguia perceber aquilo, pois na Casta dos Sacerdotes era dada uma grande importância ao aperfeiçoamento pessoal.

Mas perguntava-se quais seriam os pecados que os Magos se esforçavam por...

Ele respondeu-lhe à pergunta não formulada.

— Primeiro buscamos o autodomínio absoluto, o corpo e a mente devem ser domados e subjugados através de... Certas disciplinas. Depois cada homem trabalha sozinho para dominar o som ou a cor ou a luz ou as coisas animadas — qualquer que seja a sua escolha — através dos poderes existentes no seu próprio corpo e na sua mente. Apelidamo-nos de Magos, mas não existe qualquer magia, apenas vibração. Quando um homem consegue sintonizar o seu corpo com qualquer vibração, quando consegue dominar as vibrações do som por forma a fazer explodir uma rocha ou quando consegue transformar, através do pensamento, uma cor noutra cor, isso não é magia. Aquele que se domina a si próprio domina o Universo.

Quando passaram sob o grande arco que encimava as enormes portas de bronze do Templo Cinzento ele fez-lhe sinal para que passasse à frente. A voz incorpórea lançou-lhe o seu desafio em sílabas incompreensíveis e Riveda respondeu-lhe. Quando passaram entre as portas ele acrescentou, em voz baixa:

— Vou ensinar-te as palavras que te permitirão entrar, Deoris, para que possas aqui vir mesmo na minha ausência.

O grande salão fracamente iluminado parecia ainda maior do que da última vez que ali estivera, pois estava quase vazio. Instintivamente, Deoris olhou para o nicho onde vira o Homem das Mãos Cruzadas — mas a reentrância aberta na parede estava encoberta por véus cinzentos. Mesmo assim recordou um outro altar, nas profundezas das entranhas da terra e não conseguiu controlar um estremecimento.

Riveda disse-lhe ao ouvido:

— Sabes por que razão o Templo é cinzento e nós nos vestimos de cinzento?

Ela abanou a cabeça, incapaz de falar.

— Porque — continuou ele — a cor é, em si própria, uma vibração e cada cor tem a sua própria vibração. O cinzento permite que as vibrações se transmitam livremente sem a interferência da cor. Para além disso, o preto absorve toda a luz em si e o branco reflecte e aumenta a luz; o cinzento não faz nem uma coisa nem outra, permite meramente que a verdadeira qualidade da luz seja vista tal como é. — Ficou novamente em silêncio e Deoris perguntou-se se as suas palavras teriam sido simbólicas bem como científicas.

A um dos cantos do salão enorme, cinco jovens cheias estavam agrupados em círculo, mantendo-se imóveis em posições rígidas e pouco naturais e entoando, um a um, sons que faziam doer a cabeça de Deoris. Riveda escutou-os por um instante e depois disse:

— Espera aqui. Quero falar com eles.

Ela ficou imóvel, observando-o, enquanto ele se aproximava dos cheias e falava com eles veementemente, mas numa voz tão baixa que ela não conseguiu perceber nem uma palavra. Olhou em torno do Templo.

Ouvira histórias horríveis acerca daquele lugar — histórias de auto-flagelação, de mulheres saji e de ritos licenciosos — mas ali não havia nada de terrível. A uma pequena distância do grupo dos cheias estavam três meninas sentadas a olhar, as três eram mais novas do que Deoris, usavam os cabelos curtos e soltos e os seus corpos imaturos estavam envoltos em véus cor de açafrão e enfeitados de prata. Estavam sentadas de pernas

cruzadas, com um ar estranhamente gracioso e descontraído.

Deoris sabia que as saji eram recrutadas sobretudo entre os sem casta, as crianças sem nome nascidas sem reconhecimento que eram expostas para morrer nas muralhas da cidade... Ou para serem encontradas pelos comerciantes de escravos que vendiam moça. Tal como todos os membros da Casta dos Sacerdotes, Deoris acreditava que as saji eram prostitutas ou pior ainda e que eram usadas em rituais terríveis cuja natureza só sofria as limitações impostas pela imaginação do narrador. Mas aquelas moças não tinham um aspecto especialmente vicioso nem degenerado. Duas, na verdade, eram muitíssimo bonitas; a terceira tinha um lábio leporino que lhe desfeava o rosto jovem, mas o seu corpo era esbelto e gracioso como o de uma bailarina. Conversavam entre si com sons agudos e baixos e todas faziam muitos gestos com as mãos enquanto falavam, gestos delicados e expressivos que traíam uma longa formação.

Desviando o olhar das moça saji, Deoris viu a Adepta que já vira anteriormente. Karahama dissera-lhe o nome da mulher: Maleina. Na hierarquia da seita dos Hábitos Cinzentos ela só tinha Riveda acima de si, mas dizia-se que Riveda e Maleina eram grandes inimigos por uma qualquer razão que Deoris desconhecia.

Naquele dia, o capuz não cobria a cabeça de Maleina e o cabelo, antes oculto, era de um vermelho vivo. O seu rosto era afilado e macilento com uma beleza estranha e ascética, devido à finura da estrutura óssea. Ela estava sentada, imóvel no chão de pedra. Não pestanejava e nem um único cabelo se movia. Nas mãos em concha segurava um objecto brilhante que reluzia e ficava escuro alternadamente, tão regular como o bater de um coração. Era a única coisa em torno dela que parecia estar viva.

Não muito longe, um homem coberto apenas por uma tanga estava, gravemente, de cabeça para baixo. Deoris teve de controlar um impulso quase irresistível de começar às risadinhas, mas o rosto magro do homem estava totalmente sério.

E, a pouco mais de um metro de Deoris, um rapazinho com cerca de sete anos estava deitado de costas, olhando para o tecto abobadado, respirando profunda e regularmente. Não parecia estar a fazer mais nada a não ser respirar; estava tão relaxado que Deoris se sentiu sonolenta só de olhar para ele, embora os olhos do rapaz estivessem completamente abertos e ele estivesse claramente desperto. Não parecia mexer um único músculo...

Após vários minutos, Deoris apercebeu-se de que ele pairava alguns centímetros acima do solo. Fascinada, continuou a observá-lo até ele estar sentado com as costas totalmente direitas e, no entanto, em momento algum, ela se apercebera do mínimo movimento ou tinha visto flectir minimamente qualquer músculo. Abruptamente, o rapazinho sacudiu-se como se fosse um cachorrinho e, pondo-se de pé com um salto, sorriu abertamente a Deoris, com um sorriso malandro e acriançado que contrastava totalmente com o controlo perfeito que exercera anteriormente.

Foi só então que Deoris o reconheceu: o cabelo prateado, as feições finas, eram semelhantes às de Demira. Aquele era o filho mais novo de Karahama, o irmão de Demira.

Descontraidamente, o rapazinho dirigiu-se ao grupo de jovens cheias a quem Riveda continuava a perorar. O Adepto puxara o manto cinzento para cima da cabeça e mantinha um gongo de bronze suspenso no ar. Um a um, os cinco cheias entoaram uma estranha sílaba; cada um deles fez com que o gongo vibrasse ligeiramente e um deles fez com que o instrumento soltasse um som peculiarmente sonoro. Riveda assentiu e depois estendeu o gongo a um dos rapazes e, virando-se na direcção deste, pronunciou uma única sílaba com voz grave.

O gongo começou a vibrar e depois soltou uma nota sonora e longa como se

tivesse sido atingido por uma barra de aço.

Riveda pronunciou novamente a sílaba grave e, mais uma vez, soou a nota metálica do gongo. Sob o olhar espantado dos cheias, Riveda deu uma gargalhada, atirou o capuz para os ombros e afastou-se, fazendo uma pequena pausa para pôr uma mão sobre a cabeça de um rapaz mais pequeno e fazer-lhe perguntas em voz baixa que Deoris não conseguiu ouvir.

O Adepto regressou para junto de Deoris.

— Bem, já viste o suficiente? — Perguntou e levou-a com ele até entrarem num corredor cinzento. Inúmeras portas davam para a passagem e, no centro de algumas delas, brilhava uma luz fantasmagórica. — Nunca entres num quarto quando a luz estiver acesa — murmurou Riveda — isso significa que, no interior, está alguém que não deseja ser perturbado... Ou alguém a quem seria perigoso perturbar. Ensinar-te-ei o som que acende a luz; vais precisar de praticar algumas vezes sem ser interrompida.

Encontrando uma porta com a luz apagada, Riveda abriu-a produzindo um som estranhamente desumano que a ensinou a reproduzir, fazendo-a repeti-lo uma e outra vez até ela apanhar os tons duplos e dominar o truque de fazer com que a voz os emitisse simultaneamente. Como era evidente, Deoris aprendera canto, mas apercebia-se agora o quanto ainda tinha a aprender acerca dos sons. Estava habituada aos sons simples que faziam aparecer a luz na biblioteca e noutros locais no recinto do Templo, mas aquilo...

Riveda riu-se da perplexidade dela.

— Estes sons não são usados no Templo da Luz nestes tempos de decadência — disse — pois só uns poucos os conseguem dominar.

Nos tempos antigos, um Adepto pegava no seu cheia e deixava-o trancado numa destas celas... Onde acabaria por sufocar ou morrer de fome se não conseguisse entoar a palavra que o libertaria. Asseguravam-se assim de que nenhuma pessoa incapaz sobreviveria para perpetuar a sua inferioridade ou estupidez.

— Mas agora... — Encolheu os ombros e sorriu. — Nunca te teria trazido aqui se não acreditasse que és capaz de aprender.

Ela conseguiu produzir finalmente o som que abria a porta de pedra maciça mas, quando esta se abriu de par em par, Deoris cambaleou na soleira.

— Esta... Esta sala — murmurou — é horrível!

Ele sorriu sem se comprometer.

— Todas as coisas desconhecidas são terríveis para aqueles que não as compreendem. Este quarto foi usado na iniciação de saji, quando o seu poder está a desenvolver-se. Tu és sensível e apercebes-te das emoções que foram sentidas entre estas paredes. Não tenhas medo, em breve se dissiparão.

Deoris levou as mãos à garganta para tocar no amuleto de cristal que usava ao pescoço; ele pareceu-lhe confortável e familiar.

Riveda viu o gesto mas interpretou-o mal e, com uma expressão subitamente mais doce no rosto severo, puxou-a para si.

— Não tenhas medo — disse suavemente — mesmo que por vezes eu pareça esquecer-me da tua presença. Por vezes a meditação transporta-me para o interior da minha mente, para locais onde ninguém pode alcançar-me. E, além disso,... Estive sozinho muito tempo e não estou habituado à presença de alguém... Alguém como tu. As mulheres que conheci — e foram muitas, Deoris — eram saji ou eram apenas... Mulheres. Enquanto que tu, tu és... — Ficou em silêncio a olhar atentamente para ela, como se quisesse absorver cada uma das suas feições.

Deoris a princípio ficou simplesmente surpreendida, pois nunca vira Riveda incapaz de se exprimir por palavras de uma forma tão óbvia. Sentia que toda a sua

identidade se tornava mais macia e plástica nas mãos dele. Uma onda de emoção assolou-a e começou a chorar baixinho.

Com uma meiguice que a surpreendeu, Riveda puxou-a para si, de forma deliberada e, agora, sem sorrir.

— Tu és perfeitamente bela — disse e a simplicidade das palavras deu-lhes um significado e uma ternura quase inimagináveis. — És feita de seda e fogo.

Deoris acarinharia secretamente no seu coração aquelas palavras durante os muitos meses sombrios que se seguiram, pois os momentos de meiguice de Riveda eram mais raros do que os diamantes e eram inevitavelmente seguidos por dias de uma distância macambúzia. Ela guardava esses momentos raros como jóias penduradas na corrente do seu amor mudo e infantil e conservava-os cuidadosamente, pois eram o seu único e precioso conforto numa vida que deixara o seu coração solitário e sequioso embora a sua mente curiosa encontrasse satisfação.

Riveda, é claro, tomou imediatamente medidas para regularizar a posição dela relativamente a si próprio. Deoris, que nascera na Casta dos Sacerdotes, não podia ser formalmente recebida na seita dos Hábitos Cinzentos; para além disso era noviça das Sacerdotisas de Caratra e tinha obrigações a cumprir nessa qualidade. Deste último obstáculo, Riveda livrou-se facilmente com umas poucas palavras às Altas Iniciadas de Caratra.

Deoris, disse-lhes, dominava competências já muito superiores àquelas que era suposto ter nos anos que passara no Templo do Nascimento. Sugeriu-lhes que era capaz de ser benéfico para ela trabalhar exclusivamente entre os Curandeiros durante algum tempo, até que a sua competência naquela arte igualasse as que já tinha como parteira. As Sacerdotisas concordaram facilmente com ele. Sentiam-se orgulhosas de Deoris e agradava-lhes o fato de ela ter atraído a atenção de um Curandeiro tão competente como Riveda.

Foi assim que Deoris foi legitimamente admitida na Ordem dos Curandeiros, como até um Sacerdote da Luz podia ser, e foi reconhecida como noviça de Riveda.

Pouco depois, Domaris adoeceu. Apesar de todas as precauções terem sido tomadas, entrou prematuramente em trabalho de parto e, quase três meses antes do tempo, deu à luz, num parto doloroso, uma moça que nunca chegou a respirar. A própria Domaris quase perdeu a vida e, daquela vez, a Mãe Ysouda, que a assistira, avisou-a de forma peremptória: Domaris nunca deveria tentar ter outro filho.

Domaris agradeceu à velha mulher o seu conselho e ouviu obedientemente as suas palavras, aceitou as runas protetoras e os feitiços que lhe deu e manteve um silêncio enigmático.

Chorou durante muitas horas e em segredo o bebê que perdera e chorou-o de forma ainda mais amarga porque nunca o desejara.

Sentia uma certeza íntima de que a sua falta de amor por Arvath frustrara de alguma forma a vida da criança. Sabia que aquela convicção era absurda, mas não conseguia deixar de pensar assim.

Recuperou as forças com uma lentidão desesperante. Deoris fora dispensada para poder cuidar dela, mas a antiga intimidade entre as duas desaparecera de forma quase irreversível.

Domaris ficava deitada em silêncio durante horas, calada e triste, com as lágrimas a correrem lentamente pelas faces pálidas, agarrando-se frequentemente a Micail com uma ternura ansiosa. Deoris, embora cuidasse da irmã com extrema competência, parecia abstracta e sonhadora. A sua distração espantava e irritava Domaris que, logo de início,

protestara vigorosamente contra o fato de ser permitido a Deoris que trabalhasse exclusivamente com Riveda o que só conseguira afastar ainda mais a irmã.

Certa ocasião Domaris tentou ressuscitar a antiga intimidade.

Micail adormecera nos seus braços e Deoris curvou-se para pegar nele, pois a criança era pesada, mexia-se e dava pontapés a dormir e Domaris ainda não era capaz de suportar tudo isso. Sorriu olhando para o rosto da moça mais nova e disse:

— Ah, Deoris, és tão querida com Micail, mal posso esperar para te ver com um filho teu nos braços!

Deoris sobressaltou-se e quase deixou cair Micail antes de se aperceber de que Domaris nem pensara naquilo que dissera, mas não conseguiu engolir a grande amargura que sentia.

— Antes queria morrer! — Gritou ela a Domaris, com o coração transtornado.

Domaris olhou-a, magoada, com os lábios a tremer.

— Oh, minha irmã, não devias dizer coisas perversas como essa...

Deoris cuspiu as palavras como se fossem uma praga:

— No dia em que descobrir que estou grávida, Domaris, atiro-me ao mar!

Domaris deu um grito de dor como se a irmã lhe tivesse batido — mas embora Deoris tivesse caído de joelhos ao lado de Domaris, implorando-lhe o perdão pelas palavras impensadas, Domaris não disse mais nada nem voltou a dirigir-se a Deoris sem ser em tom formal, frio e reservado. Passar-se-iam muitos anos até que o impacto daquelas palavras amargas e violentas deixasse de magoar o seu coração.

## **Capítulo Seis**

### **Filhos Do Deus Não Revelado**

No interior do Templo Cinzento, os Magos estavam a dispersar. Deoris, sozinha, desorientada e um pouco tonta depois do ritual assustador, sentiu um toque leve num dos braços e olhou para o rosto de fada de Demira.

— Riveda não te disse? Tens de vir comigo. O Ritual proíbe-lhes que toquem ou falem com uma mulher durante um dia e uma noite depois desta cerimónia e tu não podes sair da clausura até ao pôr do Sol de amanhã.

Demira enfiou, confiante, a mão no braço de Deoris e esta, demasiado espantada para protestar, seguiu-a. Riveda tinha-lhe dito, de fato, que teria de permanecer em clausura durante algum tempo. Por vezes, os cheias sofriam perturbações estranhas depois de terem estado no Círculo e tinham de ficar num local onde, se fosse necessário, alguém pudesse ser chamado para lhes prestar os cuidados necessários. Mas ela pensara que ficaria perto de Riveda. Sobretudo, nunca pensara ficar sob os cuidados de Demira.

— Riveda disse-me que tomasse conta de ti — disse Demira, muito animada e Deoris lembrou-se tardiamente de que os Hábitos Cinzentos não observavam as leis das castas. Seguiu Demira obedientemente e esta começou imediatamente a tagarelar. — Tenho pensado tanto em ti, Deoris! A Sacerdotisa Domaris é tua irmã, não é? Ela é tão linda! Tu também és bonita — acrescentou depois.

Deoris corou, pensando intimamente que Demira era a criaturinha mais adorável que ela já vira. Era muito branca, toda ela do mesmo tom de ouro prateado: o cabelo comprido e liso, as pestanas e as sobrancelhas direitas, até mesmo as sardas que lhe



cobriam a face pálida. Até os olhos de Demira pareciam prateados, embora pudessem ficar cinzentos ou azuis conforme a luz. A sua voz era muito fina e doce e movia-se com a graciosidade descontraída e descuidada de uma pena soprada pelo vento.

Excitada, apertou os dedos de Deoris e disse:

— Estavas assustada, não estavas? Estava a observar-te e senti pena de ti.

Deoris não respondeu, mas esse fato não pareceu perturbar minimamente Demira. Claro, pensou Deoris, ela provavelmente está habituada a que a ignorem! Os Magos e os Adeptos não são propriamente as pessoas mais faladoras do mundo!

O luar frio espalhava-se sobre elas como uma brisa marítima e outras mulheres, sozinhas ou em pequenos grupos, rodearam-nas no meio do caminho. Mas nenhuma lhes dirigiu palavra. Na realidade, várias das mulheres se aproximaram para saudar Demira mas algo — talvez a forma infantil como as duas caminhavam, mão na mão — as deteve. Ou talvez tivessem reconhecido Deoris como sendo a noviça de Riveda e esse fato as tivesse feito ficar um pouco nervosas. Deoris já reparara, noutras ocasiões, que isso acontecia.

Entraram num pátio interior onde uma fonte deitava água prateada e fresca para dentro de uma piscina oval. Em volta, árvores acolhedoras, de um negro prateado, ocultavam quase completamente o céu polvilhado de estrelas. No ar pairava o cheiro de muitas flores.

Para o pátio davam, literalmente, dúzias de pequenos quartos, pouco maiores do que cubículos, e foi para o interior de um deles que Demira a conduziu. Deoris olhou temerosa em torno de si. Não estava habituada a divisões tão pequenas e mal iluminadas e sentia-se como se as paredes se estivessem a inclinar para o interior, sufocando-a. Uma velha, acorçada sobre uma enxerga a um canto, levantou-se com dificuldade e arrastou os pés na direção das moças.

— Tira as sandálias — disse Demira num murmúrio reprovador e Deoris, surpreendida, curvou-se para lhe obedecer. A mulher idosa, com um resmungo indignado, pegou nas sandálias e levou-as para o exterior.

Deoris olhou mais uma vez em torno do quarto minúsculo. Estava parcamente mobilado com uma cama baixa e bastante estreita coberta por um dossel vaporoso, um braseiro de metal com um aspecto incrivelmente antigo, uma velha arca de madeira esculpida e um divã coberto por algumas almofadas bordadas. E era tudo.

Demira reparou no seu escrutínio e disse orgulhosamente:

— Oh, algumas das outras não têm mais nada para além de uma enxerga de palha, vivem em celas de pedra e praticam a austeridade como os jovens sacerdotes, mas o Templo Cinzento não força ninguém a esse tipo de coisa e eu não quero saber de nada desse gênero. Bem, depois vais saber tudo isso. Anda, temos de tomar banho antes de ir dormir e tu estiveste no Círculo! Há algumas coisas...

— Eu mostro-te o que deves fazer. — Demira virou-se subitamente para a velhota e bateu o pé. — Não fiques aí a olhar para nós! Não o suporto!

A velhota cacarejou como uma galinha.

— E quem é esta, minha menina? Uma das bonitinhas da Maleina que ficam sozinhas quando essa mulher vai para os rituais com... — Calou-se e baixou-se, com uma agilidade surpreendente quando Demira lhe atirou uma sandália à cabeça.

Demira voltou a bater furiosamente com os pés nus.

— Cuidado com a língua, sua bruxa horrorosa!

O cacarejar da mulher tornou-se ainda mais sonoro.

— Ela com certeza que é demasiado velha para os Sacerdotes a quererem e...

— Já disse para teres cuidado com a língua! — Demira atirou-se à mulher e deu-

lhe uma pancada, cheia de ira. — Vou contar à Maleina o que tu disseste e ela manda-te crucificar!

— O que eu podia dizer de Maleina — resmungou a velha bruxa sem se intimidar — faria com que a jovem menina corasse daqui até ao fim do mundo... Se é que ela aqui já não perdeu esse talento!

— Abruptamente agarrou os ombros de Demira com as garras envelhecidas e manteve-a imóvel por um instante até a fúria desaparecer dos olhos incolores da moça. Rindo, a moça libertou-se das mãos da velha.

— Arranja qualquer coisa para comer e depois desaparece — disse Demira descontraidamente e, quando a velha se afastou, sentou-se languidamente no divã a sorrir para Deoris. — Não lhe dê ouvidos, ela é velha e está meio senil, mas devia ter mais cuidado. O que faria a Maleina se a ouvisse! — Voltou a rir-se. — Não me atreveria a fazer pouco da Maleina, não, nem mesmo no mais escondido dos recantos do labirinto! Ela era capaz de me lançar um feitiço que me fizesse ficar cega por três dias, como fez ao Sacerdote Nadastor quando ele lhe tocou com intenções lascivas. — De repente pôs-se de pé e correu para Deoris que estava imóvel como uma estátua. — Tu é que pareces ter sido atingida por um feitiço! — Riu-se. Depois, já sóbria, acrescentou bondosamente. — Sei que estás com medo, todas temos medo a princípio. Devias ter-me visto a mim, a olhar para todos os lados e aos guinchos como um gato assanhado quando me trouxeram para aqui há cinco anos!

Ninguém te vai fazer mal, Deoris, seja o que for que tenhas ouvido dizer de nós! Não tenhas medo. Anda para a piscina.

Em torno da grande bacia de pedra, estavam muitas mulheres a conversar e a chapinhar na água da fonte. Umas quantas pareciam pensativas e solitárias, mas a maioria tagarelava tão descontraidamente e de uma forma tão sociável como um bando de pardais. Deoris olhou-as com uma curiosidade assustada e todas as histórias de terror acerca das saji lhe vieram à idéia.

O grupo era muito heterogéneo, havia algumas mulheres de pele escura, da raça pigmeia dos escravos, umas quantas tinham pele clara e eram roliças e de cabelo loiro como os plebeus da cidade e outras, muito poucas, eram como a própria Deoris, altas e de pele clara, com os cabelos sedosos negros ou ruivos da Casta dos Sacerdotes. No entanto, mesmo ali, Deoris sobressaía do grupo.

Todas elas estavam imodestamente descobertas, mas isso não era novidade para Deoris, com excepção da mistura casual das castas. Algumas usavam ligas e peitorais estranhos sobre os corpos jovens, gravados com símbolos que pareciam vagamente obscenos aos olhos ainda relativamente inocentes de Deoris.

Uma ou duas tinham tatuados símbolos ainda mais antigos e os excertos das conversas que ouviu eram incrivelmente francos e desavergonhados. Uma moça, uma beldade morena com uns olhos que lembrava vagamente a Deoris os comerciantes de KeiLin, olhou para ela enquanto se despia timidamente dos véus cor de açafrão que Riveda lhe pedira para usar e depois fez a Demira uma pergunta indecente, que fez com que Deoris tivesse vontade de se meter pela terra dentro. Subitamente percebeu o que é que a velha escrava quisera dizer com as suas provocações.

Demira limitou-se a murmurar uma negativa divertida enquanto Deoris ficava a olhar com vontade de chorar e sem perceber que estavam simplesmente a provocá-la como tradicionalmente acontecia com todos os recém-chegados. "Porque é que Riveda me atirou para o meio destas... Destas prostitutas?! Quem são elas para gozar comigo?" Cerrou orgulhosamente os lábios mas sentia vontade de rebentar em pranto.

Demira, ignorando as provocações, curvou-se sobre a borda da piscina e, enchendo de água as mãos em concha e murmurando algumas palavras, deu início a um ritual de purificação estilizado e convencional, tocando nos lábios e nos seios, num rito tão formalizado que os símbolos tinham perdido a sua forma e significados originais. Fez os gestos rapidamente, mecanicamente. Quando acabou, contudo, conduziu Deoris até à água e, em voz baixa, explicou-lhe os gestos simbólicos.

Deoris interrompeu-a, surpreendida: os rituais eram semelhantes àqueles impostos na purificação das Sacerdotisas de Caratra, mas a versão dos Hábitos Cinzentos era uma adaptação tão estilizada que a própria Demira não parecia entender o significado das palavras e dos gestos nele envolvidos. Ainda assim a semelhança contribuiu grandemente para restabelecer a confiança de Deoris. O simbolismo dos cerimoniais dos Hábitos Cinzentos eram fortemente sexuais e agora Deoris percebia-os ainda melhor. Executou o breve ritual purificador de uma forma tão meticulosa que se sentiu mais calma e já sem a sensação de profanação.

Demira observou-a com respeito, com uma súbita e breve gravidade pela evidência do profundo significado que Deoris atribuía àquilo que, para ela própria, não passava de um mero formalismo executado porque assim lhe era exigido.

— Vamos já para dentro — disse Demira quando Deoris terminou.

— Estiveste no Círculo e isso provoca uma tremenda exaustão. Eu sei. — Com uns olhos demasiado maduros para o rosto aparentemente inocente, estudou Deoris. — A primeira vez que estive no Círculo, não recuperei as forças durante dias. Hoje não me incluíram porque Riveda estava presente.

Deoris olhou com curiosidade para a criança enquanto a velha escrava se aproximou e a enrolou num roupão parecido com um lençol e envolveu Deoris noutro semelhante. Não tinha o próprio Riveda atirado Demira para fora do Círculo aquando da sua já distante e desastrosa primeira visita ao Templo Cinzento? Que tem Riveda a ver com esta gaiata sem nome? Sentiu-se quase doente de ciúme.

Demira sorriu, um sorriso malicioso e arguto enquanto regressavam ao pequeno quarto inóspito.

— Oh, agora já sei qual a razão por que Riveda me implorou que tomasse conta de ti! Pequena e inocente Sacerdotisa da Luz, não és a primeira a ficar com Riveda nem serás a última — murmurou numa lengalenga mordaz. Deoris, zangada, afastou-se, mas a criança agarrou-a com ternura e abraçou-a com uma força espantosa — o seu corpo seco parecia feito de molas de aço. — Deoris, Deoris — entou a sorrir — não tenhas ciúmes de mim! Ora, de todas as mulheres, eu sou interdita a Riveda! Tontinha! Karahama nunca te disse que eu sou filha de Riveda?

Deoris, sem fala, olhou para Demira com novos olhos e, agora, via as parecenças: o mesmo cabelo claro e olhos estranhos; a mesma estranheza impalpável e indefinível.

— É por essa razão que me colocam por forma a que eu nunca me aproxime dele durante os ritos — continuou Demira. — Ele é um Nortenho de Zaiadan e tu sabes o que eles pensam do incesto... Ou não sabes?

Deoris assentiu, lentamente, percebendo o que ela dizia. Era por demais conhecido o fato de os conterrâneos de Riveda evitarem as irmãs e até mesmo as meias-irmãs e ouvira mesmo dizer que chegavam a recusar casar-se com as primas, embora Deoris achasse isso quase inacreditável.

— E com os símbolos ali presentes... Oh! — Continuou Demira a tagarelar confiantemente — não tem sido muito fácil a Riveda ser assim tão escrupuloso!

Enquanto a velha mulher as vestia e lhes trazia comida — frutos e pão, mas não

leite, queijo ou manteiga – Demira continuou:

— Sim, sou a filha do grande Adepto e Mestre o Mago Riveda! Ou pelo menos agrada-lhe dizer que sou sua filha, mas não oficialmente, pois Karahama recusa-se quase sempre a admitir que sabe o nome do meu pai... Ela também foi saji, afinal de contas, e eu sou filha do ritual. — Os olhos de Demira estavam tristes. — E agora ela é Sacerdotisa de Caratra! Quem me dera... Quem me dera... — Controlou-se e continuou rapidamente. — Envergonhei-a, creio, ao nascer sem nome e ela não me ama. Ela queria expor-me nas muralhas da cidade para que morresse ou fosse encontrada pelas velhas que vendem meninas, mas o Riveda tomou conta de mim no dia em que nasci e entregou-me a Maleina. E quando fiz dez anos, fizeram-me saji.

— Dez anos! — Repetiu Deoris chocada apesar de tentar não se sentir assim.

Demira soltou uma risadinha, com mais uma das suas voláteis mudanças de humor.

— Oh, contam-se histórias horríveis sobre nós, não é? Pelo menos nós, as saji, sabemos de tudo o que se passa no Templo! Mais do que alguns dos vossos Guardiães! Nós sabíamos do Príncipe da Atlântida mas não dissemos a ninguém. Nunca dizemos mais do que uma pequena parte do que sabemos! Porque haveríamos de o fazer? Nós somos apenas o não povo e quem nos daria ouvidos a não ser nós próprias? E já quase não conseguimos surpreender-nos umas às outras. Mas eu sei – disse descontraidamente mas com um olhar malicioso — quem te provocou a Ilusão quando vieste pela primeira vez ao Templo Cinzento — deu uma dentada num fruto e mastigou observando Deoris pelo canto do olho.

Deoris ficou a olhar para ela, imóvel, com medo de perguntar mas querendo desesperadamente saber ainda que temesse a resposta.

— Foi Craith... Um Hábito Negro. Eles queriam matar a Domaris. Não por causa de Talkannon, evidentemente.

— Talkannon? — Murmurou Deoris chocada. Que tinha o seu pai a ver com tudo aquilo?

Demira encolheu os ombros e desviou nervosamente o olhar.

— Palavras, palavras... Só isso, só palavras. Mas estou contente por não teres morto Domaris!

Deoris estava agora totalmente espantada.

— Tu sabes tudo isso? — Disse e a sua voz estava irreconhecível, um murmúrio rouco aos seus próprios ouvidos.

Qualquer que tivesse sido a malícia que motivara Demira, esta desvanecera-se. Estendeu a mão pequena e meteu-a na mão inerte de Deoris.

— Oh, Deoris, quando eu era pequenina costumava esgueirar-me para os jardins de Talkannon e espreitar-te a ti e a Domaris por detrás dos arbustos! A Domaris é tão bela, parece uma Deusa e ela amava-te tanto... Como eu costumava desejar ser tu! Acho... Acho que se a Domaris alguma vez me dirigisse uma palavra bondosa, ou se me dirigisse uma palavra sequer, eu morria de alegria! — A voz dela era solitária e triste e Deoris, mais comovida do que gostaria de admitir, puxou a cabeça loura contra o seu ombro.

Atirando para trás a cabeleira branca, Demira afastou a tristeza. O brilho voltou ao seu olhar quando continuou.

— Por isso não tive pena nenhuma de Craith! Tu não sabes como era Riveda antes disso, Deoris... Era muito calado e todo estudioso e não aparecia no meio de nós durante meses seguidos... Mas aquilo transformou-o num demónio! Descobriu o que o Craith fizera e acusou-o de ter interferido com a tua mente e de ter cometido um crime contra uma mulher grávida.

— Olhou rapidamente para Deoris e acrescentou, em jeito de explicação. — Entre

os Hábitos Cinzentos, não sei se sabes, esse é o maior de todos os crimes.

— No Templo da Luz também, Demira.

— Pelo menos têm algum juízo! — Exclamou Demira. — Bem, Riveda disse, "Esses Guardiães são demasiado bondosos para com as suas vítimas!" — E depois mandou açoitar Craith — foi chicoteado quase até à morte antes de o entregarem aos Guardiães. Quando se reuniram para o julgar, enfiei uma túnica cinzenta por cima do meu vestido de saji e fui com Maleina... — Voltou a olhar para Deoris com um olhar desconfiado. — Maleina é Iniciada numa Ordem qualquer muito importante, não sei qual, mas ninguém pode recusar-lhe entrada onde quer que seja, acho até que ela podia entrar na capela de Caratra e escrever palavras nas paredes, se lhe apetecesse, e ninguém se atreveria a dizer nada! Sabes, foi Maleina quem libertou Karahama da servidão e arranjou forma de ela entrar para o Templo de Caratra... — Demira estremeceu subitamente. — Mas eu estava a falar de Craith. Julgaram-no e condenaram-no à morte; Rajasta foi terrível! Ele tinha o punhal da misericórdia mas não o deu a Craith. E assim eles queimaram-no vivo para vingar Domaris... E Micon!

A tremer, Deoris cobriu o rosto com as mãos. "Em que mundo entrei eu por minha própria vontade?"

Mas o mundo do Templo Cinzento rapidamente se tornou familiar para Deoris. Continuou a servir, ocasionalmente, na Casa do Nascimento, mas a maior parte do seu tempo era agora passado entre os Curandeiros e rapidamente começou a pensar em si própria exclusivamente como sacerdotisa dos Hábitos Cinzentos.

No entanto não foi aceite por estes, nem rapidamente, nem sem dar origem a conflitos amargos. Embora Riveda fosse o Adepto mais importante e o chefe titular da Ordem, a sua protecção prejudicava-a mais do que a ajudava. Apesar da sua cordialidade superficial, Riveda não era um homem popular no seio da sua própria seita; era reservado e distante, muita gente não gostava dele e todos o temiam, especialmente as mulheres. A sua disciplina severa era muito rigorosa, a sua língua cínica não poupava ninguém e a sua arrogância afastava todos exceto os mais fanáticos.

Em toda a Ordem dos Curandeiros e Magos, talvez apenas Demira o amasse verdadeiramente. Certamente que os outros o reverenciavam, respeitavam e temiam... E evitavam-no o mais que podiam. Para com Demira, contudo, Riveda demonstrava uma bondade descontraída, inteiramente destituída de afeto paternal, mas ainda assim a coisa mais parecida com isso que a criança órfã de pai e mãe alguma vez conheceria. Demira retribuía com uma adoração curiosamente cheia de ódio que era praticamente a única emoção forte que ela conseguia sentir pelo que quer que fosse.

Da mesma forma estranha, defendia Deoris entre as saji.

Discutia constante e amargamente com a própria Deoris, mas não permitia que ninguém lhe dirigisse uma palavra desrespeitosa.

Visto que toda a gente temia o temperamento imprevisível de Demira e as suas fúrias tremendas — era perfeitamente capaz de apertar o pescoço a uma moça até a sufocar ou de lhe enfiar os dedos nos olhos quando tinha um desses ataques de fúria que a deixavam tresloucada — Deoris conquistou uma espécie de tolerância desconfortável. Em pouco tempo e sem saber muito bem porquê, Deoris também ficou a gostar muito de Demira, embora se apercebesse de que a moça não era capaz de sentir nenhuma emoção muito forte e que seria mais seguro confiar numa cobra do que na inconstante Demira quando lhe dava para a volatilidade.

Riveda não fez nada para encorajar ou desencorajar aquela amizade. Mantinha Deoris perto de si quando podia, mas os seus deveres eram muitos e variados e por vezes



os Rituais da Ordem interditavam essa proximidade. Deoris começou a passar cada vez mais tempo no curioso mundo das mulheres saji.

Descobriu rapidamente que não era em vão que as saji eram votadas ao ostracismo e desprezadas. E, no entanto, à medida que Deoris as ia conhecendo melhor, apercebeu-se de que eram mais patéticas do que desprezíveis. Algumas delas conquistaram mesmo o seu respeito e admiração, pois tinham estranhos poderes e esses tinham sido adquiridos com um custo tremendo.

Certa vez, em tom ligeiro, Riveda dissera a Deoris que ela podia aprender muito com as saji, embora ela própria não estivesse destinada a receber a formação que estas recebiam.

Quando lhe perguntara porquê, respondera:

— Por um lado és demasiado velha. A saji é escolhida antes de atingir a maturidade. E tu estás a ser formada para um objectivo muito diferente. E... E, fosse como fosse, eu nunca correria esse risco contigo nem mesmo se eu próprio fosse o teu único iniciador. Uma em cada quatro... — Calou-se e encolheu os ombros, não falando mais no assunto e Deoris recordou, com um assomo de horror, as histórias de loucura que ouvira contar.

As saji, sabia-o agora, não eram vulgares rameiras. Em certos rituais ofereciam os seus corpos aos sacerdotes, mas tudo se passava de acordo com os ritos e as convenções, em condições muito mais rígidas, embora muito diferentes, das dos códigos de muitas sociedades honradas. Deoris nunca percebeu completamente essas convenções pois, no que se referia a essa questão, Demira mostrava-se reticente e Deoris não insistiu para saber os pormenores. Na verdade sentia que preferia não os conhecer.

Mas Demira disse-lhe o seguinte: em certos graus de iniciação, um mago que procurasse desenvolver o controlo sobre as reações nervosas e involuntárias do seu corpo, tinha de praticar certos ritos com uma mulher que tivesse uma visão clarividente dos seus centros nervosos; que soubesse como receber e devolver o fluxo subtil de energia psíquica.

Isso Deoris conseguia compreender, pois ela própria estava a aprender a ter esse tipo de consciência que os magos possuíam e o processo era muito semelhante. Riveda era um Adepto e o seu domínio era absoluto; a sua consciência total funcionava como uma força catalítica em Deoris, despertando poderes clarividentes na sua mente e no seu corpo. Ela e Riveda eram fisicamente íntimos — mas era uma intimidade estranha e quase impessoal. Através da utilização do sexo controlado e ritualista, que tinha um efeito catalisador sobre os seus nervos, ele estava a despertar as forças latentes no corpo dela que, por sua vez, actuavam na sua mente.

Deoris submetia-se àquele treino tendo já atingido a maturidade, salvaguardada pelos cuidados dele e também pela sua insistência na disciplina, moderação, compreensão cuidadosa e avaliação completa de cada experiência e sensação.

O seu treino precoce como Sacerdotisa de Caratra também desempenhara um pequeno papel no seu despertar; preparara-a para a aquisição estável e equilibrada daqueles poderes. As diferenças para mais e para menos entre a sua formação e o treino das saji, explicou-lhas Demira.

As saji eram, na verdade, escolhidas muito novas — por vezes quando não tinham mais do que seis anos — e treinadas numa única direcção e com um único objectivo: o desenvolvimento precoce e prematuro em termos psíquicos.

Não era um processo inteiramente sexual. Na realidade, esse fator era o último a aparecer no processo de formação quando as moças já estavam próximas da maturidade.

No entanto o simbolismo dos Hábitos Cinzentos percorria, como uma torrente

fálica e subterrânea, todo o processo formativo. Primeiro tinha lugar o estímulo das suas jovens mentes e a excitação dos seus cérebros e dos seus espíritos, através da sujeição a experiências pessoais e espirituais muito ricas, experiências essas que teriam constituído um desafio mesmo para um Adepto maduro. Também a música e as suas leis de vibração e polaridade faziam parte do treino. E enquanto essas sementes de conflito floresciam no solo fértil das suas mentes impreparadas — pois eram propositadamente mantidas num estado de quase total ignorância — várias emoções e, mais tarde, paixões físicas eram provocadas precocemente nas suas mentes e corpos imaturos. Corpo, mente, emoção e espírito — todos eram despertados e mantidos num frenesim constante, irrequieto e hipersensível ao ponto de se tornar insuportável para muitas.

O equilíbrio era delicado, violento e com um enorme potencial de energia nervosa reprimida.

Quando uma criança com esta formação atingia a adolescência, tornava-se saji. De um dia para o outro, literalmente, o amadurecimento do seu corpo libertava as forças dinâmicas reprimidas até então. De uma forma abrupta e aterrorizadora, os potenciais latentes transformavam-se numa consciência total dos centros nervosos do corpo; uma espécie de segundo cérebro, clarividente, instintivo, inteiramente psíquico, entrava em erupção e nascia nos complexos gânglios nervosos que continham os centros psíquicos: a garganta, o plexo solar, o ventre.

Os Adeptos também tinham este tipo de consciência, mas estavam preparados para o choque pelo lento e doloroso processo de aprendizagem do autocontrole, pela disciplina, pelas austeridades sistemáticas e pela compreensão de todo o processo. Nas moças saji, tudo era conseguido através da violência e dos esforços de ou-trem. O equilíbrio, na realidade, era forçado e pouco natural. Uma em cada quatro moça, ao atingir a maturidade, enlouquecia totalmente e morria no meio de espasmos convulsos. Aquele despertar repentino era algo de inconcebível e referido, por aquelas que o tinham sofrido, como O Patamar Negro. Poucas o atravessavam com total sanidade de espírito. Nenhuma lhe sobrevivia incólume.

Demira era um pouco diferente das outras. Fora treinada, não por um sacerdote, mas por uma Adepta: Maleina. Deoris viria a aperceber-se, com o tempo, de alguns dos problemas especiais com que as mulheres se confrontavam ao percorrer o trilho dos Magos e passara a encarar como falsa a maior parte das histórias contadas acerca de Maleina — falsas porque a imaginação quase nunca consegue acompanhar uma verdade tão fantástica.

As outras moças treinadas por Maleina tinham explodido, ao atingir a puberdade, numa loucura convulsa que em breve as transformara em idiotas babadas e imbecis... Mas Demira, para surpresa de todos, atravessara O Patamar Negro não apenas lúcida, mas relativamente estável. Passara pelas agonias do costume e pelos dias de delírio total... Mas despertara sã de espírito, consciente e bastante normal... À superfície.

Não escapara totalmente incólume. Os dias de horríveis tormentos tinham-na transformado numa pessoa hiperexcitada, diferente das outras mulheres. O contato muito próximo com Maleina tinha também — e Deoris compreendeu isso lentamente, à medida que a complexidade da consciência psíquica humana e as suas complicadas correntes nervosas psíquicas e químicas se tornaram mais perceptíveis para si própria — invertido parcialmente em Demira o fluxo das correntes vitais. Deoris via os sinais desse retorno todos os meses, de cada vez que a Lua minguava e desaparecia do céu: Demira ficava silenciosa e a sua alegria hiperactiva desaparecia. Ficava sentada e meditabunda, com os olhos de gata velados e por vezes explodia em fúrias sem razão. Outras vezes arrastava-se como um animal ferido e enrolava-se num tormento mudo e desumano. Ninguém se

atrevia a aproximar-se de Demira nessas ocasiões; só Maleina conseguia acalmar a moça e fazê-la recuperar alguma sanidade. Nessas alturas o rosto de Maleina tinha uma expressão tão tremenda que homens e mulheres fugiam na sua frente. Era uma expressão apossada, como se fosse dilacerada por uma qualquer emoção que ninguém, com um grau menor de consciência, conseguia sequer imaginar.

Deoris, com os seus antecedentes intuitivos e com aquilo que aprendera no Templo de Caratra sobre a complexidade do corpo das mulheres, acabou por aprender a prever e a saber lidar e, por vezes, a evitar aquelas explosões terríveis. Começou a assumir a responsabilidade de cuidar de Demira e por vezes conseguia evitar ou aliviar aqueles dias terríveis para a menina... Pois Demira ainda não tinha doze anos quando Deoris entrou no Templo. Era dura e precoce, uma criança digna de piedade e cheia de uma estranha sabedoria mas, apesar de tudo isso, era apenas uma criança, uma menina estranha e frequentemente sofredora. E Deoris afeiçoou-se àquela criança de uma forma que acabaria por se revelar desastrosa para todos.

## **Capítulo Sete**

### **A Misericórdia De Caratra**

Uma das jovens saji que Deoris conhecia mal, ausentara-se durante muitas semanas do ritual e acabou por se tornar evidente que estava grávida. Essa era uma ocorrência extraordinariamente rara, pois acreditava-se que a passagem pelo Patamar Negro definha de tal forma a saji, que a Mãe se retirava do seu espírito. Deoris, consciente da natureza extremamente rígida dos ritos sexuais dos Hábitos Cinzentos, tornara-se um tanto céptica relativamente àquela explicação.

Era um fato, contudo, que as mulheres saji — as únicas em toda a estrutura social da cidade do Templo — não serviam no Templo de Caratra. E também não podiam invocar o privilégio, concedido até mesmo às escravas e às prostitutas, de ter os seus filhos no Templo do Nascimento.

Excluídas dos rituais de Caratra, as saji tinham de confiar na perícia das mulheres à sua volta e na das suas escravas ou — em caso de extrema necessidade — de algum Sacerdote Curandeiro que pudesse ter pena delas. Mas, mesmo para as saji, um homem junto à cama dos partos constituía uma grande desgraça; preferiam o auxílio menos capaz de uma escrava.

A moça teve um parto difícil; Deoris ouviu os seus gritos durante a maior parte da noite. Deoris estivera no Círculo, estava exausta e queria dormir e os gemidos torturados, intercalados com gritos roucos, puseram-lhe os nervos em franja. As outras moça, meio fascinadas e meio aterrorizadas, falavam em murmúrios assustados e Deoris ouvia-as, sentindo-se culpada ao pensar nos elogios que Karahama fizera da sua competência.

Por fim, enlouquecida e exasperada pelos gritos atormentados, e pela imagem dos tratamentos desastrosos que a saji devia estar a receber, Deoris conseguiu entrar no quarto.

Sabia que se arriscava a uma tremenda profanação... Mas não fora a própria Karahama saji noutros tempos?

Através de uma combinação de bajulação e de ameaças, Deoris conseguiu livrar-se das mulheres que tinham provocado aquele caos e, após uma hora de esforços tremendos,

trouxe ao mundo uma criança viva, conseguindo mesmo remediar alguns dos males provocados pelas escravas ignorantes. Fez a moça jurar que não contaria a ninguém que ela a tinha ajudado mas, de alguma forma, talvez devido às conversas tontas das escravas preteridas, ou através das correntes subterrâneas que percorrem, invisíveis, qualquer comunidade fechada, de dimensões razoáveis, o segredo foi revelado.

Quando Deoris foi novamente ao Templo de Caratra, descobriu que lhe negavam a admissão; pior que isso, foi presa e interrogada interminavelmente sobre aquilo que fizera. Após um dia e uma noite passados numa cela solitária, período durante o qual ficou quase histérica, foi severamente informada de que o seu caso teria de ser julgado pelos Guardiães.

Rajasta fora informado da ocorrência. A sua primeira reacção fora de repugnância e choque, mas rejeitara vários planos que lhe ocorreram e muitos dos que lhe foram sugeridos e Deoris nunca chegou a saber do que estivera prestes a acontecer-lhe.

O mais lógico seria informar Riveda, pois ele não era apenas Adepto da seita dos Hábitos Cinzentos mas também o mestre de Deoris e caber-lhe-ia, a ele, tomar as medidas necessárias.

Mas Rajasta também rejeitou essa idéia.

Domaris também era uma Guardiã e Rajasta poderia, com toda a legitimidade, entregar-lhe o problema, mas sabia que Domaris e Deoris não mantinham relações amigáveis e que uma medida dessas poderia piorar ainda mais as coisas. Por fim, chamou Deoris à sua presença e depois de ter conversado gentilmente com ela acerca de outros assuntos durante algum tempo, perguntou-lhe a razão pela qual se arriscara numa violação tão flagrante das leis do Templo de Caratra.

Deoris gaguejou ao responder:

— Porque... Porque não consegui suportar o sofrimento dela. Ensinaaram-nos que nessas alturas todas as mulheres são uma só. Poderia ter sido a Domaris! Quero dizer...

Os olhos de Rajasta estavam cheios de compaixão.

— Minha filha, posso perceber isso. Mas porque razão achas que as Sacerdotisas do Templo de Caratra são protegidas tão cuidadosamente? Trabalham com as mulheres do Templo e da cidade. Uma mulher em trabalho de parto é vulnerável, sensível à mais ligeira perturbação psíquica. Qualquer perigo físico que a possa ameaçar nunca é tão grave como esse; o seu espírito e a sua mente estão sujeitos aos maiores perigos. Há não muito tempo, Domaris perdeu o filho com grande sofrimento. Estarias disposta a expor outras mulheres a uma tal agonia?

Deoris ficou a olhar em silêncio para as lajes do pavimento.

— Tu própria estás protegida quando te encontras no meio das saji, Deoris — disse Rajasta apercebendo-se do seu estado de espírito. — Mas assististe uma saji no seu momento de maior vulnerabilidade... E se esse fato não tivesse sido descoberto, qualquer moça grávida que tu assistisses teria perdido o seu filho!

Deoris susteve a respiração, horrorizada mas ainda incrédula.

— Minha pobre moça — disse Rajasta com meiguice, abanando lentamente a cabeça. — Essas coisas não são do conhecimento geral, mas as leis do Templo não são meras proibições supersticiosas, Deoris! É essa a razão pela qual os Adeptos e os Guardiães não permitem que os jovens Noviços e Acólitos ajam de acordo com os seus juízos ignorantes, pois não sabem proteger-se por forma a não propagar a contaminação... E não estou a referir-me a contaminações físicas mas a algo muito, muito pior: a contaminação dos próprios fluxos vitais!

Deoris tapou os lábios trementes com a mão e não disse palavra.

Rajasta, comovido contravontade pela sua submissão — pois não ansiara por

aquela entrevista, recordando-se de Deoris quando esta era uma criança — continuou:

— Mesmo assim, talvez eles também sejam culpados por não te terem avisado. E como não houve malícia na tua infracção da lei, vou recomendar que não sejas expulsa do Templo de Caratra mas apenas suspensa por dois anos. — Fez uma pausa. — Tu própria correste um grande perigo, minha filha. Continuo a achar que és demasiado sensível para a Ordem dos Magos, mas...

Apaixonadamente, Deoris interrompeu-o.

— Então terei sempre de negar ajuda a uma mulher que dela necessite? Devo recusar aquilo que me foi ensinado — a uma mulher minha irmã — por causa da casta? É essa a misericórdia de Caratra? Por não poder dispor daquilo que sei uma mulher pode gritar até à morte?

Com um suspiro, Rajasta pegou nas suas pequenas mãos que tremiam e segurou-as entre as suas. Uma imagem de Micon veio-lhe à memória e ele adoeceu a resposta.

— Pequeninha, existem aqueles que abandonam os caminhos da Luz para ajudar aqueles que caminham nas trevas. Se um tal caminho de misericórdia é o teu karma, que possas ser forte ao trilhá-lo... Pois necessitarás de ser forte para desafiar as leis simples feitas a pensar nos homens e nas mulheres vulgares. Deoris, Deoris! Não te condeno mas também não posso apoiar-te. Limito-me a vigiar para que as forças do mal não possam tocar os filhos e as filhas da Luz. Faz o que tiveres de fazer, filhinha. Tu és sensível... Mas põe essa sensibilidade ao teu serviço e não deixes que te domine. Aprende a proteger-te, não vás fazer mal aos outros — Pousou a mão ao de leve sobre os caracóis dela por um instante. — Que os teus erros sejam sempre fruto da piedade! Nos teus anos de penitência, minha filha, poderás tornar essa fraqueza na tua força.

Ficaram sentados em silêncio por alguns momentos, Rajasta olhando com ternura para a mulher na sua frente, pois sabia agora que Deoris já não era uma criança. A tristeza e a pena misturavam-se com um estranho orgulho e pensou novamente no nome que lhe dera: Adsartha, filha da Estrela Guerreira.

— Agora vai — disse gentilmente quando ela levantou finalmente a cabeça. — Não venhas novamente à minha presença até teres cumprido a tua penitência. — E quando ela se virou para se ir embora, sem que pudesse vê-lo, Rajasta desenhava no ar entre os dois um símbolo de bênção, pois sentiu que ela necessitaria de todas as bênçãos.

Quando Deoris, infeliz e no entanto com uma certa satisfação íntima, caminhava lentamente pelo caminho que descia na direção do Templo Cinzento, uma voz grave e doce de contralto surgiu do nada murmurando o seu nome. A moça ergueu os olhos mas não viu ninguém. Depois pareceu-lhe ver um certo estremecimento no ar e, subitamente, Maleina estava na sua frente. Ela podia ter-se limitado a sair de entre os arbustos que ladeavam o caminho, mas Deoris acreditou, naquele momento e sempre, que ela aparecera simplesmente do nada.

A voz profunda e vibrante disse:

— Em nome de Ni-Rerat, a quem chamas Caratra, quero falar contigo.

Timidamente, Deoris curvou a cabeça. Temia mais aquela mulher do que temia Rajasta, Riveda ou qualquer sacerdote ou sacerdotisa do mundo delimitado pelos muros do Templo. Quase inaudivelmente, murmurou:

— Qual é a tua vontade, Oh, Sacerdotisa?

— Minha criança adorável, não tenhas medo — disse Maleina rapidamente. — Proibiram-te a entrada no Templo de Caratra?

Hesitando, Deoris ergueu os olhos.



— Fui suspensa por dois anos.

Maleina respirou fundo e os seus olhos brilharam como jóias quando ela disse:

— Não me esquecerei disto.

Deoris pestanejou, sem compreender.

— Eu nasci na Atlântida — disse então Maleina — onde os Magos são mais respeitados do que aqui. Não gosto destas novas leis que quase proíbem a magia. — A mulher envolta no Hábito Cinzento fez uma nova pausa e depois perguntou. — Deoris... O que és tu para Riveda?

Deoris sentiu a garganta apertada sob o olhar inquisitivo, não conseguindo falar.

— Escuta, minha querida — continuou Maleina — o Templo Cinzento não é lugar para ti. Na Atlântida, alguém como tu seria respeitado. Aqui, sofrerás a vergonha e a desonra... Não apenas desta vez mas repetidamente. Volta, minha filha! Volta para o mundo dos teus pais enquanto ainda é tempo. Completa a tua penitência e regressa para o Templo de Caratra enquanto ainda é tempo!

Tardamente, Deoris recuperou a voz e o orgulho.

— Com que direito me ordenas?

— Não te ordeno — disse Maleina com certa tristeza. — Falo-te como... Amiga, a uma amiga que me fez um grande favor. Semalis — a moça a quem ajudaste sem pensar nas consequências — foi minha discípula e eu amo-a. E sei o que tens feito por Demira. — Riu-se produzindo um som baixo, abrupto e um tanto triste. — Não, Deoris, não fui eu quem te entregou aos Guardiães... Mas tê-lo-ia feito se pensasse que isso faria entrar algum juízo nessa cabeça teimosa! Deoris, olha para mim.

Incapaz de falar, Deoris fez o que ela lhe ordenava. Após alguns instantes, Maleina desviou o olhar hipnótico dizendo docemente:

— Não, não quero hipnotizar-te. Só quero que vejas o que eu sou, filha.

Deoris estudou Maleina atentamente. A mulher da Atlântida era alta e muito magra e o seu cabelo comprido e macio, descoberto, flamejava por cima do rosto muito bronzeado. As suas mãos esguias estavam cruzadas sobre o peito, como as mãos de uma bela estátua. Mas o rosto delicadamente moldado estava macilento e magro e o corpo sob o hábito cinzento tinha o peito chato e, nos ombros erectos, notava-se o peso da idade.

Subitamente Deoris viu cabelos brancos, astutamente penteados, salpicando o cabelo brilhante.

— Também eu comecei a minha vida no Templo de Caratra — disse Maleina gravemente — e agora, que já é demasiado tarde, quem me dera nunca de lá ter saído. Volta Deoris, antes que seja demasiado tarde. Sou velha e sei aquilo que estou a dizer-te. Gostarias de ver a tua feminilidade desaparecer antes de ter florescido completamente? Deoris, já percebeste o que eu sou? Já viste o que fiz a Demira! Volta, filha!

Esforçando-se para não chorar, com a garganta demasiado apertada para poder falar, Deoris baixou a cabeça.

As mãos longas e finas tocaram-lhe ao de leve na cabeça.

— Não podes — murmurou Maleina com tristeza — pois não? Pobre criança!

Quando Deoris conseguiu erguer novamente os olhos, a feiticeira tinha desaparecido.

## Capítulo Oito

### A Eesfera De Cristal

Agora e, por vezes, durante dias seguidos, Deoris nunca saía da clausura do Templo Cinzento. Era uma vida indolente e hedonística, a vida das mulheres dos Hábitos Cinzentos e Deoris deu por si a apreciá-la sonhadoramente. Passava a maior parte do tempo com Demira, a dormir, a tomar banho na piscina, em conversas prazenteiras que não tinham fim — por vezes conversas disparatadas e infantis, por vezes conversas estranhamente sérias e maduras. Demira tinha uma inteligência rápida embora muito negligenciada e Deoris deleitava-se a ensinar-lhe muitas das coisas que ela própria tinha aprendido quando era criança. Brincavam com os pequenos cheias que eram demasiado novos para viverem nos aposentos dos homens e escutavam ávida e sub-repticiamente as conversas das sacerdotisas mais velhas e das saji mais experientes.

Conversas que por vezes escandalizavam a inocente Deoris que fora criada entre os sacerdotes da Luz. Demira explicava-lhe, com um prazer malicioso, as alusões mais crípticas que, a princípio, a chocaram e, depois, fascinaram.

Dava-se bem, de uma forma geral, com a filha de Riveda. Eram ambas novas, as duas eram demasiado maduras para a sua idade, ambas tinham sido forçadas a uma consciência rebelde através de tácticas — embora Deoris nunca se tivesse apercebido disso — igualmente pouco naturais.

Ela e Domaris eram agora quase desconhecidas; encontravam-se raramente e com constrangimento. E a sua intimidade com Riveda também não tinha, estranhamente, aumentado grandemente. Este tratava Deoris quase tão impessoalmente como Micon a tratara e raramente com a mesma gentileza.

A vida no Templo Cinzento era maioritariamente nocturna. Para Deoris essas noites eram estranhas lições, a princípio sem qualquer significado; palavras e cânticos cujas entoações exactas tinham de ser atingidas, gestos que deviam ser praticados com uma precisão mecânica e quase matemática.

Ocasionalmente, com um ar vagamente divertido, Riveda atribuía a Deoris algumas tarefas leves como sua escriba e levava-a frequentemente para fora dos muros do Templo, pois embora fosse um estudioso e Adepto, o papel de Curandeiro era predominante em Riveda. Sob a sua direcção, Deoris desenvolveu capacidades dignas do seu mestre. Tornou-se também uma perita em hipnose: por vezes, quando um osso partido tinha de ser posto no lugar ou uma ferida profunda aberta e limpa, Riveda pedia-lhe que mantivesse o paciente num transe profundo para que pudesse trabalhar lenta e calmamente.

Não lhe tinha permitido que entrasse com frequência no Círculo dos Cheias. Não lhe deu qualquer explicação, mas ela adivinhou com facilidade a razão: Riveda não tencionava dar qualquer pretexto aos homens dos Hábitos Cinzentos para que se aproximassem de Deoris. Isto espantava a moça; ninguém poderia comportar-se menos como amante, mas ele exercia sobre ela uma certa possessividade ciumenta, com um leve toque ameaçador, que fazia com que Deoris não se arriscasse a enfrentar a sua ira.

Na verdade, ela nunca compreendeu Riveda nem percebeu minimamente as razões por trás dos seus humores voláteis... Pois ele era tão inconstante como o céu na estação das chuvas.

Durante dias era capaz de ser meigo, comportando-se quase como um amante. Esses dias eram a maior alegria de Deoris; a sua adoração, ainda que tingida pelo medo,

era demasiado inocente para se transformar completamente em paixão. Mas quase o amava verdadeiramente quando ele era assim, directo e sem artificios, com a simplicidade dos seus antepassados camponeses. Ainda assim, nunca podia sentir-se segura dele. De um dia para o outro, com uma transformação da personalidade tão completa que mais parecia bruxedo, ele tornava-se distante, sarcástico, tão frio para com ela como para com qualquer outro cheia. Nesses estados de espírito ele raramente lhe tocava mas, quando o fazia, a brutalidade vulgar assemelhar-se-ia, por comparação, à carícia de um amante. E ela aprendeu a evitá-lo quando ele estava assim.

Mesmo assim, de uma forma geral, Deoris sentia-se feliz. A vida ociosa deixava a sua mente — e era uma mente rápida e bem treinada — liberta para se concentrar nas coisas estranhas que ele lhe ensinava. O tempo passou, lentamente, até ter decorrido um ano e depois outro.

Por vezes Deoris pensava qual seria a razão pela qual nunca tivera sequer a esperança de ter um filho de Riveda. Perguntou-lho em mais do que uma ocasião. A sua resposta era por vezes um riso escarninho ou um acesso de irritação exasperada, ocasionalmente uma carícia silenciosa ou um sorriso distante.

Ela já tinha quase dezanove anos quando a insistência dele nos gestos rituais, sons e entoações se tornou mais exigente... Quase fanática. Ele próprio treinara de novo a sua voz até esta adquirir uma enorme amplitude e uma incrível flexibilidade e Deoris começava agora a aperceber-se de alguns dos significados e dos poderes do som: palavras que despertavam a consciência adormecida, gestos que despertavam sentidos e memórias dormentes...

Certa noite, perto do fim do ano, ele levou-a para o Templo Cinzento. A sala estava deserta sob a luz fria e cinzenta que brilhava fracamente como gelo sobre as paredes e pavimentos de pedra. O ar estava calmo, fresco e tranquilo, silencioso e isolado da realidade. O cheia Reio-ta seguia-os, colado aos seus calcanhares, um fantasma mudo envolto nas vestes cinzentas, o rosto amarelado semelhante à máscara de um cadáver na luz gelada. Deoris, tremendo de frio sob os finos véus cor de açafrão, acocorou-se por detrás de um pilar escutando temerosa as ordens incisivas e tensas de Riveda. A voz dele ficara mais grave, passando de tenor a barítono ressonante e Deoris reconheceu nisso o primeiro sinal de aviso do furacão tempestuoso que se soltara no seu espírito.

Ele virou-se então para Deoris e colocou nas suas mãos trementes uma esfera prateada no interior da qual se moviam, lentamente, luzes e cores. Cerrou-lhe os dedos da mão esquerda sobre a esfera e fez-lhe sinal para que ocupasse o seu lugar no centro do símbolo entalhado, em mosaico, no chão do Templo. Na sua própria mão tinha uma vara de metal prateado; estendeu-a na direcção do cheia mas, ao tocar-lhe, Reio-ta soltou um estranho som inarticulado e a sua mão, estendida para a receber, encolheu-se convulsivamente e recusou-se a receber o objecto, como se a mão não tivesse qualquer relação com a vontade do seu proprietário. Riveda, com um encolher de ombros exasperado, ficou com a vara e fez sinal ao cheia para que ocupasse a terceira posição.

Formaram assim um triângulo perfeito, Deoris com a esfera brilhante aninhada na mão erguida, o cheia numa posição defensiva, como se empunhasse uma espada desembainhada. Havia também algo de defensivo na postura do próprio Riveda; ele não estava certo das suas próprias motivações. Em parte era a curiosidade que o levava a fazer aquela experiência, mas era sobretudo o desejo de testar os seus próprios poderes e os poderes da moça que treinara... E os poderes do desconhecido cuja mente continuava a ser, para ele, um livro fechado.

Com um ligeiro encolher de ombros, o Adepto alterou ligeiramente a sua posição

completando um determinado padrão de espaço entre eles... Instantaneamente sentiu despertar uma tensão quase eléctrica. Deoris mexeu ligeiramente a esfera; o cheia alterou a posição de uma das mãos.

O padrão do triângulo estava completo!

Deoris começou a emitir um som baixo, um cântico, mais entoado do que cantado, mais falado do que entoado, mas musical, erguendo-se e caindo em cadências ritmadas. À primeira nota do cântico, o cheia despertou para a vida. Um lampejo de reconhecimento incendiou o seu olhar embora não se tivesse mexido um milímetro sequer.

O cântico transformou-se numa melodia estranha em tom menor e parou. Deoris curvou a cabeça e lentamente, com uma graciosidade muito bela e economia de movimentos, os seus gestos equilibrados traindo o treino árduo, caiu de joelhos erguendo a esfera metálica entre as mãos. Riveda ergueu a vara... E o cheia inclinou-se para diante, com gestos automáticos a animarem-lhe as mãos, muito lentamente, como se fosse algo que tivesse aprendido na infância e tivesse sido esquecido.

O padrão das figuras e do som alterou-se subtilmente, transformando-se. Luzes ambarinas e sombras pairavam no interior da esfera de cristal.

Riveda começou a entoar longas frases que se erguiam e caíam num ritmo sonoro e pulsante; Deoris juntou a sua voz num contraponto subtil. O cheia, pela primeira vez com um olhar consciente e atento, com movimentos automáticos, semelhantes aos movimentos sincopados de uma marioneta, mantinha-se silencioso. Riveda, tenso e concentrado na sua parte do ritual, olhou-o apenas de relance.

Recordar-se-ia ele do suficiente? Seria o estímulo do ritual familiar — e de que o ritual lhe era familiar o Adepto não tinha a menor dúvida — o suficiente para despertar o que estava adormecido na memória do cheia"! Riveda apostava na possibilidade de Reio-ta estar mesmo de posse do segredo.

A tensão eléctrica aumentou e pulsou com uma ressonância sonora no alto tecto abobadado. A esfera brilhou e tornou-se quase transparente à superfície, revelando o jogo irregular das cores no seu interior. Escureceu e brilhou novamente.

Os lábios do cheia entreabriram-se. Humedeceu-os, convulsivamente, os olhos semelhantes a prisioneiros assombrados no rosto de cera. Depois começou também a cantar, numa voz ofegante e rouca, como se o próprio cérebro tremesse de esforço, baluçando na sua caixa óssea.

Não, reflectiu Deoris no seu íntimo, com uma pequena parte de consciência que não fora inteiramente submersa no cerimonial, este rito não é novo para ele.

Riveda apostara e ganhara. Duas partes daquele ritual eram do domínio comum, toda a gente as conhecia, mas Reio-ta conhecia a terceira parte que era secreta e que tornava o ritual numa invocação de uma força muito potente. Conhecia-a e, forçado pela vontade dominadora de Riveda e pelo estímulo do cântico familiar na sua mente nublada, estava a usá-la abertamente!

Deoris sentiu-se ligeiramente exultante. Tinham conseguido penetrar num muro de silêncio já muito antigo, estavam a ouvir e a testemunhar aquilo que ninguém, a não ser os mais altos Iniciados de uma certa e quase lendária seita secreta, tinha visto ou ouvido... E mesmo esses tinham estado obrigados pelos mais solenes votos de silêncio até à morte!

Sentiu a tensão mágica aprofundar-se, sentiu o corpo arripiar-se sob o seu efeito e a sua mente forçada a abrir-se para a aceitar. A voz e os movimentos tornavam-se agora mais claros, como se a memória regressasse ao seu espírito e ao seu corpo. O cheia dominava agora: a sua voz era clara e precisa, os gestos seguros, perfeitos. Por detrás da máscara que era o seu rosto, os olhos estavam vivos e ardentes. O cântico continuou, carregando Riveda e Deoris na sua crista, como duas palhas levadas pela torrente.

Um relâmpago brilhou no interior da esfera; uma chama brotou da vara que Riveda tinha na mão. Uma força vibrante pulsou entre os corpos dispostos em triângulo, uma pulsão de poder quase visível que ficou brilhante e escureceu, espasmodicamente. O relâmpago brilhou sobre as suas cabeças; o trovão atravessou o ar com um tremendo estrondo.

O corpo de Riveda arqueou-se para trás, rígido como uma coluna e um terror súbito acometeu Deoris. O cheia estava a ser forçado a fazer aquilo... Esta coisa secreta e sagrada! E para quê? Era um sacrilégio — era uma blasfêmia das mais negras — e tinha de ter um fim... Mas já não estava nas suas mãos deter-se sequer a si própria. A sua voz desobedecia-lhe, o seu corpo estava imobilizado, a força irrequieta daquele poder tirânico arrastava-os a todos.

O cântico intolerável tornou-se lentamente mais grave reduzindo-se a uma única e longa Palavra... Uma Palavra que nenhuma garganta conseguia conter, uma palavra que necessitava de três vozes fundidas que a transformassem, de um agrupamento inofensivo de sílabas, num ritmo dinâmico e tão poderoso que conseguia distorcer o espaço. Deoris sentiu-a na língua, sentiu-a rasgar-lhe a garganta, fazer vibrar os ossos do seu crânio como se quisesse desfazê-los e transformar em átomos dispersos...

Uma chama vermelha e quente surgiu produzindo um choque tremendo. Chicotes de chamas brancas espalharam-se enquanto o Mundo ribombava ao som dos trovões e ribombava e ribombava... Deoris gritou, cega pela angústia e lançou-se para a frente, contorcendo-se. Riveda saltou para diante, agarrando-a contra si com uma ferocidade protetora; mas a vara agarrou-se aos seus dedos, contorcendo-se com vida própria, como se tivesse crescido da própria carne. O padrão foi desfeito mas o fogo brincava em torno deles, pálido, tórrido, incontrolável; um feitiço potente que, ao ser invocado, se virara contra os blasfemos.

O cheia, imobilizado, afundava-se como que empurrado por uma pressão intensa. O seu rosto macilento contorceu-se enquanto os joelhos se dobravam debaixo do seu peso e depois saltou para a frente, agarrando-se a Deoris. Com um grito selvagem, Riveda agitou a vara para o afastar mas, com a força inesperada de um louco, Reio-ta atingiu o Adepto com força na cara, evitando por pouco a extremidade incandescente da vara.

Riveda caiu para trás, quase inconsciente e Reio-ta, movendo-se por entre os relâmpagos e as chamas como se estas não passassem de reflexos num espelho, agarrou nas mãos queimadas de Deoris e arrancou-lhe a esfera. Depois, virando-se, deu mais uma pancada em Riveda que cambaleava, arrancou-lhe a vara e, com um único e longo grito agudo, bateu com a vara na esfera, lançando depois os dois objectos pelos ares para cantos opostos da sala.

A esfera despedaçou-se. Fragmentos inofensivos de cristal salpicavam as lajes de pedra. A vara relampejou pela última vez e escureceu. Os relâmpagos extinguiram-se.

Reio-ta endireitou-se e encarou Riveda. A sua voz soou baixa e furiosa... E consciente.

— Seu bruxo nojento e danado!

A atmosfera estava fria e vazia, novamente de um cinzento gélido. Apenas pairava no ar um fino traço de ozono. O silêncio prevalecia, a não ser pela voz de Deoris que gemia num delírio agonizante e pela respiração pesada do cheia. Riveda mantinha a moça aninhada sobre os joelhos, apesar de as suas próprias mãos, que tremiam, estarem queimadas e penderem, inertes, dos pulsos. O rosto do Adepto estava pálido como um lençol e os seus olhos brilhavam como se o relâmpago tivesse ficado ali retido.

— Um dia, por causa disto, ainda te mato, Reio-ta.



O cheia, com o rosto lívido de dor e de raiva, olhou com tristeza para o Adepto e para a moça inconsciente. A sua voz era tão baixa que era quase inaudível.

— Já me mataste, Riveda... E a ti próprio também.

Mas Riveda já se esquecera da existência de Reio-ta, Deoris gemeu baixinho, inconsciente, tentando arranhar o peito e ele pousou-a delicadamente no chão de pedra. Cuidadosamente, Riveda desapertou os véus chamuscados, trabalhando desajeitadamente com as pontas dos dedos magoados. Até mesmo os seus olhos calejados de Curandeiro se contraíram de horror perante o que viu... Depois os gemidos dela cessaram; Deoris suspirou e ficou inerte no chão e, por um instante que lhe fez parar o coração, Riveda sentiu-se certo de que ela morreria.

Reio-ta estava agora imóvel, abalado por pequenos tremores, com a cabeça curvada e com o seu espírito num periclitante equilíbrio sobre a estreita linha divisória entre a sanidade estável e o recuo para o vazio total.

Riveda atirou a cabeça para trás para encontrar aqueles olhos escuros e condenatórios com o seu próprio olhar imperioso.

Depois o Adepto fez um pequeno gesto autoritário e Reio-ta curvou-se, ergueu Deoris e depô-la nos braços estendidos de Riveda. Ela ficou encostada ao seu ombro, um peso morto, e o Adepto cerrou os dentes enquanto se virava e a levava do Templo.

E por trás dele, o único homem que jamais amaldiçoara o Adepto e continuara vivo, seguiu-o humildemente, murmurando para si próprio como é típico dos idiotas... Mas, no fundo do seu olhar, havia um brilho secreto que ali não estivera antes.

## **Capítulo Nove**

### **A Diferença**

Durante os primeiros dois anos do seu casamento, Arvath declarou que acreditava ser capaz de fazer com que Domaris esquecesse Micon. Tinha sido bondoso e paciente tentando compreender a luta interior de Domaris e consciente da coragem dela, fora muito terno após a perda da criança de ambos.

Domaris não era perita em fingimentos e durante o último ano a tensão entre os dois aumentara apesar dos esforços de ambos.

Arvath também não estava inteiramente destituído de responsabilidades; nenhum homem consegue perdoar uma mulher que se mantém totalmente indiferente à emoção.

Ainda assim, em tudo aquilo que era apenas aparente, Domaris era uma boa esposa. Era bonita, modesta, convencional e submissa; era filha de um Sacerdote muito importante e era, ela própria, sacerdotisa. Geria bem a casa ainda que com indiferença, e quando se apercebeu de que ele estava ressentido com o filho dela, arranjou forma de manter Micail fora dos olhares de Arvath. Quando estavam sozinhos, ela era aquiescente, afectiva e até terna. Apaixonada é que não era e não fingia ser.

Frequentemente, ele via uma curiosa piedade estampada nos seus olhos cinzentos... E a piedade era uma das coisas que Arvath não conseguia suportar. Provocava nele o início de cenas violentas e ciumentas, cheias de recriminações intermináveis e, por vezes, sentia que se ela lhe respondesse sequer em tom irado, se protestasse sequer, poderiam ao menos ter algum sítio por onde começar. Mas a resposta dela era sempre a mesma: o silêncio ou então um murmúrio meio envergonhado e em voz baixa:

— Lamento, Arvath. Eu disse-te que iria ser assim.

E Arvath praguejava com fúria e frustração e olhava-a com algo semelhante ao ódio e saía disparado para passear sozinho pelos jardins do Templo a murmurar, horas seguidas. Se ela lhe tivesse alguma vez recusado qualquer coisa, se alguma vez o tivesse recriminado, ele poderia, com o tempo, tê-la perdoado.

Mas a indiferença dela era pior, era uma retirada total para um qualquer lugar secreto para onde ele não podia segui-la. Ela, pura e simplesmente, não estava ali no quarto com ele.

— Antes queria que me encornasses em pleno pátio com um dos escravos do jardim, bem à vista de todos! — Gritou-lhe certa vez, furioso e frustrado. — Pelo menos aí eu podia matar o homem e ficar satisfeito!

— Isso satisfar-te-ia? — Perguntou-lhe ela calmamente, como se esperasse apenas pela resposta para fazer exactamente o que ele descrevera. E Arvath sentiu o amargo sabor do ódio na boca e bateu com a porta do quarto, tropeçando e sentindo, nauseado, que se ficasse a mataria ali mesmo.

Mais tarde perguntou a si próprio se não seria isso que ela estava a tentar que ele fizesse...

Descobriu que conseguia penetrar na indiferença dela através da crueldade e começou a ter um certo prazer em magoá-la, sentindo que as suas palavras iradas e o seu ódio eram melhores do que a tolerância indiferente, que era o máximo que conseguia obter através da ternura. Na verdade passou a abusá-la vergonhosamente e por fim, Domaris magoada para além de todos os limites, ameaçou-o de que se queixaria aos Cinco Investidos.

— Tu vais queixar-te — zombou Arvath. — E depois eu vou queixar-me e os Cinco Investidos vão mandar-nos embora para que nós próprios resolvamos o problema!

Amargamente, Domaris perguntou:

— Alguma vez te recusei o que quer que fosse?

— Tu nunca fizeste nada, tu... — A palavra que usou nem sequer tinha uma forma escrita e, ouvi-la nos lábios de um membro da Casta dos Sacerdotes fez com que Domaris quisesse desmaiar de pura vergonha. Arvath, vendo-a empalidecer, continuou a insultá-la da mesma forma com um prazer selvagem. — É claro que eu não devia falar desta maneira, tu és uma Iniciada — zombou ele. — Conheces os segredos do Templo... Aqueles que te permitem recusares-te deliberadamente a conceber um filho meu! — Fez uma vênha sarcástica. — Protestando sempre a tua inocência, evidentemente, como é próprio de alguém tão elevado.

A injustiça daquelas palavras — pois Domaris escondera o aviso da Mãe Ysouda no seu coração e esquecera os seus conselhos no momento em que ela lho dera — fez com que negasse as acusações de forma pouco habitual.

— Mentos! — Disse a tremer levantando a voz para ele pela primeira vez. — Mentos e sabes que mentos! Não sei por que razão os Deuses nos negaram ter filhos, mas o meu filho tem o meu nome... E o nome do pai dele!

Arvath, furioso, avançou ameaçador na direção dela.

— Não percebo o que é que isso tem a ver com o assunto! A não ser que pensaste mais nesse porco desse príncipe da Atlântida do que em mim! Pensas que eu não sei que foste tu quem frustrou a vida da criança que quase me deste? E tudo por causa desse... Desse... — Engoliu em seco, incapaz de falar e agarrou-lhe os ombros magros com ambas as mãos, pondo-a de pé à força. — Maldita sejas, diz-me a verdade! Admite que o que digo é verdade ou eu mato-te!

Ela deixou-se ficar inerte nas mãos dele.

— Então mata-me — disse ela, cansada. — Mata-me de uma vez e acaba com isto.

Arvath confundiu o tremor dela com o medo; genuinamente assustado, sentou-se, libertando-a com meiguice, do aperto brutal das suas mãos.

— Não, eu não estava a falar a sério — disse arrependido. Depois soçobrou e lançou-se aos pés dela, atirando os braços em torno da sua cintura e enterrando o rosto no seu peito. — Domaris, perdoa-me, perdoa-me, não era minha intenção fazer-te mal! Domaris, Domaris, Domaris... — Continuou a dizer o nome dela uma e outra vez, numa agonia incoerente, soluçando, o choro terrível e doloroso de um homem perdido e desorientado.

A mulher debruçou-se finalmente sobre ele, puxando-o para si com uma tremenda piedade estampada nos olhos e também ela chorou enquanto embalava a cabeça dele contra o seu peito.

Todo o seu corpo, o seu coração, todo o seu ser. doía com o desejo de ser capaz de o amar.

Mais tarde, cheia de medo e sob o efeito de um tremendo conflito interior, sentiu-se tentada a falar finalmente nos avisos da Mãe Ysouda. Mas mesmo que ele acreditasse nela – se isso não fizesse recomeçar aquela tremenda discussão — a idéia de que ele pudesse sentir piedade por ela era intolerável.

E por isso não disse nada.

Timidamente, em busca de conselhos e conforto paternais, foi ter com Rajasta, mas à medida que ia falando com ele começou a culpar-se a si própria: não fora Arvath quem fora cruel, fora ela quem tentara eximir-se aos deveres assumidos por juramento. Rajasta, observando-lhe o rosto enquanto falava, não conseguia encontrar palavras de conforto para lhe oferecer, pois não duvidava de que Domaris tivesse demonstrado abertamente a sua passividade e atirado a sua falta de emoções à cara do homem. Seria de admirar que Arvath se tivesse ressentido de um tal insulto à sua virilidade? Era óbvio que Domaris não tirava prazer do seu martírio; mas era igualmente óbvio que tinha nele uma satisfação perversa. O rosto dela estava pálido de vergonha, mas uma luz macia brilhava no seu olhar e Rajasta reconheceu ali facilmente os sinais de uma mártir auto-proclamada.

— Domaris — disse com tristeza — não te odeies sequer a ti própria, minha filha. — Impediu-a de responder erguendo a mão.

— Eu sei, tu fazes todos os gestos inerentes aos teus deveres. Mas és a mulher dele, Domaris?

— Que queres dizer? — Murmurou Domaris, mas a sua expressão revelou as suas suspeitas.

— Não sou eu quem te pergunta — disse Rajasta impiedosa-mente — mas és tu quem o pergunta, se quiseses viver contigo própria. Se a tua consciência estivesse tranquila, minha filha, não terias vindo ter comigo! Sei o que deste a Arvath e com que custo; mas o que foi que lhe recusaste? — Fazendo uma pausa viu que ela estava muito perturbada e incapaz de o olhar nos olhos. — Minha filha, não fiques ressentida por eu te dar os conselhos que tu própria sabes serem os certos. — Estendeu o braço e pegou-lhe num dos punhos fortemente cerrados e lívidos e fez-lhe festas com meiguice até os dedos se relaxarem um pouco. — Tu és como esta tua mão, Domaris. Cerras nela o passado com demasiada força e revolves a faca nas tuas próprias feridas. Deixa tudo isso para trás, Domaris!

— Eu... Não consigo — murmurou ela.

— E também não podes continuar a desejar a morte, minha filha. É demasiado tarde para isso.

— Será? — Perguntou ela com um estranho sorriso.

O coração de Rajasta doía por Domaris; o sorriso dela, calmo e amargo, perseguiu-o durante dias e, finalmente, acabou por ver as coisas de uma forma mais próxima da dela e apercebeu-se de que fora negligente. No seu íntimo, sabia que Domaris enviuvara; ela fora esposa, na verdadeira acepção, para Micon e nunca passaria de uma amante com Arvath. Rajasta nunca lho perguntara, mas sabia que ela era virgem quando conhecera Micon. O casamento dela com Arvath fora um travesti, uma farsa, um dever enfadonho, uma profanação... E para nada.

Uma manhã, na biblioteca, incapaz de se concentrar, acometido por uma tristeza súbita, Rajasta pensou, A culpa é minha. Deoris avisou-me de que Domaris não deveria ter outro filho e eu não disse nada! Podia tê-los impedido de a forçar a casar. Em vez disso esmaguei, cheio de santimónia, a vida de uma moça que foi uma filha para mim numa idade em que já não podia ter filhos... Afilha da minha alma. Pus a minha própria filha no lugar das rameiras E a minha própria luz escurece com a sua vergonha.

Atirando para o lado o pergaminho que estivera a ler sem conseguir concentrar-se, Rajasta levantou-se e foi à procura de Domaris, com a intenção de lhe prometer que o seu casamento seria anulado, que ele moveria céus e terra mas que o conseguiria.

Não lhe disse nada do gênero, pois antes que pudesse proferir uma única palavra ela disse-lhe, com um sorriso estranho, secreto e não de todo infeliz, que estava mais uma vez grávida de Arvath.

## **Capítulo Dez**

### **No Labirinto**

O falhanço era, de entre todas as coisas, aquela que Riveda mais odiava. Agora confrontava-se com o falhanço. E um vulgar cheia, o seu próprio cheia, na verdade, tinha tido a audácia de o proteger! O fato de a intervenção de Reio-ta ter salvo a vida dos três não alterava em nada o ódio que inflamava Riveda.

Os três tinham sido atingidos. Reio-ta fora quem menos sofrera, com queimaduras e bolhas nos ombros e nos braços; essas queimaduras eram fáceis de tratar e de justificar. As mãos de Riveda estavam queimadas até ao osso – mutiladas, pensou ele amargamente, para o resto da vida. O relâmpago do dorje, quando explodira, tinha atingido Deoris em primeiro lugar; os seus ombros, braços e flancos estavam empolados e queimados e, sobre os seios, os chicotes de fogo tinham penetrado profundamente, deixando a sua marca inconfundível... Um sigilo cruel gravado com a marca do fogo blasfemo.

Riveda, com as mãos praticamente inutilizadas, fez o que podia. Amava tanto a moça quanto era possível à sua natureza amar alguém e a necessidade de manter o segredo enlouquecia-o, pois sabia-se incapaz de, nas actuais circunstâncias, cuidar dela convenientemente. Faltavam-lhe os remédios apropriados, faltava-lhe — com as mãos mutiladas — a capacidade para os usar. Mas não se atreveu a procurar ajuda.

Os Sacerdotes da Luz, se vissem a cor e as formas terríveis das feridas, saberiam imediatamente o que as causara e então seguir-se-ia a punição inevitável, mais do que certa e irreversível. Não podia confiar nem mesmo nos seus Hábitos Cinzentos numa ocasião daquelas; nem mesmo eles se atreveriam a ocultar uma interferência tão odiosa

com as forças que deviam manter-se à guarda da Natureza.

A sua única hipótese eram os Hábitos Negros e, se quisesse que Deoris tivesse alguma hipótese de sobrevivência, tinha de correr esse risco. Sem os cuidados devidos, poderia não sobreviver àquela noite.

Com a ajuda de Reio-ta, levava-a para uma câmara secreta por baixo do Templo Cinzento, mas não se atrevia a deixá-la ali por muito tempo. Para acalmar os seus gemidos incessantes misturara um sedativo poderoso, tão forte quanto se atrevera, e tinha-a obrigado a engoli-lo. Ela mergulhara num sono inquieto e, embora os gemidos terríveis não tivessem cessado, a poção embotara-lhe os sentidos o suficiente para tornar suportável a tremenda agonia.

Com um assomo de culpa, Riveda deu por si a pensar novamente em Micon: Porque é que eles não terão limitado as suas brincadeiras infernais a pessoas sem importância ou, tendo chegado tão longe no atrevimento, não se certificaram de que as suas vítimas não escapariam para contar a história? Teria permitido que Reio-ta morresse sem qualquer pesar. Como Príncipe de Ahtarrath, e em termos legais, há anos que ele estava dado como morto. E que diferença fazia um cheia maluco a mais ou a menos? Deoris, contudo, era a filha de um sacerdote poderoso; a sua morte acarretaria uma investigação profunda e implacável. Talkannon não era para brincadeiras e Rajasta certamente que suspeitaria de Riveda em primeiro lugar.

O Adepto sentiu-se um tanto envergonhado com a sua fraqueza, mas mesmo assim não admitiu, nem mesmo perante si próprio, que amava Deoris e que passara a precisar dela. A idéia da sua morte provocava-lhe uma dor terrível no seu íntimo, uma dor tão forte e dilacerante que o fazia esquecer o tormento das mãos queimadas.

Após um longo e nebuloso pesadelo em que lhe pareceu vaguear por entre chamas e relâmpagos e sombras saídas de lendas horríveis e meio esquecidas, Deoris abriu os olhos e deparou-se com uma cena curiosa. Estava deitada numa grande cama talhada na pedra, sobre um monte de almofadas fofas. Por cima da sua cabeça estava fixado um dos candeeiros de luz eterna cuja chama, tremeluzente e inconstante, transformava as figuras esculpidas nos lados da cama em formas grotescas e horríveis.

O ar estava húmido e bastante frio e cheirava a bafio, como uma pedra fria. Primeiro pensou se estaria morta e jazente num túmulo e depois apercebeu-se de que estava envolta em ligaduras húmidas e frescas. O corpo doía-lhe, mas era uma dor distante, como se aquele monte de ligaduras pertencessem a outrem.

Virou um pouco a cabeça, com dificuldade, e viu a silhueta de Riveda, familiar mesmo de costas voltadas. E, na frente dele, estava um homem que Deoris reconheceu com um estremecimento de terror: Nadastor, um Adepto dos Hábitos Cinzentos. De meia-idade, encurvado e de aparência ascética, Nadastor era moreno e belo e, no entanto, desagradável. E, naquele momento, não estava envolto no hábito cinzento dos Magos, envergando um longo manto negro, bordado e enfeitado com estranhos emblemas. Na cabeça tinha um chapéu alto mitrado e, entre as mãos, segurava uma fina vara de vidro.

Nadastor falava numa voz grave e educada que recordava vagamente a Deoris a voz de Micon:

— Dizes que ela não é uma sagi.

— Longe disso — respondeu Riveda secamente. — É a filha de Talkannon e uma Sacerdotisa.

Nadastor assentiu lentamente.

— Estou a ver. Isso torna as coisas diferentes. Como é evidente, se as tuas razões



fossem meramente pessoais e sentimentais, aconselhar-te-ia na mesma a que a deixasses morrer. Mas...

— Eu fiz dela sãkti sidhana.

— Tendo em conta os limites que sempre te impuseste — murmurou Nadastor — correste um grande risco. Eu sabia que o teu poder era grande, como é evidente. Isso sempre foi evidente. Se não fossem as restrições cobardes impostas pelo Ritual...

— Não quero mais saber de limitações! — Disse Riveda selvaticamente. — Trabalharei da forma como eu, e só eu, achar adequada! Não me poupei a nada para atingir estes poderes e ninguém — agora — poderá impor limitações ao meu direito de os usar! — Ergueu a mão esquerda, vermelha, em carne viva e horivelmente mutilada e traçou lentamente um símbolo que fez com que Deoris sustivesse a respiração contra a sua vontade.

Aquele era um ponto de não retorno; aquele símbolo, desenhado com a mão esquerda, era uma blasfêmia punida com a morte até mesmo no Templo Cinzento. Pareceu-lhe que o símbolo ficava a pairar no ar, durante alguns instantes, entre os dois Adeptos.

Nadastor sorriu.

— Que assim seja — disse. — Primeiro temos de salvar as tuas mãos. Quanto à moça...

— A moça nada! — Interrompeu-o Riveda violentamente. O sorriso de Nadastor tornou-se zombeteiro.

— Para cada força uma fraqueza — disse ele — ou não estarias aqui. Muito bem, cuidarei dela.

Deoris sentiu-se, de repente, violentamente nauseada; Riveda troçara de Micon e de Domaris exactamente daquela forma.

— Se a ensinaste como dizes, ela é demasiado valiosa para que permitamos que a sua feminilidade seja cerceada e queimada por... Aquilo que a tocou. — Nadastor aproximou-se da cama; Deoris fechou os olhos e ficou como morta enquanto o Hábito Negro afastava as ligaduras desajeitadas e cobria, com perícia, as suas feridas com um toque tão frio e impessoal como se estivesse a tratar de uma imagem de pedra. Riveda manteve-se sempre por perto e, quando Nadastor terminou o seu trabalho, Riveda ajoelhou-se e estendeu uma mão coberta por espessas ligaduras na direção de Deoris.

— Riveda! — Murmurou ela fracamente. A sua voz também não soou muito mais forte quando ele disse: — Isto não foi um falhanço. Vamos transformar isto num sucesso, tu e eu... Invocámos um poder muito poderoso, Deoris, e agora está ao nosso dispor!

Deoris ansiava por uma palavra terna. Aquela conversa acerca do poder enjoava-a e assustava-a; vira aquele poder ao ser invocado e o seu único desejo era esquecê-lo.

— Um... Um poder maligno! — Conseguiu ela murmurar, com a boca seca.

Ele disse, com a velha amargura concentrada:

— Sempre a papaguear essas coisas do bem e do mal! Será que tudo tem de ser fácil e belo? Será que vais fugir a primeira vez que vês algo que não estava incluído nos teus sonhos bonitinhos?

Envergonhada e à defesa, como sempre, ela murmurou:

— Não. Perdoa-me.

A voz de Riveda ficou novamente meiga.

— Não, eu não devia culpar-te por sentires medo, minha querida Deoris! A tua coragem nunca falhou quando houve necessidade dela. Agora, que estás tão ferida, não devia tornar as coisas piores para ti. Tenta dormir, Deoris. Para ficares outra vez forte.

Ela estendeu a mão na direção dele, ansiando pelo seu toque, por uma palavra de

amor ou de conforto... Mas, subitamente, com uma violência aterradora, Riveda explodiu num delírio blasfemo. Praguejou, gritou, numa tensão e num ódio raivosos, proferindo maldições numa litania nojenta em que várias línguas pareciam misturar-se, num calão horrível de se ouvir e Deoris, chocada e assustada para além de todos os limites, começou a chorar descontroladamente. Riveda só se calou quando a voz lhe falhou de tão enrouquecida e lançou-se na cama ao lado dela, com o rosto oculto, os ombros agitados, demasiado exausto para se mexer ou proferir mais uma palavra.

Muito tempo depois, Deoris mexeu-se dolorosamente, pondo a mão na face dele que repousava junto da sua. O movimento despertou ligeiramente o homem; virou-se enfraquecido e olhou para Deoris com os olhos esbugalhados e miseráveis onde se viam manchas vermelhas nos locais onde pequenas veias tinham rebentado.

— Deoris, Deoris, que foi que eu te fiz? Como poderei abraçar-te depois disto? Foge enquanto podes, abandona-me se quiseres... Não tenho o direito de te pedir mais nada!

Ela apoiou a mão com um pouco mais de força no rosto dele. Não podia levantar-se, mas a sua voz tremeu de paixão.

— Eu dei-te esse direito! Vou para onde tu fores! Com medo ou sem medo. Riveda, ainda não percebeste que te amo?

Os olhos injectados de sangue pestanejaram e, pela primeira vez em muitos meses, ele puxou-a para si e beijou-a com grande paixão, magoando-a com a violência do abraço. Depois, recompondo-se, afastou-se cuidadosamente, mas ela cerrou os dedos enfraquecidos no braço direito dele, mesmo por cima das ligaduras.

— Amo-te — murmurou fracamente. — Amo-te o suficiente para desafiar deuses e demônios!

Os olhos de Riveda, nublados de dor e de remorso, cerraram-se por instantes. Quando voltou a abri-los, a sua expressão estava novamente recomposta ostentando uma máscara de calma inabalável.

— Sou capaz de te pedir que faças isso mesmo — disse numa voz grave e tensa — mas estarei sempre mesmo atrás de ti durante o tempo todo.

E Nadastor, oculto pelas sombras por detrás do arco que dava acesso à sala, abanou a cabeça e riu-se baixinho.

Durante algum tempo, Deoris alternou breves períodos de lucidez com dias seguidos de dores infernais e pesadelos drogados e alucinantes. Riveda nunca saía de junto dela.

Qualquer que fosse a hora a que acordasse, ele estava ali, curvado e impassível, imerso em meditação ou a ler um pergaminho antigo.

Nadastor ia e vinha e Deoris escutava as conversas de ambos, mas os seus intervalos de consciência eram tão breves e penosos, no início, que ela nunca sabia onde terminava a realidade e começavam os sonhos. Lembrava-se de uma vez ter acordado e visto Riveda a fazer festas a uma cobra, como se de um gatinho se tratasse, que se enrolava e desenrolava em torno da sua cabeça. Mas quando se referiu a esse fato alguns dias mais tarde ele ficou a olhar para ela e negou que isso tivesse acontecido.

Nadastor tratava Riveda com cortesia e respeito, como a um igual, mas um igual cuja educação tivesse sido incautamente negligenciada e que tivesse de ser remediada. Quando Deoris já estava fora de perigo e conseguia ficar acordada mais do que alguns minutos sem ter de ser sedada, Riveda lia-lhe... Coisas que lhe faziam gelar o sangue. Mais do que uma vez Riveda demonstrou a sua nova capacidade de manipular a natureza e, gradualmente, Deoris foi perdendo o seu próprio medo; Riveda nunca mais permitiria

que um rito lhe fugisse ao controlo por falta de conhecimentos!

Havia uma única coisa que incomodava Deoris: Riveda tornara-se subitamente ambicioso; a sua antiga fome de saber transformara-se, por uma qualquer razão, em sede de poder. Mas não verbalizou as suas preocupações relativamente a essa questão, mantendo-se calada e a ouvi-lo enquanto falava, demasiado cheia de amor para ser capaz de protestar e certa de que, mesmo que o fizesse, ele não lhe daria ouvidos.

Riveda nunca fora tão bondoso para com ela. Era como se toda a sua vida tivesse sido passada no meio de uma tensa batalha entre forças opostas que o tivessem tornado rígido e severo e distante devido ao esforço necessário para se manter fiel a uma linha de rectidão. Agora que se abandonara finalmente à feitiçaria, o mal e o horror absorviam toda a sua crueldade inata permitindo ao homem a liberdade necessária para ser bondoso, para ser terno, para demonstrar a simplicidade e bondade que estavam na sua natureza. Deoris sentiu que a sua adoração infantil se transformava em algo de mais profundo, diferente... E uma vez, quando ele a beijou com essa nova ternura, agarrou-se a ele num despertar súbito desse instinto tão antigo que é a feminilidade.

Ele riu-se um pouco, com a expressão relaxada pelo humor.

— Minha querida Deoris... — Depois murmurou, duvidoso. — Mas tu continuas a ter muitas dores.

— Não muitas e eu... Eu quero estar perto de ti. Quero dormir nos teus braços e acordar nos teus braços... Como nunca fiz.

Demasiado comovido para falar, Riveda puxou-a para si.

— Vais dormir nos meus braços esta noite – murmurou finalmente. — Também... Eu quero que estejas perto de mim.

Abraçou-a delicadamente, temendo magoá-la com um gesto mais descuidado e ela sentiu a sua presença física que lhe era tão familiar, tão intimamente conhecida do seu corpo e no entanto estranha, completamente estranha. Depois de todos aqueles anos ele era um desconhecido. De tal forma que se sentiu envergonhada com o amante como nunca se sentira com o iniciador.

Riveda fez amor com ela docemente, com uma sensibilidade sincera que ela não sonhara ser possível, com medo de a magoar. Depois, já mais seguro dela, recorrendo a uma reserva oculta de gentileza, entregou-se-lhe com o calor peculiar e raro de um homem que já há muito passara a juventude: não com paixão, mas com ternura e muito amor. Em todo o tempo que passara com Riveda, ela nunca o conhecera assim. E depois, durante horas, ficou aninhada nos braços dele, mais feliz do que alguma vez se sentira, ou alguma vez voltaria a sentir-se, enquanto ele, numa voz abafada, rouca e hesitante, lhe dizia todas as coisas que uma mulher sonha ouvir da boca de um amante e as suas mãos feridas se moviam docemente sobre o seu cabelo sedoso.

## Capítulo Onze

### O Santuário Negro

Deoris manteve-se no interior do labirinto subterrâneo durante um mês, entregue aos cuidados de Riveda e Nadastor.

Não viu mais ninguém à excepção de uma velha surda-muda que lhe trazia comida. Nadastor tratava Deoris com uma deferência cerimoniosa que espantava e aterrorizava a moça, especialmente depois de esta ter ouvido o excerto de uma conversa...

Ela e Riveda tinham desenvolvido aos poucos um companheirismo terno diferente de tudo aquilo que a moça conhecera. Ele agora já não tinha humores negros e amuados. Naquele dia mantivera-se junto dela durante algum tempo a traduzir umas inscrições antigas com uma alegria quase obscena, convencendo-a a comer com toda a espécie de jogos e brincadeiras como se ela fosse uma criança doente. Passado algum tempo, pois ela ainda se cansava com facilidade, deitou-a, pôs-lhe uma manta de lã por cima dos ombros e deixou-a. Ela dormiu até ser acordada por uma voz, um pouco erguida, como se ele se tivesse esquecido da sua presença devido à irritação.

— ... Toda a minha vida abominei essa idéia!

— Mesmo no Templo da Luz — dizia Nadastor — os irmãos e as irmãs casam ocasionalmente entre si. A linhagem é mantida pura, pois eles não querem que o sangue desconhecido faça regressar os traços indesejáveis que conseguiram eliminar da Casta dos Sacerdotes. Os filhos do incesto são clarividentes inatos.

— Quando não são loucos — disse Riveda cinicamente. Deoris fechou novamente os olhos quando as vozes se reduziram a um murmúrio. Depois ergueu-se novamente uma voz irada. — Qual das filhas de Talkannon...?

— Vais acordar a moça — admoestou-o Nadastor e, durante alguns minutos, conversaram em voz tão baixa que Deoris não conseguiu ouvir nada. A frase seguinte que ouviu foi uma afirmação desapaixonada de Nadastor. — Os homens criam os animais tendo em vista um objectivo. Deverão desperdiçar as sementes do seu próprio corpo? — A voz baixou novamente e depois ergueu-se. — Tenho-te observado, Riveda, durante muito tempo. Sabia que um dia te cansarias das restrições que o Ritual te impunha!

— Então sabias mais do que eu — ripostou Riveda. — Bem, não me arrependo de nada... E o que quer que seja que tu penses, não tenho quaisquer escrúpulos relativamente a isso. Vejamos se te compreendo. O filho de um homem que já tenha passado a idade da paixão e de uma moça com a idade apenas suficiente para conceber, pode estar... Quase para lá das leis da Natureza...

— E muito pouco manietado por elas — acrescentou Nadastor. Levantou-se e saiu da sala e Riveda aproximou-se de Deoris para a olhar. Ela fechou os olhos e, passados instantes, pensando que ela continuava adormecida, foi-se embora.

As queimaduras nas costas e nos ombros de Deoris tinham sarado rapidamente, mas a marca cruel sobre os seios era muito profunda. Mesmo quando já era novamente capaz de se manter de pé, os seios da moça continuavam cobertos por ligaduras e ela não suportava tocar-lhes. Começava a ficar inquieta, pois nunca ficara afastada do Templo da Luz durante tanto tempo e Domarís devia estar a ficar ansiosa. No mínimo, era capaz de fazer perguntas.

Riveda acalmou um pouco os seus receios.

— Eu contei-lhes uma história para justificar a tua ausência — disse. — Disse ao

Cadamiri que tinhas caído do paredão marítimo e que te tinhas queimado num dos fogos dos faróis. Isso também explicou as minhas próprias feridas. — Estendeu as mãos, agora já sem ligaduras, mas terrivelmente marcadas, demasiado rígidas para poderem recuperar a sua antiga perícia.

— Ninguém questiona as minhas capacidades de Curandeiro, Deoris, por isso não protestaram quando lhes disse que tinhas de ser deixada em paz. E a tua irmã... — Os seus olhos estreitaram-se um pouco. — Ela apanhou-me hoje na biblioteca. Está ansiosa por tua causa. E, na verdade, Deoris, não consegui arranjar uma razão para a impedir de te ver, por isso era bom que amanhã saíesses daqui. Tens de vê-la e descansá-la, senão... — Pousou pesadamente uma mão no braço dela – os Guardiães cairão sobre nós. Diz à Domaris o que quiseses, isso não me interessa, mas, fazas o que fizeres, Deoris, a não ser que queiras que eu morra como um cão, não deixes nem mesmo a Domaris ver as feridas que tens no peito até estarem completamente saradas. E, Deoris, se a tua irmã insistir, podes mesmo ter de regressar ao Templo da Luz. Eu... Eu custa-me separar-me de ti e não gostaria que isso acontecesse, mas o Ritual proíbe que qualquer donzela nascida na Luz viva entre os Hábitos Cinzentos. É uma lei antiga e raramente invocada e tem sido repetidamente ignorada. Mas a Domaris recordou-ma e eu não me atrevo a pôr-te em perigo ao provocar a sua ira.

Deoris assentiu sem falar. Soubera que aquele interlúdio não duraria para sempre. Apesar de toda a dor, todo o terror, do seu medo renovado de Riveda, aquele tinha sido uma espécie de idílio, suspenso no nada e envolto na certeza inesperada da proximidade de Riveda e do seu amor. E agora já era passado.

— Estarás mais segura sob a protecção da tua irmã. Ela ama-te e não te fará perguntas, penso eu — Riveda pegou-lhe na mão e ficou sentado sem se mexer ou falar durante muito tempo. Por fim disse. — Disse-te uma vez, Deoris, que não sou um homem em quem se deva confiar. Suponho que agora já to provei. — O tom amargo e desesperado estava de regresso à sua voz. Depois, cuidadosamente e em tom neutro, perguntou. — Continuas a ser... A minha Sacerdotisa? Eu perdi o direito de te dar ordens, Deoris. Ofereço-te a liberdade, se a desejares.

Como fizera anos antes, Deoris largou a mão dele, caiu de joelhos e encostou o rosto às suas vestes, submissa. Murmurou. — Já te disse que desafiarei tudo por ti. Porque será que nunca acreditas em mim?

Passado um momento, Riveda ergueu-a com meiguice, com mãos gentis e cuidadosas.

— Falta uma coisa — disse numa voz baixa. — Sofreste muito e eu... Eu não quereria impor-te isto, mas se não for esta noite, terá de passar mais um ciclo anual antes que o possamos tentar de novo. Esta é a noite do Nadir e a única noite em que isto pode ser feito.

Deoris não hesitou um momento sequer embora a sua voz não estivesse muito firme.

— Estou às tuas ordens — murmurou, proferindo a frase ritual dos Hábitos Cinzentos.

Umás horas mais tarde a velha mulher surda-muda foi ter com ela. Despiu Deoris, lavou-a, purificou-a e vestiu-a com as vestes estranhas que Riveda enviara. Em primeiro lugar uma camisa de linho transparente e sobre esta uma túnica de seda pesadamente bordada, decorada com símbolos de cujo significado Deoris não se sentia muito segura. O cabelo, comprido e espesso, foi confinado a uma rede de prata e os seus pés tingidos com um pigmento escuro. Quando a surda-muda estava a terminar esse preparativo final,



Riveda reapareceu e Deoris esqueceu as suas próprias vestes pouco habituais perante a transformação nele operada.

Ela nunca o vira vestido com outra coisa que não fosse o volumoso hábito cinzento ou uma túnica mais simples, também cinzenta, para o trabalho mágico. Naquela noite estava envolto em cores vivas que o faziam parecer grosseiro e sinistro... Assustador. O seu cabelo prateado brilhava como oiro virgem sob um diadema com chifres que lhe escondia parcialmente o rosto. Envergava uma túnica carmim semelhante àquela que ela própria tinha vestida com símbolos bordados a negro dos quais Deoris desviou os olhos, envergonhada: os emblemas eram símbolos mágicos legítimos, mas em conjunto com os ornamentos da sua própria roupa, pareciam-lhe obscenos. Sob a túnica carmim, Riveda tinha vestida uma outra muito justa tingida de azul e isso era, para Deoris, a maior das obscenidades, pois o azul era a cor sagrada de Caratra e era reservada às mulheres.

Descobriu que não conseguia olhar para o corpo dele e tinha as faces enrubescidas. Por cima de tudo aquilo, ele tinha a capa larga dos magos que podia ser cruzada formando um Hábito Negro. Vendo que as suas faces recuperavam, lentamente, a tonalidade normal, Riveda sorriu-lhe severamente.

— Não estás a pensar, Deoris! Estás a reagir às superstições da tua infância. Anda, que foi que eu te ensinei sobre as vibrações e as cores?

Ela sentiu-se ainda mais envergonhada e pateta perante a reprimenda.

— O vermelho vitaliza e estimula — murmurou, recitando — enquanto que o azul produz calma e paz, mediando todas as condições febris e inflamadas. E o negro absorve e intensifica todas as vibrações.

— Assim está melhor — aprovou ele, sorrindo. Depois observou com olhar crítico as roupas dela e, uma vez satisfeito, disse.

— Falta uma coisa. Usas isto por mim, Deoris?

Estendeu-lhe um cinto. Esculpido em anéis de madeira, era unido por cordões carmim num padrão antigo. Na madeira estavam gravadas runas e, por um momento, um qualquer instinto despertou em Deoris e os seus dedos recusaram-se a tocar no objecto.

Riveda, com uma severidade maior, disse:

— Estás com medo de usar isto, Deoris? Teremos de perder tempo com longas explicações?

Ela abanou a cabeça, repreendida, e começou a apertar o cinto em torno do corpo, mas Riveda curvou-se e impediu-a de o fazer. Com as suas mãos fortes e cobertas de cicatrizes pôs-lho cuidadosamente em torno da cintura atando os cordões com um nó firme e terminando com um gesto que, para ela, era incompreensível.

— Usa isto até que eu te dê autorização para o tirares — disse-lhe. — Agora vem.

Ela quase se rebelou novamente quando viu para onde ele a levava, para a tremenda Cripta amortalhada do Avatar onde jazia o Homem das Mãos Cruzadas, permanentemente acorrentado.

Uma vez no interior observou, imóvel, Riveda acender uma chama ritual sobre o altar que permanecera obscuro durante um milhão de anos.

Na sua voz mais grave, resplandecente nas suas vestes simbólicas, ele começou a entoar um cântico invocatório e Deoris, reconhecendo-o, soube, tremendo de terror, o que estava a ser invocado. Estaria Riveda realmente louco? Ou seria esplêndida e soberbamente corajoso? Aquela era a mais negra das blasfémias... Ou não seria? E para quê?

Tremendo, não teve qualquer alternativa senão juntar a sua própria voz à invocação. Uma voz respondia à outra numa súplica negra, estrofe e anti-estrofe, invocando... Convencendo...

Riveda afastou-se subitamente do grande altar de pedra onde jazia uma criança e, com horror súbito, Deoris viu o que ele tinha nas mãos. Tapou a boca com as suas próprias mãos para não gritar quando reconheceu a criança: Larmin. O filho de Karahama, o irmão mais novo de Demira... O filho do próprio Riveda...

A criança observava-os com olhos drogados e destituídos de curiosidade. Foi tudo feito com uma tal rapidez, que a criança se limitou a soltar um único gemido abafado de apreensão e depois mergulhou novamente no sono drogado. Riveda regressou à terrível cerimónia que se tornara, para Deoris, num ritual demoníaco, conduzido por um maniaco.

Nadastor deslizou das sombras, soltou o rapazinho, ergueu o pequeno corpo inconsciente do altar e levou-o da Cripta.

Deoris e Riveda estavam sozinhos no Santuário Negro — no mesmo santuário onde Micon fora torturado a sós com o Deus Não Revelado.

Com o espírito perturbado pelo impacto daquilo que via e que ouvia, começou a compreender, se não a totalidade, pelo menos a tendência do ritual blasfemo: a intenção de Riveda era nada menos do que libertar o terrível poder aprisionado do Deus Negro e provocar o regresso da Estrela Negra. Mas havia algo mais, algo que ela não compreendia totalmente... Ou não se atreveria a compreender?

Caiu de joelhos; um terror mortal e intangível cerrava-lhe a garganta e, embora o seu espírito gritasse Não!

Não-não-não-não! nas garras daquele sonho hipnótico, não conseguia mover-se ou gritar. Com uma única palavra ou gesto de protesto ela poderia distorcer e desfazer de tal forma o padrão do ritual que tornaria inevitável o falhanço de Riveda... mas emitir sons estava para lá das suas capacidades e não conseguia erguer uma mão ou mover a cabeça mais do que ligeiramente para um lado e para o outro... E, como no meio daquela crise não conseguiu reunir a coragem suficiente para desafiar Riveda, o seu espírito mergulhou na incoerência, procurando uma fuga à culpa pessoal.

Não conseguia — não se atrevia — compreender o que via e ouvia; o seu cérebro recusava-se a apreender a situação. Os seus olhos ficaram vazios, cegos e, apesar de Riveda ter visto os últimos vestígios de sanidade a desvanecerem-se nos seus olhos muito abertos, deu ao fato muito pouca atenção; todo ele estava absorto naquilo que fazia.

A chama sobre o altar cresceu.

A imagem acorrentada e sem rosto mexeu-se...

Deoris viu o sorriso do Homem das Mãos Cruzadas arreganhar-se no meio das sombras distorcidas. Depois, por instantes, viu o que Riveda via, uma figura acorrentada e sem rosto, de pé...

Mas depois, também isso se desvaneceu. Onde estivera a forma enorme e tremenda, agigantava-se, reclinada e amortalhada, uma imagem que se movia e debatia contra as correntes.

Depois Deoris viu apenas uma girândola de luzes que explodiu e na qual ela caiu de cabeça. Mal deu por isso, quando Riveda a agarrou. Estava inerte, apenas semiconsciente, com o espírito afogado no olhar compassivo do Homem das Mãos Cruzadas, cega pela girândola de luzes que rodopiava, brilhante, sobre as suas cabeças. Apercebeu-se, vagamente, de que Riveda a erguia e depositava sobre o altar e sentiu momentaneamente o choque da consciência e do medo gelado quando foi forçada a deitar-se sobre a pedra húmida. Ali não, ali não, não sobre a pedra manchada com o sangue da criança...

Mas ele não está morto! Pensou com uma irrelevância idiota, ele não está morto, Riveda não o matou, se ele não morreu não tem importância...

Como se rompesse a crista de uma grande vaga escura, Deoris recuperou subitamente a consciência, sentindo frio e dores nas suas queimaduras ainda não totalmente saradas. A chama sobre o altar extinguiu-se; o Homem das Mãos Cruzadas não passava agora de uma forma velada na escuridão.

Riveda, já sem frenesim, estava a retirá-la cuidadosamente do altar. Com a sua compostura e severidade habituais, ajudou-a a compor as roupas. Ela sentia-se magoada, enjoada e sem forças e apoiou-se pesadamente em Riveda, tropeçando um pouco nas pedras escorregadias e adivinhou, corretamente, que ele estava a recordar-se de uma outra noite naquela cripta, anos antes.

Algures no labirinto ouvia, distantes, os soluços de dor e de medo de uma criança. Pareciam misturar-se com a sua própria confusão e terror e ela levou as mãos à cara para se certificar de que não chorava, tentando perceber se os sons provinham do interior ou do exterior.

Riveda deteve-se à porta do quarto onde ela permanecera durante a sua longa doença, chamando a surda-muda e dando-lhe algumas ordens em linguagem gestual.

Virou-se novamente para Deoris e falou-lhe com uma formalidade fria que a gelou até aos ossos:

— Amanhã vais ser conduzida à superfície. Não tenhas medo de confiar em Demira, mas sê muito cuidadosa. Lembra-te do que eu te disse, especialmente no que se refere à tua irmã Domaris!

— Fez uma pausa, por uma vez incapaz de encontrar as palavras certas. Depois, com uma reverência súbita e inesperada, o Adepto caiu de joelhos na frente da moça aterrorizada e, pegando na sua mão gelada, levou-a aos lábios e depois ao coração.

— Deoris — disse em voz pouco firme. — Oh, meu amor...

Soltou-lhe rapidamente a mão, pôs-se de pé e desapareceu antes que a moça pudesse dizer uma única palavra.

## LIVRO QUATRO

### RIVEDA

"... De acordo com o senso comum, o Bem tende a crescer e a preservar-se, enquanto que o Mal tende a desenvolver-se até se destruir a si próprio. Mas talvez essas definições não estejam correctas — seria um mal o Bem expandir-se até se sobrepor ao Mal e o destruir para sempre?

... Toda a gente nasce com uma reserva de conhecimentos que não sabe possuir... O corpo humano, feito de carne e de sangue, que tem de se alimentar das plantas e dos seus frutos e da carne dos animais, não é uma habitação digna para o espírito eterno que nos anima — e por essa razão temos de morrer — mas algures, no futuro, existe a certeza de um novo tipo de corpo que conseguirá durar mais do que as pedras que não morrem... As coisas que aprendemos provocam faúlhas e essas faúlhas ateiam fogos e a luz dos fogos revela coisas estranhas que se movem na escuridão... As trevas podem ensinar-nos coisas que a luz nunca viu nem nunca será capaz de ver...

Não estando dispostas a continuar uma existência de minerais, as plantas foram as primeiras rebeldes; mas os prazeres de uma planta estão limitados às formas que esta encontra de iludir as leis que governam o mundo mineral... Há minerais venenosos que

podem matar plantas, animais ou homens. Existem plantas venenosas que podem matar animais ou homens. Há animais venenosos (sobretudo répteis) que podem matar homens... Mas o Homem é incapaz de continuar este envenenamento em cadeia, embora possa envenenar outras criaturas, pois nunca desenvolveu os meios necessários ao envenenamento dos deuses..."

— excerto do Códice do Adepto Riveda

## Capítulo Um

### Um Mundo De Sonhos

— Mas Domaris, porquê? — Perguntou Deoris. — Porque o odeias tanto?

Domaris recostou-se no banco de pedra onde estavam sentadas, brincando distraidamente com uma folha seca que caíra nas pregas do seu vestido antes de a deitar para o lago junto ao qual conversavam. Formaram-se pequenas ondas que brilharam à luz do Sol.

— Não creio que odeie Riveda — reflectiu Domaris mudando, com esforço, a posição do corpo inchado como se estivesse a sentir dores. — Mas não confio nele. Tem algo que me... Arrepia -Olhou para Deoris e aquilo que viu no rosto pálido da irmã fê-la acrescentar, com um gesto displicente. — Não me dês demasiada importância. Conheces o Riveda melhor do que eu. E... Oh, se calhar não passa tudo de imaginação minha! As mulheres grávidas são dadas a fantasias idiotas.

No outro extremo do pátio interior, a cabeça despenteada de Micaíl apareceu por detrás de um arbusto e desapareceu novamente. Ele e Lissa andavam a brincar às escondidas.

A menina correu sobre a relva.

— Estou a ver-te, Micaíl! — Gritou ela em voz aguda acorrendo-se junto às saias de Domaris. — Pi!

Domaris riu-se e fez uma festa no ombro da menina olhando com satisfação para Deoris. Os últimos seis meses tinham operado muitas transformações na mulher mais nova; Deoris já não era o mesmo espectro de olhos esbugalhados, envolto em ligaduras e fraco e cheio de dores que Domaris trouxera do Templo Cinzento. O seu rosto começara a recuperar a cor, embora continuasse demasiado pálida para o gosto de Domaris, e já não estivesse tão terrivelmente magra.

Domaris franziu o sobrolho quando voltou a sentir uma suspeita que teimava em não a deixar. Essa mudança reconheço eu! Domaris nunca forçava confidências, mas não conseguia deixar de se perguntar, com irritação, o que acontecera a Deoris. Aquela história de ela ter caído da muralha junto ao mar para dentro dos fogos do farol... Havia ali qualquer coisa que soava a falso.

— Tu não és dada a fantasias idiotas, Domaris — insistiu a moça. — Porque é que desconfias do Riveda?

— Porque... Porque não o acho verdadeiro. Esconde de mim aquilo que pensa e acho que me mentiu em mais do que uma ocasião. — A voz de Domaris tornou-se dura e fria como gelo. — Mas sobretudo por causa do que ele está a fazer-te! O homem está a usar-te, Deoris... Ele é teu amante? — Perguntou de repente examinando o rosto jovem com o olhar.

— Não! — A negação surgiu rápida e quase instintiva. Lissa, esquecida junto ao joelho de Domaris, olhou para uma e outra irmã, confusa e um pouco preocupada; depois sorriu ligeiramente e correu atrás de Micail. Os adultos tinham daquelas coisas. Não costumava ter importância nenhuma, tanto quanto Lissa conseguia ajuizar, e por isso raramente prestava atenção àquelas conversas... Embora já tivesse aprendido a não as interromper.

Domaris chegou-se um pouco a Deoris e perguntou, mais gentilmente.

— Então... Quem é?

— Eu... Não sei que queres dizer — disse Deoris, mas os seus olhos pareciam os de uma criatura encurralada e assustada.

— Deoris — disse a irmã bondosamente — sê honesta comigo, Gatinha. Achas que mo podes esconder para sempre? Sirvo Caratra há mais tempo do que tu... Ainda que sem a tua competência.

— Eu não estou grávida! Não é possível... Não estou! — Depois, controlando o pânico, Deoris refugiou-se na arrogância. — Não tenho amante!

Os olhos cinzentos e graves examinaram-na novamente.

— Podes ser uma feiticeira — disse Domaris deliberadamente — mas nem toda a tua magia conseguiria esse milagre. — Pôs o braço em torno de Domaris mas a moça afastou-o com petulância.

— Não faças isso! Não estou grávida!

A reacção foi tão imediata, tão irada, que Domaris se limitou a olhá-la, de boca aberta. Como conseguiria Deoris mentir com tanta convicção a não ser... A não ser... Será que aquele maldito Hábito Cinzento lhe ensinou as suas próprias técnicas de ilusão? A idéia perturbava-a.

— Deoris — disse em jeito de interrogação — é o Riveda?

Deoris afastou-se dela amuada e assustada.

— E se fosse — que não é! — eu teria esse direito! Tu exercestes o teu!

Domaris suspirou; Deoris estava a revelar-se difícil.

— Sim — disse a mulher mais velha em tom fatigado — não tenho o direito de te culpar. No entanto... — Olhou para o outro lado do jardim, para as crianças que brincavam, com as sobranceiras contraindo-se num meio sorriso cheio de perturbação. — Posso desejar que tivesse sido com outro homem.

— Tu odeia-lo! — Gritou Deoris, — Acho que tu... Eu odeio-te! — Pôs-se de pé precipitadamente e fugiu do jardim sem olhar para trás. Domaris fez menção de a seguir, mas depois deixou-se cair pesadamente com um suspiro.

Para quê? Sentia-se cansada, fatigada e nada inclinada a acalmar as birras da irmã. Domaris sentia-se incapaz de resolver a sua própria vida naquele momento, como poderia resolver também a da irmã?

Quando estivera grávida do filho de Micon, Domaris sentira uma estranha reverência pelo seu corpo; nem mesmo o fato de saber que o destino de Micon pairava sobre eles como uma sombra diminuía a sua alegria. Estar grávida de Arvath era diferente; aquilo era um dever, o honrar de um compromisso.

Estava resignada mais do que feliz. Cheia de dores, caminhava receosa com as palavras da Mãe Ysouda a soarem-lhe, baixinho, no espírito. Domaris sentia um amor culpado e cheio de arrependimento pelo filho de Arvath que estava para nascer, como se o tivesse enganado ao concebê-lo.

E agora... Porque estará Deoris assim? Talvez a criança não seja filha de Riveda e ela esteja com medo da reacção dele...?

Domaris abanou a cabeça sem ser capaz de perceber aquele mistério.



Ela tinha a certeza da condição da irmã devido a pequenos sinais inequívocos. A negação da moça entristecia e magoava Domaris. A mentira, em si própria, não era importante para ela, mas as razões que a motivavam revestiam-se da maior importância.

Que será que eu fiz para a minha própria irmã não me considerar digna da sua confiança?

Levantou-se, com um pequeno suspiro, e dirigiu-se pesadamente para o arco que conduzia ao interior do edifício culpando-se amargamente pela sua negligência. Estivera mergulhada no desgosto pela morte de Micon... E depois surgira o seu casamento e a longa doença que se seguira à perda da criança e os seus deveres no templo eram pesados. No entanto, de alguma forma, deveria ter encontrado maneira de satisfazer as necessidades de Deoris.

Rajasta avisou-me, há anos. Pensou Domaris com tristeza. Teria sido isto o que ele previa? Quem me dera ter-lhe dado ouvidos. Se a Deoris perdeu a confiança em mim... Fazendo uma pausa, Domaris tentou recuperar a confiança.

Deoris é uma moça estranha, sempre foi rebelde. E esteve tão doente, talvez ela não estivesse a mentir. Talvez não saiba mesmo, talvez não se tenha dado ao trabalho de pensar nos aspectos físicos da questão. Isso seria mesmo típico da Deoris!

Por instantes, Domaris viu o jardim envolto em arco-íris através dos olhos marejados de lágrimas inesperadas.

Durante os últimos meses, Deoris abandonara-se ao momento presente, não pensando no futuro nem se permitindo pensar no passado. Vogava à superfície dos acontecimentos e, quando dormia, sonhava obsessivamente com aquela noite na Cripta... Os pesadelos eram tantos e tão aterrorizadores, que ela quase se convenceu a si própria de que o derramamento de sangue, a invocação blasfema, tudo o que ali acontecera, não passara de mais um sonho assustador.

Essa ilusão fora reforçada pela facilidade com que pudera retomar o fio interrompido da sua vida. A história que Riveda contara fora aceite sem levantar questões.

Devido à insistência da irmã, Deoris regressara para casa de Domaris. A casa não era a mesma. A Casa dos Doze alojava agora um novo grupo de Acólitos. Domaris e Arvath, com Elis e Chedan e outro casal jovem, ocupavam aposentos agradáveis num outro edifício. Deoris fora bem recebida naquela casa e fazia parte da vida da família. Até àquele momento, Domaris não lhe fizera uma única pergunta sobre os últimos anos.

Mas eu deveria ter sabido! Pensou Deoris supersticiosamente e estremeceu. Na noite anterior, já muito tarde, Demira esgueirara-se em segredo pelos pátios e entrara no seu quarto murmurando desesperadamente:

— Deoris... Oh, Deoris, sei que não devia estar aqui, mas não me mandes embora, estou tão, tão assustada!

Deoris metera a criança na cama e abraçara-a até os soluços assustados se acalmarem e depois perguntou, incrédula:

— Mas que foi Demira, que se passa? Eu não te mando embora, querida, seja o que for que tenha acontecido, podes contar-me o que se passa! — Olhou para a moça magra aninhada a seu lado, de olhar assustado e disse. — E não é provável que a Domaris entre a esta hora da noite no meu quarto. Mas se entrasse, eu dizia-lhe... Dizia-lhe qualquer coisa.

— Domaris — disse Demira lentamente e sorriu com o sorriso triste e cheio de sabedoria que sempre entristecera Deoris; era um sorriso tão velho para um rosto tão infantil. — Ah, a Domaris nem sabe que eu existo, Deoris. Ver-me não alteraria esse estado de coisas. — Demira sentou-se e olhou para Deoris por um instante antes de

desviar novamente os olhos cinzentos prateados, vazios e cegos, com o branco todo à vista. — Uma de nós morrerá muito em breve — disse ela subitamente numa voz estranha e inexpressiva tão desfocada como os seus olhos. — Uma de nós três morrerá e o filho com ela. A segunda caminhará ao lado da Morte mas esta só levará o seu filho. E a terceira rezará para que a Morte a leve a si e ao seu filho mas ambos viverão para amaldiçoar o próprio ar que respiram.

Deoris agarrou os ombros magros e abanou Demira com força.

— Acorda! — Ordenou numa voz aguda e assustada. — Sabes sequer o que estás a dizer?

Demira sorriu um sorriso estranho com o rosto relaxado e distorcido.

— Domaris e tu e eu... Domaris, Deoris, Demira; se disseses os três nomes muito depressa é difícil saber qual dos três nomes dizes, não? Estamos ligadas umas às outras por mais do que isso, no entanto, estamos as três ligadas umas às outras pelos nossos destinos; as três grávidas.

— Não! — Gritou Deoris numa negação tão rápida quanto veemente. Não, não, não de Riveda, não essa crueldade, não essa traição,.. Curvou a cabeça, perturbada e com medo, incapaz de enfrentar os olhos jovens e sensatos de Demira. Desde aquela noite em que ela, Riveda e o cheia tinham ficado presos no ritual que libertara sobre eles o Espírito do Fogo, marcando-a com o selo ardente do dorje, Deoris tivera de se esconder para o ritual da purificação... Pensara nisso, lembrando as histórias de terror contadas pelas saji de mulheres atingidas e tornadas estéreis, recordando os conselhos que Maleina lhe dera há muito tempo atrás. Secretamente, começara a acreditar que, tal como os seus seios estavam marcados de forma irreversível, também a cidadela da sua feminilidade fora atingida ficando seca, uma coisa assexuada, a mera concha de uma mulher. Até mesmo quando Domaris sugerira uma explicação mais simples — que podia estar grávida — não a conseguira aceitar. Certamente que se fosse capaz de conceber, teria engravidado de Riveda há muito mais tempo!

Ou não teria? Riveda era versado nos mistérios e sabia evitar a concepção se assim lhe aprouvesse. Com um assomo de intuição terrível, surgiu-lhe uma idéia que ela rejeitou rapidamente.

Oh, não, não naquela noite na Cripta... A invocação louca... A cinta que continua, neste momento, escondida por baixo da minha camisa de noite...

Com um esforço desesperado, expulsou a recordação do seu espírito. Isso nunca aconteceu, foi um sonho... Com exceção da cinta. Mas se essa é real, então... Não. Tem de haver uma explicação qualquer...

Depois o seu espírito fixou-se numa outra coisa que Demira dissera, agarrando-se a isso quase com alívio.

— Tu!

Demira olhou, suplicante, para Deoris.

— Vais acreditar em mim — disse ela, lamentosa — não vais rir-te de mim?

— Oh, não Demira, não, é claro que não — Deoris olhou para o rosto de duende que agora se encostava, confiante, no seu ombro. Demira, ao menos, pouco mudara naqueles três anos.

Continuava a mesma, estranha e sofredora, uma menina travessa que, inicialmente, provocara desconfiança e medo a Deoris e depois piedade e amor. Demira tinha agora quinze anos, mas parecia essencialmente a mesma e parecia ter apenas doze anos: mais alta do que Deoris mas muito esguia, frágil, com uma mistura peculiar e enganadora de imaturidade e sabedoria.

Demira sentou-se e começou a contar pelos dedos.

— Foi como um terrível pesadelo. Aconteceu, oh, talvez uma lua depois de nos teres deixado.

— Há cinco meses — incitou-a Deoris com meiguice.

— Uma das crianças mais pequenas veio dizer-me que me chamavam no quarto à prova de som. Não pensei nada de especial. Eu estivera a trabalhar com os cheias de Nadastor. Mas o quarto estava vazio. Esperei e depois... Depois entrou um sacerdote, mas usava... Usava uma máscara e estava vestido de preto, com cornos sobre a testa! Ele não disse nada, limitou-se... Agarrou-me e... Oh, Deoris!

A criança começou a chorar amargamente.

— Demira, não!

Demira esforçou-se por conter as lágrimas murmurando.

— Acreditas em mim... Não vais rir-te de mim?

Deoris embalou-a para trás e para a frente como se ela fosse um bebê.

— Não, não querida, não — consolou-a. Sabia muito bem o que Demira queria dizer. Fora do Templo Cinzento, Demira e as suas semelhantes eram desprezadas como prostitutas ou pior; mas Deoris, que vivera no Templo Cinzento, sabia que Demira e as suas iguais eram honradas e respeitadas, pois eram sagradas, indispensáveis e estavam sob protecção dos Adeptos mais altamente colocados. A ideia de uma saji ser violada por um desconhecido era impensável, fantástica... Quase sem acreditar, Deoris perguntou: — Não fazes ideia nenhuma de quem ele era?

— Não... Oh, eu devia ter contado a Riveda, devia ter contado, mas não consegui, não consegui! Depois de... De o Hábito Negro se ter ido embora eu... Eu fiquei para ali a chorar e a chorar, não conseguia parar, eu... Foi o Riveda que me ouviu e que me encontrou ali. Ele foi... Dessa vez foi bondoso, agarrou-me e abraçou-me e... Ralhou comigo até eu parar de chorar. Ele... Ele tentou fazer com que eu lhe dissesse o que se passara, mas eu... Eu tive medo que ele não acreditasse em mim...

Deoris largou Demira e ficou imóvel como uma estátua. Pedacos de conversas escutadas de forma indistinta flutuaram novamente no seu espírito; a sua intuição transformou-se em certeza e murmurou, de forma quase automática, uma invocação.

— Mãe Caratra! Protege-a — pela primeira vez em muitos anos.

Não podia ser, não era simplesmente possível, era impensável... Ficou imóvel, temendo que a sua expressão traísse aquilo que pensava.

Por fim Deoris disse, rigidamente.

— Mas contaste a Maleina, filha? Certamente que sabes que ela te protegeria. Penso que ela mataria com as próprias mãos quem se atrevesse a magoar-te ou a fazer-te mal.

Demira abanou a cabeça silenciosamente; só passados vários minutos disse, num murmúrio:

— Tenho medo de Maleina. Vim ter contigo por causa... Por causa da Domaris. Ela tem influência junto de Rajasta... Da última vez que os Hábitos Negros apareceram no nosso templo, houve muitas mortes e muito terror e agora, se eles voltaram... Os Guardiães deviam saber disso. E a Domaris é... É tão bondosa e tão linda... É capaz de ter piedade até mesmo de mim...

— Falarei com a Domaris quando puder — prometeu Deoris com os lábios secos, mas o conflito despedaçava-a. — Demira, não debes alimentar muitas esperanças.

— Oh, tu és boa, Deoris! Deoris, como eu te amo! — Demira agarrou-se à moça mais velha com os olhos brilhantes de lágrimas. — E Deoris, se Riveda tiver de saber... Contas-lhe tu? Ele a ti permite tudo, mas agora ninguém se atreve a chegar perto dele, desde que tu nos deixaste ninguém se atreve a falar com ele a não ser que ele fale

primeiro e, mesmo assim... — Demira calou-se. — Ele foi bondoso quando me encontrou, mas mesmo assim eu tive medo.

Deoris acariciou meigamente o ombro da menina e o seu próprio rosto ficou severo. Os últimos resquícios de dúvida desvaneceram-se. Riveda ouviu-a chorar? Num quarto fechado e à prova de som? Acredito nisso quando o Sol brilhar a meio da noite! — Sim — disse Deoris sombriamente — eu falo com Riveda.

— Ela nem sequer suspeitou, Deoris. E eu também não queria que tu o soubesses, mas visto seres tão astuta, sim, admito que fui eu. — A voz de Riveda era tão grave e agreste como a rebentação no Inverno. Continuou a falar na mesma voz grave e gelada. — Se pensares em dizer-lho eu... Deoris, por mais querida que me sejas, acho que te mato!

— Tem cuidado não sejas tu a morrer — disse Deoris friamente.

— Supõe que a Maleina faz a mesma dedução que eu?

— Maleina! — Riveda quase cuspiu o nome da Adepta. -Ela fez o que podia para dar cabo da criança... Mesmo assim, eu não sou um monstro, Deoris. O que a Demira não sabe não a atormentará. E... Uma infelicidade ela saber que eu sou pai dela; fui um idiota ao permitir que isso se soubesse mesmo no Templo Cinzento. Eu assumo a responsabilidade. O melhor é a Demira não saber mais do que já sabe.

Enjoada, Deoris gritou:

— E conferras-me isso a mim?

Lentamente, Riveda assentiu.

— Sei agora que Demira foi concebida e educada com este único objectivo. Se assim não fosse, por que razão teria eu estendido a mão para a salvar da morte nas muralhas da cidade? Não sabia o que estava a fazer, não nessa altura. Mas não vês como é miraculosa a forma como tudo se conjuga para fazer sentido? A moça não presta para mais nada... Fez com que Karahama me odiasse só pelo fato de ter nascido. — E, pela primeira vez, Deoris pressentiu um ponto fraco na armadura gelada do Adepto mas ele continuou rapidamente. — Mas não vês agora como tudo faz parte de um padrão mais alargado? Eu não sabia disso quando ela nasceu, mas Karahama é do teu sangue assim como Demira e tem esse traço da Linhagem dos Sacerdotes, é sensível. E assim, até mesmo esse pequeno fato desconhecido desempenhará um papel no Grande Trabalho.

— Não te importas com mais nada? — Deoris olhou para Riveda como se ele fosse um estranho. Naquele momento parecia-lhe tão estranho como se tivesse vindo do outro lado dos mares desconhecidos. Aquela conversa acerca de padrões, como se tivesse planeado o nascimento de Demira com aquele objectivo... Estaria ele doido? Deoris sempre acreditara que a estranheza das suas palavras escondia um propósito elevado e magnífico que ela era demasiado jovem e ignorante para compreender. Mas aquilo, aquilo ela compreendia como sendo uma loucura corrupta e ele falava daquilo como se fosse mais um objectivo de grande elevação. Seria então tudo loucura e ilusão, teria sido arrastada para a insanidade e para a corrupção sob a ilusão de que fora escolhida pelo grande Adepto? Tinha os lábios a tremer; lutou para não se ir abaixo.

Os lábios de Riveda curvaram-se num sorriso brutal.

— Ora, minha tontinha, parece-me que estás com ciúmes!

Em silêncio, Deoris abanou a cabeça. Não confiava em si própria o suficiente para falar. Virou-se mas Riveda agarrou-a com força pelo braço.

— Vais contar tudo isto a Demira? — Exigiu saber.

— Para quê? — Perguntou Deoris friamente. — Para ela ficar tão agoniada como eu estou? Não, guardarei o teu segredo. Agora tira as mãos de cima de mim!

Os seus olhos abriram-se muito por um instante e a mão caiu ao lado do corpo.

— Deoris — disse numa voz mais persuasiva — antes tu sempre me compreendeste.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Compreendi-te? Não, nunca. E tu nunca foste assim! Isto é.. Bruxaria, distorção... Magia negra!

Riveda engoliu a primeira resposta que lhe ocorreu e limitou-se a murmurar, com certa melancolia:

— Bem, chama-me então Mago Negro e acaba com isto. — Depois, com a ternura que nele era tão rara, puxou para si o corpo dela retraído e rígido. — Deoris — disse e as suas palavras soaram implorantes — tu sempre foste a minha força. Não me abandones agora! A Domaris conseguiu, em tão pouco tempo, virar-te contra mim?

Ela não conseguiu responder; estava a tentar contrariar as lágrimas.

— Deoris, o que está feito está e eu assumo-o. Agora já é muito tarde para fugir a rastejar e o arrependimento não mudaria nada. Talvez tenha sido... Insensato; posso ter sido cruel. Mas está feito. Deoris, tu és a única em quem me atrevo a confiar: toma Demira sob os teus cuidados, Deoris, torna-a tua filha. A mãe há muito que a abandonou e eu... Eu já não tenho quaisquer direitos, se é que alguma vez os tive. — Calou-se, com o rosto contorcido. Tocou levemente as terríveis cicatrizes escondidas sob a roupa. Depois as suas mãos desceram com meiguice até à cintura dela para tocar nos elos esculpidos da cinta simbólica com um gesto curiosamente hesitante. Ergueu os olhos e ela viu no seu rosto uma interrogação dolorosa que não compreendeu enquanto ele murmurava. — Tu ainda não sabes... Que os Deuses te guardem, que os Deuses vos protejam a todas! Eu abdiquei da protecção Deles. Fui cruel contigo... Deoris, ajuda-me! Ajuda-me, ajuda-me...

E, naquele momento, a sua reserva gelada derreteu-se por completo... E com ela desapareceu a ira de Deoris. Sufocada, lançou os braços em torno dele dizendo, quase incoerente.

— Ajudar-te-ei, Riveda, sempre... Ajudar-te-ei!

## **Capítulo Dois**

### **A Blasfêmia**

Algues no meio da noite, ouviu-se um vagido agudo que desfez o silêncio em tiras e Deoris levantou a cabeça do travesseiro, levando as mãos aos olhos doridos. O quarto estava coberto por uma escuridão espessa atravessada pelo luar que penetrava as persianas. Estava tão habituada ao silêncio dos pátios das saji — estivera a sonhar — depois a memória voltou. Não estava no Templo Cinzento nem sequer nos aposentos austeros de Riveda, mas sim na casa de Domaris; devia ser o Micaíl que estava a chorar...

Deslizou para fora da cama e, de pés descalços, atravessou o átrio estreito até ao quarto da irmã. Quando ouviu a porta a abrir-se, Domaris levantou a cabeça; estava meio despida, com o cabelo cor de cobre solto, cobrindo, como uma cortina, o rapazinho que estava agarrado a ela ainda a soluçar.

— Deoris, querida, ele acordou-te? Lamento. — Fez festas nos caracóis despenteados da criança enquanto o embalava docemente apoiado no ombro. — Pronto, pronto, chiu, chiu — murmurou.



Micail soluçou sonolentemente chorando ainda um pouco. A sua cabeça descaiu sobre o ombro de Domaris e depois ergueu-se novamente.

— Deoris — murmurou ele.

A moça foi ter rapidamente com ele.

— Domaris, deixa-me levar o Micail, ele já está muito pesado para ti agora — repreendeu-a baixinho. Domaris estava relutante, mas passou a pesada criança para os braços da irmã.

Deoris olhou para os olhos ensonados, azuis-escuros e para a mancha sardenta sobre o nariz arrebitado.

— Ele vai ser muito parecido com... — Murmurou. Mas Domaris estendeu as mãos como se se defendesse de uma pancada e a mulher mais nova engoliu o nome de Micon. — Onde queres que o ponha?

— Na minha cama; vai dormir comigo e talvez se acalme. Desculpa ele ter-te acordado, Deoris. Estás com um ar tão... Cansado — Domaris olhou para o rosto da irmã, pálida e magra e com um estranho ar de letargia fatigada. — Tu não estás bem, Deoris.

— Estou bem sim — disse Deoris com indiferença. — Preocupas-te demasiado. Tu própria não tens a melhor das saúdes — acusou-a, subitamente assustada. Com os olhos treinados de uma Sacerdotisa Curandeira, Deoris via agora aquilo que a obsessão consigo própria escondera: o quão magra Domaris estava apesar da sua gravidez; a forma como os ossos delicados do rosto estavam visíveis sob a pele, o quão inchadas e azuis estavam as veias na sua testa e nas mãos magras e pálidas...

Domaris abanou a cabeça mas o peso da criança que estava para nascer era um pesado fardo e as suas feições tensas deixavam transparecer a verdade. Ela apercebeu-se disso e sorriu, passando as mãos pelo corpo inchado com um encolher de ombros resignado.

— A má vontade e a gravidez nunca diminuem — disse em tom de brincadeira. — Vês... O Micail já está a dormir.

Deoris não permitiu a mudança de assunto.

— Onde está Arvath? — Perguntou com firmeza.

Domaris suspirou.

— Não está aqui, ele... — O seu pequeno rosto corou, a cor espalhando-se até ao decote do robe disforme. — Deoris, eu... Eu cumpri a minha parte agora! E não me queixei nem escapei ao meu dever! Nem usei o que a Elis... — Mordeu o lábio com força e continuou. — Este será o filho que ele deseja! E isso deverá contentá-lo!

Deoris, embora não soubesse nada acerca dos avisos da Mãe Ysouda, lembrou-se dos seus próprios conselhos. E a intuição dizia-lhe o resto.

— Ele é cruel contigo, Domaris?

— A culpa é minha, acho que matei a bondade daquele homem. Chega! Não devo queixar-me. Mas o amor dele é como um castigo! Não consigo suportá-lo mais! — A cor desaparecera-lhe do rosto deixando uma palidez mortal.

Deoris, caridosamente, desviou o olhar curvando-se para aconchegar a roupa a Micail.

— Porque não deixas que a Elara fique com ele durante a noite? — Protestou. — Assim não dormes nada!

Domaris sorriu.

— Ainda dormiria menos se ele estivesse longe de mim — disse e olhou com ternura para o filho. — Lembras-te de quando eu não conseguia compreender a razão porque Elis mantinha Lissa sempre junto dela? Além disso, a Elara agora só trabalha para

mim durante o dia. Quando ela se casou quis libertá-la totalmente, mas ela diz sempre que não me deixará entregue aos cuidados de uma estranha enquanto estiver assim. — O seu riso era apenas um fantasma de si próprio. — O seu filho nascerá pouco depois do meu! E mesmo assim continua a servir-me!

Deoris disse, amuada.

— Parece-me que todas as mulheres do Templo estão grávidas!

— Com um sobressalto culpado calou-se.

Domaris pareceu não dar por isso.

— A gravidez é uma doença que se apanha facilmente — disse ela descontraidamente e depois, endireitando-se, chegou-se à irmã.

— Não vás, Deoris... Fica aqui e fala comigo. Tenho saudades tuas.

— Se quiseres — disse Deoris deselegantemente. Depois, penitente, foi para o pé de Domaris e sentaram-se ambas sobre o divã baixo.

A mulher mais velha sorriu.

— Eu quero-te sempre, irmãzinha.

— Já não sou pequena — disse Deoris irritada atirando a cabeça para trás. — Porque é que me tratas como se eu fosse um bebê?

Domaris reprimiu uma gargalhada e pegou na mão delicada da irmã, adornada com um anel.

— Talvez... Talvez por teres sido o meu bebê antes de o Micail nascer. — O seu olhar caiu sobre o cinto estreito e esculpido que Deoris usava, largo, sobre a camisa de noite. — Deoris, o que é isso? — Perguntou baixinho. — Não creio que te tenha visto usar isso antes.

— É só uma cinta.

— Mas que estúpida que eu sou — disse Domaris secamente. Os seus dedos esguios tocaram os cordões púrpura que mantinham os elos juntos, estranhamente entrelaçados através dos símbolos de madeira entalhada. Atabalhoadamente, dobrou-se para os examinar mais de perto e, sustendo bruscamente a respiração, contou os elos. O cordão, formando nós de um estranho padrão, era triplo. Passava três vezes e outras sete pelos emblemas esculpidos. Era belo e, no entanto...

— Deoris! — Disse ela, a voz subitamente agreste. — Foi Riveda quem te deu isto?

Assustada pelo tom de voz da irmã, Deoris ficou amuada e defensiva.

— E porque não haveria de dar?

— E porque não, realmente? — As palavras de Domaris estavam cobertas de gelo. A sua mão cerrou-se com força em torno do pulso magro de Deoris. — E porque havia ele de te atar com uma coisa... Assim? Deoris, responde-me!

— Ele tem o direito...

— Nenhum amante tem esse direito, Deoris.

— Ele não é... Domaris abanou a cabeça.

— Mentas, Deoris — disse fatigada. — Se o teu amante fosse qualquer outro homem, mataria Riveda antes de permitir que ele pusesse essa... Essa coisa em cima de ti! — Fez um som estranho que era quase um soluço. — Por favor... Não me mintas mais, Deoris. Achas que vais poder esconder isso para sempre? Durante quanto tempo vou ter de fingir que não vejo que tens uma criança por baixo dessa... Dessa... — A voz traiu-a. Como Deoris era lamentavelmente simples, como se ao negar um fato conseguisse que este desaparecesse!

Deoris soltou a mão, olhando para o chão, com a face pálida e tensa. A culpa, o embaraço e o medo pareciam misturar-se nos seus olhos escuros e Domaris tomou a moça

mais nova nos braços.

— Deoris, Deoris, não fiques assim! Não estou a culpar-te a tí!

Deoris estava rígida nos braços da irmã.

— Domaris, acredita-me, não te menti.

Domaris levantou-lhe o queixo inclinando o pequeno rosto até os olhos da irmã, escuros como violetas esmagadas, encontrarem os seus.

— O pai é Riveda — disse ela calmamente. E, daquela vez, Deoris não a contradisse. — Não gosto disto nem um bocadinho. Algo de muito errado se passa, Deoris, ou não estarias a agir desta forma. Não és uma criança, não és ignorante, tiveste a mesma educação que eu e, neste aspecto em particular, ainda mais do que eu... Tu sabes — escuta-me, Deoris! Sabes que não precisavas de ter concebido essa criança se tu própria e Riveda não o tivessem desejado — concluiu inexoravelmente embora Deoris soluçasse e se debatesse para se livrar das suas mãos e dos seus olhos condenatórios. — Deoris... Não, olha para mim, diz-me a verdade... Ele forçou-te, Deoris?

— Não. — E, agora, a sua negação tinha a força da verdade. — Entreguei-me a Riveda de livre vontade e ele não é legalmente obrigado ao celibato!

— É verdade. Mas então porque é que ele não se casa contigo ou, pelo menos, não reconhece a criança? — Perguntou Domaris severamente. — Não há necessidade disto, Deoris. Estás grávida de um dos grandes Adeptos... Não interessa a opinião que eu tenho dele. Deverias caminhar orgulhosa perante toda a gente e não andares para aí apertada por uma cinta, forçada a mentir até mesmo a mim. Escravizada! Ele sabe?

— Eu... Eu acho...

— Tu achas! — A voz de Domaris soou fria como gelo. — Podes ter a certeza, irmãzinha, que se ele não sabe em breve o saberá! Filha, filha... O homem está a tratar-te injustamente!

— Tu... Tu não tens o direito de interferir — Com um súbito acesso de energia, Deoris libertou-se da irmã, olhando para ela irada, embora não fizesse menção de se afastar dela.

— Eu tenho o direito de te proteger, irmãzinha.

— Se eu escolhi engravidar de Riveda...

— Então Riveda tem de assumir as suas responsabilidades — disse Domaris secamente. As suas mãos dirigiram-se novamente à cinta que a irmã usava à cintura. — Quanto a esta coisa nojenta... — Os seus dedos evitavam os símbolos enquanto desapertava os nós. — Vou queimá-la! A minha irmã não é escrava de nenhum homem!

Deoris saltou, agarrando-se à cinta.

— Estás a ir demasiado longe! — Gritou e agarrou o pulso da irmã com força mantendo Domaris afastada. — Não toques nisso!

— Deoris, eu insisto!

— Não, já disse! — Embora tivesse um aspecto frágil, Deoris era uma moça forte e estava demasiado zangada para se importar com as consequências das suas ações. Afastou Domaris com uma pancada furiosa que fez com que a mulher mais velha gritasse de dor. — Deixa-me em paz!

Domaris deixou cair os braços e depois gemeu quando os joelhos cederam sob o seu peso.

Deoris agarrou imediatamente a irmã mesmo a tempo de impedir que caísse desamparada.

— Domaris — implorou já arrependida. — Domaris, perdoa-me. Magoei-te?

Domaris, controlando a ira, libertou-se dos braços da irmã e sentou-se lentamente

no divã.

Deoris começou a soluçar.

— Eu não queria magoar-te, sabes que nunca...

— Como é que eu posso saber uma coisa dessas! — Atirou-lhe Domaris, quase desesperada. — Nunca esqueci o que tu... — Parou, ofegante. Micon obrigara-a a jurar que nunca falaria nisso, insistindo que Deoris nunca tinha tido, nem nunca viria a ter, a mais leve memória daquilo que quase fizera. Vendo a infelicidade profunda estampada nos olhos de Deoris, Domaris disse, mais calmamente. — Sei que nunca me farias mal intencionalmente. Mas se magoasses o meu filho eu nunca poderia perdoar-to. Agora dá-me essa coisa maldita! — E avançou deLiberalmente na direção de Deoris, com o nojo estampado na cara enquanto desatava os cordões, como se tocasse algo de nojento.

A fina camisa de noite soltou-se à medida que ela foi desapertando a cinta e Domaris, que estendia uma mão para ajeitar a camisa, deteve-se e retirou a mão involuntariamente do seio nu. A cinta caiu esquecida no chão.

— Deoris! — Gritou horrorizada. — Deixa-me ver... Não, eu disse para me deixares ver! — A sua voz assumiu um tom de comando enquanto Deoris tentava puxar a camisa sobre as cicatrizes reveladoras. Domaris abriu a camisa e tocou suavemente o símbolo que, em relevo, brilhava vermelho e inchado sobre os seios arredondados, parecendo uma imitação disforme de um raio de relâmpago sobre a pele macia. — Oh, Deoris! — Gemeu Domaris consternada. — Oh, irmãzinha!

— Não, por favor Domaris! — A moça começou a puxar febrilmente pela roupa. — Isto não é nada... — Mas os seus esforços frenéticos para esconder as marcas limitaram-se a confirmar as piores suspeitas de Domaris.

— Não é nada, realmente! — Disse Domaris furiosa. — Suponho que vais tentar dizer-me que essas queimaduras são vulgares? Mais uma das obras de Riveda, imagino! — Afrouxou a pressão sobre o braço da moça olhando-a sombriamente. — Obra de Riveda. Sempre Riveda — murmurou olhando para a moça que estava cheia de medo... Depois, lentamente, deliberadamente, ergueu os braços numa invocação e a sua voz, baixa, tremendo mas clara, vibrou no quarto silencioso. — Que seja amaldiçoado.

Deoris recuou levando as mãos à boca e olhando-a horrorizada.

— Que seja amaldiçoado! — Repetiu Domaris. — Amaldiçoado pelo relâmpago que revela o seu trabalho, amaldiçoado pelo trovão que o esmagará! Que seja amaldiçoado pelas águas das inundações que tornarão estéril a sua vida! Que seja amaldiçoado pelo Sol e pela Lua e pela Terra, ao erguerem-se e ao porem-se, ao acordar e ao adormecer, ao viver e ao morrer, agora e para sempre! Que seja amaldiçoado para além da vida e da morte e para lá da redenção... Para sempre!

Deoris sufocava, chorando com soluços violentos, afastando-se cambaleante da irmã, como se fosse ela a destinatária das maldições de Domaris.

— Não! — Gemia — Não!

Domaris não lhe prestou atenção e continuou — que seja amaldiçoado sete vezes, cem vezes, até o seu pecado ter sido erradicado e o seu karma invertido! Que seja amaldiçoado e que a sua semente seja amaldiçoada até aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos e até à eternidade! Que seja amaldiçoado na sua última hora... E dou a minha vida em penhor da dele para que esta maldição não seja desfeita!

Com um grito, Deoris caiu no chão e ficou como morta, mas Micail limitou-se a mudar de posição por baixo dos cobertores e continuou a dormir.

Quando Deoris despertou da sua breve inconsciência, viu Domaris ajoelhada a seu lado examinando cuidadosamente as cicatrizes que o dorje deixara nos seus seios. Deoris

fechou os olhos, o espírito ainda vazio, entre o alívio, o terror e o nada.

— Mais uma experiência que ele não conseguiu controlar? — Perguntou Domaris bondosamente.

Deoris olhou para a irmã mais velha e murmurou.

— A culpa não foi dele..., Ele ficou muito mais magoado do que eu... — As suas palavras constituíam a acusação final, mas Deoris não se deu conta disso.

O horror de Domaris, contudo, era evidente.

— O homem enfeitiçou-te! Defendê-lo-ás sempre...? — Calou-se, implorando quase desesperadamente. — Escuta, tens de... Isto tem de ter um fim, não vão outros sofrer também! Se não és capaz de fazê-lo... Então és incapaz de agir como uma adulta e outros têm de intervir para te proteger! Pelos Deuses, Deoris, és tão louca que tenhas permitido... Isto?

— Que direito tens tu... — Deoris hesitou quando a irmã se afastou.

— É o meu dever ajuramentado — repreendeu-a Domaris severamente, numa voz muito baixa. — Ainda que não fosses minha irmã... Não sabias? Eu sou Guardiã.

Deoris, sem fala, ficou a olhar para Domaris e era como se olhasse para uma completa desconhecida que apenas fosse parecida com a irmã. Uma raiva gelada transparecia na imobilidade forçada de Domaris, na sua voz tensa e no brilho intenso do seu olhar — um ódio frio que era ainda mais terrível devido ao controlo a que estava sujeito.

— No entanto tenho de pensar em ti relativamente a tudo isto, Deoris — continuou Domaris, com os lábios cerrados. — Em ti... e no teu filho.

— No filho de Riveda — disse Deoris inexpressivamente. — O que... O que é que vais fazer? — Murmurou.

Domaris baixou o olhar, sombriamente, e as suas mãos tremiam quando voltou a compor as roupas da irmã mais nova. Esperava não ter de vir a usar aquilo que sabia contra a irmã, a quem continuava a amar mais do que a qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa com excepção dos seus próprios filhos, Micail e aquele que ainda não nascera... Mas Domaris sentia-se fraca. O cordão triplo e o controlo terrível que isso implicava. A forma terrível das cicatrizes no corpo de Deoris.

Curvou-se desajeitadamente e apanhou do chão a cinta que ali jazia quase esquecida.

— Farei o que tiver de fazer — disse Domaris. — Não quero tirar-te algo que pareces prezar, mas... — O seu rosto estava pálido e os nós dos dedos brancos quando agarrou nos elos esculpidos, odiando aqueles símbolos e o uso vil que lhes fora dado. — A não ser que me jures que nunca mais a usarás, queimo imediatamente esta porcaria!

— Não! — Deoris pôs-se de pé de um salto com um brilho febril no olhar. — Não to permitirei! Domaris, dá-me isso!

— Antes quero ver-te morta do que transformada numa marioneta... E com este objectivo! — O rosto de Domaris parecia talhado na pedra e a sua voz também tinha uma qualidade mineral e as palavras vibraram, duras, no ar. A pele do seu rosto estava esticada sobre os málares e até mesmo os lábios tinham perdido a cor.

Deoris estendeu as mãos implorantes e depois encolheu-se perante o olhar de desprezo estampado no olhar de Domaris.

— Tiveste a mesma educação que eu — disse a mulher mais velha. — Como pudeste permitir uma coisa destas, Deoris? Tu a quem Micon amava... A quem tratava quase como a uma discípula! Tu, tu podias ter... — Com um gesto desesperado, Domaris calou-se e virou-se dirigindo-se desajeitadamente ao braseiro a um canto do quarto. Deoris, apercebendo-se tardiamente da sua intenção, saltou no seu encalço...



Mas Domaris já lançara a cinta para o meio dos carvões incandescentes. A madeira seca incendiou-se, brilhante e ruidosamente, enquanto os cordões se contorciam como se fossem uma cobra branca. Em poucos segundos o objecto transformara-se em cinzas.

Domaris virou-se e viu que a irmã olhava impotente para as chamas, chorando como se fosse o próprio Riveda quem ali ardesse e, perante aquela visão, grande parte da sua ira fria e intensa desapareceu.

— Deoris — disse — Deoris, conta-me... Foste ao Santuário Negro? Estiveste junto do Deus Adormecido?

— Sim — murmurou Deoris.

Domaris não precisava de ouvir mais nada; os símbolos escritos na cinta contavam o resto.

— Ainda bem para Deoris que eu agi a tempo! O fogo purifica.

— Domaris! — Era uma prece patética e horrorizada.

— Oh, minha irmãzinha, minha gatinha... — Domaris era agora toda ela amor protetor e, murmurando palavras reconfortantes, tomou novamente a moça nos braços.

Deoris escondeu o rosto no ombro da irmã. Depois de a cinta ser queimada, ela começava a tomar consciência, ainda que vaga, de algumas das implicações de tudo aquilo, como se o nevoeiro se tivesse dissipado do seu cérebro. Não conseguia parar de pensar em tudo o que acontecera na Cripta e agora sabia que nada daquilo fora um sonho.

— Tenho medo, Domaris! Tenho tanto medo... Quem me dera estar morta! Eles... Eles também vão queimar-me a mim?

Domaris cerrou os dentes com um medo súbito e nauseante. Para Riveda não havia qualquer esperança de clemência e Deoris, ainda que inocente — e disso Domaris tinha muitas dúvidas -transportava a semente da blasfémia, concebida em sacrilégio e desenvolvida por baixo daquele símbolo tríplice odioso... Uma criança que eu própria amaldiçoei! E, ao aperceber-se disso, teve uma idéia. E Domaris não se deteve para avaliar os custos, apressando-se a confortar aquela criança que era sua irmã... Até mesmo para proteger aquela outra criança cujas origens negras não a fariam, talvez, terminar nas trevas mais profundas...

— Deoris — disse ela calmamente, pegando na mão da irmã. — não me faças perguntas. Posso proteger-te e fã-lo-ei mas não me peças para te explicar aquilo que tenho de fazer!

Deoris engoliu em seco e conseguiu, sem saber como, forçar-se a murmurar a promessa.

Domaris, com uma última hesitação, olhou para Micaíl. Mas a criança continuava abandonada ao seu sono infantil. Domaris esqueceu as suas dúvidas e voltou a concentrar a atenção em Deoris.

Uma nota baixa e meio cantada diminuiu o brilho da luz do quarto substituindo-o por uma luz tênue e dourada. Naquela radiância suave as duas irmãs encararam-se, Deoris esguia e jovem, as horríveis cicatrizes brilhantes sobre o seu peito, a promessa de maternidade apenas uma sombra nas pregas da camisa macia e Domaris, o corpo belo distorcido e enorme mas mantendo, ainda assim, alguma da calma imemorial que ela própria invocava. Cerrando as mãos uma na outra, ergueu-as lentamente na sua frente; separou-as e baixou-as de uma forma estranha e cerimonial. Qualquer coisa naqueles gestos e movimentos, uma memória instintiva talvez, ou intuição, silenciaram a pergunta meio formada que assomava aos lábios de Deoris.

— Que se afaste de nós tudo o que é profano — murmurou Domaris na sua límpida voz de soprano. — Que se afaste de nós tudo o que vive no mal. Que se afaste deste local onde nos encontramos, pois aqui a Eternidade lançou a sua sombra. Parti, vós

névoas e vapores, vós estrelas da escuridão, ide. Mantende-vos afastados das marcas das Suas pegadas e da sombra do Seu véu. Aqui procurámos santuário sob a cortina da noite e no interior do círculo das Suas estrelas brancas.

Deixou cair os braços ao longo do corpo. Depois seguiram juntas para o santuário que existia em cada um dos dormitórios no interior do Templo. Com dificuldade, Domaris ajoelhou e, adivinhando as suas intenções, Deoris ajoelhou-se ao seu lado e, tirando a vela das mãos da irmã, chegou o fogo ao óleo perfumado da devoção. Embora tencionasse cumprir a sua promessa de não fazer perguntas, Deoris começava a adivinhar qual o propósito de Domaris. Anos atrás fugira perante a sugestão daquele ritual; agora, enfrentando um medo inimaginável, com a vaga presença do filho no ventre, Deoris ainda conseguiu sentir-se grata por enfrentar aquele momento com Domaris e não com uma outra mulher ou sacerdotisa de quem tivesse medo. Ao fazer a sua parte, ao chegar fogo ao incenso que abria as portas do ritual, aceitava-o. E a pressão breve e delicada dos dedos esguios de Domaris na sua mão demonstrava que a mulher mais velha estava consciente da sua aceitação e do que esta significava... Foi apenas um toque fugidio; depois Domaris fez-lhe sinal para que se levantasse.

De pé, Domaris voltou a estender a mão para a irmã e tocou-lhe na testa, lábios, peito e — guiada por Domaris — Deoris repetiu os gestos. Depois Domaris abraçou a irmã e apertou-a por um momento.

— Deoris, repete as minhas palavras — ordenou-lhe baixinho e Deoris, espantada mas, no mais íntimo do seu ser sentindo o impulso de se afastar, de rir, de gritar alto e arruinar o ambiente que se formava, limitou-se a fechar os olhos por um instante.

Domaris entoou palavras calmas em voz baixa; a voz de Deoris era como que um eco fraco sem a segurança da voz da sua irmã.

— Aqui nós as duas, mulheres e irmãs, entregamo-nos a ti. Mãe da Vida... Mulher... E mais do que mulher... Irmã... E mais do que irmã... Aqui onde estamos na escuridão... E sob a sombra da morte... Invocamos-te, Oh, Mãe... Pelo teu próprio sofrimento, Oh, Mulher... Pela vida que transportamos no nosso seio... Juntas perante ti, Oh, Mãe, Oh, Mulher Eterna... E esta é a nossa súplica...

Agora, até mesmo a luz dourada no interior do quarto tinha desaparecido, extinta sem intervenção de qualquer uma delas. O próprio luar parecia ter desaparecido e pareceu, à meio aterrorizada, meio fascinada Deoris, que se encontravam no centro de um espaço imenso e vazio, assentes no nada. Todo o Universo se extinguiu, exceto uma pequena chama tremeluzente que brilhava como um pequeno olho vibrante. Seria o fogo no braseiro? O reflexo de uma luz maior que sentia mas não podia ver? Os braços de Domaris, ainda apertados em torno de si, eram ali a única realidade, a única coisa real e viva nos vastos espaços e as palavras que Domaris entoava baixinho, como fibras tecidas de um som sedoso, mantras entretecidos numa teia prateada de magia no meio da escuridão mística... A chama, o que quer que ela fosse, brilhava e esmorecia, brilhava e esmorecia, com a intensidade hipnótica de um vasto bater de coração ao ritmo da invocação murmurada:

— Que possam os frutos das nossas vidas ficar ligados eselados A ti, Oh, Mãe, Oh, Mulher Eterna, Que seguras a vida de cada uma das tuas filhas Entre as mãos e sobre o coração...

E seguiram-se mais palavras que Deoris, assustada e exaltada, não acreditava ouvir. Aquele era o mais sagrado dos rituais; votavam-se ao serviço da Mãe-Deusa, encarnação após encarnação, era após era, para toda a eternidade e, através de votos menores, ligavam-se a si próprias e aos seus filhos indissolúvelmente uns aos outros — um nó kármico, vida após vida, para sempre.

Transportada pela emoção, Domaris avançou no ritual sem se aperceber, indo muito mais longe do que fora sua intenção e, por fim, uma Mão invisível assinalou-as a ambas com um selo antigo. Iniciadas de pleno direito num dos ritos mais antigos e sagrados do Templo e do mundo, estavam protegidas e assinaladas pela Mãe — não por Caratra, mas pela Grande Mãe, pela Mãe Negra que estava por detrás de todos os homens e de todos os ritos e de todas as coisas criadas. As pequenas chamas aumentaram, incharam, transformando-se em grandes asas ardentes que saltaram para as envolver em toda a sua radiância.

As duas mulheres caíram de joelhos e depois ficaram prostradas lado a lado. Deoris sentiu o filho da irmã mover-se contra o seu corpo e o seu próprio filho por nascer mover-se fracamente, de uma forma quase sonhada e, num assomo de presciência mágica e insensata, adivinhou um envolvimento mais profundo para além desta vida e do presente, uma onda que avançava em direção ao mar e que envolveria certamente mais do que aqueles dois... E a glória brilhante que as envolvia transformou-se em voz. Não numa voz que conseguissem ouvir. Mas em algo mais directo, algo que sentiam com cada nervo e cada átomo dos seus corpos.

— Servis minhas então, era após era, enquanto o Tempo durar... Enquanto a Vida criar Vida. Irmãs e mais do que irmãs... Mulheres e mais do que mulheres... Saibam disto, juntas, pelo Sinal que vos dou...

O fogo extinguiu-se e a sala estava muito escura e calma. Deoris, recuperando um pouco, ergueu-se e olhou para Domaris e viu que aquela curiosa luminescência continuava a irradiar dos seus seios e do corpo pesado. O espanto e a reverência abateram-se novamente sobre ela e curvou a cabeça, virando os olhos para si própria... E sim, também ali, brilhando suavemente, estava o Sinal da Deusa...

Pôs-se de joelhos e ficou assim, silenciosa, absorta em pensamentos e orações. O brilho visível desapareceu rapidamente; na verdade, Deoris não conseguia ter a certeza de que alguma vez o vira. Talvez que, com a consciência exaltada e imersa no ritual, tivesse captado meramente um relance de uma realidade qualquer, normalmente invisível, para além do presente e do seu eu actual.

A noite já se desvanecia quando por fim Domaris se mexeu, recuperando lentamente a consciência e saindo do transe de êxtase, erguendo-se penosamente com um pequeno gemido de dor.

O parto aproximava-se, sabia-o... Sabia também que este ficara mais próximo depois daquilo que fizera. Nem mesmo Deoris conhecia tão bem como ela os efeitos da magia cerimonial nas complexas correntes nervosas do corpo das mulheres. O espanto e a reverência que ainda permaneciam no seu espírito ajudaram-na a ignorar as dores premonitórias enquanto os braços de Deoris a ajudavam a erguer-se. Mas, por um instante, Domaris encostou a testa ao ombro da irmã sentindo-se fraca e não se importando de revelar esse fato.

— Que o meu filho nunca magoe mais ninguém — murmurou — da forma como me magoa a mim...

— Nunca mais terá essa oportunidade — disse Deoris, mas a sua descontração era falsa. Sentia-se muitíssimo consciente de que fora descuidada e de que contribuíra para que as dores da irmã fossem maiores; sabia também que palavras contritas não constituíam qualquer ajuda. A sua sensibilidade anormal relativamente a Domaris era quase física e ajudou a irmã com uma enorme ternura a transparecer-lhe nos gestos das jovens mãos.

No olhar cansado de Domaris não havia qualquer recriminação quando fechou a

mão no pulso da irmã.

— Não chores, Gatinha. — Já sentada no divã, ficou a olhar para as cinzas do braseiro durante vários minutos antes de dizer calmamente. — Deoris, mais tarde saberás o que fiz... E porquê. Estás com medo?

— Só... Um pouco... Por ti. — Mais uma vez a afirmação não era totalmente verdadeira, pois as palavras de Domaris avisavam Deoris de que mais estava para vir. Domaris era forçada a agir por um rígido código que lhe era muito próprio e nada do que Deoris pudesse dizer ou fazer alteraria esse estado de coisas.

Domaris estava muito calada e muito séria.

— Devo deixar-te agora, Deoris. Fica aqui até eu voltar, promete-me! Fazes isso por mim, irmãzinha? — Puxou Deoris para si com uma possessividade quase selvagem, abraçou-a e beijou-a com fervor. — Mais do que minha irmã, agora! Fica em paz — disse e saiu do quarto, movendo-se rapidamente apesar do seu peso.

Deoris ajoelhou, imóvel, olhando para a porta fechada. Ela sabia melhor do que Domaris imaginava o que o rito em que fora admitida englobava. Ouvira falar dele e imaginara o seu poder... Mas nunca se atrevera a sonhar que um dia faria parte dele!

Teria sido isto, perguntou-se a si própria, aquilo que permite a Maleina entrar onde quiser sem que ninguém lho impeça? O que permitiu a Karabama — a uma saji, a uma mulher sem povo — servir no Templo de Caratra? Um poder que redime os malditos? Sabendo a resposta, Deoris já não tinha medo. A radiância desaparecera, mas o conforto permanecia e adormeceu ali, ajoelhada, com a cabeça apoiada nos braços.

Lá fora, tensa devido às dores que assinalavam o parto iminente, Domaris encostou-se à parede. As contrações passaram rapidamente e ela endireitou-se e continuou a percorrer o corredor, silenciosa e sem ser vista. Foi no entanto forçada a parar novamente, dobrando-se ao meio sob o impato da dor intolerável que lhe rompia as entranhas.

Gemendo baixinho, esperou que o espasmo passasse. Levou algum tempo a atingir a passagem raramente usada que dava para uma porta escondida.

Deteve-se, controlando a respiração. Estava prestes a violar um santuário antigo... Arriscava-se a uma profanação que ultrapassava a morte. Todos os dogmas do sacerdócio hereditário de que ela própria era produto e participante, gritaram-lhe que voltasse para trás.

A lenda do Deus Adormecido era horrenda. Há muito tempo — segundo A lenda — O das Trevas fora acorrentado e aprisionado até ao dia em que acordaria e devastaria o tempo e o espaço com flagelos e trevas sem fim até à total destruição de tudo o que foi ou poderia alguma vez ser...

Domaris sabia que não era assim. O que ali fora aprisionado fora poder e suspeitava que esse poder tinha sido invocado e desencadeado e isso fazia com que sentisse medo, como nunca suspeitara que fosse possível sentir. Sentia medo por si própria e pela criança que trazia no ventre, por Deoris e pela criança concebida no Santuário Negro e pelo seu povo e por tudo em que este acreditava...

Cerrou os dentes e um suor frio encharcou-lhe os sovacos.

— Tem de ser! — Murmurou em voz alta. E, não se dando mais tempo para pensar, abriu a porta e esgueirou-se para o interior, fechando-a rapidamente atrás de si.

Deteve-se no cimo de uma escadaria imensa que descia... E descia... E descia, degraus cinzentos que desciam entre as paredes cinzentas e se perdiam num nevoeiro cinzento por baixo de si e para o qual não parecia haver fim. Pôs o pé no primeiro degrau. Agarrando-se ao corrimão, iniciou a viagem... Para baixo. Avançava com uma lentidão

arrepiante. O seu peso fazia com que se arrastasse. A dor atormentava-a a espaços. O impato das suas sandálias repercutia-se na barriga pesada com uma intensidade dolorosa. Gemia alto a cada passo torturado, mas continuava, descendo um degrau e sentindo o impato, descendo outro degrau e sentindo novo impato, numa repetição entorpecente e sem sentido. Tentou contar os degraus num esforço para impedir que o seu espírito se perdesse nas histórias horríveis e já meio esquecidas que ouvira sobre aquele local e para se impedir de perguntar a si própria se, na realidade, não tinha o juízo suficiente para não acreditar em velhas histórias de fadas. Desistiu após o centésimo octogésimo primeiro degrau.

Já não estava agarrada ao corrimão, apoiando-se cambaleante na parede. A dor voltou a assolá-la, fazendo com que se dobrasse e se contorcesse, forçando-a a cair de joelhos. O cinzento tingiu-se de vermelho quando se endireitou, atordoada e irada, quase esquecendo o propósito sombrio que a trouxera àquele mausoléu imemorial...

Agarrou-se ao corrimão com ambas as mãos, lutando para se equilibrar enquanto o seu rosto se contorcia horripelantemente e soluçava em voz alta e odiava a lucidez que a empurrava cada vez mais para baixo.

— Oh, Deuses! Não, não, levem-me então a mim! — Murmurava e agarrou-se desesperadamente por um instante; depois, com uma expressão novamente impassível, mantendo-se erecta à custa de um enorme esforço, deixou que a necessidade desesperada de fazer o que tinha de ser feito a empurrasse para baixo, para o meio da imensidão cinzenta e pálida.

## **Capítulo Três**

### **Aurora Negra**

O movimento súbito e breve da queda fez com que Deoris se endireitasse repentinamente, olhando a escuridão com um medo repentino. Micaíl continuava a dormir todo enrolado e, no quarto sombrio, agora iluminado pela luz rosada da aurora, não se ouvia qualquer som para além da respiração regular do rapazinho. Mas, como um eco distante, Deoris pareceu-lhe ouvir gritar e um silêncio palpável, o silêncio da tumba, da Cripta.

Domaris! Onde estava Domaris? Não regressara. Com uma consciência abrupta e terrível, Deoris soube onde estava Domaris! Não se deteve sequer para vestir qualquer coisa sobre a camisa de dormir, mas olhou para Micaíl com incerteza.

Certamente que as escravas de Domaris o ouviriam se acordasse e chorasse... E não havia tempo a perder! Correu para fora do quarto e através do jardim deserto.

Cega e estonteada, correu como se o próprio movimento pudesse afastar o medo que sentia. O coração batia-lhe freneticamente no peito e as dores acometiam-lhe o corpo todo — mas não se deteve até chegar à sombra da grande pirâmide. Dobrando-se sob o impato das dores provocadas pelo cansaço, o choque dos ventos frios da madrugada fizeram com que despertasse completamente e recuperasse a lucidez.

Um sacerdote menor, uma figura indistinta envolta em vestes luminosas, dirigiu-se lentamente para ela.

— Mulher — disse severamente — é proibido entrar aqui. Segue o teu caminho em paz.



Deoris encarou-o sem temor.

— Sou a filha de Talkannon — disse numa voz clara e vibrante.

— O Guardião Rajasta está aí dentro?

O tom e a expressão do sacerdote transformaram-se quando a reconheceu.

— Está sim, jovem irmã — disse cortesmente — mas é proibido interromper a vigília... — Calou-se, espantado. Enquanto falavam, o sol contornara a pirâmide e caíra sobre eles revelando o cabelo solto de Deoris e as suas roupas descompostas e insuficientes.

— É uma questão de vida ou de morte! — Implorou Deoris, desesperada. — Tenho de falar com ele!

— Minha filha... Não tenho a autoridade...

— Oh, idiota! — Enfureceu-se Deoris e, com um movimento felino, esgueirou-se sob o seu braço, sobressaltando-o, e correu pelos degraus brilhantes acima. Debateu-se por instantes com o mecanismo pouco familiar da grande porta de bronze. Desviou a cortina e entrou para a luz brilhante.

Ao ouvir o rumor dos seus pés descalços — pois a porta abriu-se silenciosamente apesar do seu peso — Rajasta virou-se, desviando-se do altar. Sem ligar ao seu gesto de aviso, Deoris correu a ajoelhar-se aos seus pés.

— Rajasta, Rajasta!

Com um desagrado frio, o Sacerdote da Luz curvou-se e fê-la levantar-se, olhando severamente para os seus cabelos e roupas em desalinho.

— Deoris — disse — o que estás aqui a fazer, conheces a lei... E porque é que estás nesse estado? Estás meia despida, enlouqueceste totalmente?

Na realidade havia fundamento para a sua pergunta, pois Deoris fitava-o com um olhar febril e as suas palavras eram quase incoerentes à medida que os últimos resquícios de controlo a abandonavam.

— Domaris! Domaris! Ela deve ter ido para a Cripta... Para o Santuário Negro.

— Perdeste realmente o juízo! — Sem cerimônias, Rajasta empurrou-a para longe do altar. — Sabes que não podes estar aqui dessa maneira!

— Sim, sei, sei, mas escuta-me! Sinto-o, sei que é assim. Ela queimou a cinta e obrigou-me a contar-lhe... — Deoris calou-se, o conflito e a culpa estampados no rosto, pois apercebeu-se que estava a revelar, de moto próprio, a Rajasta, o segredo que jurara a Riveda manter! E no entanto... Ela estava ligada a Domaris por votos ainda mais fortes.

Rajasta agarrou-a por um ombro, irritado.

— Que palermice é essa! — Depois, vendo que a moça tremia tão violentamente que quase não conseguia manter-se de pé, pôs-lhe um braço levemente em torno dos ombros e ajudou-a a sentar-se.

— Agora diz-me calmamente, se puderes, aquilo de que estavas a falar- disse numa voz onde se misturavam, em partes quase iguais, a compaixão e o desprezo — se é que estavas a falar de alguma coisa! Suponho que a Domaris descobriu que eras a saji de Riveda.

— Não era! Nunca fui! — Explodiu Deoris; depois disse, cansada.

— Oh, isso não importa, tu não compreendes e nunca acreditarias! O que interessa é o seguinte: Domaris foi ao Santuário Negro.

A expressão de Rajasta sofreu uma alteração perceptível quando se apercebeu do que ela estava a tentar dizer.

— O quê... Mas porquê?

— Ela viu... Uma cinta que eu usava, que o Riveda me deu... E as marcas do dorje.

Quase antes de ela poder pronunciar a palavra, a mão de Rajasta moveu-se com a

rapidez do relâmpago para lhe tapar a boca.

— Não digas isso aqui! — Ordenou-lhe, muito pálido. Deoris foi-se abaixo e começou a chorar com a cabeça escondida nos braços. Rajasta agarrou-a pelos ombros e obrigou-a a encará-lo. — Escuta-me, moça! Pelo bem de Domaris... Pelo teu próprio bem... Sim, até mesmo pelo bem de Riveda! Uma cinta? E... e essa palavra que pronunciaste; que aconteceu? O que é que se passa afinal?

Deoris não se atreveu a guardar silêncio, não se atrevia a mentir... E, perante os seus olhos penetrantes gaguejou.

— Uma corda tripla... Com nós... Elos de madeira gravados com... — Fez o gesto.

Rajasta agarrou-lhe no pulso e imobilizou-o.

— Guarda os teus sinais nojentos de Hábito Cinzento para o Templo Cinzento! Mas nem mesmo aí esses símbolos deveriam ter sido permitidos! Tens de entregar-ma!

— Domaris queimou-a.

— Graças aos Deuses por isso — disse Rajasta sombriamente. — O Riveda anda com os Hábitos Negros? — Mas era uma afirmação e não uma pergunta. — Quem mais?

— Reio-ta... Quero dizer, o cheia — Deoris estava a chorar e a gaguejar; o seu espírito estava fortemente bloqueado impedindo-a de falar, mas o poder concentrado de Rajasta forçou-a. O Sacerdote da Luz estava plenamente consciente de que aquela utilização dos seus poderes era, eticamente, de justificação muito dúbia e lamentava a necessidade de os usar.

Mas sabia que todos os feitiços de Riveda estavam arregimentados contra si e, se queria manter outros a salvo, como lho ordenavam os seus votos de Guardião, não podia poupar a moça. Deoris estava quase a desmaiar sob o efeito da pressão hipnótica que Rajasta exercia contra o selo de silêncio que Riveda impusera à sua vontade. Lentamente, sílaba a sílaba, por vezes, quando muito, frase relutante após frase relutante, contou o suficiente a Rajasta para condenar Riveda dez vezes.

O Sacerdote da Luz foi impiedoso; tinha de o ser. Pouco mais era que um par de olhos sombrios e uma voz vibrante e átona que ordenava.

— Continua. O quê... E como... E quem...

— Fui enviada para os Locais Selados... Como um canal para o poder... E quando já não servia, Larmin... O filho de Riveda... Substituiu-me como vidente...

— Espera! — Rajasta pôs-se de pé de um salto erguendo a moça com ele. — Pelo Sol Central! Estás a mentir, perdeste o juízo! Um rapaz não pode servir nos Locais Selados, só uma virgem ou uma mulher preparada pelo ritual, ou... Ou... Um rapaz não pode a não ser que... — Rajasta estava agora muito pálido, gaguejando também, quase incoerente. — Deoris. O que fizeram a Larmin?

Deoris tremeu perante o olhar terrível de Rajasta, encolhendo-se perante o acesso de ódio violento aparentemente incontrollável e do nojo que assolavam o rosto do Guardião. Ele abanou-a com força.

— Responde-me, moça! Ele castrou a criança?

Ela não teve de responder. Rajasta largou-a como se fosse contaminado pela sua presença e, quando ela caiu pesadamente no chão, não fez menção de a amparar. Sentia-se fisicamente doente com o que ouvira.

Chorando, gemendo, Deoris aproximou-se um pouco dele e ele cuspiu, empurrando-a com a sandália.

— Deuses, Deoris... Tu de entre toda a gente! Olha para mim se te atreves... Tu a quem Micon chamou irmã!

A moça encolheu-se aos pés dele mas não havia misericórdia na voz do Guardião:

— De joelhos! De joelhos perante o altar que profanaste... Perante a Luz que

escoreceste... Os pais que envergonhaste... Os Deuses que esqueceste!

Balouçando-se para trás e para diante num horror angustiado, Deoris não se apercebeu da compaixão que subitamente se sobrepôs à fúria no rosto de Rajasta. Ele não era insensível ao fato de Deoris ter arriscado conscientemente todas as esperanças de clemência para si própria para salvar Domaris... Mas seria necessária muita penitência para compensar o crime que cometera. Com um último olhar de comiseração para a cabeça inclinada, ele virou-se e saiu do Templo. Sentia-se mais chocado do que irado; até mais enojado do que chocado. A sua maturidade e experiência previam aquilo que até mesmo Domaris não vira.

Apressou-se a descer os degraus da pirâmide e o sacerdote que estava de guarda correu para o atender e depois deteve-se de boca aberta.

— Senhor Guardião!

— Vai — disse Rajasta secamente — com mais dez, para pôr o Adepto Riveda sob custódia por ordem minha. Acorrenta-o, se preciso for.

— O Sacerdote Curandeiro, Senhor? Riveda? — O guarda tinha os olhos esbugalhados de incredulidade. — O Adepto dos Magos... Acorrentado?

— O maldito e nojento bruxo Riveda... Adepto e antigo Curandeiro! — Fazendo um esforço, Rajasta baixou a voz rouca para um volume normal. — Depois vai à procura de um rapaz, com cerca de onze anos, chamado Larmin... Filho de Karahama.

Muito hirtó, o sacerdote disse:

— Senhor, perdoe-me, mas a mulher Karahama não tem nenhum filho.

Rajasta, impaciente com aquela reprimenda recordando-lhe a etiqueta do Templo que recusava aos sem povo até mesmo uma existência legal, disse zangado:

— Vais encontrar um rapaz no Templo Cinzento que se chama Larmin... E não te incomodes com esses disparates de fingir que não sabes quem ele é! Não faças mal nem assustes o rapaz, limita-te a mantê-lo num local onde possam ir buscá-lo de um momento para o outro... E onde não possa ser convenientemente assassinado para destruir provas! Depois encontra... — Fez uma pausa. — Jura que não revelarás os nomes que te disser!

O sacerdote fez o sinal sagrado.

— Juro, Senhor!

— Encontra Ragamon o Ancião e Cadamiri e diz-lhe que convoquem os Guardiães para um encontro aqui ao meio-dia. Depois vai à procura do Sumo Sacerdote Talkannon e diz-lhe, discretamente, que finalmente temos provas. Nada mais... Ele compreenderá.

O sacerdote desapareceu a correr, deixando pela primeira vez em três séculos, com certeza, o Templo da Luz sem guarda.

Rajasta, com uma expressão sombria estampada no rosto, começou a correr.

Tal como acontecera com Domaris, deteve-se, hesitante, no cimo das escadas secretas. Seria sensato, pensou, descer sozinho? Deveria pedir ajuda?

Uma corrente de ar frio soprou no poço atrás de si, trazendo consigo, de um espaço inimaginável, um som, quase um grito.

Provindo de uma distância incrível e distorcido pelo eco, poderia ter sido o grito de um morcego ou os ecos da sua própria respiração ofegante... Mas a hesitação de Rajasta desapareceu.

Apressou-se a descer os degraus, dois e três de cada vez, apoiando-se ora na parede ora no corrimão. Os seus passos soavam com uma pressa desesperada, provocando ecos dissonantes e precipitados. Sabia que alertaria qualquer um que se encontrasse mais abaixo, mas não tinha tempo para a descrição e o silêncio. Sentia a garganta seca e respirava aos arrancos, ofegante, pois não era um homem novo e, nas suas costas, pairava

o pesadelo da necessidade de se apressar que o empurrava cada vez mais para baixo pelas escadas sombrias, sempre para baixo naquele poço cinzento e imemorial onde reverberavam eternidades que se agarravam a ele como teias de aranha peganhentas, os calcanhares levantando pó que havia muito, muito tempo não era perturbado e que manchava o branco luminoso das suas vestes... Desceu e desceu e desceu até a distância se tornar uma ilusão. Tropeçou, quase caindo, quando as escadas terminaram abruptamente. Olhando, desorientado, em torno de si, tentando orientar-se, Rajasta sentiu de novo a futilidade inútil da sua missão. Só conhecia aquele lugar dos mapas e histórias escritas por outros. No entanto, finalmente, descobriu a entrada para a grande cripta abobadada, embora não estivesse certo disso até ter avistado o enorme sarcófago, o altar escurecido e imemorial, a Forma sombria envolta em véus de pedra. Mas não viu nenhum ser humano no interior do santuário e, por instantes, Rajasta sentiu um medo que estava para lá da compreensão, não por Domaris mas por si próprio...

Um gemido chegou-lhe aos ouvidos, fraco e sem direção definida, aumentado pela escuridão ecoante. Rajasta rodou sobre si próprio, olhando à volta desesperadamente, meio enlouquecido pelo medo daquilo que pudesse ver. O gemido soou novamente e, daquela vez, Rajasta viu, vagamente, uma mulher que jazia enrolada sobre si própria, contorcendo-se, envolta no fino véu dos seus cabelos perante o sarcófago...

— Domaris! — Nos seus lábios o nome soou como um soluço. — Domaris! Filha da minha alma! — Num só passo chegou junto do corpo inerte e agitado por convulsões. Fechou os olhos por um instante enquanto o mundo parecia girar desconsoladamente: a verdadeira amplitude do seu amor por Domaris nunca fora verdadeiramente avaliada até àquele momento em que ela, aparentemente, morria nos seus braços assustados.

Sobriamente ergueu a cabeça, olhando em volta com um ódio intenso. Não, ela não falhou! Pensou com exaltação. O poder foi desencadeado mas voltou a ser selado, ainda que com dificuldade. O sacrilégio foi desfeito... Mas com que custo para Domaris? E eu não me atrevo a deixá-la nem mesmo para ir buscar ajuda. Em qualquer caso é melhor que morra do que dê à luz aqui!

Passados uns instantes de pensamentos desordenados, curvou-se e levantou-a nos braços. Ela não era leve mas Rajasta, cheio de uma justa ira, mal deu pelo peso. Falava com ela, acalmando-a e embora ela não conseguisse ouvi-lo, o tom da voz dele penetrou no seu cérebro inconsciente e ela não se debateu quando ele lhe pegou e, com um desespero obstinado, se dirigiu para a enorme escadaria. Respirava com dificuldade e no seu rosto tenso de esforço estava estampada uma expressão que nunca ninguém veria enquanto se virava para a superfície incrivelmente distante. Os seus lábios moveram-se. Respirou profundamente e... Começou a subir.

## Capítulo Quatro

### As Leis Do Templo

Elara, andando em torno do pátio e cantando serenamente enquanto trabalhava, deixou cair o vaso de flores meio cheio e correu na direção do Guardião quando este atravessava o jardim com o seu fardo inerte. A ansiedade espalhou-se nos seus olhos escuros enquanto abria a porta, passando depois a correr na frente dele para tirar as almofadas de cima de um divã e ajudar Rajasta a pousar ali o corpo inerte de Domaris.

Com o rosto cinzento de exaustão, o Guardião endireitou-se e tentou recuperar o fôlego. Elara, apercebendo-se rapidamente do seu estado, tentou levá-lo a sentar-se, mas ele afastou-a irritado.

— Cuida da tua ama.

— Está viva — disse rapidamente a escrava mas, antecipando as ordens de Rajasta, correu para junto de Domaris e curvou-se tentando detectar a pulsação. Satisfeita, levantou-se de um salto e procurou qualquer coisa dentro de um armário, depois pôs uns fortes saís aromáticos por baixo das narinas da patroa. Após um momento longo e doloroso, Domaris gemeu e as suas pestanas moveram-se.

— Domaris... — Rajasta respirou a palavra. Os olhos dela estavam muito abertos e fixos, as pupilas dilatadas não viam nem o sacerdote nem a criada ansiosa. Domaris gemeu novamente, agarrando-se ao ar espasmodicamente com as mãos em garra e Elara agarrou-a gentilmente, curvando-se sobre a patroa, o seu olhar chocado, só agora se apercebendo do vestido rasgado, das faces e dos braços feridos e da grande marca lívida em torno das têmporas.

Subitamente Domaris gritou.

— Não, não! Não... Não por mim, mas podes... Não, não, eles vão abrir-me ao meio... Deixem-me! Tira as mãos de cima de mim... Arvath! Rajasta! Pai, pai... — A sua voz desvaneceu-senovamente em soluços e gemidos.

Apoiando a cabeça da mulher no braço, Elara murmurou com meiguice.

— Minha querida Senhora, estás a salvo aqui comigo, ninguém vai tocar-te.

— Ela está delirante, Elara — disse Rajasta, exausto.

Com meiguice, Elara agarrou num pano húmido e limpou o sangue seco que manchava os cabelos da patroa. Várias escravas estavam junto à porta com os olhos muito abertos de espanto. Só a presença do Sacerdote as impedia de fazer perguntas. Elara mandou-as embora com gestos e ordens em voz baixa e depois virou-se para o Sacerdote com os olhos muito abertos de horror.

— Senhor Rajasta, em nome de todos os Deuses, o que é que lhe aconteceu? — Sem esperar por uma resposta, talvez sem esperar obtê-la, curvou-se novamente sobre Domaris afastando o vestido rasgado. Rajasta viu-a estremecer de desespero. Depois endireitou-se, cobrindo a mulher com decência e disse numa voz baixa. — Senhor Guardião, tens de deixar-nos. E ela tem de ser levada imediatamente para a Casa dos Nascimentos. Não há tempo a perder... E sabes que ela corre perigo.

Rajasta abanou a cabeça com tristeza.

— És uma boa moça, Elara, e amas Domaris, eu sei. Tens de suportar aquilo que vou dizer-te. A Domaris não deve... Não pode... Ser levada para a Casa dos Nascimentos, nem...

— Meu Senhor, seria fácil transportá-la numa liteira, a pressa também não é assim tão grande.



Rajasta calou-a impacientemente com um gesto.

— Nem pode ser assistida por uma Sacerdotisa consagrada. Está cerimonialmente impura.

Elara explodiu de revolta perante aquelas palavras.

— Uma sacerdotisa? Como?!

Rajasta suspirou, sentindo-se miserável.

— Filha, por favor, ouve-me. Foi praticado um sacrilégio cruel e castigos muito piores podem estar para vir. E Elara... Tu também esperas uma criança, não é?

Timidamente, Elara curvou a cabeça.

— O Guardião viu.

— Então, minha filha, tenho de ordenar-te que a deixes ou a vida da tua criança pode estar em perigo. — O Sacerdote olhou para o rosto arredondado e perturbado da pequena mulher e disse calmamente. — Ela foi encontrada na Cripta do Deus Adormecido.

A boca de Elara abriu-se de choque e medo involuntário e afastou-se um pouco de Domaris, que continuava deitada como se estivesse morta. Depois, resolutamente, Elara encheu-se de calma e olhou o Guardião nos olhos dizendo:

— Senhor Guardião, não posso deixá-la nas mãos dessas ignorantes. Se nenhuma mulher do Templo pode chegar perto dela... Eu fui criada pela Senhora Domaris, Senhor Guardião, e ela nunca me tratou como serva mas sim como amiga toda a minha vida! Qualquer que seja o risco, estou disposta a corrê-lo.

Os olhos de Rajasta iluminaram-se de alívio momentâneo mas este desapareceu rapidamente.

— Tens um coração generoso, Elara, mas não posso permitir uma coisa dessas — disse severamente. — Se fosse perigoso apenas para ti própria... Mas não tens o direito de pôr em perigo a vida do teu filho. Já foram postas em movimento demasiadas causas; cada um deve suportar as consequências que foram invocadas. Não ponhas outra vida sobre a cabeça da tua ama! Que ela não carregue a culpa pela vida do teu filho também!

Elara curvou a cabeça sem compreender. Implorou:

— Senhor Guardião, no Templo há sacerdotisas que podem estar dispostas a correr o risco e que têm os direitos e os poderes necessários para que seja seguro! A Curandeira Karahama... Ela é perita nas artes da magia...

— Podes pedir-lhe — condescendeu Rajasta, sem grande esperança e endireitou, com esforço, os ombros curvados. — E eu também não posso ficar aqui, Elara; a Lei tem de ser observada.

— A irmã dela... A Sacerdotisa Deoris...

Rajasta explodiu numa fúria cega.

— Mulher! Tem tento nessa língua idiota! Escuta... Deoris é a última pessoa a poder chegar ao pé dela!

— Seu velho mau, cruel e sem coração! — Explodiu Elara começando a soluçar. Depois encolheu-se com medo.

Rajasta quase não deu conta das suas palavras. Disse, mais gentilmente.

— Chiu, filha, não sabes o que estás a dizer. Tens sorte em ser ignorante relativamente às questões do Templo, mas não tentes intrometer-te nelas. Agora presta atenção às minhas palavras, Elara, não vá o pior acontecer.

Nos seus aposentos, Rajasta lavou-se cerimonialmente e pôs de lado, para serem queimadas, as roupas que usara no Santuário Negro, estava exausto pela descida terrível e pelo regresso ainda mais penoso, mas havia muito que aprendera a controlar o seu corpo.

Vestindo-se novamente com as vestes cerimoniais de Guardiã, subiu finalmente a pirâmide onde Ragamon e Cadamiri o aguardavam juntamente com mais uma dúzia de sacerdotes vestidos de branco, impassíveis, alinhados numa procissão fantasmagórica por trás dos Guardiães.

Deoris continuava prostrada, num estupor de sofrimento entorpecido, perante o altar. Rajasta foi ter com ela, ergueu-a e olhou para o rosto desesperado da moça.

— Domaris? — Perguntou ela com voz insegura.

— Está viva... Mas é capaz de morrer em breve. — Franziu o sobrolho e deu um abanão a Deoris. — É demasiado tarde para chorar! Tu e tu! — Escolheu dois dos Sacerdotes. — Levem Deoris para a casa de Talkannon e levem as criadas dela para lá. Que a vistam e a lavem e cuidem dela. Depois vão com ela à procura da outra filha de Karahama... Uma moça do Templo Cinzento de nome Demira. Não lhe façam mal, mas ponham-na em segurança onde não possa fugir. — Virando-se para a apática Deoris mais uma vez, Rajasta disse. — Minha filha, não dirijas a palavra a ninguém a não ser a estes Sacerdotes.

Assentindo pateticamente, Deoris partiu no meio dos guardas.

Rajasta virou-se para os outros.

— Riveda já foi preso? Um homem respondeu:

— Apanhámo-lo enquanto dormia. Embora tenha acordado e se tenha debatido e lutado como um louco, acabámos por dominá-lo. Ele... Foi acorrentado como ordenaste.

Rajasta assentiu, fatigado.

— Façam uma busca à casa dele e ao Templo Cinzento e tentem descobrir instrumentos de magia.

Nesse momento, o Sumo Sacerdote Talkannon entrou na sala olhando em torno de si com o seu olhar rápido e perspicaz que tomava nota de tudo e de todos.

Rajasta dirigiu-se-lhe e, com os lábios firmemente comprimidos, confrontou-o com os gestos da saudação formal.

— Temos finalmente provas concretas — disse — e podemos prender os culpados... Pois agora sabemos.

Talkannon empalideceu ligeiramente.

— Sabem... O quê?

Rajasta interpretou mal o seu desconforto.

— Sim, sabemos quem são os culpados, Talkannon. Temo que o mal tenha tocado mesmo a tua casa; Domaris ainda está viva mas, por quanto tempo, ninguém sabe dizê-lo. Deoris fugiu desse mal e ajudar-nos-á a apanhar esses... Esses demônios em figura de gente!

— Deoris? — Talkannon ficou a olhar incrédulo e chocado para o Sacerdote da Luz. — O quê? — Disfarçadamente, limpou a testa. Depois, fazendo um grande esforço, recuperou a compostura. Quando voltou a falar, a sua voz recuperara a firmeza. — As minhas filhas há muito que têm idade para cuidar das suas vidas — murmurou. — Eu não sabia de nada disso, Rajasta. Mas como é evidente, eu e aqueles que estão sob as minhas ordens estamos ao teu serviço para resolver esta questão, Senhor Guardiã.

— Muito bem dito — Rajasta começou a explicar o que desejava que Talkannon fizesse...

Mas por trás das costas do Sumo Sacerdote, Ragamon e Cadamiri trocaram olhares de preocupação.

— Boa Mãe Ysouda!

A velha Sacerdotisa olhou para Elara com um sorriso bondoso. Vendo o terror

estampado no pequeno rosto escuro, falou com uma gentileza condescendente.

— Não temas, minha filha, a Mãe proteger-te-á e estará perto de ti. Chegou a tua hora, Elara?

— Não, não, eu estou bem — disse Elara distraidamente — é a minha senhora, a Sacerdotisa Domaris...

A velha senhora susteve a respiração.

— Que os deuses tenham piedade! — Murmurou, — Que lhe aconteceu, Elara?

— Não posso dizer-to aqui, Mãe — sussurrou Elara. — Leva-me, peço-te, à Sacerdotisa Karahama...

— À Alta Sacerdotisa? — Perante o olhar desesperado de Elara, contudo, a Mãe Ysouda não perdeu mais tempo com perguntas e conduziu Elara por um caminho que as conduziu a um banco que estava à sombra. — — Descansa aqui, filha, ou o teu próprio filho pode vir a sofrer; o Sol hoje está abrasador. Eu própria irei procurar Karahama; ela virá mais depressa se for eu a ir buscá-la do que se mandar uma serva ou uma noviça para a chamar.

Não esperou pelos agradecimentos de Elara e partiu rapidamente na direção do edifício. Elara sentou-se no banco que lhe tinha sido indicado mas estava demasiado impaciente e temerosa para conseguir descansar como a Mãe Ysouda lhe tinha ordenado. Apertando e desapertando as mãos, levantou-se e caminhou para cima e para baixo.

Elara sabia que Domaris corria grande perigo. Prestara alguns serviços no Templo de Caratra e tinha apenas conhecimentos elementares... Mas isso, sabia-o perfeitamente. Domaris estava em trabalho de parto há muitas horas e, se tudo estivesse bem, a criança já teria nascido sem precisar de ajuda.

Os avisos de Rajasta eram um eco terrível nos seus ouvidos.

Elara era uma mulher livre da cidade, cuja mãe fora ama de leite de Domaris; tinham sido criadas juntas e Elara servia Domaris de livre vontade, mais como um privilégio do que por dever. Teria arriscado a vida sem pensar duas vezes pela Sacerdotisa que amava e quase idolatrava... Mas as palavras de Rajasta, ao serem recordadas, eram como um trovão ensurdecedor no seu cérebro.

Ela está contaminada... És generosa, mas isso não posso permitir! Não tens o direito de pôr em perigo a vida do teu filho que ainda não nasceu... Não ponhas mais um crime sobre a consciência de Domaris! Não permitas que ela seja culpada pela perda da vida do teu filho também!

Virou-se subitamente ao ouvir passos no caminho atrás de si.

Uma sacerdotisa muito jovem estava ali parada. Olhando para o vestido simples de Elara com um desprezo indiferente disse.

— A Mãe Karahama vai receber-te.

Com uma ansiedade nervosa, Elara seguiu a mulher que caminhava calmamente até à presença de Karahama. Ajoelhou-se.

Com simpatia, Karahama fez-lhe sinal para que se levantasse.

— Vens da parte... Das filhas de Talkannon?

— Oh, minha Senhora — — implorou Elara — foi cometido um sacrilégio e Domaris não pode ser trazida para a Casa do Nascimento... E não permitem a Deoris que cuide dela! Rajasta disse... Que ela está cerimonialmente impura. Foi encontrada na Cripta, no Santuário Negro... — A voz dela desfez-se em soluços. Não ouviu o grito agonizante da Mãe Ysouda nem a exclamação scandalizada da jovem noviça. — Oh, minha Senhora, tu és Sacerdotisa! Se permitires...

Imploro-te, imploro-te!

— Se eu permitir — repetiu Karahama recordando-se do nascimento do filho de Micon. Quatro anos antes, com umas poucas palavras impensadas, Domaris humilhara Karahama na frente das suas discípulas, expulsando a — mulher sem nome — — a sua irmã bastarda — da sua presença. — Disseste que tenho de ser assistida apenas pelas minhas iguais — Karahama ainda ouvia aquelas palavras como se tivessem sido proferidas nessa manhã. — Portanto... Deixa-me. — Como Karahama se lembrava!

Lentamente, Karahama sorriu e o sorriso fez com que o sangue de Elara se lhe gelasse nas veias. Karahama disse na sua voz melodiosa.

— Eu sou a Alta Sacerdotisa de Caratra. As mulheres que estão aos meus cuidados têm de ser protegidas. Não posso permitir que nenhuma Sacerdotisa a assista nem eu própria posso aproximar-me de alguém tão contaminado. Leva as minhas saudações à minha irmã, Elara, e diz-lhe... — Os lábios de Karahama curvaram-se — diz-lhe que eu não me atreveria a tanto, diz-lhe que a Senhora Domaris só deve ser assistida pelas suas iguais.

— Oh, Senhora! — gritou Elara horrorizada. — Não sejas cruel...

— Silêncio! — Disse Karahama severamente. — Estás a esquecer o teu lugar. Mas perdoo-te. Vai-te Elara. E presta atenção... Não fiques perto da tua ama, a não ser que queiras que o teu filho sofra!

— Karahama — disse a Mãe Ysouda hesitante. O seu rosto estava tão branco como o seu cabelo e ela mexeu os lábios mas, por instantes, nenhum som se soltou. Depois implorou — deixa-me ir ter com ela, Karahama! Há já muitos anos que não sou fértil e nada de mal me acontecerá. Se existe risco, deixa que seja eu a corrê-lo e fã-lo-ei com todo o gosto, ela é a minha menina... Ela é como se fosse minha filha, Karahama, deixa-me ajudar a minha pequenina...

— Boa Mãe, não podes ir — disse a Alta Sacerdotisa com uma severidade brusca. — A nossa Deusa não sofrerá essa ofensa! O quê? Então as suas Sacerdotisas cuidariam das impuras? Uma coisa assim seria uma profanação para o nosso Templo. Elara, deixai-nos! Procura ajuda para a tua ama, se ela é necessária, entre os Curandeiros... Mas não procures nenhuma mulher para a ajudar! E... Escuta-me bem, Elara, afasta-te dela! Se alguma coisa acontecer à tua criança saberei que me desobedeceste e sofrerás a pena para o crime do aborto!

— Karahama fez um gesto de desprezo mandando-a embora e, enquanto a mulher, soluçando alto, se retirava apressadamente, a Mãe Ysouda abriu a boca para protestar violentamente,... Mas calou-se, desesperada. Karahama limitara-se a invocar, literalmente, as do Templo de Caratra. Mais uma vez — muito ligeiramente — Karahama sorriu.

## Capítulo Cinco

### A Nomeação Do Nome

Quase ao pôr do Sol, Rajasta, muito perturbado, foi até aos aposentos de Cadamiri.  
— Meu irmão, tu és Curandeiro... Sacerdote... O único que conheço que não é Hábito Cinzento. — Não acrescentou, O único em quem me atreito a confiar, mas isso estava implícito nas suas palavras. — Temes... A contaminação?

Cadamiri também percebeu aquelas palavras sem necessitar de explicações.

— Domaris? Não, não temo. — Olhou para o rosto envelhecido de Rajasta e perguntou, — Mas não conseguiram encontrar nenhuma sacerdotisa que corresse o risco?

— Não — Rajasta não deu mais explicações.

Os olhos de Cadamiri semicerraram-se e as suas feições austeras, já de si formidáveis, endureceram ainda mais.

— Se Domaris morrer por não receber os cuidados devidos, a vergonha para o nosso Templo sobreviverá por muito tempo ao karma que pode ser engendrado por essa violação da Lei!

Rajasta contemplou o seu companheiro Guardiã pensativa mente e em silêncio e depois disse:

— A escrava trouxe dois dos Curandeiros de Riveda para cuidarem dela, mas... — Rajasta deixou que o apelo pairasse no ar.

Cadamiri assentiu procurando a pequena maleta onde guardava os instrumentos da sua arte.

— Eu vou vê-la — disse com humildade. Depois acrescentou, lentamente, como que contra vontade. — Não esperes muito de mim, Rajasta! Os homens não são... Versados nessas artes, como sabes. Eu tenho apenas a mais ligeira das noções dos segredos que as Sacerdotisas guardam para este tipo de emergências.

Contudo farei o que puder. — O seu rosto estava pesaroso, pois amava a sua parente com o amor apaixonado que os ascéticos ajuramentados sentem por vezes por uma mulher bela e pura.

Percorreram rapidamente os corredores do edifício, detendo-se apenas para chamar três sacerdotes menores, mas muito fortes, para o caso de terem problemas. Não falaram um com o outro enquanto se apressavam na direção da casa de Domaris e separaram-se junto à porta. Mas, embora Rajasta já estivesse atrasado para um encontro ficou um momento a ver Cadamiri desaparecer no interior da casa.

No seu quarto, Domaris jazia como se estivesse sem vida, demasiado fraca para se debater sequer. As roupas e os lençóis estavam manchados de sangue. Estavam dois Hábitos Cinzentos de pé, um de cada lado da cama. Não estava mais ninguém presente no quarto, não havia sequer a garantia da presença de uma escrava. Mais tarde, Cadamiri viria a saber que Elis se mantivera teimosamente junto da sua prima durante a maior parte do dia, desafiando as ameaças que Karahama lhe enviava e fazendo o seu melhor, que era de todo insuficiente... Mas o ar de autoridade com que os Hábitos Cinzentos se tinham apresentado tinha-a enganado. Fora finalmente persuadida a deixar Domaris aos cuidados deles.

Um dos Hábitos Cinzentos virou-se quando o Guardiã entrou.

— Ah, Cadamiri — disse — temo que chegues demasiado tarde. O sangue de Cadamiri gelou-se-lhe nas veias. Aqueles homens não eram Curandeiros nem nunca tinham sido, eram, sim, Magos... Nadastor e o seu discípulo Har-Maen. Cerrando os



dentes para conter a ira, Cadamiri aproximou-se da cama. Após um exame breve endireitou-se, horrorizado.

— Carniceiros incompetentes! — Gritou. — Se esta mulher morrer, mando-os estrangular por homicídio... E se ela sobreviver, mando-os estrangular por crime de tortura!

Nadastor curvou-se elegantemente.

— Ela não morrerá... Ainda — murmurou. — E quanto às tuas ameaças...

Cadamiri escancarou a porta e mandou entrar a escolta dos Sacerdotes.

— Levem estes... Estes bruxos imundos! — Ordenou numa voz que nem parecia a sua. Os dois Magos deixaram que os levassem sem protestar e Cadamiri, através dos dentes cerrados disse, nas suas costas. — Não pensem que vão livrar-se da justiça! Vou fazer com que vos decepem as mãos e sereis chicoteados nus frente ao Templo, como cães que sois! Que a lepra vos apodreça!

Subitamente Har-Maen vacilou e caiu. Depois também Nadastor se desequilibrou e caiu nos braços do seu captor. Os dois Sacerdotes vestidos de branco afastaram-se deles e fizeram freneticamente o Sinal Sagrado enquanto Cadamiri se limitava a olhar e a pensar se enlouquecera.

As duas formas envoltas em Hábitos Cinzentos que se erguiam do chão, humildes e de olhar perdido, envoltos em vestes cinzentas estranhamente encolhidas eram, não Har-Maen e Nadastor, mas dois jovens Curandeiros que o próprio Cadamiri treinara. Olhavam em torno de si, emudecidos e abalados pelo terror, sendo óbvio que não sabiam nem percebiam nada do que se passara.

Ilusão. Cadamiri cerrou os punhos ao sentir-se assolado pelo horror. Deuses Todos Poderosos, ajudai-nos! Olhou impotente para os Curandeiros noviços que tremiam na sua confusão e controlou-se à custa do maior esforço da sua vida. Por fim disse em voz rouca: — não tenho tempo para tratar... Disto agora. Levem-nos e guardem-nos cuidadosamente até eu... — A sua voz tremeu e falhou. — Vão! Vão! — Conseguiu dizer. — Levem-nos para fora da minha vista!

Quase batendo com a porta ao fechá-la, Cadamiri debruçou-se novamente sobre Domaris, confundido e desolado. A sua irmã Guardiã tinha sido tratada com imensa crueldade por... Por aqueles demônios da ilusão! Fazendo mais um esforço, pôs de parte a raiva e a tristeza concentrando-se na mulher maltratada que tinha perante si. Era certamente tarde demais para salvar o bebê... E a própria Domaris estava no limite da exaustão: os espasmos convulsivos que a abalavam eram tão fracos que parecia que o seu corpo já não tinha sequer forças para rejeitar o fardo da morte.

Os seus olhos estremeceram e abriram-se.

— Cadamiri?

— Chiu, minha irmã — disse ele numa voz brusca mas bondosa. — Não tentes falar.

— Tenho que... Deoris... A Cripta... — Mexendo-se espasmodicamente, conseguiu libertar as mãos das do Guardiã, mas estava tão exausta que os olhos se fecharam novamente sobre as lágrimas que os enchiam e adormeceu por alguns instantes. A expressão de Cadamiri adoçou-se com pena. Ele percebia-a melhor do que o próprio Rajasta a teria compreendido. Aquele era, desde a infância e para qualquer mulher do Templo, o pior pesadelo de humilhação obscena: um homem aproximar-se de uma mulher em trabalho de parto. Quando Elis fora intimidada para a deixar, o espírito dela — doente e atormentado — tinha-se retirado para um lugar remoto de vergonha e dor onde ninguém a poderia seguir ou alcançar.

A bondade de Cadamiri era um pouco melhor do que a brutalidade obscena dos

feiticeiros.

Quando se tornou evidente que não poderia fazer mais nada, Cadamiri foi até à porta e, baixinho, pediu a Arvath que se aproximasse.

— Fala com ela — sugeriu-lhe com bondade. Era uma medida desesperada... Se o marido não conseguisse comunicar com ela, então provavelmente ninguém conseguiria.

O rosto de Arvath estava tenso e pálido. Esperara, devastado pelo medo e pela ansiedade, durante a maior parte do dia, não vendo mais ninguém senão a Mãe Ysouda que ficara algum tempo em volta dele a chorar. Foi por ela que ficou a saber pela primeira vez dos perigos que Domaris enfrentara deliberadamente; isso fizera com que se sentisse culpado e confuso, mas esqueceu tudo isso quando se curvou sobre a mulher.

— Domaris... Amada...

A voz familiar e querida fez com que Domaris regressasse por instantes... Mas não o reconheceu. A agonia e a vergonha tinham-na feito perder a razão. Os seus olhos abriram-se, as pupilas tão dilatadas que pareciam pretas e cegas e os seus lábios mordidos e ensanguentados curvaram-se no velho e doce sorriso.

— Miam! — Suspirou. — Micon! — As suas pálpebras estremeceram, fecharam-se novamente e adormeceu a sorrir.

Arvath recuou soltando uma praga. Naquele momento, morreram os últimos resquícios do seu amor e algo de cruel e terrível tomou o seu lugar.

Cadamiri, apercebendo-se disso, agarrou-o com força pela manga.

— Paz, meu irmão — implorou. — A moça está delirante...

Ela não está de todo consciente.

— És muito observador, não és? — Rosnou Arvath. — Raios te partam, larga-me! — Selvaticamente, livrou-se das mãos de Cadamiri e, com mais uma praga terrível, saiu do quarto.

Rajasta, que ainda estava no pátio, incapaz de se ir embora, girou sobre si próprio imediatamente alerta quando Arvath saiu a cambalear do edifício.

— Arvath! A Domaris...?

— Que a Domaris seja maldita para sempre — disse o jovem Sacerdote por entre os dentes cerrados — e tu também! — Tentou empurrar Rajasta, tal como fizera a Cadamiri para que este o deixasse passar, mas o velho era forte e determinado.

— Estás ou muito perturbado ou bêbado, meu filho! — Disse Rajasta em tom lamentoso. — Não fales com tanta amargura! Domaris fez algo de muito corajoso e pagou por isso com a vida do filho... E a sua própria vida pode ser-lhe exigida antes de tudo ter terminado!

— E como ela ficou satisfeita — disse Arvath em voz muito baixa — por se ver livre do meu filho!

— Arvath! — As mãos de Rajasta perderam firmeza e largou o jovem Sacerdote enquanto empalidecia com o choque. — Arvath! Ela é tua mulher!

Com uma gargalhada furiosa, o rapaz libertou-se de Rajasta.

— Minha mulher? Nunca! Só foi a prostituta daquele bastardo da Atlântida que foi sempre tido, durante toda a minha vida, como um modelo de virtudes para eu imitar! Malditos sejam os dois e tu também! Juro... Mas tu não passas de um velho estúpido... — Arvath deixou cair o punho ameaçador ao longo do corpo, virou-se e, num espasmo incontrolável, começou a vomitar violentamente para o chão.

Rajasta correu para junto dele murmurando.

— Meu filho!

Arvath, lutando para se controlar, atirou o Guardião para longe.

— Sempre misericordioso! — Gritou. — Sempre cheio de compaixão! — Pôs-se

de pé com dificuldade e ameaçou Rajasta com o punho cerrado. — Cuspo-te em cima... Em Domaris... E no Templo! — Gritou numa voz subitamente aguda e, empurrando Rajasta para o lado, violentamente, desapareceu rapidamente na escuridão que caía.

Cadamiri virou-se e viu uma figura alta e magra envolta numa veste cinzenta semelhante a um sudário, a pouca distância de si. A porta ainda estremecia devido à saída intempestiva de Arvath: nada mais se movera.

A compostura de Cadamiri, pela segunda vez naquele dia, abandonou-o.

— O quê... Como entraste aqui? — Perguntou.

A figura cinzenta ergueu uma mão magra para afastar o véu revelando a face pálida e os olhos brilhantes da Adepta Maleina. Com a sua voz grave e vibrante ela murmurou:

— Vim em teu auxílio.

— Vocês, os carnicheiros de Hábito Cinzento já fizeram mais do que o suficiente!

— Gritou Cadamiri. — Agora deixem a pobre moça morrer em paz!

Os olhos de Maleina pareceram ficar mais pequenos e tristes.

— Não tenho o direito de ficar ofendida — disse. — Mas tu és Guardião, Cadamiri. Julga com base naquilo que conheces do bem e do mal. Eu não sou nenhuma bruxa; sou Maga e Adepta! — Estendeu a mão vazia e curva na direção dele com a palma para cima e enquanto Cadamiri olhava... As palavras morreram-lhe na garganta. Sobre a palma da mão dela brilhava um sinal que ele não podia deixar de reconhecer e Cadamiri curvou-se reverente.

Com desdém, Maleina fez-lhe sinal para que se endireitasse.

— Não me esqueci de que Deoris foi castigada por ter ajudado alguém em quem nenhuma sacerdotisa se atreve a tocar! Eu... Já quase não sou mulher, mas servi Caratra e a minha perícia não é pequena. Para além disso odeio Riveda! Ele e ainda mais aquilo que ele fez! Agora chega-te para lá.

Domaris jazia como se a vida já a tivesse abandonado, mas à medida que as mãos ossudas e curvas de Maleina se iam movendo no seu corpo, um pequeno grito rouco saiu dos lábios exaustos.

A Adepta não mais prestou atenção a Cadamiri mas murmurou, pensativamente — Não gosto daquilo que vou ter de fazer. — Os seus ombros endireitaram-se e ela ergueu bem alto as duas mãos; a sua voz grave e ressonante fez estremecer o quarto.

— Isarma!

Não era sem razão que os nomes verdadeiros eram sagrados e secretos; a entoação e a vibração do seu nome do Templo penetrou até mesmo nos sentidos embotados de Domaris e ela ouviu, embora com relutância.

— Quem? — Murmurou.

— Sou mulher e tua irmã — disse Maleina com uma autoridade bondosa acalmando-a com uma mão sobre o centro sensível do chakra da testa. Abruptamente virou-se para Cadamiri.

— A alma vive nela novamente — disse. — Acredita que não farei mais do que o necessário, mas agora ela vai lutar contramim... Tens de ajudar-me ainda que tudo isto te pareça terrível.

Domaris, sem qualquer controlo, ergueu-se aos gritos num puro instinto de sobrevivência animal quando Maleina lhe tocou.

Maleina fez sinal e Cadamiri lançou todo o seu peso sobre a mulher para a imobilizar. Depois Domaris soltou um grito convulso; Cadamiri sentiu-a ficar inerte e misericordiosamente inconsciente sob as suas mãos.

Com uma expressão de horror, Maleina agarrou num pano de linho e enrolou-o em torno do feto terrivelmente destruído que tinha na mão. Cadamiri estremeceu e Maleina olhou para ele sombriamente.

— Acredita-me, eu não matei — disse. — Só a libertei de...

— De uma morte certa — disse Cadamiri em voz fraca. — Eu sei. Eu não me teria... Atrevido.

— Nem eu, se a causa fosse menos nobre — disse Maleina e os olhos da mulher estavam úmidos quando olhou para a forma inconsciente de Domaris.

Curvou-se e, com meiguice, endireitou os membros da mulher mais nova e cobriu-a com roupa limpa.

— Ela sobreviverá — disse Maleina. — Isto... — Cobriu o corpo mutilado da criança morta. — Não digas a ninguém quem fez isto.

Cadamiri estremeceu e disse:

— Que assim seja.

Sem se mexer, a mulher desapareceu e apenas um raio de Sol brilhava no lugar que a Adepta ocupara um momento antes.

Cadamiri agarrou-se aos pés da cama temendo que, apesar de todo o seu treino, acabasse por desmaiar e cair. Passados instantes recuperou o equilíbrio e preparou-se para ir dar a notícia a Rajasta: que Domaris estava viva e que o filho de Arvath estava morto.

## **Capítulo Seis**

### **O Preço**

Tinham permitido a Demira ouvir o testemunho de Deoris que, em parte, lhe fora arrancado sob hipnose e, em parte, devido ao fato de ela saber que o perjúrio teria um efeito kármico que se estenderia por séculos. Riveda, também ele, respondera a todas as perguntas com a verdade... E com desprezo. Os outros tinham-se refugiado em mentiras inúteis.

Tudo aquilo Demira suportou com bastante calma, mas quando ficou a saber quem era o pai do seu filho, começou a gritar por cima das outras vozes:

— Não! Não, não, não...

— Silêncio! — Ordenou Ragamon e o seu olhar trespassou a criança que gritava enquanto dizia solenemente. — Este testemunho não será aceite. Não encontro qualquer registo dos pais desta criança nem tenho qualquer razão, a não ser o testemunho indirecto, para afirmar que ela é filha de um homem. Não temos necessidade de acusações de incesto!

Maleina tomou Demira nos braços apoiando a cabeça dourada no seu ombro, abraçando a moça com força com um amor cheio de sofrimento e instinto de protecção. A expressão estampada no rosto da mulher poderia ter pertencido a um anjo sofredor... Ou a um demónio vingador.

Os seus olhos pousaram em Riveda parecendo faiscar no seu rosto magro e moreno e falou como se a voz viesse da tumba.

— Riveda! Se os Deuses castigassem com justiça, estarias no lugar desta criança!

Mas Demira debateu-se loucamente e, libertando-se dos braços dela, saiu aos gritos

do Salão da Justiça.

Procuraram-na durante o dia inteiro. Foi Karahama quem, ao cair da noite, encontrou a moça no santuário mais recôndito do Templo da Mãe. Demira enforcara-se numa das traves, com uma faixa nupcial azul em torno do pescoço, o pequeno corpo distorcido balouçando horivelmente como em reprovação da Deusa que a recusara, a mãe que a abandonara e o Templo que nunca lhe permitira que conhecesse a vida...

## Capítulo Sete

### A Taça Da Morte

Silêncio... E o bater do coração dela... E o som da água que gotejava lentamente, gota a gota, caindo da pedra sobre o chão de rocha húmida. Deoris esgueirou-se pela quietude e pela escuridão chamando quase num sussurro:

— Riveda! — O tecto abobadado devolveu-lhe o nome em ecos guturais e vazios: -Riveda... veda... veda... eda... eáa...

Deoris estremeceu, os olhos enormes procurando ansiosamente nas trevas. Para onde o teriam levado?

À medida que os olhos se iam acostumando à penumbra, discerniu uma luz pálida e fraca... E, quase aos seus pés, a forma pesada e jacente de um homem.

Riveda! Deoris caiu de joelhos.

Ele estava desesperadamente imóvel e respirava como se estivesse drogado. As correias pesadas em torno do seu corpo puxavam-no para trás, numa posição tensa e pouco natural...

Abruptamente o prisioneiro despertou, as mãos apalpando a escuridão.

— Deoris — disse ele, meio sonhador, e mexeu-se provocando um ruído metálico de correntes. Ela agarrou nas mãos tateantes e levou aos lábios os pulsos esfolados pelo ferro frio. Riveda debateu-se para lhe tocar na cara. — Eles... Eles não te aprisionaram, filha?

— Não — murmurou ela.

Riveda fez um esforço para se sentar e depois desistiu com um suspiro.

— Não consigo — reconheceu fatigado. — Estas correntes são pesadas... E frias!

Horrorizada, Deoris apercebeu-se de que ele estava literalmente carregado de correntes de bronze que lhe enlaçavam o corpo e prendiam as mãos e os pés junto ao chão, não permitindo sequer que se sentasse: a sua força gigantesca oprimida com tanta facilidade! Mas como eles devem temê-lo!

Ele sorriu num esgar vazio e contorcido no meio da escuridão.

— Eles até me prenderam as mãos com medo que eu fizesse um feitiço capaz de me libertar! Esses idiotas cobardes e supersticiosos — resmungou — não percebem nada de magia... Temem aquilo que nenhum ser humano pode conseguir! — Riu-se. — Suponho que conseguiria enfeitiçar os grilhões que tenho nos pulsos... Se quisesse provocar o colapso de toda a masmorra em cima de mim!

Desajeitadamente, devido ao peso das correntes e da atrapalhão provocada pelo seu corpo cada vez mais inchado, Deoris abraçou-o tão junto a si quanto lhe foi possível, com a cabeça dele pousada nas suas coxas macias.

— Há quanto tempo estou aqui, Deoris?



— Há sete dias — murmurou ela.

Mexeu-se, irritado, quando se apercebeu de que ela chorava baixinho.

— Ora, pára com isso! — Ordenou-lhe. — Suponho que vou morrer — e isso consigo suportar — mas não vou permitir que te ponhas com lamúrias à minha volta! — No entanto a mão dele, pousada carinhosamente sobre as dela, contradizia a ira na sua voz.

— De certa forma — disse ele passado algum tempo — sempre pensei que o meu lugar era por aí, algures no meio das trevas.

— As palavras caíram, tranquilas e calmas, através do gotejar intermitente das águas subterrâneas. — Há muitos anos, quando eu era novo, vi uma fogueira e algo semelhante à morte... E para além disso, nos lugares das trevas, qualquer coisa... Ou alguém que me conhecia. Será que encontrarei finalmente o caminho de regresso para esse maravilhoso mundo da Noite? — Ficou quieto nos braços dela a sorrir durante vários minutos.

— Estranho — disse por fim — que depois de tudo o que fiz, o meu único ato de misericórdia me condene à morte... O ter-me certificado de que Larmin, com o seu sangue impuro, não atinja a maturidade como homem completo.

De repente Deoris ficou zangada.

— Quem eras tu para ajuizar isso? — Perguntou-lhe, inflamada.

— Ajuizei... Porque tinha poder para decidir.

— Não existem direitos para além do poder? — Perguntou Deoris com amargura.

O sorriso de Riveda assemelhava-se a um esgar.

— Nenhuns, Deoris. Nenhuns.

Uma rebelião inflamada explodiu dentro de Deoris e os direitos da criança que tinha no ventre provocaram nela uma grande agitação.

— Tu próprio foste o pai de Larmin e perpetuaste a corrupção desse sangue! E então Demira? E a criança que tu, de livre vontade, puseste no meu ventre? Demonstrarías para com essa criança a mesma misericórdia?

— Havia... Coisas que eu não sabia quando engravidei a mãe de Larmin. — Na escuridão ela não podia aperceber-se de quão sinistro era o sorriso de Riveda enquanto pronunciava aquelas palavras. — Quanto ao teu filho, temo que a única misericórdia que vá ter relativamente a ele seja o fato de o deixar órfão! — E subitamente explodiu em mais um ataque de loucura, gritando blasfémias e heresias, debatendo-se contra as correntes como um animal enlouquecido. Empurrando Deoris para longe de si, gritou violentamente até ficar sem voz e, ofegando ruidosamente, voltou a ficar inerte e as correntes caíram com um clangor metálico.

Deoris abraçou novamente o homem exausto e ele não se mexeu. O silêncio aproximou-se deles com passos indistintos enquanto um raio de luz se arrastava sobre o rosto dela e pousava, finalmente, sobre o rosto adormecido e fatigado de Riveda. Um sono profundo envolveu-o, um sono que parecia estar de mãos dadas com a morte. O tempo esgotara-se. Deoris, ajoelhando-se na escuridão, sentia o bater lento do seu coração ao ritmo da água que gotejava, áspera e monotonamente, escavando um canal profundo no seu coração que transbordava de silêncio soturno...

Riveda moveu-se finalmente como se estivesse com dores. O único raio de luz delineava os contornos do seu rosto de forma impiedosa perante os olhos cheios de amor de Deoris.

— Deoris — murmurou ele e a mão algemada apalpou-lhe a cintura... Depois ele suspirou. — É claro. Eles queimaram-na! — Calou-se, a voz ainda ofegante e rouca, — Perdoa-me — disse. — Era melhor... Que nunca conhecesses... O nosso filho! — Soltou

um som estranho semelhante a um soluço, depois virou a cara para a mão dela e com uma reverência tornada ainda maior pelo fato de ser inesperada, pousou os lábios na palma da mão dela. A mão algemada caiu com um barulho de correntes.

Pela primeira vez na sua vida longa e vivida de forma impessoal, Riveda sentiu um profundo desespero pessoal. Não temia a morte; lançara os dados e estes tinham-lhe sido adversos. Mas que dados terei eu lançado para Deoris? Ela tem de viver... E depois de mim o filho dela viverá... Essa criança!

Subitamente Riveda apercebeu-se da dimensão do efeito das suas ações, enfrentou as responsabilidades e estas pareceram-lhe uma bebida amarga e envenenada. No meio da escuridão, abraçou Deoris o mais junto ao peito quanto as circunstâncias lho permitiam e com uma grande ternura, como se se esforçasse por lhe dar a protecção que negligenciara durante demasiado tempo... E os seus pensamentos avolumavam-se como uma torrente negra.

Mas para Deoris a cor cinzenta desaparecera. No meio do desespero e da dor encontrara finalmente o homem que sempre vira e conhecera e amara por trás da máscara terrível que ele usava perante o mundo. Naquele momento ela já não era uma criança assustada mas sim uma mulher, mais forte do que a vida ou a morte na violência suave do seu amor por aquele homem que nunca conseguiria odiar. A sua força não duraria muito... Mas quando se ajoelhou ao lado dele, esqueceu tudo, à excepção do amor que sentia por Riveda. Abraçou o corpo acorrentado e o tempo parou para ambos.

Ainda o abraçava quando os Sacerdotes vieram para os levar.

O grande salão estava completamente cheio com as vestes dos sacerdotes: brancas, azuis, cor de linho e cinzentas, os homens e as mulheres dos vários edifícios do Templo misturavam-se perante o palanque do julgamento. Afastaram-se com murmúrios abafados enquanto Domaris avançava lentamente, o cabelo cor de fogo, a única nota colorida em todo o seu corpo e o rosto mais branco que o brilho pálido do seu manto. Ia flanqueada por dois sacerdotes vestidos de branco que caminhavam, com uma gravidade silenciosa, um passo atrás dela, atentos não fosse cair... Mas ela caminhava com firmeza e os seus olhos impassíveis não revelavam nada dos seus pensamentos.

Inexoravelmente, aproximaram-se do palanque. Ali os sacerdotes detiveram-se mas Domaris continuou, tão lentamente como o destino, e subiu os degraus. Não olhou sequer para o espantalho encurvado e algemado aos pés do palanque, nem para a moça que estava acorada com o rosto escondido no peito de Riveda, com o cabelo negro e emaranhado cobrindo-os aos dois. Domaris forçou-se a subir os degraus com imponência e ocupou o seu lugar entre Rajasta e Ragamon.

Por trás deles, Cadamiri e os outros Guardiães não passavam de rostos sombrios escondidos por detrás dos capuzes dourados.

Rajasta avançou olhando para os Sacerdotes e Sacerdotisas ali reunidos; os seus olhos pareciam examinar individualmente cada um dos rostos que se encontrava na sala. Finalmente suspirou e falou com uma formalidade cerimoniosa:

— Ouvistes as acusações. Acreditais nelas? Terão sido provadas?

Um trovão profundo, irregular e ameaçador deu-lhe a resposta:

— Acreditamos! Está provado!

— Aceitais a culpa deste homem?

— Aceitamos!

— E qual é a vossa vontade? — Perguntou Rajasta gravemente.

— Perdoais-lhe?

Mais uma vez soou o trovão das vozes reunidas, semelhante ao quebrar das vagas

na rebentação:

— Não perdoamos!

O rosto de Riveda manteve-se impassível embora Deoris tivesse estremecido.

— Qual é a vossa vontade? — Perguntou Rajasta. — Significa isso que o condenais?

— Condenamos!

— Qual é a vossa vontade? — Disse Rajasta novamente... Mas a sua voz estava a ceder. Sabia qual seria a resposta.

A voz de Cadamiri soou, firme e forte, vinda da esquerda:

— Morte àquele que usou mal o seu poder!

— Morte! — A palavra rolou e reverberou em torno da sala, morrendo em pequenos ecos murmurados.

Rajasta virou-se e enfrentou a cadeira dos juizes.

— Concordais?

— Concordamos! — A voz forte de Cadamiri abafou todos os sons: a voz de Ragamon soou áspera e insegura e as outras não passaram de murmúrios. Domaris falou tão baixinho que Rajasta teve de se curvar para a ouvir. — Nós... Concordamos.

— É a vossa vontade. Concordo. — Rajasta virou-se novamente para enfrentar o acorrentado Riveda. — Ouviste a tua sentença — acusou gravemente. — Tens alguma coisa a dizer?

Os olhos frios e azuis encontraram os de Rajasta num olhar longo, como se o Adepto estivesse a ponderar numa entre muitas respostas possíveis, qualquer umas das quais poderia abalar o chão por baixo dos pés de Rajasta...

Mas o maxilar forte e rude e agora coberto por uma barba de um loiro avermelhado, só se virou um pouco, com uma expressão que não era nem um sorriso nem um esgar. — Nada, nada mesmo — disse numa voz baixa e estranhamente doce. Rajasta fez um gesto ritual.

— A sentença mantém-se! O fogo purifica... E para o fogo te enviamos! — Fez uma pausa e acrescentou severamente. — Que sejas purificado!

— E então a sagi? — Gritou alguém no fundo da sala.

— Expulsem-na do Templo! — Gritou uma outra voz aguda.

— Queimem-na! Apedrejem-na! Queimem-na também! Bruxa! Prostituta! — Era uma tempestade de vozes sibilantes e, durante vários minutos, a mão erguida de Rajasta não conseguiu impor o silêncio. A mão de Riveda apertou mais o ombro de Deoris e os seus maxilares estavam cerrados e os dentes enterrados no lábio. Deoris não se mexeu. Era como se já estivesse morta, deitada junto aos joelhos dele.

— Ela será punida — disse Rajasta severamente — mas é uma mulher... E está grávida!

— E a semente de um bruxo deve viver? — Perguntou uma voz anónima e a tempestade de vozes ergueu-se novamente abafando as admoestações de Rajasta no clamor do caos.

Domaris levantou-se e manteve-se de pé, balouçando um pouco e depois avançou um passo. O motim morreu lentamente enquanto a Guardiã se mantinha imóvel, com o cabelo a brilhar nas sombras. A sua voz soou baixa e calma:

— Meus Senhores, isso não pode ser. Empenho a minha vida por ela.

Austeramente, Ragamon fez a pergunta:

— Com que direito?

— Ela foi selada pela Mãe — disse Domaris e os seus grandes olhos pareciam assombrados enquanto continuou. — Ela é Iniciada e está para lá da vingança dos

homens. Perguntem às Sacerdotisas... Ela é sacrossanta à luz da Lei, Que a culpa dela recaia sobre mim; falhei enquanto Guardiã e como irmã. Sou ainda mais culpada: através do antigo poder dos Guardiães, investido em mim, amaldiçoei este homem que está condenado perante vós. — Os olhos de Domaris pousaram quase bondosamente na cabeça arrogante de Riveda.

— Amaldiçoei-o vida após vida, nos ciclos do karma... Através do Ritual e do Poder, amaldiçoei-o. Que a minha culpa seja punida.

— Deixou cair as mãos e virou-se para Rajasta, auto-acusada, à espera.

Ele olhou-a com consternação. O futuro tornara-se subitamente negro perante os seus olhos. Será que Domaris nunca aprenderá a ser cautelosa? Não me deixa alternativa... Numa voz fatigada, Rajasta disse:

— A Guardiã reclamou a sua responsabilidade! Entrego Deoris à irmã, que ela possa dar à luz e o seu destino será decidido mais tarde... Mas despojo-a da honra. Não mais será chamada Sacerdotisa ou Escriba. — Fez uma pausa e voltou a dirigir-se à assembleia. — A Guardiã afirma ter amaldiçoado... Através do Ritual e do Poder antigos. Terá sido um uso abusivo?

A sala explodiu em respostas vagas e sibilantes; a unanimidade desaparecera, as poucas vozes pareciam inseguras e perdiam-se na sala abobadada. A culpa de Riveda fora provada num julgamento público e era uma culpa concreta; aquele era um segredo sacerdotal que só poucos conheciam e, quando era revelado daquela maneira, os sacerdotes comuns sentiam-se mais confundidos do que indignados, pois quase não faziam idéia do seu significado.

Uma voz, mais corajosa do que as restantes, soou no meio dos olhares desconfortáveis e dos murmúrios vagos:

— Que Rajasta cuide da sua Acólita! — Uma tempestade de vozes apropriou-se do grito: — Sobre a cabeça de Rajasta! Que Rajasta trate da sua Acólita!

— Já não é Acólita — a voz de Rajasta foi como uma chicotada e Domaris encolheu-se de dor. — No entanto aceito a responsabilidade. Que assim seja!

— Que assim seja! — Trovejou a multidão de Sacerdotes mais uma vez em uníssono.

Rajasta curvou-se cerimoniosamente.

— As sentenças mantêm-se — anunciou e sentou-se, olhando para Domaris que se mantinha de pé e não muito firme. Zangado e triste, Rajasta perguntou-se se ela faria a menor idéia das consequências que a sua confissão poderia ter. Sentia-se horrorizado com a cadeia de acontecimentos que ela — Iniciada e Adepta — pusera em movimento. O poder investido nela era algo de muito real e, ao amaldiçoar Riveda da forma que ela o amaldiçoara, usara-o para o fim indigno. Ele sabia que ela pagaria... E esse fato fez com que a sua própria coragem quase desaparecesse. Ela originara um karma infinito pelo qual ela própria, e quem sabe quantos outros, teriam de pagar... Também era culpa sua o fato de Domaris ter deixado que isso acontecesse e Rajasta não recusava essa responsabilidade nem mesmo perante si próprio.

E Deoris...

Domaris referira o Mistério de Caratra que nenhum homem podia penetrar; com aquela simples frase separara-se efectivamente dele. O seu destino estava agora nas mãos da Deusa. Rajasta não podia interferir nem mesmo para mostrar misericórdia. Também Deoris estava fora do alcance do Templo. A única coisa que podia ser decidida era se aquele Templo continuaria ou não a acolher as duas irmãs...

Domaris desceu lentamente os degraus, movendo-se com uma espécie de esforço concentrado, como se a força de vontade pudesse ultrapassar a sua fragilidade física.

Dirigiu-se a Deoris e, curvando-se, tentou puxá-la. A moça mais nova resistiu freneticamente e, finalmente, em desespero, Domaris fez sinal a um dos seus assistentes, um sacerdote, para que a levasse... Mas quando o Sacerdote pôs as mãos na moça, Deoris gritou e agarrou-se a Riveda num frenesim.

— Não! Nunca, nunca! Deixem-me morrer também! Não vou! O Adepto ergueu a cabeça mais uma vez e olhou Deoris nos olhos.

— Vai, filha — disse baixinho. — Esta é a última ordem que alguma vez te darei. — Com as mãos algemadas tocou-lhe nos caracóis escuros. — Juraste obedecer-me até ao fim — murmurou. — Agora o fim chegou. Vai Deoris.

A moça desfaleceu a soluçar terrivelmente mas permitiu que a levassem. Os olhos de Riveda seguiram-na, revelando uma enorme emoção e os seus lábios moveram-se quando murmurou pela primeira e última vez.

— Oh, minha amada!

Depois de uma longa pausa, ergueu novamente o olhar e os seus olhos, novamente duros e controlados, encontraram os da mulher vestida de branco que estava na sua frente.

— O teu triunfo, Domaris — disse ele amargamente. Num estranho impulso ela exclamou:

— A nossa derrota!

Os olhos azuis e frios de Riveda cintilaram de forma estranha e ele riu alto.

— És... Uma adversária de valor — disse.

Domaris sorriu brevemente; Riveda nunca antes a tratara como igual.

Rajasta levantara-se para fazer um derradeiro desafio aos Sacerdotes.

— Quem é a favor da misericórdia? — Silêncio.

Riveda virou a cabeça e olhou para os seus acusadores, enfrentando-os sem qualquer apelo.

E Domaris disse calmamente:

— Eu peço misericórdia, meus senhores. Ele poderia tê-la deixado morrer! Ele salvou Deoris arriscando a sua própria vida... Quando poderia tê-la deixado morrer! Deixou-a viver exibindo as cicatrizes que o acusariam para sempre. Não passa de uma pena a contrabalançar o seu crime... Mas na balança dos Deuses uma pena pode contrabalançar uma alma humana. Peço misericórdia!

— Tens esse privilégio — admitiu Rajasta com voz rouca. Domaris tirou de dentro do manto o velho punhal de ouro que simbolizava o seu cargo.

— Isto é para teu uso — disse e enfiou o punhal na mão de Riveda. — Eu também preciso de misericórdia — acrescentou e foi-se embora, as suas vestes brancas e douradas desaparecendo lentamente por entre as fileiras de Sacerdotes.

Riveda examinou longamente o punhal que tinha nas mãos. Devido a uma estranha fatalidade, o único presente que Domaris alguma vez lhe dera era a morte e era o presente supremo. Num momento breve e passageiro, pensou se Micon teria tido razão; se assim fosse, Domaris e Deoris tinham semeado acontecimentos que os juntariam novamente, a todos eles, para lá daquela separação, vida após vida... Sorriu... Um sorriso cansado de académico. Esperava sinceramente que não.

Pondo-se de pé, entregou o símbolo de misericórdia a Rajasta — já se tinham passado muitos séculos desde que o punhal da misericórdia era utilizado para o seu fim original — e, em troca, aceitou a taça cravada de jóias. O Adepto segurou-a, tal como fizera com o punhal, pensativamente durante um longo minuto, contemplando — com um prazer quase sensual, com a estranha sensualidade dos ascetas — a escuridão que o aguardava. A escuridão que ele, durante toda a vida, procurara e amara. Toda a sua vida o conduzira àquele momento e, num pensamento momentâneo e meio inconsciente,



ocorreu-lhe que fora precisamente aquilo o que procurara... E que poderia tê-lo conseguido de uma forma muitíssimo mais simples. Sorriu novamente.

— O maravilhoso mundo da Noite — disse em voz alta e esvaziou a taça da morte com um único golo; depois, com os últimos resquícios de forças, ergueu-a e, com uma gargalhada, atirou-a certeira­mente contra o palanque. A taça acertou na têmpera de Rajasta e o velho tombou inconsciente, perdendo os sentidos no mesmo instante em que Riveda, com um clangor de correntes de bronze, caía sem vida no chão de pedra.

## **Capítulo Oito**

### **O Legado**

As pequenas tarefas do dia-a-dia continuaram de uma forma tão semelhante à habitual, que Deoris se sentia confusa. Vivia quase numa redoma de vidro; o seu espírito parecia ter regressado aos velhos tempos em que ela e Domaris tinham sido crianças. Deliberadamente, agarrava-se a esses sonhos e fantasias, encorajando-os e, se um pensamento relativo ao presente conseguia penetrar o seu espírito, bania-o imediatamente.

Embora o seu corpo estivesse pesado, acelerado por uma outra vida que lhe era estranha e mais forte do que ela, recusava-se a pensar na criança que ainda não nascera. O seu cérebro mantinha-se cerrado contra a memória da noite na Cripta com excepção dos pesadelos que a faziam acordar aos gritos. Que monstro traria ela no ventre aguardando o nascimento...?

A um nível mais profundo, onde os pensamentos não eram muito claros, sentia-se fascinada, temerosa, ultrajada. O seu corpo — a cidadela invencível do seu ser — já não lhe pertencia, tinha sido invadida, corrompida. Mas de que coisa danada da escuridão, operando através de Riveda, seria ela mãe... E com que fim infernal?

Começara a odiar o seu corpo rebelde como algo de violado, algo de feio que queria esconder e que desprezava. Nos últimos tempos começara a atar-se firmemente com uma cinta branca, forçando a silhueta rebelde a assemelhar-se à elegância que sempre tivera, embora tivesse o cuidado de compor as roupas por forma a que não fosse muito óbvio e Domaris não desse por isso.

Domaris não ignorava os sentimentos de Deoris, conseguia mesmo percebê-la até certo ponto: o horror, a relutância em recordar e enfrentar o futuro, o tremendo desespero.

Concedeu à moça uns quantos dias de sonho e silêncio, esperando que Deoris ultrapassasse a crise por si própria... Mas acabou por falar no assunto, apenas por uma questão de urgente necessidade. Os últimos desenvolvimentos não eram um sonho mas dolorosamente reais.

— Deoris, o teu filho vai acabar por nascer aleijado se continuares a apertá-lo assim — disse. Falou carinhosamente, com cuidado, como se falasse com uma criança. — Sabes que não podes fazer isso!

Deoris afastou-lhe a mão com rebeldia.

— Não vou andar para aí coberta de vergonha para que todas as rameiras do Templo possam apontar-me o dedo e fazer apostas acerca de quando vou entrar em trabalho de parto!

Domaris cobriu o rosto com as mãos, doente de pena. Deoris tinha sido, na realidade, gozada e atormentada nos dias seguintes à morte de Riveda. Mas aquela...

Aquela violência contra a natureza! E Deoris, que fora Sacerdotisa de Caratra!

— Escuta Deoris — disse com mais severidade do que aquela com que lhe falara depois de todos os desastres que lhe tinham acontecido — se és tão sensível, fica nos nossos jardins onde ninguém te verá. Mas não podes magoar-te a ti e à criança desta forma! — Agarrou na cinta apertada e começou a soltá-la. A pele avermelhada estava marcada por linhas brancas verticais onde as ligaduras tinham penetrado na pele. — Minha filha, minha pobrezinha! Que te levou a fazer isto? Como pudeste fazer uma coisa destas?

Deoris desviou o olhar num silêncio amargurado e Domaris suspirou. A moça tem de parar com isto... Com esta recusa idiota de enfrentar a realidade!

— Tens de receber os cuidados devidos — disse Domaris.

— Se não de mim então de outra pessoa.

Deoris disse muito depressa, assustada:

— Não! Não, Domaris, não... Não me deixes!

— Não podia ainda que quisesse — respondeu Domaris. Depois, numa rara tentativa de fazer humor, provocou-a. — Os teus vestidos agora já não te servem! Mas gostas assim tanto dos vestidos para teres feito uma coisa destas?

Deoris respondeu-lhe com o habitual sorriso ausente e apático.

Domaris, sorrindo, começou a mexer nas roupas da irmã.

Passados alguns minutos endireitou-se, espantada.

— Mas não tens mais nada que te sirva! Deverias ter arranjado...

Deoris virou-lhe as costas num silêncio hostil e tornou-se evidente para a espantada Domaris que o esquecimento fora deliberado. Sem dizer mais nada, mas sentindo-se como se tivesse sido atacada por um animal saído da escuridão, Domaris foi procurar entre os seus próprios pertences e encontrou uns panos de cores alegres, finos como gaze, que poderiam ser usados como vestidos soltos e convencionais. Usei-os antes do nascimento de Micail, pensou, sonhadora. Nessa altura fora mais magra... O corpo mais pequeno e mais magro de Deoris adaptar-se-ia perfeitamente...

— Vamos lá — disse com uma gargalhada, pondo de lado as recordações dos tempos em que ela própria usara aquelas roupas — finalmente vou mostrar-te uma coisa em que sou melhor do que tu! — Como se estivesse a vestir uma boneca, pôs Deoris de pé e, com uma imitação de alegria, tentou demonstrar à irmã como deveria vestir os panos tradicionais.

Não estava preparada para a reacção da moça. Deoris agarrou quase de imediato os panos, arrancando-os das mãos da irmã e, com gestos furiosos e frenéticos, rasgou-os e atirou-os para o chão. Depois, estremecendo, Deoris atirou-se também para as lajes frias e começou a chorar descontroladamente.

— Não, não, não! — Soluçava Deoris repetidamente. — Deixa-me sozinha! Vai-te embora, vai-te embora! Deixa-me sozinha!

Já era quase noite. O quarto estava repleto de sombras inconstantes e a luz aquosa escurecia a cor de fogo dos cabelos de Domaris, realçando a única madeixa branca em todo o seu comprimento. O rosto dela estava magro e pálido, o corpo mais magro e macilento, com uma flacidez que não tinha anteriormente. O rosto de Deoris estava pálido e infeliz. Aguardavam, juntas, com um pânico contido.

Domaris vestia o vestido azul debruado a ouro das Iniciadas de Caratra e pedira a Deoris que se vestisse da mesma forma. Era a sua única esperança.

— Domaris — disse Deoris em voz fraca — que vai acontecer?

— Não sei, querida. — A mulher mais velha apertou com força a mão da irmã

entre as suas mãos finas onde sobressaíam as veias azuladas. — Mas eles não podem fazer-te mal, Deoris. Tu és... Nós somos, o que somos! Isso eles não podem mudar ou contestar.

Mas Domaris suspirou, pois não se sentia tão segura como tentava parecer. Fizera o que fizera para proteger Deoris e, sem sombra de dúvida, que o conseguira, caso contrário Deoris teria partilhado o destino de Riveda! Mas tinha havido um sacrilégio que atingia o próprio cerne da religião, pois o filho de Deoris tinha sido concebido num ritual odioso. Uma criança concebida em tais circunstâncias poderia alguma vez ser recebida na Casta dos Sacerdotes?

Embora não se arrependesse, nem mesmo naquele momento, pela decisão que tomara, Domaris sabia que se precipitara e as consequências deixavam-na temerosa. O seu próprio filho morreria e, por entre as ondas de desgosto que a assolavam, sabia que não teria podido esperar outra coisa. Aceitava a sua própria culpa mas decidiu, com uma determinação calma mas feroz, que o filho de Deoris se salvaria. Aceitara assumir a responsabilidade por Deoris e pela criança que estava para nascer e não fugiria, nem por um instante, a essa responsabilidade.

E no entanto... De que monstro assombrado da noite que possuía Riveda, teria Deoris sido feita mãe? Que criatura infernal aguardaria o nascimento?

Pegou na mão de Deoris quando se levantaram, no momento em que os juizes entraram na sala: os Cinco Investidos, paramentados a rigor; Karahama e as Sacerdotisas suas assistentes; Rajasta e Cadamiri, os mantos dourados e as insígnias sagradas iluminando a sala mergulhada na penumbra e, por trás de Karahama, uma forma etérea envolta em cinzento, que se mantinha imóvel com as mãos esguias cruzadas sobre o peito magro. Por baixo do manto cinzento brilhou uma cor azul e, sobre o cabelo brilhante, um diadema de safiras em forma de estrela, proclamava os ritos de Caratra da Atlântida, ali presente através da presença fúnebre de Maleina... E até mesmo os Cinco Investidos tratavam com deferência a idosa Sacerdotisa e Adepta.

Havia sofrimento estampado nos olhos de Rajasta, e Domaris pensou detectar um brilho de simpatia no rosto impassível da Adepta, mas os outros rostos eram severos e inexpressivos; o rosto de Karahama revelava mesmo uma vaga e perceptível expressão de triunfo. Domaris havia muito que se arrependera do seu momento de arrogância de há tantos anos antes; arranjava uma inimiga formidável. Seria a isto que Micon chamaria karma... Micon! Tentou concentrar-se no nome dele e na memória da sua imagem como se de um talismã se tratasse, mas não o conseguiu. Teria ele censurado as suas ações? Ele nada fizera para proteger Reio-ta nem mesmo sob tortura!

O olhar de Cadamiri era impiedoso e Domaris retraiu-se. Da parte de Cadamiri, pelo menos, não poderiam esperar piedade, apenas justiça. A luz impiedosa do fanatismo brilhava nos seus olhos... Algo semelhante ao fervor que Domaris pressentira e temera em Riveda.

Resumidamente, Ragamon o Ancião, expôs a situação: Adsartha, em tempos Sacerdotisa noviça de Caratra, saji do maldito e condenado Riveda, trazia no ventre uma criança concebida no meio de um sacrilégio indizível. Sabendo disso, a Guardiã Isarma tomara a iniciativa de consagrar a apóstata Sacerdotisa Adsartha, juntamente consigo, ao antigo e sagrado Mistério da Mãe Negra, o que as deixava para sempre fora do alcance da justiça humana...

— Será isso verdade? — Perguntou.

— No essencial — disse Domaris em voz fatigada. — Existem alguns pormenores que não estão correctos, mas não lhes reconhecerias importância.

Rajasta encontrou o seu olhar.

— Podes expor a situação por palavras tuas, filha, se assim o desejares.

— Obrigada — Domaris apertou as mãos e voltou a soltá-las. — Deoris não era saji. Disso, creio, Karahama pode ser testemunha. Não é verdade minha irmã e mais do que irmã... — A utilização da frase ritual foi deliberada, baseada numa mera suposição que pouco mais era do que uma esperança desesperada.

— Não é verdade que uma donzela não pode ser feita saji depois de o seu corpo ter atingido a maturidade?

O rosto de Karahama empalideceu e os seus olhos velaram-se com a raiva contida pelo fato de ela, Karahama, se ver forçada a uma situação em que estava obrigada por votos solenes a ajudar Domaris em tudo o que estivesse ao seu alcance!

— É verdade — reconheceu Karahama numa voz cheia de tensão. — Deoris não era uma saji, mas antes Sākti Sidhāna e, dessa forma, sagrada até mesmo para os Sacerdotes da Luz.

Domaris continuou tranquilamente:

— Consagrei-a a Caratra não apenas para a proteger da punição nem para a proteger da violência, mas também para a reconduzir ao caminho da Luz. — Vendo que os olhos de Rajasta se fixavam nela com um espanto céptico, Domaris acrescentou, num impulso. — Deoris também nasceu na Luz, tanto quanto eu própria e senti que... O filho dela também merecia ser protegido.

— Falas verdade — murmurou Ragamon o Ancião — no entanto como poderá uma criança concebida numa blasfémia tão imunda ser recebida pela Mãe?

Domaris enfrentou-o orgulhosamente.

— Os Ritos de Caratra — disse com uma ênfase calma — não fazem qualquer distinção. As suas Sacerdotisas podem ter sangue real... Podem ser da raça dos escravos... Ou até mesmo dos sem povo. — Os seus olhos demoraram-se por instantes em Karahama.

— Não é assim, minha irmã?

— É sim, minha irmã — reconheceu Karahama muito hirta, — Deoris até poderia ter sido saji. — Sob o olhar de Maleina, não se atrevera a guardar o silêncio, pois Maleina tivera piedade de Karahama anos atrás; não fora uma simples coincidência que levara Demira a ser pupila de Maleina. As três filhas de Talkannon olharam umas para as outras e só Deoris baixou os olhos. Domaris e Karahama mantiveram-se durante um minuto inteiro de olhos cinzentos nos olhos cor de âmbar. Não havia amor naquele olhar... Mas estavam ligadas por um laço apenas ligeiramente mais fraco que aquele que ligava Domaris a Deoris.

Cadamiri interrompeu o silêncio tenso com palavras duras:

— Basta! Isarma não está destituída de culpa, mas agora isso não é importante. O destino de Deoris tem de ser decidido... Mas o filho do Santuário Negro nunca poderá nascer!

— Que queres dizer? — Perguntou Maleina severamente.

— Riveda concebeu esta criança em blasfémia e sacrilégio. A criança não poderá ser reconhecida ou recebida. Nunca poderá nascer! — A voz de Cadamiri era sonora e tão inflexível como a sua atitude.

Deoris agarrou a mão da irmã convulsivamente e Domaris disse, hesitante:

— Não podes querer dizer...

— Sejamos realistas, minha irmã — disse Cadamiri. — Sabes perfeitamente o que quero dizer. Karahama...

A Mãe Ysouda, chocada, explodiu:

— Isso vai contra as nossas leis mais sagradas!

Mas a voz de Karahama soou, em tons doces e melodiosos, quase acariciantes.

— Cadamiri tem razão, minhas irmãs. A lei contra o aborto aplica-se apenas aos nascidos na Luz, recebidos e reconhecidos perante a Lei. Nenhum artigo da Lei impede que se extirpe o resultado da magia negra. A própria Deoris ficaria muito melhor se se visse livre desse fardo. — Falou com enorme doçura, mas por baixo das sobrancelhas escuras e juntas enviou a Deoris um olhar de ódio puro que fez com que a moça se encolhesse. Karahama tinha sido sua amiga, sua mentora...

E agora aquilo! Nas últimas semanas Deoris acostumara-se aos olhares frios e às costas que se voltavam, a ser evitada devido ao medo supersticioso e aos silêncios e murmúrios... Até mesmo Elis a olhava com uma hesitação embaraçada e arranjava desculpas para a afastar de Lissa... No entanto o ódio feroz estampado nos olhos de Karahama era algo de diferente e magoou Deoris com uma força renovada. E de certa forma ela tem razão, pensou Domaris desesperada. Como poderia qualquer Sacerdotisa — ou Sacerdote — suportar a idéia de uma criança trazida de forma tão indizível à encarnação?

— Seria melhor para todos — repetiu Karahama — e sobretudo para Deoris, se essa criança nunca respirasse.

Maleina avançou silenciando Karahama com um gesto.

— Adsartha — disse a Adepta severamente e a utilização do seu nome de sacerdotisa provocou uma reacção na assustada e apática Deoris. — O teu filho foi mesmo concebido no Santuário Negro?

Domaris abriu a boca mas Maleina disse rigidamente:

— Peço-te, Isarma, que a deixes falar por si própria. Dizes que isso aconteceu na Noite do Nadir?

Timidamente, Deoris murmurou uma confirmação.

— Os registos no Templo de Caratra, relativamente aos quais a Mãe Ysouda poderá testemunhar — disse Maleina com uma deliberação gelada — demonstram que todos os meses, na Lua nova — e notem bem, com uma total regularidade — Deoris esteve sempre dispensada dos seus deveres por estar ritualmente impura. Eu própria notei isso mesmo no Templo Cinzento. — Os lábios de Maleina estreitaram-se por um instante, como se sentisse dor ao recordar com quem Deoris passara a maior parte do tempo no Templo Cinzento. — A Noite do Nadir é na Lua Nova... — Fez uma pausa. Mas Domaris e os homens limitaram-se a parecer espantados, embora sob as pálpebras pesadas de Karahama tivesse brilhado algo semelhante à compreensão. — Reparem — disse Maleina com certa impaciência. — Riveda era um Hábito Cinzento muito antes de ser bruxo. Os costumes dos Magos são estritos e invioláveis. Ele não teria permitido a uma mulher nos seus dias de impureza que chegasse sequer à sua presença! E quanto a envolvê-la nessa altura num tal ritual...

Os seus objetivos teriam sido inteiramente frustrados. Será que tenho de explicar-vos os mais elementares fatos da natureza, meus irmãos? Riveda pode ter sido maligno, mas acreditem em mim quando vos digo que não era nenhum idiota!

— Então, Deoris? — Perguntou Rajasta num tom impessoal, mas a esperança começava a surgir no seu rosto.

— Na Noite do Nadir? — Insistiu Maleina.

Deoris sentiu-se empalidecer e ficar rígida não permitindo a si própria pensar nas razões. — Não — murmurou, a tremer — não, não estava!

— Riveda era louco! — Resmungou Cadamiri. — Violou o seu próprio ritual... E daí? Não terá sido apenas mais uma blasfémia? Não estou a perceber o teu raciocínio.

Maleina enfrentou-o, muito direita.

— Quer dizer o seguinte — disse com um ligeiro sorriso carregado de ironia. —



Deoris já estava grávida e o ritual de Riveda foi uma charada sem sentido que ele próprio frustrou! — A Adepta fez uma pausa para saborear a idéia. — Que grande anedota! Mas Deoris caíra, desmaiada, no chão.

## Capítulo Nove

### O Julgamento Dos Deuses

Depois de longas considerações, fora pronunciada a sentença de Domaris: seria exilada para sempre do Templo da Luz. Partiria com todas as honras, como Sacerdotisa e Iniciada; os méritos que conquistara não poderiam ser-lhe negados. Mas partiria sozinha. Nem mesmo Micail poderia acompanhá-la, pois tinha sido confiado pelo pai à guarda de Rajasta. Mas, por um instinto curioso, a escolha do seu local de exílio recaíra sobre o Novo Templo em Atlântida, perto de Ahtarrath.

Deoris não fora sentenciada. A sua penitência não poderia ser decidida até depois do nascimento da criança. E devido ao voto que não podia ser violado, Domaris podia reivindicar o direito de ficar com a irmã mais nova até a criança nascer. Nenhuma outra concessão poderia ser feita.

Numa tarde, alguns dias depois, Rajasta estava sentado sozinho na biblioteca com uma carta de nascimento aberta na sua frente, mas os seus pensamentos estavam centrados na amarga altercação que eclodira quando Deoris tinha sido levada desmaiada.

— Elas não se escondem por detrás dos mistérios, Cadamiri — dissera Maleina lenta e pesadamente. — Eu que sou Iniciada de Ni-Terat — a quem vocês aqui chamam Caratra — vi o Sinal que não pode ser imitado.

O ódio de Cadamiri ultrapassara todos os limites.

— Vão ficar impunes, então? Uma é culpada de bruxaria — dado que mesmo que o filho não seja filho do Santuário Negro ela concordou com o ritual que o teria tornado nisso mesmo — e a outra por uma utilização vil dos ritos sagrados? Então o melhor é tornarmos todos os nossos criminosos, apóstatas e hereges em Iniciados das Ordens Sagradas e resolvemos o problema!

— Não foi uma utilização vil — insistiu Maleina, o rosto cinzento de cansaço. — Qualquer mulher pode invocar a protecção da Mãe Negra e, se as suas preces forem ouvidas, ninguém pode contestar essa protecção. E não digas que elas ficam impunes, Sacerdote! Puseram-se à mercê do julgamento dos Deuses e nós não nos atrevemos a acrescentar nada ao julgamento que elas invocaram! Não sabes — e a sua voz idosa tremia com um temor mal disfarçado — que se ligaram uma à outra e à criança por nascer até ao fim dos tempos? Através de todas as suas vidas — todas as suas vidas, não apenas nesta, mas vida após vida! Nunca uma delas terá um lar, amor, filhos, sem que a dor da outra, privada de tudo isso, lhe despedace a alma! Nunca nenhuma delas encontrará o amor sem desfazer a alma da outra! Nunca serão livres até que a penitência esteja completa; a vida de uma pesará no coração de ambas. Podíamos puni-las sim, nesta vida. Mas elas invocaram de livre vontade o julgamento da Mãe Negra até ao momento em que a maldição de Domaris se tenha esgotado nos ciclos do karma e Riveda fique livre. — As palavras de Maleina ecoaram no silêncio e os ecos fracos morreram lentamente. Por fim a Adepta murmurou — As maldições dos homens são pequenas coisas comparadas com isso!

E para aquilo Cadamiri não tinha resposta e ficou sentado, com as mãos

entrelaçadas, até todos os outros terem deixado a sala. E ninguém saberia dizer se era por raiva, por estar em estado de choque, ou se orava.

Rajasta, tendo lido as estrelas para a criança no ventre de Deoris, chamou finalmente Domaris e abriu o pergaminho na sua frente.

— Maleina tinha razão — disse. — Deoris mentiu. O filho dela não poderia ter sido de forma nenhuma concebido na Noite do Nadir. Impossível.

— Deoris não mentiria sob um juramento daqueles, Rajasta.

Rajasta olhou com argúcia para a moça que conhecia tão bem.

— Ainda confias nela? — Fez uma pausa e aceitou. — Se Riveda tivesse sabido disso, muitas vidas teriam sido poupadas. Não consigo pensar em nada mais fútil do que levar uma moça já grávida para um... Um ritual desse gênero.

— A sua voz tinha uma ironia fria que era nova nele.

Domaris, sem prestar atenção a esse fato, levou as mãos à garganta e murmurou em voz fraca:

— Então... O filho dela não é... O horror que ela teme?

— Não — a expressão de Rajasta adoçou-se. — Se Riveda o tivesse sabido! — Repetiu. — Ele morreu a pensar que a engravidara de uma criança concebida na mais vil bruxaria!

— Essa era a intenção dele. — Os olhos de Domaris estavam frios e impiedosos. — Os homens sofrem pelas suas intenções, não pelos seus atos.

— E por elas pagarão — ripostou Rajasta. — As tuas maldições não ajudarão o seu destino!

— Nem o meu perdão o tornará mais leve — retorquiu Domaris inflexível, mas as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto.

— Ainda assim, se o conhecimento desse fato tivesse tornado mais fácil a morte dele...

Bondosamente, Rajasta depositou o pergaminho na mão dela.

— Deoris está viva — recordou-lhe. — Onde quer que Riveda esteja agora, Domaris, o mais cruel dos infernos para ele — ele que venerava as forças da vida com aquilo que tinha de melhor em si, de tal forma que se curvou com reverência na tua frente — este seria o inferno mais cruel para ele. que Deoris odiasse o seu próprio filho. Que ela, que já foi Sacerdotisa de Caratra, se tivesse torturado, apertando de tal forma o corpo que era provável que o bebê nascesse aleijado ou pior!

Domaris limitou-se a olhar para ele, sem fala.

— Pensavas que eu não sabia disso? — Murmurou Rajasta baixinho. — Agora vai. Leva-lhe isto, Domaris, pois agora ela já não tem razão para odiar a criança.

Com um roçar das vestes brancas, Rajasta dirigiu-se sobriamente para junto do homem que jazia numa enxerga dura e baixa num pequeno quarto frio e austero como uma cela.

— Paz, irmão mais novo — disse e depois, impedindo-o rapidamente de se levantar disse — Não, não tentes levantar-te!

— Ele hoje está mais forte — disse Cadamiri sentado junto à janela estreita. — E há qualquer coisa que, segundo parece, te dirá apenas a ti.

Rajasta assentiu e Cadamiri saiu da sala. Sentando-se na cadeira deixada vazia, Rajasta ficou a olhar para o homem que fora o cheia de Riveda. A longa doença voltara a deixar o homem da Atlântida extremamente magro, mas Rajasta não precisava que Cadamiri lho dissesse para se aperceber de que Reio-ta de Ahtarrath estava tão são de

espírito como o próprio Guardião.

Agora que a loucura e o vazio tinham desaparecido dos seus olhos, ele parecia sério e determinado. Os olhos cor de âmbar deixavam transparecer a inteligência. Tinham-lhe rapado o cabelo durante a doença e ele tinha o couro cabeludo coberto por uma penugem escura e macia; tinham-lhe vestido roupas de um Sacerdote de segundo grau. Rajasta sabia que o homem tinha vinte e quatro anos, mas parecia muito mais novo.

Sentindo um súbito acesso de bondade, Rajasta disse gentilmente:

— Irmão mais novo, a nenhum homem pode ser exigido que justifique as suas ações quando a alma o abandonou.

— És... Bondoso — disse Reio-ta hesitante. A sua voz tinha perdido o timbre por ter sido tão pouco usada nos últimos anos e nunca mais voltaria a falar sem gaguejar e hesitar a meio das frases. — Mas eu... tive culpas an... antes. — Mais hesitantemente, ainda acrescentou. — Um homem que perde... perde a sua alma como se fosse um brinquedo!

Rajasta viu a excitação crescente nos seus olhos e disse, com uma severidade bondosa:

— Chiu, meu filho, ou voltas a ficar doente. O Cadamiri disse-me que havia qualquer coisa que insistias em contar-me, mas a não ser que prometas não te excitar muito...

— Aquele ro... rosto nunca deixou a minha memória por... por um instante! — Disse Reio-ta roucamente. A sua voz ficou mais firme e baixa. — Ele não era um homem grande... Era antes grosseiro e corado... Pesado, com mãos grandes e compridas e um nariz largo e achatado, com maxilares grandes e dentes enormes,... Cabelo escuro, grisalho nas têmporas e uns olhos! E a boca dele... Sorridente e cruel, com o sorriso de um tigre! Ele... Ele parecia quase demasiado bem-humorado para ser tão impiedoso... E sobrancelhas grossas, quase da cor da areia, e um modo de falar áspero e brusco...

Rajasta sentiu que sufocava. Só conseguiu murmurar:

— Continua!

— Tinha duas marcas muito distintas... Um espaço entre os dentes da frente... E que olhos! Já viste a Sá... Sacerdotisa Karahama? Olhos de gato, olhos de tigre... Os olhos no rosto dele poderiam ter sido os dela...

Rajasta cobriu o rosto com a mão. Uma centena de recordações assaltaram-no. Fui mais cego do que Micon! Idiota... Idiota que fui por não ter interrogado Micon acerca dos homens bondosos que o tinham levado para a casa de Talkannon! Idiota por ter confiado... Rajasta rangeu os dentes, destapou os olhos e perguntou numa voz ainda abafada:

— Sabes quem acabaste de descrever, meu filho?

— Sim — Reio-ta caiu novamente sobre a almofada, os olhos fechados, o rosto cansado e resignado. Estava certo de que Rajasta não acreditara numa única palavra. — Sim, sei. Talkannon.

E Rajasta repetiu, acreditando e sentindo-se espantado e amargurado:

— Talkannon!

## Capítulo Dez

### Sombras Negras

Domaris pôs o pergaminho no colo da irmã.

— Sabes ler um mapa de nascimentos, Deoris? — Perguntou com meiguice. — Eu gostaria de to ler, mas nunca aprendi.

Com indiferença, Deoris disse:

— Karahama ensinou-me, há muitos anos. Porquê?

— Rajasta deu-me isto para te entregar. Não — interrompeu os protestos da irmã — recusaste enfrentar os fatos até ter passado o momento em que eu poderia forçar qualquer tipo de acção. Agora temos de arranjar uma solução. O teu filho tem de ser reconhecido. Se a tua própria posição não tem para ti qualquer significado, pensa no que será a vida do teu filho como membro dos sem povo!

— E isso tem alguma importância? — perguntou Deoris com indiferença.

— Para ti talvez não — ripostou Domaris — mas para o teu filho — que tem de viver — significa a diferença entre viver como um ser humano ou como um sem casta. — Os seus olhos demoraram-se com severidade no rosto jovem e rebelde. — Rajasta disse-me que vais ter uma filha. Queres que ela viva como Demira?

— Não! — Gritou Deoris convulsivamente. Os seus ombros descaíram e a derrota estava estampada na sua expressão. — Mas quem me reconheceria agora?

— Houve alguém que se ofereceu.

Deoris era nova e, contra a sua vontade, um brilho de curiosidade iluminou o seu rosto apático. — Quem?

— O cheia de Riveda. — Domaris não fez qualquer tentativa para suavizar a revelação; Deoris já se recusara a aceitar demasiadas verdades. Ela que digerisse aquela!

— Brr! — — Deoris saltou, desafiadora. — Não! Nunca! Ele é louco!

— Já não está louco — disse Domaris calmamente — e quer fazer isto como parte da reparação dos seus atos.

— Reparação! — Gritou Deoris enraivecida. — Que direito tem ele...? — Calou-se ao ver o olhar inflexível de Domaris. — Pensas realmente que eu deveria permitir...

— Aconselho-to vivamente — disse Domaris inflexível.

— Oh, Domaris! Eu odeio-o! Por favor não me obrigues a fazer isso... — Deoris começara a chorar copiosamente, mas a mulher mais velha mantinha-se inflexível a seu lado.

— Tudo o que te é pedido, Deoris, é que estejas presente no reconhecimento — disse bruscamente. Ele perguntar-te-á... — Olhou a irmã directamente nos olhos. — Ele não reivindicará mais nada!

Deoris endireitou-se e foi novamente sentar-se, pálida e infeliz.

— És muito dura, Domaris,... Que seja então como tu queres. — Suspirou. — Quem me dera morrer!

— Morrer não é assim tão fácil, Deoris.

— Oh, Domaris, porquê? — Implorou Deoris. — Porque me obrigas a fazer isto?

— Isso não posso dizer-te. — Cedendo um pouco, Domaris ajoelhou-se e tomou a irmã nos braços. — Sabes que eu te amo, Deoris! Não confias em mim?

— Bem, sim, é claro, mas...

— Então faz isto porque confias em mim, querida.

Deoris agarrou-se exausta à mulher mais velha.

— Não consigo lutar contra ti — murmurou. — Farei como dizes. Não há mais ninguém.

— Filha, filha... Tu e Micail são as únicas pessoas que eu amo. E amarei o teu bebê, Deoris!

— Eu... Não consigo! — Era um grito de tormento, de desespero e de vergonha.

A garganta da mulher mais velha apertou-se e ela sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos. Mas limitou-se a acariciar a cabeça desalentada da irmã e prometeu:

— Vais amá-la quando a vires.

Deoris gemeu e mexeu-se impaciente nos seus braços e Domaris, desfazendo o abraço, curvou-se para apanhar o pergaminho estremecendo um pouco, pois continuava a sentir dores.

— Lê isto, Deoris.

Obedientemente, mas sem qualquer interesse, a moça olhou para as figuras desenhadas e de repente curvou-se sobre elas e começou a ler com uma concentração intensa, mexendo os lábios e apertando com tal força o pergaminho com os seus pequenos dedos, que Domaris chegou a pensar que iria rasgá-lo. Depois Deoris lançou-se para a frente, com a cabeça assente no pergaminho, num acesso de choro descontrolado.

Domaris ficou a olhar com espanto e consternação, pois nem mesmo ela conseguia compreender completamente o tremendo medo da moça nem a forma como o exprimia; como não poderia saber daquela única noite que Deoris guardava na memória como um tesouro, em que Riveda não fora Adepto e mestre mas amante... Ainda assim, a intuição fez com que tomasse novamente Deoris nos braços com gentileza, abraçando-a com ternura e preocupação, sem dizer palavra, quase sem respirar, enquanto a irmã soluçava e chorava até já não poder chorar mais.

Domaris sentiu um alívio incomensurável. O desgosto conseguia compreender, mas as ausências letárgicas e infantis de Deoris, os acessos de raiva furibunda alternando com a apatia, tinham assustado a mulher mais velha mais do que aquilo que ela própria pensara. Agora, com Deoris exausta e encostada ao seu ombro, os olhos fechados e o braço passado em torno do pescoço de Domaris, parecia quase que o tempo tinha andado para trás e que voltavam a ser como tinham sido antes de Micon ter chegado... Num acesso de intuição e introspecção, Domaris reconheceu o sentimento forjado pelo amor. E um resquício da sua própria perda e do seu desgosto regressaram, transformados. Micon, Riveda... Que interessa? O amor e o desgosto são os mesmos. E no mais profundo de si própria, Domaris sentiu-se satisfeita, satisfeita por, depois de tanto tempo, Deoris conseguir finalmente chorar Riveda.

Mas Deoris já tinha os olhos novamente secos e relutantes e foi de uma educação absolutamente formal quando se confrontou com Reio-ta no exterior do salão onde deveriam apresentar-se perante os Cinco Investidos. A memória que tinha dele continuava a ser do cheio louco que pairava, silenciosamente como um gato, nas proximidades do Adepto negro... Aquele jovem Sacerdote, bem parecido e seguro de si, sobressaltou-a. Por momentos não percebeu sequer de quem se tratava. Gaguejou quando disse, com formalidade. — Príncipe Reio-ta de Ahtarrath, estou-te grata pela tua bondade.

Reio-ta sorriu um pouco sem a olhar nos olhos.

— Não existe qualquer d...dívida, Deoris, estou às t...tuas ordens para o que for preciso.

Ela manteve os olhos fixos na bainha azul do vestido largo e deselegante mas aceitou a mão que ele lhe estendia, tocando-lhe com uma hesitação assustada. Sentiu o



rosto a arder de vergonha e infelicidade quando sentiu que os olhos dele examinavam o seu corpo deformado; não ergueu os olhos e não pôde ver a tristeza e a compaixão estampados no olhar de Reio-ta.

A cerimônia, embora muito breve, pareceu não ter fim para Deoris. Foi a mão forte de Reio-ta, apertando com força a sua, que lhe deu coragem para murmurar, em voz fraca, as respostas necessárias e estava a tremer tão violentamente que, quando se ajoelharam os dois para a bênção, Reio-ta teve de pôr o seu braço em volta dela para a segurar.

Por fim Ragamon fez a pergunta:

— O nome da criança?

Deoris soluçou alto e olhou aflita para Reio-ta encontrando o seu olhar pela primeira vez. Ele sorriu-lhe e depois, virando-se para os Cinco Investidos, disse calmamente:

— As estrelas foram lidas. A esta minha filha chamo... Eilantha.

Eilantha! Deoris tinha obtido um grau suficientemente avançado no sacerdócio para interpretar aquele nome. Eilantha... O efeito de uma causa, a onda provocada por um seixo atirado à água, a força do karma.

— Eilantha, a tua chegada à vida é reconhecida e bem-vinda — respondeu o Sacerdote... E, a partir daquele momento, a filha de Deoris era também filha de Reio-ta, como se tivesse saído da sua semente. A bênção sonora rolou por cima das suas cabeças curvadas. Depois, Reio-ta ajudou a mulher a levantar-se e, embora ela tivesse feito menção de se afastar dele, conduziu-a cerimoniosamente até à porta do salão e apertou-lhe os dedos por um instante.

— Deoris — disse gravemente — não quero só... sobrecarregar-te com preocupações. Sei que não estás bem. No entanto temos de conversar acerca de algumas coisas. A nossa filha...

Deoris voltou a chorar alto e, afastando violentamente a mão das dele, correu precipitadamente para fora do edifício.

Reio-ta chamou-a em voz alta, espantado e magoado, e depois começou a correr atrás da moça que fugia, temendo que ela caísse e se magoasse. Mas quando virou a esquina, não a viu em parte nenhuma.

Deoris parou finalmente para descansar num canto distante dos jardins do Templo, apercebendo-se subitamente de que corraera muito mais do que tencionara. Nunca ali tinha estado e não tinha a certeza de qual dos caminhos conduzia à casa da Mãe Ysouda. Enquanto andava hesitantemente para trás e para diante, tentando perceber com exactidão onde se encontrava e por onde deveria ir, uma forma acocorada ergueu-se no meio dos arbustos e ela viu-se cara a cara com Karahama.

Instintivamente, Deoris recuou, ressentida e assustada.

Os olhos de Karahama estavam cheios de um fogo obstinado.

— Fui — Cuspiu a Sacerdotisa, cheia de desprezo, para Deoris,

— Filha da Luz! — As vestes azuis de Karahama estavam rasgadas de alto a baixo. O seu cabelo despenteado e desmazelado caía-lhe sobre o rosto que não se apresentava calmo, como habitualmente, mas congestionado e inchado, os olhos vermelhos e inflamados e os lábios arreganhados sobre os dentes, como os de um animal.

Deoris, com um terror imenso, encolheu-se contra o muro, mas Karahama aproximou-se tanto que tocou na moça.

Subitamente, com uma clarividência terrível, Deoris percebeu: Karahama estava louca!

— Torturadora de crianças! Feiticeira! Cabra! — Um ódio raivoso rosnava na voz

de Karahama. — A filha mais orgulhosa de Talkannon! Teria sido melhor que me tivessem deixado morrer na muralha da cidade do que viver para ver este dia! E tu por quem eu sofri, filha da grande senhora que não se dignaria descer tão baixo para ver A minha pobre mãe... E que será de Talkannon agora, Filha da Luz" Ele vai desejar ter-se enforcado como Demira fez quando os sacerdotes tiverem acabado de tratar dele! Ou será que a orgulhosa Domaris também não te contou isso? Rasga as tuas roupas, filha de Talkannon! — Com um gesto selvagem, as mãos em garra de Karahama rasgaram a túnica de Deoris do pescoço até aos pés.

Gritando de terror, Deoris agarrou no vestido rasgado e tentou libertar-se, mas Karahama, encostando-se a ela. Empurrou-a contra o muro que se desmoronava, com uma mão pesada e indiferente sobre o seu ombro.

— Rasga as roupas, Filha da Luz! Arranca os cabelos! Filha de Talkannon... Que morrerá hoje! E Domaris, que foi expulsa como uma rameira, expulsa por Arvath por não passar de um verme estéril! — Cuspiu e empurrou novamente Deoris contra o muro. — E tu... Minha irmã, minha irmãzinha! — Havia uma ligeira imitação, jocosa, da entoação de Domaris naquela frase, uma lengalenga estranha, um eco fantasmagórico. — E o teu próprio ventre pesado com uma irmã das crianças que enganaste! — Os olhos castanhos amarelados de Karahama, escondidos pelas pestanas compridas, abriram-se subitamente e ela olhou para Deoris com as pupilas dilatadas, achatadas e vermelhas como as de uma fera, e gritou. — Que sejam escravas e filhas de prostitutas a assistir ao teu parto! Que dêes à luz um monstro!

Os joelhos de Deoris enfraqueceram cedendo ao seu peso e ela caiu no caminho de areia, encolhendo-se contra as pedras do muro.

— Karahama, Karahama, não me amaldiçoes! — Implorou. — Os Deuses sabem... Os Deuses sabem que não tive intenção de fazer mal a ninguém!

— Ela não teve intenção — troçou Karahama na mesma lengalenga louca e arrepiante.

— Karahama, os Deuses sabem que te amei. Amei a tua filha, não me lances pragas!

Subitamente Karahama ajoelhou-se ao seu lado. Deoris encolheu-se... Mas com mãos dóceis e carinhosas a mulher pô-la de pé. A luz da loucura desaparecera repentinamente do seu olhar e o rosto por entre as madeixas desgrehadas estava novamente calmo e desgostoso.

— Também eu, Deoris, fui assim em certa ocasião... Não inocente, mas muito magoada. E tu também não estás inocente! Mas não te amaldiçoo mais.

Deoris chorou de alívio e o rosto de Karahama, uma máscara de dor, dançou sob os seus olhos por entre as lágrimas. As pedras que se desmoronavam no muro do jardim faziam-lhe doer os ombros, mas ela não teria conseguido pôr-se de pé sem ajuda.

De repente ouviu o bater ritmado e grave da rebentação e soube onde estava.

— Tu não tens culpa — disse Karahama numa voz pouco mais alta que a das ondas. — Nem ele... Nem eu, Deoris! Todas estas coisas são sombras, mas muito negras. Desejo-te que vás em paz, irmãzinha... A tua hora chegou e pode ser que, um dia, também tu lances as tuas pragas!

Deoris cobriu o rosto com as mãos... E depois o mundo escureceu à sua volta, um abismo entontecedor abriu-se sob a sua mente e ouviu-se a si própria gritar e sentiu-se cair... Cair durante uma eternidade enquanto o Sol se apagava.

## Capítulo Onze

### Visões

Como Deoris não aparecesse, Domaris começou a ficar cada vez mais ansiosa e acabou por ir à procura da irmã... Uma busca sem resultados. As sombras estendiam-se como grandes cadáveres encurvados e mesmo assim ela continuou as buscas; a sua ansiedade transformou-se em apreensão e depois em terror.

As palavras que Deoris lhe lançara, furiosa, muitos anos antes, regressaram à sua memória, formando um eco trovejante no seu espírito: No dia em que souber que estou à espera de um filho, atiro-me ao mar...

Por fim, doente de medo, foi ter com a única pessoa em todo o Templo com quem Deoris tinha uma tênue ligação e implorou a sua ajuda. Reio-ta, longe de se rir dos seus medos vagos, ouviu-a com uma apreensão que igualava a sua. Ajudados pelos criados, procuraram toda a noite, à luz dos fogos vermelhos e intermitentes das praias, pelos caminhos e nos bosques que limitavam o recinto do Templo. Quase de manhã encontraram-na onde tinha caído; uma parte do muro cedera e as duas mulheres jaziam meio dentro de água. A cabeça de Karahama fora esmagada pelas pedras que tinham tombado, mas o corpo cheio de cicatrizes e meio despido de Deoris estava tão retorcido e amarfanhado que, durante alguns terríveis minutos, pensaram que também ela estava sem vida.

Levaram-na para a cabana de um pescador junto à marca da maré e ali, à luz de uma vela, sem qualquer ajuda a não ser a das mãos pouco hábeis da escrava de Domaris, nasceu Eilantha, cujo nome fora escrito naquele mesmo dia nos pergaminhos do Templo.

Uma menina pequena e delicadamente formada, chegada dois meses antes do tempo a um mundo pouco acolhedor, tão frágil que Domaris nem se atreveu a ter esperança na sua sobrevivência.

Envolveu o pequeno botão de vida no seu véu e colocou-o dentro do vestido contra o peito, com uma esperança desesperada de que o calor a reanimasse. Ficou ali a chorar, sentindo um desgosto renovado pela perda do seu próprio filho, enquanto a escrava cuidava de Deoris e ajudava Reio-ta a tratar-lhe do braço partido.

Passado algum tempo a criança mexeu-se e começou a chorar com vagidos fracos e aquele som fez despertar Deoris. Domaris chegou-se rapidamente a ela quando a irmã se mexeu.

— Não tentes mexer o braço, Deoris; está partido junto ao ombro.

As palavras de Deoris pouco mais foram que um murmúrio.

— Que aconteceu? Onde? — Depois a memória voltou. — Oh! Karahama!

— Está morta, Deoris — disse-lhe Domaris com meiguice e deu por si a pensar, de uma forma remota, se Deoris se teria atirado da muralha e Karahama teria morrido tentando impedi-la... Ou se teriam simplesmente caído... Ou se Karahama teria atirado a sua irmã do cimo da muralha. Ninguém, nem mesmo Deoris, jamais o saberia.

— Como é que me encontraste? — Perguntou Deoris sem grande interesse.

— Reio-ta ajudou-me.

Os olhos de Deoris fecharam-se, fatigados.

— Porque não poderia ele... Cuidar da sua vida... Pelo menos desta vez? — Perguntou e virou a cara. A criança junto ao peito de Domaris começou novamente a chorar e os olhos de Deoris abriram-se por um instante. — Que é... Eu não... Cuidadosamente, Domaris baixou a criança até junto da irmã, mas Deoris, depois de

lançar um olhar à pequena criatura, fechou novamente os olhos. Não sentiu qualquer emoção a não ser alívio. A criança não era um monstro..... E no pequeno rosto engelhado e simiesco, não conseguia vislumbrar qualquer semelhança com Riveda.

— Leva-a — disse fatigada e adormeceu.

Domaris olhou para a jovem mãe com desespero e ternura.

— A tua mãe está cansada e doente, filhinha — murmurou e aninhou a criança no peito. — Penso que irá amar-te... Quando te conhecer.

Mas os seus passos e a sua voz arrastavam-se de exaustão; a sua própria força também estava nos limites. Domaris nunca recuperara totalmente do tratamento brutal que recebera das mãos dos Hábitos Negros; para além disso, não se atrevia a manter aquela situação em segredo durante muito mais tempo.

Deoris não estava, tanto quanto Domaris podia aperceber-se, em perigo; a criança nascera facilmente e tão rapidamente que nem houvera tempo para pedir ajuda. Mas sofria por ter estado exposta aos elementos e estava em estado de choque. Domaris não sabia se estava disposta a assumir mais responsabilidades. Com o bebê ainda aninhado dentro da roupa, sentou-se num banco baixo para vigiar e pensar...

Quando Deoris acordou, estava sozinha. Mantinha-se imóvel mas não adormecida, pesada de cansaço e lassitude.

Gradualmente, como se tivesse estado sob o efeito de drogas e este começasse a desvanecer-se, a dor voltou, num pulsar lento através do seu corpo magoado e violentado. Lentamente e com dificuldade, virou a cabeça e viu a silhueta escura de um cesto de juncos e, dentro do cesto, qualquer coisa que se debatia e vagia sem parar. Pensou vagamente que, naquele momento, gostaria de pegar na criança, mas estava demasiado cansada e fraca para se mexer.

O que aconteceu depois disso, Deoris nunca soube. Parecia-lhe que tinha estado meio adormecida durante tudo o que se seguiu, com os olhos abertos mas incapaz de se mover, incapaz até mesmo de falar, assolada por pesadelos sem ter qualquer pista para discernir a realidade. E, depois de tudo passado, não havia ninguém que pudesse ou quisesse dizer-lhe o que acontecera realmente naquela noite depois de a filha de Riveda ter nascido na pequena cabana junto ao mar... Parecia-lhe que o Sol se punha. A luz que lhe batia no rosto e no cesto de juncos onde a criança se mexia e chorava com voz fraca era pálida e avermelhada. O corpo ferido de Deoris estava quente e febril e pareceu-lhe que gemeu durante muito tempo, não muito alto, mas desoladamente como uma criança magoada. A luz transformou-se num mar de fogo ensanguentado e o cheio entrou no quarto, O seu olhar escuro e pensativo pousou no seu rosto... Vestia roupas estranhamente bizarras, cintadas com os símbolos de uma ordem sacerdotal desconhecida e, por instantes, pareceu-lhe que era Micon quem ali estava, mas um Micon mais jovem e macilento, com o rosto por barbear.

Os seus olhos impenetráveis pousaram em Deoris durante muito tempo; depois foi encher um copo de água e, curvando-se, chegou-lhe o copo aos lábios secos, apoiando-lhe a cabeça com tal gentileza que não lhe provocou dor. Por momentos pareceu-lhe que era Riveda quem ali estava, envolto numa auréola de nuvens rosadas pelo pôr do Sol e ele inclinou-se e beijou-lhe os lábios de uma forma que raramente fizera em toda a vida dela; depois a ilusão desfez-se e ela viu apenas o rosto sério do jovem Reio-ta a pousar o copo.

Ficou ali durante alguns momentos, com os lábios a moverem-se, mas a voz dele parecia perder-se em distâncias incríveis e Deoris, vogando novamente no silêncio vago, não conseguiu perceber uma única palavra. Por fim ele virou-se abruptamente e dirigiu-se ao cesto de junco, curvou-se e pegou no bebê ao colo. Deoris, ainda presa dos dedos

estáticos do pesadelo, observou-o enquanto ele andava de um lado para o outro no quarto, com a criança nos braços. Depois ele aproximou-se novamente e, da enxerga onde Deoris estava deitada, tirou um comprido xaile azul, tecido e enfeitado com grandes franjas... O manto de uma Sacerdotisa de Caratra. Embrulhou cuidadosamente o bebê no xaile e, com mãos desajeitadas, levou-o do quarto.

A porta, ao fechar-se, despertou Deoris totalmente e ela suspendeu a respiração. O quarto estava fortemente iluminado pelos últimos raios de Sol, mas totalmente vazio de qualquer alma humana exceto ela própria. Não havia qualquer movimento nem se ouvia qualquer som a não ser o bater das ondas e os gritos das gaivotas que voavam em círculos.

Manteve-se imóvel durante muito tempo enquanto a febre se espalhava nas suas veias e pulsava nos seios cobertos por cicatrizes como um fogo irrequieto. O Sol pôs-se num mar de chamas, e a escuridão desceu, dobrando as espessas asas do silêncio em torno do seu coração. Passadas horas e horas, Elis (ou teria sido Domaris?) chegou com uma luz e Deoris contou-lhe o seu sonho — mas parecia-lhe delirante até mesmo aos seus ouvidos, todo ele incoerências e súplicas fantásticas. E depois seguiu-se uma eternidade em que Domaris (ou Elis) se curvou sobre ela repetindo sem parar. — Porque tu confias em mim... Confias em mim..., Fá-lo por confiares em mim... — Havia o pesadelo do braço partido e a febre que lhe queimava as veias e o sonho voltava uma e outra vez... E unca, a não ser durante o sono agitado, ouviu o choro da pequena criança parecida com um macaquinho e que era a filha de Riveda.

Recuperou totalmente a consciência certa manhã, descobrindo que se encontrava nos seus antigos aposentos no Templo. A loucura febril desaparecera e não voltou.

Elis cuidava dela dia e noite, com uma meiguice igual à de Domaris; foi Elis quem lhe disse que Talkannon estava morto, que Domaris embarcara semanas antes para a Atlântida e que o cheia tinha desaparecido ninguém sabia para onde. E Elis disse-lhe também, com muito cuidado, que a filha de Riveda morrera na noite do seu nascimento.

Sempre que Deoris adormecia sonhava... E o sonho era sempre o mesmo: a cabana escura onde a criança tinha nascido e de onde ela tinha sido arrancada, contra a sua vontade, das garras da morte pelo cheia, cujo rosto estava ensanguentado pela luz vermelha do Sol enquanto levava a criança, enrolada nos farrapos tingidos de sangue das vestes sacerdotais de Karahama... E foi assim que acabou por acreditar que nada daquilo acontecera. Toda a gente era muito bondosa para com ela, como se fosse uma criança órfã e, durante muitos anos, não voltou sequer a pronunciar o nome da irmã.

## **LIVRO CINCO**

### **TIRIKI**

"Quando o Universo foi inicialmente criado a partir do nada, ruiu imediatamente por falta de coesão. Semelhantes a milhares de pequenos azulejos sem qualquer significado ou objectivo permanente, todas as peças eram idênticas em forma e tamanho, embora pudessem ser diferentes na cor e no padrão. E nós não dispomos de um desenho do painel inicial para nos ajudar. Ninguém pode saber com certeza qual será o seu aspecto, até que a última peça tome o seu lugar.



...Dispomos de três ferramentas para executar a tarefa: ausência total de interferências; controlo activo sobre todos e cada um dos movimentos e intercâmbio de poderes até que um equilíbrio satisfatório seja alcançado. Nenhum destes métodos poderá ser bem sucedido, contudo, sem o consentimento dos outros dois. E isto terá de ser aceite como um princípio fundamental... Ou então não teremos qualquer explicação para o já sucedido.

O problema, continua, no entanto, por resolver. Mas continuamos a avançar, em vagas. Um avanço nos conhecimentos gerais é seguido por um retrocesso em que muitas coisas se perdem... Apenas para serem recuperadas na onda seguinte de progresso. Pois a diferença entre o painel e o Universo é que qualquer painel nunca poderá ser mais do que um desenho em que todo o movimento cessa... Uma imagem da Morte. Não construímos na tentativa de alcançar um momento em que tudo fique imóvel, mas sim na tentativa de alcançar um momento em que tudo atinja um movimento que satisfaça todos os envolvidos: pedras, plantas, peixes, pássaros, animais e homens.

Nunca foi, nem nunca será, uma tarefa fácil. Mas o caminho que é construído com base na esperança é mais agradável para o viajante do que uma estrada construída com desespero, embora ambas possam levar ao mesmo destino".

Excertos dos Ensinamentos de Micon de Ahtarrath,

— Registrados por Rajasta o Sábio.

## **Capítulo Um**

### **O Exílio**

O crepúsculo adensava-se e a brisa no porto estava a ficar mais forte e a transformar-se num vento vindo de ocidente que fazia com que as velas enroladas batessem suavemente, enquanto o navio subia e descia ao ritmo suave das ondas. Domaris contemplava as praias cada vez mais sombrias, completamente imóvel, as vestes brancas um ponto luminoso no meio das sombras pesadas. O capitão fez uma vênia profunda perante a Iniciada.

— Minha Senhora...

Domaris ergueu os olhos.

— Sim?

— Estamos prestes a abandonar o porto. Permite-me que te conduza à tua cabina. De outra forma os movimentos do barco poderão causar-te enjoo.

— Prefiro ficar no convés, muito obrigada.

O capitão fez nova vênia e retirou-se, deixando-os novamente sós.

— Também eu tenho de deixar te, Isarma — disse Rajasta e encaminhou-se para a amurada. — Tens as cartas e as credenciais. Foram tomadas as devidas providências. Desejo...

— Calou-se, franzindo a testa. Por fim limitou-se a dizer.

— Tudo correrá bem, minha filha. Vai em paz.

Ela curvou-se para lhe beijar a mão, reverentemente.

Dobrando-se, Rajasta apertou-a nos braços.

— Os Deuses proteger-te-ão, filha — disse ele em voz rouca e beijou-a na testa.

— Oh, Rajasta, não posso! — Soluçou Domaris. — Não suporto isto! Micail... O meu bebê! E Deoris...

— Chiu! — Disse Rajasta severamente, libertando-se das suas mãos implorantes e desesperadas. Mas o seu tom adoçou-se imediatamente e disse. — Lamento, filha. Não se pode fazer nada. Tens de suportá-lo. E de uma coisa podes ficar certa: o meu amor e as minhas bênçãos acompanham-te, minha querida... Agora e sempre. — Erguendo a mão, o Guardião traçou um sinal arcaico. Antes que Domaris pudesse reagir, Rajasta virou as costas e afastou-se rapidamente, saindo do barco. Domaris ficou a olhar para ele, espantada, pensando qual teria sido a razão que levara Rajasta a abençoá-la, a ela, uma condenada ao exílio, com o Sinal da Serpente.

Um erro? Não... Rajasta não comete esse gênero de erros. Depois de uma demora que lhe pareceu muito grande, Domaris ouviu o barulho das correntes da âncora e o cântico dos remadores vindo de baixo. Manteve-se de pé no convés, forçando os olhos para obter, na escuridão que caía, uma última visão da sua terra natal, do Templo onde nascera e de onde nunca se afastara mais do que uma légua em toda a sua vida. Manteve-se imóvel até muito depois de a noite ter descido entre o navio, que voava sobre as águas, e as praias invisíveis.

Nessa noite não havia luar e passou-se muito tempo até a mulher se aperceber de que alguém estava ajoelhado a seu lado.

— Que foi? — Perguntou com indiferença.

— Minha senhora... — A voz inexpressiva e hesitante de Reio-ta era uma prece murmurada, quase inaudível no meio dos ruídos do navio. — Tens de descer.

— Prefiro ficar aqui, Reio-ta, obrigada.

— Minha Senhora... Há uma coisa... Que t...tenho de mostrar-te.

Domaris suspirou, subitamente consciente do frio e das dores que sentia nos músculos e de um cansaço extremo, embora só naquele momento se tivesse apercebido de tudo isso. Cambaleou, sentindo as pernas dormentes e Reio-ta apressou-se a ajudá-la.

Ela endireitou-se imediatamente, mas o jovem Sacerdote implorou:

— Não, apoia-te em mim, Senhora... — E ela suspirou, permitindo que ele a ajudasse. Pensou de novo, vagamente e com um grande alívio, que ele não era nada parecido com Micon.

A pequena cabina destinada a Domaris estava iluminada por uma única luz fraca, no entanto a escrava — uma estranha, pois não teria podido pedir a Elara que deixasse o marido e a filha recém-nascida — tinha-a arrumado e tornado confortável. A cabina pareceu quente e convidativa à exausta Domaris: sentiu um vago odor a comida e um cheiro pungente vindo do candeeiro, mas todos esses fatos se desvaneceram no perímetro da sua consciência, um mero cenário para o embrulho azul depositado entre as almofadas da cama baixa... Um embrulho desajeitado, feito com pedaços de um vestido azul manchado de sangue, um embrulho que se debatia como se estivesse vivo...

— Minha reverendíssima Senhora e irmã mais velha — disse Reio-ta humildemente — im... imploro-te que aceites cuidar da filha que é minha, que eu reconheci.

Domaris levou as mãos à garganta, cambaleante. Depois, com um grito abafado de compreensão, pegou no bebê e aninhou-o junto ao coração.

— Porquê? — Murmurou. — Porquê?

Reio-ta curvou a cabeça.

— Eu...eu...eu lamento ter tido tirá-la à m... mãe — gaguejou. — Mas era... era... Sabes tão bem como eu que seria condená-la à morte deixá-la lá! E... Tenho o direito, à luz da lei, de levar a minha fi...filha para onde me aprouver.

Domaris, com os olhos úmidos, abraçou o bebê enquanto Reio-ta lhe explicava simplesmente aquilo que Domaris não se atrevera a ver...

— Nem os Hábitos Cinzentos, nem os Hábitos Negros — e não te iludas, minha Senhora, ainda há Hábitos Negros e continuará a haver Hábitos Negros até que o Templo caia no mar... E talvez até mesmo depois disso! — Permitiriam que esta criança sobrevivesse... acre... Acreditam que ela é filha do Santuário Negro!

— Mas... — Com os olhos muito abertos, Domaris hesitava em fazer as perguntas que as palavras dele evocavam no seu espírito... Mas Reio-ta, com uma risada seca, adivinhou facilmente os seus pensamentos.

— Para os Hábitos Cinzentos é um sacrilégio — murmurou.

— E quanto aos Hábitos Ne...Negros, pensariam apenas no valor sacrificial da criança! Ou então... Ou então pensariam que ela fora corrompida pé... pelos nascidos na Luz... E não era a encarnação do,... — A voz de Reio-ta estrangulou-se sob o peso das palavras não proferidas.

Por instantes também a língua de Dumaris se recusou a obedecer-lhe. Mas por fim conseguiu dizer, chocada.

— Certamente que os Sacerdotes da Luz...

— Não interfeririam. Os Sacerdotes da Luz... — Reio-ta olhou para Domaris com uma expressão implorante. — Eles amaldiçoaram Riveda... E a sua semente! Nada fariam para a salvar. Mas... Sem esta criança, ou com ela desaparecida, também Deoris ficará segura.

Domaris enterrou o rosto no vestido rasgado que embrulhava a criança adormecida. Passado um longo momento ergueu a cabeça e abriu os olhos onde não se via uma lágrima.

— Amaldiçoada — murmurou. — Sim, também isto é karma... — Depois, dirigindo-se a Reio-ta, disse. — Ela receberá os meus cuidados e ternura... Juro!

## **Capítulo Dois**

### **O Mestre**

A noite calina e estrelada de Ahtarrath estava tão silenciosa, que os passos dos pés descalços sobre a relva se conseguiam ouvir. Reio-ta deu a mão a Domaris e ela agarrou-lhe os dedos com uma força que traía as emoções que sentia perante aquela provação. Mas o seu rosto estava sereno e belo com a calma proveniente da disciplina. Os olhos do homem, pensativos e discretos sob as pestanas escuras e compridas, lançaram-lhe um olhar aprovador enquanto com a mão livre afastava a cortina pesada que pendia sobre a entrada da sala interior. A mão dela estava fria na sua e parecia transmitir-lhe uma sensação de desolação profunda. Ela estava calma... Mas ele recordou brevemente o momento em que conduzira uma agitadíssima Deoris perante os Cinco Investidos.

Uma súbita consciência assolou Reio-ta, enchendo-o de um ódio por si próprio que era quase insuportável. O seu remorso era uma coisa viva que saltava sobre si e lhe corroía as entranhas. Uma vida inteira, uma dúzia de vidas, nunca poderiam apagar aquilo que ele fizera! E aquela súbita consciência da mulher a seu lado, daquela mulher que deveria ter sido sua irmã, era mais um tormento. Ela estava tão desesperada, tão profundamente só!

Com uma ternura gentil e como que pedindo desculpa, levou-a para o interior da câmara austera e enfrentaram um homem idoso, alto e magro, sentado num simples banco de madeira. Ele levantou-se e ficou a olhá-los em silêncio. Só muitos meses depois é que Domaris ficou a saber que o velho Sacerdote Rathor era cego e já tinha nascido cego.

Reio-ta caiu de joelhos para receber a bênção antiga.

— A tua bênção, Senhor Rathor — disse humildemente. — Trago-te no... notícias de Micon. Morreu como um herói... Por uma causa nobre... E eu não estou isento de culpas.

Fez-se um longo silêncio. Domaris, por fim, estendeu as mãos ao velho homem numa súplica. Este moveu-se e esse movimento alterou a expressão de culpa no rosto do Sacerdote mais jovem.

Reio-ta continuou, olhando para o idoso Rathor:

— Tra... Trago-te a Senhora Domaris... A mãe do filho de Micon.

O velho mestre ergueu a mão e proferiu uma única frase e a doçura da sua voz nunca abandonaria Domaris até ao momento da sua morte.

— Sei tudo isso e muito mais — disse. Fazendo Reio-ta erguer-se, puxou-o para si e beijou o jovem Sacerdote na testa. — É o kar-ma. Liberta o teu coração, meu filho.

Reio-ta lutou para dar firmeza à voz.

— Me... Mestre!

Domaris fez menção de se ajoelhar também para receber a bênção de Rathor mas este impediu-a. Deliberadamente, o mestre curvou-se e tocou com os lábios a bainha do vestido dela.

Domaris soltou uma exclamação e apressou-se a levantar o velho homem. Erguendo a mão, Rathor desenhoulhe um estranho Sinal sobre a testa. O mesmo Sinal que Domaris recebera de Micon no primeiro encontro entre ambos. O ancião sorriu, um sorriso de bondade infinita... Depois recuou e sentou-se novamente no banco.

Desajeitadamente, Reio-ta segurou as mãos dela entre as suas.

— Senhora minha, não chores — pediu-lhe, e conduziu-a para fora dali.

## **Capítulo Três**

### **A Pequena Cantora**

Com o passar do tempo, Domaris acostumou-se a Ahtarrath.

Micon vivera ali, amara aquela terra e ela confortava-se com esse pensamento. No entanto, as saudades de casa ardiam dentro de si e nada as acalmava. Amava os grandes edifícios cinzentos, enormes e imponentes, muito diferentes das estruturas baixas e de um branco luminoso da Terra Antiga, mas igualmente impressionantes à sua maneira. Acabou por se habituar aos jardins em socalco que desciam por toda a parte até aos lagos brilhantes e às copas entrelaçadas das árvores mais altas que já vira, mas tinha saudades das fontes e dos

pátios interiores com as suas piscinas e passaram-se muitos anos até que se acostumassem aos edifícios de vários andares, ou a subir escadas sem ter a sensação de que violava um segredo sagrado que deveria ser usado apenas nos Templos.

Domaris vivia no andar cimeiro de um edifício que albergava Sacerdotisas solteiras. Os quartos que davam para o mar tinham sido destinados a Domaris e aos seus

criados e a mais alguém de quem raramente se separava e nunca por muito tempo.

A mulher alta e calma com uma única madeixa branca na cabeleira ruiva conquistou imediatamente o respeito e a amizade de todos no Novo Templo. Aceitavam-na como uma deles, mas com a reserva e as honras destinadas apenas àqueles que são um pouco diferentes, um tanto misteriosos. Sempre pronta para ajudar ou prestar cuidados médicos, rápida a tomar decisões e difícil de irritar, e sempre com a menina loira de feições miudinhas agarrada às suas saias... Amavam Domaris, mas alguma estranheza e mistério faziam com que mantivessem as distâncias; pareciam perceber de forma instintiva que estava ali uma mulher que fazia os gestos da vida sem grande interesse naquilo que fazia.

Em apenas uma ocasião Dirgat, Sumo Sacerdote do Templo – um patriarca alto e santo que lembrava vagamente a Domaris Ragamon, o Ancião — veio repreendê-la pela sua aparente falta de interesse nos seus deveres.

Ela curvou a cabeça aceitando a justeza da repreensão.

— Diz-me onde falhei meu pai, e tentarei emendar-me.

— Não negligenciaste minimamente os teus deveres, minha filha — disse-lhe o Sumo Sacerdote com doçura. — Na verdade, és invulgarmente conscienciosa. Não nos prejudicas a nós... Mas prejudicas-te a ti própria, minha filha.

Domaris suspirou mas não protestou e Dirgat, que tinha filhas, pousou a sua mão sobre a mão esguia da mulher.

— Minha filha — disse por fim — perdoa-me se te chamo assim, mas tenho idade para ser teu avô e... E gosto de ti. Não serás capaz de encontrar aqui alguma felicidade? O que é que te perturba, filha? Abre o teu coração. Teremos nós falhado na forma como te acolhemos?

Domaris ergueu os olhos e o desgosto que estava estampado naqueles olhos secos fez com que o Sumo Sacerdote tossisse de embaraço.

— Perdoa-me, meu pai — disse ela. — Sofro pela minha terra natal... E pelo meu filho... Pelos meus filhos.

— Tens então mais filhos? Se a tua filhinha pode vir contigo, porque não vieram também os outros?

— A Tiriki não é minha filha — explicou Domaris calmamente – é filha da minha irmã. É filha de um homem condenado e executado por feitiçaria... E teriam morto também a criança inocente. Eu trouxe-a para que ficasse a salvo. Mas os meus filhos... — Fez uma pausa para se assegurar de que falaria com voz segura. — O meu filho mais velho foi proibido de me acompanhar dado dever ser educado por... Alguém de valor... Da confiança do seu pai. E eu estou exilada. — Suspirou. O seu exílio fora em parte voluntário, uma penitência auto-imposta; mas saber que se sentenciara a si própria não tornava o castigo mais suportável. A sua voz tremeu involuntariamente quando terminou sombriamente. — Dois outros filhos morreram ao nascer.

A mão de Dirgat apertou-se ligeiramente sobre os seus dedos.

— Nenhum homem poderá dizer-te onde recairão as escolhas dos Deuses. Pode muito bem acontecer que voltes a ver o teu filho. — Passados instantes perguntou. — Seria para ti um conforto trabalhar com crianças ou aumentaria a tua dor?

Domaris parou um pouco para pensar.

— Penso que... Me confortaria — disse passado um momento. O Sumo Sacerdote sorriu.

— Então alguns dos teus outros deveres serão aliviados, pelo menos durante algum tempo, e ficarás encarregue da Casa das Crianças.

Olhando para Dirgat, Domaris sentiu vontade de chorar com os esforços que



aquele homem sábio e bom fazia para a tornar feliz.

— És muito bondoso, pai.

— Oh, não é nada — murmurou ele embaraçado. — Poderei aliviar-te mais alguma preocupação?

Domaris baixou os olhos.

— Não, meu pai. Nenhuma. — Nem mesmo às suas próprias criadas, Domaris mencionava aquilo que sabia há muito, que estava doente e que, muito provavelmente, nunca melhoraria. Tudo começara com o nascimento do filho de Arvath e com o tratamento desastrado e cruel que recebera. Não, fora cruel mas não desastrado. A brutalidade estivera muito longe de não ser intencional.

Na altura, ela aceitara tudo, sem querer saber se vivia ou morria. Esperara apenas que não a matassem ali mesmo, para que a sua criança tivesse uma hipótese de sobrevivência,... Mas essa não fora a idéia que eles tinham de castigo. Teria de ser Domaris a viver e sofrer! E tinha sofrido, na verdade, com as memórias que a perseguiram na vigília e no sono e as dores que nunca mais a tinham abandonado completamente. Agora, lenta e insidiosamente, alargavam o seu domínio espalhando-se por todo o corpo... E ela suspeitava que a morte que a aguardava não seria nem fácil nem rápida.

Virou novamente o rosto sereno e já recomposto para o Sumo Sacerdote quando ouviram pequenos passos e Tiriki entrou na sala a correr, o cabelo loiro e sedoso a esvoaçar em torno do pequeno rosto de fada, a pequena túnica rasgada, um dos pés cor-de-rosa calçado com uma sandália e o outro descalço, dirigindo-se rapidamente a Domaris com passos irregulares. A mulher agarrou na criança e apertou-a contra o coração. Depois sentou Tiriki no colo embora a criança se contorcesse para se afastar novamente.

— Tiriki — disse o Sumo Sacerdote pensativo. — Um bonito nome. Da tua terra natal?

Domaris assentiu. No terceiro dia da viagem, quando já nada se avistava da Terra Antiga a não ser a linha muito vaga e azulada das montanhas, Domaris ficara de pé à popa do navio, com o bebê nos braços, enquanto recordava uma noite de uma doçura pungente em que observara as estrelas estivais durante toda a noite com a cabeça de Micon pousada nos seus joelhos.

Embora, na altura, mal tivesse prestado atenção, parecia-lhe conseguir ouvir agora, com um estranho ouvido interior, o som de duas vozes fundidas numa doçura quase desumana: o soprano cristalino da sua irmã, entrelaçado e misturado com o barítono ressonante de Riveda... Domaris fora assolada nessa altura por um conflito amargo, enquanto segurava nos braços arrepiados a filha adormecida da irmã que amava mais do que tudo e do único homem que alguma vez odiara... E depois a memória tinha-lhe pregado uma partida fazendo-a recordar a voz rica e quente de Riveda e a meiguice pensativa da sua face enrugada quando Deoris adormecera, naquela noite, sobre os seus joelhos.

Ele amou verdadeiramente Deoris, pelo menos durante algum tempo, pensara. Não foi inteiramente culpado nem nós fomos as vítimas inocentes da sua maldade. Micon, Rajasta, eu própria... Não estamos isentos de culpas no mal provocado por Riveda. A culpa também foi nossa.

O bebê nos seus braços escolhera aquele momento para acordar, soltando um pequeno som gorgolejante. Domaris apertara-a com mais força, soluçando em voz alta.

— Ah, pequena cantora! — E Tiriki — pequena cantora — fora o que chamara à criança a partir daquele momento.

Tiriki estava agora empenhada numa viagem exploratória: foi até junto do Sumo Sacerdote que estendeu a mão para lhe acariciar a cabeça sedosa. Mas ela, sem aviso

prévio, abriu a boca e os seus pequenos dentes de esquilo fecharam-se com força na perna nua de Dirgat. Ele soltou um grito, muito pouco digno, de espanto e dor... Mas antes que pudesse recuperar a compostura e ralhar com Tiriki, esta fugiu para longe dele.

Como se a perna dele não fosse suficientemente dura, começou a roer a perna da mesa de madeira.

Consternada, mas contendo gargalhadas pouco convenientes, Domaris agarrou na criança e gaguejou desculpas confusas.

Dirgat fê-la calar com um gesto, rindo enquanto esfregava a perna mordida.

— Dizes que os Sacerdotes da tua terra se preparavam para lhe tirar a vida — riu-se ele — ela só estava a mandar-me uma mensagem do pai! — Mais uma vez calou as desculpas atabalhoadas em que ela insistia. — Tenho netos e bisnetos, filha! Os dentes da cachorrinha estão a nascer, mais nada.

Domaris tirou uma pulseira de prata macia do pulso e deu-a a Tiriki.

— Canibalzinha! — Admoestou-a. — Morde isto... Mas deixa em paz a mobília e os meus convidados! Por favor!

A menina ergueu os olhos enormes e brilhantes e pôs a pulseira na boca. Vendo que era demasiado grande para a meter na boca de uma só vez — embora tivesse tentado fazê-lo — Tiriki começou a morder hesitantemente o aro de prata. Caindo, com um ruído surdo, sobre o pequeno traseiro, ficou ali sentada concentrada na tarefa de morder o bracelete.

— Uma criança encantadora — disse Dirgat sem qualquer traço de sarcasmo. — Ouvi dizer que Reio-ta reivindicara a paternidade e isso deixara-me pensativo. Não há qualquer sangue da Atlântida nesta pequerrucha loira, isso vê-se logo!

— Ela é muito parecida com o pai — disse Domaris calmamente. — Um homem das Terras do Norte, que pecou e foi... Eliminado. O Adepto-mor dos Hábitos Cinzentos... Riveda de Zaiadan.

Nos olhos do Sumo Sacerdote reflectia-se a perturbação dos seus pensamentos quando se levantou para se retirar. Ouvira falar de Riveda e o que ouvira não tinham sido coisas boas. Se o sangue de Riveda predominava na criança, isso poderia vir a provar ser uma herança lamentável. E embora Dirgat não tivesse dito nada, os pensamentos de Domaris formavam como que um eco dos pensamentos do Sumo Sacerdote quando o seu olhar pousou na filha de Riveda.

Mais uma vez, ferozmente, Domaris decidiu que essa herança não contaminaria a criança. Mas como poderei lutar contra uma corrupção de sangue, oculta e invisível... Ou uma corrupção da alma? Agarrou mais uma vez Tiriki e pô-la no colo e, quando a largou, o rosto de Domaris estava coberto de lágrimas.

## Capítulo Quatro

### O Espectro

O lago conhecido como Espelho dos Reflexos estava salpicado pela luz rendilhada que se filtrava através das árvores, reflectindo o silêncio que provinha da mistura da luz com as sombras que constituía a passagem dos dias e, depois, dos anos.

Poucos ali se dirigiam, pois o local era sinistro e o lago tinha a reputação de conseguir apreender e reflectir os pensamentos daqueles que tivessem olhado a sua superfície agitada onde quer que se encontrassem. Em consequência disso, o local era calmo e deserto, mas ali havia espaço, silêncio e serenidade.

Foi para ali que Deoris se dirigiu certo dia, num estado de espírito de grande agitação, o futuro estendendo-se, negro e informe, perante o seu olhar tempestuoso.

Todo aquele incidente se revelara, afinal, algo exagerado, como se alguém usasse um chicote para matar uma mosca. Riveda estava morto. Talkannon estava morto. Nadastor estava morto, os seus discípulos também mortos ou dispersos. Domaris estava no exílio. E a própria Deoris,... Quem se daria ao trabalho de a condenar, agora que a filha do sacrilégio morrera? Mais do que isso, Deoris fora ordenada Iniciada do mais alto Mistério do Templo; depois disso não podia ser simplesmente deixada por sua conta e risco. Quando recuperara dos ferimentos e da doença, iniciara um período disciplinar vigiado. Tinha passado por sérias provações e por um período de estudo mais severo do que alguma vez conhecera. A sua instrutora fora a própria Maleina, Agora também esse período terminara... Mas o que se lhe seguiria? Deoris não sabia e não podia adivinhar.

Lançando-se sobre a relva à beira do lago, olhou para as águas manchadas de um azul mais profundo do que o céu, imersa em pensamentos solitários e amargos, desejando rebeldemente a criança da qual quase não tinha uma recordação consciente.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas desfocando as águas brilhantes, caindo livremente dos seus olhos. Sentindo o sabor salgado nos lábios, Deoris sacudiu a cabeça para clarear a visão sem, contudo, desviar o olhar introspectivo e concentrado das águas.

Naquele estado de espírito abstrato, de desgosto sonhador, viu sem surpresa o rosto de Domaris olhá-la da superfície do lago: um rosto mais magro, a bela estrutura óssea e uma expressão de apelo... De solicitude amorosa. Enquanto olhava, os lábios formaram o velho sorriso e os braços magros estenderam-se num gesto convidativo para a abraçar... Como Deoris conhecia aquele gesto!

Uma brisa súbita arrepiou a superfície das águas e a imagem desapareceu. Depois, por instantes, um outro rosto se formou e as feições finas de Demira, semelhantes às de uma fada, brilharam delicadamente sobre as águas. Deoris cobriu o rosto com as mãos e o fantasma desapareceu na água rugosa. Quando voltou a olhar, as águas eram apenas agitadas pelas brisas suaves.

## Capítulo Cinco

### O Caminho Escolhido

Naqueles últimos anos, Elis perdera toda a sua antiga beleza mas adquirira dignidade e um encanto maduro. Na sua presença, Deoris sentia uma estranha paz. Pegou ao colo o filho mais novo de Elis, uma criança que ainda não atingira um mês de vida e abraçou-o com ansiedade, devolvendo-o depois a Elis e, num movimento súbito e desesperado, lançou-se de joelhos junto da prima e escondeu o rosto no seu colo.

Elis não disse nada e, passado um momento, Deoris ergueu os olhos e sorriu ligeiramente.

— Sou uma idiota — admitiu — mas... Tu és muito parecida com Domaris.

Elis tocou a cabeça curvada e coberta de pesadas tranças.

— Tu própria estás cada vez mais parecida com ela a cada dia que passa, Deoris.

Deoris pôs-se rapidamente de pé quando os filhos mais velhos de Elis, comandados por lissa — agora uma moça alta e reservada, de treze anos — entraram no quarto. Ao verem a mulher envolta nas vestes azuis de Iniciada de Caratra pararam, a sua alegria impulsiva imediatamente controlada, desvanecendo-se rapidamente.

Apenas Lissa teve a presença de espírito suficiente para a saudar

— Kiha Deoris, tenho uma coisa para te dizer!

Deoris pôs o braço por cima dos ombros da filha da prima.

Teria ela alguma vez carregado nos braços aquela donzela tão sofisticada quando era uma pequena criança travessa?

— Que segredo é esse, Lissa?

Lissa ergueu o olhar cheio de excitação.

— Não é bem um segredo, kiha... Vou começar a servir no Templo para o mês que vem.

Uma dúzia de pensamentos diferentes passaram rapidamente por detrás da expressão calma de Deoris, da máscara composta de uma Sacerdotisa treinada. Aprendera a controlar a expressão do rosto, a sua postura e, ainda que não inteiramente, os seus pensamentos. Ela, Iniciada de Caratra, estava para sempre impedida de atingir algumas coisas, Lissa... Lissa nunca sentiria certamente nada parecido com a sua própria rebeldia... Deoris recordava-se. Tinha treze ou catorze anos, mais ou menos a idade de Lissa, mas não conseguia lembrar-se com precisão da razão porque se sentira tão relutante em entrar no Templo de Caratra mesmo para um pequeno período de serviço. Depois, no encadeamento implacável de pensamentos que nunca conseguia parar ou abrandar uma vez iniciado, pensou em Karahama... Em Demira... E depois veio a recordação que não conseguia afastar. Se a sua própria filha tivesse sobrevivido, a criança que ela tivera de Riveda, seria apenas um pouco mais nova que Lissa... Teria oito ou nove anos... E estaria já a aproximar-se da idade adulta.

Lissa não compreendeu o abraço repentino e impulsivo que Deoris lhe deu, mas retribuiu alegremente. Depois agarrou no irmão bebê e foi para o relvado, conduzindo cuidadosamente os outros irmãos na sua frente. As mulheres observaram-na, Elis sorrindo com orgulho e Deoris sorrindo com alguma tristeza.

— Já é uma jovem sacerdotisa, Elis.

— É muito madura para a idade — respondeu Elis. — E Chedan tem agora um grande orgulho em Lissa! Lembras-te como ele era ressentido relativamente a ela quando era pequena? — Riu-se, remissivo. — Agora é um verdadeiro pai para ela! Suponho

que agora o Arvath não se importaria nada de reconhecê-la! Geralmente o Arvath só decide o que quer fazer quando já é demasiado tarde!

Aquilo já não era nenhum segredo. Algum tempo antes, Arvath tinha-se declarado, com anos de atraso, pai de Lissa e tentara reclamá-la como filha, tal como Talkannon fizera relativamente a Karahama numa situação semelhante. Chedan tivera a última palavra, contudo, recusando abdicar da sua enteada. Arvath sofrera as penitências severas impostas a um pai que se recusa a reconhecer um filho para nada, a não ser, talvez, para o bem da sua alma.

Uma recordação dolorosa atingiu Deoris quando ouviu o nome de Arvath; sabia que ele fora influente na sentença que condenara Domaris e ainda não lho perdoara. Ele e Deoris não se viam mais do que duas vezes por ano e, mesmo nessas ocasiões, era como se não se conhecessem. O próprio Arvath não podia subir mais na hierarquia sacerdotal, pois ainda não tinha filhos.

Deoris preparou-se para partir mas Elis deteve-a, agarrando na mão da prima. Falou numa voz meiga movida por uma intuição que nunca a deixara ficar mal.

— Deoris... Parece-me que chegou a altura de procurares os conselhos de Rajasta.

Deoris concordou, acenando lentamente com a cabeça.

— Procurarei — prometeu. — Obrigada, Elis.

Quando saiu de junto de Elis, contudo, a expressão de Deoris já não estava tão composta. Fugira àquilo durante sete anos, temendo a condenação do julgamento imparcial de Rajasta... No entanto, à medida que se afastava da casa de Elis, os seus passos tornaram-se mais rápidos.

De que tinha ela tido medo? Ele só poderia fazê-la enfrentar-se a si própria, conhecer-se a si própria.

— Não posso dizer-te o que tens de fazer – disse-lhe Rajasta, rígido e inflexível.

— Não se trata do que eu possa exigir-te mas sim do que tu exiges de ti própria.

Desencadeaste acontecimentos. Estuda-os. Que sofrimentos foram infligidos por tua causa? Que obrigações te impõem como retribuição? O julgamento que farás de ti própria será mais impiedoso do que o meu alguma vez seria... Mas só assim poderás acabar por ficar em paz no teu coração.

A mulher ajoelhada na frente dele cruzou os braços sobre o peito numa severa introspecção.

Rajasta acrescentou palavras de cautela.

— Pronunciarás a tua própria sentença, tal como cabe a um Iniciado, mas tenta não dar novamente cabo da vida que os Deuses te concederam três vezes! A morte não pode ser auto-imposta. É o Seu desejo que tu vivas. A morte só é exigida quando um corpo humano está tão deformado e distorcido pelos erros, que estes não podem ser compensados pela penitência até que o corpo seja moldado num veículo mais puro para o renascimento.

Momentaneamente rebelde, Deoris ergueu os olhos.

— Senhor Rajasta, não consigo suportar viver cheia de honrarias, que me chamem Sacerdotisa, Iniciada... A mim que pequei com o meu corpo e a minha alma.

— Paz! — Disse ele severamente. — Essa não é a menor das tuas penitências, Deoris. Suporta-a com humildade, pois também isso é penitência e o desperdício é um crime. Aqueles que são mais sábios que nós decidiram que desta forma poderás servir melhor! Uma grande obra está reservada para ti após a reencarnação, Deoris. Não temas Deoris, sofrerás bastante por cada um dos teus pecados. Mas a condenação à morte, para ti, teria sido o caminho mais fácil! Se tivesses morrido... Então as causas e os crimes



teriam sido multiplicados por mil! Não, Deoris, a tua penitência nesta vida será mais dura e mais longa e mais severa do que isso!

Repreendida, Deoris baixou os olhos para o chão.

Com um suspiro quase inaudível, Rajasta pôs uma mão no ombro dela.

— Levanta-te, filha, e senta-te aqui ao meu lado. — Depois de ela lhe obedecer, perguntou calmamente. — Que idade tens?

— Vinte e sete Verões.

Rajasta olhou para ela avaliadoramente. Deoris não se casara nem arranjava — Rajasta fizera tudo ao seu alcance para o garantir — nenhum amante. Rajasta não estava seguro de ter sido sensato ao permitir um tal desvio dos costumes do Templo. Uma mulher da idade dela e ainda solteira era motivo de chacota e Deoris não era nem esposa nem viúva... Pensou, com um sofrimento que raramente o abandonava, em Domaris. O desgosto que ela sentira com a perda de Micon deixara-a marcada e incapaz de amar. Teria Riveda marcado Deoris da mesma forma indelével?

Ela ergueu finalmente a cabeça e os seus olhos azuis olharam os dele com firmeza.

— Que esta seja a sentença — disse e comunicou-lhe a sua decisão.

Rajasta olhou-a atentamente enquanto ela falava e, quando terminou, disse com uma bondade que a enervou mais do que qualquer outra coisa nos últimos anos.

— Não és tolerante para contigo própria, minha filha. Ela não vacilou perante ele.

— Domaris não se poupou — disse Deoris lentamente. — Suponho que nunca mais verei a minha irmã nesta vida. Mas... — Curvou a cabeça sentindo-se tão tímida que lhe foi difícil continuar — quero... Viver de tal forma que, quando nos voltarmos a encontrar, como nos obriga o nosso voto, numa outra vida, não me sinta envergonhada perante ela.

Rajasta sentia-se tão comovido que teve dificuldade em falar.

— Que assim seja — disse por fim. — A escolha é tua... E a sentença é... Justa.

## **Capítulo Seis**

### **Sem Expectativas**

No décimo primeiro ano do seu exílio, Domaris descobriu que já não conseguia cumprir os seus deveres sem assistência como fizera durante tanto tempo. Aceitou o fato calmamente, com a paciência e a resignação que eram característica de todos os seus atos. Sabia, havia muito tempo, que estava doente e que, provavelmente, nunca ficaria melhor.

Continuava a cumprir os deveres que lhe restavam com segurança e serenidade, fazendo justiça a toda a gente, mas a confiança transbordante desaparecera, juntamente com a sua alegria esfuziante. Agora era uma atitude estudada que marcava a sua personalidade, uma atenção cheia de gravidade que se concentrava no momento presente, recusando de igual forma o passado e o futuro. Tratava toda a gente com respeito e bondade, recebendo a reverência com que era tratada com uma reserva gentil. E se as homenagens que lhe prestavam alguma vez lhe pareceram, no seu íntimo, de uma ironia dolorosa, guardou essa opinião no seu coração.

Mas o fato de Domaris ser mais do que uma simples concha, ninguém que a tivesse visto durante os momentos solenes do Ritual poderia duvidar. Era então que ela vivia, e vivia intensamente. Na verdade assemelhava-se ela própria a uma chama branca, a sua

própria pele parecia brilhar. Domaris não fazia a menor idéia do impacto que tinha nos seus associados, mas sentia naquelas ocasiões uma felicidade estranha e passiva, uma receptividade que nunca conseguira definir mas que era composta por uma vida interior muito forte, que se aproximava do mistério, e de uma sensação da proximidade de Micon, ali, no seu próprio país. Via aquela terra com os seus próprios olhos e pensava nos tempos em que os jardins e os lagos de águas calmas lhe faziam recordar os pátios interiores e as fontes da sua terra natal mas, ainda assim, sentia-se em paz.

A forma como exercia o seu papel de Guardiã continuava a ser firme e gentil mas nunca inoportuna e reservava-se agora um período diário para observar o porto. Do alto da sua janela olhava, com uma solidão remota e terrível e, cada vela branca que saía do porto, aumentava um pouco o peso da solidão no seu peito. Os navios que chegavam não provocavam nela o mesmo desejo pungente enquanto esperava, passiva, por algo... Não sabia o quê. O seu destino estava traçado e ela sentia que aquele intervalo de calma era apenas isso mesmo... Um interlúdio.

Estava sentada um dia, distraída e inactiva, quando a criada entrou e lhe disse:

— Uma mulher da nobreza pede uma audiência, minha Senhora.

— Sabes que não recebo ninguém a esta hora.

— Eu informei-a disso, Senhora, mas ela insistiu.

— Insistiu? — Indignou-se Domaris, num eco da sua antiga atitude.

— Diz que viajou de muito longe e que o assunto é grave e da maior importância.

Domaris suspirou. Aquilo acontecia, de vez em quando.

Tratava-se habitualmente de uma mulher estéril que procurava um feitiço que lhe permitisse ter filhos. Nunca deixariam de a atormentar?

— Eu recebo-a — disse em tom fatigado e dirigiu-se, com dignidade e lentidão, para a antecâmara.

Quando chegou à porta parou, agarrando-se à ombreira com uma das mãos, o quarto parecendo girar em torno de si. Deoris! Ah, não... Deve ser uma semelhança qualquer, uma ilusão provocada pela luz... Deoris está a anos de distância, na minha terra natal, talvez casada, talvez morta. Sentiu a boca subitamente seca e tentou falar sem o conseguir. O seu rosto estava pálido como o luar reflectido em mármore e Domaris estava a tremer, não muito violentamente, mas com o corpo todo.

— Domaris! — E era a voz amada, implorante. — Não me reconheces, Domaris?

Soltando o ar dos pulmões, Domaris estendeu os braços à irmã, ansiosamente, querendo abraçá-la... Depois as forças abandonaram-na e ela caiu, inerte, aos pés de Deoris.

Chorando, tremendo de susto e de alegria, Deoris ajoelhou-se e tomou a mulher mais velha nos braços. A transformação sofrida por Domaris era como que uma pancada no rosto e, por momentos, Deoris pensou que Domaris poderia estar morta, que o choque da sua chegada a tinha morto. Mas antes que tivesse tido tempo de pensar, os olhos cinzentos abriram-se e uma mão insegura pousou na sua face.

— És mesmo tu, Deoris, és tu! — Domaris ficou imóvel nos braços da irmã, as faces pálidas de alegria e as lágrimas de Deoris caíram sobre ela sem que, durante algum tempo, nenhuma desse por isso. Por fim Domaris, mexeu-se, inquieta.

— Estás a chorar... Mas não há razão para lágrimas — murmurou — agora já não. — E com aquelas palavras ergueu-se, levantando também Deoris. Depois, com o lenço, enxugou as lágrimas da irmã e, apertando-lhe o nariz vermelho disse, com modos de irmã mais velha. — Assoa-te!

Quando conseguiram falar sem chorar nem rir, ou as duas coisas ao mesmo tempo,

Domaris, olhando para o belo rosto da mulher em que a sua irmã se transformara e que lhe era, simultaneamente, tão estranho e tão familiar, perguntou em voz insegura:

— Deoris, como estava o meu filho quando o deixaste? Ele, diz-me depressa, está bem? Suponho que deve estar quase um homem. É muito parecido com... O pai?

Deoris disse, com muita ternura:

— Poderás decidir isso por ti mesma, minha querida. Ele está na outra sala. Veio comigo.

— Oh, Deuses misericordiosos! — Soluçou Domaris e, por instantes, pareceu que desmaiaria novamente — Deoris, o meu bebê... O meu rapazinho...

— Perdoa-me, Domaris, mas eu... Eu tinha de ter este momento a sós contigo.

— Está tudo bem, irmãzinha, mas... Oh, traz-mo cá já!

Deoris levantou-se e dirigiu-se à porta. Por trás dela, Domaris ainda a tremer, estava muito junto a ela, incapaz de esperar um momento mais que fosse. Lentamente e com alguma timidez, mas com um sorriso radiante, um rapaz alto avançou e tomou a mulher nos braços.

Com um pequeno suspiro, Deoris endireitou-se e olhou para os dois pensativamente. Sentia uma dor no coração que não se acalmou quando saiu da sala...

E, quando regressou, Domaris estava sentada num divã com Micail ajoelhado no chão, aos seus pés, com uma das faces, já cobertas de penugem, comprimida contra uma das suas mãos.

Domaris levantou-se alegremente, olhando para Deoris interrogativamente, sobressaltada com o que viu.

— Mas o que é isso, Deoris? É teu filho? Como... Quem... Traz-mo cá, deixa-me ver — disse. Mas os seus olhos não conseguiam desviar-se do filho, nem mesmo quando Deoris começou a desapertar as faixas que envolviam a criança que tinha no colo. Em parte era doloroso ver as feições de Micail, de tal forma Micail estava reflectido no jovem rosto moreno e orgulhoso, com o sorriso intermitente que nunca lhe abandonava os lábios e os olhos límpidos de um azul tempestuoso sob o cabelo flamejante, que era o único traço herdado do povo da sua mãe... Os olhos de Domaris encheram-se de lágrimas quando passou uma mão esguia pelos caracóis que lhe cobriam a nuca.

— Ora, Micail — disse — estás um homem, temos de cortar esses caracóis.

O rapaz curvou a cabeça, sentindo-se novamente tímido. Domaris virou-se outra vez para a irmã.

— Dá cá o teu bebê, Deoris, quero vê-lo... É um ele ou uma ela?

— É um rapaz — disse Deoris e pôs o embrulho cor-de-rosa, que se debatia, nos braços de Domaris.

— Oh, que querido, tão doce — disse-lhe em voz amorosa — mas...? — Domaris ergueu os olhos hesitando em dar voz às perguntas que lhe queimavam os lábios.

Deoris, com uma expressão grave, pegou na mão livre da irmã e deu a Domaris a única explicação que ela alguma vez receberia.

— A vida do teu filho foi frustrada, em parte por culpa minha. Arvath foi impedido de subir mais na hierarquia do sacerdócio por não ter um filho vivo. E a obrigação que não cumpriste, pode dizer-se que passou para mim... E... O Arvath não se mostrou relutante.

— Então este é... O filho de Arvath?

Deoris pareceu não dar pela interrupção e continuou, calmamente:

— Ele até queria casar-se comigo, mas eu não ia tomar o teu lugar. Depois... Parecia um milagre! Os pais do Arvath estão aqui, como sabes, em Ahtarrath e queriam educar o neto, visto que o Arvath não... Não voltou a casar. Então ele implorou-me que eu

fizesse esta viagem pois não havia mais ninguém a quem ele pudesse pedi-lo e Rajasta arranjou as coisas por forma a que eu viesse ter contigo e trouxesse o Micail, dado que quando ele chegar à idade adulta poderá reivindicar a herança do pai e o lugar que era dele. Por isso entrei no navio com as crianças e... — Encolheu os ombros e sorriu.

— Tens mais filhos?

— Não. Nari é o meu único filho.

Domaris olhou para a cabeça coberta de caracóis da criança que tinha sobre os joelhos. O menino estava ali sentado, confortável e a rir, brincando com os seus próprios dedos. E, agora que sabia quem era o seu pai, parecia a Domaris que detectava algumas semelhanças com Arvath. Ergueu os olhos e viu na expressão da irmã uma espécie de melancolia.

— Deoris — começou a dizer mas a porta escancarou-se e uma moça entrou na sala a dançar, detendo-se imediatamente e ficando a olhar para os estranhos.

— Kiha Domaris, desculpa — murmurou. — Não sabia que tinhas visitas.

Deoris virou-se para a jovem donzela. Era uma criança alta, à volta dos dez anos, delicada e esguia, com cabelo fino e liso que lhe chegava aos ombros, emoldurando o pequeno rosto delicado e pontiagudo no qual brilhavam olhos azuis-prateados sob uma cortina de pestanas escuras...

— Domaris! — Disse Deoris quase sufocada. — Domaris, quem é ela,? Quem é esta criança? Enlouqueci ou estou a sonhar?

— Ora, minha querida, não consegues adivinhar? — Perguntou Domaris com doçura.

— Não, Domaris, não consigo suportar isto! — A voz de Deoris quebrou e ela soltou um soluço. — Tu... Nunca viste Demira...

— Irmã, olha para mim! — Ordenou Domaris. — Seria eu capaz de brincar de forma tão cruel? Deoris, é o teu bebê! A tua menina... Tiriki, Tiriki querida, vem cá, vem conhecer a tua mãe...

A menina ficou a olhar timidamente para Deoris, demasiado envergonhada para avançar e Domaris viu nascer no rosto da irmã uma esperança demasiado grande para poder ser verdade, uma esperança meio louca.

— Mas, Domaris, o meu bebê morreu! — Disse Deoris e depois vieram as lágrimas, soluços dolorosos e cheios de infelicidade, torrentes de lágrimas solitárias que ela sufocara durante dez anos. As lágrimas que não pudera chorar naquela altura, todo aquele pesadelo infeliz. — Então não foi um sonho! Sonhei que Reio-ta tinha vindo buscá-la... Mas depois disseram-me que ela morreria...

Deoris pousou o rapazinho e foi rapidamente para junto da irmã, puxando a cabeça morena para o seu peito.

— Querida, perdoa-me — disse Domaris — eu estava perturbada, não sabia o que dizer ou fazer. Disse isso a algumas das pessoas do Templo para as impedir de interferirem enquanto pensava no que deveria fazer. Nunca pensei que... Oh, minha irmãzinha, e durante todos estes anos pensaste... — Ergueu a cabeça e disse. — Tiriki, vem cá.

A menina continuava a retrair-se, mas quando Deoris olhou para ela cheia de amor, não se atrevendo ainda a acreditar num milagre, o coraçãozinho generoso da criança encheu-se de simpatia por aquela bela mulher que a olhava com uma tal esperança estampada nos olhos que era de partir o coração. Tiriki avançou e lançou os braços em torno de Deoris dando-lhe um abraço apertado, olhando timidamente para a mulher.

— Não chores, não chores — pediu-lhe numa voz fininha e ansiosa que penetrou como uma faca de memória no coração de Deoris. — Kiha Domaris... Esta é a minha

mãe?

— Sim, querida, sim — assegurou-lhe Domaris e depois Tiriki sentiu-se puxada para o abraço mais apertado que alguma vez experimentara. Domaris ria... Mas também estava a chorar. O choque ou a alegria tinham sido quase demasiados.

Micaíl salvou a situação. Sentado no chão, segurando no bebê de Deoris com um cuidado desajeitado, disse num tom profundamente enjoadado de rapaz: — moças!

## **Capítulo Sete**

### **A Flor Perene**

Domaris pousou o alaúde que estivera a tocar e recebeu Deoris com um sorriso.

— Pareces descansada, querida — disse puxando a mulher mais nova para junto de si. — Estou tão contente por te ter aqui! E como poderei agradecer-te por me teres trazido Micaíl?

— Tu... Tu... Que posso dizer? — Deoris agarrou na mão esguia da irmã e prendeu-a nas suas. — Já fizeste tanto. Eilantha, como é que tu lhe chamas? Tiriki. Tiveste-a sempre contigo durante este tempo todo? Como conseguiste?

Os olhos de Domaris estavam distantes, velados por recordações sonhadoras.

— Reio-ta trouxe-ma. Na verdade o plano foi dele. Eu não sabia que ela corria perigos tão terríveis. Não lhe teriam permitido viver.

— Domaris! — O choque da revelação transparecia-lhe na voz e no olhar. — Mas porque é que isso foi mantido em segredo até relativamente a mim?

Domaris virou os olhos encovados para a irmã.

— Reio-ta tentou dizer-to. Penso que estavas demasiado... Doente para perceberes o que ele dizia. Eu temi que deixasses transparecer o que sabias, ou... — Desviou os olhos. — Ou que tu própria tentasses destruí-la.

— Como pudeste pensar...?

— Eu não sabia o que pensar, Deoris! Já é espantoso que eu conseguisse sequer pensar! E certamente que não era suficientemente forte para te obrigar ao que quer que fosse. Mas, por várias razões, nem os Hábitos Negros nem os Hábitos Cinzentos teriam permitido que ela vivesse. E os Sacerdotes da Luz... — Domaris continuava a não ser capaz de olhar a irmã de frente. — Eles amaldiçoaram Riveda e a sua semente. — Fez-se silêncio por um momento. Depois Domaris encerrou o assunto com um gesto. — Tudo isso pertence ao passado — disse firmemente. — Tenho a Tiriki comigo desde essa altura. O Reio-ta tem sido um pai para ela e os pais dele amam-na muito. — Sorriu. — Tem sido terrivelmente mimada, aviso-te já! Meio sacerdotisa, meio princesa...

Deoris manteve a mão pálida da irmã entre as suas olhando para ela inquisidoramente. Domaris estava magra, magra ao ponto de estar quase esquelética e apenas os lábios e os olhos emprestavam cor ao seu rosto pálido. Os lábios pareciam uma ferida vermelha e os olhos pareciam por vezes ter um brilho febril. E, nos cabelos fulvos de Domaris, viam-se muitos fios brancos.

— Mas Domaris! Tu estás doente!

— Estou bastante bem. E vou ficar melhor, agora que estás aqui

— Mas Domaris estremeceu sob aquele escrutínio. — Que tal achas a Tiriki?

— Ela é... Adorável. — Deoris sorriu pensativamente. — Mas sinto-me tão



estranha com ela! Achas que... Ela me amará?

Domaris riu-se gentilmente, reconfortando-a.

— É claro que sim! Mas ela também se sente estranha. Lembra-te que só conhece a mãe há dois dias.

— Eu sei, mas... Quero que ela me ame já! — Na voz de Deoris transparecia mais do que uma sugestão da sua antiga paixão e rebeldia.

— Dá-lhe tempo — aconselhou-a Domaris com um meio sorriso. — Achas que o Micaíl se lembrava mesmo de mim? E ele era muito mais velho...

— Eu esforcei-me muito para que ele se lembrasse, Domaris! Embora o tivesse visto muito pouco durante os primeiros quatro ou cinco anos. Ele quase me esquecera também quando finalmente me permitiram que o visse. Mas tentei.

— Fizeste muito bem. — Lágrimas de gratidão enchiam-lhe os olhos e a voz de Domaris. — Eu queria que a Tiriki soubesse de ti, mas... Ela só me teve a mim durante toda a vida. E eu não tinha mais ninguém.

— Consigo suportar que ela te ame mais a ti — murmurou Deoris corajosamente — mas consigo apenas suportar.

— Oh, minha querida, minha querida, sabes certamente que eu nunca quereria usurpar-te esse privilégio.

Deoris estava quase a chorar novamente embora, agora, não o fizesse facilmente. Conseguiu conter as lágrimas mas nos seus olhos azul-violeta transparecia uma conformação dolorida que tocou mais Domaris do que o desgosto ou a rebelião.

Uma vozinha infantil chamou.

— Kiha Domaris? — E as mulheres, virando-se, viram Micaíl e Tiriki de pé junto à porta.

— Venham cá, meus queridos. — Convidou Domaris, mas foi ao filho que dirigiu o sorriso e o seu coração agitou-se dolorosamente, pois via Micon a olhar para ela...

O rapaz e a moça entraram no quarto corajosamente mas com uma timidez que nenhum dos dois conseguia ultrapassar. Ficaram de mãos dadas em frente das mães de ambos, pois embora Tiriki e Micaíl ainda fossem quase desconhecidos, partilhavam um espanto semelhante. Tudo se transformara para ambos. Durante toda a sua vida Micaíl só conhecera a disciplina austera do sacerdócio e a companhia dos sacerdotes. Na realidade nunca esquecera totalmente a mãe, mas sentia-se envergonhado e desconfortável na sua presença. Tiriki, embora soubesse vagamente que não nascera de Domaris, tinha sido mimada e acarinhada por ela, de tal forma adorada e coberta de protecção afectuosa, que nunca sentira verdadeiramente a falta de uma mãe.

A estranheza de tudo aquilo agigantou-se novamente e Tiriki largou a mão de Micaíl e correu para Domaris, agarrando-se ciumentamente a ela e escondendo o cabelo prateado no colo da tia. Domaris fez festas na cabeça brilhante mas os seus olhos nunca se desviaram de Micaíl.

— Tiriki, minha querida — repreendeu-a baixinho — não sabes que a tua mãe teve saudades tuas durante todos estes anos? E agora nem sequer a cumprimentas. Onde estão as tuas maneiras, filha?

Tiriki não disse nada, escondendo os olhos, com ciúmes tímidos e rebeldes. Deoris via tudo aquilo, sentindo que uma faca se cravava repetidamente no seu coração. Ela ultrapassara a sua antiga possessividade relativamente a Domaris, mas uma dor mais profunda e pungente tomara o seu lugar. E agora, sobrepondo-se àquela imagem, quase conseguia ver uma outra cabeça doirada pousada no seu próprio peito e ouvir a voz lamentosa de Demira murmurando, Se a Domaris falasse comigo bondosamente, acho que morria de felicidade...

Domaris nunca vira Demira, evidentemente. E apesar do que Deoris dissera para confortar a menina saji, Domaris teria tratado Demira com desprezo arrogante se alguma vez a tivesse encontrado.

Mas na verdade, pensou Deoris com tristeza e assombro, Tiriki é apenas o que Demira teria sido se tivesse recebido uma educação tão cuidadosa e carinhosa. Ela tem a beleza espantosa de Demira, a sua graciosidade e uma atitude encantadora e também aquilo que Demira não tinha, uma doçura, um calor... Confiança? Deoris deu por si a sorrir através das lágrimas. Isso é obra de Domaris, disse a si própria, e talvez tudo tenha sido pelo melhor. Eu não poderia ter feito muito por ela.

Deoris estendeu a mão na direção de Tiriki, acariciando o cabelo loiro e macio.

— Sabes, Tiriki, eu vi-te só uma vez antes de te terem separado de mim, mas não houve um único dia em todos estes anos em que não tivesses estado no meu coração. Mas pensava sempre em ti como um bebê, não esperava vir encontrar-te quase uma mulher. Talvez isso faça com que seja mais fácil tornarmo-nos... Amigas?

— A sua voz estava ligeiramente embargada e o coração generoso de Tiriki não deixou de se sentir tocado por isso.

Domaris chamara Micaíl para junto de si e, aparentemente, tinha esquecido a presença delas. Tiriki chegou-se para perto de Deoris. Viu o olhar pensativo nos olhos azul-violeta e o tato, que tão cuidadosamente lhe fora instilado por Domaris, não a abandonou. Ainda timidamente, mas com uma autoconfiança que surpreendeu Deoris, enfiou a mão na da mulher.

— Não pareces ter idade para ser minha mãe — disse com uma graciosidade tão doce que o arrojo das palavras nem pareceu impertinente. Depois, impulsivamente, Tiriki passou os braços em torno da cintura da mãe e olhou confiantemente para o seu rosto. Primeiro, os únicos pensamentos de Tiriki tinham sido, Que queria Kiha Domaris que eu fizesse? Não posso envergonhá-la. Agora dava por si a sentir-se profundamente afectada pela tristeza contida de Deoris e pela sua falta de insistência.

— Agora já tenho uma mãe e um irmãozinho também — disse a menina carinhosamente. — Deixas-me brincar com o meu irmãozinho?

— Com certeza — prometeu Deoris, ainda da mesma forma contida. — Tu já estás quase uma mulher e ele vai crescer a acreditar que tem duas mães. Anda daí, se quiseres, e vamos ver a amadar-lhe banho e vesti-lo, e depois podes mostrar-nos os jardins, a mim e ao teu irmãozinho.

Aquelas tinham sido, como se tornou evidente, as palavras mais adequadas e o caminho mais sensato. O ponto certo.

As últimas reservas desapareceram rapidamente. Embora Tiriki e Deoris nunca viessem a ter uma relação de mãe e filha, tornaram-se verdadeiras amigas e continuaram amigas durante os longos meses e anos que foram passando sem qualquer acontecimento digno de nota.

O filho de Arvath cresceu e tornou-se um rapazinho resistente e depois um rapagão saudável. Tiriki ficou muito alta e o seu rosto perdeu os últimos traços de bebê. A voz de Micaíl começou a mudar e também ele se tornou bastante alto. Aos quinze anos, as semelhanças com Micon tinham-se tornado muito marcadas. Os olhos de um azul-escuro límpido e penetrante como os dele, o rosto e o corpo esbelto animados pela mesma inteligência fluida e irrequieta...

De tempos a tempos o pai de Micon, o Príncipe Mikantor, Regente dos Reinos do Mar e a sua segunda mulher, a mãe de Reio-ta, reclamavam a presença de Micaíl durante alguns dias e defendiam, com frequência, que o neto, enquanto herdeiro de Ahtarrath, deveria ficar a viver com eles no palácio.

— É o nosso direito — dizia repetidamente, sombriamente, o velho Mikantor. — Ele é filho de Micon e deve ser educado como convém à sua condição e não entre mulheres! Embora eu não queira menosprezar o que fizeram por ele, evidentemente. A filha de Reio-ta também tem o seu lugar e a sua posição entre nós. — Quando dizia estas palavras, os olhos de Mikantor fixavam-se invariavelmente em Domaris com pena e com uma afeição paciente. Tê-la-ia aceite também a ela, de bom grado, como uma filha amada, mas a reserva que ela demonstrava relativamente a ele nunca abrandara.

De cada vez que o assunto era discutido, Domaris, com uma dignidade calma, reconhecia razão a Mikantor, pois o filho de Micon era na verdade herdeiro de Ahtarrath, mas o rapaz também era seu filho.

— Ele está a ser educado da forma que o seu pai desejaria, isso posso garantir-te, mas enquanto eu viver — prometeu Domaris — ele não voltará a deixar-me. Enquanto eu viver... — A voz demorava-se nas palavras. — Não será por muito tempo. Deixem-no comigo... Até essa altura.

A conversa repetia-se com ligeiras variações de poucos em poucos meses. Por fim o velho Príncipe curvou a cabeça perante a Iniciada e parou de a importunar embora continuasse a visitá-la regularmente e ainda com mais frequência do que anteriormente.

Domaris cedeu um pouco permitindo que o filho passasse muito tempo com Reio-ta. Aquele estado de coisas satisfazia todos os interessados e os dois rapidamente se tornaram íntimos.

Reio-ta demonstrava uma grande deferência para com o filho do irmão mais velho que adorara e traíra e Micail gostava do calor da amizade do jovem príncipe. Ele era, inicialmente, um rapaz rígido e pouco amistoso e tivera dificuldade em adaptar-se à liberdade da sua nova vida. Rajasta acostumara-o, desde os três anos de idade, à autodisciplina austera dos graus mais altos da Casta dos Sacerdotes. Contudo, a timidez incomum e a reserva acabaram por se desvanecer e Micail começou a demonstrar o mesmo encanto generoso e a alegria que tinham tornado Micon tão encantador.

Talvez ainda mais do que Reio-ta, Tiriki teve nisso uma grande influência. Tornaram-se muito próximos desde o primeiro dia, com uma amizade que rapidamente se transformou em amor. Um amor fraterno e não sentimental, mas ainda assim sincero e profundo. Discutiam frequentemente, evidentemente, pois eram muito diferentes: Micail era controlado, de modos calmos mas orgulhoso e reservado, com tendência para o secretismo e a ironia; Tiriki era temperamental apesar da sua pose e era muitíssimo volátil. Mas as discussões eram passageiras, meras erupções temperamentais e era sempre Tiriki quem se arrependia primeiro da sua impulsividade. Lançava os braços ao pescoço de Micail e implorava-lhe, beijando-o, que ficassem amigos de novo. E Micail puxava-lhe o cabelo comprido e solto, que era demasiado fino e escorrido para se manter entrançado durante muito tempo, e provocava-a até ela lhe implorar misericórdia.

Deoris sentia-se muito satisfeita com aquela amizade e Reio-ta estava perfeitamente deliciado, mas ambos suspeitavam que Domaris não se sentia muito agradada. Ultimamente, quando olhava Tiriki nos olhos, uma expressão estranha passava-lhe no rosto e ela cerrava os lábios e franzia um pouco a testa, depois chamava Tiriki para junto de si e abraçava-a, arrependida, como se tentasse compensar uma condenação não verbalizada.

Tiriki ainda não tinha treze anos mas estava uma mulher, como se algo fermentasse dentro de si, esperando que um qualquer catalisador fizesse surgir, subitamente, a maturidade. Era uma moça muito alegre e misteriosa, muitíssimo encantadora e Micail não tardou a aperceber-se de que as coisas não poderiam continuar assim por muito tempo; a sua priminha fascinava-o demasiado.

No entanto Tiriki tinha a impulsividade inocente de uma criança e tudo aconteceu de uma forma muito simples: um passeio solitário na praia, uma carícia, um beijo brincalhão e depois ficaram durante vários minutos presos num abraço, com medo de se mexerem e perderem aquela doçura inesperada.

Depois Micail soltou-se da moça com meiguice e afastou-a dele.

— Eilantha — murmurou em voz muito baixa e Tiriki, percebendo a razão pela qual ele a chamara pelo seu nome do Templo, baixou os olhos sem tentar tocá-lo novamente. A intuição dela pôs como que um selo final naquilo que o jovem Micail sabia.

Ele sorriu, com uma nova maturidade e responsabilidade, e pegou-lhe na mão, apenas na mão, prendendo-a entre as suas.

— Anda, temos de voltar para o Templo.

— Oh! Micail! — Murmurou a moça com uma rebeldia momentânea. — Agora que nos encontrámos, vamos ter de perder tudo isto tão rapidamente? Atrever-te-ás a beijar-me novamente?

O seu sorriso grave fê-la desviar os olhos, confundida.

— Muitas vezes, espero. Mas não aqui nem agora. Tu és... Demasiado querida para mim. E és muito nova, Tiriki... Tal como eu. Anda. — A sua autoridade calma era a de um irmão mais velho, mas enquanto subiam o caminho escavado em socacos na direção do Templo, ele cedeu e voltou-se para ela com um sorriso.

— Vou contar-te uma história — disse ele muito sério e sentaram-se nos degraus. — Era uma vez um homem que vivia numa floresta, totalmente a sós com a companhia das estrelas e das grandes árvores. Um dia encontrou uma bela gazela na floresta e correu na sua direção tentando abraçar-lhe o pescoço elegante e obter algum conforto para a sua solidão. Mas a gazela assustou-se e fugiu e ele nunca mais a encontrou. Mas depois de ter vagueado durante muitas luas, encontrou uma bela flor em botão. Nessa altura já era um homem sábio, pois passara muito tempo sozinho. Por isso não tocou na flor que se aninhava ao Sol e, sentando-se ao seu lado durante horas, observou a flor a desabrochar e a crescer em direção ao Sol. E quando a flor se abriu virou-se na direção dele, pois ele estava muito quieto e muito próximo. E quando a flor desabrochou totalmente ele viu que era uma bela flor da paixão que nunca murcharia.

Os olhos cinzentos prateados de Tiriki estavam sorridentes.

— Já ouvi essa história muitas vezes — disse —, mas só agora compreendo o seu significado. — Apertou-lhe a mão, levantou-se e correu pelos degraus acima. — Anda — disse alegremente. — Estão à nossa espera e eu prometi ao meu irmãozinho que ia apanhar bagas no jardim!

## Capítulo Oito

### Dever

Nessa Primavera, a doença que Domaris tinha conseguido manter controlada, acabou por levar a melhor. Durante as chuvas da Primavera e a estação dos frutos e das flores estivais, permaneceu no seu quarto alto, incapaz de se levantar da cama. Não se queixava e desencorajava a solicitude da família. No Outono voltaria a ficar bem.

Deoris cuidava dela com atenção e afeto, mas o amor que sentia pela irmã cegava-a, e não via aquilo que era evidente para toda a gente. E, com demasiada frequência, nem Deoris nem qualquer outra pessoa conseguia ajudar a mulher que ali estava deitada, tão paciente e impotente, durante longos dias e noites. Tinham-se passado anos desde que alguém pudera ajudar Domaris.

Foi só nessa altura que Deoris descobriu — pois Domaris estava demasiado doente para se preocupar com segredos — quão cruelmente a sua irmã tinha sido tratada pelos Hábitos Negros.

A culpa pesava fortemente sobre a mulher mais nova depois daquela revelação, pois algo mais foi revelado, que Deoris desconhecia: o quão seriamente Domaris fora ferida naquele período estranho e onírico que, até mesmo passado todo aquele tempo permanecia, para Deoris, envolto numa teia escura de sonhos confusos... A memória fugidia da Aldeia dos Idiotas. O que Domaris lhe contara finalmente não esclarecera a razão porque Domaris fora incapaz de levar até ao fim a gravidez do primeiro filho de Arvath, tornava espantoso como é que ela conseguira dar à luz o filho de Micon.

O Príncipe Mikantor viu finalmente satisfeito o seu maior desejo e Micail foi enviado para o palácio. Domaris tinha saudades do filho, mas não queria que ele a visse sofrer.

Tiriki, contudo, não permitia que a controlassem e desafiou Deoris e até mesmo Domaris, pela primeira vez na sua vida.

Deixara a infância completamente para trás. Aos treze anos, Tiriki era mais alta que Deoris, embora esguia e imatura, tal como fora Demira. E, tal como Demira, havia uma gravidade precoce nos seus olhos cinzentos prateados e nas linhas perturbantes do seu rosto magro. Deoris fora tão infantil aos treze anos que nenhuma das irmãs viu ou se apercebeu que, com a mesma idade, Tiriki já era uma moça crescida. A maturidade mais precoce e atávica do povo de Zaiadan passou-lhes despercebida e nenhuma delas levava Tiriki muito a sério.

Toda a gente fazia os possíveis para a manter afastada durante os dias mais difíceis, mas uma noite, quando Deoris, exausta por ter passado vários dias quase sem dormir, se deitou a descansar por uns momentos no quarto ao lado, Tiriki esgueirou-se para ir ver Domaris que estava deitada, com os olhos abertos e muito quieta, com o rosto tão pálido como a madeixa branca do seu cabelo ainda brilhante.

Tiriki aproximou-se e murmurou.

— Kiha...!

— Sim, querida — disse Domaris com voz fraca mas, nem mesmo por Tiriki, conseguiu esboçar um sorriso. A moça aproximou-se ainda mais e agarrou numa das mãos cobertas por veias azuis levando-a com paixão a uma das faces, beijando os dedos cor de cera com adoração e desespero. Domaris ergueu com esforço a outra mão para agarrar nas mãos quentes da criança.

— Cuidado, querida — disse Domaris. — Não chores.



— Não estou a chorar — assegurou-lhe Tiriki, erguendo o rosto enxuto. — Mas... Não há nada que eu possa fazer por ti, Kiha Domaris? Eu... Tu... Dói-te muito, não é?

Sob o olhar dos grandes olhos cinzentos da criança, Domaris limitou-se a dizer baixinho:

— Sim, filha.

— Quem me dera poder sofrer no teu lugar!

Foi então que um sorriso impossível apareceu nos lábios sem cor.

— Tudo menos isso, querida Tiriki. Agora vai brincar, minha pequenina.

— Eu não sou um bebê, Kiha! Por favor deixa-me ficar contigo — implorou Tiriki e, perante a intensidade do pedido, Domaris fechou os olhos e ficou em silêncio durante alguns minutos. Não vou deixar transparecer a dor na frente desta criança. Disse Domaris a si própria... Mas gotas de suor perlavam-lhe o lábio inferior.

Tiriki sentou-se na beira do sofá. Domaris, pronta para lhe dizer que se afastasse, pois não conseguia suportar o mínimo toque e, por vezes, quando uma das escravas chocava inadvertidamente com a sua cama, gritava com dores insuportáveis, apercebeu-se com espanto de que os movimentos de Tiriki tinham sido tão delicados que não tinha sentido a mínima dor nem mesmo quando a moça se curvou e lhe envolveu o pescoço com os braços.

Ora, pensou Domaris, ela é como uma gatinha, podia caminhar sobre o meu corpo e eu não sentiria qualquer dor! Pelo menos herdou qualquer coisa boa de Riveda!

Havia muitas semanas que Domaris não suportava qualquer toque a não ser o da irmã e, mesmo as mãos treinadas de Deoris, tinham sido incapazes de evitar infligir-lhe tormento ocasionalmente. Mas Tiriki..., O corpo esguio da menina encaixou-se doce e facilmente no espaço estreito da cama e ficou ali ajoelhada com os braços em torno da mãe adoptiva durante tanto tempo que Domaris ficou muda de espanto.

— Tiriki — repreendeu-a por fim, com relutância, pois a presença da criança era estranhamente reconfortante – não debes fatigar-te. — Tiriki dirigiu-lhe apenas um olhar estranhamente protetor e adulto e chegou-se ainda mais a Domaris. E, subitamente, Domaris pensou se seria imaginação sua... Não, era verdade, a dor estava a diminuir gradualmente e uma espécie de energia percorria o seu corpo cansado. Por instantes, Domaris conseguiu apenas compreender a benção que era aquele alívio e descontraiu-se com um grande suspiro.

Depois o alívio desapareceu dando lugar ao espanto e à apreensão.

— Estás melhor agora, Kiha?

— Sim — disse-lhe Domaris resolvendo não fazer comentários. Era absurdo pensar que uma criança de treze anos conseguisse fazer o mesmo que os Adeptos mais elevados conseguiam apenas após anos de dura disciplina e formação! Não passara de uma fantasia da sua fraqueza, nada mais. Alguns resquícios de preocupação disseram-lhe que, se isso fosse verdade, então Tiriki teria de ser mantida afastada para sua própria segurança... Mas manter Tiriki afastada era uma resolução fácil de tomar mas difícil de fazer cumprir.

Nos dias que se seguiram, embora Tiriki tivesse passado muito tempo com Domaris, tirando parte desse peso de cima dos ombros de Deoris que estava exausta, Domaris manteve um rígido controlo sobre si própria. Nenhuma palavra ou movimento trairiam a sua dor àquela pequena mulher-criança.

Ridículo, pensou zangada, que tenha de proteger-me de uma criança de treze anos!

Certo dia, Tiriki tinha-se enrolado como um gato a seu lado.

Domaris permitiu-o, pois a proximidade da criança era reconfortante e Tiriki, que sempre fora irrequieta, nunca se mexia. Domaris sabia que ela estava a aprender a ser

paciente e a adquirir uma suavidade peculiar, mas não queria que a moça se cansasse demasiado e disse-lhe:

— Pareces um ratinho, Tiriki. Não estás cansada de estar aqui comigo?

— Não. Por favor, não me mandes embora, Kiha Domaris!

— Não me atrevera, mas promete-me que não vais fatigar-te demasiado!

Tiriki prometeu e Domaris tocou no cabelo quase branco com um dedo e depois ficou imóvel, suspirando. Os grandes olhos de gato de Tiriki ficaram pensativos, sonhadores... Em que estará a criança a pensar? Mas que feiticeirazinha ela é! E tem um instinto estranho... Curativo. Tanto Deorís como Riveda tinham algo semelhante, lembrou-se, já deveria esperar algo assim... Mas Domaris não conseguia pensar coerentemente durante muito tempo. A dor era uma parte de si e ela já nem se lembrava como era não sentir dores.

Tiriki, com ligeiros sinais de exaustão a transparecer no pequeno rosto pontiagudo, despertou do seu sonho e ficou a olhá-la, impotente e infeliz; depois, num assomo protetor, lançou os braços em torno de Domaris com delicadeza e puxou-a delicadamente para si. E daquela vez não foi imaginação: Domaris sentiu o fluxo repentino de vitalidade e o recuo rápido das vagas de dor. Tudo aquilo fora feito sem perícia fazendo com que Domaris se sentisse atordoada e desorientada pela energia que, de um momento para o outro, a preencheria. Assim que conseguiu, empurrou Tiriki bruscamente.

— Minha querida — disse maravilhada — não debes... — Calou-se, apercebendo-se de que a moça não estava a ouvi-la.

Respirando fundo, Domaris soergueu-se penosamente sobre um cotovelo.

— Eilantha! — Ordenou secamente. — Estou a falar a sério! Nunca mais debes fazer isso! Proíbo-to! Se o tentares... Mando-te embora de uma vez!

Tiriki sentou-se. O seu rosto magro estava corado e uma estranha ruga marcava-lhe a testa.

— Kiha — começou em tom persuasivo.

— Escuta, minha querida — disse Domaris com mais doçura enquanto se recostava novamente na almofada — acredita em mim, estou-te grata. Um dia vais compreender a razão pela qual não posso permitir que... Que te violentes desta maneira. Não sei como o conseguiste... Esse poder é uma dádiva divina, meu amor... Mas não assim! E não por mim!

— Mas... Mas é só por ti, Kiha! Porque eu amo-te!

— Mas... Menina... — Domaris não conseguia encontrar palavras e ficou imóvel, a olhar para os olhos calmos. Passados uns minutos o rosto sonhador da criança ficou novamente perturbado.

— Kiha — murmurou Tiriki com uma estranha intensidade, — quando... Onde... Onde e quando foi? Disseste... Disseste-me... — Calou-se, os olhos concentrados num exame doloroso do rosto da mulher, as sobrancelhas juntas numa concentração dolorosa. — Oh, Kiha, porque é tão difícil recordar?

— Recordar o quê, Tiriki?

A moça fechou os olhos.

— Foste tu... Disseste-mo... — Os grandes olhos abriram-se, ensombrados, e Tiriki murmurou. — Irmã... E mais do que irmã... Aqui nós, mulheres e irmãs... Consagramo-nos a ti, Mãe, no seio da escuridão. — A voz embargou-se-lhe e ela soluçou.

Domaris suspendeu a respiração.

— Tu não te lembras, não podes! Eilantha, não podes, tens andado a bisbilhotar, à escuta, não podes...

Tiriki disse apaixonadamente.

— Não, não, eras tu, Kiha! Eras! Eu lembro-me, mas é como se fosse... Um sonho, como se estivesse a sonhar com um sonho.

— Tiriki, meu bebê... Estás a falar como uma criança louca, estás a falar de algo que aconteceu antes...

— Então aconteceu! Aconteceu! Queres contar-me o resto? — Explodiu Tiriki.  
— Porque não acreditas em mim?

— Mas foi antes de teres nascido! — Exclamou Domaris. — Como pode ser uma coisa destas?

Pálida, com os olhos muito brilhantes, Tiriki repetiu as palavras do ritual sem gaguejar, mas dissera apenas umas quantas frases quando Domaris, pálida como a Morte, a fez parar. — Não, não, Eilantha! Pára! Não debes repetir essas palavras! Nunca, nunca... Até perceberes o seu significado! O que elas implicam... — Estendeu os braços magros e exaustos. — Promete-me!

Tiriki caiu a soluçar desconsoladamente contra o peito da mãe adoptiva mas, por fim, murmurou a promessa.

— Um dia... E se eu não puder fazê-lo, Deoris contar-te-á tudo. Um dia... Foste tornada Devota, foste dedicada a Caratra antes de nasceres e um dia...

— O melhor é deixares-me contar-lhe agora — disse Deoris calmamente da soleira da porta. — Perdoa-me, Domaris. Não pude deixar de ouvir.

Mas Tiriki saltou, enraivecida.

— Tu! Tinhas de vir... Escutar, espiar-me! Não podes deixar-me ter algum tempo a sós com a Kiha Domaris, tens ciúmes porque eu consigo ajudá-la e tu não! Odeio-te! Odeio-te, Deoris! — Estava a soluçar furiosamente e Deoris ficou parada, imóvel, pois Domaris chamara Tiriki para junto de si e a filha chorava copiosamente nos braços da irmã com o rosto escondido no ombro de Domaris enquanto a mulher a abraçava, absorta, com uma ternura ansiosa. Deoris curvou a cabeça e preparava-se para sair sem dizer palavra quando Domaris falou.

— Tiriki, chiu, minha filha — ordenou-lhe. — Deoris, vem para aqui... Não, aqui perto de mim, querida. Tu também, bebê — disse a Tiriki que se afastara um pouco e olhava Deoris com ciúme e ressentimento. Domaris deu uma das suas mãos envelhecidas e pálidas como a cera a Tiriki e estendeu a outra a Deoris. — Agora, vocês as duas — murmurou Domaris — escutem-me, pois esta pode ser a última vez que eu conseguirei falar convosco assim... A última vez.

## **Capítulo Nove**

### **O Mar E O Navio**

À medida que o Verão ia dando lugar ao Outono, até mesmo as crianças desistiram de fingir e de esperar que Domaris pudesse recuperar. Dia após dia ela jazia no seu quarto alto, olhando para o brilho do Sol sobre as vagas brancas, sonhando.

Às vezes, quando um dos navios alados de mastros altos deslizava no horizonte, ela pensava se Rajasta teria recebido a sua mensagem... Mas nem isso lhe parecia já importante. Dias e depois meses passaram sobre a sua cabeça e, a cada dia, ela ficava mais pálida, mais fraca, desgastada por dores que atingiam extremos além dos quais nem a própria dor conseguia chegar, fatigada até mesmo pelo esforço de respirar para viver.

O velho mestre, Rathor, veio visitá-la uma vez e manteve-se perto da sua cama, a mão entre as mãos pálidas dela e os seus velhos olhos cegos debruçados sobre o seu rosto devastado como se vissem, não algo de longínquo e distante, mas a expressão da mulher moribunda.

Com a chegada do novo ano, Deoris, pálida do esforço despendido durante os longos dias e noites a cuidar da irmã, recebeu a ordem peremptória de descansar mais. Durante a maior parte do tempo, agora, Domaris não a reconhecia e era muito pouco o que alguém podia fazer por ela. Relutantemente, Deoris deixou a irmã nas mãos de outras Sacerdotisas-Curandeiras e, uma manhã, levou os filhos à praia. Micaíl foi lá ter com eles, pois desde que a mãe adoecera ele pouco vira Tiriki.

Micaíl recordar-se-ia daquele dia, depois, como do último dia em que foi criança entre crianças.

Tiriki, com os cabelos longos e pálidos soltos, arrastava o irmão mais novo pela mão enquanto corria de um lado para o outro. Micaíl correu atrás deles e os três iniciaram uma brincadeira louca e desvairada de gritos e empurrões chapinhando na água, correndo uns atrás dos outros das ondas para a areia. Até Deoris descalçou as sandálias e entrou alegremente na água. Quando se cansaram da brincadeira, Tiriki começou a fazer construções na areia para o irmãozinho, enquanto Micaíl apanhava conchas na marca da maré cheia e as atirava para o colo de Tiriki.

Deoris, sentada sobre uma rocha aquecida pelo Sol para os vigiar pensou, Eles só estão a fingir que são crianças para nos fazerem o gosto a mim e a Nari. Já estão crescidos, aqueles dois, cresceram enquanto eu estava absorvida por Domaris... A Deoris não lhe parecia certo que um rapaz de dezasseis anos e uma moça de treze fossem tão maduros, tão sérios, tão adultos... Embora naquele momento agissem como crianças com metade da sua idade!

Mas por fim eles acalmaram-se e deitaram-se na areia aos pés de Deoris, pedindo-lhe que admirasse a escultura na areia.

— Olha — disse Micaíl — um palácio e um Templo!

— Vês a minha pirâmide? — Perguntou o pequeno Nari em voz aguda.

Tiriki apontou.

— Visto daqui, o palácio parece uma jóia engastada no topo de uma colina verde... Reio-ta disse-me, uma vez... — Abruptamente sentou-se e perguntou. — Deoris, eu alguma vez tive um pai de verdade? Eu amo Reio-ta como se ele fosse o meu verdadeiro pai, mas... Tu e a Kiha Domaris são irmãs. E Reio-ta é irmão do pai do Micaíl... — Calando-se novamente olhou, agitada, para Micaíl.

Ele compreendeu imediatamente o que ela queria dizer e estendeu a mão para lhe puxar uma orelha... Mas o impulso desvaneceu-se e ele limitou-se a torcê-la ao de leve.

Deoris olhou para a filha muito séria.

— Claro, Tiriki. Mas o teu pai morreu... Antes de poder reconhecer-te.

— Como era ele? — Perguntou a moça ponderadamente. Antes que Deoris pudesse responder, o pequeno Nari ergueu os olhos com ar de desprezo. — Se ele morreu antes de a reconhecer, como é que podia ser pai dela? — Perguntou com a lógica devastadora das crianças pequenas. Enfiou um dedo gorducho nas costelas da irmã.

— Faz-me um buraco, Tiriki!

— bebê tolo — ralhou Micaíl.

Nari franziu a testa.

— Não sou um bebê — insistiu. — O meu pai é um Sacerdote!

— Também o de Micaíl, Nari; assim como o de Tiriki — disse Deoris com meiguice. — Nós somos todos filhos de Sacerdotes.

Mas Nari limitou-se a regressar ao paradoxo que encontrara com vigor renovado.

— Se o pai de Tiriki morreu antes de ela nascer, então ela não tem pai porque ele não estava vivo para ser pai dela!

Micail, divertido pela inocência infantil de Nari, sorriu deliciado. Até mesmo Tiriki soltou uma risadinha... Mas depois ficou séria vendo a expressão no rosto de Deoris.

— Não queres falar dele?

Mais uma vez uma dor estranha penetrou no coração de Deoris.

Às vezes não pensava sequer em Riveda durante meses... Depois um gesto ou uma palavra ocasional de Tiriki traziam-no de volta e agitavam novamente aquela dor meio doce dentro de si. Riveda estava gravado na sua alma de forma tão indelével como as cicatrizes do dorje nos seus seios, mas ela aprendera a controlar-se e a manter a calma. Passados instantes falou numa voz perfeitamente controlada.

— Ele era um Adepto dos Magos, Tiriki.

— Um Sacerdote como o pai de Micail, foi o que disseste?

— Não, filha, nada de parecido com o pai do Micail. Disse que ele era um Sacerdote porque, bem, os Adeptos são um gênero de Sacerdotes. Mas o teu pai era da seita dos Hábitos Cinzentos, embora eles não sejam tidos em grande estima na Terra Antiga. E ele era um homem do norte, de Zaiadan; foi dele que herdaste a cor dos olhos e do cabelo. Era um Curandeiro muito competente.

— Como se chamava? — Perguntou Tiriki com intensidade. Deoris não respondeu imediatamente. Ocorreu-lhe naquele momento que Domaris nunca lhe falara nisso e que, dado que ela educara Tiriki como filha de Reio-ta, era seu direito não...

Por fim Deoris disse:

— Tiriki, em tudo o que realmente interessa, o teu pai é Reio-ta.

— Oh, eu sei, não é que eu não o ame! — Exclamou Tiriki penitentemente mas, como se fosse impelida por um ímpeto irresistível, continuou. — Mas diz-me, Deoris, porque eu lembro-me de quando era um bebê, a Domaris ter falado dele a outra Sacerdotisa... Não, foi a um Sacerdote... Ora, não consigo lembrar-me... — Fez um gesto um pouco estranho de impotência com as mãos.

Deoris suspirou.

— Seja como queres. O nome dele era Riveda.

Tiriki repetiu o nome com curiosidade.

— Riveda...

— Eu não sabia disso! — Interrompeu Micail com súbita perturbação. — Deoris, poderá esse ser o mesmo Riveda de quem eu ouvi falar no Pátio dos Sacerdotes quando era criança? Foi o... O feiticeiro, o herege? — Calou-se quando viu o desespero nos olhos de Deoris e a expressão de dor nos seus lábios.

Nari levantou a cabeça e gritou.

— O que é um herege?

Micail, arrependendo-se imediatamente do seu comentário imprudente, esticou as pernas compridas e pôs o rapazinho sobre o ombro.

— Um herege é alguém que faz coisas malvadas e eu vou fazer também uma maldade e lançar-te ao mar se não paras de aborrecer Deoris com as tuas perguntas patetas! Olha, parece-me que aquele navio vai lançar âncora. Anda, vamos ver, eu levo-te às cavalitas!

Nari guinchou de prazer e Micail afastou-se a correr com ele aos ombros. Em breve não passavam de duas figuras diminutas lá longe, na praia.

Deoris emergiu do seu devaneio quando Tiriki enfiou a sua pequena mão na dela



dizendo em voz baixa.

— Eu não queria perturbar-te, Deoris. Eu... Eu só queria ter a certeza de que eu e Micaíl não éramos primos por parte da mãe e do pai. — Corou e depois disse, encorajadoramente. — Oh! Deoris, deves perceber a razão! — Pela primeira vez, por sua iniciativa, Tiriki deu a face à mãe para que esta a beijasse.

Deoris tomou a criança esguia nos braços.

— Claro que sei, minha flor, e estou muito feliz -disse. — Anda, vamos ver o barco também? — De mãos dadas, muito juntas, seguiram o rasto dos passos apressados de Micaíl através da areia até estarem os quatro juntos de novo.

Deoris pegou no filho (Nari pelo menos era só dela, nem que fosse durante algum tempo, pensou) e escutou Micaíl a sorrir enquanto este, com o braço por cima de Tiriki, falava do navio alado que deslizava nas águas do porto. O mar corria-lhe nas veias tal como corra nas do seu pai; durante a longa viagem que os trouxera da Terra Antiga ele ficara completamente deliciado.

— Será que aquele navio vem da Terra Antiga? — Perguntou Tiriki com curiosidade.

— Não me surpreenderia — respondeu Micaíl sensatamente. — Olha... Mas estão a lançar um bote. Isso é estranho, geralmente não lançam os botes aqui junto ao Templo, habitualmente fazem-no mais perto da Cidade.

— Vem um Sacerdote no primeiro bote — disse Tiriki quando a pequena embarcação chegou junto à praia. Seis homens, simples marinheiros, viraram-se para descer pelo caminho mais baixo mas o sétimo ficou imóvel a olhar na direção onde o Templo brilhava como uma estrela branca no topo da colina. O coração de Deoris quase parou. Era...

— Rajasta! — Gritou Micaíl de repente cheio de alegria. E, esquecendo a sua recente dignidade, correu rapidamente sobre a areia na direção do homem vestido de branco.

O Sacerdote ergueu os olhos e o seu rosto resplandeceu quando avistou o rapaz.

— Meu querido, querido filho! — Exclamou abraçando Micaíl.

Deoris, seguindo-o lentamente com as crianças, viu que o rosto do velho Guardião estava molhado de lágrimas.

Com um braço por cima de Micaíl, Rajasta virou-se para saudar os restantes. Deoris fez menção de se ajoelhar, mas ele abraçou-a com o braço que tinha livre.

— Filhinha, este é um bom presságio para a minha missão, embora não seja uma missão de alegria — disse-lhe. Para sua própria surpresa, Deoris apercebeu-se de que estava a chorar.

Rajasta puxou-a para si com uma espécie de embaraço desalentado, confortando-a desajeitadamente enquanto ela soluçava e o pequeno Nari puxava pelas saias da mãe.

— Se eu fizesse isso davas-me uma sova, Deoris — admoestou-a em voz aguda.

Deoris riu-se, recuperando um pouco a compostura.

— Perdoa-me, Senhor Rajasta — disse corando muito e empurrando Tiriki na sua frente. — Aconteceu-me um milagre, meu pai, pois quando aqui cheguei encontrei... A minha própria filhinha que estava ao cuidado de Domaris.

O sorriso de Rajasta era uma bênção.

— Eu sabia disso, minha filha, pois Reio-ta pôs-me ao corrente dos seus planos.

— Sabias? E durante todos aqueles anos...? — Deoris curvou a cabeça. Na verdade fora mais sensato ela ter sido levada a pensar que perdera a sua filha para sempre.

Tiriki agarrava-se a Deoris, envergonhada, e Rajasta pousou a mão na sua cabeça sedosa. — Não tenhas medo, pequenina.

Conheci a tua mãe quando ela era mais nova do que tu e o teu pai era meu parente. Podes chamar-me Tio, se o desejares.

Nari espreitou por trás da irmã.

— O meu pai é um Sacerdote! — Disse ele com arrojo. — Também és meu tio, Senhor Guardião?

— Se quiseres — disse Rajasta benevolmente e acariciou os caracóis desgrehados. — A Domaris está bem, filha?

Deoris empalideceu de consternação.

— Não recebeste a carta dela? Não sabes?

Rajasta empalideceu também.

— Não, não recebi notícias... O Templo está numa grande confusão, Deoris, não temos recebido cartas. Vim aqui para tratar de assuntos do Templo embora tivesse a esperança de vos ver a ambas. O que... Que foi que lhe aconteceu?

— Domaris está a morrer — disse Deoris numa voz pouco firme.

As faces pálidas do Sacerdote pareceram encovar-se. Pela primeira vez na sua vida, Deoris apercebeu-se de que Rajasta era um homem muito velho.

— Temi... Senti — disse o Guardião em voz rouca — uma premonição maligna sobre ela... — Olhou novamente para o rosto magro e orgulhoso de Micail. — És como o teu pai, meu filho. Tens os olhos dele... — Mas os pensamentos de Rajasta ultrapassavam as suas palavras: Ele é como Domaris também. Domaris, a quem ele amava mais do que a uma filha... Ninguém, mesmo sendo sangue do seu sangue, fora tão querido para Rajasta. E Deoris dissera que ela estava a morrer! Mas a parte essencial de Domaris, recordou severamente a si próprio ainda que com tristeza, há muito que morreu... Mandaram as crianças embora quando se aproximaram do dormitório das Sacerdotisas. Juntos e a sós, Rajasta e Deoris subiram as escadas.

— Vais encontrá-la muito mudada — avisou Deoris.

— Eu sei — disse Rajasta e na sua voz transparecia um desgosto profundo. Apoiou-se pesadamente no braço que a mulher lhe oferecia. Deoris bateu suavemente na porta.

— Deoris? — Perguntou uma voz fraca vinda do interior do quarto e Deoris desviou-se para permitir que o Guardião entrasse na sua frente. Ouviu novamente o seu nome em tom interrogativo e depois um grito de alegria. — Rajasta! Rajasta... Meu pai!

A voz de Domaris quebrou-se num soluço e Rajasta apressou-se a chegar junto dela. Domaris tentou erguer-se mas o seu rosto contorceu-se de dor e caiu para trás. Rajasta curvou-se e abraçou-a suavemente dizendo.

— Domaris, minha filha, minha filha adorável!

Deoris retirou-se silenciosamente e deixou-os sozinhos.

## Capítulo Dez

### Karma

De pé no terraço, escutando os gritos das crianças do Templo nos jardins mais abaixo, Deoris ouviu passos atrás de si. Virou-se e deparou com os olhos sorridentes de Reio-ta.

— O Senhor Rajasta está com Domaris? — Perguntou ele.

Deoris assentiu e os olhos dela entristeceram.

— Ela tem-se mantido viva à espera deste momento. Agora já não durará muito.

Reio-ta pegou-lhe na mão e disse:

— Não deves chorar, Deoris. Ela há muitos anos que... Já não está completamente viva.

— Não choro por ela — murmurou Deoris — mas por mim própria. Sou egoísta, sempre fui egoísta, mas quando ela partir ficarei sozinha.

— Não — disse Reio-ta — não ficarás sozinha. — E, sem surpresa, Deoris deu por si nos braços dele, a boca dele contra a sua. — Deoris — sussurrou ele por fim — eu sempre te amei! Desde o momento em que saí daquele... Turbilhão em que me afundara e te vi deitada no chão de um Templo que eu não reconheci aos pés de um... Hábito Cinzento cujo nome eu nem sequer sabia. E as queimaduras terríveis que tu tinhas! Eu amei-te nesse momento, Deoris! Só isso me deu a força necessária para desafiar...

Num tom neutro, Deoris disse o nome que, depois de tantos anos, a sua língua ainda tinha dificuldade em pronunciar.

— Para desafiar Riveda...

— Conseguirás gostar de mim? — Perguntou ele apaixonadamente. — Ou será que o passado ainda te mantém aprisionada?

Sem falar, Deoris pôs a sua mão na dele, aquecida por uma confiança e uma esperança repentinas e soube, sem reflectir, que fora por aquilo que esperara durante toda a sua vida. Nunca sentiria por Reio-ta a louca adoração que sentira por Riveda. Amara — não, adorara Riveda — como um crente ama o seu Deus. Arvath tomara-a como mulher e tinha havido amizade entre eles bem como a Ligação pelo filho que ela lhe dera em vez da sua irmã, mas Arvath nunca tocara as suas emoções. Agora, tendo atingido a maturidade, Deoris sentia o desejo e a capacidade de dar o passo seguinte no mundo da experiência.

Sorrindo, libertou-se dos braços dele.

Ele aceitou e retribuiu-lhe o sorriso.

— Não somos jovens — disse. — Podemos esperar.

— Temos todo o tempo do mundo — respondeu ela com meiguice. Pegou-lhe na mão e, juntos, dirigiram-se aos jardins.

O Sol já ia baixo no horizonte quando Rajasta os chamou para que se juntassem num terraço perto dos aposentos de Domaris.

— Eu não falei de nada disto a Domaris — disse-lhes sombriamente — mas queria dizer-vos hoje aquilo que tenciono dizer aos Sacerdotes do Templo amanhã. O Templo na nossa terra natal — o Grande Templo — vai ser destruído.

— Ah, não! — Gritou Deoris.

— Sim — disse Rajasta solenemente. — Há seis meses descobrimos que a grande pirâmide estava a afundar-se cada vez mais na terra. E o mar entrou pelas margens em

vários locais. Houve tremores de terra. O mar começou a infiltrar-se por baixo da terra e algumas das câmaras subterrâneas estão a ruir. Não falta muito... Não falta muito para que o Grande Templo seja engolido pelas ondas do mar.

As vozes ergueram-se numa amalgama de perguntas confusas e desalentadas que ele calou com um gesto.

— Sabem que a pirâmide se ergue sobre a cripta do Deus Não Revelado?

— Quem me dera que não soubéssemos! — Murmurou Reio-ta em voz muito baixa.

— Aquela Cripta é o nadir das forças magnéticas da Terra... É essa a razão pela qual os Hábitos Cinzentos tentam guardá-la tão zelosamente de qualquer profanação. Mas há dez anos ou mais... — Involuntariamente, Rajasta olhou para Tiriki que estava sentada a tremer de olhos muito abertos. — Um grande sacrilégio teve ali lugar e foram pronunciadas Palavras de Poder. Reio-ta, segundo parece, estava totalmente certo nas suas afirmações, pois não tínhamos erradicado totalmente os vermes de entre nós! — Por instantes, os olhos de Rajasta tornaram-se duros e atormentados, como se contemplassem novamente um qualquer horror que os restantes não conseguiam sequer imaginar. — Mais tarde, foram lançados feitiços ainda mais fortes do que os deles e as forças mais malignas foram contidas, mas... O Deus Não Revelado estava ferido de morte. A agonia da sua morte submergirá mais do que o Templo!

Deoris cobriu o rosto com as mãos.

Rajasta continuou numa voz baixa e inexpressiva:

— As Palavras de Poder, ao vibrarem, abriram fissuras nas rochas, perturbaram a matéria nos próprios elementos que a constituem. E, uma vez iniciadas a um nível tão básico, as vibrações não conseguem ser contidas até que se extingam por si próprias. A terra treme diariamente em torno da Cripta, e os tremores estão a alastrar! Dentro de sete anos, no máximo, todo o Templo, talvez mesmo a praia, a cidade e as terras espalhadas por muitas, muitas milhas... Desaparecerão sob as águas do mar...

Deoris soltou um som abafado de horror.

Reio-ta curvou a cabeça sentindo-se terrivelmente humilhado.

— Deuses! — Murmurou, — Eu... Eu não estou isento de culpas em tudo isso.

— Se vamos falar de culpas — disse Rajasta mais suavemente do que era seu hábito — eu não sou menos culpado do que qualquer outro, pois enquanto Guardião permiti que Riveda se envolvesse na magia negra. Micon absteve-se de ter um filho na sua juventude e depois não se atreveu a morrer sob tortura. Nem podemos isentar de culpas o Sacerdote que o ensinou, os servos e os pais que o educaram, o tetravô do capitão do navio que trouxe a minha avó e de Riveda de Zaiadan... Nenhum homem consegue avaliar com exactidão a relação de causa e efeito, muito menos a esta escala! É o kar-ma. Liberta o teu coração, meu filho.

Fez-se uma longa pausa. Tiriki e Micail tinham os olhos muito abertos, imóveis e de mãos dadas, escutando sem compreender totalmente o que ouviam. A cabeça de Reio-ta permanecia curvada sobre as mãos entrelaçadas enquanto Deoris se mantinha rígida como uma estátua, a garganta cerrada por mãos invisíveis.

Finalmente, de olhos enxutos e branca como um lençol, passou a língua pelos lábios secos e grasnou.

— Isso... Não é tudo, pois não?

Rajasta abanou tristemente a cabeça em concordância.

— Não é tudo — disse. — Talvez, daqui a dez anos, as margens da catástrofe atinjam também a Atlântida. Estes terramotos expandir-se-ão para fora acabando por, quem sabe, abranger o mundo. Este local onde hoje nos encontramos poderá quebrar-se e

jazer sob as ondas um dia... E também poderá suceder, quem sabe, que nenhum local fique intato. Mas não consigo acreditar que atinjamos esse ponto! As vidas dos homens são uma coisa insignificante... Aqueles cujo destino decretar que sobreviverão viverão, ainda que tenham de desenvolver guelras como as dos peixes e passar os seus dias a nadar nas profundezas mais inimagináveis, ou tenham de ter asas para cruzar os céus até que as águas recuem. E aqueles que tiverem lançado as sementes da sua própria morte morrerão, por mais espertos e determinados que sejam... Mas para evitar que um karma ainda pior seja engendrado, os segredos da Verdade que existem no Templo não podem morrer.

— Mas... Se as coisas são como dizes, como poderão ser preservados? — Murmurou Reio-ta.

Rajasta olhou para ele e depois para Micail.

— Algumas partes da terra serão seguras, penso eu — acabou por responder — e novos Templos serão aí erguidos, locais para onde o saber possa ser levado e mantido. A sabedoria do nosso mundo pode ser lançada aos quatro ventos e perder-se por muitas eras... Mas não morrerá para sempre. Um desses Templos, Micail, estará nas tuas mãos.

Micail sobressaltou-se.

— Nas minhas mãos? Mas eu sou apenas um rapaz!

— Filho de Ahtarrath — disse Rajasta severamente — habitualmente é proibido que as pessoas conheçam o seu destino para evitar que se encostem aos Deuses e, sabendo o que os espera, abduquem de usar todo o seu potencial. No entanto, é necessário que tu saibas e te prepares! Reio-ta ajudar-te-á. Embora lhe seja negado o sucesso pessoal, os filhos do seu sangue herdarão os poderes de Ahtarrath.

Micail olhou para as suas mãos esguias e fortes... E Deoris recordou-se subitamente de um par de mãos bronzeadas, retorcidas e muito magras pousadas em cima de uma mesa. Depois Micail atirou a cabeça para trás e olhou Rajasta nos olhos.

— Então, meu pai — disse e estendeu a mão a Tiriki — casamo-nos tão cedo quanto possível!

Rajasta olhou gravemente para a filha de Riveda, reflectindo.

— Que assim seja — disse finalmente. — Houve uma profecia, quando eu ainda era novo: Uma criança nascerá, de uma linhagem que primeiro se ergueu e depois caiu; uma criança que fundará uma nova linhagem que quebrará os males praticados pelo seu pai para sempre. Vocês são novos... — Olhou novamente para o rosto infantil de Tiriki, mas o que ali viu fê-lo inclinar a cabeça e acrescentar. — Mas o novo mundo será sobretudo jovem! Está bem. Também isto é o karma.

A tremer, Tiriki perguntou:

— Só os Sacerdotes se salvarão?

— É claro que não — repreendeu-a Rajasta suavemente. — Nem mesmo os Sacerdotes podem determinar quem viverá e quem morrerá. Aqueles que não fazem parte do Sacerdócio serão avisados dos perigos e dos locais onde deverão procurar abrigo e serão ajudados de todas as formas possíveis... Mas não podemos obrigá-los da mesma forma que podemos impor-nos aos Sacerdotes. Muitos não acreditarão e rir-se-ão de nós; mesmo aqueles que não o façam podem recusar-se a abandonar os seus lares e os seus haveres. Haverá aqueles que confiarão na segurança das grutas, das montanhas altas, ou dos barcos... E quem sabe? Poderão sair-se bem e até melhor do que nós. Aqueles que sofrerão e morrerão são aqueles que lançaram as sementes do seu próprio fim.

— Penso que estou a compreender — disse Deoris calmamente. — Porque não disseste nada disto a Domaris?

— Eu acho que ela sabe — respondeu Rajasta. — Ela está muito próxima de uma porta que se abre para além da estrutura de uma só vida e de um só tempo. — Estendeu-



lhes as mãos. — Noutros Tempos — disse num tom grave e profético — vejo-nos dispersos mas juntando-nos de novo. Foram criados laços nesta vida que nunca permitirão que nos separemos... Qualquer de nós. Micon, Domaris... Talkannon, Riveda... Até mesmo tu, Tiriki e aquela irmã que nunca conhecestes, Demira... Limitaram-se a retirar-se da cena de um drama que está a chegar ao fim. Mudarão e permanecerão os mesmos. Mas existe uma teia... Uma teia de escuridão tecida em torno de todos nós. E enquanto o tempo continuar a existir, nunca poderá ser desfeita ou destruída. É o karma.

Desde que Rajasta saíra de perto dela, Domaris flutuara numa fantasia sem sonhos, os seus pensamentos vagos não tendo qualquer relação com a dor e a fraqueza do seu corpo exausto.

O rosto e a voz de Micon estavam por perto e sentia a mão dele no seu braço.. Não o toque frágil e cuidadoso das mãos mutiladas, mas um aperto forte e cheio de vitalidade no seu pulso. Domaris não acreditava numa reunião imediata após a morte mas sabia, com uma confiança serena, que ela e Micon tinham forjado laços de amor que não deixariam de os juntar de novo; um fio brilhante atravessando a teia de escuridão e que os unia um ao outro. Podiam permanecer separados durante muitas vidas, enquanto outros laços se desenvolviam e outras obrigações se cumpriam; mas encontrar-se-iam novamente. Nem poderia ser separada de Deoris; a força dos votos proferidos ligava-as uma à outra e as crianças que tinham dedicado vida após vida e para sempre. O seu único desgosto era que, nesta vida, não veria Micail chegar a homem nem nunca conheceria a moça que ele um dia desposaria, nunca pegaria ao colo num dos seus filhos... Depois, com a lucidez dos moribundos, percebeu que não teria de esperar para conhecer a mãe dos filhos de Micail. Tinha-a criado ela própria no seu exílio solitário e tinha selado os filhos que lhe nasceriam à Deusa que serviriam para todo o sempre. Domaris sorriu, o seu antigo sorriso alegre e abriu os olhos para ver o rosto de Micon... Micon? Não, pois o sorriso moreno estava emoldurado por cabelos tão flamejantes como os seus tinham sido em tempos e o sorriso que respondeu ao seu era jovem e inseguro bem como o toque da mão ainda jovem e ossuda na sua mão. Por trás dele, por um instante, viu Deoris.

Não a Sacerdotisa grave mas a criança de caracóis desgrehados e esvoaçantes, ora alegre ora amuada, que tinha sido a alegria e a sua única preocupação nos anos descuidados da juventude.

Também Rajasta ali estava, sorridente, ora austero ora benevolente. E o sorriso perturbado e hesitante de Reio-ta.

Todos os meus entes queridos, pensou e quase o disse em voz alta quando viu o cabelo pálido da menina saji, a filha dos sem povo, que fugira do lado de Karahama para conduzir Domaris até junto de Deoris certo dia no Templo Cinzento... Mas não. O tempo passara por eles. Era o rosto de Tiriki, vermelho de tanto chorar, que surgiu banhado de luz. Domaris sorriu, o velho sorriso glorioso que parecia penetrar em todos os corações.

Micon murmurou:

— Coração de Chamas! — Ou teria sido Rajasta quem pronunciara a velha frase carinhosa com a sua voz insegura? Domaris não distinguia agora os pormenores, mas sentiu que Deoris se curvava sobre ela na luz fraca.

— Irmãzinha — murmurou Domaris e depois, sorrindo. — Não, já não és pequenina...

— Parece... Tão feliz, Domaris — disse Deoris pensativamente.

— Eu estou muito feliz — murmurou Domaris e os seus olhos luminosos eram duas estrelas gêmeas reflectindo os seus rostos. Por um instante uma onda de espanto e de dor toldou a alegria brilhante. Ela mexeu-se e murmurou, suplicante.

— Micon.

Micail apertou com força a sua mão.

— Domaris!

Os olhos alegres abriram-se novamente.

— Filho do Sol — disse em voz clara. — Agora... Vai começar de novo. — Virou a cabeça na almofada e adormeceu e, nos seus sonhos, estava novamente sentada na relva à sombra da velha árvore frondosa nos jardins do Templo da sua terra natal enquanto Micon lhe acariciava as mãos e a abraçava murmurando suavemente ao seu ouvido...

Domaris morreu, antes do nascer da aurora, sem voltar a acordar. Quando os primeiros pássaros chilrearam junto à sua janela, ela mexeu-se um pouco e murmurou, adormecida. — Como o lago está calmo hoje... — E as suas mãos, com dedos de cera, caíram de ambos os lados da cama.

Deoris deixou Micail e Tiriki a chorar inconsolavelmente nos braços um do outro e saiu para a varanda onde ficou imóvel muito tempo, olhando para o céu e mar cinzentos. Não estava a pensar em nada conscientemente, nem sequer na perda que sofrera e no desgosto que sentia. O fato da morte fora impresso nela há tanto tempo, que aquela era apenas a confirmação. Domaris morta? Nunca! Aquele corpo gasto, tão cheio de dor, partira; e Domaris vivia novamente, jovem e perspicaz e linda...

Não ouviu os passos de Reio-ta até ele dizer o seu nome.

Deoris virou-se. Nos seus olhos estava estampada uma pergunta... Nos dela, uma resposta. As palavras eram supérfluas.

— Ela partiu? — Disse Reio-ta.

— Está livre — respondeu Deoris.

— As crianças...?

— Eles são novos, têm de chorar. Deixa-os chorá-la como desejarem.

Ficaram sozinhos durante algum tempo, em silêncio. Depois Micail e Tiriki vieram ter com eles, a cara de Tiriki inchada de tanto chorar e os olhos de Micail vermelhos por cima das faces molhadas... Mas a sua voz estava firme quando disse:

— Deoris? — E foi ter com ela. Tiriki abraçou o pai adoptivo e Reio-ta abraçou-a com força, olhando por cima do seu cabelo brilhante para Deoris. Ela, por sua vez, olhou em silêncio para o rapaz que tinha nos braços e depois para a moça agarrada ao Sacerdote e pensou, Está bem. Estes são os nossos filhos. Ficaremos com eles.

E depois lembrou-se de dois homens, face a face, em tudo opostos e no entanto ligados por uma única lei que atravessava o Tempo... Tal como ela e Domaris estavam ligadas. Domaris partira, Micon partira, Riveda, Demira, Karahama... Todos tinham partido para os seus destinos no Tempo. Mas regressariam. A morte era a coisa menos definitiva do mundo.

Rajasta, o seu rosto idoso composto e sereno, saiu para a varanda e começou a entoar o hino da manhã:

*Oh, que belo sobre o horizonte de Leste,*

*Ergue a luz sobre o dia,*

*Oh, Estrela do leste;*

*Estrela do dia, acorda e ergue-te!*

*Senhor e dador da vida, acorda!*

Um raio de luz dourada deslizou sobre o mar, incendiando o cabelo branco do Guardião, os seus olhos brilhantes e o manto branco do sacerdócio.

— Olhem! — Disse Tiriki. — A Noite acabou.

Deoris sorriu e as suas lágrimas fizeram com que os raios do sol se multiplicassem num arco-íris de muitas cores.

— O dia está a começar — murmurou — o novo dia! — E a sua bela voz começou a entoar o hino que ecoou nos quatro cantos do mundo:

*Oh, que belo sobre o horizonte de Leste,  
Estrela do Dia, acorda e ergue-te!*

## POSFÁCIO DE MARION ZIMMER BRADLEY

Uma das perguntas que fazem ad nauseam aos escritores é a seguinte:

— Onde vai buscar as suas ideias?

Quando respondo a esse tipo de perguntas tendo a ser mal educada e peremptória, pois parece que as "ideias" são uma espécie de praga repelente, totalmente estranha a quem fez a pergunta, sugerindo que ser capaz de ter "ideias" é pouco habitual. Ora eu não consigo sequer imaginar a vida sem ter, mais ou menos de hora a hora, mais ideias do que poderei usar durante uma vida.

Mais racionalmente, sei que quem pergunta procura apenas, ainda que não o explique de forma articulada, um vislumbre do processo criativo que lhe é desconhecido. E quando me perguntam de onde me veio a ideia para um livro como o Teia de Escuridão posso responder, sem faltar à verdade, que não faço ideia. De onde vêm os sonhos?

Uma das minhas recordações mais antigas, de quando era muito pequena, é a construção de estruturas enormes e imponentes com os muitos blocos de madeira que o meu pai, que era carpinteiro, nos oferecia como suplemento do pequeno e pouco imaginativo conjunto de cubos de construção que havia no quarto dos brinquedos. Quando me perguntavam o que estava a construir, eu respondia invariavelmente, "templos". A palavra era-me estranha; suspeitava que os templos eram "qualquer coisa parecida com igrejas" (que eu sabia o que eram) "só que muito mais". Lembro-me de ter visto uma imagem de Stonehenge e de a ter reconhecido. Só viria a ver essa construção quando já tinha quase cinquenta anos.

No entanto, quando isso aconteceu, continuei a sentir o mesmo "choque de reconhecimento".

Não me levaram muito ao cinema (e quando fui, vi sobretudo comédias e filmes de cowboys, que não tinham muito interesse para o tipo de criança que eu era) e, na minha infância, não havia televisão. Por isso onde teria eu ido buscar o desejo de imitar as estruturas imponentes dos templos Indianos ou Egípcios, com as suas longas filas de colunas e repletos, imaginava eu, de um grande número de sacerdotes e sacerdotisas envoltos em longos mantos cujas cores definiam as suas funções?

As únicas imagens físicas da minha infância (estou a referir-me aos meus quatro anos, quando não conseguia ler mais do que Alice no País das Maravilhas) encontrei-as num livro de contos de Tanglewood, imagens de belas paisagens e de um mundo antigo que nunca existiu a não ser, talvez, na Ode on Intimations of Immortality (um poema que sou muito bem capaz de ter ouvido ler antes de ser capaz de o compreender – a minha mãe era uma romântica). Mas eu sabia que aquele mundo de imagens existia; reconheci-o nas paisagens de Maxfield Parrish e, quando a minha imaginação (alimentada por Rider

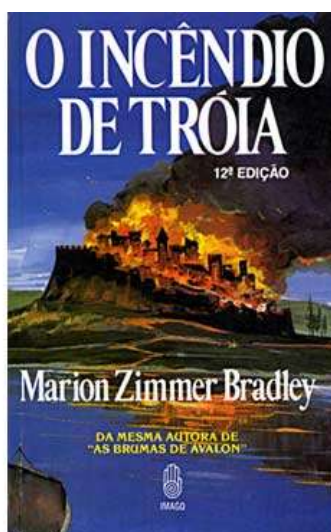
Haggard e Sax Rohmer), muito antes de eu ter descoberto a ficção científica através das revistas, começou a fervilhar com estas personagens e incidentes, creio que as coloquei no cenário dos templos e ambientes que construía com os meus blocos de madeira, tal como um dramaturgo enquadra as suas personagens no palco de um teatro infantil que talvez tenha possuído na infância.

De onde vêm afinal de contas os sonhos? Só nessa fonte misteriosa poderei procurar a origem da "idéia" de Teia de Luz e Teia de Escuridão. E foi nessa mesma fonte que, anos mais tarde, fui inspirar-me para obter as visões que me proporcionaram as BRUMAS DE AVALON.

De onde vêm os sonhos?

Marion Zimmer Bradley

Leia também da mesma autora:



Disponível neste site:

<http://www.portaldetonando.com.br>